
um
POUCO
DEMAIS
UM ROMANCE DE
LIZ FERRER

UM POUCO DEMAIS

UM ROMANCE DE

LIZ FERRER

Copyright © 2022 Liz Ferrer
UM POUCO DEMAIS

Capa: Gialui Design
Revisão: Amanda Goes e GB Design Editorial
Leitura Crítica: Ana Ferreira
Leitura Sensível: Fabrícia Vieira
Diagramação: Clarissa Duarte

Esta é uma obra literária de ficção. Todos os nomes, personagens, lugares e acontecimentos retratados aqui são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência. Todos os direitos são reservados à autora. São expressamente proibidas a distribuição ou reprodução de toda e qualquer parte desta obra por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a prévia permissão da autora.

Esta obra segure as regras do Novo Acordo Ortográfico.

NOTAS DA AUTORA
PLAYLIST
DEDICATÓRIA
EPÍGRAFE
PRÓLOGO
CAPÍTULO 01
CAPÍTULO 02
CAPÍTULO 03
CAPÍTULO 04
CAPÍTULO 05
CAPÍTULO 06
CAPÍTULO 07
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 09
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
AS CARTAS QUE NÓS ENVIAMOS
EPÍLOGO
CENA BÔNUS
RELATÓRIO FINAL DE EROS RUSSELL
AGRADECIMENTOS

NOTA DA AUTORA

Se atente aos temas sensíveis que podem causar desconforto!

UM POUCO DEMAIS apresenta gatilhos como: problemas com o corpo; piadas pesadas, podendo causar desconforto; ideações suicidas; menções, sem cenas gráficas, de suicídio, tal como estupro; tentativa de abuso sexual e, posteriormente, de suicídio **no capít ul o 41**; violência doméstica no **capít ul o 12** e outras menções rasas; relacionamento abusivo; conflitos familiares; consumo de álcool e uso de drogas ilícitas; crises de ansiedade, ataques de pânico, depressão, transtorno disfórmico corporal e transtorno de estresse pós-traumático.

No mais, desejo que tenham uma boa leitura e que possam se apaixonar por Eros e Alyssa assim como eu me apaixonei.

Com amor, Liz.

Venham surtar comigo! (@autoralizferrer)

PLAYLIST

Para ouvir lendo



DEDICATÓRIA

Para a minha Brooks da vida real.
Há meses que não nos f alamos como antes,
mas você continua sendo o meu porto seguro.
Escrevi esse livro para te eternizar
comigo de alguma f orma, já que, na vida real,
nunca f omos tão distantes.

EPÍGRAFE

“ Ela não mostrava que estava com medo, mas se sentir sozinha era demais para suportar. Mesmo que todos dissessem que ela era f orte, eles não sabiam que ela mal conseguia continuar. Mas ela sabia que f icaria bem, então ela não deixou que f icassem em seu caminho. À s vezes, tudo pode f ica ***um pouco demais****. Mas você pode perceber que, logo, a névoa vai clarear. E você não tem que ter medo, pois somos todos iguais. E sabemos que, às vezes tudo f ica* ***um pouco demais.****”*

A LI TTL E TO O MUCH – SHAWN MENDES

PRÓLOGO

Eu vivo em uma guerra constante e interminável contra o espelho.

Desde que outras pessoas — pessoas essas que nunca deveriam ter entrado na minha vida — tomaram conhecimento da minha aparência imperfeita aos olhares da sociedade, o insubstituível objeto usado para refletir a nossa imagem se tornou o meu maior inimigo.

Nesse exato momento estou nua e parada em frente ao espelho fino de bordas pretas pendurado a um pequeno prego na parede. Passo os olhos âmbares pelos meus braços finos parando próximo à mão, onde há um pequeno osso avantajado na parte de trás do pulso, um pouco abaixo do dorso. Viro de lado, suspirando pesadamente ao avistar minhas costelas — uma longa respirada é o suficiente para deixá-las à mostra. Meus seios são quase inexistentes, assim como toda a carne da minha coxa.

Você já se olhou no espelho e odiou o que viu?

Essa é a maldita realidade que me acompanha todos os dias.

Chega a ser repetitivo o ciclo de: chegar em casa, banhar, comer à força até sentir enjoos e, depois, passar odiosos minutos em pé defronte ao espelho só para verificar se alguns quilinhos haviam aparecido, ou se, da noite para o dia, de uma refeição para a outra, nasceram curvas nos lugares desejados.

E sempre saio frustrada.

Mas nem sempre fui adversária da minha própria aparência. Longe disso, aliás. Eu costumava viver bem com o corpo que possuía — e possuo. Não era igual ao das outras garotas da minha idade, mas ao contrário do que acontece hoje, isso nunca foi motivo de frustração. Eu ainda não tinha me dado conta de que éramos tão diferentes *naquele* departamento — muito menos eles.

Quando os 10 ou 11 anos chegaram, no entanto — idade exata onde as crianças começam a perder um pouco da inocência —, a realidade mudou catastroficamente.

Palito foi o primeiro; *giraf a*, o segundo. Desde então, de uma forma muito maluca e azarada, todos à minha volta decidiram que não poderiam manter uma conversa legal comigo sem lançar alguma piadinha sobre as partes que viraram minhas maiores inseguranças.

Fecho os olhos com força e balanço a cabeça, decidindo dar um fim na auto análise supercrítica do dia e pego uma blusa e um short largado em cima da cama. Ao passar o jeans pelas minhas pernas, noto a região pélvica com duas pontas ossudas em evidência, mas resolvo ignorar, sentindo o short folgado em meu quadril.

Prendendo meus cabelos loiros num coque bagunçado, ouço batidas na porta, e pela frestinha debaixo dela posso visualizar os chinelos rosa-gritante que apenas Brooks, minha melhor amiga, usa.

— Entra! — grito, limpando os vestígios de poucas lágrimas que caíram durante os 30 minutos que passei aqui.

Houve uma época em que eu chorava todas as noites, transformando meu travesseiro em um verdadeiro poço, mas não mais. Talvez os insultos constantes e as brincadeirinhas nada legais que venho recebendo ao longo dos anos estejam criando alguma espécie de barreira áspera e grossa ao meu redor.

Sim, ainda dói; sim, eu ainda me comparo ao olhar para as outras garotas de corpos curvilíneos que todos os dias tenho contato, seja na rua, shopping ou aonde estudo; meu Deus, *sim*, ainda sinto as fibras do meu coração racharem sempre que sou vítima de *bullying* camuflado por piadinhas mega hilárias. Contudo, com o decorrer do tempo, passei a me acostumar com certas

coisas, e mesmo que machuque como a morte, mesmo que eu ainda esteja longe de gostar do que vejo, uma pequena partícula se orgulha pelo grande passo que tomei ao não deixar *transparecer*.

Sorrir, dizer que levou tudo na esportiva e seguir como se nada tivesse acontecido.

A porta, então, é aberta, revelando a magnífica Brooks Cole. Uma das figuras mais cobiçadas e lindas da Boston College.

E também minha melhor amiga — a única que tenho.

Nos conhecemos no sétimo ano, quando ainda éramos duas pirralhas que passavam o recreio chorando pelo término das séries favoritas e adoravam passar o dia falando sobre Justin Bieber, e mesmo três anos depois, ela ainda é a única que tenho prazer e felicidade em chamar de *amiga.* A minha normalidade em meio ao caos.

Brooks tem um irmão, que se chama Vítor, e assim como ela é minha melhor amiga *mulher,* seu irmão é o meu melhor amigo *homem*. Ambos me fazem esquecer de todos os problemas quando estamos juntos e fazem eu me sentir em casa.

— Animada para a volta às aulas, Aly? — indaga, sentando na ponta da minha cama.

Não estamos de férias nem nada do tipo, mas Brooks aproveitou que sua família iria passar duas semanas numa casa de praia a poucos quilômetros daqui para me chamar, já que ela, mais que todo mundo, sabe que as aulas estão corroendo meus neurônios e que eu precisava de um pouco de descanso.

— Nem um pouco — murmuro, forçando um sorriso. Ela sempre faz esse tipo de pergunta e eu *sempre* respondo com um “não” ou algo do gênero.

Brooks suspira, enroscando uma madeixa de cabelo cacheado e escuro atrás da orelha. Sua pele negra, antes reluzente pela expectativa, parece perder todo o brilho com a minha resposta.

Vivemos em dois polos de vida distintos, e eu realmente não sei como conseguimos encontrar uma a outra na multidão de diferenças que reside entre nós. Pensar nisso me deixa um pouco triste, pois sempre penso que, mais cedo ou mais tarde, Brooks irá perceber

que andar comigo mancha completamente sua imagem de garota venerada.

Não que ela se importe com esse título — temo que ela nem saiba da existência dele — mas eu me odiaria eternamente se o alvo deles mudasse de foco e acabasse atingindo-a.

Enquanto esse dia não chega, enquanto a minha companhia continua sendo a sua favorita, aproveito o máximo todos os momentos que passo ao seu lado, onde fico confortável e posso ser eu mesma, sem ter que calcular cada frase que falo ou cada passo que dou. Estar ao lado dela é quase como chegar a um lugar quentinho e se aquecer após ser submetida a um frio cortante e impiedoso.

— Sua mãe fez torta de morango — avisa, brincando com os pingentes ao redor do seu antebraço.

Aquiesço, sem saber o que dizer.

A verdade é que eu ainda estou entorpecida com a informação de que não irei passar o resto da vida viajando e evitando qualquer interação social com outros humanos que não sejam minha mãe, meu pai, Brooks e sua família.

— Nicole já chegou de viagem? — indago, temerosa, e Brooks morde o cantinho dos lábios, desviando o olhar para o chão. Sei o que sua reação significa, e meus ombros pesam.

Nicole Young é um dos principais motivos dos meus travesseiros estarem murchos das tantas lágrimas depositadas ali.

Existiu uma época em que éramos próximas ao ponto de uma dormir na casa da outra, andar juntas no recreio, dividir lanches e bater vários papos. Demorei a perceber que se tratava de uma amizade tóxica, que pouco a pouco foi me empurrando para o fundo do poço.

Nicole era o centro do mundo e eu era uma mera estrela insignificante que orbitava ao seu redor.

Os comentários começaram com uma observação inocente sobre meus braços magros; depois evoluiu para uma crítica sobre meus seios pequenos; em seguida, risadinhas e dedos apontados, minhas pernas longas e finas como mira. Eu sempre ria com ela,

jurando que não estava sendo atingida e dilacerada quando, na verdade, era justamente o oposto que acontecia.

— É brincadeira, amiga. Você sabe, né? — Nicole dizia, logo após ter insinuado que nenhum homem nunca iria me querer.

Uau! Será que ela tem noção do que suas brincadeiras fizeram comigo?

A sensação de não conseguir encarar a própria imagem por medo do novo defeito que irá encontrar é sufocante e desesperadora.

— Diz pra ela que eu já vou — peço para Brooks, me referindo à minha mãe e sua torta de morango divina.

Brooks faz que sim com a cabeça e levanta, mas antes de sair, ela pousa as duas mãos em meus ombros, comprimindo os lábios e me encarando através do espelho, os olhos de chocolate fixos nos meus.

— Você é linda — sussurra, espichando o cantinho da boca em um sorriso. — E quem não percebe isso precisa muito de uns óculos.

Eu rio, pois Brooks é a pessoa com os conselhos mais péssimos e clichês que já conheci, mas eu aprecio suas tentativas verdadeiras de me deixar melhor. Embora nunca adiantem, me acalenta saber que ela está sendo sincera.

— Obrigada. — Sorrio, aprumando a coluna.

Seus lábios rosados, em formato de coração, se elevam para cima, quase no mesmo instante em que seu celular vibra. Ela se distancia e apanha o aparelho do bolso.

— É o Scott — anuncia, deslizando a bolinha verde para cima e acomodando-o no ouvido. — Alô?

Scott é o seu atual namorado, e tudo o que sei sobre ele é que seus pais são donos de uma grande empresa de Frango Frito com franquias em todo o mundo; tem um nome de comida como sobrenome — Cannoli? Pizza? Pastel? Não lembro. Mas ainda que o cara seja quase um completo desconhecido para mim, tenho certeza de que deve ser alguém legal (levando em conta os sorrisos bobos e as horas que minha amiga passa falando sobre ele).

Algo em torno de dois minutos se passam quando a chamada é encerrada.

— O que ele queria? — questiono, mas não há nada dentro de mim que esteja de fato curiosa para saber.

Brooks dá de ombros, me acompanhando assim que começo a me locomover para fora do quarto.

— Disse que vai ter uma festa na casa de um amigo dele e quer que eu vá.

— Hum... — sopro simplesmente, porque ainda não inventaram uma reação apropriada para quando o mundo é convidado para eventos, festas e baladas, menos você. — Legal.

A cacheada anui, galgando pelas escadas até aterrissar na sala, onde uma torta geladinha nos espera em cima da mesa.

— É, legal — confirma, demorando as írises no jarro com rosas brancas ao lado do sofá. — Aquela ali tá murchando — murmura, melancólica.

— Você vai? — Ignoro sua observação, sentando na mesa redonda e mediana à frente de Brooks, que escolheu o lugar longe dos raios solares.

Minha amiga apenas responde com um manejo quase imperceptível de cabeça, afirmando, e eu decido dar o assunto como encerrado.

Não sou a garota cujo as pessoas fazem questão da presença em eventos, sejam grandes ou só uma baladinha na mansão de alguém. Não sou a garota que flerta ou *vive* recebendo flertes. Quem dirá aquela que vive com a cara nos livros e está sempre no *ranking* das melhores alunas. Pelo contrário, estudo o suficiente apenas para tirar notas razoáveis e passar de ano sem nenhum perrengue.

A Alyssa cheia de inseguranças é a garota-fantasma, um zero à esquerda, da qual a fatídica existência só é lembrada quando uma nova pessoa decide testar suas habilidades de piadista e a usa como cobaia para o seu perfeito show.

E, ultimamente, para a minha digníssima infelicidade, muitas pessoas têm se dado conta de que há uma Alyssa Blair vagueando pelos corredores da grande Boston College.

01

Alyssa Blair

O alarme soa às 5h30 da manhã de segunda, e como todas as outras vezes, é hora de levantar e encarar o pequeno inferno chamado: vida de estudante.

Acordo com as mãos suando e um filete de suor frio escorrendo da minha testa. Meu peito dói, a pressão e a ansiedade pelas próximas horas esmagam meu coração dentro da caixa torácica.

Respiro fundo, agarrando os lençóis da cama com força como se o tecido emaranhado aos meus dedos fosse ajudar a esvair a onda de nervosismo que corre pelas minhas veias. Sei exatamente o que me espera no momento que meus pés entrarem em contato com o piso polido da sala de aula, e é por isso que costumo gastar minutos esquecidos deitada na cama, *tentando* pôr meus pensamentos em ordem, repetindo o mesmo mantra todas as manhãs: “Alyssa Blair. 17 anos. Filha de Ana e Joshua. Sou forte e não deixarei que nada me abale no dia de hoje”.

Não é verdade, mas costumam dizer que uma mentira contada várias vezes aos poucos começa a se tornar verdade, e se aos dez anos eu tinha medo dessa informação, hoje oro para que ela esteja certa.

Esfrego o rosto e acumulo coragem para tomar impulso e sentar sobre o colchão macio, estralando as costas. Com um suspiro entrecortado, tateio o local abaixo do travesseiro em busca do meu celular. Assim que acho, abro um pequeno sorriso vitorioso e diminuo o brilho da tela, que agridem minha vista ainda embasada e clico no aplicativo de mensagens. Solto o ar pelo nariz ao perceber que nenhuma pessoa nas últimas vinte e quatro horas se importou em mandar algum tipo de mensagem para mim, além de Brooks.

Ceeerto, não posso ficar chateada por algo tão óbvio, porém não consigo evitar a pontinha entristecida que contrai meu peito. Na minha bolha não existe o conceito chiquérrimo de receber um “Oi”, “Bom dia” ou “Como você tá?” de vez em quando. E eu já deveria ter me acostumado.

Pigarreando, varro minhas frustrações matinais para debaixo do tapete e dou tapinhas no meu rosto, despertando. Tiro os lençóis de cima do meu corpo e busco minhas pantufas com os pés. Ao achar, espero que minha alma faça seu trabalho de voltar para o corpo e caminho em direção à janela, abrindo-a e permitindo que a claridade escassa invada meu quarto. Ainda está no finalzinho da madrugada, então apenas a brisa fria e fresca da matina me cumprimenta.

Sem perder tempo, pego uma toalha e engancho no meu ombro, cometendo o mesmo erro de encaminhar meus pés até o espelho conforme o pijama vai de encontro ao chão, despida por completo. É como um imã, simplesmente não consigo evitar.

Voilà, senhoras e senhores!

Chega a ser hilário a ideia louca que acaba de passar pela minha cabeça ao dar uma voltinha diante do meu reflexo e encontrar tudo idêntico à noite passada.

Eu estou mesmo achando que na troca da lua para o sol o meu corpo assumiria curvas invejáveis onde não tinha só por ter se entupido de comida horas atrás? Minhas inseguranças praticamente gritam que o máximo que consegui foi o belo vômito que me afligiu

pouco tempo antes de dormir, esvaziando meu estômago de todo o esforço que fiz para preenchê-lo além do que eu podia suportar.

Patética, Alyssa. Muito patética.

Solto um suspiro trêmulo e me enrolo no tecido felpudo, entrando no banheiro. Dessa vez, porém, não desperdiço segundos preciosos realizando uma crítica idiota contra a minha imagem refletida no box. Viro o rosto rapidamente, aproveitando dos breves momentos em que tenho controle da minha mente perversa.

Não me demoro muito, inteligente o suficiente para saber o que aconteceria caso o cômodo tivesse a honra de minha presença por mais alguns inocentes (só que não) minutinhos.

Evoluções, pequena Blair, imagino que esse seria o tipo de coisa que eu ouviria se alguém tivesse conhecimento da guerra que enfrento todos os dias.

Escolho a calça que mais se molda ao meu corpo, desenhando minhas coxas e apertando minha bunda, arrebitando-a. Comprei umas seis do mesmo estilo, e apesar de evidenciarem minhas canelas magras mais do que eu gostaria, me sinto parcialmente mais confortável com elas.

Passo a peça pelas minhas pernas, percebendo que ela se mostra um pouco mais estreita do que da última vez que a usei. O desafio de trajá-la acende uma fagulha de esperança e é impossível proibir o sorriso que insiste em repuxar meus lábios.

É só o tecido que encolheu, não tem nada a ver com você, algum estraga prazeres sussurra no meu subconsciente e ainda que eu saiba que ele está certo, permito que a parte iludida do meu cérebro vença. Só dessa vez.

Apanho um moletom rosa de dentro da gaveta e a visto, jogando meus cabelos loiros e soltos para trás, ajustando os fios revoltos com uma escova.

Eu olho para o espelho.

Ele me olha.

Abro um sorriso, evitando descer o olhar um pouco mais para baixo, pois sei que se cometer esse erro, meu sorriso desfalecerá em segundos.

Não sei se é pelos meus cabelos que parecem mais hidratados e bonitos do que ontem ou pela roupa que me deixou mais... não sei explicar, mas algo está se diferindo dos dias anteriores. E gosto disso.

Dando uma última olhada, dou de ombros e abro a porta do quarto, passando para o lado de fora. Desço as escadas, me deparando com minha mãe e Brooks sentadas à mesa. Já são 6h25, horário que meu pai — ou melhor, meu padrasto — geralmente sai para trabalhar, e pela demora para me arrumar, quase nunca nos encontramos para tomar café juntos.

Ofereço um sorriso gentil e me junto a elas, sentando ao lado da minha melhor amiga.

— Bom dia! — minha mãe diz, dando a volta na mesa e beijando o topo da minha testa. — Dormiu bem?

Meu sorriso sai forçado, porque eu não relaciono “bem” com ter passado a noite inteira vomitando as tripas para fora, mas omito essa informação.

— Melhor impossível — alego, desviando o olhar dos curiosos da minha mãe, bloqueando o estudo minucioso que ela faz no meu rosto ao buscar traços de mentira. — E aí, Brooks? Vai passar quanto tempo aqui?

Os pais da garota saíram a trabalho para uma cidade distante de Boston, então deixaram a filha sob nossos cuidados. Não é a primeira vez e também não será a última. Por esse motivo, pedi à minha mãe que mandasse decorar o quarto antes vazio de acordo com os gostos de Brooks para que ela possa usar enquanto está conosco. Ela poderia simplesmente dormir no meu quarto, porém de maneira nenhuma eu permitiria que minha amiga testemunhasse as crises que tenho no meio da noite.

De início, eles acharam estranho a minha decisão de fazer do cômodo algo só dela, principalmente a própria Brooks, pois sempre durmo no seu quarto quando visito sua casa. Todavia, tiveram o bom senso de não fazerem perguntas.

Brooks dá de ombros, abocanhando a torrada.

— Fazem dois dias que meus pais não dão sinal de vida — diz, deixando os farelos fugirem da boca, provocando uma risada na

mesma. — Mas estou bem.

Lanço um olhar para minha mãe, que nega lentamente com a cabeça. Nunca fomos a favor dos longos dias que a família de Brooks passa fora, negligenciando totalmente o relacionamento com a filha.

— Eles só devem estar um pouco ocupados, meu amor. Não esquente a cabeça com isso. — Ana aperta o ombro de minha amiga, confortando-a.

Mais uma vez, Brooks dá de ombros, escondendo o quanto isso lhe afeta. Pelo olhar, peço para que minha mãe não toque mais no assunto, e ela entende, sentando-se à nossa frente.

— Quer geleia? — ela pergunta assim que levo a torrada à boca, minhas papilas gustativas capturando o sabor esplêndido. Aquiesço, estendendo a comida para ela. — Preparadas com a volta às aulas?

Acho que continuar com o assunto dos pais da Brooks seria uma alternativa melhor.

Minha coluna enrijece. A fome, num passe de mágica, vai embora, e me pergunto quando deixei assuntos externos e sem valor terem tanto poder sobre minhas ações.

Minha mãe percebe que mexeu num assunto não muito legal, deixando escapar um suspiro dos seus lábios.

— Filha... — sopra, balançando a cabeça. — Podemos transferir você...

Solto uma risada baixinha, pois a ideia é tão absurda quanto a de continuar na Boston College.

Conhecer novas pessoas? Estou fora! Pelo menos já sou conhecida pelo ninho de cobras de onde estudo e não sou surpreendida por novas pessoas me colocando para baixo. Tenho medo de ir para outro lugar e as coisas serem muito piores. Não sei se aguentaria um grupo novo de adolescentes sem noção me pondo para baixo e fazendo eu me sentir mais lixo do que já me sinto. Nutro a esperança de que, uma hora, meus “colegas” da BC irão perceber que as mesmas piadas estão ficando repetitivas e, assim, escolherão parar, me deixando em paz.

— Relaxa, mãe. Está tudo bem — garanto, vendo de soslaio Brooks me lançar um olhar enviesado.

— Tem certeza? — minha mãe insiste, prendendo os fios de mel num coque, ato que demonstra o quão nervosa está.

Assinto, não querendo encher sua cabeça de mais problemas além dos que ela já tem e o silêncio desconfortável recai no cômodo.

02

Alyssa Blair

Foi difícil convencer minha mãe a desistir da ideia de me acompanhar ao colégio. Devo ter passado em torno de quinze minutos explicando a ela que o ar livre e fresco da manhã me ajudaria a espairecer. Ela soltou um longo e dramático suspiro, perguntando se eu estava com vergonha dela e fazendo joguinho emocional.

Eu nunca, jamais, em hipótese nenhuma, teria vergonha da minha mãe, mas ao ouvi-la fazer esse questionamento, percebi que eu seria o alvo dos olhares julgadores se me vissem acompanhada por ela, e mesmo que eu saiba que os errados são eles no meio disso tudo, eu não estou a fim de ser o centro das atenções logo cedo.

Se o Gênio do Aladdin magicamente aparecesse na minha frente e me pedisse para realizar um pedido, seria o de poder me tornar invisível. Tudo seria tão mais fácil se minha presença nunca fosse notada por ninguém.

Com Brooks ao meu encalço, que não se importou em me seguir na caminhada de poucos quilômetros, inalei o ar momentaneamente puro, desejando um bom dia para o senhor sentado no portão de casa.

Se todas as pessoas fossem tão gentis e sábias como os mais velhos, talvez o mundo realmente se tornasse um lugar mais aconchegante de se viver.

— Nicole postou um *stories* mais cedo. — A voz de Brooks me tira do torpor. Viro meu rosto para encará-la, um gosto azedo invadindo minha boca. — Parece que foi uma das primeiras a chegar...

Estalo a língua no céu da boca, balançando a cabeça.

— É claro que ela é a primeira a chegar. Como Nicole honraria o título comprado de melhor estudante se não fizesse isso?

Não gosto de falar mal de ninguém com outra pessoa, mas uma súbita raiva me atinge sempre que meu cérebro faz questão de lembrar do suborno descarado que a diretora recebe do pai de Nicole para tê-la no pedestal, sendo que ela não faz nada para merecer.

E como eu sei disso? Ela nunca me achou uma pessoa relevante, estava ciente de que eu não sairia por aí gritando para os quatro cantos do mundo o seu segredinho sujo, me tratando como se eu fosse um cachorrinho acuado.

Eu realmente não sou capaz de explanar algo tão sério para todo o mundo, porém a convicção que ela tinha e *tem* disso me faz desejar ser uma pessoa um pouquinho ruim às vezes.

Brooks assente, guardando o celular no bolso.

— Não consigo entender como alguém pode ser tão... tão...

— Arrogante, egoísta, sem escrúpulos e mau-caráter? — completo por ela e Brooks solta o ar pelo nariz, anuindo. — Sinceramente? Não faço a menor ideia.

— E em pensar que já fomos um trio... — comenta nostálgica, tão surpresa com esse detalhe quanto eu fico sempre que me lembro do controle que a deixei ter sobre minha mente.

Tudo por aceitação, droga.

Passei anos da minha vida sofrendo danos irreparáveis por querer ser aceita onde não me cabia.

Eu devia ter parado com a insistência na primeira vez que me olhei no espelho e não gostei do que vi. Devia ter dado um basta em tudo no segundo em que olhei para as minhas pernas e as achei finas demais, enquanto a voz doce, inocente e melódica de Nicole ecoava em meus ouvidos.

Mas é tarde demais, e remoer os acontecimentos que deveriam acontecer, mas não aconteceram, só serve para aumentar a lista de problemas que eu tenho.

Fico calada durante o caminho curto até o colégio mais prestigiado de toda a Boston. Para ser sincera, eu nem sei como consegui uma vaga dentre as 10 disponíveis. É verdade que dei meu sangue na hora de estudar para o teste, mas como tudo o que vou fazer, não deposito confiança o suficiente e sempre acho que irei fracassar. Então imagine a cara de surpresa que fiquei quando recebemos a ligação de que eu havia ganhado 70% de desconto na mensalidade.

Eu e Brooks acenamos para o porteiro e entramos, dando de cara com os vários alunos espalhados pelo pátio. Ainda faltam vinte minutos para as nossas aulas começarem, então é normal que matemos o tempo na área descoberta, sentados em bancos, lendo, conversando com os amigos ou escutando música.

— Vou pegar meu material — minha amiga avisa de repente, distanciando-se. Franzo as sobrancelhas. — Esqueci ele no meu armário.

Solto um *ahh* mudo, assentindo. Assim que ela se afasta, parando para cumprimentar alguns amigos pelo caminho, apenas a ponta do iceberg de desespero se apossa. É o suficiente para fazer minhas mãos tremerem e molharem. Olho para os lados, mas não encontro ninguém que eu *não* queira encontrar logo cedo. Solto um suspiro aliviado e começo a caminhar até o meu armário, a fim de guardar alguns materiais e ficar apenas com o meu caderno e canetas em mãos.

Abro a pequena portinha metálica e enfio tudo lá dentro: bolsa, livros — os que não usarei na primeira aula —, doces e um livro de

900 páginas. Dou um passo para trás, tamborilando os dedos no queixo, pensativa, e chego à conclusão de que os doces devem ficar comigo — eles servem como distração quando não estou no clima de encarar o mundo à minha volta.

Explicado o porquê do índice de açúcar estar tão alto no meu sangue.

— Achei você. — Me sobressalto ao sentir duas mãos envolverem minha cintura e o hálito quente roçar minha orelha.

Antes de virar prendo a respiração, pois já sei de quem se trata.

Leonardo Carter.

Meu pesadelo encarnado.

Solto o ar dos pulmões e viro devagar, odiando as circunstâncias por estarem sendo tão rudes comigo. Qual é o problema em me deixar ter paz por pelo menos alguns minutos?

Abro um sorriso falso, sentindo as odiosas borboletas invadirem meu estômago ao encarar seu sorriso grande. O suor escorre da minha testa. Minhas mãos ficam geladas.

Sim, eu gosto dele.

E me odeio por isso.

— Oi — sussurro, mordendo o lábio inferior.

Ele espalma a mão no armário ao meu lado, me olhando com aqueles olhos pretos, um sorriso brincalhão dançando em seus lábios grossos.

Leonardo é um homem bastante bonito, para a minha ruína. Não é tão alto, deve ter no máximo 1.75m, e é dono de belíssimos orbes cor-de-ônix. Seus cabelos, também pretos, formam um topete liso, que o deixa estranhamente charmoso. Tenho quase certeza de que ele passa uma quantidade generosa de gel para manter seus fios intocados no lugar.

— Você sumiu, linda — observa, resvalando o dorso de sua mão na minha bochecha. — O que houve?

Meu coração palpita e minha pressão cai sempre que estou perto dele, mas não sou boba. Sei bem que ele sentiu falta do meu *corpo* aquecendo sua cama, não de mim.

Nossa relação é estranha, para dizer o mínimo. Ele começou a me paquerar assim que cheguei ao colégio e ao perceber que eu

estava interessada por ele, há um ano, e eu, como a maioria das garotas, caí feito patinho no seu papo. Não demorou para que eu caísse na boca dele e, depois, na *cama* dele. Leonardo estabeleceu uma relação estritamente carnal entre nós, enquanto eu desejava ultrapassar os limites que ele havia traçado. *Desejava*, no passado, porque, sendo bem raro, deixei a parte boa do meu cérebro comandar e dei um fim nisso tudo após o primeiro comentário sobre meu corpo que ele fez.

"Meu Deus, Alyssa. Você tá muito magra, porra. Consigo sentir sua costela", disse ele depois de tentar ser sexy ao afundar os dedos na minha carne ao mesmo tempo que beijava.

Alguém já disse que ele é péssimo de cama e *nada* excitante em suas ações? Provavelmente não, porque o cara anda com o nariz em pé o tempo todo e não perde tempo em esbanjar sua suposta "experiência" naquele departamento.

— Falei a você que viajei com os pais da Brooks.

— Falou, é? — Faz uma careta confusa. — Não lembro.

Dou risada. *É óbvio que não lembra.*

— Pois é.

Há um momento de silêncio entre nós, até que Leonardo pigarreia, alisando meu braço com sua palma quente. Ele chega ao meu pulso e o agarra, contornando-o com os dedos grandes. Um nó se forma em minha garganta, ciente do que sairá da sua boca ao notar seus olhos fixos demais na região.

— Nossa. — Dá risada. — Te deixaram passar fome na casa da Brooks? Que pecado, pensei que eles fossem ricos. — *Mais risadas.*

Eu rio também, fingindo estar achando muito engraçado a sua fala sobre o que mais dói em mim. Ele meneia a cabeça para o lado no exato momento em que uma garota de cabelos morenos se aproxima, chamando sua atenção. É o segundo perfeito para enxugar as lágrimas que se acumulam nos meus olhos.

Meu nariz arde, meu sorriso tremula e minha voz embarga. Constantemente tenho a sensação de que irei desabar na frente dessas pessoas.

Me pergunto diariamente qual seria a reação de cada um se soubessem os efeitos que suas palavras têm sobre mim. Será que cairiam na real e finalmente iriam parar? Não sei e, na verdade, nunca vou saber. Não está nos planos que eles vejam o meu lado fragilizado.

— Minha aula vai começar daqui a pouco — anuncio, olhando para o relógio após limpar a garganta. — Já vou.

Começo a me distanciar, mas ele percebe meus movimentos e para de olhar para a morena. Outra vez, sou tudo o que seus olhos visualizam.

— Até mais, gatinha. — Leonardo captura meu queixo e aproxima nossos lábios.

Tento me afastar, me desvencilhar de seu toque, mas sua outra mão agarra os cabelos da minha nuca e os aperta com força, fazendo um choramingo de dor escapar dos meus lábios.

— Está doendo — eu digo, quase como uma súplica, como se ele fosse se importar com a dor que me causa, e engulo em seco.

O sorriso que ele abre é diabólico.

— Me beija.

Parece ser um pedido, mas não é. É uma ordem, quase como se dissesse: “Me beija ou eu faço pior”. Então, sem saída, retribuo o contato, aliviada por sentir suas mãos largarem meus fios.

É cru e violento. Não há nada delicado ou suave. Sua língua não está sintonizada com a minha. Sua boca não se encaixa com perfeição. E por mais que meu coração esteja pulando de alegria por ser beijada pelo cara que eu gosto, o meu *eu* racional sente dor. Dor porque a brutalidade do seu toque e a aspereza do seu beijo fazem parecer que nenhum outro homem além dele irá me tocar ou beijar de uma maneira diferente, da maneira que eu *desejo* ser tocada e beijada.

Meu Deus, isso dói mais que qualquer outra coisa.

Aproveito o grito de alguns estudantes ao nosso redor para empurrá-lo, notando as inúmeras pessoas nos rodeando e gritando em comemoração. Meu rosto enrubesce de vergonha, ao contrário de Leonardo, que esbanja um sorriso enorme em resposta.

— E aí, cara? Ela beija bem?! — um garoto na multidão pergunta.

O cara ao meu lado dá de ombros, entortando os lábios.

— Dá pro gasto, cara — ele diz, umedecendo os lábios com a língua, e nunca tive tanta vontade de morrer como agora.

Meus olhos queimam pelas lágrimas que tento conter. Antes que possam cair, disparo em direção ao banheiro, passando por uma multidão de homens e mulheres que se divertem com a minha humilhação. Olho para as placas em busca do banheiro feminino, mas não acho, desnorteada demais para pensar corretamente. Enxugo as lágrimas que rolam incessantemente com a manga do moletom e sigo para a sala de aula, xingando baixinho com a presença de Eros Russell, sentado em uma das cadeiras ao fundo.

Sinto um arrepio percorrer minha coluna quando seus olhos castanhos e frios esbarram nos meus, mas como se eu não passasse de uma presença sem valor, ele volta a desviar o rosto para o celular em mãos. Na verdade, tenho a certeza de que ele não considera ninguém digno de sua atenção.

Nunca presenciei o aluno-francês sorrindo ou mostrando qualquer indício de estar satisfeito com algo. O osso da mandíbula que desponta para fora, tamanha a pressão que faz no maxilar, completa o combo perfeito do cara mais intimidador que esse colégio já teve o (des)prazer de receber.

Não que eu não goste do cara ou algo do tipo, já que nunca tive a oportunidade de conversar com ele, mas também não disponho de nenhum tipo de sentimento positivo em relação a ele.

Voltando à aparência do garoto, desenhos de variados tipos adornam seus dois braços, que começam no pulso e se escondem debaixo das camisetas de mangas longas que usa. Uma argola prateada decora seu nariz e seus cabelos escuros, que chegam aos ombros, frequentemente estão presos em um coque no meio da cabeça, ainda que alguns fios continuem soltos, cobrindo a tatuagem de uma enorme borboleta que possui na nuca.

Puxando o ar para os meus pulmões, ando na direção oposta à dele, ocupando a cadeira mais reservada e escondida do canto.

Suspiro e pisco diversas vezes, espantando as lágrimas, e clareio a garganta, fingindo normalidade. Faço rabiscos aleatórios no meu caderno e tento pensar em algo legal. Tudo para evitar que as palavras de Leonardo tomem conta da minha mente, mas é impossível, pois cada sílaba proferida por ele e tantas outras pessoas estão marcadas como feridas na minha alma.

Ouço uma movimentação na porta e elevo o olhar, avistando Brooks passar por ela e buscar em volta, como se me procurasse. Assim que me encontra, solta o ar de alívio pelo nariz, feliz por me ver. Desvio meu olhar para baixo, pois sei que ela presenciou o ocorrido. A passos cautelosos, não querendo causar tanto alarde, vem até mim. Seus olhos estão marejados, e é em momentos como esse que percebo a sorte que possuo em tê-la.

— Aly... — sussurra, passando o braço por meu pescoço e levando minha cabeça de encontro ao seu corpo. É um abraço meio desconfortável, mas bom. — Você quer que eu dê um chute nas bolas dele? — pergunta, fungando.

Não posso deixar de rir, porque é o tipo de coisa que ela realmente faria se eu deixasse, porém nego.

— Está tudo bem — garanto. — Não é como se fosse a primeira vez que isso acontecesse — *E não é como se f osse a última*, penso em completar.

— Noite de Netflix e brownie?

Dessa vez, abro um sorriso largo e anuo, retribuindo o abraço.

A “Noite de Netflix e brownie” é estritamente sagrada para nós. Sempre que acontece algo no decorrer do dia que nos afete negativamente de alguma forma nos reunimos na sua casa — ou na minha —, escolhemos a melhor comédia romântica e nos empanturramos de brownie para esquecer dos problemas. É terapêutico.

— Certo! — ela comemora e me solta, olhando bem fundo nos meus olhos. — Vou mandar mensagem pra sua mãe e avisar que você vai para minha casa assim que sairmos daqui, tá?

Faço que sim com a cabeça. Brooks saca o celular do bolso e digita uma mensagem rápida, migrando seu caderno e suas canetas para a carteira vazia ao meu lado.

A professora e os alunos entram e eu automaticamente me encolho, não querendo chamar muita atenção e evitando contato visual com todos — principalmente com Nicole e Leonardo, que entram aos risos e sentam nas duas cadeiras vagas da parede, no extremo oposto ao meu. De relance, observo o garoto mirando Eros com chamas de ódio faiscando nas írises. O francês, do contrário, não está nem aí para ele, considerando sua presença inválida, provavelmente.

Leonardo o odeia, mas nunca soube o verdadeiro motivo. Deve se dar ao fato de Eros nunca ter que recorrer à medidas extremas para ter a atenção do sexo oposto — coisa que Leonardo já deve estar cansado de fazer.

— Opa, opa! — a sra. Ravena exclama, jogando a pilha de livros em cima da mesa. — Desfaçam esses grupinhos. — Gesticula com as mãos para nós. — A aula de hoje será diferente. Quero todos sentados ao lado de pessoas novas.

Nós nos entreolhamos, sem entendermos nada. Em anos de aulas, nunca nos foi exigido que trocássemos de lugar.

— Como assim, professora? — um aluno ao fundo indaga. — Eu sento com o Felipe há meses!

Ravena estala os dedos, como se fosse exatamente esse o ponto que ela quisesse chegar.

— Andei conversando com uns professores e percebi que o ciclo social de alguns alunos se resume a apenas uma pessoa, e isso não está certo — diz, tamborilando os dedos no queixo. — Já que muitos aqui têm vergonha de conversar com outros, tomei a decisão de ajudá-los com isso.

O QUÊ?!

Olho para Brooks em pânico, que está com a atenção voltada para a professora, os lábios entreabertos indicando que ela está apenas esperando uma oportunidade para se manifestar.

Aideusaideusaideus.

— Professora, mas... — Minha amiga nem chega a conseguir argumentar, pois logo é interrompida.

— Eu sei, Brooks, que irá tentar desfazer a minha decisão. Também sei que você e Alyssa são muito amigas, mas é

exatamente esse o problema! Assim como vocês duas, muitos aqui não conversam com mais de uma pessoa por vergonha ou receio, e o primeiro passo para uma vida de sucesso, é melhorar essas relações sociais. — Passa as mãos no cabelo. — E não é só isso! Também quero que tragam um relatório daqui a três meses sobre tudo o que conseguiram aprender sobre o novo parceiro de vocês. Coisas que eles gostam, coisas que odeiam; o que os fazem felizes, o que os deixam tristes... Enfim, caprichem! Vai valer ponto.

Ah, que maravilha! Vou ser obrigada a conviver com um estranho qualquer daqui para frente, pondo minha saúde mental em sério risco para servir como experimento.

Deus, sinto que vou vomitar a qualquer momento com a simples ideia de ter que me relacionar com outra pessoa. Quer dizer, eu sei que existem mais pessoas legais no mundo e que não seriam babacas comigo, eu só não consigo acreditar que irei cruzar meu caminho com uma delas. Além de Brooks, claro.

Todos na sala estão tão chateados quanto eu, bufando, cruzando os braços ou revirando os olhos. Seja lá qual for a reação física, é óbvio o descontentamento presente no ambiente.

— E como iremos decidir quem serão nossos próximos parceiros? — uma garota pergunta, a voz monótona refletindo exatamente o que está sentindo.

É Bárbara. E como eu e Brooks, ela e June, sua melhor amiga, são inseparáveis.

A professora prende o canto dos lábios nos dentes, ponderativa, e desliza os olhos sobre os estudantes, pensando no método infernal que usará para fazer da *minha* vida um inferno pelos próximos três meses.

— Vou pôr o nome de todos num potinho e sortear — diz, pegando uma folha de papel e uma caneta azul. — E, não, as duplas não serão negociáveis.

— E se a senhora sortear os nomes das mesmas pessoas que ficam juntas o ano todo? — Bryce questiona, em timbre zombeteiro, arrancando uma risada baixa nossa.

Ravena revira os olhos.

— Aí, engraçadinho, refarei o sorteio novamente.

Um coro de gemidos frustrados ressoa na sala, e mesmo assim o coração de pedra da professora não amolece.

Observamos, calados, a sra. Ravena anotar nossos nomes e cortar o papel em tiras, dobrar e colocar dentro de um pote improvisado, sacudindo-o.

— Prontos? — pergunta, seu rosto se transformando num sorriso.

— *Nãão* — dissemos em uníssono.

Ela simplesmente dá de ombros e retira os dois primeiros papéis, e todos nós enrijecemos a coluna em expectativa.

— Bryce! — anuncia, olhando para o garoto. — Você fará dupla com... Daniel!

Quero rir da cara contrariada que Bryce lança para Daniel. É engraçado como o universo pode ser trapaceiro às vezes, pois ambos se odeiam e todos sabem da rixa dos dois.

Bryce revira os olhos com uma raiva que todos são capazes de sentir, apanha o caderno e as canetas e vai na direção da carteira do outro, jogando os objetos em cima da mesa dele com brutalidade.

Nada atingida com sua reação, a professora continua sorteando as duplas. Os minutos seguintes são preenchidos por gemidos, indignações, mochilas e cadernos sendo jogados, minha barriga revirando e meu coração batendo em ritmo preocupante. Assim que anuncia o nome da minha amiga e de outra pessoa — Larissa, uma menina particularmente gentil —, desabo na cadeira, desejando abrir um buraco e me enfiar lá dentro.

— Tchau, amiga. — Brooks faz um bico dramático com os lábios e junta o material, se dirigindo para a mesa da sua nova colega e acenando para mim.

Sem me preocupar em sorrir, aceno de volta e cruzo os braços, voltando a encarar a professora, que tira mais dois papéis do pote.

— Quem serão os próximooos? — cantarola, toda contente. — Alyssa... — Certo, agora é a hora que eu vomito. Meu corpo parece estar prestes a convulsionar, meu estômago se revira e tenho uma pura vontade de voar em cima dela para arrancar os papéis das suas mãos, acabando com seu suspense nada saudável. — E... —

Ela abre outro sorriso maligno, enviado diretamente pelo diabo. — Eros Russell!

03

Alyssa Blair

A turma cai em um silêncio constrangedor, e imagino que todos estejam se condoendo pelo meu azar exorbitante.

Digamos que Eros Russell não seja bem o tipo de pessoa que todos desejam estar por perto. A áurea mal-humorada que o circunda diariamente costuma afastar quem quer que seja, atingindo, assim, exatamente o objetivo do garoto. Não o conheço de perto, nunca sequer conversamos, mas sei bem sua fama de arrogante com quem ousou se aproximar muito.

Olho para ele de esguelha, encontrando-o na mesma posição de minutos atrás, a única alteração são suas sobrancelhas unidas em perfeita incredulidade e a mandíbula cerrada em perfeito... ódio. Bem semelhante às expressões costumeiras, mas agora, quando seu olhar gélido encontra o meu, percebo que há algo mais.

A professora pigarreia ante nossa falta de movimento, sem indicativos de que iremos para a mesa um do outro.

— Hum... Então? Quem vai para a mesa de quem? — ela pergunta, e Eros apenas dá de ombros. A professora parece se irritar com seu gesto desdenhoso e diz: — Muito bem, sr. Russell. Se sente ao lado da srta. Blair.

Eros revira os olhos e levanta, jogando a mochila preta de qualquer jeito no ombro e caminhando em minha direção. Engulo em seco, unindo minhas mãos em cima das pernas, que não param de tremer. Desvio o olhar para a mesa, subitamente nervosa.

O calor de seu corpo paira ao meu lado segundos depois. Sua estatura alta e forte cobre o meu corpo, os braços cruzados e torneados quase tocam os meus, enquanto um murmúrio francês e irritado sai de seus lábios. Não tenho nenhuma ideia do que acaba de dizer, mas tenho para mim que seja um xingamento. Gravo o momento em que Leonardo acompanha todos os movimentos do tatuado até mim, fulminando-o com os olhos escuros. Suspiro e encolho os ombros, incomodada com toda a atenção que está sobre nós, e abaixo a cabeça, limpando sujeirinhas invisíveis das minhas unhas.

O dia sempre tem como piorar, penso, sentindo o peso do mundo inteiro nos meus ombros somente em imaginar o que pode acontecer daqui em diante.

— Erga a cabeça, Alyssa. — A voz rouca, carregada com o sotaque, atinge meus ouvidos, e por um momento penso estar ouvindo coisas. — Desencolha os ombros.

Franzindo o cenho, automaticamente fazendo o que disse, elevo minha visão a ele, que ao menos me encara de volta.

— Desculpa, tá falando comigo?

Um riso de escárnio salta de seus lábios, e desejo não ter cometido a burrice de questioná-lo, pois suas írises — das quais agora mais de perto tenho a noção de que são bem claras, quase verdes — penetram nas minhas como se pudessem trespassar minha alma. Nunca me senti tão metaforicamente nua como agora. Contudo, do contrário que pensei que faria, não me retraio. Sei que não é nenhum problema pessoal comigo e que ele é assim com todos — assim espero —, então não deixo espaço para paranoias.

— Há outra Alyssa por aqui?

Eu bufo em meio à risada, reunindo todo o autocontrole para não surtar. Não é do meu feitio se descontrolar por tão pouco — para ser sincera, sempre guardo toda a minha raiva e estresses para mim — e não vai ser um aluno arrogante metido a bad boy que vai conseguir isso.

Ignoro sua pergunta retórica e me empertigo, tirando meu braço do seu alcance, acabando por derrubar minha caneta próxima aos pés de Eros.

Só pode ser brincadeira.

O idiota não move um músculo sequer para fingir educação e pegar o objeto para mim, se fazendo de surdo e desentendido — duas coisas que eu sei que ele não é.

— Sabe, Russell, nos livros que leio, os caras costumam ser bem mais educados que isso — provoco, esticando-me para baixo e alcançando a caneta com o pé, trazendo-a para mim.

— Pareço ser como os príncipes encantados das histórias que lê? — rebate, tendo o bom senso de afastar o corpo para que eu pudesse me abaixar e resgatar minha caneta sem maiores vexames.

Fazendo um pouco de esforço, jogo os cabelos para trás e os prendo em um coque desarrumado.

— Odeio citar fatores negativos sobre alguém, cara, mas se você não colaborar e tornar esses três meses em um purgatório tortuoso, não terei outra opção.

Ele ri, mas não há nada humorístico no som.

— Você é muito ingênua se acha realmente que eu me importo com a merda de um relatório que vai fazer sobre mim — diz isso no momento que a professora passa pela nossa carteira, entregando dois fichários para nós. Russell o folheia desinteressado. — Olha, há dez linhas de “Pontos Negativos Sobre O Seu Parceiro”. Já pensou no que vai botar?

Respiro fundo uma, duas, três vezes para não surtar. Dedilho minha têmpora, sentindo uma veia de estresse saltada sob meu dedo.

— Tudo bem, Eros. Se não vai fazer isso funcionar, cite tudo o que sabe sobre si mesmo. Anoto agora e voltamos a ignorar o

contato um do outro. — Apanho uma caneta preta do meu estojo. — Vamos lá, do que você...

— Tem o costume de fazer seus trabalhos de qualquer jeito? — Ele estala a língua no céu da boca. — Uau, estou impressionado.

Aperto o cilindro entre minhas mãos até os nós dos meus dedos ficarem brancos.

Qual é a desse cara?

— Não acredito que você é insuportável assim o tempo todo — declaro, guardando a folha dentro da minha pasta e cruzando as mãos acima da mesa.

Dessa vez, a língua afiada de Eros não funciona. Deve ter percebido que sou irrelevante para ele como todos os outros que cruzam seu caminho e que não vale gastar sua pouquíssima cota de palavras por dia comigo.

Não tenho a mínima noção de como algo de bom vai sair disso. Cinco minutos já foram o suficiente para provar que se o objetivo da professora é nos aproximar acontecerá exatamente o contrário.

Mas não é como se eu fosse a única prejudicada, se ele não fizer um mínimo de esforço para tornar nossa convivência agradável, reportarei isso à professora, ele se importando ou não.

Ravena para novamente em frente à sua mesa ao terminar de entregar os fichários.

— Como dito anteriormente, vocês terão três meses para buscar descobrir e conhecer mais sobre seus novos parceiros — avisa, passando o olhar por toda a turma. — Marquem encontros no lugar favorito de vocês, falem sobre seus gostos, medos, inseguranças, sabor de sorvete favorito... Quero que ao final desses meses vocês criem novos e grandes amigos e que tenham tomado gosto por conhecer novas pessoas e ambientes.

— Quantos pontos essa tortura vai valer? — é Daniel, a dupla de Bryce, que pergunta.

Ela ri e balança a cabeça.

— Quanto drama... — Suspira. — Três pontos, mas como não temos provas, conversei com o professor de Álgebra e ele concordou. Claro que ele acha que ninguém aqui vai conseguir aguentar o outro por tanto tempo, então provem-no o contrário.

Incrível como somos facilmente manipulados e persuadidos quando o assunto é pontos e desafios. Até mesmo Bryce, que devia estar cogitando inúmeras e diferentes formas de se jogar de um prédio, se anima com a ideia. Não tenho interesse em mostrar meu valor para ninguém, para falar a verdade, entretanto, três pontos na matéria em que sou uma negação é, de longe, um ótimo suborno — e resolveria todos os meus problemas.

Eros rola os globos oculares para a animação que corre pela sala e trinca o maxilar pesadamente quando Leonardo faz alguma gracinha sobre o "velhote de álgebra". Ninguém ri, e capturo quando um meio-sorriso se forma nos lábios rosados do garoto-problema. Entro em choque, mas o momento não dura nem meio segundo para processar direito.

Ok, acho que Carter não é o único que nutre sentimentos ruins entre os dois.

— Seu namoradinho está se mordendo por não poder vir aqui e me tirar à força do seu lado. — Um tom divertido emana do seu tom carregado ao dizer, com uma grande ênfase nos "r".

Instintivamente, giro o pescoço para onde Leo está. De fato, parece que a qualquer momento ele irá me arrancar daqui com toda a agressividade que passei a me acostumar vinda dele.

— Leonardo não é meu namorado.

Um sorriso irônico repuxa sua boca para o lado ao virar a cabeça minimamente para mim.

— Não lembro de ter dito o nome dele.

Meu Deus, que insuportável.

— Que eu saiba, não é da sua conta quem eu namoro ou não — falo, ríspida.

Ele maneja a cabeça em concordância.

— E não é mesmo, só acho engraçado o quanto esse idiota acha que tem poder sobre você quando ambos não têm nada.

Algo em sua frase me atinge em cheio, porém ignoro.

— Deve saber muito sobre mim se alega isso com tanta certeza.

Russell umedece os lábios com a língua.

— Acredite, pequena Blair — o apelido me assusta —, qualquer um com dois olhos enxerga a droga do relacionamento doentio de

vocês.

Minha garganta convulsiona com o bolo que forço para baixo. Nós dois somos assim tão nítidos? Droga, faço o máximo para evitar sua presença, mas ele sempre vê uma forma de me encurralar e fazer de mim um show público.

Enrijecendo minha coluna, junto todo o meu material na carteira e sem olhar para ele digo:

— Falarei com a professora no final da aula e acharei um jeito de desfazer isso.

Seu rosto continua impassível. Não que eu esperasse alguma reação vinda dele, mas a falta de importância que ele dá a isso só prova que nunca daríamos certo.

Como eu tiraria informações de alguém que parece manter o coração fechado o tempo todo?

Assim que a aula acaba, me apresso em levantar e empurro a mesa para frente evitando de trombar com Eros e caminho até Ravena, que está recolhendo seu material. Os alunos estão todos distraídos, mas, como um imã consigo sentir um par de olhos em específico queimando nas minhas costas.

— Oi, Alyssa! Algum problema? — cumprimenta, com a costumeira gentileza emoldurando a frase.

Mordo os lábios e assinto.

— Professora, sei que disse que não trocaria os parceiros, mas...

— E realmente não vou, meu bem. — Ela pousa as pastas e folhas na mesa, arrumando seus cabelos ruivos para trás. — Sei que Eros é um cara complicado e aparentemente arrogante...

— ... aparentemente?

— ... Mas tenho certeza de que ele é uma boa pessoa, e, de certa forma, o trabalho vai valer muito mais para você — diz, mas não entendo. — Imagina você conseguindo arrancar informações de um rapaz tão fechado? Será um desafio e tanto!

Sorrio sem humor. *Não estou interessada em saber nada sobre ele,* quero dizer, mas permaneço quieta.

— Uau... — Forço animação. — Vai ser um trabalho e tanto!

Ela nota minha desanimação evidente e cruza os braços à frente do peito.

— O senhor Russell é o melhor aluno que essa escola já teve a honra de receber, e você, a mais responsável, quieta e dedicada que conheço. Tenho certeza de que, se fizerem um pouco de esforço, conseguirão fazer um bom trabalho. — Dá de ombros. — Deem o melhor de vocês.

Desolada, odeio, pela primeira vez, não conseguir ser bagunceira como o resto da turma em vez de ser conhecida como "quieta", "dedicada" e "responsável".

Me despeço dela e volto à minha mesa desesperançosa, percebendo que Eros aumentou a distância das nossas cadeiras em algum momento quando eu não estava vendo. Não me dou ao trabalho de analisar suas feições e agradeço mentalmente pela iniciativa.

Sem energia e ânimo algum, entrelaço os braços e encosto a cabeça na parede fria, xingando Russell e toda a sua prepotência, ignorância e idiotice.

Prometo a mim mesma que não vou deixar seu mau-humor me perturbar. Se fui designada a me juntar a ele, que seja, já lidei com pessoas piores. Porém, quando, de esguelha, miro Eros brincando com a corrente que pende do seu pescoço no mais puro desinteresse, reparo que nada de bom, nada *mesmo,* pode vir dos próximos dias.



Fui boa em despistar qualquer indicativo de problema até o fim de todas as aulas, encontrando Brooks me esperando na porta do colégio. Com o primeiro sorriso genuíno que abro desde a bomba, corro até ela.

— Até que enfim, não aguentava mais — digo em forma de cumprimento. — Acabei de falar com minha mãe, ela deixou.

Brooks estica os lábios cobertos de *Gloss* em um sorriso pequeno dando às costas e começando a andar, passando para fora dos portões do estabelecimento.

— Ainda estou sem acreditar que você realmente vai ter que suportar aquele garoto por todo esse tempo — pondera, balançando a cabeça.

Bufo e aquiesço. Eros foi bom em se manter distante de mim pelo resto do dia, não trocando uma única palavra e sumindo de vista no intervalo e na saída. Leonardo, no entanto, fez questão de extravasar todo o seu ódio por meio dos olhares irados que cravou em mim o tempo todo. Não me importei. Se sua raiva o fizer se manter a quilômetros de distância, acharei ótimo.

— A sorte nunca está ao meu lado. — Torço o nariz passando pela rua até chegar em outra calçada. — Mas estou determinada a fazer isso dar certo, Brooks. Esses três pontos são a minha salvação. Não vou deixar que ele me atrapalhe.

— Isso aí, amiga. Nada de homens babacas por aqui! — Ergue o braço em torcida e eu dou uma cotovelada na sua costela, revirando os olhos. — Mas veja pelo lado bom...

— Não tem lado bom — interrompo, e minha amiga faz uma careta.

— Claro que tem! Se ele quer tanto distância de você é só falar para a professora, quando os meses acabarem, que a culpa foi dele que não colaborou!

— Aposto que ela vai fazer um discurso enorme sobre como eu deveria ter me esforçado mais e blá-blá-blá. — Esfrego a testa. — Não tenho escolha, Brooks. O único jeito é obrigar Eros a fazer isso, por bem ou por mal.

Ela solta o ar pelo nariz, sacando um elástico do bolso e prendendo os fios cacheados no alto da cabeça.

— Você sabe que... se ele encher muito o seu saco...

— Vai dar um chute nas bolas dele — completo e rio. — Sei disso, Brooks, e obrigada. Mas espero não precisar utilizar medidas extremas.

— Sempre é bom ter recursos... — se defende, fazendo um biquinho meigo com os lábios.

Me aproximo dela e passo os braços ao redor dos seus ombros, puxando-a para perto. Brooks é apenas um pouco mais baixa que

eu, o suficiente para que eu pouse a bochecha no topo de sua cabeça.

— Sabe que eu amo você, não sabe?

Ela assente e rodeia minha cintura com seu braço, formando um abraço lateral enquanto caminhamos.

— Também amo você, Aly, e odeio a ideia de que esse babaca possa te magoar em algum momento.

Sei bem ao que ela está se referindo, mas o estresse que ele me causou nem deu espaço para a minha mente pensar sobre isso. Agora, lembrando de todo o histórico de popular sem nem fazer esforço, as inúmeras garotas que ele se relaciona e o porte físico de todas elas, uma pontada de medo e pavor me atinge. Não acredito que ele possa ser diferente de todos que tiram proveito do meu corpo, então, em algum momento, mesmo que seja "sem querer", sei que algo similar ao que já estou acostumada irá sair de sua boca.

Uh, a situação acaba de piorar.

— Comentários desse tipo sempre vão acontecer, Brooks. Não posso me privar das minhas obrigações como aluna por causa disso...

Brooks grunhe.

— Não há nenhuma chance de ele não ser tão estúpido quanto aparenta ser? — Seu tom esperançoso me faz rir.

— Não o conheço de verdade, mas pela breve conversa que tivemos, sem chance — comento, virando a esquina. — Pelo menos eu sei que a sua implicância não é só comigo.

— *Argh,* tão desagradável... — Faz careta de nojo. — Uma garota saiu chorando semana passada depois de ter ouvido poucas e boas que Eros disse a ela.

Belisco seu ombro.

— Para de me deixar apavorada, mulher! — suplico. — Vou deixar para me preocupar com isso amanhã, quando eu estiver menos nervosa e conseguir conversar com ele sem parecer um pinscher.

Ela ri e anui, pegando as chaves do bolso da calça e passando na fechadura do grande portão cinza, dando acesso à casa grande

e vazia. Provavelmente apenas seu irmão, Vítor, e as duas secretárias devem estar presentes.

Já que os pais quase nunca estão.

Passamos pela passarela de pedra entre o jardim de flores coloridas, adentramos o hall de entrada e depois a sala. Não há nada de diferente das outras mansões que já visitei. Para ser sincera, o local parece mais um centro médico do que um *lar.* A cor branca predomina em cada cômodo e móvel. Juro que posso sentir o cheiro de hospital ao caminhar e sentar no sofá.

Brooks larga sua mochila no sofá e para ao pé da escada, se apoiando no corrimão.

— *VÍTOOOOOR, ALYSSA TÁ AQUI !*— berra.

— *J Á TÔ I NDO!*

Não demora para que o irmão de Brooks, um ano mais novo que nós, apareça e desça as escadas como um jato, abrindo um sorriso enorme ao me ver. Sempre que nos encontramos é a mesma euforia, já que ele mora com os avós e vem nos visitar apenas uma vez na semana.

— Oi, Aly!

Levanto do sofá e o abraço, mas dou um tapa no seu peitoral e subitamente o afasto ao sentir a pele escura coberta de suor.

— Idiota! — acuso e ele gargalha, se afastando de mim e indo depositar um beijo na bochecha da irmã. — Eu te odeio.

Vítor desdenha com a boca, soprando um “aham”, e se joga no sofá, parecendo cansado.

— Por que está todo suado assim? — Brooks pergunta, indo à geladeira e buscando três copos de água para nós.

Agradecemos ao receber. Dando o primeiro gole do líquido gelado, solto um murmúrio de satisfação.

— Comecei a fazer alguns exercícios físicos — responde, dando de ombros. Brooks cerra as pálpebras. — Qual é, maninha! Quero ficar mais bonitão.

Gargalho da cara incrédula da garota, seu nariz se franzindo em estranhamento.

— Nem te conheço, garoto. — Ela recolhe os copos e volta à cozinha, abrindo e fechando armários na procura de algo para

comer. — Faz quantos dias que não fazemos compras...? — A pergunta não foi feita para ninguém em especial, então Vítor não responde.

Vítor limpa a garganta e vira o tronco em minha direção. Me preparo para a novidade que irá me contar quando retira o aparelho celular da bolsa do calção e desbloqueia a tela, clicando no ícone da galeria.

— Conheci uma garota... — começa, as bochechas assumindo um tom rosado ao virar o aparelho para mim. — Olha.

É uma garota linda. Seus cabelos parcialmente ondulados nas pontas e platinados vão até um pouco abaixo dos seus ombros. Sua pele, de uma tonalidade branca feito a neve está vermelha, resultado, imagino, das horas que passou se aventurando em uma caminhada, considerando suas roupas. Presto atenção no seu rosto, demorando a perceber que se trata de uma garota albina. Seus cílios e sobrancelhas são igualmente brancos, e os olhos carregam um azul quase transparente. Sentindo uma pontada no peito, me dou conta de que ela é deficiente visual de um, senão dos dois olhos.

— Ela é linda, Vítor. Qual o seu nome?

— Zoe. Zoe Cameron. — Guarda o celular de volta no bolso. — Semana passada ela perdeu por completo a visão do olho esquerdo e, agora, só resta 30% do direito — sussurra.

— Eu sinto muito...

Vítor assente.

— Ela quase não participa das aulas. Sempre está ocupada com as idas ao dermatologista para evitar um possível câncer de pele, por conta do albinismo e todos os problemas que ele traz. — Seu lábio inferior treme. — Mas sempre que ela participa, fico responsável por guiá-la nas atividades e pelas dependências do instituto. Acho que foi assim que acabei me apaixon...

— *MEU I RMÃ OAPAI XONADO?*— Brooks dispara até nós. — *POR QUEM?*

O garoto estala a língua no céu da boca e cruza os braços.

— Sua audição aguçada ainda vai ser o motivo da sua queda acidental da escada — resmunga, dispensando minha amiga com a

mão. Eu rio. — Não te chamei para a conversa, depois eu conto.

Faço que sim com a cabeça.

— Isso aí, Brooks, tô curiosa pra saber o resto. Depois ele te conta.

Espalmando as mãos no peito, como a boa atriz que é, limpa lágrimas invisíveis e funga.

— Vocês dois são dois traíras que, quando se juntam, formam o elenco inteiro de *A Rainha Vermelha*. — A cacheada começa a se virar, esperando por uma reação minha. — Mas tudo bem, já me acostumei com esses intérpretes de Mav...

— Ah, cala a boca! — Arremesso a almofada do sofá no seu rosto. Ela gargalha. — Não fiz nada pra você tocar no meu ponto fraco assim.

Confusão enevoa o rosto de Vítor, olhando para nós sem entender absolutamente nada.

— Hum... E o que seria isso?

— É uma série de livros que a Alyssa é fã — Brooks responde, parando no meio da escada. — Tadinha, passou um mês chorando quando terminou. — Anuo. Vítor, porém, não dá tanta importância. — Podem continuar a fofoca, volto mais tarde pra te atormentar, irmãozinho.

Viro animada para Vítor quando ela sai, louca para saber a continuação do que estava contando.

— Continue — peço.

— Aonde foi que eu parei... Ah! — exclama. — Pois é, como eu disse, ela não participa diariamente das aulas, a pele dela é sensível demais, e atualmente o sol em Boston está de matar — diz e eu assinto, incentivando-o a continuar. — Começamos a conversar desde o primeiro dia, e a cada papo jogado fora, descubro que ela é muito mais bonita por dentro do que por fora. — Suspira, todo apaixonado, arrancando um sorriso meu. — Na última vez que nos vimos, semana passada, ela me disse que por conta da visão debilitada… vai sair do colégio. — Faz uma pausa, a voz tremulando conforme conta.

"Meu lado egoísta e irracional odiou os pais dela por essa decisão, mas não posso ser um idiota insensível e implorar para que

ela fique, tenho noção suficiente do quanto isso seria arriscado para a saúde dela. Só que, Alyssa… — Seu timbre falha. — Eu estou apaixonado por ela. Por cada detalhe que ela não gosta tanto ou repudia completamente. Somos novos demais para isso, mal chegamos aos 16, mas eu nunca senti meu coração bater tanto em tão pouco tempo como quando estou com ela, e isso me *mata*, pois sei que Zoe é como uma bomba-relógio prestes a explodir a qualquer momento. Passei noites em claro pesquisando sobre essa doença e descobri que não são tantos os que vivem mais do que 33 anos, Aly. *33 anos* pra mim não é nem 1% do tempo que quero passar ao lado dela!"

— Vítor… — Sou surpreendida pelas lágrimas que escorrem por minha bochecha. — Eu sinto *tanto.*

Ele abre um sorriso pequeno e genuíno, os orbes cintilando uma emoção diferente.

— Vou pedi-la em namoro amanhã na casa dos pais dela — anuncia e eu arregalo os olhos. — Sei quão forte são meus sentimentos por ela e sei que nem a eternidade é o suficiente para mim, mas quero passar cada segundo que nos for permitido cuidando dela e sendo o cara que ela merece.

Pego a sua mão e aperto, exibindo todos os meus dentes em um sorriso que transborda orgulho.

— Você cresceu rápido, garoto. — Bato no seu ombro. — Zoe é uma garota de sorte por tê-lo.

— Eu que sou o sortudo da relação.

Reviro os olhos, rindo.

— Não estava preparada para te ouvir todo bobo assim — pontuo, divertida. — Será que… tem alguma chance de eu conhecer ela algum dia desses?

Vítor reflete sobre o assunto, meneando a cabeça em incerteza.

— Hum… Acho que sim. Posso marcar com você e com a Brooks para passarmos na casa dela, ela adoraria.

Bato palminhas animadas.

— Perfeito! Só marcar o dia e a hora e estarei a postos. — Dou de ombros. — Tenho certeza de que seremos ótimas amigas.

O garoto à minha frente torce o nariz.

— Ela é louca por livros como você. Vive ouvindo *audiobooks* por aí.

— Você acertou em cheio na escolha da dona do seu coração, então, Vítor.

Ele morde os lábios para conter um sorriso.

— Eu sei, Alyssa. — Deita no encosto do sofá, olhando para nenhum ponto em específico. — Eu sei.



— Nada de *A Culpa É Das Estrelas,* Alyssa! Quero rir, não chorar! — minha amiga praticamente berra com a forma de *brownie* já fria em mãos ao olhar para a TV e se deparar com o filme. Ela senta em um dos *puffs* localizados no chão e toma o controle de mim. — Vamos assistir *10 Coisas Que Eu Odeio Em Você.*

É um dos meus filmes favoritos, e só por isso deixo a oportunidade de me debulhar em lágrimas passar.

Depois da minha conversa com Vítor, ele decidiu que não iria conseguir esperar até amanhã para pedir sua amada em namoro. Três horas mais tarde, ele me enviou uma mensagem confirmando que, agora, Vítor Cole é um homem comprometido. Surtei internamente, pois ele pediu que eu não contasse a Brooks.

— Não vai mesmo me contar sobre esse segredinho entre você e meu irmão? — indaga, pulando a introdução do filme.

Pego a faca e corto um pedaço generoso do chocolate, me deliciando com o ponto crocante que só Brooks consegue atingir

— Falou certa, minha linda. Nosso *segredinho* não inclui você — zombo.

Ela bufa, rolando a íris com força.

— Ah, qual é! Vocês…

— *Shhh,* cala a boquinha — interrompo, apontando para a TV com o queixo no momento que meu *crush* de todos os filmes dos anos 90 aparece. — *Patrick Perfeito Verona* apareceu, ou seja: atenção.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Quem é *Patrick Nem-Tão-Perf eito V*é*rona* perto do Cameron? — se gaba, soltando um gritinho de animação na primeira cena do mesmo. — Na boa, Aly. Ele aprendeu francês por ela!

Meu rosto se contorce em puro desdém, mas, lá no fundo, meu coração se amolece sempre que lembro desse detalhe. Só não posso demonstrar que há um lado meu totalmente caidinho por ele.

— O Patrick cantou na frente de todo mundo para reconquistá-la. — Dou de ombros. — E comprou o instrumento que a Kat estava querendo!

— Ele apostou a Kat em troca de dinheiro — contrapõe, mastigando o *brownie* e engolindo para logo depois falar: — Imperdoável.

Quero rir, sabendo que toda a sua implicância com Patrick se deve unicamente ao fato de adorar me ver irritada.

— Foi só o pontapé que ele precisava para se aproximar dela, Brooks! — rebato, tomando o controle da sua mão e voltando todos os minutos perdidos do filme. — No fim, o Patrick acabou se apaixonando pela Kat, e é isso que importa. Agora, para de ser chata porque foi você que escolheu colocá-lo.

Um sorriso vitorioso por ter conseguido me enraivecer curva seus lábios, porém não faz mais nenhum comentário durante as duas horas restantes do filme que não envolvam suspiros derretidos e gritinhos eufóricos nas cenas fofas. Ouço fungadas profundas vindo de Brooks e viro o rosto para encará-la, encontrando-a com as bochechas molhadas.

— A dor de saber que nunca vou encontrar alguém assim… — murmura, se esparramando no assento e limpando a região abaixo dos olhos enquanto os créditos do filme sobem na tela gigantesca.

Uno as sobrancelhas, apanhando o último pedaço do chocolate e dividindo para nós duas. Ela recebe e começa a comer no mesmo instante, varrendo os farelos que caem no seu colo.

— E o seu namorado?

Brooks dá de ombros, terminando de engolir e passa a língua nos lábios.

— Sei lá. — Solta um suspiro discreto, provocando um fio de desconfiança no meu subconsciente. — Preciso te contar uma

coisa.

— Pode falar.

Parecendo incerta com algo, ela desvia o olhar do meu e coça o pescoço, balançando as pernas. Preparo-me para o pior.

— Eu... Hum... — Hesita, abrindo um sorriso amarelo. — Perdi minha virgindade com Scott.

O *brownie* estava pronto para ser deliciado e engolido pelo canal certo quando, subitamente, desce pelo *errado* e se entala no topo da minha garganta.

Tusso várias vezes, batendo a mão no peito, mas Brooks não leva a sério, com os olhos semicerrados.

— Você não vai passar mal por... Ai, meu Deus, você tá ficando roxa! — grita, saltando para fora do *puf f*e indo à cozinha, voltando apressada com um copo d'água. — Bebe isso logo.

Agradeço com um mal aceno desesperado de cabeça e pego o vidro de sua mão, esfregando meu peito conforme forço o líquido para dentro, que desce rasgando junto com o bolo de massa. Solto um suspiro aliviado, quando a pressão na garganta diminui, me permitindo respirar com facilidade.

— Que exagero, eu não estava ficando roxa. — Resfolego e ela sibila algo incompreensível, concordando. — E... você fez*o quê?*

Ela solta uma risada descrente, pousando o copo na mesinha de centro.

— Não lembro de ter tido essa reação quando você me contou sobre sua primeira vez com o Leonardo... — me lembra, arrastando o assento acolchoado até ficar próximo ao meu. — E olha que tenho bem mais motivos pra isso.

Baixo a guarda diante do seu comentário, pois sei que é verdade. Brooks e Scott já estão namorando há meses, e só agora decidiram subir mais esse degrau no relacionamento. Sem falar que ele parece ser um cara legal, não tenho motivos para tanto alarde.

— E… quando foi? — questiono, mais calma.

— Semana passada — diz, mas logo se apressa em se explicar ao mirar minha boca aberta. — Demorei a contar porque não sabia exatamente como abordar esse assunto e… é, enfim.

Formo um bico insatisfeito com os lábios, me sentindo uma verdadeira hipócrita por exigir algo do tipo para ela quando eu mesma demorei 1 mês para contar sobre o que havia rolado entre Leo e eu.

— E então? Você gostou?

— Doeu mais do que eu gostaria, para falar a verdade. — Enrola os cachos no dedo indicador, com os orbes perdidos em algum canto da sala. — Estávamos numa fase meio crítica do nosso namoro, Aly. Ele vivia reclamando por eu nunca ter permitido que ele fosse além dos toques e beijos, acho que isso acabou afetando o temperamento dele — conta, sem me encarar. — Na segunda, dormi na casa dele, como eu te contei, mas em quartos separados, porque eu realmente não estava planejando o que aconteceu. Mas aí, no meio da noite, Scott abriu a porta de fininho e se enfiou na cama. O resto, você já sabe. Ele até acordou com um humor melhorado!

Não deixo de julgar a situação como problemática, dado que Leonardo sempre me persuadia quando alegava estar irritado e me induzia a fazer o que eu não queria. Vejo a mesma situação passar diante dos meus olhos, dessa vez com uma nova protagonista, e automaticamente todos os meus achismos sobre a boa índole do seu namorado vão para o ralo.

— Brooks…

— Eu sei o que vai me dizer, Alyssa, mas fica tranquila, ok? — Abre um ínfimo sorriso. — Eles não são iguais. Scott não é um babaca comigo, calma. Eu até entendo ele, sabe? Estamos juntos há, não sei, 6 meses? Uma hora as necessidades hormonais falariam mais alto.

Não discuto, pois mesmo que meu estômago revire com as lembranças ruins que a situação me traz, quero acreditar que nem todos os homens são como Leonardo e que Scott é, de fato, um cara legal para minha amiga.

Me vejo desejando todos os dias encontrar a virgindade que perdi justo com Leonardo, o cara que desde o começo deixou claro seu caráter, mas que nunca quis enxergar. A ideia é tola, porque por mais que eu deseje, tudo o que me resta são arrependimentos.

Lembro-me de matar aula para ir à casa dele, mesmo eu não estando preparada ou tampouco com a intenção de me entregar a ele dessa maneira. Doeu, muito mais pela sua falta de cuidado do que pela dilatação muscular daquela parte em específico. Perdi a conta de quantas vezes implorei para que ele fosse com calma e me desse tempo para me acostumar, mas não. Leonardo nunca esteve preocupado em me proporcionar prazer. Nunca sequer passou pela sua cabeça que aquilo, para mim, deveria ser especial.

Depois do ato, me encolhi na cama e fiz de tudo para não chorar, mas foi impossível. O meio das minhas pernas ardia de uma forma nada prazerosa e meu coração, já quebrado, não restou nada dele além de pequenos estilhaços.

A ideia de ter sido violentada durante o sexo me atormenta dia e noite. Tento me convencer de que eu sabia o que ele estava fazendo e não impedi, só que… Leonardo não me respeitou quando pedi, ou melhor, *supliquei* para que parasse de se movimentar dentro de mim…

Chega, Alyssa. Por f avor

— Promete que não vai deixar ele machucar você, Brooks Cole? — me recomponho.

— Meu Deus! Até parece minha mãe falando assim… — brinca, mas não acho graça.

— *Promete?* — insisto, com a voz firme.

Qualquer traço de diversão se esvai do seu semblante ao notar a seriedade da situação *e* da minha preocupação.

— Eu prometo, Aly — garante, abraçando os joelhos. — Não vou deixar que ele me machuque.

A promessa, nem de longe, cala a inquietação que vibra em cada parte destroçada do meu eu interior.

Acho que outra noite de Netflix *e* brownie *será necessária para desf azer o que acabou de acontecer aqui.*



Mais tarde, quando o relógio aponta às 21h da noite, me despeço de Brooks e volto para casa.

Não me permito pensar em nada durante o trajeto curto até minha casa, bloqueando os pensamentos que começam a invadir minha mente e dando lugar ao farfalhar suave das árvores causada pela brisa fresquinha.

Assim que chego, me deparo com os cômodos vazios, nenhuma movimentação no lugar indicando a presença de alguém. Caminho em direção à cozinha e encontro um bilhete colado na porta da geladeira.

Eu e seu pai fomos levar sua avó ao médico.

Não nos espere acordada.

Mais tranquila, porém nem tanto, saco o celular do bolso e envio uma mensagem à minha mãe, pedindo que diga à minha avó que desejei melhoras. Ela sofre de insuficiência pulmonar, logo, imagino que, mais uma vez, ela tenha feito algum esforço além do que lhe é permitido e passado mal. Todos os dias, meus pais vivem como se a qualquer momento a mulher mais amada da linhagem Blair fosse morrer.

A sensação de que a qualquer momento iremos receber a ligação de que dona Natália já não está mais entre nós me corrói por dentro. Meu amor por ela vai além de qualquer comentário inconsciente sobre meu peso, e não consigo me imaginar em um mundo sem ela.

Todavia, diferente dos outros membros da minha família, não deixo meus sentimentos transparecerem, o que ocasiona uma desconfiança que chega a me ofender por parte da minha mãe, que leva em conta minha frieza em relação ao estado crítica de Natália e me acusa, dizendo que não gosto da única avó que tenho e que eu não iria me importar se ela morresse.

Absurdamente errada, mas nunca neguei. Ana não entenderia, de qualquer forma, se eu argumentasse ao dizer que a aparente falta de emoções é o mecanismo de defesa que venho usando para evitar que eu me machuque cada vez mais.

Ando até o meu quarto e arranco as roupas do meu corpo, fechando os olhos e evitando minha imagem no espelho. Estou exausta demais para pensar em outra coisa que não um banho rápido e minha cama. Pego a toalha no pendurador e deixo os

chinelos à porta do banheiro, adentrando o espaço em seguida. O som dos trovões, alertando a chegada de uma chuvarada, misturado ao chuveiro ligado, cobre minha mente, impedindo que tome o rumo indesejado, mas que anseia tanto.

No último enxágue, giro a torneira, interrompendo o circuito da água. Enrolo-me na toalha, tremendo pelo frio que invade as janelas fechadas, e não demoro a buscar meu pijama mais quentinho e um moletom, desviando do meu inimigo como o diabo foge da cruz. Uma notificação no celular atrai minha atenção, e uma curva triste se forma em minha boca ao ver a mensagem de minha amiga.

Brooks: *Desculpa por não ter levado sua preocupação comigo a sério a primeiro momento, f ui idiota e admito. Também sei que não acreditou quando garanti que Scott não me machucaria, mas, Aly, é uma promessa. Por mim e por vc. Eu te amo demais, demais, demais e sou grata por ter aparecido em minha vida. E, f alando nisso, vc vai dormir agora, né? Não pensa demais, não deixa que aquele idiota ou qualquer outra pessoa tenha o domí nio que só vc pode ter sobre si mesma.*

ass: da sua admiradora secreta.

Deixo uma risada escapar ao ler a última parte, uma única lágrima escorrendo por meu queixo e atingindo o chão.

Não há um só dia que eu não deseje ser forte como falam. Não há um só dia que eu não deseje ser a única a ter controle da minha própria mente. Mas quando me deito, quando deixo a escuridão me engolir, quando sinto repulsa ao tirar uma foto e encarar a minha *própria* imagem, não há um só dia que eu não deseje morrer para acabar com qualquer traço de angústia que me assola ao ser enjaulada no único lugar que fui fadada a viver pelo resto da vida.

Eu mesma.

04

Eros Russel

Livro-me do capacete, pendurando-o no guidão e liberto meu cabelo do elástico que o prende, capturando-o entre os dentes e arrumando meus fios bagunçados com as mãos livres, para, logo em seguida, enleá-lo com o elástico novamente.

Todos os olhos estão sobre mim, e não é preciso ter uma audição aguçada para escutar os burburinhos envolvendo meu nome conforme salto da motocicleta, pego a mochila, jogo-a no ombro e adentro nas dependências da escola. A camiseta branca de mangas compridas que uso é solta e levemente transparente, dando o pequeno vislumbre das tatuagens numa mistura de cores e escuridão por baixo do tecido. A calça chino colada modela minhas pernas, de modo que todas as garotas me olham de cima a baixo com a mesma finalidade demorada. Os desenhos que enfeitam meus dois braços e minha nuca costumam provocar somente duas reações nas pessoas que me veem: ou são motivos de suspiros excitados e pensamentos obscenos ou de julgamentos silenciosos,

como se estivessem me rotulando como um caso perdido pela imprudência em marcar minha pele nada discretamente. Mas considerando os olhares lançados em minha direção, sei que a maioria, pelo menos, se enquadra no primeiro caso.

Ainda faltam 25 minutos para o início das aulas, então me dirijo em direção ao refeitório, mais especificamente para uma parte menos movimentada. No entanto, antes que eu consiga chegar ao meu destino sem nenhuma interrupção, uma garota de cabelos morenos surge no meu caminho, obrigando-me a parar de abrupto. Travo a mandíbula, irritado.

— Eros Russell, certo? — Não respondo, ignorando seu oferecimento explícito pela maneira que se inclina para frente e mexe na alça da blusa, exibindo o colo dos seios. A garota conhecida, mas que não faço ideia do nome, suspira. — Bem que me disseram o quanto você é grosseiro...

— Achou que seria diferente com você? — pergunto, irônico.

Ela comprime os lábios, enroscando uma mecha atrás da orelha.

— Me chamo Nicole. Sou da sua turma, inclusive. — Quase me sinto mal pela forma que se mostra ofendida.

Quase.

Manejo a cabeça querendo me livrar da plateia de olhos à nossa volta e especialmente dela.

— E o que você quer?

Suas bochechas assumem um tom corado ao descer as íris esverdeadas pelo meu corpo. Sinto vontade de gargalhar sempre que se portam desse jeito na minha presença como se eu valesse a pena o tempo que gastam buscando me seduzir.

Eu não sou grande coisa — mas quase ninguém percebe isso.

— Todo mundo tá comentando sobre a sua dupla sorteada... — diz, raspando as unhas postiças nos lábios cheios, cobertos de vermelho-sangue. Franzo o cenho, trocando o peso das pernas. — Sinto muito, Eros.

— Qual é o problema com minha dupla? — A indagação sai mais amarga que eu pretendia.

Nicole solta uma risada.

— Tá falando sério? Você vai passar três meses sendo obrigado a trabalhar com a Alyssa! Ninguém...

— Trabalhar com ela não será uma obrigação, muito menos um sacrifício — corto imediatamente, começando a me afastar, e aprumo a coluna. — Agora, se me der licença, tenho mais o que fazer.

Não dou a ela chance de rebater minha fala. Ignoro suas feições embasbacadas e continuo a seguir para onde eu já deveria estar há, olho no relógio, seis minutos. Um incômodo traça minha espinha pelo meu posicionamento rápido em defesa de Alyssa. Não sei porque diabos reagi assim. Não vou com a cara dela. Seu jeito gentil e compassivo com todos, ao passo que sempre se retrai perto de alguém, me irrita. Irrita pra caralho.

Solto um grunhido, me lançando no banco de pedra, e saco o celular e os fones de ouvidos do bolso, clicando no aplicativo de *mixagem* e testando as vibrações de um novo som que eu venho trabalhando. É uma guitarra virtual, já que não posso trazer o instrumento para o colégio, mas ao fechar os olhos, deixo meu corpo absorver a batida como se, em vez de um simples celular e fones, eu estivesse com minha guitarra em mãos. Meus batimentos cardíacos acompanham a eletricidade da música ainda sem forma. Me vejo tocando em um espaço cheio de pessoas que vieram para adorar a música que crio ao lado dos meus amigos. Nós, um estádio, luzes coloridas e uma plateia. Os sons e...

De repente, os fones são arrancados das minhas orelhas. Uma fúria se apossa de mim e nem penso antes de estender minha mão para trás em um gesto claro para que, seja lá quem esteja me perturbando, pare agora.

— *Rends le.*

— Desculpa? Não entendi. — Reconheço a voz de Alyssa no mesmo instante, e uma calmaria se sobrepõe a raiva ao perceber que é ela. — É que nem todos em Boston entendem sua língua materna...

Confuso com o desaparecimento da fúria tão rapidamente, não deixo de notar a zombaria clara no seu timbre. Sentindo-me um idiota, viro para ela, encontrando Alyssa Blair com meus objetos em

mãos. Odeio a vontade de explicar a ela que acabo trocando a língua oficial de Boston pela *minha* sempre que me irrito.

— Devolva.

Ela ergue uma sobrancelha, travessa, e morde o lábio inferior, guardando os fones no bolso da calça. Pressiono os cílios para me acalmar e libero o ar de estresse pelo nariz. Assim que os abro novamente, Alyssa cruza os braços e tomba a cabeça para o lado, se divertindo por ter conseguido me tirar do sério. A loira veste um moletom rosa-claro, o que acho estranho, levando em conta o clima quente da manhã. Suas madeixas, como sempre, estão soltas, caindo em cascatas até um pouco abaixo dos seios. Nunca a vi de cabelo amarrado, aliás.

— O que faz aqui? — Desligo meu celular e levanto, mantendo-o em mãos. — Sabe que já é a segunda pessoa que me atrapalha em menos de quinze minutos, pequena Blair?

— Não ligo, *Russell* — praticamente rosna. — Seremos parceiros a partir de agora e eu *preciso* da sua ajuda para fazer isso dar certo.

Estalo a língua no céu da boca, mergulhando o olhar no seu para que ela saiba o quanto isso me incomoda até o âmago.

— É sobre isso o que queria falar? — Suspiro, voltando a atenção para o aparelho em mãos, ligando-o. — Podemos deixar para outra hora? Tenho que... — Alyssa toma o celular das minhas mãos. Dou uma risada baixa e sombria, sem olhá-la, e murmuro por entre os dentes cerrados: — Me dê meu celular, Alyssa, e vá embora. Não vou falar duas vezes.

A atrevida dá um passo à frente e enfia um dedo no meu peitoral, de cabeça erguida, sem se intimidar, e busca meus olhos com os seus, abrindo um sorriso sagaz ao encontrá-los. Acabo de descobrir que gosto dessa sua versão. A que não abaixa a cabeça para ninguém e a que não se encolhe como uma garotinha indefesa.

— Não vou me prejudicar por sua causa, garoto-francês. — Seu tom está sereno e controlado, mas nada no seu rosto remete a isso. — Diferente de você, não sou a melhor aluna que a BC já viu.

Diferente de você, eu necessito dos pontos para me dar bem na matéria. Duvido que saiba o que é isso, já que faz tão pouco caso.

— Vejo que sabe muito sobre mim, pequena... — desdenho, meu timbre zombeteiro acobertando o quanto sua afirmação me irrita. — O que mais descobriu sobre mim, *hum*? Vamos lá, estou curioso.

Seu rosto se contorce em aborrecimento, as narinas se dilatando ao respirar fundo.

— Acredite, sua presença me incomoda tanto quanto a minha incomoda a você, mas essa é uma oportunidade única para minha nota em álgebra sair do vermelho, então, Eros, um cara com a vida ganha e perfeita como a sua não vai arruinar isso.

Alyssa parece desesperada, mas a ira antes contida volta a se acender.

— Você não sabe porra *nenhuma* sobre mim.

— Não me importo! — responde, cutucando meu peitoral com seu dedo. — Não estou nem aí para a sua vida, nem aí se vai ou não com a minha cara, mas fomos *obrigados* a conviver daqui em diante. Ou você acha que se eu pudesse iria escolher ficar com você?

Sua última declaração faz a maldita sensação ruim que eu tanto venho evitando socar a boca do meu estômago. Ela enfia a mão no bolso detrás da calça e tira um pequeno papel de dentro. Não olho para ele ao receber e enfiar no bolso da minha mochila, sem me dar ao trabalho de verificar do que se trata, o que lhe arranca um suspiro exasperado.

— É o endereço da lanchonete perto da minha casa. — Alyssa massageia a têmpora. — Meu pai não aceita garotos em casa.

Rio, passando a língua nos lábios.

— Você faz mesmo o tipo princesinha do papai — debocho, assustando-a ao apanhar meu celular de sua mão. — Os fones.

— Eros...

— Os fones, Alyssa. — Minha voz sai firme e irredutível ao esticar o braço em sua direção.

Ela bufa e arranca os objetos do bolso, colocando na minha palma com toda a raiva armazenada dentro de si.

— Estou ocupado. — Engancho a mochila preta no meu ombro e viro na direção oposta a sua, começando a andar quando ela, outra vez, me interrompe parando à minha frente, espumando pela expressão assustadoramente irada. Conto até dez lentamente. — Alyssa, eu juro que...

— Eu não sei o que fiz para te irritar desse jeito, Russell, mas...

— Não estou irritado com você. Não sinto *nada* em relação a você, pode ter certeza.

A garota fecha as mãos em punho, se contendo para não desferir um soco contra mim. Eu não a culparia se fizesse, mas também não posso evitar me sentir assim.

E é exatamente esse o problema.

Odeio sentir coisas. Odeio que tomem as rédeas das minhas emoções e consigam causar mais do que indiferença da minha parte.

E odeio mais ainda que justamente ela seja a única a conseguir isso.

— Não posso dizer o mesmo. — Ela sorri com a falsidade. — Porque tenho certeza absoluta de que te odeio.

— Ótima observação, espertinha. Mais alguma coisa?

Ela abre a boca para responder no mesmo instante que o sino estridente reverbera por toda a instituição, indicando o começo das aulas até às 14h.

Ótimo, cheguei 25 minutos adiantado e não fiz absolutamente merda nenhuma.

Alyssa Blair é como uma maldita pedra no meu sapato.

Empertigando-se e olhando ao redor, passa as mãos pelos cabelos e dá um passo para trás, parecendo incomodada com algo.

— Estarei lá às 15h, Eros. Deixe seu caráter duvidoso descansando e não me deixe sozinha. — Bufo, entortando a boca. — Podemos seguir pelo caminho mais fácil se quiser, e você sabe exatamente do que eu estou falando.

Claro que sei, porém jogar informações aleatórias minha e vice-versa não está nos planos. Quero dar dois tiros na minúscula partícula que quer saber mais sobre todas as facetas por trás da

garota perfeita, e que está usando esse trabalho apenas como desculpa para conseguir isso.

— Por favor, Eros... Depois você pode voltar para sua vida cheia de mistérios e amargurada, prometo não espalhar as coisas que arrancam um sorriso dessa sua cara. — Ela bate as pestanas várias vezes e meus lábios coçam para o lado.

Ingênua. Uma ingênua persistente pra cacete.

— Você tem uma hora, pequena. E *só*.

Os ombros de Alyssa relaxam, um sorriso vitorioso e ladino decorando seus lábios infernalmente voluptuosos.

— Eu sabia que você não era tão imbatível assim, garoto-francês. — Se distancia, virando para a mesma direção que eu deveria seguir, mas não me movo. — Te espero lá.

E, sem esperar por uma despedida, ela corre em direção à Brooks e a abraça de lado, pegando a cacheada de surpresa.

Luto contra o sorriso que insiste em torcer minha boca, contudo, quando dou por mim, perdido nos passos saltitantes de Alyssa até a sala, como se meu *sim* significasse tudo para ela, me vejo voltando atrás em todas as vezes que jurei já não existir vida na minha alma morta.



Desvio a moto da rota que me levaria até a casa que eu divido com os meus avós e dirijo para uma área menos movimentada de Boston, onde se localiza o galpão que eu e meus amigos costumamos abrir às sextas e sábados para shows não exatamente autorizados. Nossa banda não é muito conhecida, o que aplaca um pouco o medo que sentimentos ao pensar na *The Dragons* indo longe demais e autoridades máximas acabarem descobrindo que nossos shows são liderados por menores de idade e há tudo o que nós *não* deveríamos consumir.

— Olha quem chegou! — Bradley, nosso baterista, grita ao me ver estacionar, chamando atenção da vizinhança toda. — Pensei que o alecrim-dourado não iria mais aparecer.

— Não enche. — Tiro o capacete e o penduro no guidão, arrancando as luvas das minhas mãos ao adentrar o terreno recheado pelos nossos instrumentos, localizado em cima de um palco improvisado.

Ele abre um sorriso enorme, mas não retribuo. Nunca entendi o motivo de Bradley e os outros caras sorrirem tanto por coisas tão banais.

Uma música eletrônica está tocando nos alto-falantes, ecoando pelo território relativamente grande e manchado de rabiscos nas paredes desgastadas.

— O Jae está testando as músicas lá no *mixer* — Bradley diz, apontando com o queixo para o garoto de ascendência coreana no palco, ajustando as batidas enquanto escuta pelo fone de um lado.

Jae Dener, nosso cantor de cabelos azuis e sorriso de arrebatar corações, tem múltiplas funções. Acontece que ainda não temos muitas pessoas para ocuparem todos os cargos que uma banda exige, então, nas horas vagas, ele também age como um *DJ*.

— Tudo pronto pra hoje? — quero saber, sem querer visualizando as mãos negras de Bradley cobertas de bolhas pelas horas que ele deve ter passado praticando. Ele assente, me impelindo a prosseguir: — Ótimo. Tenho compromisso mais tarde e…

— Eros Russell com compromissos? — o idiota praticamente berra, cutucando minha costela com um braço e recebendo um soco no mesmo. — Vai me dizer que o maior pegador que toda a Boston já viu teve o coração fisgado?

Ignoro sua piada com uma careta desgostosa, mas ele não se abala pela minha recusa à sua provocação. Bradley é um verdadeiro pé no saco, o típico cara que faz amizade com facilidade e ri até do vento soprando na direção errada. Nos conhecemos há dois anos, quando Bradley divulgou alguns cartazes na cidade à procura de um guitarrista para a *The Dragons* que, na época, ainda nem havia sido formada.

Ele ignorou todos os meus conceitos de “espaço pessoal” assim que toquei os pés no ambiente que ainda continha um amontoado de lixos e plantas o rodeando. Escandaloso, risonho, não sabia a

hora de se calar e elétrico, eu sabia que não conseguiria me livrar dele nem se eu quisesse. Bradley estava empenhado em ser meu amigo, e mesmo que eu nunca tenha verbalizado ou demonstrado o suficiente, acho que gosto dele.

Pra cacete.

Alguns meses mais tarde, Jae Dener e Fox Vinci entraram para a banda, formando o vocalista e o baixista, respectivamente.

Formar amizade com os caras foi mais difícil do que pensei que seria. Ao contrário deles, eu não sou expressivo nem curto falar da minha vida para ninguém, o que abre uma cratera enorme e intransponível entre nós. Não ligo para eles quando a escuridão me atormenta, não conto minhas conquistas e nem o que injeta uma dose de adrenalina diferente nas minhas veias. Quem dirá dar conselhos ou dizer algo para animá-los.

Sou um amigo de merda, eu sei, e não faço a mínima ideia do porquê mesmo depois de todos os momentos que fui insensível e um completo babaca, ainda continuam insistindo em me ter por perto.

— Já falei que você é um idiota? — Bufo e arregaço as mangas, resistindo ao impulso de tirar minha camiseta, e desfaço o coque frouxo no meu cabelo só para realizar outro mais firme.

— Todos os dias, garotão. Mas não tem problema, já me acostumei. — Lança uma falsa piscadela para mim. Reviro os olhos e abano meu pescoço, observando Jae dar os últimos ajustes e descer do palco, entrando na sala que contém nossas tralhas sem falar conosco.

Julho é minha época menos favorita do ano. O calor que chega aos 28°C é um castigo para os habitantes que detestam a sensação da roupa grudando no seu corpo e a pele constantemente suada. E é com essa constatação, quando uma película de suor estressante se forma e escorrega por minha têmpora, que pigarreio e largo a mochila ao pé da parede, apanhando minhas roupas adicionais que sempre estão comigo, e dou um breve aceno para Fox, que acaba de passar pelo portão aberto, agitado, provavelmente ansioso pelo show de hoje à noite. Me encaminho para os banheiros ao fundo do

galpão, tentando trancar a porta até que, como um tolo, percebo que a fechadura está quebrada.

Nesse momento quero muito arrancar todos os cabelos da minha cabeça e depois socar a cara do desgraçado que não sabe medir a própria força.

— *QUEM FOI O IDIOTA QUE QUEBROU ESSA PORTA?* — grito, soltando um grunhido raivoso.

Não recebo resposta, o que só aumenta a minha raiva. Tento repassar os momentos dos dias anteriores, lembrando perfeitamente que a fechadura estava em ótimo estado ontem à tarde até…

Eu vou matá-lo.

— *EU JURO, BRADLEY, QUE SE VOCÊ INVENTAR MAIS UMA VEZ DE SAIR QUEBRANDO TUDO QUANDO ESTIVER COM ALGUMA GAROTA AQUI, NÃO VOU RESPONDER POR MINHAS AÇÕES* — ameaço, tirando um rodo do seu lugar habitual e o enfiando debaixo da maçaneta. — *VOCÊ ME OUVIU?*

— *OUVI I-H* grita de volta, mas pelo tom cheio de escárnio, não é preciso conhecê-lo há eras para saber que não me levou a sério em nenhuma palavra.

— *Connard* — chio, pendurando minhas roupas limpas no gancho, arrancando minha camiseta e calça, e acomodando-as no fundo da mochila.

Tomo um banho rápido, com o pensamento constantemente voltado para a única pessoa que não deveria, em hipótese alguma, estar ocupando esse lado do meu cérebro. Não faço ideia do porquê aceitei encontrá-la na cafeteira, nem do porquê me importo com o que ela vai achar ou não se eu não comparecer.

Confusão é um dos sentimentos que verdadeiramente mais repudio. Gosto de estar no controle, de saber exatamente o que devo fazer ou o que *não* fazer. Mas parece que, quando se trata de Alyssa e sua insistência irritante, resolvo desprezar o quão metódico sou ao atender seus pedidos.

Gemo de gratidão quando a água fria entra em contato com minha derme. Nossa falta de verbas nunca nos permitiu instalar um aquecedor, o que para nós, é uma desgraça nos primeiros e últimos

meses do ano, quando a temperatura cai para -0°C e somos obrigados a congelar. Entretanto, em momentos como esse, é bom saber que nossa única opção é um chuveiro que despeja água direto da Antártida.

Enxugo meu corpo com a toalha e os cabelos úmidos, vestindo uma regata preta que exibe todas as minhas tatuagens que correm até os ombros e uma bermuda moletom. Tirando o rodo debaixo da maçaneta ao abrir a porta, jogo a toalha por cima do ombro juntamente com a mochila, a fim de estender o tecido felpudo no pequeno varal na parte de trás do terreno.

Voltando para onde os caras estão, encontro todos reunidos na garagem. Jae está ao telefone, conversando com o homem responsável pelas bebidas; Fox, subindo em apoios improvisados para colar decorações mais improvisadas ainda no teto e nas paredes; e, por último, Bradley, sentado enquanto usa as baquetas para treinar as batidas, emitindo um som estrondoso no ambiente. Fecho a cara e me aproximo dele.

— Você vai acabar estourando sua mão se não parar com isso, Bradley — repreendo, com uma fagulha de preocupação pelas bolhas recém-formadas lhe machucando.

Ele me olha surpreso e dá de ombros.

— Não quero que nada dê errado. — Faz menção de continuar, mas tomo as baquetas de suas mãos. — Ah, qual é, Eros?!

— Você passou a manhã toda nisso. À noite ficará inválido se não parar.

O garoto revira os olhos, claramente insatisfeito, porém não insiste mais, pois sabe que nada me faz voltar atrás quando tomo uma decisão. Com um olhar curioso e tipicamente preocupado ao analisar minhas feições, que finjo não ver, finalmente abre a boca.

— Você tá bem, cara?

Cerro os dentes. Não gosto quando Bradley faz esse tipo de perguntas, como se meus esforços para esconder meus sentimentos não passassem de tralhas inválidas.

— Por que eu não estaria? — Sou propositalmente rude, para que Bradley entenda, de uma vez por todas, que sua preocupação me incomoda.

Ele me olha com um misto de pena e compreensão. Meu sangue ferve.

— Eros… — Ele suspira e balança a cabeça. — Eu sei que você é todo sério e fechado assim sempre, mas… cara, somos seus amigos, sabe? Ficamos preocupados quando você se fecha no seu próprio mundo e não deixa ninguém entrar. Ninguém é naturalmente recluso. Sabemos que algo aconteceu com você e…

— Acho melhor você continuar praticando — não o deixo terminar e retiro as baquetas do meu bolso, jogando em cima do surdo. — O refrão de *People* está um pouco fora do tom. — Bradley solta o ar pelo nariz, derrotado, e olho para o relógio. — Vou sair, mais tarde volto.

Engulo em seco e sem me despedir de nenhum deles, cruzo o portão, disparando em direção à moto e cubro a cabeça com o capacete, dando partida pelas ruas íngremes do bairro.

Há uma coisa que Bradley não sabe: no mundo, existem dois tipos de pessoas após o luto. As que continuam com coração aberto para as pequenas coisas da vida, carrega um alto-astral de invejar e sempre busca aconselhar outros que passam pela mesma situação com palavras bonitas e encorajadoras; e aquelas em que as pessoas se fecham para o mundo, perdem a cor, o sentido e toda a beleza que a vida costumava ter e que são incapazes de criar laços com os que tentam, de alguma forma, te ajudar.

Não tive a primeira alternativa como opção, e nem sei se, se eu tivesse, a escolheria.



Estaciono em frente à Cafeteria Johansson's, localizado perto do galpão. Não devo ter levado nem dez minutos para chegar.

Nunca estive aqui antes, porém não é nada diferente das outras cafeterias que já entrei. Paredes brancas, quadros com mensagens motivacionais e trocadilhos referentes aos lanches e mesinhas com cadeiras acolchoadas. Assim que adentro, me espanto ao encontrar

Alyssa já sentada em uma das mesas ao fundo, trajando uma blusa de mangas que vão até os pulsos e uma calça.

Nesse calor?

Finjo olhar para o relógio de parede e me aproximo, ganhando sua atenção. Arrasto a cadeira para trás e me jogo nela, assumindo uma postura desleixada.

— Ainda faltam 15 minutos — observo, passando a língua no lábio inferior e repuxando os lábios em um sorriso travesso. — Veio mais cedo para poder me xingar e dizer que te deixei esperando?

Alyssa me lança um olhar tão desprezível e maçante que eu com certeza me sentiria ofendido se não estivesse lhe encarando com o mesmo semblante entediado.

Ela solta um riso anasalado.

— Por incrível que pareça, o mundo não gira em torno de você. — Ela pega o cardápio e abre um sorriso ao avistar o garçom se aproximando. — Uma torta de chocolate, por favor. E você? — Se vira para mim.

— Um café puro, por favor — peço e o homem anota, se distanciando. Alyssa me fita como se eu tivesse três cabeças. — Eu sei ser educado quando a situação pede.

A loira torce o nariz e retira um papel e uma caneta de dentro da bolsa pequena que trouxe. Faço o mesmo, a diferença é que minha ficha não está tão lisa e sem amassos quanto a dela. Tamborilando a ponta da caneta no papel, ela faz um bico inconsciente com os lábios.

— Por onde começamos?

— Qual é a da sua roupa? — questiono, apontando para as suas vestimentas, pegando-a desprevenida.

Inicialmente confusa, logo entende o que estou insinuando. Tranco o maxilar quando ela se encolhe quase imperceptivelmente e tenho que me segurar muito para mandá-la não fazer isso.

— Hum... Nada? Só não gosto de me expor.

— Você sempre usa blusas de mangas compridas — observo, incomodado com a sombra de um sentimento diferente que cruza suas írises.

— Há algum problema com as roupas que uso?

— Não me parece ser só um gosto pessoal.

Alyssa esfrega o braço, como se de repente estivéssemos dentro de um cubículo onde ela almeja desesperadamente sair. Toquei no seu ponto fraco, tenho noção disso, só não sei o por quê.

— Você não me conhece — rosna, com as írises flamejando.

Dou risada da sua hipocrisia, tirando um dos anéis do meu dedo e brincando com ele despreocupadamente.

— E não é essa a razão de estarmos aqui, pequena? — provoco, deitando a cabeça para o lado.

Ela se empertiga.

— Seu nome completo.

— É sério, Al…

— Seu nome completo, *Eros*. — O tom rígido de sua voz me faz entrar em alerta. — Não me faça repetir.

Fico tenso, varrendo os olhos por toda a extensão do seu rosto sério e impassível, parando dentro dos seus globos — tão brilhantes mas ao mesmo tempo tão opacos. Ninguém nunca falou assim comigo, e tenho de assumir a postura arrogante de novo para não demonstrar minha surpresa com isso.

— Eros Durand Russell — murmuro.

Ela desliza a caneta preta pelas primeiras linhas, anotando.

— Alyssa Coleman Blair. — Sem muita vontade, faço o mesmo que ela. — Idade e aniversário.

I sso é a porra de uma entrevista de emprego?

— 18 anos e faço dia 20 de setembro — respondo, agradecendo aos céus pela chegada da minha bebida. Agradecemos e começamos a comer (ou, no meu caso, beber).

— 17. 27 de março. — Alyssa deixa a caneta um pouco de lado para dar atenção especial à torta pequena, seus olhos discretamente ondulando conforme se perdem nos desenhos em meus braços, passando para o outro.

Percebo quando ela dá uma atenção em especial para a pequena frase que tenho tatuado no ombro.

— Gostando da visão? — resolvo implicar, vendo-a rapidamente se recompor. — Não precisa ficar assim, Blair. Gosto de saber que tem interesse por alguma parte do meu corpo.

Contrariada, parte sua torta com o garfo e põe na boca, me estudando com as pestanas semicerradas.

— Há algum motivo para ter feito ela?

Não preciso olhar para onde seus orbes encaram com tanta curiosidade para saber do que está falando.

O inf erno são os outros, de Sartre.

Dou de ombros, dando uma golada no café.

— Não é verdade? Vivemos num mundo onde estamos constantemente nos comparando com outras pessoas e desejando ser como elas. Onde, com a convivência, descobrimo-nos pelos olhares de outras pessoas e tomamos a noção de que não somos tão bons assim — pondero, cruzando os braços, observando Alyssa ficar agitada. — Somos rotulados dia e noite de algo que não somos e obrigados a ser aquilo que não queremos, aprisionados no casulo feito pelas mãos de outros, que nos impedem de criar asas e voar. — Rio, estalando a língua no céu da boca. — Somos livres para construir nossa própria essência, Alyssa, mas isso ironicamente afeta a liberdade alheia, aniquilando-a e nos enclausurando numa solidão sombria.

A loira pisca várias vezes, como se estivesse sofrendo espasmos causados pelo meu monólogo e estivesse tentando se recuperar.

Mais uma vez, sei que toquei em algum ponto sensível de sua vida. Não houve um só momento entre minhas palavras que não reparei na sua respiração perdendo o ritmo ou nos seus olhares desconfortáveis.

Me incomoda mais ainda saber que lhe afetei de maneira negativa, droga.

— Uau — ela sopra, afetada, terminando de comer a sobremesa e afastando o prato. — Já passou por algo do tipo?

— A sociedade adora pôr rótulos nas pessoas — é tudo o que respondo, bebericando o líquido amargo. — Mais alguma coisa?

Decidindo deixar o assunto de lado, pega sua ficha e começa a ler as perguntas iniciais.

— De onde você vem? — Apoia o queixo na mão.

Abro um sorrisinho condescendente.

— Nenhum palpite, gata?

Ela bufa, rolando os olhos.

— De qual cidade da França?

— *Bayonne*, uma cidade pequena e pouco conhecida — respondo.

— Hum… — murmura, rabiscando na folha. — Quando veio para os Estados Unidos?

Minha garganta oscila.

— Aos 13, com os meus… pais — sussurro a última parte, subitamente agitado.

A menção honrosa aos meus pais ilumina seu rosto. O que ela achava? Que vim ao mundo através de uma cegonha?

— Ah, legal! — comemora, mordendo os lábios. — E os seus pais? Moram com você?

Se não estivessem mortos? Talvez.

— Não.

Ela não se contenta com a curta resposta, franzindo o nariz.

— Sério? Qual é o nome deles? Onde eles vivem? Vocês mantêm…

— Já terminamos aqui, hum? — pergunto, me ajeitando na cadeira. Estamos nos aproximando mais do que eu permito da minha vida. Apanho o papel com inúmeros questionamentos idiotas voltados para o parceiro e resolvo ler um: —*Hobbies* favoritos?

Alyssa se espanta pela iniciativa e se recosta no assento, os olhos quase arregalados e uma admiração dançando neles.

— Gosto de ler. — Mirando-a sobre a folha, dou risada. — O que foi?

— Nada. — Nego com a cabeça. — É só que *gostar de ler* é exatamente o tipo de coisa que eu esperava vindo de você.

Ela ignora minha provocação.

— Me vejo constantemente desejando sumir desse mundo e ser transportada para um melhor e mais bonito. Me desculpe se “gostar de ler” foi a única forma que encontrei para fazer isso pelo menos por algumas horas.

Sinto uma ponta de arrependimento por ter dito o que disse, mas não transpareço. Embora isso, Alyssa percebe e sorri, como se

para garantir que não há nada de muito importante no que falou. Ainda assim, ainda há uma tristeza contida na forma que seus lábios cheios se curvam para cima. Não é de agora que percebo que ela sofre de algum tipo de dor que a consome da mesma forma que a minha solidão acaba comigo.

— E por que você quer sumir? — Minha voz sai baixa, cautelosa, ao mesmo tempo que fria e sem emoção.

— Vejo que seus dedos estão cheios de calos — ela despreza minha pergunta e finge que não a abalou, indicando as pontas rachadas dos meus dedos. — O que é isso?

Com um suspiro insatisfeito, tamborilo meus dedos na mesa, considerando sua pergunta insignificante.

— Toco guitarra — digo. — Perdi a sensibilidade deles nos primeiros meses depois de começar a treinar.

A garota ergue as sobrancelhas, interessada.

— Algo oficial ou só por diversão?

— Um pouco dos dois. Faço parte de uma banda chamada *The Dragons,* mas ainda não é nada realmente sério. Tocamos para quem gosta de ouvir nossos sons aos fins de semana.

Alyssa assente, pegando a caneta e copiando a recente informação. Faço o mesmo.

— Nunca ouvi falar — comenta, olhando a data no calendário atrás de mim. — Terá show hoje?

Confirmo com um menear de cabeça.

— Sim, mas não acho que seja um local apropriado para garotas como você.

— Garotas como eu?

— É. Que vivem debaixo das asas do papai e essas coisas. — Gesticulo com as mãos.

Ela ri.

— Aonde será?

Encrespo a testa.

— Você não vai.

— Você não manda em mim. — Sorri cinicamente. — Vai, fala logo. Aonde é isso?

Nunca precisei contar até dez tantas vezes em uma única semana.

— Alyssa, esse lugar não é pra você. Estou falando sério, não…

— Não é você quem decide que lugar é pra mim ou não, Eros. — Se levanta, rangendo a cadeira no chão com brutalidade ao fazê-lo e atraindo a atenção momentaneamente de todos para si. — Nosso tempo acabou. Vou descobrir sobre suas festinhas clandestinas, você querendo ou não.

Saco de garota abusada.

Levanto também e jogo uma nota de vinte na mesa, travando a mandíbula diante de sua prepotência.

— Tenta a sorte, pequena. Como eu disse, somos uma banda pequena, duvido que irá encontrar alguma coisa. — Ela dá de ombros, mas antes que diga algo, sou mais rápido. — Precisa de carona?

Alyssa me lança um olhar de "mesmo se eu não tivesse, jamais aceitaria carona vinda de você" e faz que não, apontando com o queixo para sua bicicleta do lado de fora do estabelecimento.

— Beleza, então. — Uno dos dois dedos e me despeço. — Não quero ver você lá.

— Lá onde?

— No… — começo a responder, porém paro quando percebo que é uma armadilha. — Muito esperta, mas não foi dessa vez.

Ela pende os ombros de forma dramática, e sem deixar que veja o lampejo de como me afeta no meu rosto, disparo até a moto e dou partida, não dando tempo aos meus pensamentos para pensar nela, focando-os na estrada cheia de pedregulhos.

Ao chegar no galpão, estou agitado de um jeito que há muito tempo não acontecia, incomodado com o rosto de Alyssa que não some de jeito nenhum da minha mente. Cada pequeno sorriso irônico e cada olhar carregado de uma profundeza de sentimentos.

— Preciso de sexo. — É a primeira coisa que digo ao encontrar Fox sentado na beirada do palco.

Fox me lança um sorriso malicioso e confuso, como se não soubesse o que responder.

Porra, por que essa garota está me af etandotanto ao ponto de me f azer f alar isso em voz alta?

— Eu sabia que algo estava errado com você. Agora entendo o motivo. — Finge refletir. — Tá há quanto sem fazer? Só para saber se minhas contas batem…

Tenho uma sincera vontade de gargalhar ao perceber que quase abro a boca para responder, mas a vontade logo passa e rapidamente ponho minha carranca.

— Não te interessa.

— Mas…

Não deixo que termine, vou para o camarim ridiculamente improvisado e começo a organizar tudo para o show que acontecerá em poucas horas. Tento me convencer de que não estou fazendo isso — me ocupando com coisas desnecessárias — apenas para ter algo em que pensar que não seja Alyssa.



— Preparado? — Jae me questiona enquanto nos conduzimos para a plataforma.

— Uhum. — Passo as cordas da guitarra em torno do meu pescoço, capturando uma garrafa d'água ao lado da pequena escada que permite acesso ao palco e dando um gole generoso.

Bradley e Fox sobem na plataforma pelo outro lado e, quando todos os quatros integrantes da *The Dragons* estão acima, à vista de todos, barulhos de aplausos e gritos reverberam pelo ambiente. Só então me permito levantar os olhos.

Jae se posiciona atrás do *mixer* e configura o laptop. O microfone já está ao seu lado e uma ponta fatídica cria raízes em meu peito ao vê-lo sobrecarregado com as duas partes mais importantes da banda. Bradley, com um sorriso estampado no rosto ao escutar a multidão toda eufórica, gira as baquetas por entres os dedos e as bate em um dos pratos, dando sinal para começarmos.

Os olhares, que antes nos cercavam, já não estão sobre nós. Levados pelas batidas vibrantes e a música envolvente, alguns

dançam e cantam; outros, porém, estão ocupados se banhando com a cerveja como se fosse água e passando dos flertes para os beijos entre si. Passo os orbes no lugar, encontrando alguns se drogando às escondidas e a venda descarada de ilícitos.

É por esse e outros motivos que a polícia não pode nem sonhar que esse ponto existe.

Deslizo os dedos sobre o teclado, me enchendo de eletricidade e dando vida ao que nasci para fazer. O galpão é inundado de luzes coloridas, que passeiam pelas paredes, tetos e pela multidão. Fox solta um grito alto, pulando pelo palco enquanto executa seu ritmo no baixo, acompanhando a galera na loucura que é isso tudo.

Bombardeio-os com uma batida grave e forte. Corpos se chocam uns nos outros conforme se locomovem. Conforme pulam, dançam, bebem, fumam e se beijam ali mesmo, no meio de todos. Me perco em tudo isso. Não ligo para o que é certo e errado, não ligo para as consequências do dia seguinte e da ressaca matadora que cada um irá ganhar após sair daqui. Como sempre acontece, quando estou no meio disso e sou o motivo de tantas emoções e falsa alegria, mesmo que por pouco tempo, me transporto para longe. Me transporto para longe da obscuridade que é minha alma e minha mente e esqueço dos problemas que me consomem.

Fecho os olhos, meus ossos vibrando com a voz grave de Jae Dener, com os estampidos da bateria de Bradley. O som navega por meus ouvidos e se injeta diretamente no meu sangue.

Quando a música acaba e há a pausa para podermos nos hidratar com a água e tequila dispostas para nós, paramos de tocar e somos reverenciados com palmas e gritos. Estou ofegante, meus cabelos molhados caindo na minha testa suada. Sigo com o olhar o casal que acaba de passar pelo portão às pressas, provavelmente não aguentando a excitação acumulada, e meus olhos pairam sobre uma cabeleira loira que acaba de passar por eles e adentra o galpão. Ela parece deslocada, mirando o casal se pegando ao seu lado e encolhendo os ombros.

Mas é só quando ela eleva o rosto e me dá a visão perfeita de suas íris amarelas e do seu semblante receoso e assustado que me dou conta de quem se trata.

Porra, a garota teimosa e prepotente está mesmo no lugar que eu avisei para não estar.

Recupero-me do baque inicial, colocando na minha cabeça a todo custo que as guinadas que meu coração dá não têm nada a ver com a dona da face mais angelical em que já pus os olhos.

05

Alyssa Blair

Meus pais vivem brigando.

Hoje, porém, parece pior do que todas as outras vezes. Eles sempre conseguem se superar, aliás.

E é só por essa razão que estou me arrumando para ir ao encontro de Eros e sua banda clandestina.

Não são brigas que envolvem meu pai bêbado ou agressões físicas, mas brigas geradas por motivos bobos, que vão desde um prato sujo na pia até algum problema familiar. Gritos, xingamentos, dias sem se falar e companheirismo zero, como se a mera presença do outro já fosse o suficiente para se iniciar uma guerra e me deixar no meio de um fogo cruzado.

Me olho no espelho pequeno, que só me dá a imagem do meu rosto, e tento ignorar os ruídos raivosos do lado de fora. Meu coração dói dentro do peito porque essa não é exatamente o tipo de vida que desejo para meus pais. Capturo um batom nude na minha penteadeira e cubro meus lábios com a cor, dando um sorriso sem vida para meu reflexo ao escutar o som de algo se quebrando.

Não creio que eles saibam o quanto suas destilações de ódio me afetam.

Faz um tempo que não dou continuidade à história que estou escrevendo, um romance universitário que há tempos sonho em dar vida e espalhar para o mundo todo. Desde que as discussões se tornaram cada vez mais intensas, se misturando aos meus problemas pessoais, não tenho encontrado ânimo nem vontade de me sentar em frente ao laptop e começar a escrever. O peso da minha mente se filtra em meu corpo, alagando minha alma de uma sensação ruim. As veias do meu braço doem devido as pontadas como agulhas em meu peito. Não sei que tipo de reação é essa, mas vem se tornando algo comum.

Respiro fundo e me levanto, vacilante, penteando meus fios loiros novamente para aliviar a tensão e a vontade de vomitar com tantos acontecimentos de uma só vez.

Depois da minha conversa com Eros e dar a entender que iria comparecer ao show, eu realmente estava a fim e curiosa para conhecer o tal lugar. O problema é que evito pessoas o máximo que posso, o máximo que consigo, então depressa parei de pensar nisso — até havia escolhido um filme para passar a noite! Infelizmente, hoje é um daqueles dias ruins entre meus pais, e não... não quero ficar aqui.

Foi fácil descobrir o lugar que a *The Dragons* escolheu para compartilhar sua música elétrica — segundo alguns vídeos que vi. Tipo, *f ácilmesmo*. Apenas fui atrás do *I nstagram*aberto, mas sem nenhuma foto, de Eros, para, depois, ir atrás do *user* da banda. *Voilà*! Lá estava a conta com dez mil seguidores que ostentava o cartaz com os integrantes, os horários e os dias.

Eros é esperto em sua maioria, mas não tanto quanto eu costumo ser.

Confiro minha roupa no espelho maior — uma blusa de mangas até um pouco abaixo do cotovelo, short-saia e um tênis preto — e resisto à vontade de fazer uma careta, nada satisfeita com o resultado, querendo abrir o berreiro ao minuciar cada parte do meu corpo e suas imperfeições.

Engolindo o choro, giro a maçaneta, abro a porta, desligo a luz e passo para o lado de fora, onde encontro meus pais vermelhos de tanto trocarem farpas na sala. Eles não percebem a minha presença, mesmo quando paro na frente de ambos.

— Oi, hum... — Limpo a garganta, tentando atrair a atenção deles, mas sem êxito. — Eu vou sair e...

— *Nunca mais me trate dessa f orma,Ana. Nunca mais!* — meu pai rosna, apontando o dedo para a cara da minha mãe.

Abro a boca mais uma vez, contudo sou outra vez interrompida por ela:

— Eu estou cansada disso, Joseph. *Cansada*. Não aguento mais essa sua indiferença comigo. Eu não te fiz nada! — Eleva o tom.

Também estou cansada, mãe. Não sabe o quanto.

— Bom, eu... — tento novamente, esfregando o braço. — Vou sair agora e...

Meu pai faz menção de se virar para mim, porém desiste quando Ana fala algo que o deixa mais furioso. Não presto atenção suficiente para saber o que é, porque, além dele, eu também desisto.

Passo por eles, pego a cópia da minha chave no molho e saio, os pelinhos da minha pele se arrepiando com o vento gelado. Sem dinheiro, caminho até minha bicicleta velha e monto-a, fazendo uma breve oração para Deus e partindo pela estrada.

Não somos cristãos ou coisa do tipo — acho que Deus não se orgulharia da nossa família caso fôssemos —, mas sempre achei conforto em ler a Bíblia antes de dormir e falar com Deus durante o dia. Não sei se Ele me escuta, então deixo que a paz que sempre me abranda após o término de uma oração falar por si só.

Cerca de vinte minutos depois, exausta, não demoro a reconhecer o terreno baldio, assustadoramente afastado das casas e da cidade. De longe, é possível escutar os barulhos de música alta e os feixes coloridos de luz — sem contar as pessoas que se amontoam ao redor do galpão, erguendo as mãos para cima, que estão, na sua maioria, ocupadas por garrafas de bebida e dançando feito loucos.

Não pertenço a esse ambiente, é o que penso assim que passo pelo portão e já tenho encontrado, no mínimo, cinco casais se pegando como se não houvesse amanhã.

Me encolho um pouco, odiando a pressão infernal que o ambiente parece pôr nos meus olhos para abaixá-los até os corpos curvilíneos de todas as garotas e a atenção que elas atraem de quem quer que esteja ali. E então, sem conseguir contar, olho para mim mesma, meu rosto ardendo com as recentes lágrimas que se formam e teimam em cair.

I diota, idiota, idiota. Ninguém nunca vai te olhar dessa f orma. Nunca vão te desejar do modo como estão desejando essas mulheres.

Balanço as cabeças tantas vezes para calar as vozes que a rondam que, quando paro para evitar um torcicolo, percebo que a multidão se parece um pouco menos agitada. Busco entender o porquê no exato momento em que uma voz melodiosa inunda as caixas de sons.

— Daremos uma pausa de cinco minutos para nos hidratarmos — anuncia. — Mas não desanimem. *O show está longe de acabar!* — grita tão alto que me sobressalto, sendo esmagada pelas pessoas que vibram em resposta.

Me permito dar uma olhada no espaço ao redor, notando que o ambiente, embora precise de alguns cuidados adicionais, como as paredes rachadas, é um lugar legal e harmônico, bem a cara deles. Há pichações propositais (eu presumo) e CD's pendendo do teto. Um pouco ao lado, há uma bancada cheia de bebidas alcoólicas e alguns maços usados de cigarros. Meu estômago revira pelo odor nauseante.

— Ai. Minha. Nossa! — uma mulher, de fala embolada e passos cambaleantes, se esgoela. — Vocês viram aquele guitarrista? Ele é tãããão gato!

Finjo não me importar com a menção ao guitarrista, mas quando dou por mim, me distancio um pouquinho da mulher bêbada e, timidamente, ergo meu rosto para o palco, piscando para me acostumar com as luzes que insistem em focar diretamente na minha cara.

E, céus, lá está Eros Russell em toda a sua glória.

Ele está ofegante, o peito subindo e descendo rapidamente. A blusa branca e folgada está ensopada de suor, assim como seu pescoço e rosto. Sinto um calafrio nada bem-vindo subir por minha coluna quando suas írises castanhas se chocam com as minhas.

À primeiro instante, ele parece surpreso, como se eu fosse uma alucinação — até o flagro cerrando as pálpebras. Porém, ao perceber que sou real e que desrespeitei a sua "ordem", suas feições são substituídas por fúria e uma descrença inquietante. E é exatamente esse sentimento que o faz descer às pressas do palco e vir, a passos irados, até mim.

Algumas pessoas tentam se esfregar nele e flertar, mas são totalmente ignorados, pois Eros não desvia os olhos de mim sequer uma vez — e eu também não, mesmo que todo o meu corpo trema em resposta.

— *Quel est ton problème?* — praticamente grita ao se aproximar o suficiente para que eu perceba o quanto é alto. — *J'et' avais dit de ne pas venir, merde! Pourquoi es-tu si irritable?*[1]

Certo, estou ciente da sua clara irritação, mas não consigo deixar de achar adorável a maneira que, aparentemente, sempre troca sua língua atual pela materna quando está irritado.

Oh, Eros, mais uma inf ormação sua para a minha lista que acaba de completar 1 linha!

Pigarreando, brinco com o colar no meu pescoço.

— Hum... Será necessário que eu faça um curso de francês para poder dialogar com você durante uma discussão? — Arrisco um sorriso amarelo, notando seu semblante se tornar ainda mais brutal. — É, acho que sim.

Feito de cólera, Russell passa a mão no cabelo, afrouxando, sem querer, seu coque. Prendo um risinho pela bagunça que se forma.

Eros passa os orbes por cima da galera distraída, me surpreendendo ao agarrar meu pulso com suas mãos grandes. O grito se fecha em minha garganta enquanto sou arrastada para fora, desviando de um par de gente. Seguro o impulso de atingir sua

genitália com meu joelho, com a bizarra certeza de que, independente do que vá dizer ou fazer, não irá me fazer mal. Eu espero.

Mas isso não quer dizer que me sinto confortável com seus dedos em torno justo da parte mais fina do meu braço. Me traz sensações ruins, como se a qualquer momento ele fosse reparar que sua mão conseguiria abarcar três dos meu pulso.

— Eros... — chamo-o baixinho assim que chegamos à rua vazia, com apenas alguns carros encostados nas calçadas. — Me solta.

Não é preciso um segundo aviso, pois logo que se vira para me encarar, observa atento o desconforto que molda minhas feições e a inquietação que percorre meus membros. Hesitante, solta um suspiro e se desvencilha do toque com uma delicadeza atípica dele.

— Obrigada — agradeço, mantendo o tom pacífico e recolhendo minha mão.

O francês esfrega o rosto, ainda chateado, e olha para o relógio preto que adorna seu pulso.

— Merda, Alyssa, o que você faz aqui a essa hora?

Coço a nuca e dou de ombros.

— Que eu saiba, é a hora que o show começa, então...

— Você sabe o que eu estou querendo dizer — me interrompe, sua fisionomia exacerbada. — Eu te disse para não vir.

— Não lembro de ter assinado nenhum contrato que me impede de desobedecer suas *ordens* — desdenho.

Ele ri, massageando a ponte do nariz para não surtar.

— Alyssa... — Meu nome soa como uma súplica. — Esse lugar não é pra você.

— Por que não? — Dou um passo em sua direção, impressionada comigo mesma por não ter titubeado.

— Por que não, caralho! — ladra, e tenho a impressão de que sua respiração está alterada ao fixar os olhos intensos e ao mesmo tempo tão assustadores nos meus. — Eu vi como se comportou desde que chegou. Agitada, constantemente coçando o braço e franzindo a cara quando algum bêbado chegava perto de você ou quando se deparava com a falta de pudor de algum casal ao seu lado. Parabéns, você descobriu onde a *The Dragons* se reúne, mas

é *só.* Vou te levar pra casa e não quero mais saber da sua presença nesse lugar.

Minha garganta seca pelo peso da verdade esmagado por entre cada palavra. Aturdida, quebro nosso contato visual e o direciono para os meus pés, sem saber o que fazer. Penso em dizer que já sou grandinha e que sei bem o que é melhor para mim ou não, mas, de novo, seu timbre açoita meus ouvidos.

— Levante a cabeça, Alyssa. Não me trate como alguém superior. Odeio quando faz isso.

Furiosa, inclino o rosto para cima, fechando os punhos, odiando cada sensação esquisita que esse cara, que nem fazia parte da minha vida há poucos dias, me causa.

— Não sou nenhuma garotinha indefesa, Russell.

Ele me lança um sorriso significativo.

— Ah, pequena... Eu sei que não. — Mexe no bolso traseiro da sua calça. — Assim como eu não sou nenhum inconsequente que irá permitir que fique aqui.

Assim que reconheço o objeto que apanha — uma chave, que com certeza pertence à sua moto —, reprimo o desejo de incorporar Brooks e dar um chute certeiro em suas bolas. Russell, sem esperar por uma confirmação minha, se dirige ao automóvel. Com passadas largas, alcanço-o e puxo-o pelo braço.

— Não vou aceitar carona sua.

— Ainda bem que não lhe dei o benefício de escolha. — Ele monta no veículo, pegando o capacete no guidão e entregando a mim. — Vamos, suba. — Não me movo, olhando para o garoto com a maior cara de desaprovação que existe. — São quase meia-noite, Alyssa. Você. Não. Vai. Sozinha.

Reviro os olhos e desisto de tentar argumentar, porque sei que nada irá fazê-lo mudar de ideia, e indico minha bicicleta caída na calçada com o dedo.

— Vim nela — aviso, suspirando. — Não dá pra levá-la na sua moto. — Eros assume um semblante pensativo, as engrenagens do seu cérebro trabalhando a todo o vapor enquanto olha para ela. — É melhor eu ir embora sozi...

Dessa vez, ele não diz nada, mas obrigo minha matraca a se manter fechada quando Eros pega seu celular e começa a digitar. Negando com a cabeça e visualizando a contagem regressiva para o show recomeçar, ele para de digitar e desliza a bolinha do áudio para cima.

— *Bradley, apareceu um imprevisto e terei que ir embora. O Samuel tá por aí , ele treinou todas as músicas. Chame ele e continuem sem mim*. — Grava e manda.

Eros sai de cima da moto, pega a minha bicicleta e vai até um carro marrom e alto — um Jeep —, pondo-a no suporte presente atrás do veículo, feita especialmente para locomover bicicletas. Sacando outra chave do bolso, destrava o Jeep.

— Esse carro é seu? — pergunto, abrindo a porta do passageiro e entrando.

Russell dá a volta e se senta ao meu lado, enfiando a chave na ignição e colocando o cinto.

— Não, é do Bradley — responde, apertando o acelerador.

Como não encontro nenhum indício de deboche na sua frase, prossigo:

— E como tem a chave?

— Minha moto costumava dar problema sempre que eu vinha pra cá. Então ele, na sua eterna humildade, fez uma cópia da chave dele e me entregou. Costumo avisá-lo sempre que vou usar, mas a situação de hoje é diferente. Peço desculpas depois.

— Hum... — murmuro, lembrando de pôr o cinto quando quase voo para frente ao passarmos por uma lombada. — Esse seu sumiço não vai prejudicar você ou a banda?

Eros faz que não, usando apenas um braço para girar o volante para a esquerda, com a outra mão ocupada ao passar a marcha.

— Não é a primeira vez que isso acontece, já deixei um cara para me substituir sempre que essas coisas ocorrem — explica, ajeitando o piercing no nariz.

Quero indagar sobre os motivos que o levam a faltar, mas não o faço, já ciente de que há um limite de perguntas que posso fazer a ele, e que essa com certeza não se enquadra no pacote de respostas.

O carro cai em um silêncio embaraçoso. Para me livrar, finjo estar mexendo no celular, saindo e entrando várias vezes de diferentes aplicativos. Esvazio o ar dos pulmões ao não visualizar sequer uma mensagem dos meus pais, comprovando minha tese de que eles estavam tão absortos no próprio mundo conflitante que sequer lembraram da ausência da filha.

— Aonde você mora? — ele questiona, parando no sinal.

— Não quero ir pra casa... — me vejo ciciando ao atualizar inúmeras vezes o aplicativo de mensagens e, de fato, não encontrar nenhuma nova notificação deles. — Brooks deve estar dormindo a essa hora, então não posso aparecer do nada... — Gemo, frustrada.

Seu rosto deixa transparecer sua confusão.

— Por quê? — A indagação se refere à primeira pergunta, mas, por hora, não posso lhe dar uma resposta.

— Problemas pessoais — me limito a responder, encostando minha cabeça no vidro. — Quer saber? Esquece. É minha casa, não posso evitá-la.

Com o seu silêncio, fico olhando pela janela conforme ele dirige. Reconheço a Charles Street pelos edifícios e restaurantes pitorescos. Depois, a pracinha principal, que aloja uma enorme estátua de Spurgeon, um esplêndido professor que Boston teve, mas que morreu cedo demais, aos 50 anos. Depois disso, Eros segue direto e... dobra.

Espera aí.

Dobra?!

Só então lembro que não dei o endereço da minha casa a ele quando Eros segue por um caminho completamente desconhecido.

— Pra onde estamos indo? — quero saber, com um quê de desespero.

— Minha casa — diz, como se não fosse nada demais, e me encara, percebendo que estou prestes a entrar em ebulição. — Não vou deixar você em um lugar que não se sente bem.

Ah, droga. Coração, para de reagir assim!

— M-mas... Sua casa, hum...

— Moro com meus avós, se isso te consola. Dois velhinhos muito adoráveis, mas que já estão dormindo.

As cinco últimas palavras não servem exatamente como um conforto.

— Eros... — tento. — Isso não faz sentido. Dormir na sua casa? — Meu tom de voz revela como isso é estranho.

Ele suspira, mas não para de dirigir e nem dá indícios de que irá fazer isso.

— Comprei uma escova ontem e ainda não usei, pode se apossar dela, se quiser. Meu sofá é confortável, não me importo de dormir nele. E sobre suas roupas... Você tomou banho antes de vir pra cá, não tomou? — Assinto, meio incerta. — Te deixo em casa amanhã cedo para não precisar trocar.

Não me cheira a uma ótima ideia, mas é tão tentador que não vejo outra alternativa senão aceitar.

— Já falei que você é um idiota?

— Já me chamaram de coisas piores. — Juro que seus lábios se contorcem num quase sorriso, porém me dou conta de que foi uma alucinação quando sua imparcialidade volta com tudo. — Tenho seu consentimento?

Rio, rolando os olhos ao anuir.

— Tem, Eros, mas tenho quase certeza de que meu consentimento não vale de muita coisa.

— Verdade — confirma, erguendo as sobrancelhas divertidamente. — Mas a falta dele me tornaria um sequestrador, e estou esperando atingir mais uns cinco anos para ter esse tipo de crime na minha ficha.

— Eros Russell fazendo piada? — debocho. — *Et´s* vieram te capturar e eu não fiquei sabendo? *Tsc*.

— Eles não conseguiriam — rebate.

Argh, odeio a vontade de gargalhar que sinto nesse momento. Viro o rosto para a janela para que ele não veja meus lábios coçando e insistindo em abrir um sorriso.

Eros abre a porta após estacionar e se posiciona ao meu lado, me guiando, mesmo que indiretamente, pela rua escura até chegar à sua residência. Uma casa de muro branco e portão cinza, cercada por árvores.

— Com fome? — ele indaga, ligando a luz do cômodo e me dando livre visão dos móveis ironicamente coloridos. — Ideia dos meus avós, não minha.

Mordo a parte interna da minha bochecha para evitar rir.

— Sem fome — garanto, viajando o olhar pelas prateleiras acima da TV cheia de fotos. — Ah, tenho certeza de que, se fosse por você, não teria nada além do preto aqui.

— Que bom que sabe — replica, me fitando de soslaio. — Quer que eu te leve pra conhecer meu quarto ou faz isso por si só?

Manifesto uma careta.

— Isso pareceu bem errado falando desse jeito.

— Você quer que seja errado, pequena? — Se aproxima apenas um pouco, mas o suficiente para que eu recue até minhas costas baterem no tampo do balcão. Assusto-me com a atitude repentina, e ele parece se divertir com isso, pois abre um sorriso ladino ao sussurrar, com o rosto tão próximo ao meu, que meus joelhos viram geleia: — Se você quiser, posso te mostrar o céu naquele quarto, pequena.

— O-os seus avós... — começo baixinho, com a voz falha, a garganta seca, incapaz de encarar suas írises sugestivas. — Eles...

Eros ri e se aproxima ao ponto de não sobrar praticamente nada entre nós. Sei que, se não fosse pelo peso do seu corpo e o balcão me sustentando, eu teria perdido o controle das minhas pernas há tempos.

— A única coisa que lhe impede é eles? — Ele passa a mão pelo meu pescoço até agarrar minha nuca e levar meu rosto para mais perto. Tremo com o toque, inalando seu perfume vicioso. — Prometo, pequena, que nem mesmo eles serão um empecilho para o que eu pretendo fazer com você. — Sua boca resvala na minha bochecha e eu praticamente perco o ar. — Basta pedir.

Meu Deus, há quanto tempo não sou tocada por outro homem que não seja Leonardo?

— Eros... — gemo, sôfrega, quando ele espalha beijos pela linha da minha mandíbula, arrastando seus lábios preguiçosamente pela região.

Isso é tão bom...

— *Hum?* — murmura, passando o nariz na pele sensível do meu pescoço e inalando meu cheiro descaradamente. — *Tu sens si bon, Alyssa.*[2]

Não sei o que disse, mas o arrepio que sobe minha espinha e me faz soltar um murmúrio baixo me diz que eu poderia passar horas ouvindo palavras sussurradas na sua língua enquanto Eros me toca dessa forma.

Em um gesto impensado, subo as mãos pelos seus braços, sentindo a textura firme e dura, cheia de músculos, sob meu toque. Um ruído grave escapa de sua garganta com o gesto, e se um dia pensei que Leonardo me causava coisas loucas, isso foi antes de estar tão próxima de Eros. Corpo com corpo, seu rosto enterrado no meu pescoço, seus lábios explorando minha pele, minhas mãos provando da sua masculinidade tão excitante.

Russell, levado pelo desejo ardente que queima entre nós, passa a mão na parte interna da minha coxa, a fim de colar minha cintura na sua. Esse simples movimento, que deveria ter me deixado entorpecida e retirado todo o autocontrole que ainda se acomodava no meu interior, serve apenas para que eu perceba o erro que cometi ao deixar me levar.

Assustando-o, empurro seu peito e me afasto, com vergonha e, acima de tudo, com medo. Não consigo compreender minhas próprias ações e pensamentos, só que ao ser tocada ali, foi como se todas as vezes que Leonardo me criticou durante o sexo viessem à tona. O medo da sua decepção ao ver que não sou grande coisa e a vergonha de ser exposta ameaçam me sufocar.

— Desculpa — peço, abraçando meu corpo. — Desculpa mesmo, eu só...

— Não precisa se desculpar por não querer sexo, Alyssa. — Apesar do tom contido, consigo capturar sua voz arquejante.

Balanço a cabeça, ignorando sua afirmativa de que de fato faríamos… se eu não tivesse interrompido.

— Não é isso, Eros — sopro, mordendo o lábio com força, o gosto de ferrugem se alastrando por minha boca. — É só que... —

Libero uma risada curta. — Você não vai encontrar o que deseja quando me despir por completo.

Pela forma que sua testa se encrespa, interpreto como um: "Do que você tá falando?".

— Do que você tá falando? — pergunta, incrédulo. *Viu só?* — Vai me dizer que possui três peitos em vez de dois?

Faço o possível, mas nada consegue impedir a gargalhada que escapa da minha garganta. Minhas bochechas queimam com o assunto que surgiu do nada, porém não deixo de achar graça.

— Não, babaca, é que... — Engulo em seco, cessando o riso. — Se você não for cego, vai perceber que, bem... não tenho exatamente o que pode ser chamado d-de corpo — me embolo com as palavras, gesticulando com as mãos.

— Pernas, pés, braços, mãos, um tronco, uma barriga, bunda e seios — enumera, cruzando os braços e se recostando na pia. — Lembro de ter aprendido que *corpo é* formado por isso.

Estalo a língua no céu da boca, imitando seu gesto.

— Você entendeu.

— Não, Alyssa, eu não entendi. Me explique, por favor.

Como explicar a ele que sou apenas uma idiota complexada que passou a acreditar em tudo o que os outros começaram a dizer sobre si?

— Deixa pra lá. — Forço um sorriso, me afastando. — Vou para o seu quarto. Obrigada por me deixar passar aqui essa noite.

Sem esperar uma reação da sua parte, visto que sua expressão séria não denuncia nada, caminho para o corredor que leva aos quartos. Não é difícil diferenciar o seu dos seus avós, pois há uma placa bem grande de guitarra na frente. Antes que minhas mãos planem sobre a maçaneta, ouço a voz de Eros atrás de mim:

— Não dê para outras pessoas o poder que só você mesma deve ter sobre seus pensamentos — fala, calmo. — Não permita que pessoas que se alimentam da sua ruína ditem os limites que seu corpo deve ocupar e destruam a autoconfiança que você *merece* ter, porque, porra, a única coisa que me impede de possuir seu corpo aqui e agora e venerar cada centímetro seu do jeito que

tem direito é você própria — admite, a voz rouca, puxando todos os pelinhos da minha pele para fora do corpo.

Não estou acostumada com a vontade enlouquecedora de me agarrar a ele e pedir para que tire todas as marcas que Leonardo deixou em mim e que substitua por novas, porque se eu tenha certeza de algo, é que o sexo com esse cara deve ser surreal de bom. Mas não é algo que eu consiga fazer, todavia. Me entristeço com meu bloqueio e minha incapacidade de girar meus calcanhares e esquecer o mundo por pelo menos alguns minutos.

Nunca nenhum cara disse isso para mim, e parece tão irreal que temo não passar de um sonho. Ainda mais... vindo dele.

Balançando a cabeça, quase como um gesto agradecido, giro a maçaneta e entro no seu quarto. Fecho os olhos e me encosto na porta, e só isso é necessário para que eu sinta a boca de Eros estudando minha pele, suas mãos no meu corpo, o calor do corpo *dele*, a maneira que sussurrou em meu ouvido... Puxa, faz tanto tempo que não me sinto bonita, desejada ou, sei lá, sensual. Nem sei se em algum momento me senti assim, na verdade. Só conheci o desprezo e a inferioridade desde que aprendi o significado dessa palavra.

A sensação que Russell me trouxe é nova e tão, tão boa.

Varrendo esses pensamentos para longe, foco no quarto à minha volta. Sorrio pequeno, porque é a sua cara. As paredes pretas, cheias de pôsteres de bandas, algumas estátuas de guitarras, baterias, teclados... Há uma pequena estante com livros do colégio, assim como possui alguns espalhados na escrivaninha. Sua cama está impecavelmente arrumada, e, sem fazer muito esforço ao deitar nela, consigo sentir o perfume suave de loção pós-barba, menta e um leve toque de shampoo masculino.

Me traz uma sensação estranha de conforto.

Olho em volta e noto que não há espelhos em seu quarto. Quase choro de alívio, percebendo que, pelo visto, será a primeira noite que não terei o desprazer de me martirizar antes do sono.

Alguns minutos depois, quando penso em me acomodar para dormir, escuto uma movimentação no fecho da porta. Com medo da

possibilidade de ser seus avós, não me mexo. Porém, de esguelha, ao mirar Eros com uma bandeja em mãos, sinto alívio.

*Mais que alí vio,*é o que penso quando é possível, pelo pouco de luz que vem da sala, enxergar um sanduíche e uma caneca que, pelo cheiro, deve ser de chocolate quente, em suas mãos.

— Eu sei que você disse que não tá com fome, mas... — ele fecha a porta com o pé — sempre como antes de dormir. Resolvi trazer pra você, caso queira.

Meu estômago ronca em discordância ao que eu disse mais cedo quando aceito a bandeja, sentando na cama, de pernas em borboletas, e pondo-a à minha frente, capturando a caneca.

— Mais uma vez, obrigada. — Comprimo os lábios, percebendo o quanto Eros foi gentil comigo no dia de hoje. — Tá uma delícia — elogio ao bebericar o líquido quente.

Ele dá de ombros e abre sua gaveta, apanhando a tal escova nova, ainda embalada.

— Aqui. — Pousa em cima da cômoda. — Quando terminar de comer, pode usar ela.

— Eros? — chamo sua atenção quando o mesmo faz menção de sair. Ele se vira. — Pode dormir aqui.

Ele nega com a cabeça, surpreso pelo convite.

— Não quero deixar você desconfortável, Alyssa. Eu durmo no sofá.

Termino de engolir o pedaço de sanduíche, enrolando o queixo na língua, e digo:

— Somos dois adolescentes maduros, Russell. Não vou me sentir incomodada.

Ele solta um longo suspiro.

— Não durmo sem camisa — diz, analisando minha reação.

Por pouco não me engasgo com o sanduíche.

Uau. Certo, então.

Obrigo a musculatura do meu pescoço a aquiescer.

— Sem problemas.

Seus lábios se curvam em um sorriso de canto ao fechar a porta. Prendo o ar nos pulmões quando sua mão alcança a parte de trás da camisa e a puxa sem cerimônia.

Estou parecendo a droga de uma psicopata, mas simplesmente não consigo desviar os olhos do seu corpo esculpido tão cuidadosamente. Seu torso com muitos, muitos músculos, é coberto por tatuagens de todos os tipos e gostos, mas em maioria frases em Francês e desenhos abstratos. Uma Medusa está estampada no seu braço direito, enquanto o corpo de uma cobra serpenteia seu braço. Além dela, desenhos derivados da Grécia também enfeitam sua pele. Outra tatuagem perceptível é uma aranha logo abaixo do seu peitoral, mas acaba por aí, não faço ideia do que se trata as outras imagens. São lindas e bem-feitas, no entanto.

Cintura fina, abdômen sarado, braços fortes... É o pacote completo para te levar à loucura, mas tudo o que rouba minha atenção é o V que se perde dentro da sua calça sem decência alguma.

— Devo ir beber água para repor tudo o que você tomou com a secada que acaba de me dar?

Vermelha, volto a focar na comida à minha frente e não me dou ao luxo de responder — é provável que nada de coerente saia se eu ousar abrir a boca.

Poucos minutos se passam quando termino de comer. Nesse meio tempo, Eros tomou banho e trocou de calça, colocando uma de moletom. E *só*. Ele se ofereceu para deixar a bandeja na pia enquanto eu escovo os dentes, porém não esperou por uma resposta e foi logo pegando o objeto de plástico. Ao voltar, encontro-o em pé, mexendo no celular. Não digo nada, só deito e me enrolo com sua manta quentinha e grande. A situação toda é estranha demais para implicar numa conversa pré-sono.

Logo, Russell também se deita na cama, mantendo distância de mim. Sinto um puxão sendo dado no cobertor, e assim que ele provavelmente percebe que estou agarrada a uma parte, larga o tecido, se embrulhando com o necessário.

Estou de olhos fechados, mas sinto suas írises queimando sobre minhas costas, estudando o que aconteceu em tão pouco tempo. É certo de que ter uma garota na sua cama sem ter sexo envolvido seja esquisito.

— Pequena?

— Hum?

— Eu ainda odeio você.

Me permito abrir um sorriso largo, pois sei que ele não pode ver.

— Não se preocupe, garoto-francês. Eu também odeio você.

Ouço sua risada.

— Teimosa.

— Idiota — devolvo.

— Petulante.

— Arrogante.

— Irritante.

— Babaca.

— Linda pra caralho — deixa de escapar.

Paraliso.

Meu peito é espancado pelas batidas irrefreáveis que o órgão que deveria ser responsável apenas pelo bombeamento de sangue dá. Nunca fui tão grata por algo quanto o de ele não poder visualizar minha expressão de pânico.

Me empertigo sob o colchão, usando a manta como um meio de proteção, sentindo falta dos meus ursos de pelúcia.

— Boa noite — cochicho, mas não obtenho resposta.

Fico de olhos fechados e imóvel por tanto tempo, para que ele pense que já estou dormindo, que, de fato, em algum momento da madrugada, acabo pegando no sono.

06

Alyssa Blair

Alguma pequena parte de mim torce para que tudo não passe de um sonho. Entretanto, ao abrir os olhos e me acostumar com a luminosidade que entra por entre as frestas das persianas, viajar o olhar pelo quarto e me deparar com paredes pretas, pôsteres de bandas de rock e decorações fazendo alusão a guitarras e bandas no geral, me dou conta de que, sim, dormi na casa, ou melhor, *na cama*, de Eros.

Não sei como deixei isso acontecer. Na noite anterior, isso nem pareceu ser uma ideia *tãããão* absurda, mas agora, com o cheiro de hortelã da sua cama impregnado em cada centímetro do meu corpo? Percebo que foi uma das (se não *a)* pior ideia que já tomei.

Sento no colchão fofinho em um ímpeto, levando a mão à cabeça, como se isso fosse aplacar a tontura causada pela queda de pressão. Pressiono as pálpebras, esperando que as náuseas passem, e, quando finalmente acontece, não me demoro em tentar entender o que estava passando pela minha cabeça quando aceitei esse absurdo. Olho para o espaço vazio ao meu lado, agradecendo por Eros não ter a visão horrenda que sou eu de manhã, me levanto da cama, procurando pelo espelho, até lembrar que não tem. Meio frustrada e aliviada, procuro pelo meu celular, achando-o em cima da cômoda. Respiro fundo, esfrego os meus olhos, dou passos temerosos até ele e ligo o visor, me deparando com as notificações que eu menos queria ver no momento.

40 chamadas perdidas. Sendo 25 da minha mãe; 10 do meu pai; e 5 de Brooks.

35 mensagens da minha amiga, mas nenhuma dos meus pais, o que só prova quão ferrada estou — meus pais desconhecem o uso dos aplicativos de mensagens quando estão prestes a cometer um crime de ódio.

O medo se alastra por minha corrente sanguínea, quase como se o ar a qualquer momento fosse se esvair do meu sistema respiratório. Tonta, meus dedos tremem, e, com muita dificuldade, consigo, finalmente, entrar na conversa de Brooks, suando frio ao ler as inúmeras mensagens.

Brooks: *Aly, seus pais ligaram pra mim perguntando se vc veio pra cá*

Brooks: *eu f alei que sim, mas eles não acreditaram*

Brooks: *pediram f otos, áudios e ví deos, só que a gente nunca f ica f znd essas coisas, entt não tinha como eu provar*

Brooks: *ATENDE AS MI NHAS L I GAÇÕ ES.*

Brooks: *AONDE VC SE METEU, ALYSSA??????*

Brooks: *MEU DEUS, EU VOU TE MATAAAAAAAAR.*

As restantes mensagens são resumidas em meu nome sendo exclamado várias, acompanhado de alguns xingamentos. Eu riria se não soubesse da gravidade da ação.

Com um suspiro, começo a digitar.

Eu: *oi, Brooks.*

Eu: *tô bem, não se preocupe*

— Você costuma acordar descabelada assim toda manhã? — a voz carregada de sotaque me assusta.

Com um pulo, que quase ocasiona na queda do meu celular, viro-me para encará-lo. Sua frase me deixa confusa, já que não sei se ele está, de fato, reclamando dos meus fios desgrenhados ou tirando onda com a minha cara. Não há nenhum pingo de divertimento no seu timbre, tampouco a sombra de um sorriso nesse seu rosto sempre tão sério.

Ah, qual é? Há alguma dif iculdade em ser mais relaxado?

— Você não tem espelho no seu quarto — pontuo, mordendo os lábios e guardando o celular no bolso do short-saia. — Não pensei que fosse aparecer do nada.

Ele cruza os braços e se encosta no batente, ousando passear os orbes castanhos pelo meu corpo, voltando a olhar diretamente para mim depois de uma análise minuciosa que me deixa de bochechas quentes.

— Meus avós estão lá fora. Querem te ver — anuncia, passando as mãos pelos cabelos que, tarde demais, percebo que estão soltos.

A coceira nas minhas mãos, causada pela tentação de tocar as madeixas acastanhadas e aparentemente macias, é substituída pela aflição com a sua fala.

Mal acordei e já vem isso?

Não me entenda mal, eu amo os idosos e a sabedoria infinita que eles têm para oferecer, mas, como crianças, eles não medem o que dizem e não se importam muito com a sinceridade além do necessário. E *pessoas sinceras* estão fora da minha lista de quem aprecio passar o tempo.

— Eles são uma dupla de velhinhos super amorosos, caso queira saber — Eros quebra o silêncio, observando minhas mãos agitadas. — Não vai acontecer nada, Alyssa. Fica tranquila.

Um bolo desconcertante se forma na minha garganta e me obrigo a engoli-lo, aquiescendo com a cabeça quase que imperceptivelmente. Eros sai e bate a porta.

Quando me permito respirar, passo os dedos como pente em meu cabelo, ajustando-os no lugar, e saco o celular, outra vez, ao escutar o barulho de notificação.

Meu estômago pesa ao lê-la.

Mãe: *Seu pai vai conversar com você quando chegar em casa.*

Parece uma mensagem simples, porém, conhecendo-os como eu conheço, já posso imaginar o que me espera no momento que eu chegar no lugar onde, mais que tudo, eu deveria me sentir bem, mas que me causa exatamente o efeito contrário.

Não respondo, apenas visualizo, o que pode aumentar ainda mais a sua fúria. Me dirijo ao banheiro e pego a escova de dentes e o creme dental, ambos dentro de um pote preto. Me higienizo

corretamente e, juntando coragem do além, ajeito minha roupa, giro a maçaneta e saio.

Não é necessário dar dois passos para que eu visualize um casal de idosos na cozinha, preparando o café da manhã, provavelmente. A avó de Eros é baixinha, uns 10cm mais baixa que eu, e magra, com a pele branca toda enrugada. Sua cabeça está coberta por um lenço e, pela maneira frágil que se locomove pelo cômodo pequeno, noto que está doente, me relembrando a breve conversa que tive com Eros, onde ele disse que, por motivos pessoais, precisa faltar em alguns shows da banda.

Talvez ela seja o motivo, então.

Seu avô é incomparavelmente mais alto, e entendo o porquê de Eros se assimilar a um poste ambulante — está nos genes. Ao virarem para trás e darem de cara comigo, *também* compreendo de onde veio todas as características únicas e belas de Russell. Não que eles se pareçam — são bem diferentes, para falar a verdade —, mas os europeus carregam uma beleza singular. Sua vó possui, se divergindo do garoto, tons de olhos puxados para o verde, porém, os narizes afilados, as sobrancelhas grossas, os lábios inferiores mais grossos que os superiores e a atmosfera que emana da França são as mesmas. O avô, por outro lado, tem as mesmas características de um estadunidense padrão — cabelos e olhos castanhos, apesar do primeiro estar repleto de fios brancos. Será que ele é daqui?

Sua avó arregala os olhos e põe as mãos na boca ao me encarar. De esguelha, avisto Eros revirando os olhos, conhecendo a mulher ao seu lado e imaginando o que irá dizer.

Eu, porém, não sei.

— *Quelle belle f ille, mon f ils!* — exclama, os olhos pequenos brilhando. — *Pourquoi ne m' as-tu pas dit qu' elle était si belle?* — Ela dá um tapinha fraco no peito do neto, ainda me fitando.[3]

Oh, ok. Talvez seja melhor que ela se comunique comigo na lí ngua que eu entendo. Será que ela sabe f alar inglês?!

— *Elle n' a aucune idée d' à quel point elle est belle, grand-mère.* [4] — Ouço Eros sussurrar para ela ao se abaixar e ficar rente à sua altura.

Um tremor agita minha coluna, embora eu não tenha entendido nada que acabou de falar. Mas a forma que me olha... posso jurar que há um lampejo de algo novo dançando em suas írises.

Coração idiota.

Perdida, decido arriscar uma olhada para o seu avô, porém, me arrependo no mesmo segundo. O cenho franzido diz muito sobre a sua personalidade, e não sei se tenho pulso para suportar uma pessoa assim além de Eros.

Pigarreio, atraindo o olhar do garoto para mim. Aproveito sua atenção e formo com os lábios: *eles não f alam em inglês?*

Sem muitas complicações, ele parece entender, mas o medo de ter dito algo que não deveria ao vê-lo revirar os olhos e bufar, cutucando a avó com o cotovelo, me domina.

— Ela tá achando que a senhora não fala a língua daqui.

— Estragaram meu plano — a mulher murmura. Arregalo os olhos. Ela solta uma risadinha. — Olá, querida. Eros me disse que...

— ... que acabamos de preparar o café da manhã — ele interrompe, me chamando, com a cabeça, para que eu me junte a eles na mesa.

Relutante, obedeço, juntando as mãos e cumprimentando-os com um aceno.

— Bom dia — quase cochicho, abrindo um sorriso tímido.

Faz… bastante tempo que não sou obrigada a conhecer os responsáveis por um... colega?... que, neste caso, nem posso chamar assim. A última vez que algo desse tipo ocorreu foi há 5 anos, quando fui apresentada aos pais de Brooks. Não sei mais como me comportar com naturalidade, sem parecer que estou com medo deles ou algo assim.

Para a minha surpresa, no entanto, seu avô arrasta a cadeira para que eu me sente ao lado de Eros e me oferece um sorriso. Nem largo e nem pequeno, é o suficiente para me confortar, pelo menos um pouquinho.

— Bom dia, querida. — Se senta à minha frente, ao lado da esposa, e apanha um garfo e uma faca, posicionando-os no prato pequeno com a panqueca caramelizada. — Sinta-se à vontade para comer o que quiser.

Assinto, tímida e agradecida, me atentando à mesa composta por pratinhos de panquecas recheadas decoradas com morangos, frutas, bacons e ovos, meu estômago ronca com a comum fome matinal.

No momento que crio coragem para pegar os talheres, camuflando minha tremedeira e acomodando o prato diante de mim, me surpreendo quando, antes mesmo que eu tome atitude para fazer, Eros corta um pedaço médio da panqueca, prendendo-o entre o garfo e a faca, e o traz ao meu prato, ajustando o morango que cai no lugar que estava.

Encaro-o de automático, vergando uma sobrancelha, e espicho meus lábios para o lado em um sorriso presunçoso.

— E se eu disser a você que não gosto de panquecas? — desafio.

Ele solta um riso anasalado de escárnio, levando o bacon engordurado à boca.

— Tem fetiche em se lambuzar com o que não lhe agrada, pequena? — Morde a carne torrada, o *crec-crec* soando no silêncio instalado, ainda com os olhos fixos no meu rosto.

Suas sobrancelhas erguidas de maneira rude me irritam, só não mais do que a menção à vez em que me sujei toda de caramelo quando inventei de levar minha sobremesa favorita para o colégio. E saber que ele me viu naquele estado deplorável me envergonha.

Enfurecida, não o respondo e reviro os olhos, sem conseguir conter. Seus avós intercalam a visão entre nós, curiosos, até que a mulher decide se manifestar:

— E então, meu bem, como se chama?

— Eu já disse... — Eros começa, mas logo é interrompido:

— Cala a boca, estou tentando ser educada. — Semicerra as pálpebras para ele numa falsa raiva e volta a me encarar, batendo as pestanas, toda gentil. — Me diga.

Deixo uma risada escapar, analisando o semblante contrariado do rapaz ao meu lado, e respondo:

— Alyssa. Alyssa Blair. E a senhora?

— Que nome lindo! — Bate palminhas, genuinamente animada. — O meu é Emma Durand, mas pode me chamar só de Em. — Anuo, fazendo uma nota mental da informação. Emma se vira para o marido. — O desse ranzinza aqui, pelo qual eu sou muito

apaixonada, diga-se de passagem, é Anthony. Ele não costuma falar muito, então facilitarei o trabalho para ele.

Anthony gargalha baixinho, depositando um beijo casto sob o lenço na cabeça da esposa.

Meu coração se aperta com a demonstração de afeto, memórias de todas as vezes que isso *nunca* aconteceu entre os meus pais.

Não é hora de pensar nisso, Alyssa.

— Prazer — ele diz.

— O prazer é meu — sou sincera, levando o pedaço de panqueca à boca, mastigando e engolindo.

Uma atmosfera parcialmente tensa se instala no ambiente. Ninguém fala nada pelo que parece ser uns 5 minutos, e eu muito menos. Até que, parecendo incomodada com o silêncio pesado, Emma se pronuncia, limpando a garganta:

— Você e o meu neto namoram, querida?

Me engasgo com o café quente, que esguicha um pouco na minha blusa.

— Namorar? Não! — sou rápida em garantir, gesticulando com as mãos para dar ênfase e acabar com toda a esperança que toma seu timbre. — Somos… somos… — Olho para Eros em busca de ajuda, mas ele, com zombaria nas feições, só observa a cena. — Parceiros de trabalho…

A mulher faz um bico descontente com os lábios finos.

— Sério? — Aquiesço veemente. — Meu menino nunca trouxe ninguém pra cá… — fala num muxoxo, deixando a frase no ar.

A confissão me deixa perplexa.

— *Grand-mère!* — Russell exclama.

I rritado

Não consigo resistir à risadinha que me escapa ao ter certeza da veracidade deste fato.

Um fato verídico bem bizarro, aliás.

Por qual motivo eu seria a única a ter a honra de conhecer os aposentos do cara mais disputado de toda a Boston College e fora dela?

Não penso muito sobre isso e torno a focar nas pessoas ao meu redor, buscando não transparecer os milhares pontos de interrogação na minha cabeça.

— Foi um caso de extrema necessidade — comento, fazendo um gesto de desdém com as mãos. — Não tinha outro lugar para eu ficar ontem à noite. Eros só foi gentil.

Anthony ri, olhando de esguelha para o neto, que enruga a testa e estala a língua no céu da boca. A risada do avô se intensifica.

— Meu neto? Gentil? — Ele ri tanto que ovo escapa da sua boca, o obrigando a limpar com um paninho. — Acho que não estamos falando da mesma pessoa.

— Alyssa é a garota mais teimosa e persistente que eu já conheci, não tive outra escolha. Posso ser o pior cara do mundo, mas não um babaca completo. Tenho a minha porcentagem de cavalheirismo.

— Ela é quase escassa — murmuro.

— Não é um atributo meu que tenho muito prazer em esbanjar — retruca.

— Ah, seu lance mesmo é ser insuportável, entendi.

— Não curto ser *insuportável* o tempo todo, mas é um lado meu que você adora despertar — acusa, voltando a comer

Dou risada, balançando a cabeça, incrédula.

— Trabalhar com você é umas das coisas mais árduas que já executei, vou cobrar mais 2 pontos de bônus pela paciência — afirmo, querendo perfurar o braço musculoso com as pontas do garfo.

— E você se acha muito agradável para se conviver, não é?

— Pois, ótimo! Falarei com a professora segunda e voltaremos a seguir os nossos caminhos separadamente.

Eros me olha, mergulhando o castanho-claro nos traços imperfeitos do meu rosto.

— Desculpa te decepcionar, mas estou fadado com a sua irritante companhia pelos próximos meses. Não tem jeito. — Dá de ombros, cético.

Aperto o talher na minha mão com força, juntando todo o autocontrole para não voar no pescoço dele.

— Eu me sentiria bastante ofendida se não compartilhasse do mesmo pensamento que você — cuspo. — Babaca — resmungo.

Quando decido parar de bater boca com ele e continuar a comer, lembro-me, burra demais, que não estamos sozinhos. Meu corpo todo esquenta assim que me deparo com os olhares observadores dos seus avós em nós. Eles nem piscam, minimamente boquiabertos e muito, muito curiosos.

Pigarreio e esfrego as têmporas discretamente, evitando as expressões esquisitas de ambos.

— Que lindo. — Emma suspira, meneando a cabeça. — Não sabia que vocês faziam o tipo que se odeiam.

— Nós não nos odiamos, só…

— Ah, não tente ser condescendente — Eros grunhe, entortando a boca. — Ela acabou de escutar você me chamando de babaca. Não tente contornar a situação.

— Mas você é — confirmo, e ele ri com escárnio.

— Poucas pessoas teriam essa coragem, pequena, e olha que muitos por aí nutrem um ódio escondido por mim — cantarola, todo pretensioso e com segundas intenções, me fazendo entender exatamente o que quer dizer.

É claro que ele tem que jogar alguma indireta sobre minha relação com Leonardo.

— Eu te odeio — solto, bufando.

— O sentimento é mútuo, pequena.

— Tá bom, tá bom. Chega de confusão! — Emma adverte, estalando os dedos e me dando sua atenção. — Me diga sobre seus pais, querida. Você mora com eles? De onde eles são? Qual é o nome deles?

Abro um sorriso devido os questionamentos disparados e deixo Eros para lá, mas meus ombros enrijecem com as perguntas.

Como sempre faço quando perguntam sobre meus pais, irei mentir, porque é muito melhor manter o *status* de garota com alma quebrada e pais perfeitos do que garota com uma alma dilacerada *e* pais que contribuem para isso.

— Meus pais biológicos são separados, então vivo com meu padrasto, que também considero como pai — digo, organizando minhas palavras, podendo sentir os olhos de Eros queimarem em mim. — Minha mãe se chama Ana; meu padrasto, Joseph; e meu pai, Clark. Quase não mantemos contato, mas uma vez ou outra

costumamos sair para ir ao cinema ou lanchar. — Pondero, tombando a cabeça para o lado. — Minha relação com minha mãe e meu padrasto é maravilhosa. — Um nó se forma em minha garganta. — Somos bastante felizes.

Suspiro para afastar a ardência no meu rosto, mas consigo sentir as lágrimas se formarem diante dos meus olhos. Pisco várias vezes, fingindo estar coçando-o para que eles não vejam. Miro minhas pernas, sem jeito, e, de canto, posso visualizar as mãos de Eros inquietas sobre a coxa, como se quisesse fazer algo, mas não tivesse certeza de *como* fazer.

Por sorte, nem Emma nem Anthony percebem minha mudança de humor. Devido a isso, perguntam:

— Ah! Isso me lembra bastante os pais do meu neto — reflete, nostálgica.

Abro a boca para indagar mais sobre eles, porque, em todo o tempo em que o conheço, mesmo que de vista, nunca o ouvi falar sobre seus pais. Comecei até a achar que ele era órfão ou coisa do tipo, mas o pequeno comentário sobre eles, quando estávamos na cafeteria, me provou que eu estava errada.

Ainda assim, eles são um completo mistério para mim.

Por qual razão eles não vivem juntos? Eros disse que morava com os avós, não com os pais.

Calo os questionamentos na minha garganta quando, por reflexo, vislumbro os nós dos dedos do garoto se tornarem brancos ao redor do talher em mãos. Franzo as sobrancelhas e decido encará-lo de vez, encontrando algo como mágoa rondando suas feições. Ele balança a cabeça em negação uma última vez para

Emma e até mesmo ela, que estava tão contente, murcha, revelando que algo de muito errado está acontecendo.

Arrisco fitar Anthony, que está com os glóbulos oculares pregados nas torradas em seu prato.

— O que… — finalmente acho a minha voz, embora um pouco baixa. — O que aconteceu…?

Deixo minha curiosidade vencer, torcendo para não estar sendo inconveniente.

Emma suspira.

— Eles foram embora — se limita a explicar, dando de ombros. — Só isso.

Há tanta melancolia na sua voz que me sinto péssima por ter tocado no assunto.

É uma resposta vaga, mas, ainda assim, dolorosa. Pode ser por esse motivo que Eros é tão fechado e amargurado, o que enraíza um pouco de empatia no meu peito a respeito do garoto.

Não gosto nem de pensar na ideia de ser abandonada pelos meus pais, mesmo com todos os problemas e as situações complicadas que passo por conta deles. Independentemente disso, eles são meus pais, e me *amam*, assim como eu os amo.

Minha vida seria como um navio em mar revolto sem eles ao meu lado. Não demoraria muito para começar a afundar.

— Eu sinto muito — balbucio, remexendo as panquecas com o garfo.

— Nós também, querida — Anthony sussurra, suspirando audível e excruciantemente.

A tristeza que se aloja na mesa é pungente, e sinto, no meu íntimo, que há muito mais dessa história que eles não tiveram

coragem de revelar.

E muito menos eu de perguntar.



Após terminarmos de comer, me despeço de Emma e Anthony com um beijo na testa e um abraço aconchegante dos dois. Toda a apreensão de ter feito algo errado se dissipa quando eles nos deixam na porta e pedem para que eu volte mais vezes, pois gostaram de mim.

Claro que isso nunca mais irá acontecer, mas não posso deixar de me sentir acolhida por ser bem-vinda. É maluco, eu sei, mas talvez essa pequena casa tenha se tornado o segundo lugar que posso ser eu mesma, sem o receio e o pânico tão comuns quando sou obrigada a conhecer novos lugares.

Eros apanha a chave do carro e destra o veículo, abrindo a porta para entrar. Cerro as pálpebras e abro a porta do passageiro, me assentando no banco de couro e rodeando meu corpo com o cinto.

Não que eu esperasse uma atitude de príncipe encantado vindo dele, até porque não é a primeira vez que faz isso, mas ainda me espanto com o quanto Russell se difere dos outros garotos que já cruzaram o meu caminho. Ele não se importa com a opinião dos outros e não está nem aí para o que vão achar dele se optar por certas atitudes.

De certa forma, eu o invejo. Muita coisa na minha vida seria mais leve se eu simplesmente ligasse o “dane-se” e jogasse tudo para o ar.

Ele põe uma música de *rock* baixinho enquanto dirige, e imediatamente reconheço as vozes dos cantores.

— *I magine Dragons* combina com você — digo, tamborilando os dedos no joelho e acompanhando as batidas eletrizantes de *Radioactive*. — Sua banda foi inspirada neles?

Monotonamente, faz que "sim" com a cabeça, sem tirar os olhos da estrada.

— É a minha banda favorita. Na época que estávamos pensando em nomes legais para fazer a nossa, só consegui pensar neles.

Sorrio.

— Eu gosto.

— Não vai me dizer que a princesinha curte um rock pesado… — assobia.

Prendo minha atenção no seu rosto, no exato momento, instante, segundo, *milissegundo,* que capturo sua boca se repuxando para o lado, em um meio-sorriso que passou longe de ser algo falso. Não consigo ter certeza, mas uma coisa bem parecida com uma covinha se forma em sua bochecha.

Meu coração se aquece e meus músculos, antes rígidos, parecem relaxar. Endorfina, dopamina, serotonina e ocitocina se acumulam e são enviadas diretamente para o meu coração, que bate mais rápido quando a imagem se repete em *loop* na minha *memória.*

Droga, como deve ser um sorriso completo desse cara?

— Você me julga tanto… — divago, revirando os olhos. — Mas, sim, eu gosto de uns *rocks pesados* de vez em quando. Mas como já deve imaginar… não é o meu estilo musical favorito.

— E do que você gosta? — indaga, todo debochado, como se já imaginasse isso.

— Hum… — penso, arrancando a pele morta dos meus lábios. — Gosto de *pop*. As músicas do Shawn Mendes, por exemplo.

Eros acha graça, girando o volante na direção da minha casa.

Antes de sairmos, lhe dei todas as coordenadas, então não há mais desculpas para mudar a rota e me levar para um caminho completamente diferente.

— Você gosta de chorar, é isso? — Assinto, sem hesitar. — Ah, Deus… você é louca.

Solto uma risada, mas não nego.

— Livros, músicas e filmes tristes fazem meu tipo, não posso evitar.

— Não? — quer saber, incrédulo.

— Não! É quase como um imã. Quando estou procurando por algo para assistir, ler ou escutar, me vejo indo atrás de indicações que deixaram pessoas em estado deprimente por vários dias.

Ele contorce o rosto numa careta desgostosa.

— Sabe que isso não é normal, não sabe?

— Perfeita consciência — garanto.

— Não acredito que fui agraciado com uma masoquista. — Bufa, massageando a ponte do nariz.

Rio e miro através da janela, impressionada quando Eros, após pouco tempo, diminui a velocidade e estaciona na frente da minha casa.

E eu nem vi o tempo passar.

— É aqui? — pergunta, com a mão direita parada na marcha.

Aquiesço e me livro do cinto, me preparando para abrir a porta quando meu corpo gela e meus sentido travam.

Saber o que irá acontecer no instante em que eu aterrissar os pés dentro do meu *lar* é amedrontador, porque não estou pronta para os milhares de insultos equivocados que despejarão sobre mim, sem me darem ao menos a chance de me defender,

Um cansaço me sobrevém automaticamente, me forçando a entreabrir os lábios para respirar e pousar a cabeça no encosto, tentando miseravelmente aplacar a falta de ar e meu peito apertado.

— Alyssa… — Ouço meu nome sair da voz beirando a preocupação de Russell. — Você… você quer ir embora? Podemos voltar…

Nego freneticamente, engolindo em seco.

— Vai ficar tudo bem — minto, sentindo meus lábios secarem e minha pele esfriar. — Só… me deixar ficar aqui um pouquinho.

— Você está pálida — diz, e como eu não respondo, ele espirala com força e abre as janelas do carro. O vento frio da matina refresca minha derme. — Melhor?

— Sim… — sussurro. — Obrigada.

Como o esperado, ele não retribui um “de nada”, mas, quer saber? Não precisa. Posso reter, nos pequenos gestos, que ele está ultrapassando limites que impôs para si próprio ao procurar ser minimamente gentil comigo. Acho que isso vale mais do que muita coisa.

Não sei quanto tempo se passa.

Dois minutos? Duas horas?

Não faço ideia.

A única convicção que tenho é a de que, quando, por fim, saio do carro, e Eros me ajuda a tirar a bicicleta do suporte e volta a entrar no veículo, incerto, nada mudou. Continuo com a sensação horrível de que posso desmaiar a qualquer momento. Levanto e abaixo a mão várias vezes quando chego à porta, incapaz de bater

No entanto, não é necessário, porque como se adivinhasse, minha mãe abre a porta, o rosto feroz e vermelho me fazendo cogitar a ideia de continuar na casa de Eros.

Quem diria que algum dia eu pensaria algo do tipo?

— Que decepção, Alyssa — é a primeira coisa que diz. — Entra. *Agora*.

Meu pai está sentado na mesa, olhando diretamente para mim. Passo pela porta e paro à sua frente.

Não sei como agir.

Não sei o que fazer.

Por isto, respiro fundo e cruzo as mãos, esperando.

— Oi — titubeio.

— Eu nem consigo acreditar nisso vindo de você, Alyssa — a voz soa baixa, aglomerada de ira. — Você só nos traz desgosto.

Respiro fundo outra vez. Não falo nada.

Para que eu perderia meu tempo, aliás? Não adiantaria de nada.

— Por que você é desse jeito, hein? — minha mãe grita. Cambaleio quando ela me pega de surpresa ao empurrar minha têmpora com a mão, usando força suficiente para fazer minha cabeça latejar.

Não. Digo. Nada.

Minha alma sangra.

— Em pensar que te criamos com todo o cuidado do mundo para nada, Alyssa. *Nada* — meu pai (padrasto, aliás) vocifera e se levanta da mesa, parando à minha frente. — Finalmente criou asinhas e virou como aquelas suas coleguinhas, hum? — Aproxima o rosto do meu. Meu corpo começa a tremer. — Aonde você estava? Vadiando na cama de algum otário?

Nego várias vezes, abrindo e fechando a boca, mas nada sai.

— N-não, pai, não é…

— Cala a boca! — minha mãe berra ao pé do meu ouvido, e eu me encolho. — Não quero ouvir a sua voz, Alyssa.

Começo a puxar e liberar o ar com tanta rapidez que eu não me surpreenderia se a qualquer momento eu sofresse uma convulsão.

— Você não quer saber de nada que realmente dá futuro — ele cospe. — Não quer saber de estudar, se dedicar ao que realmente interessa. Só sabe ficar com a porra da cara enfiada naqueles livros e escrevendo sabe lá que merda naquele notebook.

A primeira lágrima cai.

Faz exatamente 5 meses que comecei uma rotina intensiva de estudos. Chego da escola, tomo um banho, almoço e vou correndo revisar as matérias do dia. Tirei 9 e 10 até mesmo naqueles assuntos que eu não estava indo tão bem. Chorei sozinha várias vezes no meu quarto e manchei os livros com minhas lágrimas por me achar uma inútil e por me desesperar com a ideia de decepcionar meus pais.

Aceitei enfrentar meu maior medo para conseguir pontos extras em Álgebra, a matemática que eu sempre me ferro.

Mas é claro. Eles nunca percebem isso.

Não se dão conta de que estou me destruindo para dar orgulho a eles.

Não dão muita bola para as minhas tentativas em vão de tirar um sorriso dos seus lábios.

— *VOCÊ É UMA DROGA, ALYSSA!* — meu padrasto, pai, sei lá, ladra no meu rosto. — *NÃO É CAPAZ DE FAZER AS PRÓPRIAS OBRIGAÇÕES COMO ESTUDANTE E FILHA!*

Dói muito escutar isso vindo dele do que vindo da minha mãe.

As memórias de quando eu tinha seis anos e ele me defendia dos castigos que ela dava ainda estão vívidas na minha mente, pois são as únicas coisas pelos quais eu me agarro quando isso acontece. O conheço desde pequena e, mesmo que tenha se passado tantos anos, lembro que foi fácil me apaixonar por ele e chamá-lo de pai, até porque, ele esteve mais presente do que o *próprio.*

Parte da minha felicidade é movida pela sua aprovação, e venho buscando tanto isso que é como se uma faca me atingisse quando não consigo.

Quando essa primeira frase sai de seus lábios, meu coração se despedaça em vários caquinhos. É como se tudo o que eu fizesse não tivesse valor algum.

— Pai, eu juro que nada disso aconteceu. Eu tentei avisar a vocês ontem…

— Cala a sua boca, Alyssa. Estou falando sério — meu pai rosna, me fulminando.

As lágrimas correm feito rio pelo meu rosto. Meu corpo convulsiona e minha garganta rasga e arde.

— Paizinho, por favor, deixa eu explicar…

É neste momento que a coisa que eu menos esperava acontece.

A mão de Joseph estala no meu rosto com um estrondo que eu nunca vou esquecer.

— Eu falei para calar a boca, não falei? Porra! — brada, passando a mão no cabelo, e aponta o dedo para mim. — Espero que saiba que é a nossa maior decepção, Alyssa. Não questione o porquê eu fiz isso, pois você procurou. Se eu ficar sabendo de outra coisa desse tipo, eu juro que arrebento a sua cara.

E, assim, ele sai. Passos pesados até seu quarto.

Na minha mente inocente, imaginei que a maior dor que ele seria capaz de me causar foi quando comprei um hambúrguer para ele e ele disse que não iria comer. Na época, lembro de ter passado a noite chorando e completamente arrasada, pois escolhi o sabor favorito dele e pensei unicamente nele e nos salgados que ele gosta de comer antes de jantar.

Ainda hoje não sei o que o levou a ignorar o lanche que lhe dei. Para falar a verdade, meu padrasto sempre teve a mania de magoar a mim e a mamãe sem motivo algum.

A dor na bochecha não dói mais do que a dor no meu peito.

Ah, não dói mesmo.

Ele está em frangalhos, quebrado, rachado e dilacerado.

Levanto as írises lentamente para minha mãe. Ela está com os olhos um pouco arregalados, tão chocada quanto eu, mas tenho certeza de que ela pensou em fazer a mesma coisa que ele, só não teve coragem.

Meus lábios tremulam, meu rosto inteiro pulsando, dolorido.

— Mãe… — balbucio, ansiando tanto por seu abraço que a ideia de não o receber me apavora. — A senhora pode me dar um abraço?

Ana ri.

Isso mesmo. Ela *ri*.

— Você só me dá raiva. — Começa a se afastar. — Confisquei seu notebook e seus livros. — E sem pedir ou dar um aviso prévio, arranca o celular do meu bolso. — Quero ver se não vai focar unicamente nos seus estudos agora.

E, *também,* sai, entrando no mesmo quarto que o marido.

Meu cérebro e meu estômago pesam. Fico tonta, nauseada e enjoada. Sinto vontade de gritar, de quebrar algo, mas não posso, pois eles não entenderiam.

Preciso de um abraço. Um abraço que só o calor de mãe é capaz de dar, mas ela me negou isso. Aliás, faz tanto tempo que ela vem me negando isso, com o argumento de que não mereço, que estou começando a esquecer do seu carinho.

Só desejo, todos os dias, que eles me entendam.

Que eu estou tão, tão perdida e sem rumo.

Que minhas forças e a minha vontade de continuar vivendo vem diminuindo cada vez mais.

Eu sou uma decepção.

Um fardo.

Por que minha ausência faria alguma diferença?

Não percebo quando estou no quarto e simplesmente desabo no chão.

O choro contido arranha a minha garganta.

Estou cansada de sentir demais.

De ser tão facilmente afetada.

Estou tão cansada, Deus…

Procuro pensar em algo que alivie a turbulência na minha mente. Como uma resposta à minha tentativa, meus pensamentos me levam para alguns minutos atrás, quando vi algo parecido com um sorriso tão lindo aparecer no rosto de Eros.

É estranho, mas leve, não me deixa mal e não me sobrecarrega. E só por isso, *apenas* por isso, permito que fique. Permito adormecer pensando nele.

Quando acordo, já é noite.

E ele é o meu primeiro pensamento.

07

Eros Russel

Comecei a fazer terapia aos 14 anos, dois anos depois do evento mais traumático da minha vida.

Já passei por muita coisa nesta merda de vida, mas duvido que algo possa superar o dia 23 de maio.

Relutei muito, não estava pronto para desabafar com um estranho que foi pago para me “ajudar” como se ele fosse capaz de entender o que rondava na minha mente a cada troca da lua pelo sol. Foda-se se ele estudou anos para isso. Nem eu conseguia entender a mudança que sofri depois *daquilo,* quem dirá um desconhecido. Passei por vários psicólogos durante esses 4 anos. Conheci muitos tipos de pessoas. E nenhum conseguiu utilizar de um método que me fizesse falar. A não ser a sra. Avery, minha atual

terapeuta e a única mulher que tem êxito em tirar uma palavra da minha boca que seja.

Faz 1 mês que não compareço às consultas dela, entretanto. Eu odeio ser obrigado a reviver o meu passado, odeio fechar os olhos e *ele s*er a única coisa que eu vejo. Ela não entende como é difícil ser forçado a voltar ao passado quando tudo o que mais quero é me livrar dele.

Mas para compensar minhas faltas nas consultas, faço uso regularmente dos remédios que me recomendou na última vez que a vi. Pequenos comprimidos não me fazem perguntas. Pequenos comprimidos não tentam reviver o que está morto.

Eles me ajudam a ficar estável, a não surtar.

Antes de Avery, era só dinheiro jogado no lixo. Nada adiantava. Já ouvi minha avó chorando e desabafando com o meu avô, ambos com medo de estarem abrigando um monstro dentro da própria casa. No dia, poucas horas antes, o telejornal da noite havia passado, no qual a matéria em destaque foi o homicídio de um bebê com poucos meses de vida. Nenhum traço no meu comportamento denunciou que eu estava minimamente incomodado com aquilo. Continuei a assistir, inexpressivo, mesmo que, no meu íntimo, eu estivesse desejando que aquele cara apodrecesse no inferno por tudo de ruim que cometera.

Eu não sou um monstro, como muitos pensam, só me afoguei tanto na minha própria dor que problemas alheios já não surtem o mesmo efeito de antes, de quando eu era um garoto normal e me permitia sentir tudo.

Dias, meses e anos se passaram, e tudo continua o mesmo. Posso trocar uma conversa de 5 minutos com a sra. Avery, mas

ainda sinto como se nada me abalasse. Nem coisas ruins, tampouco as boas. Nunca tive um amigo na escola ou algo parecido. Criar vínculos já são difíceis por si só, quem dirá emocionais.

Eles desabafavam sobre a família de merda deles? Ok, é foda.

Eles estavam tristes pelas notas ruins em matemática? Ok, é só estudar mais.

O cachorro deles morreu? Ok, vai passar.

Ok, ok, ok, ok. Nada parece ter importância.

Já fui taxado de egoísta, mal-amado e egocêntrico, mas qual é a mentira? Não lembro da última vez o bem-estar de outros foi o *meu* bem-estar, senão os dos meus avós. Vejo minha mãe nos olhos claros de Emma, nas rugas de expressão ao sorrir de Anthony. É como se ela ainda estivesse aqui, comigo, em cada ação dos meus avós. Se eu ainda carrego algo que o Eros de 10 anos um dia foi, é isso. A honra que dou a eles.

E meu pai... faz algum tempo que não tenho contato com meus avós paternos. Depois da morte do filho, eles meio que ficaram reclusos e se mudaram para uma cidade no interior da França. É engraçado, no entanto, a facilidade em enxergá-lo todas as vezes que Anthony senta na frente da TV, com uma 1664[5] em mãos e alguns aperitivos do lado, conforme passa os canais até encontrar algo do seu interesse.

É. 15 anos ao lado da minha mãe e o título de melhor genro teve seus efeitos eternos. Meus avós continuam os mesmos. A vida andou para eles, mas não para mim. Continuo estagnado no mesmo maldito lugar.

Não me orgulho da pessoa que me tornei, da maldita falta de empatia, a dificuldade de responder um simples “*eu te amo*” e todas

essas merdas que ganhei com o tempo. Faço acompanhamento terapêutico duas vezes na semana, só que nada parece funcionar Minha indiferença continua a mesma, e meio que já estou habituado a isso.

Então, por que eu ainda estou parado na porta da casa de Alyssa esperando por um único sinal de que ela irá voltar?

Se passaram 20 minutos, porém, permaneço onde estou, tamborilando os dedos no joelho conforme as cenas do dia anterior e do nervosismo ao sair do carro se repetem na minha memória. Não deixo de me perguntar qual a razão para Alyssa estar tão aflita em relação a voltar para casa, ao passo que sinto ódio corroer minhas entranhas sempre que meu cérebro faz questão de projetar imagens onde Alyssa é afligida por sabe lá Deus quem mora nesse lugar.

Ah, caralho. Por que eu estou me importando tanto? Não é possí vel que a terapia esteja realmente f azendo ef eito.

Grunho tantas vezes que qualquer um que esteja passando por aqui pode facilmente me confundir com um animal.

Quando não noto nenhum sinal de que ela irá voltar, giro a chave na ignição e dou partida, fechando as janelas do carro e ligando o ar-condicionado para esfriar a cabeça. Conecto o celular nas caixas de som e boto uma música aleatória de *I magine Dragons*, na ótima intenção de me desligar do mundo e arrancar, mesmo que à força, o mínimo vestígio da loira da minha cabeça.

Mas não é o que acontece.

Não. É. O. Que. Acontece. *Porra*.

Porque no segundo que *Radioactive* começa a tocar em decibéis altos o suficiente para estremecer o carro, a visão de

Alyssa cantarolando a música baixinho numa voz desafinada enquanto acompanha o ritmo da música com o corpo, tímida, flutua sobre meus olhos.

Irritado comigo mesmo, respiro e inspiro mil vezes antes de socar o volante alheio e desconectar o aparelho, deixando que apenas o barulho da minha respiração se torne presente.

Não gosto que ela tenha domínio sobre meus pensamentos e minhas ações. Odeio que ela esteja relacionada a pequenas atitudes diárias e normais do meu dia-a-dia. Isso nunca me ocorreu. Qual é o problema desta vez?

Dirijo de volta para a minha casa e estaciono na pequena garagem, descendo do carro num salto e enviando uma mensagem para Bradley.

Eu: *Deixo seu carro aí no galpão daqui a pouco*

Como se estivesse esperando por uma mensagem minha, ele responde na mesma hora:

Bradl ey:*Eu estava começando a acreditar que alguém tinha roubado o meu bebê. Qual f oi o problema da vez?*

Reviro os olhos.

Eu: *Ocorreu um imprevisto, nada grave.*

Bradl ey:*Minha J oana tá bem?*

Eu: *J oana?*

Bradl ey:*É, o meu carro.*

Massageio a ponte do nariz, rindo de irritação. Guardo o celular no bolso e ignoro todas as mil mensagens que Bradley envia. O carro dele não se chama *J oana*, e tenho absoluta convicção de que, mais uma vez, ele quis fazer gracinha para me tirar do sério.

Abro a porta e adentro a casa colorida. Não combina nada comigo. Qualquer um que entre aqui me olhará torto e fará alguma piadinha sobre o assunto. O que deixou de ser hipótese para se tornar realidade, pois foi exatamente o que Alyssa fez.

Ainda estou sem acreditar que, de fato, ela esteve aqui, dormiu no mesmo quarto que eu, na mesma cama que a minha e que, para piorar, ao meu lado.

Não vou negar, ela realmente me surpreendeu ao afirmar que não se incomodaria se eu estivesse sem camisa. Falei aquilo apenas para dar a ela a chance de mudar de ideia, mas ela vai lá e...

Droga.

Não sei quanto tempo fiquei encarando-a dormir. Sua respiração calma se mesclando ao frio que entrava pela fresta aberta da janela, seu cheiro doce e inebriante invadindo meus sentidos. Em algum momento, tentei puxar o lençol para cobrir meu corpo, no entanto, não consegui, e quando descobri o motivo, parei de lutar contra a pressão que o tecido fazia do outro lado.

Alyssa estava embolada dos pés à cabeça nele, agarrando um tufo da manta fofinha contra o corpo.

— Filho? — a voz da minha vó me desperta do vórtice, me trazendo de volta à realidade.

— Oi? — Balanço a cabeça. — A senhora disse alguma coisa?

Ela faz uma careta desconfiada, cerrando os olhos.

— Perguntei quando vamos ver aquela garota de novo... — Com um simples gesto negativo, dou toda a resposta de que ela precisa. — Por que não?! — exclama, cruzando os braços.

Torço o nariz e jogo o molho de chaves no balcão, caminhando à geladeira e bebendo um gole d'água, limpando o pouco que vaza para fora da boca com o dorso.

— Não sei se a senhora percebeu... — começo, dando outro gole —, mas ela me odeia.

Meu avô ergue uma sobrancelha.

— Não aprendeu nada com as centenas de vezes que a Lina leu todos os exemplares possíveis de *Orgulho e Preconceito* pra você?

Lina é a minha mãe, uma leitora assídua de romances de época, que fazia de tudo para enraizar em mim o gosto pela leitura desses gêneros.

Aviso, desde já, que nunca funcionou. Minha praia sempre foi estudar sobre filósofos e viver com meus olhos grudados nas histórias de todos os que passaram pela sociologia. É impossível contar nos dedos o número de tatuagens com citações que tenho marcado na minha pele.

— Exatamente, vô, é um *livro* — friso. — Nada disso acontece na vida real, acredite.

Emma bufa, contrariada, e senta no braço do sofá.

— Mas ela é uma menina tão legal... — pondera. — Quero vê-la de novo.

— Alyssa nunca vai aceitar vir pra cá de novo.

— Nem se você chamar?

Dou risada do absurdo.

— Muito menos se eu chamar.

Seus ombros murcham, mas, por sorte, não insiste mais no assunto.

Passo as mãos nos cabelos soltos, repousando minhas costas na bancada, e cruzo os braços, observando a expressão desprovida de qualquer esperança de Emma. Ela enrola o tecido fino do lenço nos dedos, pensativa, e é quando uma ponta de cansaço pesa nas minhas costas.

Faz 9 meses que minha vó está oficialmente lutando contra o câncer de mama. Perdi a conta de quantas vezes tive de acordar no meio da noite para levá-la às pressas ao centro médico; das idas e vindas do hospital após uma cirurgia; da decisão difícil que foi raspar seu cabelo de vez, considerando toda a sua vaidade. Contudo, tivemos a sorte de ter descoberto a doença no seu estágio inicial. Posso dizer, sem sombra alguma de dúvidas, que Emma se assemelha a alguém com a saúde perfeita se não fosse pela falta de cabelo e a fragilidade no andar.

Clareio a garganta e suspiro, me desencostando do móvel no intuito de ir ao meu quarto e me arrumar para encontrar os caras no galpão.

— Tenho que ir — anuncio, coçando a nuca. — Usei o carro do Bradley para trazer a Alyssa e preciso devolver

Uma chama de euforia se acende no azul-mar dos olhos de Emma.

— Ela me disse algo sobre vocês serem parceiros, não disse? — Ela olha para o marido, que assente. — Então! Você pode trazer ela pra cá para realizarem um trabalho!

Esfrego minha testa, resmungando palavrões na minha língua.

— Mulher! Não está ouvindo o que o garoto disse?! Desiste disso! — chia Anthony, fazendo um gesto de dispensa com as mãos que deixa minha vó indignada.

— Anthony Grand, eu nunca dei a você liberdade para falar assim comigo! Peça desculpas. *Agora* — ordena, enfurecida.

Minha vó é uma mulher baixinha que não aceita levar desaforo para casa, principalmente do marido, deixando-o na coleira em segundos.

Como de costume, ele abaixa a cabeça e põe o rabinho entre as pernas.

— Desculpa.

— E o que mais? — Emma ralha.

— Me perdoe, flor mais linda do meu jardim e dona de *tooodo* o meu coração.

Tento engolir a risada, mas não há como. Os dois se amam como meus pais um dia se amaram. São intensos e verdadeiros, loucamente doidos um pelo outro.

Se eu fosse capaz de me apaixonar e fazer uma pessoa minimamente feliz em uma relação, ansiaria por algo assim.

Limpo a garganta e, querendo gargalhar com o biquinho convidativo nos lábios do meu avô que ela faz questão de ignorar, digo:

— Vó... é sério. Nós somos... complicados? — Não é para sair como uma pergunta, mas a verdade é que nem mesmo eu sei o que somos. — As coisas não são fáceis assim.

Emma joga as mãos no ar.

— Tá, tá bom! Já entendi que não vou conseguir ter a agradável presença daquela garota outra vez... — murmura.

Olho para Anthony de esguelha. Ele está com a mão na boca, escondendo o riso que quer escapar com o drama da esposa.

Quase faço o mesmo.

— Tudo bem, senhores, agora tenho que ir. — Abraço meu avô num cumprimento e despedida típicos de homens em todo o mundo e passo para minha avó, beijando sua testa no máximo de carinho que consigo demonstrar. — Tchau.

Ela beija minha bochecha e sorri com ternura.

— Tchau, filho. Eu te amo.

Aí estão elas. As palavras que me causam desconforto na mesma medida que me confortam.

Apenas assinto com a cabeça, pois ela sabe, por mais que insista em repetir essa frase por, pelo menos, cinco vezes ao dia, que não conseguirei retribuir tão cedo.



— O show de ontem foi do caralho! — grita Fox ao me ver passar pelo portão, segurando uma pilha de dinheiro nas mãos. — Olha isso, cara!

Muito, muito dinheiro.

Tanto, que é impossível não arregalar os olhos diante da cena e do esforço de Fox para segurar tudo, acabando por jogar no sofá recém colocado e alongar os braços.

— Conseguimos tudo isso ontem? — indago, me aproximando.

Jae, sentado na parte forrada e acolchoada do móvel, anui, entornando o gargalo da cerveja na boca e dando um gole profundo antes de responder:

— Teve mais gente ontem do que o esperado — comenta. — Sabe como é, jovens não perdem a oportunidade de uma música boa e… ilícitos.

Torço o nariz.

— Tá me falando que conseguimos esse dinheiro com drogas?

Bradley se engasga com a bebida.

— Tá louco? Óbvio que não! Estamos falando de cervejas, cigarros, essas coisas. — Revira os olhos. — Se você não tivesse ido embora para encontrar sua amada…

— … não fui encontrar nenhuma amada.

— … saberia que o Fox teve a ideia de aumentar os preços dos produtos daqui — ignorando totalmente minha observação, completa.

Olho para Fox, em busca de confirmação, e ele dá um sorriso amarelo.

— Qual é, Eros. Damos nosso sangue por esse lugar, gastamos o dinheiro que nem temos, nada mais justo do que ter a colaboração deles um pouquinho, já que gostam tanto de farrear por aqui.

Suspiro.

J usto.

— Além disso, precisamos gravar um vídeo profissional e postar no *YouTube* — Jae diz, limpando o canto da boca com o moletom. — Não podemos perder nenhuma mínima chance de sermos reconhecidos por Hudson Maxwell.

A *The Dragons* ser reconhecida pelo maior cantor e compositor que a indústria da música já viu é o nosso maior sonho. Bradley, responsável pelas publicações nas redes sociais e Jae, encarregado da fotografia do grupo, não brincam em serviço quando o assunto é divulgar nossa banda para o maior número de pessoas

possíveis. Ambos são responsáveis por aumentarem o nosso alcance, enquanto eu e Fox, inimigos selados das redes sociais, ajudamos nas partes óbvias — como tocar.

— Beleza — concordo, girando a chave do carro no indicador e arremessando para Bradley em seguida. — Sua *Joana* está em ótimo estado — desdenho.

Bradley gargalha, deitando a têmpora no punho e observando a confusão estampada nos rostos dos amigos.

— Quem é Joana? — Jae e Fox perguntam, em uníssono.

— O nome que esse idiota deu pro carro dele. — Estalo a língua no céu da boca e ando até o frigobar, capturando uma garrafa de água gelada.

Jae gargalha, seus olhos se fechando em um *eye smile.*

— Por falar em carro, precisamos criar uma nova composição. Minha garganta está enjoada da mesma música de sempre.

— E o que caralhos "carro" tem a ver com isso? — Fox intervém.

— Sei lá, só lembrei. — Dá de ombros, cutucando o lábio inferior com o dedo. — Li umas críticas no *Instagram* e vi uma garota reclamando que nossa música não tem alma.

Me empertigo, estralando o pescoço.

— Ela não sabe o que está dizendo.

Bradley nega com a cabeça.

— Sim, cara, ela sabe. Precisamos... precisamos pôr mais emoção nisso tudo, tá ligado? Cantar com a alma, *sentir.* — Comprime a boca. — Uma composição nesse estilo seria maneiro.

Quero rir, mas não rebato. Não é meu lugar de fala, de qualquer modo.

Cresci ouvindo que os cantores são o coração da banda, a peça chave, o mais principal, principalmente se ele conseguir transmitir tudo o que carrega no peito ao cantar uma música. Quando recebi o convite de ocupar esse cargo, imediatamente recusei.

Sou um cara, para dizer o mínimo, sem graça. Tenho consciência de que, se não fosse pelos caras, eu não teria conquistado nem metade da fama que tenho hoje neste mundo. Não levo jeito com as pessoas e não possuo carisma, o que é um saco quando tem que se lidar com tanta gente. Mas eu adoro a música, a energia, as batidas, a sensação temporária de se estar *vivo* penetrando minhas veias. Com minha guitarra e meus sons, é o mais próximo que consigo chegar de me *expressar,* e eu não faço ideia do que seria de mim se a música não tivesse me salvado nos piores dias.

— Você não tinha me dito que estava tentando escrever umas músicas, Eros...? — Fox chama a atenção para uma conversa que ocorreu há, sei lá, 5 meses?

Me retraio, lembrando, como se fosse ontem, das tentativas falhas de compor algo digno de ser ouvido e cantado. Meu cérebro estava empacado, vazio, disperso. Como todas as vezes.

Irritado por isso, acabei jogando todas as 100 bolinhas de papel coisas sem sentidos escritas no fogo, não deixando para trás nenhum vestígio do fracasso que sou.

— Queimei tudo — sou sincero, arrancando arquejos surpresos dos três. — Vocês já sabiam que não iria dar certo.

Bradley simula um estrangulamento com as duas mãos e esfrega o rosto, grunhindo abafado contra a própria pele.

— Tá, tá. Tudo bem — Jae toma a frente da situação. — Então, vamos montar um *set list* com as nossas músicas mais famosas e testar novas batidas. Tenho alguns rascunhos de músicas na minha mochila, podemos ensaiar e ver se sai algo que preste.

Chegando a um consenso, assentimos e começamos a enfiar a mão na massa.

Horas se passam, preenchidas por desavenças e chamadas de atenção por parte de Fox, nos mandando acalmar os ânimos. As composições de Jae são boas, mas não o suficiente — palavras de Bradley, não minhas, porque não entendo nada disso. Quase não participei do processo, para falar a verdade. Só ajudei na hora de usar meus dedos para alinhar a guitarra ao ritmo do baixo e da bateria, sendo orquestrados pela voz melodiosa de Jae.

À noite, uma garota de cabelos pretos na altura do queixo aparece no portão, entrando a passos lentos, como se estivesse medindo nossa reação antes de ser mais ousada.

Me lembro vagamente de seu rosto, no entanto, não faço ideia de seu nome, e imploro para que ela não me faça nenhuma pergunta que exija usá-lo.

— Oi, gatinhos. — Abre um sorriso contido, empurrando a bochecha com a língua. — Vim atrás do Eros…

Seu atrevimento não me surpreende. Já estou acostumado com o número de pessoas que são corajosas o bastante para aparecerem na porta do galpão e simplesmente falarem o nome de quem estão interessados no momento.

Pronto, transar nunca foi tão fácil.

Patético, eu sei, mas, no nosso mundo, as coisas funcionam assim.

Não retribuo o sorriso, esperando que ela se ofenda com a minha carranca e tome como impulso para dar o fora daqui.

Não é o que acontece, contudo, considerando as curvas maliciosas dos seus lábios e o olhar travesso dando uma voltinha no meu corpo. Ela remexe o quadril e enrola os cabelos curtos nos dedos de um jeito que deixa claro suas intenções — que não poderiam ser outras.

Levanto do banco e caminho à porta dos fundos, destrancando-a, e indico o interior do lugar com a cabeça, chamando-a.

Holly, Bolly, Nolly — tenho quase certeza de que termina com *lly* —, solta um gritinho animado e lança um beijo no ar para os garotos conforme vem rebolando na minha direção.

Me deixa excitado, é claro, mas é só.

Tão supérfluo e batido que me causa tédio.

Assim que ela entra, faço menção de fechar a porta, porém, antes que eu o faça, consigo visualizar o momento em que todos sacam fones de ouvidos de suas calças e encaixam na orelha.

E o que acontece em seguida passa como um borrão insignificante diante dos meus olhos.

Nolly, Holly, seja lá qual seja o seu nome, puxa meu pescoço e me beija. Eu retribuo.

Entramos em uma guerra contra nossas roupas, que são lançadas em qualquer canto do espaço.

— Eu estava com saudades de você — sussurra, beijando meu pescoço.

Certo, pelo menos não errei quando disse que já nos encontramos — *f odemos?*— antes. Creio que isso me torne um pouco menos babaca.

Empurro-a contra a parede, já que não temos cama ou sofá ou uma mesa. Faço-a gemer, se contorcer e gritar embaixo de mim. Sua expressão de prazer deixando explícito que não se arrepende nenhum pouco de ter vindo. Mas, quando terminamos, me pergunto se foi uma boa ideia eu ter sido prestativo ou teria sido melhor se eu simplesmente a tivesse dispensado.

Ofegante, e um tanto mole, ela veste seu *short* e sua blusa, e quando penso que vai embora, ela apanha um papelzinho no bolso do *jeans.*

Nem preciso ver para saber o que é.

Bufo, nitidamente enfurecido.

— Me liga depois, tá? — Ela me lança uma piscadela, passando as mãos no meu peitoral. — Quero muito repetir isso aqui — cochicha, selando nossos lábios em um beijo rápido.

Confie em mim, ela nunca me daria seu número de telefone e um beijo pra lá de carinhoso se suas intenções fossem realmente *só* sexo casual. Já caí nesse papo inocente antes.

A garota espera por uma concordância vinda de mim, e quando não recebe nada, apenas um sorriso forçado que deixa a entender que *nada* irá rolar depois daqui, suas feições, antes doces, se tornam raivosas. Pisando firme, ela abre a porta de supetão e sai praticamente marchando, sem dar tchau para os garotos ou olhar para trás, sumindo do meu campo de visão.

Aliviado, passo a calça por minhas pernas e trajo a camisa, alinhando os fios de cabelo e me retirando do cômodo.

— Cara, já considerou a ideia de colocar um isolamento acústico nesse lugar? — Bradley questiona, retirando os fones.

Solto um riso zombeteiro e vou à lata de lixo, rasgando a minúscula folha com o telefone da garota e jogando dentro do recipiente.

— Quanto cavalheirismo — Fox murmura.

Abro um sorrisinho ladino.

— Vocês presenciaram como fui cavalheiro há poucos minutos. — Estralo os nós dos dedos. — Não tenho culpa se não costumam entender o significado de "sexo casual". E pelo jeito que ela saiu daqui, está ciente de que não ligarei.

— *Tão babaca* — Jae Dener cantarola, batucando os dedos no joelho. — Dá até pra fazer uma música assim. Tenho certeza de que muitos se encontram no seu mesmo estado de insensibilidade.

Libero um riso anasalado.

— Ah, é claro. Vou adorar ter sido a inspiração para um *grande* sucesso da *The Dragons* — debocho, me jogando no sofá.

08

Eros Russel

A Boston College é o epicentro para todo os tipos de adolescentes mimados que se acham os donos do mundo e vivem de nariz em pé.

Filhos de médicos, advogados, diplomatas, atletas e engenheiros, poucos sabem o que foi passar madrugadas estudando pesado para passar em um dos testes de bolsas mais difíceis de todos os colégios de Boston.

Um exemplo é Leonardo Carter, o babaca idiota que vive rondando Alyssa como urubu e que faz questão de que todos saibam do seu financeiro invejável. Não faço ideia da carreira que a família dele segue, e não faço questão de saber, mas é impossível

não escutar suas gabações sobre ela — não quando sua voz aumenta vários oitavos ao falar sobre o jatinho particular que os Carter possuem.

Idiota. Um grande e desprezível idiota.

Desvio da encruzilhada de pessoas amontoadas no pátio e sigo para o interior do colégio, meus olhos capturando, pelo caminho, a figura extravagante de Pandora Schuyler — considerada a garota mais desejada deste lugar e fora dele. É realmente intrigante sua capacidade de transformar peças de roupas tão simples no mais puro luxo. A blusa creme, de mangas longas (que terminam com um leve franzido no punho) e tecido crepe, com uma gola em formato de V na altura dos seios, ostenta quão caro esse simples pedaço de pano deve ter custado. A calça de cintura alta e um pouco curta na parte dos tornozelos também se destaca. É comum andar pelos corredores do colégio e avistar somente pessoas de calças jeans e um visual mediano — não é todo mundo que dá muita importância a uma boa aparência logo cedo —, enquanto Pandora faz questão de arrumar os fios loiros e longos em um rabo de cavalo, se maquiar de forma discreta, mas excêntrica, e distribuir seu charme por aí.

Herdeira principal da maior marca de joias do país, a Schuyler's (eu sei, nada original, mas eles acharam o sobrenome da família bonito o suficiente para servir como título de uma empresa), confesso que fiquei surpreso ao ver a garota que bebe Prada e se banha com Louis Vuitton cruzar o centro da *The Dragons* em um fim de semana qualquer, bebendo, dançando e beijando como uma igual, como se não estivesse acostumada aos holofotes e às boates de luxo da cidade.

Quando desci do palco, entre uma conversa e outra, ficamos. Coisa de minutos, pois ela, assim como eu, logo partiu para outra pessoa. Desde então, nunca mais nos falamos.

Como eu disse antes: supérfluo e insignificante.

Faltam 30 minutos para o início das aulas, por isto, retorno à caminhada e vou até o meu armário, guardando os materiais pesados e que, por hora, não irei precisar. Desprendo o meu cabelo do elástico e, me olhando através do pequeno espelho no interior da porta do armário, faço um novo coque, deixando que algumas madeixas cubram a minha nuca. De relance, olho para o lado, avistando fios claros e seu típico moletom rosa passar como um foguete em direção ao banheiro.

Não gosto da concepção que tomo, mas noto que algo está errado quando avisto uma embalagem de maquiagem em suas mãos e seu rosto virado para lado como se não quisesse que ninguém visse.

Não hesito antes de sair atrás dela.

Afinal de contas, são 6h30 da manhã, droga! Alyssa nunca chegou antes das 6h50 no colégio. O que caralhos mudou?

— Alyssa! — eu grito.

Ela para, porém, não se vira, abrindo a mochila e fingindo estar vasculhando algo lá dentro.

— Pra que toda essa pressa, pequena? Não vai me dizer que está querendo se esconder de mim pelo que aconteceu na sexta? Prometo não contar a ninguém.

— Já falei que você não é o centro do mundo e que não há nada girando à sua volta — rebate, fechando o zíper da bolsa e jogando as madeixas para trás, ainda sem me encarar.

Uh, af iada. Do jeito que eu gosto.

— O que aconteceu? — resolvo perguntar quando dou um passo na sua direção e ela se afasta.

Ela pigarreia, trocando o peso das pernas e visivelmente incomodada.

Por que ela simplesmente não se vira, cacete?

— Estou bem, não aconteceu nada — garante, voltando a andar, mas para novamente quando a chamo. — Droga, Eros. O que você quer?!

— Vire-se pra mim.

Alyssa ri.

— Não mesmo.

Trinco a mandíbula, cerrando o punho.

— Por que você não está me olhando?

— Eu *tô* apressada, meu Deus! Vê se me deixa em paz! — esbraveja, ignorando completamente a minha pergunta e apertando o passo até a cabine feminina.

A raiva transborda na sua voz, acionando um alerta no meu cérebro.

Não penso antes de agir, simplesmente sou mais rápido do que ela e agarro seu pulso, com cuidado para não machucar, e a viro para mim.

A minha garganta trava quando finalmente ganho a imagem do seu rosto, os olhos de Alyssa estão inchados e vermelhos, como se ela tivesse passado horas chorando na noite anterior. As bochechas pálidas estão cobertas de pó, e sei disso porque ela não soube passar direito, acabando por borrar.

Sinto como se a porra do meu coração de gelo acabasse de se quebrar.

— O que aconteceu? — insisto, segurando-a firme.

Ela nega com a cabeça várias vezes no exato instante que lágrimas começam a escorrer de seus olhos. Com a mão direita, a livre, ela tapa um ouvido, balançando a cabeça em uma velocidade agoniante.

Merda. O que aconteceu?

— Eu estou bem — sussurra, mas nada em suas ações indica isso.

— Péssima mentirosa.

— Por favor, só... — Engole em seco. — Só esquece isso, tá legal?

— Você não tem coragem nem de olhar na minha cara, droga! — rosno, meu peito subindo e descendo em uma velocidade absurda. — O que aconteceu, Alyssa? Não vou perguntar de novo.

O choro não cessa. Na verdade, parece piorar a cada segundo que ela passa na minha frente. Receoso, solto o seu pulso, não querendo lhe dar mais estresse. Meu corpo formiga ao observá-la encolhida.

Quero, desesperadamente, abraçá-la.

E foda-se se eu pensei que nunca iria querer tal coisa.

Porque isso deixa de ser uma vontade para se tornar uma necessidade.

Dou um passo em sua direção, sem acreditar no que estou fazendo, mas ela recua, assustada, e limpa o rosto com a manga comprida do moletom.

O mundo para.

Absolutamente tudo para quando hematomas roxos e pigmentados de verde são revelados por baixo da grossa camada de maquiagem.

Enxergo tudo vermelho. Enxergo a porra toda com ódio quando finalmente ligo os pontos.

— Quem fez isso com você? — indago, meu timbre tenso de fúria.

Seus olhos se arregalam e, quando processa a pergunta, Alyssa vira o rosto para o lado.

— Ninguém fez nada.

Seguro seus ombros e a obrigo a olhar para mim.

— Um caralho, Alyssa. Alguém te deu a porra de um soco na cara e eu quero saber quem foi. — Seus olhos se enchem de lágrimas outra vez. — Foi sua mãe? — Ela nega. — Seu pai? — Nega, mas, diferente da convicção anterior, ela demora a balançar a cabeça. — Foi seu pai?

— Não, Eros — cicia, fitando os próprios pés.

— Foi algum homem? — Alyssa assente, devagar. — Se tiver sido aquele merda do Leonardo, eu juro...

Ela solta uma risada baixa e fraca.

— Ele nunca teria coragem de fazer isso. — Suspira, trêmula, e solta o ar pela boca. — Foi o meu padrasto — confidencia, em um fio de voz. Se não fosse pelos ouvidos aguçados em cada palavra que sai de sua boca, eu não teria escutado.

Enrijeço, tão indignado e irritado quanto se é possível estar.

Que tipo de homem teria coragem de bater em uma mulher? Na própria enteada? Que tipo de desgraçado covarde e filho da puta faria uma coisa tão abominável assim?

Não estou nem aí se esse cara faz parte ou não da família dela, quero tanto matá-lo que me assusto com o desejo que percorre minhas veias.

— Eu *odeio* esse filho da puta. — Trinco a mandíbula.

Alyssa solta outra risada, tirando minhas mãos dos seus ombros ao se distanciar, limpando a região abaixo das pálpebras.

— Você nem o conhece.

— Não tem essa história de "você nem o conhece", Alyssa — ladro, fazendo de tudo para não surtar. — Ele teve coragem de bater em você, porra. *Ele te bateu*, cacete!

A garota pressiona os olhos com força, a realidade é dura demais para suportar.

— Eu tive culpa, tá legal? Estávamos discutindo pelo que aconteceu na sexta. Eu não deveria ter dormido na sua casa — desabafa, massageando as têmporas. — Ele é um cara amoroso, na maioria das vezes, nunca havia encostado um dedo em mim antes, então só... só foi um caso à parte.

— Você não estaria tão triste se tivesse sido só um caso à parte, pequena — meu tom é manso e calmo.

Não quero nem imaginar o tipo de coisa que essa garota teve que ouvir antes do seu rosto ser machucado pelo... cara *amoroso*.

Uma única lágrima se desprende e encontra sua roupa.

— Ouvi coisas injustas, sim, Eros. Meus pais não me deixaram explicar o que de fato aconteceu, se irritaram por razões que deveriam ter sido resolvidas na conversa, confiscaram meu celular, notebook, livros e todos os meios que eu tinha para me desligar desse mundo por alguns segundos. — Ela resfolega. Eu cerro os dentes. — Mas eu sei que eles me amam, que isso nunca

mais vai acontecer, e que foi uma situação isolada. Relaxa, Eros, não é pra tanto. Somos três pessoas de opiniões diferentes que convivem todo o santo dia, isso uma hora ou outra acabaria acontecendo.

Não me dou ao trabalho de escutar as baboseiras que Alyssa está dizendo. Nem ela mesma acredita no que diz.

Meu cérebro se desliga por completo quando ela fala sobre a proibição de ler seus livros pelos próximos... não sei quantos dias.

Isso foi longe demais.

— Ela confiscou seus livros? — questiono, só para ter certeza de que não ouvi errado.

— É — responde, quase sussurrando.

Não penso.

Não meço as consequências.

Nem olho a droga da minha carteira para saber se tenho verba o suficiente para bancar meus impulsos.

Mas digo:

— Vamos a uma livraria. Agora. — Começo a andar para o lado oposto aos banheiros, mas ela me segura. — O que foi?

As sobrancelhas loiras arqueiam.

— O que vamos fazer numa livraria a essa hora?

O canto dos meus lábios se espicha para um sorriso óbvio.

— O que as pessoas comuns costumam fazer dentro de uma livraria, pequena?

Compreensão inunda suas feições ao encarar meu semblante travesso, sinto vontade genuína de rir do desespero que toma seu rosto.

— Você tá louco?! Não tenho dinheiro, e, mesmo se tivesse, não poderia comprar. Minha mãe me mataria.

Reviro os olhos com a lentidão do seu raciocínio.

— E quem disse que você vai comprar?

— Não vou roubar nada, Eros! — exclama, parecendo ofendida.

— Deus amado, Alyssa! — quase grito, minha paciência por um fio. — *Eu* vou comprar um livro pra você, tá legal?

Ela abre a boca várias vezes, mas nem um só ruído sai. Piscando, letárgica, arregala e estreita os olhos, varrendo-os pelo meu rosto na caça de algum vestígio de brincadeira.

Então, ela ri.

Não, não ri.

Alyssa *gargalha.*

As lágrimas, antes de tristeza, são substituídas pela de zombaria.

Mas quando nota que não estou dando altas gaitadas de volta, ela para, empertigando a postura.

— Tá falando sério?

— Tenho cara de quem tá brincando? — pergunto, cético.

Ela revira os olhos, escondendo sua surpresa.

— Não vou fazer isso com você, é antiético.

Dou risada, me perguntando de quem ela puxou toda a personalidade teimosa e persistente.

— É mesmo? — Olho para o relógio no meu pulso. — Você tem só 10 minutos pra ser antiética comigo, então. Se você não quiser chegar atrasada na aula e fazer uma cena, acho melhor…

— Por que está se importando tanto? — seu questionamento quebra a minha linha de raciocínio.

É uma boa pergunta, da qual nem eu sei.

E prefiro, de verdade, continuar sem saber da resposta.

Acontece que, desde que comecei a "conviver" com essa garota, meu bom senso já não é exatamente a minha prioridade.

— Já te falaram que você pergunta demais? — resmungo, assustando-a quando pego sua mão e começo a arrastá-la para o lado oposto. — Vamos lá, pequena, estou fazendo uma boa ação para pagar pelos meus pecados e tentar garantir uma vaga no céu. Você não está colaborando.

Ela estala a língua e, por incrível que pareça, não se desvencilha do toque, se permitindo ser guiada. Eu tampouco cometo a loucura de fazer isso.

— Desculpa, cara, mas sua vaga no inferno já está muito bem reservada — desdenha, apressando o passo e ficando lado a lado comigo.

— Pequena… — chamo em tom de aviso, mordendo os lábios para impedir uma risada de escapar.

— Odeio esse apelido — balbucia, colocando a língua para fora, simulando um vômito.

Adorável, cacete.

— E eu não poderia me importar menos com a sua opinião, pe-que-na — sibilo, desviando do tapa que ela tenta dar no meu peitoral, rindo.

Rindo.

Não lembro da última vez que dei uma risada tão sincera.



Pouco tempo depois, estamos na livraria em frente ao colégio.

Não foi fácil chegar até aqui. Alyssa teimou comigo mais umas dez vezes e não parou de reclamar até receber encaradas de julgamento na sua direção com a cena bizarra dos seus dedos entrelaçados aos meus. Incomodada, ela se retraiu e se livrou do toque que eu estava apreciando tanto, cruzando os braços.

É tão bizarro, merda, mas eu daria tudo para substituir o vento gelado por sua mão quente e macia entrando em contato com a minha.

— Você quer mesmo comprar? — a loira indaga pela nonagésima vez ao parar em frente a um livro de capa branca. — Tipo, não pr...

— Sim — determino, tirando o livro da prateleira enquanto ela tenta arrancá-lo de mim, mas sou indiscutivelmente mais alto, tornando seu esforço em algo inútil.

— Não olha a sinopse! — exclama, cruzando os braços como uma criança que não recebe doce. Porém, neste caso, a situação é diferente.

— Agora, só porque pediu... — Abro um sorriso malicioso e viro o livro.

— Eros! — suplica. — Para com isso, *agora.* — Dá pulinhos para alcançar o exemplar a muitos centímetros acima da minha cabeça. — Erooooos!

Passo os olhos pelas letras pequenas e os arregalando à medida que leio. Fito Alyssa que esguelha, que se encontra

vermelha de vergonha, e volto para minha leitura.

— “Ninguém suspeita do maior segredo da tímida Lily Colloway...” — começo a ler, brincalhão. Ela tampa o rosto, constrangida. Comprimo os lábios e continuo: — “Enquanto todos estão dançando nos bares próximos a universidade, ela está no banheiro — faço uma pausa dramática —... para *transar.”*

— Para de ler isso! — implora, parecendo um pimentão. É a coisa mais fofa do mundo.

— “Sua compulsão a leva para encontros de uma noite, transas rápidas e eventos que ela se arrepende vergonhosamente. A única pessoa que conhece seu segredo é a única pessoa que possui um próprio. — Emito um estalo no céu da boca, adorando o rumo que isso está tomando. — O melhor amigo de Lor...

O livro é tomado das minhas mãos.

— Eu te odeio! — ela diz, guardando o exemplar de volta nas prateleiras.

Tento pegar ele de volta, mas, desta vez, ela consegue acertar um soco no meu braço.

— Mas agora que a coisa estava ficando boa! — Aproveito que há uma mesa cheia dos mesmos livros no lado da livraria que eu estou e apanho um. Alyssa bufa e cruza os braços, se dando por vencida. — “Estranhos e familiares começam a se infiltrar em suas vidas e, com novos desafios, eles percebem que podem não ser apenas viciados em álcool e sexo. — Olho para ela por cima da lombada, provocando-a. — Mas talvez seu verdadeiro vício seja um e o outro.

De repente, a atmosfera do ar muda.

Alyssa engole em seco, desviando o olhar dos meus.

— Já terminou?

— Estou impressionado com os tipos de livros que lê, pequena... — divago. — Sexo, sexo, transa, bebidas, sexo de novo... — enumero, só para irritá-la. — Eu esperava algo mais parecido com flores, fadas e princesas.

— Eu não ia comprar esse livro, idiota! — se enfurece, suas bochechas agora pegas por um tom carmesim de irritação.

— Você fica uma delícia brava assim — solto, tombando a cabeça para o lado e me deliciando com a surpresa e a timidez que moldam os traços lineares do seu rosto.

Alyssa pisca uma, duas, três vezes, atônita, sons travados saindo da sua garganta ao tentar formular uma frase coerente.

— E-eu, hum, v-vou — Ela aponta para trás e, depois, para frente, perdida —, huum, você sabe. — Gesticula as mãos, em gestos que não querem dizer nada, combinando com o embaralho dos seus pensamentos. — C-comprar... livros.

— “Livros”? — Ergo uma sobrancelha.

Não achei que fosse possível, porém, não só seu rosto, como o pescoço também, ganham uma tonalidade muito forte de escarlate. Seus olhos lacrimejam pela queimação que deve abaixo deles, imagino. Alyssa clareia a garganta, constrangida, e eu me arrependo por ter feito essa pergunta.

— N-não, quer dizer, eu sei que vai comprar só um, foi...

— Pode levar dois.

— ... um modo de falar... O quê?

— Pode levar dois — repito, apontando para o preço. — Estão baratos.

A garota nega, umedecendo os lábios.

— Não quero que faça isso só por pena, Eros.

— Não é por pena, sua irritante. — Solto o ar pelo nariz. — Eu *quero* comprar, beleza? O dinheiro é meu, você não pode fazer nada quanto a isso.

Alyssa bufa, batucando os pés no chão.

— Tá, insuportável — acaba cedendo, tomando o livro das minhas mãos e deixando no lugar que estava. — Não quero esse.

Minha boca coça para o lado, mas nem se o mundo estivesse acabando eu a deixaria ver o quanto estou satisfeito com sua ótima escolha de *não* ser chata.

— Vou te esperar na caixa registradora. — Aponto para trás, onde há uma mulher sentada atrás do computador, apenas esperando para nos atender. — E vai logo.

Ela assente, finalmente se perdendo pelos corredores imensos e cheios de livros. Como se já soubesse o que quer, Alyssa para na seção de *romances,* vasculhando as prateleiras com um sorriso contido no rosto.

Não deixe a merda de um simples sorriso te af etar, Eros.

Alguns segundos se passam quando um cara alto, ruivo e dono de sardas salpicadas pelo nariz e bochechas entra na loja. Ele parece prestes a entrar na ala de *suspenses* quando Alyssa fisga sua atenção, entreabrindo a boca como se estivesse encantando ao acompanhar seus movimentos animados pelo corredor.

Hum.

— Puta merda — chia, ajeitando os óculos no nariz.

Clareio a garganta e cruzo os braços, apoiando meu ombro na parede, analisando-o de cima a baixo.

— Algum problema?

O garoto se sobressalta e olha para mim, envergonhado.

— Ah, Deus. Você é o namorado dela? Me desculpe, meu Deus… — Coça o pomo-de-Adão, que parece convulsionar pelo nervosismo. — Com todo o respeito, cara, mas sua garota é linda pra cacete.

— Ela não é minha garota — afirmo, sem poder negar o fato de que, sim, Alyssa é linda *pra cacete.*

Antes confuso, sua expressão se emoldura no mais irritante alívio ao se dar conta de que, aparentemente, ela está livre.

Patético.

— Então... ela é solteira? — Ele se anima, sendo que eu nem disse nada, e vai à bancada, capturando uma caneta e um papel de dentro de um potinho metálico. — Com licença, moça, é rápido.

Observo a cena se desenrolar diante dos meus olhos atentamente. Nem pisco, querendo entornar minhas mãos no pescoço desse filho da...

Ele nem a conhece e já está lhe of erecendo o número de telef one?!

E por que estou tão incomodado, porra?

— Você pode entregar a ela? — Rasga a folha, dobra e me entrega. — Meu nome é Oliver.

— Hum. — Guardo no bolso e volto a cruzar os braços. — Bacana.

O rapaz é esperto, pois, pela cara que faz, sabe que, nem em mil anos, irei entregar esse papel a Alyssa. Oliver, desconfiado, se vira para a atendente e faz o pedido diretamente a ela, me lançando um olhar enviesado.

Rosno baixinho, implorando para que ele caia fora daqui antes que Alyssa apareça.

Finalmente, o cara pega um livro qualquer nas prateleiras principais e some da minha vista — não sem antes pôr a loira no seu campo de visão e sussurrar um "*linda."*

Rolo as írises com força.

Poucos minutos se passam quando, enfim, Alyssa parece achar os dois livros que deseja, o único problema é que eles se encontram na última prateleira, acarretando no esforço desnecessário dos seus braços e pernas esticados para cima. Ela respira fundo, alonga os membros, e tenta outra vez. Sem êxito. Posso escutar, de onde estou, os pedidos de socorro estridentes dos seus braços.

É impossível conter o sorriso cínico que se molda em minha face. Alyssa é alta, mas não *tanto.* Nem em cinco milhões de anos ela conseguiria alcançar aquele livro sem a ajuda de uma escada — ou alguém. Todavia, a garota é mais teimosa que uma mula, deslizando ao irracional.

Se observei algo sobre ela durantes esses poucos dias, é que ela é persistente *pra* cacete e não vai pedir minha ajuda, mesmo que eu esteja a menos de 20 passos dela.

Faço pressão contra o lábio inferior para impedir o riso que luta em escapar ao visualizar a frustração enevoando suas feições, mas a vontade cessa e dou vários passos à frente, em alerta, quando ela puxa uma escada minúscula no fim do corredor e se apoia no último degrau, fino demais para se considerar seguro.

— Peguei! — ela comemora, cometendo a tolice de externar sua felicidade, remexendo o quadril em cima. Da. Porra. Da.

Escada.

Que, não surpreendendo a ninguém — ou só a ela, considerando sua cara de espanto e medo — o objeto enferrujado range e uma de suas pernas entorta, fazendo-a se desequilibrar.

Um grito fino pula da sua garganta. Antes que o corpo desabe de encontro ao chão, sou mais rápido e avanço com os braços estendidos, passando um deles por sua cintura e esticando o outro para, sem sucesso, tentar apanhar um dos livros, que ela largou devido ao susto. O exemplar de capa azul foge do meu alcance, e minha atitude de bom homem preocupado com o bem-estar do livro serviu apenas para me desequilibrar.

Prenso Alyssa contra a madeira branca e seguro em seu quadril, firmando os dedos na região até que ela esteja devidamente equilibrada no chão. Arfo pelo susto e Alyssa se apoia fortemente em meus bíceps, com os olhos arregalados de assombro. Me obrigo a engolir o nó na garganta, ainda que com dificuldade, sentindo a respiração quente da loira ricochetear no meu queixo. Nossos rostos estão próximos demais um do outro.

Ela abre a boca para dizer algo, mas nada sai, seu perfume adocicado chegando às minhas narinas, quase me fazendo suspirar. Em vez disso, encaro os lábios voluptuosos e avermelhados, passando a língua inconscientemente nos meus.

— Peguei você — sussurro, entrecortado.

Se recuperando, seus lábios se erguem para cima, os olhos grudados nos meus, ao mesmo tempo que se perdem na minha boca.

Para com isso, pequena…

— Não fez mais do que sua obrigação — retruca, sarcástica.

Ah, porra. Eu deveria calar essa boca aqui e agora só pelo atrevimento.

— Eu pagaria pra ver você se estatelando no chão — ironizo, curvando meus lábios em um meio sorriso. — Pena que deixei meus instintos falarem mais alto.

Ela solta uma risada anasalada.

— Perdeu a oportunidade, amor — debocha, quase em um cochicho, e odeio como essa palavra soa tão bem dos seus lábios.

Meus olhos, antes explorando seu rosto, sobem aos dela, que encaram minha boca sem nenhum pudor ou restrição. *Cacete*. Meu sangue ruge nas veias com essa proximidade. Seu coração bate errático sob os seios esmagados em meu torso.

Em outros casos, eu agiria por impulso, infiltraria meus dedos nos seus cabelos macios e a puxaria para mim, acabando com essa distância tortuosa. Mas não nesse. E o motivo ainda é uma incógnita para mim.

Alyssa desperta para a realidade e empurra meu peitoral com o antebraço, se desvencilhando. Já sentindo falta da porra do seu calor, inspiro fundo e reúno forças inexistentes, afrouxando o aperto em sua cintura e dando um passo para trás, possibilitando sua saída do cerco que a enfiei. Disfarço o pigarro quando Alyssa se agacha e recolhe o livro intacto do chão, entregando os dois para mim. O silêncio que se instala é constrangedor.

— Alguém morreu aí? — a mulher do caixa pergunta, e mesmo que seja um questionamento um tanto... sério, há calmaria no seu tom.

— Não — respondo.

Desvio minha atenção para os exemplares em minhas mãos. Em um deles, há um casal trajando jaleco, e o casal desenhado com afinco se beijam. No outro, o fundo é de um azul mais escuro e há uma garota loira, de vestido vermelho, e um cara barbudo ao seu lado, olhando para ela.

— *As Hipóteses do Amor* e *Aconteceu Naquele Verão* — leio, estreitando as pálpebras. — Espero que você não esteja gastando meu dinheiro com livro ruim.

Com a menção aos nomes do livro, Alyssa se livra das bochechas vermelhas e envergonhadas por conta do acontecimento de alguns minutos e abre um sorriso que ameaça partir seu rosto ao meio, nem ligando para o meu comentário.

— *Siiiim!* — grita, dando breves pulinhos animados. — Faz tempo que *tô* querendo ele, mas como sempre tá esgotado… — Ela para e balança a cabeça. — Esquece, é besteira — sua voz murcha.

— Continua — peço, com a voz assustadoramente calma, e a caminho ao balcão, entrego o dinheiro referente aos livros para a mulher.

Envio um olhar afiado a ela, pedindo de joelhos que não comente nada sobre o cara atirado de mais cedo.

— Precisa de sacola? — a mulher pergunta, captando o sinal e se fazendo de sonsa. Faço uma nota mental de agradecê-la em outra ocasião.

— Não, obrigado. — Recebo os livros e os entrego novamente para Alyssa. — O que você estava dizendo?

Noto quando ela faz um esforço absurdo para não sorrir, folheando as páginas e cheirando cada folha, os olhos brilhando ao alisar a capa aveludada de cada um.

É uma mania estranha pra caralho, mas fico calado.

— Eu só ia falar que esses livros são bem famosos, as pessoas sempre compram quando tá disponível nas livrarias, sites e essas coisas — explica e passa para o lado de fora assim que abro a porta. Ela suspira. — Obrigada, Eros. De verdade. Prometo que, quando eu começar a trabalhar, vou devolver o dinheiro.

— Eu não te emprestei nada, Alyssa. É um presente. Larga de ser teimosa e aceita, mulher!

Ela faz um biquinho com os lábios, abraçando os objetos contra o peito.

— Só não quero incomodar — balbucia, fitando os próprios pés enquanto caminha.

Outra maldita pontada bem no meio da porra do meu coração de pedra.

— Você não incomoda — digo, sendo sincero.

Alyssa vira a cabeça para mim, me esquadrinhando com seus orbes amarelos e enigmáticos.

— Quem era aquele cara que você estava conversando?

Grunho audivelmente, seu número de telefone parecendo pesar no meu bolso.

— Você nos viu?

— Uhum — murmura, chutando uma pedrinha na calçada. — Você quase não conversa com ninguém, fiquei interessada pelo que levou você a trocar mais que uma palavra com ele — provoca, encrespando a testa.

Ele estava dando em cima de você e, por algum motivo, não gostei nada disso.

Minha mente se dá ao trabalho de criar mil ideias mirabolantes para inventar algo aceitável e fugir da verdade, mas algo nos olhos esperançosos e atentos de Alyssa sobre mim, esperando pacientemente o que tenho a dizer, me induz a contar o que realmente aconteceu.

Esse seu jeito ainda vai me levar à ruí na, pequena.

— Ele disse que você era bonita, quase te comeu os olhos, achou que estávamos namorando e se desculpou por estar te engolindo de forma indireta, passou o número de telefone dele…

— Espera, o que você disse? — a loira me interrompe, os olhos arregalados.

— Que ele disse que você era bonita…

— Não. — Ela negou com a cabeça. — Depois disso.

Enceno um semblante de confusão, ciente do que ela está querendo saber, mas tentando contornar a situação o máximo possível.

— Que ele quase te comeu com os olhos…?

Alyssa bufa, olhando para os lados e atravessando a rua. Sigo-a.

— Você disse algo sobre número de telefone... — divaga. — Ele deu o número dele pra você?

Maldita hora que não joguei essa porra no lixo.

Passo as mãos no cabelo, esquecendo que os fios estão presos em um coque, acabando por bagunçá-los. Ótimo, agora estou estressado por dois.

Tirando o elástico e repetindo o "penteado", vou para o lado de Alyssa. Apenas mais duas ruas e estaremos no colégio.

— Deixou — resmungo, sem conseguir esconder a irritação na minha voz.

O cenho da garota chega ao couro cabeludo.

— E cadê? Você não estava pensando em me dar? — acusa, estreitando os cílios.

Não mesmo.

— Vai dar mole pro cara?

— Não é da sua conta. — Ela estende a mão. — Anda, me dá.

— Mas... — tento, já metendo a mão automaticamente no bolso de trás da calça jeans.

— Shhh, "mas" nada.

Rolo os olhos com força o suficiente para fazê-los doer, entregando a ela o cacete do papel com a letra ilegível do ruivo e a merda de um "Oliver ♡ " ao lado.

Idiotice.

Ela analisa a folha rasgada, ainda parecendo impressionada com o fato de que há milhares de homens no mundo que cairiam facilmente de quatro por ela.

Não me enquadro nessa numeração, óbvio, mas é um fato.

— *"Para a garota mais linda que encontrei em uma biblioteca. Assinado, Oliver"* — ela recita, dando um sorriso bobo. *Muito* bobo. — Ele parece ser legal.

— Você não conversou com ele.

— Ah, é? E o que Oliver fez pra me fazer pensar o contrário? — desafia, erguendo o queixo.

Dou de ombros, cruzando os braços.

— Ele também não fez nada pra receber o título de "Cara Legal".

Alyssa ri.

— Pra você, ninguém merece esse título — afirma, suspirando em seguida, com os olhos pregados no papel. — Não estou com cabeça para pensar em relacionamentos.

Uma chama mesquinha de esperança se acende.

Viro na sua direção como a porra de um maníaco.

— Não vai ligar pra ele? — Odeio o tom beirando à animação que transborda do meu timbre.

Ela nega.

— Não — responde, muxoxa.

Toda a postura aparentemente eufórica se esvai direto para o ralo quando detecto a tristeza rondar as suas feições. A mesma expressão que vi no seu rosto logo após nosso quase beijo, como se não se achasse suficiente para as pessoas.

Droga, Alyssa.

Repulsa e nojo explodem nas minhas veias sempre que as palavras que me disse vêm à tona em minha memória. Lembro de Leonardo, lembro de Nicole, lembro de todas as pessoas que, de algum modo, já presenciei se alegrando ao conseguirem colocá-la para baixo.

Merda, eu os odeio. Cada um deles.

Simplesmente não entra na minha cabeça que as pessoas sejam tão más e amargas a este ponto. Tão infelizes com a própria vida que precisam se alimentar da infelicidade dos outros para sentirem algum poder.

Odeio que façam a garota mais linda que cruzou meus olhos duvidar de si mesma, porque, cacete, eu poderia tê-la possuído ali, naquela cozinha. Eu beijaria cada partícula do seu corpo e a deixaria no controle, para tomar as rédeas da situação e se sentir a porra de uma rainha.

E, ao mesmo tempo, a ideia de sujá-la com minha impureza me apavora.

Alyssa é pura demais para este mundo. Pura demais para qualquer homem que babe por ela.

Sem compreender meus próprios pensamentos, dobramos a rua e eu digo:

— Você... deveria dar uma chance. — É sério mesmo que estou dizendo isso?

Ela me olha como se, no lugar de uma, eu tivesse 10 cabeças.

— Não era você que estava insinuando pra eu não ligar e coisas do tipo?

— Aham, mas mudei de ideia.

— Ainda bem que não é você que decide. — Sua língua ferina me deixa fraco pra caralho. — Tudo bem que ele pode ser um Chris Evans da vida, mas não vai rolar.

Meu lado macho alfa babaca solta fogos de artifícios de diferentes formas, cores e tamanhos quando Alyssa rasga a folha em dois pedaços e manda para o lixo Oliver e seu número de telefone endiabrado.

Espero estar conseguindo conter o sorriso que quer muito brotar na minha boca.

Se controla, cacete.

— Poxa. — Suspiro dramaticamente, chegando à rua do grande edifício. — Oliver não teve sorte desta vez.

A garota olha para mim sem dizer nada, porém, posso jurar que divertimento dança nas suas írises.

Entramos pelo grande portão de grades 2 minutos antes das aulas começarem. Alyssa se encontra com Brooks, que deve ter chegado há pouco tempo (a cacheada desconhece o significado de pontualidade. Quando não está com Alyssa, é rotina que chegue 5 minutos depois dos professores entrarem na sala). Me separo da loira, observando a situação das duas de longe.

Brooks a recebe com um abraço forte e vários beijos na testa, arrancando risadas da amiga. Essa última mostra a ela os livros que lhe dei, folheando as páginas e apontando para algo por entre as inúmeras frases, saltitando. Brooks gargalha e gesticula os lábios numa frase que não chego nem perto de saber o que significa. Deve ser algo relacionado a quem deu a ela, pois Brooks me procura com o olhar no momento que os lábios cheios de Alyssa formam "Eros".

Fecho a cara quando ganho sua atenção. Ela parece prestes a me fuzilar com o olhar, mas há uma pontada de gratidão no meio da sua desconfiança, como se me alertasse, via telepatia, para eu não cometer um “a” errado ou machucar a amiga de alguma forma.

Bem, eu e Alyssa não temos e nunca teremos nada, então estou ileso de suas ameaças e as consequências dela.

A garota que vem me tirando do sério de uma maneira atípica me lança uma piscadela, toda zombeteira.

Reviro os olhos, querendo rir, e sigo para a sala, ignorando os batimentos acelerados do meu coração.

09

Alyssa Blair

Antes de me encontrar com Brooks, que, como sempre, chegou atrasada, me esgueirei por trás de um tronco de árvore e retoquei a maquiagem na bochecha, fingindo não estar vendo o olhar irado de Eros sobre o machucado, que observa a cena sem falar nada, cerrando a mandíbula com tamanha força, que a veia de sua testa se encontrava dilatada.

Eu não esperava por aquela reação de mais cedo, e juro que não tentei levar para o lado pessoal, mas aquela parte, a que ainda se ilude achando que eu ocupo um lugar especial no coração de qualquer outra pessoa que não seja Brooks ou Vítor, gostou da ideia de que sua reação se deu pelo fato de que, de algum jeito muito louco, ele se importa comigo.

É um pensamento engraçado.

Possuo todos os defeitos do mundo, mas *burra* não está entre elas. Eros faz o tipo macho alfa que tem um instinto protetor de nascença dentro de si, então sim, ele agiria dessa mesma forma se notasse algum comportamento estranho em seja lá quem fosse.

Não gosto muito deste fato.

Assim que termino de rebocar meu rosto, aceno com a cabeça em despedida e seguimos caminhos separados; ele se dirige para a sala e, eu, me dirijo até Brooks.

Ela já mantém os olhos em mim o trajeto inteiro, então provavelmente viu minha breve conversa com Eros — suas sobrancelhas franzidas não podem significar outra coisa. Inocente, abro um sorriso, subindo as arquibancadas até ficar ao seu lado, na última. Levo meus dedos aos seus cachos caindo em cascata sobre sua cintura, enrolando-os.

— Oi, gatinha. Sabia que as aulas começam às 7h e não às 8h? — provoco, cutucando sua costela com o cotovelo.

Brooks ignora a minha provocação e revira os olhos, descendo-os aos livros em minhas mãos e formando um perfeito "O" com os lábios, animada.

— Você comprou esses livros e nem me avisou?! — quase berra, arrancando um dos exemplares das minhas mãos com cuidado e cheirando as páginas. — Promete que quando terminar de ler vai me emprestar? — Ela pisca os longos cílios, toda persuasiva.

Rio anasalado e assinto, sendo surpreendida com vários beijos na testa. Gargalho, tentando me desvencilhar e,

delicadamente, tiro suas mãos de minha bochecha, com medo de que a base acabe saindo.

— Foi Eros que me deu — admito, pois sei que é a única coisa capaz de prender sua atenção e tirar a expressão de desconfiança que brota em seu rosto com o gesto repentino.

Seus orbes de chocolate ameaçam saltar para fora com a informação. No mesmo segundo, como a menina do exorcista e *nada* discreta, Brooks gira o pescoço em 360° graus, pairando sobre Eros recostado no seu armário numa posição relaxada.

Ele está olhando para mim.

Ou para nós, tanto faz.

Argh.

Brooks também percebe isso. Suas pálpebras se estreitam conforme faz uma análise geral do cara de cima a baixo, como se uma encarada pudesse dizer mais que mil palavras — não sou nem louca de duvidar dessa tese, há tantas ameaças de morte em torno desse ato que fica difícil não acreditar que Brooks realmente seria capaz de cometer um homicídio.

Dou uma risadinha baixa e arrisco uma piscadela para ele, que ri, balançando a cabeça, e sai, empurrando a porta da sala de aula.

— Ele me comprou dois livros, Brooks, não me pediu em casamento — a repreendo assim que ganho sua atenção.

— E não é a mesma coisa?

Bufo.

— Ele me odeia.

Minha amiga resmunga algo — um xingamento, talvez? Provável... — baixinho conforme entrelaça nossos braços e começa

a me guiar à sala.

— Desde quando ele odeia você?

— Desde que me conheceu, ou até antes.

— E ele teve coragem de gastar dinheiro e te comprar dois livros, não um, *dois* — dá ênfase. — Mesmo te “odiando”? — Faz aspas no ar. — Uau, tá pra nascer um cara mais esquisito que esse.

Além de esquisito, Eros é um cara obstinado. Não aceita um "não" como resposta e é irredutível em suas ações.

E me deixa muito, muito confusa.

Como um cara que alega não gostar de mim, ou melhor, não sentir *nada* em relação a mim toma a decisão de me dar algo que me faz tão… bem, por vontade própria? Por que naquele par de olhos castanhos eu sinto uma calmaria estranha e uma turbulência dentro do peito?

Quando quase caí da escada e logo fui resgatada por ele, que passou os braços fortes na minha cintura e fez questão de prensar meu corpo ao dele, minha garganta secou e a pulsação do meu pulso tomou um ritmo peculiar. Seu cheiro amadeirado acariciando meu rosto e nossas bocas tão próximas…

Mesmo que eu queira, não há como negar: senti uma forte vontade de puxar seu pescoço e acabar com aquela distância que mais parecia um martírio. Meu íntimo gritava para que ele fizesse jus ao *status* de pegador e realizasse exatamente os desejos que rondavam entre nós. Quer dizer, estávamos em uma livraria, nada além de uns beijos poderiam acontecer.

Mas ele não o fez, e muito menos eu. Porque, como sempre, o passado e meus traumas me usaram como marionete e riram da minha cara.

Há alguns meses, um dia depois de eu ter entregue minha virgindade para a última pessoa que a merecia e ter sido completamente abandonada na cama por Leonardo, logo após ter conseguido o que queria e depois de chorar muito, eu estava em êxtase. Quando cheguei no colégio, radiante, e jurando que ele se sentia da mesma forma, fui até ele no intuito de beijá-lo, porém, antes que eu conseguisse, sua mão grosseira apertou meu ombro e me distanciou de si.

É isso que o abuso faz com a sua mente. Na noite passada, Leonardo me xingara e dissera que iria transar com alguém melhor; eu, entretanto, não conseguia parar de chorar pela ardência entre minhas pernas, ciente, naquele momento, de que tinha sido a pior coisa que já me acontecera. Mas o que rolou no dia seguinte? Esqueci de tudo o que ele havia feito, dito e até mesmo do que ele *não* fez — como parar quando eu pedi.

Lembro de unir as sobrancelhas, confusa, não entendendo o motivo de Leonardo ter me afastado assim. Ele riu e, naquele simples som, me senti minúscula. Inferior.

— Não é toda hora que um homem deseja ser beijado por você, Alyssa. — L impou o canto da boca que eu sequer havia chegado a encostar, aumentando ainda mais minha humilhação. — I sso é f alta de educação. Peça desculpas.

Atordoada, minhas pálpebras tremeram e meus lábios se entreabriram, o sangue f ugindo do meu rosto, enquanto meu cérebro tentava a todo o custo raciocinar o que eu acabara de ouvir.

— O-o quê? — gaguejei, f orçando o bolo da garganta para baixo.

Leonardo me mostrou um sorriso despreocupado.

— Eu não quero um beijo seu. Você tentou me beijar. Isso é errado. Peça desculpas.

Soltei uma risada sinceramente nervosa, minhas mãos se tornando pegajosas com os primeiros sinais da minha crise de ansiedade silenciosa.

— Leo, isso não faz o menor…

— As desculpas, Alyssa — exigiu, ríspido, perfurando os dois orbes pretos e severos no meu rosto.

Cansada, suspirei e esfreguei meus braços, escolhendo os ombros. Não conseguia encará-lo, então abaixei o olhar e segui os círculos nervosos que meus tênis faziam no piso.

— Desculpa — a palavra teve um gosto amargo na minha boca, a ânsia na garganta aumentando quando Leonardo afagou meus cabelos.

— Boa garota. Agora pode ir. Quem sabe mais tarde eu não esteja com um humor melhor? — Ele sorriu e me dispensou com as mãos.

Meus olhos embaçaram e meu peito se comprimiu conforme eu me afastava, sem dizer nada. Era exatamente desta forma que Leonardo me via: como um objeto. Daqueles que você usa e descarta na hora que bem entende.

Minutos depois, eu estava perdida em uma conversa com Brooks, mas, ainda assim, pude avistar o exato momento em que Nicole se aproximou dele e puxou seu pescoço, beijando-o.

E sabe o hilário? Leonardo não a afastou e nem fez menção de que faria algo do tipo.

Passei a acreditar, então, a partir do momento que o vi enfiando a língua na garganta dela com todo o fervor que um beijo sem sentimentos poderia oferecer, que o problema não estava nos beijos roubados ou na falta de educação, mas estava em *mim.* Que não sou uma mulher que os homens costumam desejar e que há uma fila enorme de pessoas melhores do que eu.

Nunca entendi o significado de "relacionamento abusivo" até passar por ele. Para as pessoas de fora, é uma incógnita o motivo de uma mulher continuar a insistir em um cara mesmo depois de ter seu psicológico estilhaçado a cada dia. Leonardo me mata um pouquinho a cada atitude dele, com as palavras que saem da sua boca, com suas ações, com suas *decisões,* mas meu coração ainda insiste em pular feito uma criança no trampolim e as borboletas continuam voando no meu estômago sempre que estou com ele. Sei que o que sinto por ele é tóxico, nos níveis mais extremos, só que simplesmente não consigo evitar. Ainda nutro a esperança de que ele pode mudar, de que ele... não é assim porque quer.

É um pensamento tão idiota e mesquinho que agradeço por ninguém ser capaz de ler a minha mente.

— Você ouviu o que eu disse? — a voz de Brooks me retira dos meus devaneios, e quando me dou conta, já estamos na sala de aula.

— Ah, oi? — digo, confusa, e nego com a cabeça. — Desculpa, não ouvi.

Minha amiga estreita os olhos, nada convencida com meu sorriso forçado.

— Eu disse que Vítor nos chamou para visitar a namorada *que vocês esconderam de mim* — Range os dentes, e eu reviro os

olhos —... hoje.

Desta vez, o sorriso que abro não tem nada de forçado. É sincero, porque conhecer Zoe é o exato tipo de distração que preciso.

— Claro! — Assinto com a cabeça freneticamente. — Você só vai precisar falar com a minha mãe... aconteceu umas coisas e, bom, você sabe... — murmuro, soltando um suspiro.

Não é preciso que eu diga mais nada para que ela compreenda. Brooks me conhece como a palma da sua mão, sabe dos meus problemas familiares, dos meus medos, o que me faz feliz e o que me faz triste. Ela é o tipo de pessoa que não consigo me ver longe.

Um mundo sem Brooks Cole seria horrível. Muito mais do que amiga, ela é minha irmã. Algo como... meu bote salva-vidas.

Como se pudesse ler pelas entrelinhas, ela entrelaça nossas mãos e beija meu dorso, fazendo um carinho suave.

— Sou capaz de enfrentar até o Papa pra te ver bem, Aly. Então, não se preocupe, falarei com eles.

Aquiesço, meu peito se aquecendo. Devido ao fluxo de estudantes entrando apressados no lugar, Brooks me guia temporariamente para a sua mesa, antes que a professora Ravena chegue e desfaça tudo.

— *ALYSSA!* — alguém grita atrás de mim. Reconheço a voz de Bryce.

Quando viro, à sua procura, encontro-o sentado na minha cadeira, ao lado de Eros, enquanto o último está parado perto dele, com os braços cruzados, assassinando-o com as írises crepitantes.

— Já volto. — Me desvencilho de Brooks e caminho na direção deles. Espalmo as mãos no tampo e divido o olhar entre os dois. — O que houve?

— Esse filho da... — Eros começa, mas Bryce não permite que ele termine:

— Oi, linda, vem sempre aqui? — Ele apoia o queixo na palma da mão e pisca os longos cílios.

Franzo a testa, fitando Eros de canto e abrindo um sorrisinho pequeno ao avistar sua expressão raivosa, as narinas dilatadas e as sobrancelhas arqueadas.

— Venho, sim, gatinho, e você? — Decido entrar na brincadeira, lhe lançando uma piscadela.

— Mas que porr...

— *Shhh.* — Bryce vira rapidamente para Russell e bate no seu braço. — Não está vendo que estamos con-ver-san-do?

Quero muito gargalhar com o trajeto lento que os olhos de Eros fazem a partir do próprio braço até o rosto de falsa inocência do garoto.

— Porra, garoto, você tem muita coragem — grunhe.

Bryce dá uma risadinha.

— Alyssa está presente, você não teria coragem de agredir esse rostinho bonito aqui na frente dela — declara, mas antes que receba uma resposta afiada do francês, se volta para mim novamente. — Senta aqui. — Ele bate no lado minúsculo disponível na *minha* cadeira que *ele* está sentado, se colocando quase na ponta dela para que me caiba.

Faço uma careta, ciente de que ali não me cabe e, sem dar a ele uma possível chance de falar algo como: "Você é magrinha, vai

dar certo", decido não dizer nada e olho para Eros, indicando a cadeira vazia dele com o queixo. Me entendendo, ele faz que sim, sua expressão tensa se suavizando.

— Que massa, vocês conversam via telepatia! — Torrence exclama, batendo palminhas com os cotovelos apoiados na mesa, me acompanhando sentar na cadeira de Eros com um sorrisinho.

O único problema é que ele está atrás de mim, e o calor do seu corpo me abraça, assim como seu porte físico me deixa nervosa.

— E então...? O que aconteceu? — indago, me recostando descaradamente, porque, embora esteja nervosa, há um conforto estranho em tê-lo por perto.

Bryce arrasta a cadeira para ficar mais próximo a mim, tocando as pontas dos meu cabelo com os dedos. Eros se remexe nas minhas costas, parecendo incomodado.

Por alguma razão, gosto muito disso.

— Você é tão linda, Aly... — Mais uma vez, ele usa todo o seu charme no sorrisinho bonito e nas longas pestanas, que faz questão de batê-las repetidas vezes, deixando claro que, por trás de sua bajulação, há um motivo para estar fazendo isso.

Nunca ficamos tão próximos como agora, porém, diferente do motivo que geralmente me afasta das pessoas, é por falta de oportunidade. Bryce parece ser bem divertido, nunca o peguei dizendo algo desagradável e todos no colégio — tirando Daniel e, possivelmente, Eros — têm um carinho por ele.

Seu maxilar é bem marcado, as sobrancelhas grossas são unidas e o nariz, austero, além dos belos cílios longos que emolduram seus olhos verdes. Bryce Torrence possui um IVX

tatuado no ponto um pouco abaixo do pomo-de-adão e, mesmo coberta pela camisa preta e pela jaqueta de couro, é possível visualizar o desenho de asas abertas decorando sua clavícula. Ele raramente anda sem sua jaqueta, mas, nos poucos momentos em que já o vi sem ela, tive conhecimento das outras pequenas tatuagens que ele têm espalhadas pelo braço. Não são tão extensas quanto as de Eros, que não teve pena em cobrir toda a pele dos dois braços, contudo, são igualmente bonitas e parecem carregar muitos significados.

O garoto faz parte da Liga de Basquete do colégio, que todo o ano vão se apresentar fora da cidade em torneios que nunca tive vontade de ir. Levando em conta o esforço do esporte e os treinos pesados dos jogadores, seus músculos definidos são muito bem explicados.

— Eu sei que você quer algo, Bryce. — Rio da sua careta ofendida. — Vai, fala logo.

Seus ombros murcham e um biquinho se forma nos seus lábios.

— Poxa, linda, tá tão na cara assim?

— Muito. — Gargalho, jogando a cabeça para trás e tendo um leve sobressalto quando o topo dela bate no abdômen durinho de Eros. Resolvo ignorar o breve contato e continuo: — Seus olhinhos de cachorro pidão não mentem, sabia?

Bryce estala a língua e cruza as mãos, mordendo o cantinho dos lábios, inseguro.

— Tenho medo da sua resposta...

— Fala logo, caralho! — Eros perde a paciência, começando a bater o pé no chão.

— Seu namorado é esquentadinho pra cacete — Torrence critica, lhe mostrando o dedo do meio. — Então, como eu tava...

— Eros não é meu...

— ... *nãoaguentomaisf azerduplacomoDaniel.*

— Quê? — Uno as sobrancelhas, não entendendo nada do que disse.

Bryce suspira, passando a mão no cabelo.

— Não aguento mais fazer dupla com o Daniel — finalmente fala, brincando com os anéis adornando seus dedos. — Queria saber se você podia... sabe...

— Ela não vai virar sua parceira — Eros fala, cruzando os braços à frente do peito.

O tom de voz rápido e autoritário me lembra de alguém que está sentindo muito ciúmes. Claro, é só uma observação, Eros nunca sentiria ciúmes de mim e nem há razão para isso.

Apenas uma simples, passageira e sem importância, observação.

— Relaxa, cara, não vou roubar sua garota. — Russell e eu abrimos a boca para contestar, porém Bryce ergue sua mão, em claro sinal para nos calarmos. — Não gastem saliva tentando me convencer do contrário, pombinhos. Esse olho aqui — Ele aponta para o direito — é irmão desse. — Depois, para o esquerdo. — A química que vocês exalam é um negócio de outro mundo!

— Eu sei — Russell sussurra baixinho, mas não o suficiente para evitar que eu escute.

Meu corpo esquenta, porque eu *também* sei que temos uma química surreal. É como se o mundo parasse e estrelas explodissem sempre que estamos juntos ou quase cometemos um

deslize. O dia que estive em sua casa e há poucos minutos, na livraria, foram os suficientes para provar isso.

Pigarreando, puxo as mangas do moletom até cobrirem minhas mãos e, pela décima vez, repito:

— O que você quer falar comigo, Bryce? A professora vai chegar daqui a pouco...

— Ah, é, como eu tava dizendo... — ele hesita, coçando a nuca. — Queria saber se você, com todo o seu charme meigo e essas coisas, poderia falar com a professora e convencer ela a trocar de parceiros... — murmura, arrancando as cutículas no canto das unhas e fazendo uma careta de dor. — Eu não aguento mais aquele garoto, Alyssa. Ele é soberbo e extremamente insuportável. Semana passada, eu o flagrei ignorando um morador de rua com a justificativa de que ele estava ali porque queria! — ladra, genuinamente revoltado. — Então, será que você pode... — Bryce deixa a frase no ar, me encarando com aquela mesma cara de cachorrinho pidão.

Comprimo os lábios e esfrego meu pescoço, sabendo que a resposta que irá sair da minha boca não irá, de modo algum, agradá-lo.

Ele, de fato, não deu sorte no *sorteio*, e agora consigo compreender melhor o motivo de tanto ódio em relação a Daniel. O garoto nunca trocou mais do que dez palavras comigo, as quais foram justamente para me criticar. Desde então, venho o evitando o máximo que posso, agradecendo por ser vista como alguém irrelevante para ele, ficando, assim, liberta das suas maldades.

A questão é: a professora Ravena nunca entenderia isso. É como se eu pudesse vê-la aqui, na minha frente, fazendo uma

palestra sobre dar segundas chances às pessoas e nunca desistir da bondade dos seres humanos.

Não que ela esteja errada, mas há casos e casos. E Daniel Le Blanc não se encaixa em nenhum deles.

— Cara, eu entendo, de verdade, mas... — Nego com a cabeça. — Isso não será possível. Acredite, eu também tentei, mas tudo o que ganhei foi um discurso sobre enfrentar os desafios e blábláblá. — Lanço uma olhada para Eros, que cutuca os lábios com os dedos, como se quisesse esconder o sorriso satisfeito. Reviro os olhos. — Sinto muito, de verdade.

Bryce desaba na cadeira, cobrindo o rosto com as mãos, enquanto grita abafado contra suas palmas, subindo os dedos até o coro cabeludo e puxando os fios perto da testa.

— Merda, caralho, droga, que ódio, porra. QUE ÓDIO! — praticamente berra, e ainda que seja errado, eu dou risada. — Isso, linda, vai rindo da desgraça dos outros, vai. Espero que o Eros seja bem insuportável com você! — deseja, birrento.

— Pode apostar, Russell é tão insuportável quanto se é possível ser insuportável. Não sei como ainda meus cabelos não caíram.

— Posso resolver seu problema agora, pequena. — Eros enrola meu cabelo no punho e faz menção de puxar. Eu o impeço com um grito agudo, desferindo um tapa estalado na sua mão.

Ele ri e os larga.

— Babaca — resmungo.

Bryce observa a cena toda com atenção, e quando penso que irá abrir a boca para fazer alguma piadinha, suas írises se voltam para a porta da sala, onde Pandora Schuyler entra, levando

consigo sua fama de megera intocável, após duas semanas inativa das dependências do colégio. Pelos *stories,* fiquei sabendo que ela estava na Suíça, um dos países mais luxuosos de todo o mundo.

Não é nenhuma surpresa, para mim, que ela tenha passado tantos dias visitando o lugar onde uma simples água custa mais que o valor dos meus rins. Pandora é herdeira de um dos maiores impérios já vistos em toda a Boston — e fora dela.

A loira entra rebolando, pisando os caros tênis da *Nike* — já que o uso de saltos, que com certeza seria de sua preferência, é proibido no instituto — conforme passa o olhar lascivo e arrogante pelos alunos, como se todos fossem meros subordinados, e ela, a rainha. A turma cai em um silêncio impressionante enquanto ela caminha, ou melhor, *desf ila,*destilando a graciosidade que Pandora não carrega no semblante. Os olhos azuis, acompanhados de um nariz fino e pequeno, os lábios cheios e carnudos sempre cobertos de um batom vermelho-sangue e elevados em um constante sorriso presunçoso, seios arrebitados, coxas grossas e propositalmente bronzeadas carregam tudo, menos graça.

Ao contrário dos presentes aqui, não sinto medo dela ou nada parecido. Conheço bem a Pandora por detrás da máscara de víbora e dos quadris deslocados. Ouso dizer que a conheço mais do que qualquer um.

Eu, Pandora e Nicole já fomos próximas um dia — dia esse mais distante do que nunca. Éramos o trio nada perfeito, cada uma com seus problemas pessoais e inseguranças. Mas, sobretudo, éramos inseparáveis. Porém, diferente do que muitos achavam e julgavam, nunca tivemos uma relação saudável, e nossos três anos unidas resultaram em verdadeiros traumas.

A maior prova disso está na minha frente, enrolando os cabelos longos nas unhas de gel e mastigando um chiclete, flertando descaradamente com um cara qualquer.

Pandora costumava ser uma garota tímida, do tipo que odiava lugares movimentados ou pedir o lanche para a mulher da cantina. Ela era retraída e corava com facilidade e, nas poucas vezes que abria a boca para falar, quando era definitivamente obrigada, Pandora gaguejava, mal conseguindo terminar uma frase direito sem ter que voltar e repetir tudo de novo. Isso, claro, não passou despercebido por Nicole e nem por ninguém.

Lembro-me muito bem de pegar sua mão e tentar confortá-la quando os alunos imitavam seu jeito de falar, quando não tinham paciência para esperá-la concluir o que dizia e simplesmente a interrompiam, e quando, talvez o que mais pesasse sobre a garota, Nicole afirmava que ela era doente e estranha.

Cansada de receber diariamente críticas sobre algo que ela não podia controlar, Pandora saiu da escola aos 14 anos e se mudou para fora. Não sei o que aconteceu com ela durante esses 4 longos anos, mas, ao voltar, no começo deste ano, notei que se tornou uma mulher praticamente irreconhecível.

Livre da gagueira, seu modo de olhar, de se vestir e de andar sofreram uma repaginada de deixar qualquer um de queixo caído. Em pouco tempo, Pandora Schuyler se tornou a garota mais popular do colégio, a mais cobiçada, a mais falada, e, claro, a mais odiada. Os homens fazem fila para conseguir uma oportunidade de aquecer sua cama por uma noite. Eles disputam para ver quem tem coragem de chegar nela em momentos aleatórios como o intervalo, enquanto outros acham mais sábio passarem bem longe.

Todavia, uma coisa é certa: Pandora voltou a Boston com um intuito, e isso fica claro todas as vezes que Nicole põe o rabinho entre as pernas, como uma cachorrinha acuada, sempre que a loira está por perto.

Como agora.

A expressão de ódio toma conta do rosto bonito da morena quando Pandora vai em direção à mesa dela e espalma as mãos no tampo, ficando na mesma altura que a garota. Ela tamborila as unhas nude na mesa, as curvas dos seus lábios se projetando para cima ao passar os orbes maldosos pela face amedrontada de Nicole.

Algo em seu gesto confiante me traz conforto. Saber que ela conseguiu dar a volta por cima depois de tudo o que passou me acalenta.

— Beaumont... — ela ronrona, sua voz aveludada gotejando veneno em cada sílaba. Passando a língua nos lábios enquanto um sorriso gradativo se forma em seu rosto assim que Nicole cerra os punhos, continua: — Sentiu minha falta? — A morena ri com escárnio e ira, falhando em sustentar o olhar com a loira por muito tempo, desviando para um ponto atrás dela. Pandora estala a língua em desaprovação. — Ah, não faça isso... Olhe para mim, Beaumont. — Ela faz menção de segurar seu queixo, mas Nicole afasta o rosto. — Droga, continua a mesma mal-educada de sempre...

— O que você quer? — pergunta, cruzando os braços.

— Eu? — Pandora sorri. — Oras, não quero nada. Só vim falar com você. Quanta irritação logo cedo.

— Não senti a sua falta, se quer saber. Você foi a única coisa que *não* pela minha cabeça. — Nicole arrisca um sorriso indiferente.

— Você poderia passar o resto da sua vida fora e, ainda assim, não faria falta.

Pandora leva as mãos ao peito, como se tivesse sido atingida, acompanhada por sua falsa careta de dor.

— Assim você me magoa. — Sua boca se transforma em um bico e seus dedos traçam círculos invisíveis na madeira. — Sabe, eu tava vendo suas redes sociais e comecei a reparar nesse seu corte de cabelo. — Instantaneamente, a morena leva as mãos às madeixas um tanto... picotadas. — Não acha que ele está precisando de uma retocada? Posso fazer por você. Juro que é de graça. — É incrível como sua pergunta soa inocente e relaxada, como se ela tivesse acabado de pedir companhia para fazer compras. Ela ergue o indicador e o dedo médio, abrindo e fechando ambos.

Nicole ofega, ultrajada, muito perto de levar suas mãos na direção do pescoço de Pandora e esganá-la.

— Dizem que Pandora é como uma maldição. — Daniel, de repente, aparece ao nosso lado, com as mãos no bolso e olhando fixamente para a cena de farpas que se desenrola à nossa frente. — Ela nasceu e, automaticamente, todos os pecados entraram no mundo. A luxúria, lascívia, soberba, adultério... — Ele ri, deitando a cabeça para o lado. — É uma perfeita vadia.

— Cuidado com o que fala, porra — Bryce avisa, trincando o maxilar.

Daniel faz um gesto de desdém com os ombros.

— O que foi? Vai negar que a garota faz jus ao título de cadela, vagabunda e todos esses nomes? Não é mentira. Garotas como ela só servem para satisfazer os desejos sexuais de um

homem. E *só*. Não passa disso. Deus me livre começar a namorar uma mulher dessas e ser trocado por um mendigo na rua.

E esse é o estopim.

Numa velocidade assustadora, Bryce salta da cadeira, quase derrubando-a para trás, e agarra a garganta de Daniel até que ele esteja implorando por ar contra a parede, se debatendo em busca de oxigênio, a cor do seu rosto mudando de branca para arroxeada. Pandora ergue o olhar, paralisando ao ver o que Bryce está fazendo, separando os lábios em espanto.

Se a reação agressiva foi causada por sentimentos do passado que ambos nutriam um pelo outro, eu não sei. A questão aqui é que ele continua com o mesmo jeito protetor em relação a ela.

— Falei pra ter cuidado com o que fala, *porra*.

— Bryce... — ele resfolega, tateando a mão do garoto, inutilmente tentando tirá-la. — Me... me s-solta.

Em vez de soltar, Bryce intensifica o aperto. Pandora arfa, levando as mãos à boca.

— Você vem testando minha paciência há tanto tempo, LeBlanc... — Aproxima o rosto do dele. — Peça desculpas.

— O-o quê? — Engole em seco com dificuldade, rolando os olhos.

— Mandei você pedir desculpas a Pandora. Ficou surdo, caralho?

Mesmo sendo sufocado, Daniel ainda tem a audácia de rir.

— D-desculpas p-pelo o quê? Por ter d-dito a v-verdade? — Mais risadas. — Pandora não passa de uma put...

Bryce solta Daniel antes mesmo que ele termine de falar. E quando não só o garoto com o pescoço roxo, mas todos nós achamos que Bryce havia parado, ele apenas espera que Daniel desabe no chão para chutar sua barriga com uma força que é possível sentir mesmo daqui.

Arquejos seguem em coro na sala. Daniel geme de dor, abraçando a própria barriga. Bryce, porém, longe de estar satisfeito, levanta o pé para atingi-lo com outro chute, mas Pandora anda até ele e segura seu rosto, forçando-o a encará-la. A primeiro momento, ele reluta e tenta tirar as mãos dela do seu rosto, entretanto, é só os olhos dele se conectarem aos dela que toda a raiva causada pelo babaca se dissipa.

Com calma, assumindo uma delicadeza que ninguém está acostumado vindo dela, Pandora realiza um carinho suave na bochecha de Bryce. Ele fecha os olhos, inclinando a cabeça para o toque.

— Calma, tá? — ela sussurra. — Está tudo bem.

— Ele falou de você, Pandora, droga...

A loira abre um sorriso pequeno, tão sincero que meu peito dói.

— Não é nada com o que eu já não esteja acostumada, Bryce — diz, bem baixo, levando os lábios ao ouvido dele e sussurrando palavras que ninguém é capaz de escutar.

Ele balança a cabeça para sabe lá Deus o que ela tenha dito, se acalmando à medida que os dedos macios dela afagam os cabelos de sua nuca.

Bom, se eu tinha alguma dúvida sobre os sentimentos dos dois, ela deixa de existir assim que Pandora se ergue um pouquinho

e sela o queixo do rapaz, sorrindo com o sorriso que se abre nos lábios dele.

— Você é um demônio — cochicha, arrancando uma gargalhada da garota.

— Seu ogro — cochicha de volta, fazendo o garoto rir

Sempre foi assim. Mesmo quando eles eram apenas duas crianças de 11 anos que nunca tiveram coragem de confessar o que sentiam, Bryce e Pandora entravam em uma bolha onde só eles existiam. Como se não houvesse mais nada ao redor deles. E mesmo com todos os anos em que ela passou longe, com tantas mudanças, o elo criado pelos dois continua inabalável, embora eles jamais tenham dado, sequer, um mísero beijo.

A loira-megera e o cara com personalidade Golden Retriever seguem sendo o Calcanhar de Aquiles um do outro.

Ele abre a boca para dizer algo, mas o momento é interrompido quando Ravena entra na sala e logo dá de cara com o corpo de Daniel estirado e esquecido no chão, todo dolorido, enquanto o restante da turma está ocupada demais fofocando sobre o possível interesse amoroso de Pandora.

Os olhos da professora se arregalam. Imagino que deve ser bem difícil saber que ocorreu uma briga justo na aula em que ela preza tanto pela paz.

— Mas o que é isso?! — grita, largando o material na mesa e se dirigindo a passos largos ao fundo da sala, onde a cena toda acontece. — *O QUE ACONTECEU AQUI ?!*

— E-esse f-filho da p-puta m-me b-bat... — Daniel desiste de falar, então apenas aponta para seu agressor.

Ravena leva os olhos para Bryce, reconhecimento enevoando suas feições.

— Você foi sorteado para fazer dupla com ele, céus! — A mulher passa as mãos nos cabelos, atordoada. — Por que fez isso? — É uma pergunta retórica. Duvido muito que ela seja do time que acha que há justificativas para uma agressão. — Leonor, por favor, leve ele à enfermaria. Vou me resolver com Bryce aqui mesmo. — Ravena se refere à sua sobrinha, que estuda conosco, e gesticula para Daniel. A mesma não tarda em acatar a ordem, levantando-o e guiando-o para fora.

Colérico, Bryce se distancia de Pandora e esfrega o rosto, contendo a frustração de não ter conseguido matar Daniel.

Não desta vez, pelo menos.

— Acho que deixei bem claro o quanto odeio esse cara e o quero bem longe de mim, *prof essora*— grunhe.

— Eu pensei que vocês se entenderiam com o tempo!

Ele ri com desprezo, recebendo uma carícia suave da loira no seu braço, que observa a cena calada, comprimindo os lábios.

— Não tem essa porra de “se entender com o tempo” — Faz aspas no ar — com um cara que não sabe o mínimo de bom senso e respeito!

— Senhor Torrence, olhe a boca! — repreende, suspirando ao balançar a cabeça. — Qual foi o motivo que o levou a tomar essa *drástica* medida? — Sinto Eros bufar atrás de mim pela ênfase dramática na frase.

— Daniel chamou a Pandora de vadia e essas coisas! — é Leonardo que diz, mordendo os lábios. Fico tensa, porque ele imediatamente me fita. — Não que seja uma mentira, de qualquer

forma. Uma mulher que todos já passaram a mão deve ser um saco de entediante. Prefiro garotas como Alyssa. Carne fresquinha que só eu tive o prazer de tocar. — O sorriso diabólico que ele mostra me tira o ar, e uma descarga de vergonha é posta nos meus ombros.

Simples assim. Se antes, Pandora era o centro das atenções, agora o foco dos olhares surpresos são eu e minha vida sexual. Agora, todos sabem que meu envolvimento com Leonardo foi muito além. Algo que eu estava fazendo tanto esforço para esconder.

Tudo em vão, pois ele é mestre em desgraçar a minha vida na primeira oportunidade que tem.

— Seu filho da... — Eros se move atrás de mim, ao passo que Bryce faz o mesmo, mas Pandora, assim como eu faço com o garoto atrás de mim, segura seu braço, o impedindo.

— Eros — o chamo, me obrigando a levantar da cadeira e me colocar na sua frente, espalmando seu peitoral para conseguir a atenção de suas írises furiosas para mim. — Não precisa disso, tá legal? Não precisa.

Ele cobre minhas mãos com as dele para tirá-las de onde estão, porém, eu firmo o aperto, deixando claro que não irei permitir que cometa alguma besteira.

Seu pescoço está vermelho e uma veia salta de sua têmpora. Com a respiração acelerada e o coração palpitando forte debaixo da minha palma, Eros, por fim, joga água fria no desejo masculino de socar a cara de qualquer um que o faça raiva.

A sala inteira se encontra em uma completa zona de caos.

Brooks, lá no fundo, é impedida por Larissa, sua dupla, de dar a Leonardo o que ela acha que ele merece; Bryce, nem precisa

falar. Ele olha para o cara de cabelos pretos com tanto ódio, que se seus olhos tivessem *laser*, já teriam partido o garoto ao meio. A professora tenta acalmar os ânimos, mas nossa turma não perde uma boa oportunidade de confusão, espalhando a notícia para todos os amigos de fora — até que tiveram os aparelhos, um por um, confiscados por Ravena.

— Irei desfazer a parceria entre você e Daniel, Bryce — ela avisa, decepcionada por ter falhado em suas decisões. — Ambos, também, estarão suspensos por 1 semana.

— Justo. — Bryce está tão contente com a ideia de não ter mais que conviver com seu inimigo que não liga nem um pouco para o fato de que irá perder duas importantes provas.

Se é que ele lembra.

— E Leonardo? — Brooks indaga, girando o tronco no assento para poder encarar a professora. — Ele fez o mesmo que Daniel, se não estou enganada.

Há uma coisa que nenhum deles sabem sobre os Carter: seus herdeiros nunca se dão mal nos lugares que vão. Seja no colégio, faculdade ou trabalho. Eles sempre passam por cima com subornos e ameaças.

Por essa razão, o sorriso convencido que Leonardo abre e a hesitação no semblante de Ravena não me surpreende.

Não a culpo por isso. Eu não faço ideia do que entra em jogo se ela ousar desrespeitar uma ordem vinda de seu superior.

— Bom, hum... Ele não disse nada demais, certo? Não há motivo para uma suspensão, apenas uma advertência. — Ela dá um sorriso que deixa claro a maneira que foi manipulada e se vira para

mim. — Tenho certeza de que apenas uma conversa poderá resolver isso, não é, Alyssa?

Eros franze as sobrancelhas, o olhar passando entre mim e a professora, sem acreditar no que está ouvindo.

— É. — Forço um sorriso, minha traqueia se fechando pelo sufocamento. — Não há problemas.

— Alyssa, que porra! — Brooks berra do outro lado. — Me solta, caralho! — Larissa deve a estar segurando, porém, não consegue, pois logo consigo escutar seus passos vindo até mim.

— Alyssa... — Pandora sussurra, mais para si mesma do que para mim.

— Você não está falando sério, está? — Eros me questiona, buscando algum traço de brincadeira no meu rosto. — Merda, Alyssa, você não pode estar falando sério. Caralho! Ele acabou de divulgar algo íntimo seu para todo mundo!

Tento contestar, mas Brooks me vira para ela em uma agressividade que eu até me irritaria se sua expressão não estivesse tão carregada de preocupação.

— Alyssa, *por f avor* — Minha amiga abarca meu rosto com as suas mãos. — Você *não* pode aceitar isso.

Dou um sorriso triste para ela, me desvencilhando calmamente do seu toque.

— Já aceitei coisas piores, Brooks. Isso não é nada — falo, e sou sincera.

O que é deixar de ficar 1 semana sem vê-lo comparado ao que já aguentei e *ainda* aguento?

— Mas, Alyssa...

— Não é preciso, senhorita Cole. Alyssa mesmo disse que não se importa com isso, certo? — a professora nos interrompe. — Agora, por favor, volte para o seu lugar. Já se passaram 20 minutos da minha aula e eu ainda nem comecei!

Russell me surpreende ao dar uma gargalhada amarga ao negar com a cabeça, esfregando o maxilar com as mãos. Ele se joga na sua cadeira, tirando, com ações nada gentis, o caderno e a caneta da sua bolsa. Torno a enquadrar Brooks no meu campo de visão, porém, ela só suspira e dá as costas, voltando para o seu lugar, assim como eu, fingindo que não acabo de ver Eros se afastando minimante quando sento ao seu lado.

Babaca.

10

Alyssa Blair

— Não vou perdoar você por isso — é assim que Brooks inicia uma conversa, depois do dia inteiro sem nos falarmos, enquanto seguimos para a casa da Zoe.

Não só com ela, como com Eros também, que está agindo como se eu não existisse desde o acontecido.

Não ligo para ele, tento me convencer, mas o meu lado emotivo está chateado por essa atitude.

Eu sabia que eles não gostariam nada da atitude que tomei, do que eu fiz ao deixar para lá o comentário escroto de Leonardo, porém, há uma diferença clara entre os dois: as promessas de Brooks ao afirmar que nunca irá me perdoar são vazias, conheço ela. Diferente de Eros, que eu não faço ideia do que esperar dele e de como irá agir daqui pra frente.

Eu deveria estar feliz, certo? Pelo menos ele irá me deixar em paz e parará de encher meu saco.

Então, por que tudo o que sinto é um grande e tremendo incômodo?

— Não quero discutir isso com você, Brooks... — Gemo, deitando a cabeça na janela. — Já foi. Não é como se Leonardo fosse virar um santo só por ter ficado afastado do colégio por 7 dias.

— Alyssa... ele pelo menos poderia aprender uma lição! Como ele diz aquilo na frente de todo mundo e sai impune?!

— Caras como ele nunca aprendem a lição, Brooks, não importa o que aconteça — digo. — Ele tem um sobrenome que carrega poder em um estalar de dedos. A culpa foi minha de não ter percebido isso antes.

O carro dá um solavanco e a cacheada quase voa para frente. Com um sorriso sem graça causado pelo olhar severo do motorista, ela põe o cinto e ajeita os cachos para trás.

— A culpa não é sua. — Limpa as unhas sobre o colo. — Nunca vai ser. Você não sabia, Aly. A culpa é toda dele por não ser homem o suficiente.

Mais uma vez, ela está certa, e, lá no fundo, sei disso. No entanto, cheguei a um estágio onde sou incapaz de acreditar nas verdades que ouço, aquelas que não vêm para me causar mal. Sempre consigo achar brechas nas situações para me convencer de que eu sou a errada, a culpada e o “peso” da história.

É cansativo.

— Quem sabe um dia eu não entenda isso, né? — Arrisco um sorriso pequeno, que nem de longe transparece confiança.

Não que eu não acredite que pessoas diariamente se libertam das correntes que suas próprias mentes as submetem. Todo os dias sou bombardeada com casos e casos e textos de motivação de pessoas que superaram e agora vivem uma vida normal. Fico feliz por elas, de verdade — só quem não sabe o fardo pesado que isso acarreta é doido de não sentir unicamente isso —, mas... eu não acho que um dia irei chegar neste nível, que há uma luzinha brilhante no fim do meu túnel.

Parece um sonho, e um dos mais distantes.

Fantasio com realidades alternativas onde irei contar para todo o mundo que, há alguns anos, eu também sentia que o céu iria desmoronar em cima da minha cabeça, mas que agora restam apenas lembranças.

Algumas vezes choro pensando nisso também. É um saco. Odeio chorar em momentos aleatórios do meu dia, porque quando uma única lágrima cai, não consigo segurar as outras e já que, na maioria das vezes, passo a maior parte do tempo com meus pais, eles não compreendem, afirmando que eu tenho tudo o que sempre quis e que não há motivos para chorar. Eles me mandam pensar nas criancinhas que passam fome e que não tem pais. Eu me sinto culpada por estar chorando e me forço a parar.

É, à vista dos outros, eu tenho todas as coisas que quero.

Menos minha felicidade.

Dou um sorriso triste e puxo os fones e o celular da minha mochila, pondo *Stiches,* do Shawn Mendes, para tocar e me desligando do mundo pelos próximos 20 minutos que estarei trancafiada nesse carro.

Zoe Cameron mora em um bairro de mansões bem afastado do colégio, quase no limite de Boston com outra cidade. É a oportunidade perfeita para eu esvaziar minha mente por um tempo.

Decidida a apagar, acomodo meu casaco extra no vão entre a janela e a minha cabeça, me recosto ali e fecho os olhos, escutando a voz do meu ídolo e *buscando* não pensar em nada. Brooks se remexe ao meu lado e, em seguida, deita na parte disponível da minha cintura, meio torta. Levo as mãos ao cabelo dela e faço uma carícia suave, escutando seu murmúrio de gratidão abafado pelos panos.

Livros, escritas e Brooks. As únicas coisas que ainda são capazes de me manter sã.



Uma película de água salgada e indesejada se forma na minha testa quando saltamos do carro e minha amiga aperta a campainha.

Eu estava sendo modesta quando me referi ao lar da garota como *mansão,* pois o *prédio* com mais andares que o lugar onde o Governador vive, as milhares de portas espalhadas e as três piscinas enormes alojadas em um jardim muito bem cuidado e verdinho, deixam o termo “mansão” no chinelo. Em contrapartida, porém, o lugar quase não tem janelas, e as poucas que tem estão cobertas pelas cortinas. Levando em consideração o horário e o sol de matar, que pode fazer um mal danado para ela, imagino o porquê.

O portão é aberto por um homem alto e másculo, trajando um uniforme de uma empresa de segurança, e aciona o rádio, falando algo como "*elas chegaram*" para alguém lá dentro. Quando recebe a confirmação de que podemos entrar, ele nos oferece um sorriso que não combina nada com sua pose rígida e nos guia para a porta que realmente dá acesso ao lar de Zoe.

— Podem entrar, meninas, Zoe e a família dela estão esperando por você — ele avisa, acenando com a cabeça.

— Meu irmão tá aí? — Brooks questiona, como se ele tivesse a obrigação de saber *quem* é o irmão dela.

— Se for um cara metido à besta que falta andar na coleira pela minha patroa, sim, ele está — responde, tão tranquilo ao afirmar que Vítor está literalmente *cadelando* a namorada que nos arranca uma risada.

— É bom saber que estou ensinando meu irmão direitinho — Brooks fala, umedecendo os lábios com a língua e me fitando de canto. — Vamos entrar?

Faço que sim e me despeço do segurança. Duas batidas na porta são o suficiente para que passos e vozes se façam ouvidos. Pouquíssimos segundos depois, ela é aberta, revelando uma mulher esguia de cabelos claros um pouco abaixo dos ombros e um sorriso muito parecido com o de Zoe. Pelas características bem similares, presumo que seja sua mãe.

— Oi, queridas! — exclama, animada, e dá um beijo casto em nossas testas, dando passagem para entrarmos. — Por favor, fiquem à vontade.

Assim que ela nos dá a visão do interior da casa, meus olhos observadores querem voar para o interior do cômodo, mas se torna

uma missão difícil quando, à nossa frente, está a figura de Zoe Cameron, sentada no colo de Vítor com os braços envolta do seu pescoço e um sorriso gigante nos seus lábios. Ela é ainda mais linda do que nas fotos. Os cabelos brancos estão um pouco maiores, amarrados em um coque bagunçado no topo da cabeça. A pele alva e um pouco avermelhada carrega uma pequenina tatuagem no ombro, que, de onde estou, não dá para identificar o que é. Imagino que seja uma frase, levando em conta as linhas extensas. Zoe se levanta com cuidado e, a passos pequenos, piscando as pálpebras para focalizar a visão, vem até nós.

— Oi! — nos cumprimenta, se mostrando um pouco tímida ao unir as mãos atrás do corpo. — Eu estava ansiosa para conhecer vocês.

Brooks a assusta com um abraço repentino, que ela logo trata de retribuir.

— Eu também tava muuuito ansiosa pra conhecer você! — profere, se soltando e puxando o meu braço. — Essa aqui é a Alyssa, minha melhor amiga.

Como se me sentisse, ela vira a cabeça na minha direção, o sorriso permanente.

— Também não vai me dar um abraço? — Ela junta os lábios em um biquinho, abrindo os braços discretamente.

Rindo, faço exatamente o que pede. Como ela é uns bons centímetros mais alta do que eu, passo os braços por sua cintura e deito minha cabeça na sua clavícula. É rápido, porém significativo.

— Posso? — Zoe pergunta ao nos afastarmos. Fico confusa, e pelo meu silêncio, ela deve ter compreendido. — Gosto de conhecer o rosto das pessoas. Vítor me disse que você é loira e

possui uma pele pálida, tenho meia-imagem formada sua. Agora preciso conhecer os detalhes. O mesmo com Brooks, mas pelo que ele disse, sobre se parecer com ela e tal, tenho uma noção maior.

— Ah! Tudo bem.

Zoe se aproxima e tateia meu rosto, tocando cada traço com suavidade, deslizando as pontas dos dedos cuidadosamente, repetindo o processo na minha amiga e abrindo um sorrisinho.

— Céus! Você é a cara do seu irmão — constata.

— *Urgh!* Não fiz nada pra você me ofender assim... — murmura, mostrando a língua para Vítor.

Zoe gargalha e nega com a cabeça. Como ninguém diz mais nada, tomo a liberdade para quebrar o silêncio:

— Estou ansiosa pra te ver desde o dia que Vítor me contou que estava todo apaixonado por uma garota... — conto, mirando meu amigo de relance, atrás dela, que morde o lábio inferior, tímido.

As bochechas da garota ruborizam.

— Meus pais também ficaram bem ansiosos para conhecerem esse cara aqui. — Ela indica seu namorado com o queixo.

— Como você sabe que estou atrás de você? — Vítor pergunta, verdadeiramente surpreso e com as sobrancelhas erguidas.

Zoe rola os olhos e ri, como se ele tivesse questionado a coisa mais idiota do mundo.

— Primeiro, seu perfume. Conheço ele a milhares de quilômetros. Segundo, consigo sentir sua presença. Você tá praticamente colado em mim.

As palavras do segurança vêm a minha memória quando Vítor faz uma cara abobada e abraça a namorada por trás, plantando um beijo na sua nuca e, depois, na bochecha. Brooks rola os orbes ante a melação e passa as írises pelo ambiente, iluminado por lâmpadas, até parar em um canto específico. Ela se mostra interessada pelo que vê, e como sou curiosa, mudo minha atenção para aonde a dela está.

Me sobressalto quando vejo um casal sentado à mesa, na cozinha, nos analisando curiosamente. A mulher, que não deve ter mais que 25 anos, está com a cabeça apoiada no punho, o canto da boca arqueado. Seus olhos são de uma tonalidade verde-claro e seus cabelo castanhos não passam do ombro. O homem ao seu lado, que imagino ser algo dela pela outra metade do anel de borboleta que usa, ajeita os fios pretos que caem na sua testa para o lado. Seu braço direito é fechado por diferentes cores e estilos de desenhos, contrastando estranhamente com o azul-oceano dos seus olhos.

Um casal e tanto.

— Hum... — Não sei bem o que dizer neste momento, porque não fomos apresentados, então torno a fitar Zoe e sussurro: — Quem são eles?

— Ah! — Zoe os chama com a mão. — Venham cá.

Ambos se levantam, apressados. Resisto à vontade de deixar um *own* escapar ao me dar conta da barriguinha de grávida da mulher, que se destaca no tecido justo do seu vestido.

— Oi, gatinhas — cumprimenta, acenando com a mão. — Pensei que Zoe tivesse esquecido da nossa presença.

Zoe torce o nariz em desdém e caminha para o meio deles, passando os braços ao redor dos ombros de cada um.

— Brooks e Alyssa, estes são Brenda James e Ryan Dobrev. Eles são amigos e pacientes da minha mãe, que é obstetra, então eles estão quase sempre aqui para encherem meu saco.

O dito Ryan gargalha e estende a mão para nós.

— Prazer.

— O prazer é todo meu! — Brooks parece encantada pela beleza do homem, fitando-o com os olhos arregalados. — Que homem bonito — sussurra para mim. Cutuco sua costela com o cotovelo, admoestando. — O que foi?!

Reviro os olhos.

Brenda, que não escutou o que a garota disse, ri do comentário de Zoe e nos abraça.

— Zoe costuma ser muito orgulhosa, mas eu sei que nos ama. — Ela lança uma piscadela para a garota. — É recíproco, de todo o modo.

Sou doida por bebês, por isso, a barriguinha fofa e pequena dela é a única coisa que prende minha atenção.

— Qual é o sexo? — solto, sem querer.

Brenda olha para o namorado, noivo, marido, não sei, e sorri, passando a mão na barriga. Seus olhos brilham ao deitar a cabeça no ombro de Ryan, como se se sentissem... realizados.

— É uma menina — responde, e meu sorriso se alarga. — Nossa garotinha.

— Muito antes de *sonharem* em engravidar, era o sonho deles ter uma menina — Zoe explica, e o casal de papais anuem. —

É uma gravidez arriscada, por isso minha mãe está sempre os monitorando.

— Sinto muito — Brooks lamenta, curvando os lábios em uma linha triste.

Ryan balança a cabeça, negando.

— Não sintam. Estamos confiantes de que tudo dará certo. Estamos tomando todos os cuidados possíveis.

— Acredita que ele me obrigou a fazer greve de sexo?! — Brenda exclama, do nada, muitíssimo indignada. — Ainda não acredito que estou há 4 meses sem...

— Amor!

— O que foi? É normal, né? Tipo, moramos juntos e namoramos há tempos. E estou grávida, olha só! Rylie não veio da cegonha.

Seu namorado fica vermelho, massageando a ponte do nariz. Nós rimos.

— Esse assunto é normal, não se preocupem — é Brooks que diz, sorrindo com malícia. — Só me surpreende estarem aguentando por tanto tempo.

Belisco a carne exposta da sua barriga, não me importando nem um pouco com sua reclamação.

— Você está piorando a situação — digo, entredentes, mal abrindo a boca, e ela dá de ombros.

— Bom, pelo menos alguém me entende — Brenda se defende. — Muito difícil me acostumar com a rotina “zero-sexo” quando, antigamente, fazíamos, não sei, três vezes ao dia?

Vítor dá risada.

— Sua mãe disse algo sobre os hormônios da sinceridade estarem aflorados durante a gravidez, amor? — pergunta para Zoe.

— Eu nem sabia que existia esse hormônio!

Escuto Ryan estalar a língua e Brenda esboçar um sorriso contido.

— Ela é assim nos 365 dias do ano, não tem nada a ver com hormônios.

Gargalhamos em uníssono.

— Gostei de vocês — falo.

— Eu também. — Minha amiga saca o celular do bolso da calça e entra no aplicativo de contatos.— Podem me passar o número de vocês?

— Brooks! — a repreendo, envergonhada. Brenda ri e recebe o aparelho, salvando seu número. — Desculpa, gente, ela é meio estranha assim mesmo.

— Sem problemas, Alyssa — alega, risonha, e entrega o aparelho de volta à minha amiga. — Fazer novos amigos está no topo da minha lista de desejos.

Queria pedir para ela o mesmo, mas não o faço. Sabe o famoso complexo de inferioridade? Convivo com ele desde criança. A pessoa pode se mostrar a pessoa mais legal do mundo, porém, sempre acho que, comigo, será diferente. Como agora. Consigo imaginar inúmeras reações possíveis de Brenda se eu pedir o número dela, e nem uma é boa.

— Estou me sentindo em um cenário de *A Rainha Vermelha*! — Zoe salienta, do nada, indo para o lado do namorado. — Temos características semelhantes aos personagens!

— É minha saga favorita — digo. — Obriguei Brooks a ler, mas ela parou no começo do segundo — o desgosto no meu tom é notável .

— A culpa não é minha se levei *spoiler* depois de ter procurado uma *f anart!* — resmunga, chateada.

Brenda dá risada.

— Aconteceu o mesmo comigo — reclama, balançando a cabeça. — Li sabendo de tudo, praticamente, mas a experiência continuou sendo incrível.

— A primeira tatuagem que Zoe fez foi de uma frase desse livro que vocês taaaanto amam — Vítor desdenha, contornando os traços delicados da frase, como pensei, no ombro dela. — “Erga-se, vermelha como a aurora” — recita, matando minha curiosidade para saber o que está escrito.

Zoe dá um soco leve no seu ombro.

— Ainda vou te convencer a ler, amor. É só questão de tempo.

— Nem morto! Livros não são a minha praia, prefiro só te admirar.

Ryan tomba a cabeça para o lado, divertido, e puxa a namorada para perto.

— Vocês estão me dando vontade de ler de novo...

— Nossa! Sinto que estou em um encontrinho de fãs — Brooks é sarcástica. — Parece que vou ter que pegar emprestado os livros da Alyssa tudo de novo.

— Aham, vai, sim — uso do mesmo deboche.

Minha amiga sabe que o empréstimo de livros está fora de cogitação. Sou ciumenta, do tipo que não confia nem na melhor

amiga quando o assunto é emprestar os meus bebês. Sem falar que ela possui dinheiro o suficiente para bancar cinco boxes da saga.

E um pouquinho mais.

— Adorei conhecer vocês — Zoe diz, satisfeita.

Eu sorrio, porque também adorei conhecê-los.

II

Alyssa Blair

Passamos tanto tempo na casa de Zoe, conversando sobre tudo e sobre nada, que já é noite quando tomamos a chata decisão de voltar para casa.

Para a minha realidade.

Esse sempre é o grande problema de ficar tanto tempo na companhia dos meus amigos: esqueço do que me espera quando o encanto acabar, quando cada um for embora e eu voltar para o lugar que eu deveria ter prazer em estar. O baque é angustiante e doloroso.

O vento fresco ricocheteia nossos rostos após enrolarmos por mais 15 minutos em um debate sobre *Pretty L ittle L iars* É a única série que tive coragem de assistir inteira, então, quando Zoe citou

uma frase da Alison DiLaurentis, me intrometi e começamos a discutir sobre a personagem. Por pura sorte, dividimos da mesma opinião sobre ela, evitando possíveis intrigas.

Entramos no Uber e passamos inicialmente o endereço da minha casa. Tenho medo de ficar só com o motorista, ainda mais à noite, e Brooks, sabendo disso, prefere sempre pôr minha segurança em primeiro lugar, garantindo que nada irá acontecer.

— Gostou da sua cunhada? — quero saber, terminando de comer a sobremesa de limão que Zoe fez e nos deu.

Brooks faz que sim.

— Nossa, muito! Ela é incrível, e o amor que ela sente por meu irmão é palpável. Estou feliz por eles, de verdade.

De fato. Durante as horas que estivemos juntos, notei, também, que a linguagem do amor da garota é o toque. Ela sempre estava beijando a testa ou a bochecha do namorado, sentando nas suas pernas ou fazendo uma carícia no seu rosto. Sem falar que ela se refere ao meu amigo como se estivesse contando sobre a coisa mais preciosa do mundo. É lindo.

— Quero encontrá-los mais vezes — declaro, enrolando minhas madeixas no dedo em um gesto despreocupado. — Podemos marcar um dia toda semana. Seria legal.

— Também acho. — Dá um sorriso e me encara *nos olhos.* — Feliz com o dia de hoje, Aly?

Brooks sempre pergunta isso após um passeio ou um acontecimento legal para se certificar de que foi tão bom para mim quanto foi para ela.

O que eu fiz para merecê-la em minha vida?

— Muito. — Meus olhos marejam e ela aquiesce, feliz. Desvio o rosto para frente, soltando uma exclamação ao visualizar os fios ruivos do motorista. — Ah! Acabei de me lembrar de um negócio que aconteceu comigo mais cedo... — Me refiro ao incidente com Oliver.

Suas írises de chocolates e travessas brilham.

— É? O quê? Envolve você e aquele gostosão do Eros?

Me engasgo com minha própria saliva, dando um tapa muito bem dado no seu braço. Ela geme de dor, esfregando a região afetada.

— Você tá louca? — chio, olhando para o homem de esguelha, que dá um sorriso. — Não estamos sozinhas!

— Já ouvi coisas beeem piores — ele diz, me deixando ainda mais constrangida. — Podem continuar falando sobre o “gostosão do Eros”. — Ri.

Deus, meu rosto está pegando fogo.

Minha amiga gargalha, limpando as lágrimas que descem dos seus olhos.

— Vai, conta. — Se ajeita no banco, girando o torso para mim. — Sou toda ouvidos.

Ainda borbulhando de constrangimento, clareio a garganta e faço cara feia para ela. Mas, ansiosa para contar, minha reação não dura mais que cinco segundos.

— Mais cedo, quando fui para a livraria com o Eros, um garoto, chamado Oliver, apareceu e meio que... ficou me observando, foi o que o Eros disse — começo a contar. — Ele me chamou de linda e escreveu o número de telefone dele num papel, poréééém — entoo dramaticamente —, esse papel foi parar na mão

de Eros, claro, já que eu não tava lá na hora, e ele acabou não me dando.

— Mas...

— Calma! — a interrompo. — Pouco tempo depois, a consciência deve ter pesado e ele me deu, só que... — Suspiro. — Sei lá, Brooks, eu só rasguei a folha e joguei no lixo, porquê...

— VOCÊ FEZ O QUÊ? — faz alarde, impedindo que eu termine. — Alyssa, meu Deus! O cara ficou super gamado em você e você faz isso?!

Rolo os olhos.

— Claro que sua reação seria essa...

— Deveria ser diferente? Isso é um absurdo, até mesmo pra você que não curte essas coisas.

Gemo.

— Você sabe o motivo, Brooks...

— Sei! E é por isso que estou dizendo.... — Joga o cabelo para detrás do ombro. — Aly, amiga, por favor, você não pode passar a vida se privando das coisas boas que aparecem no seu caminho por medo. Pelo que você me falou, ele pareceu ser gentil, não jogue essa oportunidade fora...

Suspiro de novo, resignada.

— Tá, tá. Mas o que eu faço? Joguei o número dele fora.

Ela coça o queixo, pensativa.

— Você sabe mais algo sobre ele? Não tem muitos *Oliver* em Boston. Podemos jogar no *I nstagram* e ver no que dá.

— Ele é branco, tem cabelos ruivos e encaracolados... — Penso mais um pouquinho, pois só o vi de costas. — E usa óculos, se não me engano.

Brooks apanha o celular ao fim da minha descrição e entra na rede social, trocando sua conta para a minha. Seus dedinhos se movem e, de soslaio, vejo-a clicando na barra de pesquisa e digitando o nome do garoto. Mil diferentes opções surgem.

— Tá, agora é com você. — Estende o aparelho na minha direção. — Procura, chama ele, fala que sem querer perdeu o papel... não sei! Quero atualizações. — Me lança uma piscadela.

Mostrando a língua, tomo o aparelho e começo a busca, me recostando no banco do carro e entrando 100% no modo *stalker.*

Oliver's ruivos de cabelo liso.

Oliver's ruivos de pele negra.

Oliver's ruivos baixinhos.

Vários e vários Oliver's ruivos de cabelos encaracolados, brancos, que usam óculos como acessórios principais e... altos.

É como procurar agulha em um palheiro.

Frustrada, entro no último perfil possível, analisando suas postagens, até que entro nos seus *Stories,* onde há uma foto dele, às 7h da manhã, exatamente na livraria onde estávamos.

— Brooks, hum... acho que achei, mas não tenho certeza.

— Sério? Deixa eu ver! — Se inclina para o lado, virando a tela para que possa ver, e abre um sorrisinho. — Uau, que gatinho.

Não posso discordar. Ele é realmente muito bonito.

— E agora, o que eu faço?

— Já que não temos certeza... Você o segue, e se ele estiver mesmo interessado, vai entrar no seu perfil e te reconhecer imediatamente.

Aflita e zero confiante, faço o que Brooks manda. Exatos 3 minutos depois, ele começa a me seguir de volta e, 4 minuto e meio

depois, me envia uma mensagem:

@ol i vergreen: *oi! vc é a garota da livraria, né? ??*

A ansiedade que percorre no meu corpo reflete em tremedeiras nada leves nas minhas pernas. Desligo e ligo o celular da minha amiga várias vezes, mas paro quando Brooks me fuzila com as sobrancelhas erguidas. Respirando fundo, digito de volta:

@a.l yssabl ai n: *oi, oi, sou eu, sim, hahaha! td bem?*

@ol i vergreen: *acabo de f icar melhor!*

@ol i vergreen: *cara, nem acredito que vc realmente me chamou, mas pq n f oi pelo WhatsApp? aquele maromba n te entregou?*

Brooks ri, acompanhando as mensagens.

@a.l yssabl ai n: *entregou, sim! eu que sou tapada e acabei perdendo*

@a.l yssabl ai n: *que bom que te encontrei aqui*

@ol i vergreen: *vc f oi atrás de várias pessoas por mim?????? que amor!!!!! ?*

— Vemos que alguém é emocionado... — Brooks canta.

— Olha aonde você me meteu — critico, me preparando para enviar alguma baboseira.

— Ele tem cara de quem lamberia o chão que você pisa.

— Não quero ninguém lambendo meu chão, poxa, só quero alguém legal — retruco.

@a.l yssabl ai n: *kkkkkkkkk, pois é! f oi dif í cil, ent f aça vale a pena ??*

— *Uhhh!* Não sabia que você é do tipo que flerta...

Ignoro a provocação de Brooks, roendo as unhas assim que as três bolinhas, indicando que ele está digitando, aparecem.

@oli vergreen: *é claro que vou, linda, hehe*

@oli vergreen: *podemos nos encontrar próxima semana, sexta, no Everland às 18h?*

@oli vergreen: *é um restaurante que abriu há pouco tempo no centro*

— Direto e reto — Brooks observa. — Gostei.

@alyssabl air: *claro, podemos, sim. vou pesquisar a localização e apareço sem f alta*

@oli vergreen: *combinado*

@oli vergreen: *entrei no seu perf il aqui, vc é mt gata, baby Quer me ensinar a ser assim não?*

— Não acredito que ele meteu essa... — resmungo, suspirando, e olho para o teto do carro. — Jesus, tem como rebobinar para uns quinze minutos atrás, quando Brooks *não* estava enchendo minha cabeça de besteiras?

— Ah, para de graça! Ele tá sendo gentil e te cantando, não seja tão chata — Brooks interpõe.

— Se eu me arrepender disso, vou pôr a culpa em você — aviso.

— Justo.

@alyssabl air: *hahaha, obrigada! vc tb é muito lindo!*

@oli vergreen: *não chego aos pés da sua beleza*

Ok, ainda não sei como ligar com o fato de que existem pessoas, fora do meu convívio diário *e* amigável, que me acham bonita. É uma sensação maravilhosa, até lembrar que o problema maior não está exatamente no meu rosto.

@oli vergreen: *quais são seus livros f avoritos?*

@a.l yssabl ai r: *nossa, vários! mas, basicamente, todos da Brittainy C. Cherry*

@a.l yssabl ai r: *tenho um carinho especial por "Vergonha", no entanto. e vc?*

@ol i vergreen: *logos Vorazes e todas as distopias existentes*

@ol i vergreen: *é meu gênero favorito*

@a.l yssabl ai r: *aaaaaaah, eu tb adoro!*

Os doze minutos que faltam para acabar a viagem são preenchidas por conversas inesgotáveis acerca de livros, personagens, autores e casais. Oliver me arranca várias risadas ao me relembrar de cenas icônicas da minha distopia favorita, *Estilhaça-me*. Combinamos que iremos levar nossas leituras atuais para o restaurante na próxima semana. Me animei com a ideia e pus no bloco de notas de Brooks para que ela me lembre de pegar *The Love Hypothesis* no colégio.

Quando chego em casa, dou tchau a ele e digo que só poderei falar com ele amanhã. Brooks sorri, contente com o fato de que, talvez, eu tenha acabado de arranjar um novo amigo.



Da sala, limpando os pés no tapetinho de entrada, é possível sentir o cheiro da janta sendo feita. Meu estômago reage na mesma hora, faminto.

Dependendo do humor, e ao contrário do que muitos pensam, eu como muito. Parece que minha barriga tem, literalmente, um buraco negro, onde a fome nunca se sacia e onde a comida se perde, dando a impressão de que não me alimento de forma devida.

O médico disse que meu corpo é do tipo *endomorf o,*o que significa que eu tenho muita dificuldade em ganhar massa muscular, mas uma facilidade desgraçada em perder.

Hoje, graças a Deus, é um dos poucos dias que estou com um bom humor, ou seja, não irei comer demais contra a minha vontade, pela obsessão em ganhar peso, e nem irei comer de menos, por falta de apetite.

Jogo minha mochila no sofá e ando até a cozinha, um sorriso hesitante brotando no meu rosto ao ver minha mãe em frente ao fogão, mexendo na carne.

— Boa noite — cumprimento, mordendo o lábio inferior.

Ela lança um olhar rápido para mim, sem dar muita importância, e volta à execução de vira-e-mexe na proteína, ainda crua.

— Chegou tarde. — Nem um: "Boa noite, filha, como foi seu dia?", ou: "Senti sua falta. Está tudo bem?"

Não, tudo o que recebo é uma observação ao horário que cheguei. E mesmo que a indagação mostre um fiapo de preocupação que ela não quer demonstrar, necessito de uma interação mais carinhosa, embora, no ponto de vista dela, eu não esteja merecendo.

— É. — Esfrego minha nuca, querendo puxar conversa, mas sem saber *como* fazer isso. Até que o óleo estralando debaixo da carne chega aos meus ouvidos. — Qual é a carne de hoje?

Pergunta idiota, eu sei, mas é algo que sempre costumo perguntar quando estamos em um clima de *paz.*

— Não importa, você vai comer o que tiver aqui, de qualquer jeito — responde, desligando o fogo e limpando as mãos no pano

pendurado ao lado dela.

Nossa.

Meu coração murcha como uma bola de plástico depois de ser furada. Fito o teto e pisco algumas vezes, contendo as lágrimas, ignorando a ardência na região do meu nariz e bochechas.

— Ah, a senhora tem razão. — Forço um sorriso e começo a me afastar, capturando a bolsa no sofá e enganchando no ombro. — Vou para o quarto, depois volto.

— Seu rosto está melhor? — indaga.

Aí está. Minha mãe. Por trás da amargura e do jeito meio duro. Sei que ela não ficou feliz com o tapa que levei, sei que seu coração se condoeu por isso. É o tal do coração de mãe, não é?

— Está. — Agora, o sorriso sai mais sincero, ainda que pequeno. — Ainda um pouco dolorido, mas vai passar.

Minha mãe anui com a cabeça, ainda sem me olhar por completo. Entendo isso como uma permissão para que eu saia, então, é o que faço. Me tranco no quarto, não me permito pensar em nada, tiro minhas roupas e vejo meu reflexo no espelho.

Nada mudou, nem mesmo qualquer indício de uns quilinhos. Suspiro, me pondo de lado e tateando minhas costelas à mostra tão facilmente. *Os pais da Brooks te deixaram passando f ome?*Isso agora faz um estrago tão enorme na maneira que me vejo que é indescritível. Nem todos os livros do mundo seriam capazes de contar a terça parte do quanto me odeio.

Sorrio, triste, impressionada com o quanto minhas emoções são instáveis. Elas oscilam e mudam de uma para outra. Antes, eu estava decidida a terminar meu dia bem, mas agora? Continuo do mesmo jeito.

Odeio o meu corpo.

Odeio o meu rosto.

Odeio o meu sorriso.

Odeio não ser como as garotas de corpos curvilíneos e aparências estonteantes.

Odeio me comparar.

Odeio ser uma péssima filha e ser a fonte dos seus maiores desgostos.

Droga, eu odeio a *mim.* Odeio tanto que mal consigo respirar.

Eu só queria ser diferente, poxa, é pedir demais? Por que simplesmente não fui agraciada com uma vida normal? Sem choros toda a noite, sem gritos abafados no travesseiro, sem pensar em como seria melhor se eu nunca tivesse existido.

Bile sobe à minha garganta, algo que sempre acontece quando prendo as lágrimas na garganta. Chorar me faz parecer fraca, e eu não quero isso. Além do mais, sou presenteada com uma boa dose de dor de cabeça no dia seguinte.

Puxo uma toalha nova do meu guarda-roupa e me enfio debaixo do chuveiro, deixando que a água gélida me distraia da corrente tóxica de pensamentos que me sobrevêm. Na parede do box, colocado por mim, há uma foto minha aos 10 anos, quando eu ainda era feliz e era capaz de dar o sorriso mais lindo do mundo sem sentir o peso dos problemas nas minhas costas. Pus como um lembrete de que nenhuma tempestade dura para sempre, mas faz tanto tempo que não dou um sorriso espontâneo por vontade própria, que começo a achar que a *minha* tempestade não irá acabar nunca.

Com o corpo pesado, arranco a foto e deixo que o chuveiro a molhe. Não preciso de mais uma lembrança de que nunca mais serei a mesma de antes. Causa um tipo diferente de dor e agonia que não consigo suportar.

De banho tomado e enxuta, visto minha roupa de dormir — um conjunto de blusa e short folgado —, abro a mochila e pego meu livro de Álgebra, sentando na cama. Não tenho uma mesinha de estudos, o que faz uma tremenda falta em horas como essa, quando minha coluna reclama do incômodo. Folheio as páginas esbranquiçadas até parar no assunto que sou uma negação, posicionando uma caneta e um caderno ao lado.

20 minutos depois, escuto a maçaneta da minha porta sendo aberta. Enrijeço, pois não é exatamente o momento que estou a fim de conversar.

Muito menos com meu padrasto, que acaba de passar para dentro do quarto, enquanto me olha com uma expressão que posso apostar ser de arrependimento.

Sempre assim.

— Posso entrar? — questiona, e todos os pelos da minha pele se arrepiam, como se repudiassem sua presença e quisessem o máximo distância dele.

Fadigada, me empertigo no colchão e faço que sim com a cabeça, dando espaço na cama para que ele se assente próximo a mim. Com cautela, receoso, Joshua suspira e senta, comprimindo os lábios.

O silêncio que procede os próximos 30 segundos é ensurdecedor, até que ele decide quebrar:

— Como você tá?

— Bem — minto e tento sorrir. — E o senhor?

— Não consigo dormir bem desde o que fiz com você — sua voz embarga. — Estou tão arrependido, minha filha. Eu nunca, nunca mesmo, deveria ter feito aquilo, mas na hora eu estava tão... tão... possesso, que nem ao menos dei chance a você de se explicar. Me perdoa, por favor.

Meu coração é mole demais para guardar qualquer tipo de rancor ou raiva por tanto tempo. Basta acontecer o que está acontecendo agora. Um pedido de desculpas e imediatamente toda a mágoa evapora. E talvez esse seja o meu maior defeito.

— Não tem problema, pai — sussurro, remexendo as mãos sobre o meu colo. — Eu entendo, de verdade.

Suas narinas avermelhadas dilatam ao dar uma respirada profunda e trêmula conforme balança a cabeça.

— Eu tenho orgulho de você, Alyssa. Você é a filha que eu não tive. — Uma lágrima escorre por sua bochecha. — Não deveria ter feito aquilo com o maior presente que Deus me deu. Estou me sentindo um lixo, um idiota, um péssimo pai.

Queria que fosse possível odiá-lo por mais tempo, às vezes, quando paro para pensar nisso, fico me culpando por parecer tão fácil na hora de perdoar. Ainda mais com ele. Joshua cuidou de mim quando o meu pai biológico sequer se importava com o meu bem-estar. Ele me deu bolo de chocolate no nosso primeiro encontro e botou *I Carly*na TV, porque sabia que era meu seriado favorito e queria me conquistar. Joshua foi contra toda a sua família quando o julgaram ao amar como dele a filha de outro homem. Lembro de suas lágrimas e da emoção no seu rosto assim que o chamei de "pai" pela primeira vez.

Então, como eu poderia odiar esse homem? Ele é o meu herói, mesmo que cheio de defeitos.

— Eu entendo o senhor — asseguro, entrelaçando os dedos dos pés um no outro em puro ato de nervosismo. — Só que... eu queria que o senhor confiasse mais em mim, sabe? Não fui à farra nenhuma, nem fiz qualquer coisa errada. Tentei avisá-los, mas, bom, você e a mamãe estavam brigando...

Meu padrasto balança a cabeça em negação.

— Eu confio em você, filha — diz, sorrindo. — Nunca mais irei fazer isso, eu prometo. Quero ser um pai do qual você se orgulha, não um estranho. Seja pra desabafar, contar alguma fofoca... não importa. Estarei aqui.

Ele me puxa para um abraço, onde enterro minha cabeça em seu peito e passo os braços por seu corpo. A proposta é tentadora de um jeito triste. Não tenho mais 12 anos, na época em que eu acreditava que ele *realmente* nunca mais iria fazer isso — me magoar com palavras —, e mesmo que eu tenha certeza de que Joshua nunca mais irá encostar um dedo em mim, sei que, mais cedo ou mais tarde, algum acontecimento idiota virá à tona para mais e mais palavras desgastantes serem lançadas contra mim. É só questão de tempo.

E falar com ele sobre o que acontece na minha vida? Fora de cogitação.

— Eu te amo, ouviu? — cicia ao pé do meu ouvido. — Muito.

— Eu também amo o senhor. — E sou sincera. — Muito.

Se distanciando, ele deixa um beijo casto na minha testa e passa a mão na parte de trás da sua calça, em busca de algo.

— Vim devolver isso. — Mostra meu celular e estende para mim. Surpresa, recebo, um tanto boquiaberta. — Conversei com a sua mãe, está liberado.

Agradeço, limpando a tela empoleirada.

— Obrigada, pai.

— Não há de quê. — Dá batidinhas nas próprias coxas e levanta. — Seus livros estão bem cuidados, não se preocupe. Só não trouxe eles porque seria mais trabalhoso, e eu queria ser discreto. — Dá risada e eu o acompanho. — Enfim, é isso. Boa noite, Aly. Não fique até tarde mexendo nele, ok?

— Ok — confirmo.

Joshua sorri e sela o topo da minha cabeça uma última vez antes de abrir a porta e sair.

Solto um suspiro aliviado, não pela sua saída, mas pelas coisas estarem 50% bem agora.

Ligo o aparelho e espero que todos os aplicativos atualizem para me certificar das últimas mensagens. Há apenas três, sendo uma de Brooks, perguntando se estou bem, enviada no sábado; outra, do grupo do colégio; e um desconhecido, que não tardo em saber quem é quando abro a foto de perfil.

A avó de Eros me enviou cinco mensagens há exatamente 15 minutos. Sorrio largo quando começo a ler cada uma.

Dona Emma: *Oi, minha f ilha!/ Tudo bem?>*

Dona Emma: *Como vvc ta??:*

Dona Emma: *Que coisa dif icil de mexer,,, ne?^*

Dona Emma: *F iquei um monte de tempo procurando seu numero no celular,... do meu menino, mas seu nome´´ ta salvo como pequena-*

Donna Emma: *Nao entendi*

Uma coisa estranha invade meu peito ao ler e reler a mensagem. *Como eu deveria interpretar isso?*

Reviro os olhos para mim mesma, decidindo focar na avó dele e suas mensagens cheias de erros e fofas, e não *nele*.

Al yssa:*oi! eu estou bem, sim, e a senhora?*

Dona Emma: *Oiiiiiiii*

Dona Emma: *To otima, f ilha,,,, E você?*

Dona Emma: *Ah. ja perguntei isso ne, puxa*

Dona Emma: *Ta bom; ; J Á COMEU hoje?*

Aos risos, digito:

Al yssa:*ainda não, vou jantar já, já.*

Al yssa:*e a senhora?*

Com um pouco de demora, ela responde:

Dona Emma: *F ui obrigada a comer aquele negócio de sopa!!@@! Meu menino me obrigou > ☹. Vontade de enf iar a cara dele..... na privada%%%*

Desta vez, gargalho alto.

Al yssa:*KKKKKKKKKKK*

Al yssa:*imagino*

Al yssa *mas é pro bem da senhora!*

Dona Emma: *Que nadA... Ele so quer me perturbar! F az tempo que não como uma coisa realmente gostosa*

Al yssa:*e o que seria uma coisa realmente gostosa?*

Dona Emma: *Uma costeleta deeee porco*

Solto uma risada anasalada.

Al yssa:*costeleta de porco não é saudável, sabia???*

Al yssa:*a senhora nao pode comer isso*

Posso visualizar sua cara contrariada e seus olhos revirando como se ela estivesse aqui, na minha frente.

Dona Emma: *Comer uma costeleta,, cinco vezes na semana não?@ vai dar em nada!*

Al yssa:*a senhora é teimosa igual seu neto*

Dona Emma: *Nem me f ale## aquele menino é a causa... da queda dos meus cabeloß*

Solto um muxoxo descontente, lembrando da breve conversa que tivemos antes da confusão se instalar no colégio.

Me preparando para digitar, ouço o chamado da minha mãe, anunciando que o jantar está pronto.

Al yssa:*eu entendo, mais do que gostaria.*

Al yssa:*agora tenho que ir : (vou jantar e dormiŗ amanhã tenho aula cedo!*

Al yssa:*adorei conversar com a senhora, viu?*

Al yssa:*e pelo amor de Deus, não coma nenhum alimento que af ete sua saúde, tá? quero vê-la saudável!*

Por mais que a resposta demore a vir, fico onde estou, esperando. Ana me grita outra vez, e contra a minha vontade, me vejo obrigada a gritar de volta para que ela tenha um pouquinho de calma. Ela odeia quando digo isso, porque, segundo ela, está calmíssima. Passo por cima dessa ordem, pois não quero que Emma sinta que está incomodando ou algo do tipo. Nem sei se ela sentiria isso, mas não quero arriscar. Ser constantemente jogada para escanteio está mudando a forma que vejo o mundo, as situações e as pessoas.

Dona Emma: *Tudo bem, minha f ilha, pode ir*

Dona Emma: *Quero muuitooo... te ver de novo!! Pena que Eros é chato e f ica com--- palhaçada pra cima de mim~~*

Dona Emma: *Adoraria ter uma nora taaao legal como você*

Dona Emma: *boa janta e bom sono´´ tem que estudar muito!!*

Quero responder, um riso escapa da minha garganta com a possibilidade tão fantasiosa de eu me tornar nora de Emma, no entanto, o quarto grito de Ana em um curto espaço de tempo me impede. A contragosto, envio um *emoji* sorrindo e um “boa noite”, encerrando a conversa.

Durante o jantar, minha mente me prova quão traiçoeira pode ser ao projetar *f lashes*rápidos de como seria se Eros, em toda a sua postura gelada e marrenta, se apaixonasse por mim, uma garota tão... normal e sem graça. Afasto o pensamento com a mesma velocidade que ele apareceu. Pensar nisso me deixa mal, faz com que minha autoestima despenque, porque, claro, não há chances de ele nem de qualquer outro garoto suprir qualquer tipo de sentimento em relação a mim.

Termino de comer e me despeço dos meus pais com um beijo, um abraço, e um desejo de que durmam bem. Vou para o meu quarto, arrumo minha cama, tirando os livros de onde estão e colocando-os na minha mochila, e me deito.

O sono não vem tão rápido quanto eu gostaria. Resisto à tentação de pegar meus comprimidos para dormir, guardados dentro de uma caixinha escondida debaixo da minha cama. Minha mãe não pode *sonhar* com a ideia de que na maioria das vezes preciso de algo para me auxiliar a cair no sono. Ela xingaria e gritaria até minha décima geração, jogaria os remédios fora e me deixaria à mercê dos meus próprios demônios a noite toda.

Hoje, não apanho a caixinha, porque sei que os dois estão de olho em mim. Tenho a sensação de que, a qualquer momento, eles entrarão no meu quarto para conferir se estou fazendo algo de errado, então não quero correr o risco de ser pega.

Mas, Deus, o sacrifício me proporciona questionamentos durante as — olho para o ponteiro do relógio — três horas que se passam. Minha cabeça dói, pois, em algum momento, começo a chorar, e não consigo parar. Minha garganta se fecha, meu corpo todo dói, embora eu não tenha feito nenhum esforço. É exaustivo saber que *isso* te espera todas as noites e não conseguir evitar.

Faço orações, que parecem nunca ser atendidas.

Imploro por um pouco de paz, mas nada acontece.

Peço para que esse peso que o mundo carrega minimize no meu peito.

Luto contra as malditas vozes e lembranças do meu passado tão recente.

Continuo a dança, sem saber que é ela que está me levando à ruína.

Acompanho os contornos da lua serem substituídas pelos raios tímidos do sol.

O galo canta; e é possível ouvir os passos tranquilos de pessoas saindo de suas casas, a fim de iniciarem outro dia.

E eu também, porque quando finalmente meus olhos coçam e meus cílios fecham, implorando por descanso, meu despertador toca.

Deus, mais um pouquinho disso e eu desisto.

12

Alyssa Blair

Passado, aos 14 anos.

Querido diário,

Faz tempo que não conversamos, não é? Tenho estado tão ocupada com as atividades da escola que não tive tempo de vir aqui falar com você e contar as últimas notícias. Não tiveram muitas, na verdade, mas uma em especial merece atenção, ainda que doa. Só um pouquinho.

Semana passada, descobri estar gostando de um garoto. O nome dele é Gael, e ele é dono de olhos verdes tão bonitos que foram as primeiras coisas que prestei atenção quando ele chegou à minha sala. Ele era tímido, mal conversava com ninguém. Ficava quietinho, apenas prestando atenção na aula. E, para ser sincera,

eu nem sabia o nome dele até dois meses atrás, quando Gael veio até mim e começou a conversar, f alando sobre tudo e sobre nada. Seu interesse nos livros que eu estava lendo meio que me animaram, e quando me dei conta, era meu coração que estava pulando f eito doido no meu peito, eu só não tinha percebido.

Gael f oi se soltando com o tempo, f azendo novas amizades e distribuindo seu carisma. Ele sempre f alava comigo em momentos aleatórios do meu dia, nem que f osse para pegar na minha mão ou dar um sorriso gentil. Há exatamente uma semana, ele sentou atrás de mim, e passamos a aula toda f lertando na brincadeira.
“ Brincadeira” , aliás, pois f oi ali que percebi que eu estava caidinha por ele. Meu estômago dava cambalhotas e minhas mãos suavam. Decidi contar para minha amiga e ela disse, com toda a certeza do mundo, que ele também estava gostando de mim. Vale lembrar que odeio *a sensação de gostar de alguém, ela me deixa insegura e sempre f ico me comparando com outras pessoas, mas resolvi arriscar, af inal, Gael era muito legal e, acima de tudo, demonstrava sentir o mesmo por mim.*

Diário, este f oi o meu maior erro.

Anteontem, o chamei para conversar pelo aplicativo de mensagens. Ele me mandava áudios rindo e um sorriso se estendia no meu rosto, pois sua gargalhada é muito gostosa, e eu meio que poderia passar o dia todo escutando. Estava tudo indo muito bem, mas meu impulso achou uma brecha em algum momento entre nossas trocas de mensagens e julgou ser uma boa ideia começar a f alar sobre “ namoro” .

Nem preciso f alar no quão errado isso deu, mas vou dizer mesmo assim.

Comecei a jogar indiretas sobre meus sentimentos por ele, confidenciando estar gostando de um garoto da sala, até que ele pediu o nome. Bem, não falei de imediato, é claro, mas depois de tanta insistência, minhas indiretas foram ficando cada vez mais direta, até que... CABUM!

A bomba explodiu.

"O menino é você, Gael"*, mandei, apertando todos os botões para sair do aplicativo e arremessar meu celular bem longe. Porém, minha curiosidade foi maior e, com as mãos tremendo, capturei o aparelho de volta, me deparando com um áudio de 1 minuto.*

Um áudio*, diário. Dá pra acreditar?*

Logo nos primeiros 10 segundos, ele confirmou o que eu não *queria ouvir. Afirmou não ser recíproco e que não conhecia nada sobre minha pessoa para sentir algo por mim, mas que, para amenizar, disse que não poderia descartar a possibilidade de gostar de mim algum dia. É engraçado, porque, nos livros, eles se apaixonavam no primeiro encontro, sem precisar de mais nada.*

Burrice a minha achar que também seria assim na vida real.

Gael foi gentil, de qualquer forma. Não me humilhou nem me pôs para baixo. Apenas disse, da maneira mais franca possível, que não o fazia sentir da mesma forma que ele *me fazia sentir. Ele contou que estava se sentindo péssimo por isso, mas afirmei — meio sincera, meio falsa — que não havia nenhum problema e que poderíamos seguir como amigos.*

É claro *que não poderíamos seguir como amigos, mas essa pareceu ser a coisa certa a se dizer.*

Depois disso, não conversamos mais.

Estou triste, muito, muito triste. Não é a primeira vez que isso acontece, porém, por algum motivo, achei que, desta vez, seria dif erente. Estava animada com a ideia de tê-lo gostando de mim, mas f ui idiota. De novo.

Tento me convencer de que é a vida, acontece sempre, que não tem nada a ver comigo. Repito para mim mesma que a sua amizade não vai me f azer f alta, até porque, há cinco meses nós nem nos conhecí amos, então... por que eu deveria f icar triste por isso?

Acordei um pouco melhor que ontem. Não estou pensando mais nisso com tanta f requência, mas só de pensar que depois de amanhã irei vê-lo novamente... sinto uma dor de barriga bastante incômoda. Decidi que não vou f alar com ele, f ingir que, na verdade, ele nem existe. É o melhor para mim, e espero que ele f aça o mesmo.

Me sinto um pouco melhor depois de escrever tudo isso. Você um ótimo ouvinte, diário, me arrependo de ter passado tanto tempo sem conversar com você.

Segunda-f eira venho com mais novidades. Espero que não sejam ruins — apesar de saber que não serão exatamente boas também.

Até a próxima!

Com amor, Alyssa Blair

.

Na segunda-feira, dois dias depois do meu desabafo naquele diário que nem lembro mais onde se meteu, não ocorreu nada digno de anotações. Ele não falou comigo, muito menos eu com ele, e

ficamos assim até que ele saiu da escola no ano seguinte. Nunca mais tive notícias suas.

Gael Uchôa, minha penúltima desilusão amorosa. Há 3 anos.

O mais recente, o que eu considero o meu último, está sentado à minha frente, entrelaçando nossas mãos e beijando os nós dos meus dedos como se não tivesse me humilhado há menos de 24 horas.

Brooks faltou. Seus pais a obrigaram a conhecer a nova filial da empresa de sua família, aberta na parte riquíssima de Everett, uma cidade próxima a Boston, em Massachusetts. Ela me enviou umas 100 mensagens xingando o mundo por ter sido obrigada a acordar às 4h da manhã e viajar, de carro, para outro lugar. Não é exatamente uma viagem, pois o caminho é curto e rápido, mas para a dramática da minha amiga, é obvio que ela não consideraria como um passeio superdivertido.

Antes de vir para o colégio, tomei quatro xícaras de café para estimular o meu sistema nervoso. Fiquei mais disposta, é verdade, mas dada as circunstâncias atuais, percebo que a atitude mais sábia teria sido permanecer com sono, pelo menos assim eu teria um motivo para evitar o descaso de Eros, que está dando um show em fingir que não existo, e Leonardo, que foi rápido em agir ao ver que eu estava sozinha no curto intervalo de tempo entre uma aula e outra.

— Como você tá, gatinha? — pergunta, deixando beijos molhados na minha bochecha até o meu pescoço.

Ugh. Aprendi a odiar esses toques na mesma proporção que eu amava.

— Bem — murmuro, me afastando e esperando que ele entenda a indireta e *pare* de me beijar.

Não é o que acontece, aliás. Ele segura meu pescoço e me puxa para mais perto de volta, continuando o que estava fazendo, como se quisesse me lembrar de que nunca me deixará livre de si.

— Certo... — Se distancia, afagando o dorso da minha mão com o polegar. — Você está linda hoje, sabia?

Não deixo de ficar surpresa com o seu elogio, transparecendo a confusão nas minhas sobrancelhas franzidas.

— Linda, eu?

Ele assente.

— Muito. — Sela nossos lábios. — Nunca te falei isso diretamente, né?

Meu silêncio é resposta mais que suficiente. Elogio nenhum nunca saiu da sua boca — não em relação a mim, pelo menos —, tanto que eu já estava certa de que nada em mim agradava seus olhos. Mesmo depois do seu comentário repentino, ainda acho isso. Seu elogio não foi sincero.

Suspirando, Leo enrola minhas madeixas loiras no seu dedo. Reprimo o desejo de dar um tapa na sua mão e sair correndo.

— Está magoada comigo pelo que fiz ontem? — questiona, mordendo os lábios. — Desculpa, gatinha. Não foi por querer.

Magoada? Não, creio que magoada não seja a palavra certa. Estou mais para enraivecida e envergonhada, porque agora todo o colégio deve saber que a s*antinha* já foi para a cama com o maior idiota de todos os tempos. Quando cheguei, inúmeros pares de olhos se voltaram para mim e começaram a cochichar entre si. Estou no meu direito de me sentir ofendida e achar que o maior

problema não é eu ter transado com Leonardo e, sim, por ter sido *eu, Alyssa,* a fazer isso.

Acho que deu para entender a grande diferença.

— Uhum — resmungo, sincera. — Nem estavam falando com você, droga! Por que teve que se meter e ainda colocar o*meu* nome no meio?

Ele encrespa a testa, chocado com meu tom.

— Pensei que você gostaria que soubessem que não é todo mundo que passa a mão em você e que não é como essas vadias daqui — argumenta, na defensiva.

Mas seu argumento é tão tosco e revoltante que é *impossí vel* não botar isso para fora.

É desse cara que eu gosto? Mesmo?

Uma gargalhada baixa desliza para fora dos meus lábios. Neste momento, é como se a cota de paciência que me restava de todos os meses em que estive aguentando calada suas falas grotescas estivessem esgotando aos poucos e eu estivesse finalmente explodido. Me considero uma pessoa calma como uma pluma, minha raiva muitas vezes é guardada *só* para mim*,* mas isso é demais até mesmo para alguém como eu.

— Do que você tá falando, Leonardo?! Você vê problema numa mulher que não se apega e fica com vários, mas aplaude um homem que faz o mesmo? — Rio com escárnio. — Você e sua hipocrisia me dão nojo, sabia?

Ele fica boquiaberto, piscando várias vezes. Pareço até mais leve agora, tirando o tremor que perpassa minha coluna quando suas feições iradas me fitam.

— A convivência com aquele filho da puta tá te deixando assim, não é? — sussurra, ameaçador, aproximando o rosto do meu. Seu sorriso me causa náuseas. — O que tá rolando entre vocês? Ele agora acha que é seu dono e quer te defender sempre que a donzela está em perigo?

— Ele não é meu dono. — Encontro fôlego para responder. — E nem você.

A dor irradia para minha cabeça e meu pescoço quando Leonardo agarra os cabelos da minha nuca com uma força muito maior que as outras vezes e puxa para trás, grosseiro. Choramingo de dor, mas não me dou ao luxo de pedir para que pare. Só iria piorar.

— O que você disse?! — ladra contra os meus lábios, sua respiração pesada e asquerosa batendo contra a minha bochecha.

Umedeço os lábios, respirando pela boca com dificuldade, e respondo:

— Eu disse que... — resfolego, a dor despontando na minha cabeça pela pressão —... que você não é o meu dono.

Já fui vítima de violência da parte dele por muito menos. Tive meu corpo violentamente empurrado contra um móvel em um dos seus excessos de raiva simplesmente por não querer um beijo seu ou levantar minimamente a voz. Meu cabelo já fui puxado dezenas de vezes por, segundo ele, ter o “envergonhado na frente dos amigos”. Sinto que, pela primeira vez, estou vivendo tudo isso de novo por algo que vale a pena.

— Porra, gata... — grunhe, a voz assustadoramente baixa, me deixando ainda mais nervosa. — Você tá falando igual aquelas putas, hum? A...

Ele se prepara para destilar mais alguma ofensa, mas o barulho dos jogadores de basquete, todos sem camisa e preparados para o treino, entrando na quadra, o impede. Julgo este momento como o perfeito para me livrar de suas garras. Por isto, me levanto, tentando seguir a direção oposta a dele. Entretanto, antes que eu consiga, as mãos do nojentas de Leonardo agarram meu pulso, me puxando para trás com tamanha brusquidão, que minhas costas colidem com força contra a cerca de ferro em volta da quadra. Prendo o grito esganiçado de agonia pela dor lancinante na garganta.

— Quem você pensa que é pra me ignorar desse jeito, amor? — Ele agarra meu braço com força o suficiente para deixar uma marca. Quero protestar e dizer que está me machucando, mas Leonardo não escutaria. — Que eu saiba, ainda não terminamos de conversar — ronrona. — Me fala a verdade, Alyssa. Você e aquele filho da puta se beijaram?

Nego tantas vezes que meu cérebro parece balançar dentro da cabeça. A falta de ar me atinge pelo pavor que me domina enquanto lágrimas embasam minha visão. Olho para os lados, à procura de uma só pessoa presenciando tudo isso.

— Leonardo... — choramingo, odiando minha vulnerabilidade. — Por favor, estamos em público...

— Não quero saber, cacete! — berra, levando o toque para um pouco abaixo do meu ombro, me sacudindo.

Entreabro os lábios, mas não para responder. Ele não percebe minhas tentativas em vão de puxar o ar até que meus pulmões parem de pedir por isso. Meu corpo está gelado, consigo

sentir pela película de suor que acaba de escorrer pela minha têmpora.

Agora, me pergunto desesperadamente o porquê de eu não ter ficado calada.

— Eu não beijei ninguém! — quero gritar, mas meu timbre sai falho. Empurro suas mãos de mim, odiando seu sorriso ao notar que sequer um músculo seu se move com o ato. — Para com isso, você tá me machucando!

— Eu deveria fazer muito pior com você só por ter tido a coragem de se esfregar em outro homem quando é minha, Alyssa. *Minha*. De mais ninguém, entendeu?

Traí-lo? Como eu poderia traí-lo quando não temos nada? É certo que, desde que o conheci, nunca mais fiquei com qualquer outra pessoa, mas não por estarmos comprometidos, apenas porquê... eu não conseguia desejar mais ninguém além dele. Seus toques e beijos carinhosos quando começamos a ficar preenchiam minha mente sempre que eu cogitava a ideia de beijar outro alguém. Seus elogios, que pareciam tão sinceros, me arrancavam sorrisos bobos em momentos aleatórios do meu dia.

Droga... eu estava tão apaixonada por ele que ao menos me importei quando, em nossos encontros, ele aparecia com manchas de batom porcamente limpos ou com um perfume doce, que eu sabia que ele não usava, impregnando em sua roupa. A ideia de ficar sem a pessoa que me deu a atenção que eu tanto procurava nos garotos era desesperador.

E minha insistência me levou justo ao lugar que passei a vida toda temendo.

— Eu não te traí, Leonardo. — Tomo coragem para encará-lo. — Nunca faria isso — sussurro.

A inexpressividade no seu rosto deixa *muito* para a minha imaginação amedrontada. A pupilas dilatadas engoliram seus orbes de carvão, deixando apenas um fino aro. As partes esbranquiçadas de seus olhos estão vermelhos de ira. Sua mandíbula, então, não deixa dúvidas de que ele, de fato, faria bem pior comigo se estivéssemos em outro lugar.

— Diga que me ama — fala, de repente.

— O-o quê? — Arregalo os olhos.

— Você escutou, meu amor. — Minha respiração é ofegante e o bolo na minha garganta se torna ainda pior quando sua boca resvala meu pescoço. Fecho os olhos, tentando controlar a maldita ânsia de vômito. Eu costumava amar a simplicidade desses gestos, mas, agora, tudo relacionado a ele me enoja. — Vamos lá, me prove que eu sou o único cara que ocupa a sua mente. Diga que me ama.

É a maior mentira que irei dizer. O que nós temos não é amor; o que *eu* sinto por ele *não* é amor. Talvez nunca tenha sido. Mas ela é a única coisa agora capaz de me salvar deste inferno.

Engulo em seco e esfrego minhas mãos na calça.

— Eu... — Me embolo com as palavras. — Eu... Eu te amo. — Há gosto de areia na minha boca. É amargo. Me causa náuseas.

Agradeço por ele não ter pedido para que eu repetisse, diminuindo em pouquíssimos porcentos minha tortura. Me pegando de surpresa, Leonardo assente e me abraça, e eu solto o ar de alívio. Não há conforto no gesto, nada perto disso.

Um choro baixinho se manifesta ao sentir suas carícias em minhas costas.

Se eu pudesse voltar no tempo e fazer tudo diferente, droga...

— Me desculpa, gatinha... — Suspira, pousando um beijo na minha testa.

— Por que você faz isso? — indago, a voz embargada. — Por que me machuca e depois... pede desculpas?

Ele ergue minha cabeça para cima com seu polegar, me obrigando a encará-lo. Um sorriso pequeno desponta dos seus lábios.

— Não suporto a ideia de outro homem tocando em você, amor. Será que ainda não entendeu isso? — diz, beijando meu rosto no exato local onde minhas lágrimas escorrem. — Você só precisa ser uma boa garota, Aly. Assim, não precisarei te machucar, ok? Quem sabe assim eu não sinta por você o mesmo que sente por mim? — Me dá um selinho demorado. — É só fazer o que eu disser. Tudo bem?

Assinto, meu mundo ruindo sob os meus pés.

Leonardo expõe seus dentes brancos e enfileirados, satisfeito por me ter na mão, por ter controle sobre mim. Conforme prende os dedos na minha nuca e cola nossos lábios, me amaldiçoo por ser tão burra. Sua língua se entrelaça à minha em um beijo possessivo. Seus braços rodeiam minha cintura, grudando nossos corpos. Finjo ser levada pelo seu gosto enjoativo de cigarro barato. Simulo gemidos de prazer e adentro os dedos nos seus cabelos, ficando na pontinha dos pés para aprofundar o contato que passei a odiar.

Quando me solta, abre o maior sorrisão e beija meu maxilar. Forço um sorriso, grata por ele ter me soltado, atraído rapidamente por uma notificação no seu celular. Me distancio, mas não o

suficiente para fazê-lo se irritar. Soa mais como: *"estou lhe dando privacidade, tá? Não se preocupe, não irei f ugir"*

Guardando o aparelho de volta no bolso em um tempo que não achei o suficiente para me recuperar, passa a mão nos cabelos e fixa o olhar no meu, como se me contemplasse.

Como, pois, me *contemplar* é a última coisa que ele faria.

— Tenho que ir. — *Graças a Deus!* — Me chamaram para ajudar em um trabalho que irão entregar na sexta.

Faço uma carinha triste, projetando os lábios em um bico manhoso. Como se, em vez de estar soltando fogos, eu estivesse morrendo de tristeza.

— Poxa. — Solto o ar pelo nariz. — Tudo bem, então.

Vejo que ele espera por mais, ainda me analisando. Desejando entrar em um foguete e ser lançada para bem longe, me aproximo e seguro seu rosto, beijando sua boca.

— Muito melhor. — Suspira, mordiscando meu lábio inferior. — Já vou, ok?

— Ok — respondo, unindo minhas mãos atrás de mim.

Ele finalmente vai embora e me deixa sozinha, somente com a companhia dos gritos vindo da quadra. Avisto Bryce comemorando uma cesta junto de seus amigos, sorrindo como se a vida fosse boa e valesse a pena.

Minha vontade é de berrar, gritar e socar a primeira coisa na minha frente, mas tudo o que faço é sentar na arquibancada e me encolher, segurando as lágrimas que insistem em derrapar continuamente. Meu coração dói de tal maneira que ao menos consigo raciocinar quando pego meu celular e começo a abrir e

fechar um bilhão de aplicativos. Meus dedos tremem e tenho de tampar a boca para evitar que um soluço de frustração escape.

Abano meu rosto com as mãos como se isso fosse adiantar de alguma coisa. Esfrego as palmas repetidas vezes na minha calça, que não param de molhar. Sacolejo meus braços, tentando me livrar da...

— Você está tendo uma crise de ansiedade?

Me sobressalto quando a voz de Pandora inunda meus ouvidos.

— Pandora... — Arquejo, piscando. — Tá aí há muito tempo?

— Não. — Balança a cabeça. — Apenas o suficiente para presenciar você tendo uma crise.

— E-eu não... — Retorço as mãos sobre o colo, formulando argumentos plausíveis para negar esse fato. Contudo, não encontro. — Como s-sabe... disso?

Pandora dá de ombros, enroscando uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha.

— Já tive. Quer dizer... às vezes eu tenho.

Uno as sobrancelhas, meio surpresa.

— Sabe como faz parar?

— O que funciona comigo pode não funcionar com você, mas... sei, sim. — Ela recompõe a postura e corre os orbes azulados por mim. — Respire e pense em algo que você gosta muito. Muito mesmo. — Assinto e faço o que falou. — Conte os segundos durante a respiração e pense apenas no que lhe faz bem. Nem ouse mudar o rumo dos seus pensamentos.

— Certo. — Não tenho muita fé de que irá funcionar, mas inspiro e expiro, devagar, deixando que minha mente viaje para os

meus livros, meu cantinho. Não consigo manter minhas mãos paradas, então aperto elas em punho até que as unhas medianas perfurem minha palma. Não o suficiente para cortar; mas o suficiente para doer.

Sinto o corpo de alguém se materializando ao meu lado. Pelo perfume que exala riqueza, não preciso fazer esforço para descobrir de quem se trata. Abro os olhos, confusa, me deparando com Pandora, que antes estava sentada na arquibancada abaixo da minha, agora, ao meu lado.

— Me dê sua mão — pede e eu franzo o cenho. — O objetivo é parar sua ansiedade, não te machucar. — Anuo, compreensiva, e estendo as palmas trêmulas para ela, que as segura com firmeza. — Certo, Blair, agora continue.

Repito o processo de inspirar e expirar repetidas vezes, soltando o ar pela boca com menos dificuldade a cada tentativa. Busco um pensamento específico para me concentrar, mas o que para mim costuma ser tão fácil, se torna difícil quando um milhão de coisas perpassam pela minha cabeça pelo que ocorreu nos últimos minutos.

Pandora deve notar isso, pois diz:

— Fini azedo ainda é seu doce favorito?

— É. — Sorrio. — O de morango.

Pandora realiza um carinho suave no dorso da minha mão. O gesto é tão familiar que, por um segundo, sou transportada para quando tínhamos 11 anos e éramos inseparáveis.

— Cruzes! Aquele troço azeda até minha alma! — reclama, estremecendo. Dou risada.

— É uma delícia — me defendo.

— Só se for pra você — resmunga. — Seu armário ainda carrega um estoque?

— Entupido.

Tenho quase certeza de que Pandora sorriu.

— Você vai acabar ficando diabética desse jeito, garota. — Faz um som de reprovação com os lábios. — Já foi ao médico consultar o açúcar correndo nas suas veias em vez de sangue?

Minha risada sai menos falhada, o que é um bom — ótimo — sinal.

— Acredite, já fui, mas meu vício é maior...

— Teimosa como sempre — rebate, ficando em silêncio. Não por muito tempo, entretanto, pois cinco segundos depois ela começa: — O que tá rolando entre você e o Russell?

Solto o ar exasperado pelas narinas e abro os olhos, mais calma, encontrando suas írises curiosas sobre mim.

— Não está rolando nada entre nós, Pandora. — À essa altura do campeonato, não sei mais se isso é verdade, uma meia-mentira, ou uma mentira completa.

Seja o que for, acabou no momento em que Eros se viu empenhado em me ignorar, como se há poucas horas não tivesse sido gentil comigo ao ponto de se oferecer para comprar um livro.

— Ah, não vem com esse papo clichê, Alyssa. — A loira revira os olhos, jogando os cabelos para trás. — Tudo bem que eu estava ultra-hiper-mega-focada naquele gostoso do Torrence, mas até eu consegui enxergar o jeito que se portam na presença um do outro — alega, vergando o corpo na minha direção como se fosse contar um segredo. — Na boa, ele olha pra você como se fosse... sei lá! Algo tão precioso...

Rio anasalado, balançando a cabeça veemente em negação.

— Eros é meu parceiro no “trabalho” da professora Ravena — Faço aspas no ar —, estamos mais próximos por causa disso — explico, ciente de que não valerá de nada. — Quer dizer, *estávamos.* Ele tá me evitando, então... não sei. — Bufo.

— Uhum — desdenha, tirando uma balinha de menta do bolso, pondo na boca, e esticando o outro doce para mim. — Quer? — Faço que não e agradeço. Pandora dá de ombros. — Mas você não sente nenhuma atraçãozinha por ele?

Não demoro nem dois segundos para encontrar a resposta. Minha atração por Eros é infinitamente maior que o Dubai Mail. É por isso que me sinto tão inquieta perto dele. Me assusto com as cenas idiotas que cruzam minha mente de como seria se nos beijássemos, o que *eu* sentiria... Na sala, depois do ocorrido na livraria, mal consegui me concentrar na aula, ocupada de mais simulando cenários onde aquele beijo pós-queda aconteceria.

Será que ele prensaria meu corpo no dele? Enf iaria aquelas mãos grandes, quentes e f ortes nos meus cabelos? Como será o gosto dos seus lábios? Ele é do tipo que gosta de toques durante a troca de salivas ou pref ere ser mais quieto?

— Terra chamando Alyssa. — Pandora estala os dedos à frente do meu rosto, sarcástica. — Nossa, pela demora para responder uma simples pergunta...

— Eu me sinto, Pandora, suuper atraída por ele, tá legal? — admito, arrancando um sorriso gigante da garota. — Mas não posso, e nem vou, fazer nada a respeito. — O sorriso morre em milissegundos. Limpando a garganta, dou um fim nas perguntas

dela e início as minhas: — E entre você e Bryce, querida? O que tá rolando?

Ela morde os lábios.

— Para a minha tristeza, desgraça, sofrimento, ruína e desespero, *nada*. — Tomba a cabeça para trás, frustrada. — Sério, Alyssa, o que eu não daria para agarrar aquele homem... — Estremece.

Eu gargalho com sua sinceridade.

— É por isso que veio para cá? — Indico os jogadores de basquete, mais especificamente Bryce, saindo da quadra. Todos suados e sem camisa.

Pandora passa a língua nos lábios, sem se preocupar em esconder sua inquietação quando o rapaz passa a mão nos cabelos e dá aquele sorriso de arrasar corações, entrando no vestiário.

— Céus, *sim.* — Abana o pescoço, se levantando da arquibancada com um salto, se apropriando da mesma rapidez que usou para se sentar. — Quer saber? Vou dar um jeito nisso.

Torço o nariz, sem entender.

— Jeito? Que jeito?

Pandora retira um pequeno espelho da sua bolsa e pega um batom avermelhado, retocando sua maquiagem e roupa. Contente com o que vê (algo que nunca irei experimentar), seus lábios se curvam em um sorriso malicioso.

— Vou dar fim nesse desejo reprimido entre nós.

— E você pretende fazer isso como...? — Pandora me lança um olhar que diz tudo. — Você não vai invadir o vestiário dele, vai?

Ela solta um gritinho animado, aquiescendo várias vezes.

— Sim! Já fui àquele lugar algumas vezes e sei o quanto é... excitante — diz. —Claro que posso ser chutada para fora, o que, convenhamos, é uma opção quase nula, mas quero, tipo, *muito* fazer... coisas com Bryce lá dentro.

— Você é louca. — Dou risada, descrente de que ela irá realmente fazer isso.

— Por ele? Absolutamente. — Pandora junta seus itens de maquiagem na bolsa e fecha o zíper, caminhando até mim e deixando um beijo na minha bochecha. — Me deseje sorte.

— Não que você precise, maaas — Rolo os olhos —... boa sorte!

— Isso aí, Alyssa! — Ela sai praticamente saltitando, porém, para quando chega ao corredor e se vira, gritando: — Depois te conto tudo!

— Me poupe dos detalhes, por favor! — grito de volta.

Pandora gargalha, mas algo na sua risada me dá a impressão de que irá detalhar até as coisas mais íntimas se eu der brecha.

Estagnando algumas vezes por pessoas que querem trocar um papo legal com ela, Pandora some do meu campo de visão e, quando volta a aparecer, está sem a bolsa, rumando ao seu destino a passos confiantes e um sorriso contundente e sexy adornando suas expressões.

Cinco minutos depois, todos os dez homens, menos Bryce, saem do vestiário.

13

Alyssa Blair

Meus quadris doem quando vou de mochila e tudo para a sala, os cadernos e livros pesando dentro dela.

Parecendo uma grávida — e isso seria cômico se não fosse trágico —, espalmo a mão livre na parte inferior e machucada das minhas costas enquanto adentro o local cheio de pessoas. Sento na carteira de sempre, perto daquele-cara-lá-que-não-merece-ser-citado.

Não até que ele pare de agir como uma criança de 10 anos.

Passo o olhar rapidamente em volta, notando que não há nenhum sinal de Pandora ou Bryce, sendo que a aula já está prestes a iniciar. Dou uma risadinha, mas o gemido de dor que vem em seguida ao me curvar e pôr a mochila no chão é o que chama a atenção do cara-que-não-merece-ser-citado.

— O que você tem? — sua pergunta vem tão delicada quanto um coice de cavalo. Mas embora eu não queira reconhecer, há uma preocupação quase imperceptível no seu timbre.

Pigarreio, reprimindo outro gemido ao abrir o caderno.

— Nada.

Ele bufa uma risada.

— Vai começar com essa merda de novo? Se machucou? Por que tá andando assim?

Esse babaca me deixa tão confusa. Uma hora está me evitando em tudo quanto é canto e ocasião; na outra, mostra estar preocupado com uma simples reclamação que sai dos meus lábios. Não sei qual é o problema dele.

Não vou contar a ele o que aconteceu de verdade. Me recuso a contar que, mais uma vez, fui agredida, e justamente pelo cara que ele estava louco para dar uma surra no dia anterior. No entanto, tão claro quanto o céu de Boston, é o fato de que ele *não* vai me deixar em paz até que eu dê uma resposta coerente.

Sou uma péssima mentirosa, vale lembrar, mas mesmo diante de sua áurea de quem vai me comer viva a qualquer instante, arrisco:

— Dias de garotas.

O-que-não-vale-ser-mencionado junta as sobrancelhas.

— Está menstruada?

Deus, tão direto.

— E com dores — acrescento, um pouco vermelha.

— Não tem remédio?

— Não — respondo, porém, percebo a burrice que cometi e tento voltar atrás: — Q-quer dizer, eu tenho. — Esboço um sorriso

amarelo.

Ele, como ninguém é capaz, parece conseguir me ler em cada gesto, ação, palavra. Em cada pequeno detalhe. E isso é suficiente para que eu saiba que ele não acredita no que digo.

Maldição.

— Péssima mentirosa. — Revira os olhos, passando a mãos nos fios sedosos que, hoje, estão soltos, só aumentando minha vontade de afagá-los e descobrir sua textura nas pontas dos meus dedos. — Você não deveria ficar em casa nesses dias?

— Hum... sim? — digo, certa de que um passo em falho e descobrirá que estou mentindo. — Mas tenho que estudar, não posso faltar as aulas por causa disso.

— *Tsc,* até nisso você é petulante — reclama.

— Não posso discordar, *Russell* — devolvo, sentando-me ereta para não pressionar a região dolorida. — Agora que já respondi às suas perguntas, pode voltar a fingir que não existo. — Não era para meu tom sair tão magoado, só que não consigo evitar.

Porque *estou* magoada. Só não me pergunte o porquê.

Estou tão habituada com pessoas enjoando de mim, indo e voltando, que deveria ter me acostumado com essa atitude. Mas isso nunca acontece. De uns tempos pra cá, aprendi a ler as pessoas, a ser observadora, tudo resultado das minhas inseguranças e paranoias. É por este motivo que eu sei discernir quando alguém cansou da minha presença antes mesmo de me abandonar.

Dói, porque eu sempre sinto quando uma pessoa que eu gosto para de me achar interessante e some da minha vida,

roubando minhas noites de sono. Seja no sentido de amizade ou romântico.

Ele, o-que-não-deve-ser-citado, se remexe, desconfortável, na cadeira. *Que bom.*

— Doendo muito? — foge do assunto, coçando a nuca.

— Não.

— Mentirosa — acusa.

Massageio as têmporas, quase indo dar um abraço bem apertado na professora de geografia quando ela entra na sala e começa a falar. Ela é brava, e nenhum de nós ousaria atrapalhar sua aula com conversas *paralelas.*

— E mesmo se estivesse, o que você faria? Me compraria remédios para cólica e absorventes? — debocho.

— Talvez.

A certeza de que, sim, ele realmente faria isso me cala. Paro de falar e volto minha atenção para a professora, deixando-o sozinho com seus achismos. Me concentro unicamente nos mapas e no grande globo terrestre que a professora Marta nos mostra, focada na sua explicação e anotando as observações mais importantes no papel, intercalando as canetas entre o preto e o vermelho, como um *toc.*

Que se danem Eros e essas piruetas que meu estômago dá cada vez que ele demonstra se importar.

Que. Se. Danem.

Eros Russel

Estou acostumado a passar por muitas situações difíceis nos meus 18 anos de vivência, e só piorou há 5 anos, com a morte dos meus pais. Então, qual é a dificuldade em comprar a porra de um absorvente e um remédio para cólica no meio de tanta merda?

Na hora da saída, quando todo o alvoroço pelos alunos desesperados para irem às suas casas estava formado, vou, com pressa, até minha moto, giro a chave na ignição e corto a estrada em uma velocidade favorável para o nível da minha pressa. Alyssa costuma demorar anos para finalmente ir para casa, então eu poderia demorar o tempo que eu quisesse e ir com mais calma, só que... porra, não quero deixar a garota morrendo de dor.

Estou puto pra cacete com ela. Não só com ela, na verdade, mas também com aquela professora e, cacete, com aquele filho da puta do Leonardo. Não importa o quanto eu tente explicar, nada vai conseguir se comparar com o ódio que se espalhou na minha corrente sanguínea quando ele expôs algo tão íntimo de Alyssa; da professora, quando acobertou seu comentário desrespeitoso; e... *dela,* quando fingiu que o que ele disse não foi nada demais e que estava tudo bem.

Não estava — e ainda não está — tudo bem, caralho.

Parando em frente à primeira farmácia que vejo pelo caminho, tiro o capacete, arrumo meu cabelo e desço do veículo. Há olhares dos quais já estou acostumado, mas eles pioram intensivamente assim que entro na seção de artigos femininos e paro nas prateleiras de absorventes.

Será que um homem nunca chegou aqui pra comprar isso às suas mulheres, cacete? Pra que essa estranheza toda?

Não que Alyssa seja minha mulher, mas... ah, vai se f oder

Me sentindo um peixinho fora d'água por nunca ter precisado pisar *nesta* seção em específico, me obrigo a controlar meu desejo de grunhir e fazer um comentário grosseiro para uma mulher, no auge dos seus 30 anos ou mais, que me encara como se eu tivesse a porra de cinco olhos.

Ela pega uma embalagem roxa de absorventes e põe no carrinho, se afastando. Penso em fazer o mesmo, mas quando me aproximo do produto, leio o nome **SEM ABAS** em letras garrafais. Franzo o cenho, pegando um de pacote verde, que tem um **COM ABAS** estampado.

Que merda é essa? Qual a necessidade de existir tantos tipos de absorventes quando o fim é o mesmo? Interno, externo, sem abas, com abas, noturno, camada seca, camada suave, calcinha absorvente, coletor menstrual, tripla, dupla camada, fluxo intenso, absorvente de tecido, esponja absorvente... Cacete, meus olhos fazem esforço para acompanhar tudo.

Mais uma vez: qual é a porra da diferença?

Confuso pra caralho, faço a única coisa que eu não deveria fazer, mas como não sei das suas *pref erências f emininas* e por medo de gastar meu dinheiro com o errado, me obrigo a apanhar o celular do bolso e ligar para ela, pedindo a Deus para que seus pais tenham parado com essa merda e entregado o aparelho a ela.

Alyssa atende no quarto toque.

— *Se você estiver f azendo o que eu acho que tá f azendo...*

— Que tipo de absorvente você usa? — sou direto.

Pela demora em responder, imagino que tenham lindas bochechas vermelhas me esperando do outro lado da linha.

— Eu te odeio.

— Uhum, sei disso. — Pego o pacote rosa da prateleira e leio as informações. — Há 500 tipos de absorventes neste lugar, Alyssa. Poupe o meu tempo e diga qual você usa.

Ela suspira fundo e bem lento, como se calculasse as consequências e o tanto de dor que iria sentir se viesse atrás de mim e me estrangulasse até que não houvesse mais nenhum resquício de Eros no mundo.

— O de abas — cochicha. Pelo barulho cada vez mais baixo de pessoas ao fundo, presumo que ela foi para uma área mais reservada.

Ok, estou com um de abas na mão.

— Certo, a cor dele é rosa e uma estampa bem brega de flores, né? Beleza, já...

— Não! Você ficou doido? Esse é péssimo, vaza pra todos os lados.

Um... Dois... Três...

— E qual seria o ideal, monstrinha?

Silêncio.

— Pega o de cobertura suave, com abas e tripla camada.

Quanta burocracia.

— Certo, peguei. Estou...

— Espera! Já viu quantos centímetros tem?

Não. Surta.

— E onde encontro essa merda, Alyssa?

— No rótulo, não é óbvio?

Faço esforço para enxergar as palavras miúdas.

— 8 centímetros.

— Hum... Não, tem que ser o de 18. Procura aí.

— Porra, garota, você quer foder com a minha paciência, não é? — Ela gargalha conforme caminho em busca do absorvente gigante. — E o que caralhos é isso, Alyssa? Não acha que uma fralda geriátrica seria mais segura?

— Vai se ferrar! — grita em um sussurro. — Você não entende nada disso.

— Tem certeza que não é um homicídio que acontece dentro de você todo mês...? — brinco, adorando imaginar sua cara de brava.

Sem um aviso prévio, ela desliga. Gargalho, tentando uma nova ligação, mas ela me ignora completamente. Repasso todas as informações na minha mente até encontrar o que *acho* ser o melhor, de embalagem azul, com vinte unidades no total. Tenho certeza que dará pra ela se manter por um bom tempo.

Levo dois pacotes para o caixa. A funcionária, que deve ter seus 50 anos, recebe as compras com um olhar assustado para meu semblante fechado e de poucos amigos — o único que tenho. Pego duas cartelas pequenas de comprimido, que contêm cinco em cada, e dou para a mulher. Desconfiada, recebe e acrescenta no valor.

— Sua namorada está naqueles dias? Chocolates melhoram o humor! — oferece, pegando uma barrinha de *Reeses*.

Penso em negar, mas aí... imagens de Alyssa contente por causa de um chocolate enevoam meu cérebro. Quando me dou conta, estou pegando mais sete do mesmo doce. A funcionária

coloca tudo dentro de sacolas diferentes e me entrega. Pago e saio da farmácia, dando partida na moto. Quando chego na portaria da BC, envio uma mensagem perguntando a ela onde está, da qual simplesmente digita “banheiro” como resposta.

Conhecendo-a como conheço, ainda que pouco, sei que ela não vai gostar nada de me ver chegar carregando essas duas sacolas, então, assim que avisto Bryce saindo detrás da quadra de basquete, ofegante e limpando vestígios de batom na sua boca, vou na sua direção. Pandora sai do mesmo lugar que ele, alinhando os fios de cabelo e seguindo por outro caminho. Sem ligar para o que deve ter acabado de acontecer, paro na frente do jogador, que abre um sorriso duvidoso ao fitar o que carrego em mãos.

— Hum... me deixe adivinhar...

— Não deixo adivinhar merda nenhuma — o interrompo. Ele dá risada, cruzando os braços. — Me empresta sua jaqueta.

— Pra...?

— Cacete, Torrence. Me empresta isso!

— Não é assim, não, caralho! Vai usar pra quê? Se for pra me enforcar sem deixar rastros, a resposta é um belo “não”, mas se for pra usar com uma certa garot...

— Eu não preciso de uma jaqueta pra enforcar você. E, sim, é pra Alyssa.

Ainda sorrindo, ele dá de ombros e, sem um terceiro pedido, retira a jaqueta, me entregando.

— Diga a ela que não há problema em sujar. Máquinas de lavar só existem porque roupas sujam, é normal.

— Não me diga — resmungo, enrolando as sacolas dentro das roupas.

Torrence ri.

— Quanto ciúmes... — divaga, estalando a língua. — Se te consola, minha cabecinha está bem ocupada com uma loira que, definitivamente, não é Alyssa.

Rio com escárnio.

— Para o seu próprio bem, acho bom mesmo — digo, começando a me afastar. — Depois te devolvo.

— Sem problemas, cara. De nada!

Rolo os orbes.

— Obrigado, imbecil.

14

Alyssa Blair

Fico vermelha dos pés à cabeça ao me deparar com Eros, na porta do banheiro feminino, segurando algo tão íntimo enrolado dentro de uma jaqueta — que me parece mais do Bryce do que dele.

Eu imaginei que ele não deixaria isso passar. Por alguma razão muito boba, eu soube que, em vez de me deixar em paz, Eros iria procurar maneiras de fazer a dor passar. Mas eu nunca, nunquinha mesmo, pensei que ele se prestaria ao trabalho de ir a uma farmácia e ter o cuidado de me ligar para saber qual eu usava.

Esse cara deixa o meu coração e a mim muito confusas.

— Pega. — Ele desenrola as sacolinhas transparentes da roupa e me entrega. — Comprei dois pacotes dessa fra... opa, desse absorvente — se corrige, me olhando de soslaio enquanto pega mais dois duas cartelas, como se quisesse me provocar. — E duas cartelas de comprimidos. Minha mãe usava esse e dizia que era bom.

Recebo, fitando a marca estampada na pequena cápsula vermelha. É exatamente o que eu uso, mas não digo nada. Ainda estou brava com ele pela vergonha que me fez passar.

— Não precisava fazer isso — digo, suspirando. — Você já gastou dinheiro comigo ontem...

— Fiz isso porque quis fazer, Alyssa. Eu não ia ver você cheia de dores e agir como se não fosse nada.

Clareio a garganta, anuindo. Minha pele formiga.

— Obrigada. — Eros acena com a cabeça. — Desculpa se...

— Não vou aceitar nenhum pedido de desculpas sem motivo — determina, me interrompendo.

Meio contrariada, forço um sorriso. Meu coração bate forte dentro do peito ao analisar suas feições tão sinceramente preocupadas. Eu daria *tanto* para acabar com esse clima tenso que se instalou entre nós... O que aconteceu na ligação foi um alívio. Gosto de provocá-lo, gosto quando ele enche meu saco. Gosto de tantas coisas relacionadas a esse garoto, que não sei direito o que pensar.

— Hum, então... — Troco o peso das pernas, hesitante. — Vou... você sabe. Me trocar — minto, dando alguns passos para trás.

— Espera — ele pede, pegando outra sacola dentro da jaqueta. — Aqui. A funcionária da farmácia disse que chocolates são bons em... dias como esse. *Reeses*, espero que goste. — Estende o saco para mim e eu recebo, abalada.

— Obrigada — sussurro, minha boca salivando. — São os meus favoritos.

— Sério? — Posso jurar que capturo o raio de um sorriso nos seus lábios. — Pelo menos não gastei dinheiro à toa.

Dou risada e rolo os olhos. Me despedindo, recebendo nada mais que um balançar de cabeça em troca, disparo para dentro do banheiro novamente, aproveitando que está vazio e entro em uma das cabines. Não há nada o que fazer aqui. Sento na tampa do vaso sanitário e saco o celular do bolso, esperando dar o tempo suficiente para que ele não desconfie de nada.

Entro e saio de redes sociais, passo posts e atualizo a *Timeline* inúmeras vezes, mas não há nada de novo— apenas pessoas infelizes tentando mostrar algo que não são. Saboto a mim mesma quando, impulsivamente, entro no perfil de uma mulher que todos os dias expõe nas redes sociais o quanto é bela de rosto, corpo e carisma. Os comentários estão cheios de homens e mulheres elogiando-a e deixando claro quão linda é. Se não fosse pela notificação repentina do aplicativo de mensagens que aparece na barrinha, eu teria passado horas no seu perfil e ao menos perceberia.

Tenho medo de ter sido pega no flagra quando o nome de Eros aparece.

Eros: *Tudo bem aí ?*

Eros: *Preciso me preocupar com uma possí vel chacina?*

Rio baixinho, sensações novas brotando em meu peito.

Al yssa:*hahaha, engraçadinho*

Al yssa:*tá tudo bem, não há com o que se preocupar*

Eros*: Ainda não entra na minha cabeça que você realmente usa aquilo.*

Eros: *Um desperdí cio de sangue.*

Meu sorriso inútil aumenta. Eros quer me provocar, arrancar uma reação irritada da minha parte com suas gracinhas, estou ciente disso, mas por quê? Será que ele partilha da mesma vontade que eu de esquecer o que rolou ontem e... talvez, dar uma trégua? Seria muito bem-vindo se ele voltasse a ser o Eros que é rabugento por natureza, e não por outra razão.

Al yssa:*vai reclamar com Deus, não comigo*

Digito isso aos risos, contudo, só quando mando percebo que a entonação pode soar muito grosseira. Para amenizar, envio um *emoji* morrendo de rir.

Eros: *Gosto quando é bruta assim, não precisava mandar esse emoji, monstrinha.*

Meu rosto esquenta.

Al yssa:*qual é a desse apelido agora?*

Eros: *Derramamento de sangue por meios duvidosos* = *monstrinha.*

Gargalho baixinho, sem conseguir tirar o sorriso do rosto. Eros foi o ganhador das medalhas de ouro em todas as provas de disciplinas que envolviam essas complexidades do corpo humano que estou longe de entender. Por isso, hum... eu meio que gosto de saber que ele está abdicando de todo o seu conhecimento para ter uma conversa legal comigo.

Al yssa:*eu não xingo, Russell, mas juro que está conseguindo despertar esse meu lado beem escondido*

Al yssa:*mais um “ A” e eu mando você tomar lá naquele lugar*

Ele não recebe a última mensagem, pois apenas um palitinho aparece. Imagino que seu celular tenha descarregado. Guardo o aparelho no bolso e me levanto, destrancando a porta. Ao sair, encrespo a testa em curiosidade ao ver Pandora na frente do espelho, esfumando pó no seu pescoço.

— As duas vezes que fugiram da aula para fazerem coisas extremamente erradas renderam muito, imagino — comento e ando até ela, que me dá um sorrisinho malicioso em resposta. — Foi bom?

— “Bom”, Alyssa? — Pandora nega. — Não foi *só* “bom”. Foi o *melhor* que já tive em toda a minha vida — diz, empurrando o cabelo para o lado e passando perto da garganta. — Incrível, estupendo, maravilhoso, tudo o que há de melhor.

Fico feliz com sua animação.

— Não tem medo de serem descobertos?

Ela dá de ombros, fechando a *nécessaire* após concluir o trabalho de esconder todas as manchas arroxeadas da sua pele.

— Se formos, pelo menos valeu a pena — responde, sem dar muita importância. — Mas acho que não, o vestiário não tem câmeras, e fiz cada garoto lá prometer que não abririam o bico.

Solto uma risada. *Quem ousaria descumprir algo que f oi prometido a ela?*

Abro a boca para responder, porém, um grito vindo do lado de fora desperta minha atenção.

— *JÁ ACABOU COM A MINHA JAQUETA?* — É Bryce. Óbvio que seria. Nenhum cara neste colégio seria tão escandaloso como ele consegue ser.

— Cala a boca, cacete! — Agora, Eros, que, com certeza, deve estar rangendo os dentes na direção do garoto.

Aponto a porta com o queixo, olhando para Pandora.

— Seu homem está lá fora.

A loira morde os lábios, pendurando a bolsa Golden Rose, da Meisterstück, no ombro.

— Ele ainda não é meu homem, gatinha, mas vai ser. É só questão de tempo. — Me lança uma piscadela e sai, rebolando seu quadril e fazendo duas meninas se encolherem ao passarem por ela.

Engraçado que a megera sem sentimentos para o resto do colégio ainda seja a mesma garotinha que soltava pulinhos de alegria ao ver o garoto que gosta para mim.

Hoje em dia, ela pode não mais esboçar *dessa* maneira, afinal, Pandora cresceu, os desejos se afloraram, ela não é mais uma menina inocente. Mas é só olhar para as suas bochechas escarlate ao receber um beijo no pescoço de Bryce para se dar conta de que, em algum lugar, ainda há um pouco da essência que Pandora costumava ter.



Uma semana depois, justo no dia do meu encontro com Oliver, acordo com uma dor de cabeça terrível, nariz entupido e a pele queimando.

Na noite passada, achei que seria uma boa sair para caminhar. O céu estava bonito e o clima agradável. Ignorei o céu sem estrelas, as nuvens acinzentadas, e o vento gélido, que farfalhava as árvores em um barulho que denunciava ser de chuva. Não me incomodei. Fazia um tempo desde a última vez que tomei banho na chuva, então, como a boa tapada que eu sou, não liguei para as consequências futuras vindo dessa vontade infantil.

Entretanto, eu estaria mentindo se dissesse que não valeu a pena. Além da sensação revigorante de estar ao ar livre, 15 minutos antes da água cair e encharcar as roupas de quem estavam na rua, encontrei Bryce, também fazendo caminhada.

Ele vestia apenas uma bermuda e estava concentrado na música que saía dos seus fones. Bryce imediatamente me viu e caminhou até mim como se fôssemos grandes amigos.

— Então é assim que você mantém essas pernas bonitas? — indagou, se aproximando com o habitual sorriso sedutor.

Eu ri da sua autenticidade e continuei a andar, com ele no meu encalço.

— Não tenho pernas bonitas.

Bryce arqueou uma sobrancelha e parou de andar, viajando suas írises esverdeadas para elas de cima a baixo. Me senti desconfortável em um primeiro momento, mas o comentário que veio em seguida foi como um balde de água morna, aliviando a tensão dos meus músculos.

— Sim, elas são. — Suspirou e mordeu o lábio inferior, dando passos largos para me alcançar. — Cuidado, linda, tenho fetiche em pernas. E nas suas, então... nem me fale. — Estremeceu, presunçoso.

Gargalhei, achando graça da situação. Sua companhia era agradável, por isso não vi motivos para despachá-lo. Também deixei que ele fizesse suas gracinhas, pois não possuíam maldade.

— O que tá fazendo aqui? — perguntou, de repente, tirando os fones dos ouvidos e guardando no bolso da bermuda.

— Aliviando um pouco o estresse, e você?

— Ficando mais gostoso.

Ri, alto, e assenti.

— Quanta modéstia.

— Apenas sincero. — Deu de ombros, palhaço. — Ontem rolou uma festa na minha casa. Por que não foi?

— Não sou a maior fã de festas — contei. — Prefiro o conforto dos meus livros.

Bryce anuiu em concordância.

— Sei, sei. Mas, sabe, se qualquer dia desses você quiser...

— As chances são pequenas — resolvi ser sincera. — Os estudos estão me matando, posso considerar.

Não só os estudos, quis completar, mas duvidava muito de que ele iria se importar.

— Só os estudos? — para a minha surpresa, indagou. Olhei para ele no mesmo instante, elevando as duas sobrancelhas. — Não quero insinuar que você é, não sei, toda fodida psicologicamente, linda, mas às vezes acontece, né?

Senti uma verdadeira vontade de rir, porque aquela palavrinha que começa com "F" é exatamente o jeito que vinha me sentindo todos os dias.

— Tirando os pensamentos de que o mundo e eu entrariam em paz eterna se eu sumisse em um simples estalar de dedos,

estou ótima! — Dei risada. — Nunca estive tãão bem.

Continuei rindo sozinha, mas Bryce não fez o mesmo. Parando abruptamente e se colocando na minha frente, me obrigando a fazer o mesmo, cruzou os braços, evidenciando todos aqueles músculos largos e rasgados e duros e...

— O que você quer dizer com isso? — perguntou, seu 1.97m engolindo meus 1.65m.

Vantagens de um jogador de basquete.

Cocei a região atrás da orelha, incerta do que responder.

— Hum... nada? Foi só uma brincadeira. — Tentei passar por ele, mas fui barrada. — Ah, qual é!

— Ninguém faz piadinhas com princípios suicidas só por "brincadeira". — Fez aspas com os dedos. — Vamos, linda. Diz logo. O que tá rolando com você?

Revirei os olhos, me amaldiçoando por não ter continuado com a língua dentro da boca.

— Não está acontecendo nada, Bryce. Eu juro.

— A negação foi o primeiro sinal antes de eu ter sido diagnosticado com depressão — disse, trocando o peso das pernas. — Acredite, Aly, eu sei, mais do que ninguém, identificar esses sintomas em outras pessoas.

Ignorei totalmente sua insinuação de que era uma garota depressiva e falei, meio aturdida:

— Você... você tem depressão? — a última palavra deixou um gosto azedo na minha boca.

— Uhum. — Passou a língua nos lábios, incerto. Não era o tipo de coisa que alguém gostava de confirmar. — Faço terapia e uso de medicação, então é controlado.

Não consegui esconder a expressão de surpresa que tomou meu rosto.

Bryce parece sempre tão feliz, nunca imaginei que ele fosse portador dessa doença.

Sorrisos constantes são mesmo ótimas máscaras para disfarçar a dor.

— Sério? — Ele fez que sim. Indiquei o caminho atrás dele sobre o ombro para mostrar que deveríamos continuar andando. Bryce entendeu e, finalmente, saiu do meu caminho, se pondo ao meu lado. — E como... como foi o processo? Sabe, da descoberta até o desejo de fazer terapia...

Odiei o interesse na minha voz, como se houvesse algo mais que curiosidade naquela pergunta.

— Difícil. O diagnóstico em si *é* muito difícil, ninguém quer receber a notícia de que possui uma doença sem cura e ficará dependente de remédios pelo resto da vida, mas a terapia alivia. — Suspirou. — Ela não me ajuda a tratar *só* a depressão, mas me ajuda pra caralho a me conhecer melhor, o que devo tirar da minha vida, hábitos que devo manter... Porra, terapia salva vidas, não canso de dizer. Sou uma pessoa muito melhor depois que comecei a fazer. O negócio é não se acomodar nem levar a depressão como um estilo de vida. Sempre aconselho, quando capto, sem querer, esses pequenos sinais em outras pessoas, que procurem ajuda logo nos primeiros sintomas.

Engoli em seco, de repente incomodada com o assunto, e desviei o olhar do dele, fitando as árvores com interesse fingido.

— Não faço ideia do quanto deve ser difícil.

— Sim, você faz. — Me olhou de canto. — Só não quer enxergar.

— O que quer dizer com isso?

Torrence deu de ombros.

— A depressão é uma doença silenciosa. Você não percebe sua chegada, nem o que ela faz com você dia após dia. Então...

— Está insinuando que eu... que e-eu tenho isso? — o interrompi, irritada.

Ele passou a mão no cabelo em um gesto frustrado.

— Alyssa, você não precisa reagir assim, beleza? Não estou insinuando nada, só acho que...

— Não! — gritei, parando de caminhar. — Eu não tenho isso, tá legal? Não. Tenho. Meus problemas são como qualquer outro, não quer dizer que e-eu sou... i-isso aí — minha voz se elevou alguns decibéis, o que só ajudou a evidenciar meu timbre trêmulo.

Não suportava pensar na possibilidade de que sou portadora disso. Da depressão, ansiedade, fosse o que fosse. Meus pais, sobretudo, nunca aceitariam esse diagnóstico, o que só acarretaria em mais problemas. Houve um tempo em que pedi para eles que me levassem ao psicólogo — tempo do qual eu realmente estava precisando conversar e desabafar com alguém que *entendesse* o que eu estava passando—, porém, tudo o que recebi foi uma bela recusa e um "*isso é f rescura*" como brinde.

Desde então, vim repudiando toda e qualquer ideia relacionada a doenças psicológicas, tentando me convencer de que era só uma fase, só um problema, e que logo iria passar. Não precisava de acompanhamento nem de remédios específicos. Nada que um calmante, livros e músicas não resolvessem.

Eu estava bem, era o que repetia para mim mesma todos os dias.

Afinal, por que não estaria? Havia milhares e milhares de pessoas no mundo que passam por situações inigualavelmente piores comparadas ao que vivia, como dizia o meu padrasto.

Bryce não ficou nada feliz com minha reação. Na verdade, ele se mostrou bem preocupado, como se não aceitar um diagnóstico de depressão feito no meio da rua fosse algo de outro universo.

— Certo — sussurrou, decepcionado. — Você... vai querer companhia na caminhada?

Sua companhia seria uma ótima ideia se os últimos 5 minutos não tivessem existido. De repente, sua presença se tornou algo que, naquele momento, eu estava querendo evitar.

— Não precisa. — Forcei um sorriso. — Já vou para casa.

Ele não insistiu. Com um menear de cabeça breve, pôs os fones de ouvido outra vez, conectou sua música estrondosa ao aparelho e deu meia-volta, voltando para o lugar de onde parou antes de começarmos a conversar.

Sozinha, procurei não pensar muito no assunto fatídico. Contudo, as palavras de Bryce se repetiam em um *loop* sem fim na minha cabeça. Não consegui parar de pensar na possibilidade de que, mesmo que meus pais nunca permitissem, ele poderia estar certo. Sobre eu realmente precisar de um psicólogo e essas coisas.

Não sou boba, já procurei sintomas da depressão diversas vezes em diversos sites distintos. E quase todos os sintomas batiam de acordo com o que sinto. Claro, foi só uma pesquisa de internet,

tenho certeza de que, se eu procurasse por ajuda, a coisa seria bem pior...

Para.

Você é uma garota normal como todas as outras.

Tudo se resume a uma simples e infeliz coincidência. Nada mais que isso.

Na volta para casa, o céu se tornou escuro e as comportas da chuva foram abertas, permitindo que as gotas grossas e frias caíssem sem timidez nenhuma sobre nós. Decidi mudar a rota para aproveitar um pouco mais da água natural e, talvez, poluída. Lembro de ter estudado algo sobre chuva ácida e gases poluentes na atmosfera. Algo assim. Não tenho certeza.

Agora, em casa, faço esforço para respirar pelo nariz e entro no WhatsApp, me deparando com mensagens de Brooks, perguntando se melhorei, e de Bryce, indagando o porquê de eu ter faltado.

Arqueio uma sobrancelha, achando estranho seu interesse. Bryce quase nunca mandou mensagens diretamente para mim, ainda mais para perguntar os motivos que me levaram a não comparecer ao colégio, como se tivesse sentido a minha falta.

Para ser sincera, depois da conversa de ontem é até normal que ele tenha estranhado a minha ausência. Certeza que, na cabeça dele, cometi algum ato impensado e está querendo se certificar de que ainda estou inteira.

Respondo primeiro as mensagens de Brooks, me deparando com o grupo que criou, onde eu, ela, Vítor, Zoe, Brenda e Ryan somos os integrantes. Há mais de 300 mensagens, mas com preguiça de ler tudo, rolo as conversas até chegar nas mais

recentes. Salvo o número de Brenda, Ryan e Zoe, pondo *emojis* singelos no contato de cada um. Entrando no privado da minha amiga, respondo suas mensagens:

Brooks: *até que enf im apareceu!*

Brooks: *vc viu? f iz um grupo com a gente*

Brooks: *a gripe tá melhor?*

Al yssa:*a gripe tá ótima, eu é que tô péssima*

Al yssa:*vi, sim!*

Al yssa:*meu encontro com Oliver é hoje, vou passar o dia tomando remédios*

Brooks: *vc tá louca?????*

Brooks: *f ala que f icou doente, vc não pode sair assim*

Al yssa:*f ora de cogitação, gatinha. nem f az sentido eu ter f icado doente justo no dia que irei sair com ele*

Al yssa:*sei bem como é se sentir rejeitada, não vou f azer isso com ele*

Brooks: *meu Deus*

Brooks: *vc me assusta*

Brooks: *mas tuuuuudo bem, só espero que não volte muito pior do que já está*

Al yssa:*é só uma gripe, Brooks. não vai acontecer nada*

Brooks*: VC SABE QUE EU SOU SUPERTI SCI OSA, ALYSSA*

Brooks: *NEM VEM COM ESSES PAPOS*

Gargalho alto, pois eu disse isso com o intuito certeiro de deixá-la doida. Minha amiga acredita em sensações ruins, sonhos reveladores e todas essas coisas que não batem com o meu ponto de vista. Se eu digo que nada de ruim irá acontecer, ela interpreta

isso como um sinal e começa a se desesperar. Se 20 minutos antes de sairmos para fazer algo, as coisas começam a dar errado, Brooks também começa a achar que o universo está enviando sinais. Nunca fui de acreditar nisso, mas de tanto conviver com ela, acabei ficando paranoica.

Envio vários *emojis* sorrindo e, logo em seguida, digo que vou me banhar. Minha pele está suando, toda grudenta, e começo a achar que isso não deve necessariamente ao calor, pois no momento que saio debaixo das cobertas e minha derme entra em contato com o frio matinal de Boston, meus dentes rangem e minhas pernas tremem de frio. Assustada, levo as mãos à minha testa, impressionada com quão quente estou.

Ótimo, além de gripada, estou com febre.

15

Alyssa Blair

Estou enrolada com cinco cobertores e fitando o termômetro, que marca 40 graus.

Minha mãe suspira, preocupada, e é um milagre que ela não esteja jogando na minha cara minha tolice de tamanho estratosférico.

Ana salta do sofá e, dois minutos depois, volta com um líquido quente ao ponto de ser possível visualizar a fumaça no ar. Não estou com fome, e muito menos de sopa, mas Ana está naqueles dias de mãe-preocupada e carinhosa comigo, e eu não serei a pessoa louca que irá estragar isso. Ela me lançou sorrisos quando acordei e agiu como a melhor mãe do mundo quando

percebeu meu rosto vermelho — efeito colateral e *nada* legal da gripe.

— Obrigada — agradeço, pegando a sopa e recebendo a colher de alumínio.

Minha mãe sorri e senta ao meu lado, bem próxima a mim, pegando o controle remoto para pôr algo na TV. Atenta, observo-a entrando na HBO MAX, um aplicativo de *streaming* muito usado por mim, e colocando o novo filme do Batman, com meu eterno Edward Cullen, para reproduzir. Ana sabe que adoro filmes de super-heróis — depois dos de romance, claro.

— Já assistiu esse filme? — pergunto, dando uma colherada na sopa enquanto luto para não demonstrar nenhuma reação ao sentir o sabor.

— Não — diz, deitando a cabeça no meu ombro. — É bom?

— Muito. — Sorrio, ainda que ela não possa ver. — Vai assistir comigo?

— Está nos planos — responde, puxando uma das cobertas para si.

Abro um sorriso tão largo e fico tão exultante de alegria que tomo grandes goles da sopa apenas para terminar logo e poder aproveitar o momento com ela. Senti falta disso.

Me acomodo ao seu lado, apreciando o momento de tal forma que nem percebo quando as três horas se passam e os créditos sobem na tela. Trocamos tantas risadas por motivos nenhum durante o filme que minhas bochechas ainda estão doendo. Minha mãe faz o tipo de pessoa que inventa teorias sem sentidos e fica com a maior cara hilária de surpresa quando vê que as coisas não andam do jeito que ela estava pensando.

O clima está agradável, e acho que é o momento perfeito para pedir a ela que permita que meu encontro com Oliver aconteça.

Pedir, não contar.

A regra é clara: enquanto eu estiver morando no mesmo teto que os meus pais, não poderei fazer nada sem a carta branca deles.

Me empertigo no sofá, limpando a garganta, e chamo-a, naquele tom em que ela já imagina que irei pedir alguma coisa. Sem contorcer o rosto em desaprovação, ela me encara, me incentivando a continuar.

Conto sobre o garoto. Tudo o que sei sobre ele, sem esconder nenhum detalhe. Onde nos conhecemos, seu nome, sobre o assunto que conversamos, o que vamos fazer no restaurante, quais são meus interesses com ele... Ela chega até a pedir uma foto de Oliver para saber se, pelo rosto, ele parece ser alguém bom ou não.

— Alyssa...

— Por favor, mãe. — Junto as mãos. — Prometo que não vai acontecer nada. Vou me cuidar e irei voltar cedo. A senhora sabe como eu sou, não quero fazer uma desfeita com o menino...

Ela espirala pelo nariz, relutante, porém, no fim, a coisa que eu menos espero acontece:

— Tá bom, Alyssa, mas volte, no máximo, até às 20h. E tome muito cuidado com o tipo de coisa que irá fazer lá. Estou confiando em você — complementa, em tom de alerta. — Peça pra ele vir cedo. Esse garoto não vai querer enfrentar o seu pai.

Com uma condição, é claro: se minha febre tiver abaixado.

Tudo bem, tudo bem. Eu estava torcendo para que ela deixasse e que as coisas continuassem boas entre nós, mas eu não

estou realmente *acreditando.* Chocada, abro a boca, sem acreditar. Penso em fazer uma segunda pergunta, mas vai que ela muda de ideia...

Feliz, lhe abraço. Um abraço que eu faço questão de que dure o tempo que for necessário. É quentinho e acolhedor. Um abraço que só mãe é capaz de dar.

Me desvencilhando com cuidado, estalo um beijo na sua bochecha.

— Obrigada, mãe. Muito, muito obrigada. — Sorrio. — Pode confiar em mim, não vai acontecer nada.

Ana sorri e anui. Sei bem que ela não está 100% satisfeita com isso, mas a alegria de me ver fazendo novos amigos, após tanto tempo em um mundinho só meu e de Brooks, fala mais alto. Nenhuma mãe que ame verdadeiramente seu filho quer vê-lo definhando dentro de casa com um ciclo social tão mixuruca.

Leve ao ponto de esquecer a doença, começo a contar para minha sobre tudo o que ocorreu na minha semana, ocultando as partes que envolvem Eros e Leonardo. Ambos, embora tão diferentes, são o tipo de cara que minha mãe quer a ruas de distância de mim. O que é uma pena, na verdade, porque um já extrapolou todos os limites que eu poderia impor; e o outro, bem...

Ele vem derrubando os meus muros e se infiltrando pedacinho por pedacinho no meu coração.



Observo o espelho por alguns segundos, me convencendo de que sua utilidade não se resume unicamente a me autodepreciar.

Como de raros em raros tempos acontece, estou feliz com o resultado e uma confiança suficiente que condiz com as duas horas e meia que passei para montar o *look* que fizesse eu me sentir bem.

Uso uma calça *jeans* escura que modela minhas pernas de um jeito legal, botas de cano baixo e saltos medianos, que fazem um *toc-toc* viciante contra o piso; um top preto que vai até um pouco acima do umbigo e, por fim, um casaco de mesma cor. Mesmo que um pouco melhor, não estou 100% bem da febre. Qualquer pequena rajada de vento gélido denunciará que não estou em um dos meus melhores dias.

Olho mais uma vez para o meu reflexo e dou uma voltinha. Pareço ousada, comparada ao meu estilo habitual, mas, ainda assim, carrego certa timidez na minha maquiagem clara e nos meus cabelos sem penteado algum caindo em cascata sobre minhas costas e seios.

Nada mal.

Termino de retocar a minha maquiagem e me perfumo, colocando minhas joias discretas, mas que fazem toda uma diferença no visual. Caminho à minha escrivaninha e apanho meu livro ao escutar as batidas na porta. Suspirando fundo, olho outra vez para o meu reflexo e saio, rumando até a porta.

Ele se ofereceu para vir me buscar um pouco depois da minha conversa com Ana. Combinamos que ele deveria passar aqui 15 minutos antes das 17h30, que é geralmente o horário que meu pai chega do trabalho. Porém, fazendo jus à fama medrosa que os garotos possuem em relação aos pais das garotas, Oliver chega 20 minutos mais cedo.

Minha mãe saiu há três horas para fazer o cabelo e até agora não voltou, o que, para mim, é reconfortante. Não sei como eu agiria se eu tivesse que apresentar o garoto pessoalmente a ela.

Suando frio, enxugo as palmas das minhas mãos na calça e levo-as à maçaneta da porta, abrindo-a com uma lentidão que deixaria até uma tartaruga impressionada.

E... uau. A figura que vejo do outro lado é como um bom colírio para os meus olhos.

Oliver ainda é ainda mais bonito ao vivo do que por fotos. Eu já imaginava que sim, mas... *nossa,* Deus não estava para brincadeiras quando decidiu botar esse cara no mundo.

O rosto salpicado com sardas carrega um sorrisinho gentil e aflito nos lábios rosados. Com uma delicadeza que me deixa um tanto rendida, ele tira os fios cacheados que caem sobre seus olhos com o dedo, enfiando as mãos nos bolsos da calça azul escura logo em seguida. Sua camisa de botões esverdeada parece com as que meu vô gosta de usar, mas eu até que gosto. É excêntrico. Combina com ele.

— Oi — cumprimenta, a voz tímida e baixa, cautelosa. Coçando a garganta, tão nervoso quanto eu estou agora, passa os olhos por todo o meu corpo até parar novamente no meu rosto. — Nossa... você é mais linda ainda pessoalmente.

Dou uma risadinha abobalhada.

— Hum..., era exatamente o que eu estava pensando sobre você há poucos segundos — confesso, desligando a luz da sala e passando para o lado de fora, trancando a porta atrás de mim. — Demorou a achar minha casa?

Ainda parecendo um pouco afetado por sabe lá Deus o que, ele nega com a cabeça, sem tirar os olhos de mim nem por um segundo.

— Você mora perto da casa da minha tia — diz, autoexplicativo, e se aproxima mais um pouco, incerto. —Seria muita falta de educação se eu beijasse sua bochecha e fizesse essas coisas que os caras fazem em livros? Costuma funcionar na ficção, só não sei na vida real...

Um pouco surpresa com a sua reação e com quão fofo ele fica ao fazer a pergunta, comprimo os lábios para que ele não veja o sorriso que quer rasgar meu rosto neste exato momento e assinto. Ele dá uma espiralada aliviada e se inclina na minha direção, seu cheiro adocicado invadindo meus sentidos. É como se meu corpo estivesse entrando em combustão ao sentir o toque suave da sua boca na minha bochecha, e, desta vez, nem é pela febre.

— Acho que na vida real funciona também — sussurro, aturdida, assim que se afasta, o rosto corado.

Oliver morde o lábio inferior e leva as írises às minhas mãos, notando o livro que carrego nelas. Seu arregalar de olhos me dizem duas coisas: ou ele leu e adorou o livro, ou está louco para ler.

— Terminei esse livro semana passada e virou um dos meus favoritos! — exclama, os orbes brilhando em euforia. — Olive e Adam entraram na minha lista de casais que mais amei.

A sensação de partilhar experiências literárias com pessoas que dividem da sua mesma animação quando o assunto são *livros* pode ser considerada uma das melhores sensações do mundo.

Cutuco seu braço de brincadeira.

— Não vai me dizer que só leu porque a protagonista tem um nome parecido com o seu, hum? — brinco, recebendo uma risada boa de ouvir.

— Eu só fui me tocar depois da metade do livro!

Agora sou eu que rio alto.

— Não acredito que encontrei alguém mais lerdo do que eu.

— Minha amiga passou duas semanas me zoando por essa gafe. — Ri, pousando a mão na minha cintura de maneira despretensiosa e me guiando até o carro. — E você? Nunca leu algum livro com seu nome?

Pondero no seu questionamento, enquanto ele abre a porta do passageiro e me diz para entrar, dando a volta no carro e fazendo o mesmo com a do motorista, se acomodando no assento. Imito-o e ponho o cinto de segurança.

— "*A Chama Dentro de Nós*", da Brittainy C. Cherry — lembro, observando-o ligar a ignição e dar partida.

— Nos 10 minutos que passamos conversando na semana passada, você citou o nome dessa mulher umas 20 vezes, no mínimo — ele comenta e eu sopro uma risada, anuindo. — Os livros dela são tão bons assim?

— Na minha humilde e sincera opinião, ela é a maior que temos. — Dou de ombros. — É minha inspiração não só como autora, mas como pessoa também.

Oliver dobra em uma rua qualquer e aquiesce em concordância.

— Na minha humilde e sincera opinião, poréééém, Colleen Hoover é a maior que temos — ele revela e eu reviro os olhos com

força. — O que foi?! Não vai me dizer que faz parte dos loucos que não gostam dela? Se esse for o caso, eu te chuto para fora do carro.

Solto uma risada baixa.

— Claro que não! Admiro super o trabalho dela, inclusive, já li quase todas as obras. Minha reação só foi essa porque você faz exatamente o tipo de quem é bem fã dela — acuso, girando meu torso na sua direção e espremendo as pálpebras. — Me deixa adivinhar... seu livro favorito é “É Assim Que Acaba”, hum? — Sua falta de resposta e o olhar atravessado que me dá já dizem tudo o que preciso saber. — *Rá!* Eu sabia.

— Pensando seriamente em desistir desse encontro e te largar na rua, baby — diz numa falsa raiva. — E o seu? Qual é seu favorito?

Nem penso muito na resposta.

— “Um Caso Perdido” e “Uma Segunda Chance”, sem dúvidas.

— Wow! Chorei pra cacete no primeiro, e o segundo ainda não li.

— Resolva esse problema rápido, é um dos melhores dela.

— Você que manda, baby. — Oliver me lança uma piscadela.

Tenho que virar meu rosto para janela para que ele não veja minha cara se contorcendo de vergonha pelo apelido.

Garoto *muito* legal.

Apelido péssimo.



Ao longo da pequena viagem, noto que Oliver é bastante risonho, falante e completamente obcecado por esse *baby* tosco.

Seu senso de humor é fácil e não preciso fazer regalias para tirar um pequeno sorriso dele. Oliver é sociável, diferente de mim, que sou o exato oposto de suas qualidades. Não que seja algo ruim. Na verdade, gosto de estar na presença de pessoas que tem uma conversa suave e fluída, como Brooks.

Ele estacionou na frente de um restaurante pequeno e aconchegante, com uma grande placa brilhosa escrita**EVERLAND** na fachada. Uma música clássica se faz ouvida quando saímos do veículo e nos conduzimos para o ambiente. Oliver segura a minha mão e me encara, esperando por uma reação minha. Ele interpreta o meu sorriso como uma permissão para continuarmos assim.

De mãos dadas, adentramos o local, nos deparando com três pessoas sentadas em cadeiras acolchoadas e mesinha redonda. Oliver me conduz mais para o fundo do restaurante, onde há sofás azuis e uma mesa razoavelmente grande. Me sento e ele faz o mesmo, se assentando ao meu lado, com o corpo quase colado ao meu, criando uma barreira para que o ar-condicionado não venha todo para mim. Passo o olhar em volta, à procura de algum funcionário, mas o único aparentemente disponível está de costas, preparando um pote de sorvete.

Não consigo visualizá-lo direito, no entanto, pois o corpo do ruivo tapa completamente minha visão.

— Hmm... esse cheiro de chocolate tá me dando água na boca — Oliver diz, me encarando com um brilho diferente no olhar Ele tateia as coxas, como se estivesse em busca de algo, e escancara a boca quando, eu acho, não encontra. — Droga! Esqueci meu leitor digital! — Ele murcha, projetando o lábio inferior

para fora em um bico fofo. — Estava com planos de terminar “Beije-me Na Quadra” aqui.

Sorrio, segurando seu braço na tentativa de tranquilizá-lo.

— Relaxa, podemos ler o meu. — Indico o que eu trouxe com o queixo. — E esse livro... é aquele brasileiro, da Luana Oliveira?

— I-isso! — Se anima, as bochechas meio vermelhas. Será que... foi causado pelo meu toque? — É um clichê invertido. Já leu?

Nego com a cabeça, sem reação pela reação *dele.* É... estranho saber que posso causar isso em alguém.

— Não, mas está na minha lista infinita. É bom?

— Li apenas os dois primeiros capítulos, mas me identifiquei *muito* com o Declan, o protagonista. Ele faz o tipo *geek* e ama o mundo dos super-heróis — conta, parecendo uma criança. É fofo. — Aí tem a Georgina, que é a *crush* dele. Só que, como você deve saber, ela é pegadora e não está a fim de namorar, mas... é, o desenrolar é típico de livro clichê.

Finjo ponderar, me inclinando em sua direção.

— Hum... deixa eu ver... — Mais perto, até que meu rosto esteja a centímetros do dele. — A garota popular se apaixona pelo mocinho e eles vivem uma linda história de amor, acertei?

Atordoado, Oliver anui, parecendo prender o ar ao virar o rosto completamente para mim. Agora, nossos lábios estão tão pertos que, por um segundo, cogito a ideia louca de beijá-lo. Seus olhos azuis e tímidos pousam sobre minha boca, e eu estaria sendo uma grande mentirosa se dissesse que não é exatamente o que também estou fazendo.

— Uhum — murmura, engolindo em seco. — Geek, Peculiar, Até Você Chegar, Batidas Descompassadas, Perdida, Fair Play... As

escritoras internacionais arrasam quando o assunto é clichê invertido.

— Já li Perdida — quase sussurro, mordendo o cantinho do lábio inferior.

— É? — pergunta baixinho e eu assinto, roçando de leve meu joelho no dele.

O rosto do ruivo assume uma coloração escarlate encantadora, se assemelhando com seus cachos de mesma cor e contrastando com os olhos da cor do mar. Oliver é bonito de um jeito gracioso, com toda a sua postura de bom garoto e menino prodígio, deve ter suas conquistas ressaltadas num jantar de família e deve ser o genro dos sonhos de todos os pais.

Enquanto Eros... ele é lindo de um jeito pecaminoso. Não há palavra melhor para definir quão gato esse homem é. Não duvido de que tenha vendido a alma ao diabo para ser tão atraente, com aqueles cabelos castanhos e longos, corpo tatuado, músculos que parecem fazer levantamento de peso por diversão... Pensando bem, não. Duvido que Eros se prestaria ao trabalhão de consultar entidades para receber algo em troca. E mesmo se fizesse tal coisa, não iria conseguir nada com sua arrogância. Russell faz o tipo que não faz ideia do quanto é sexy.

Ou, em contrapartida, está muito ciente da sua beleza arrebatadora, que coloca qualquer um de joelho fácil, fácil.

Aliás... Por que estou pensando nele mesmo?

Sacudo a cabeça, a fim de mandar para bem longe — para o outro lado do mundo, melhor — o francês e seu encanto impuro.

Para a minha sorte, Oliver não percebe meu lapso de pensamentos, pois está ocupado se esticando na cadeira para

pegar o saleiro no centro da mesa.

Aproveito a oportunidade para dar uma olhada melhor no ambiente calmo. Duas pessoas conversam animadamente na mesa ao lado; outras, um casal, trocam carícias e sorrisos bobos, enquanto decidem o que comerão. Sinto uma pontada de inveja, porém, esse mesmo sentimento é dissipado, dando lugar a um pavor forte o suficiente para me fazer engasgar com a saliva quando fito o *tal* atendente do lugar.

Eu reconheceria as tatuagens rodeando seus braços e a grande borboleta pintada em sua nuca, embora os fios caiam lisos por ele, em qualquer lugar. A camiseta branca, com as mangas enroladas até o pulso, e a calça preta colada. E as madeixas batendo no ombro, da qual ele larga o corpo por um segundo apenas para arrumá-las.

A tatuagem de cobra é a primeira coisa que meus olhos capturam ao se virar, com dois copos cheios de Ovomaltine na bandeja, a fim de levá-los para os clientes atrás de Oliver e eu. Quando suas írises castanhas cruzam com as minhas, a caminho da bancada, sua mandíbula trava e as sobrancelhas se arqueiam em uma leve surpresa ao me ver acompanhada *daquele* cara da livraria que eu jurei não querer nada.

O trajeto conhecido da minha casa para cá, a mesma música clássica ressoando no ambiente que tocava baixinho na cozinha de dona Emma quando tomei café com eles e a decoração simples que remete à França espalhada pelas paredes e mesas.

Tarde demais, percebo que estou no restaurante da família de Eros.

É claro que seria. Quer dizer, por que *não* seria? O universo adora me fazer de palhaça e fazer gato e sapato da minha cara. É como se, não importa o quanto eu tente, eu sempre acabo voltando para o mesmo lugar. Para onde *ele* está.

Parece romântico, mas, pode apostar, *não é.* O olhar duro e severo que recebo não tem nada de amoroso e digno de livros de romances. Tenho plena e perfeita consciência de que meu encontro acabou de ser arruinado.

Porque mesmo que Eros finja que não me viu e aja com indiferença — o que eu tenho certeza de que irá fazer — não vou conseguir me concentrar no garoto ao meu lado, pois, a poucos metros, está o *outro* e *principal* cara que alugou um triplex na minha mente e insiste em morar nela.

16

Eros Russel

Eu tinha duas opções: ou ficar responsável pela oficina do meu avô, ou servir de garçom e atendente no restaurante que minha avó abriu há pouco tempo. Sinceramente, não sei qual é o pior, porque, em ambos, eu sou obrigado a lidar com pessoas e suas exigências que me tiram do sério. Semana passada, paguei a última parcela que faltava do valor exorbitante que gastei para poder adquirir meus materiais da Boston College, então não é como se eu tivesse muita escolha a não ser trabalhar e repor o dinheiro na conta.

O restaurante fica no fundo da nossa casa. É um lugar bonito e espaçoso, que, pela premissa de sorvetes deliciosos, está atraindo muitos moradores da região. Mesmo com o sucesso, ainda não lucramos o suficiente para contratar outros funcionários.

Aproveitei que o único que tínhamos adoeceu e resolvi aliviar o fardo dos ombros da minha vó, aceitando trabalhar nos dias que Carlos ficará de folga.

Meu vô por pouco não mijou nas calças de tanto rir com a ideia de seu neto anotando os pedidos pacientemente e fingindo ser um cara prestativo e gentil. Não o julgo, essa ideia é absurda até para mim.

Pois, com duas horas de trabalho, tudo o que eu quero é jogar o pote de sorvete no rosto desse cara à minha frente que não sabe se quer menta ou flocos. Forço um sorriso e camuflo a bufada que dou com uma respiração profunda quando, agora, sua namorada entra em dúvida com o sabor de chiclete.

*Porra, qual é a dif iculdade de se escolher*um *sabor, cacete?*

— Vamos querer o de Ovomaltine mesmo — o homem diz, abandonando o cardápio no centro da mesa.

Mesmo? Não é como se ele tivesse dito esse sabor antes.

Anoto seu pedido e aceno com a cabeça, avisando que já irei trazer.

Minha vó é fã de sobremesas geladas, sejam elas sorvetes, milk-shakes, picolés... Por isso, não foi difícil para ela decidir o que a EVERLAND venderia. Então, cá estou eu, depois de ter passado 3 semanas aprendendo a mexer nessas máquinas. Pego o potinho personalizado com os caracteres da França e o nome do restaurante, puxo a alavanca, por onde sai o líquido cremoso em ondas, adiciono o pó de Ovomaltine, leite-condensado e outras baboseiras. Quando pronto, ponho a colherzinha enfiada no meio do creme e levo ao homem, que agradece e começa a comer Ele geme em satisfação, amaciando o meu ego.

Digo que estou à disposição, quando, na verdade, não estou, e volto para detrás da bancada, notando que mais duas pessoas acabaram de chegar, ocupando a mesa mais ao fundo, escondida. Penso já ter visto a cabeleira ruiva e cacheada em algum lugar, mas deve ser só impressão minha.

Pego o bloquinho, ajeito meu cabelo e ando na direção dos dois, pronto para abrir a boca e fazer o cumprimento e as perguntas de sempre quando o cara ruivo sai da frente da pessoa ao seu lado, revelando uma garota loira, que me encara com os olhos arregalados.

Não *qualquer* garota loira, e sim justo a que vem regendo meus pensamentos sem pedir a porra da permissão.

Enrijeço a coluna ao me dar conta de que ela está acompanha com o garoto da livraria, que já nem lembro o nome, quando me recordo muito bem de suas palavras ao alegar que não iria sair com ele. Direciono os orbes para o livro na mesa onde estão sentados, sentindo algo esquisito e incômodo ao identificar que é um dos que dei para ela. E agora Alyssa o trouxe para fazer a merda de um encontrinho idiota com outro homem.

Merda, a sensação de ter sido traído é absurda, porra. Muito absurda, não há razão para isso. Por que eu me sentiria assim? Não temos nada, *ela* não me deve nada.

Porra. E ela ainda está doente, droga. *Doente.* Quão ansiosa ela estava para ter a merda desse encontro com ele?

Não há nada mirabolante em como sei do seu estado, inclusive, apenas ameacei Bryce de*realmente* enforcá-lo com aquela jaqueta que deve ter custado o que eu luto para ganhar em 2 anos se ele não parasse de me estressar e perguntasse logo a ela o

motivo de não ter ido ao colégio. Alyssa quase *nunca* falta às aulas, e mesmo não tirando as melhores notas, é uma aluna dedicada e a favorita dos professores por não conversar no momento da explicação e ser sempre certinha.

Mas não estou nem aí. Se ela acha certo não dar lugar ao descanso e priorizar um cara que ao menos conhece e *com* certeza não irá comprar seus remédios para caso ela piore, o problema, definitivamente, e com todas as letras, não é meu.

Não é, cacete.

Paro na frente dos dois, conseguindo o reconhecimento do ruivo, que arregala os olhos diante da mesma figura que entregou a porra do caralho do telefone. Eu deveria ter tacado fogo naquela merda quando tive a chance e *nunca* ter falado dele para Alyssa.

— Ah, você é o cara da livraria, né?! — ele pontua, surpreso.

Não, é o Zorra, caralho.

Resisto ao impulso de revirar os olhos e anuo, sacando a caneta do bolso.

— O que vão querer? — Não lembro de dar a eles boa noite, e, mesmo lembrando, não o faço.

I nf antil.

Estou agindo como uma criança birrenta e mimada de 6 anos, mas não ligo. Estou com raiva o suficiente para sequer me importar com isso.

O ruivo franze as sobrancelhas finas.

— Vocês não dão um “boa noite” aqui?

Rio com desprezo, é só o que me faltava.

Lançando um olhar atravessado para ele, trinco o maxilar. Alyssa, que até então estava quieta, afaga seu braço, pedindo para

que não se importe com isso. Minha garganta oscila, e tento não me deixar afetar quando o ruivo põe a mão na sua coxa, acariciando de leve.

Meu Deus, eu vou sufocar.

Desabotoo os dois primeiros botões da minha camiseta, não deixando de abrir um sorriso satisfeito quando Alyssa leva suas írises para o local, hipnotizada e com a boca levemente entreaberta com a visão das tatuagens despontando para fora.

— Babando, pequena? — provoco, segurando uma gargalhada sádica quando ela imediatamente fecha a boca e desvia o olhar para o livro, vermelha.

Fof a, porra.

— "Pequena"? Que apelido é esse, baby?

Ergo uma sobrancelha, processando o que acabei de ouvir.

Fito Alyssa, que pela cara que faz, demonstra que não gosta nenhum pouco desse apelido escroto, franzindo o canto da boca.

Ela não faz essa cara quando *eu* a chamo pelos nomes que lhe dei.

Meus lábios coçam e, sem conseguir aguentar, achando uma graça do caralho da careta perdida que Oliver faz, a gargalhada explode da minha garganta sem que eu perceba. Porra, simplesmente não consigo segurar a risada estrondosa. Oliver encrespa a testa, sem entender que seu apelido é a porra da maior merda que já ouvi.

Baby.

Ah, caralho, vai se foder. É com *esse* cara que Alyssa aceitou sair?

Como se no automático, meus olhos buscam o rosto da loira. Cacete, meu peito se comprime quando noto que ela já me fita de volta, uma emoção diferente cintilando nas írises de mel da garota. Um sorriso pequeno se forma em seus lábios, ao passo que ela morde os dela para conter. Alyssa se inclina para frente em um gesto inconsciente, dando a visão perfeita de suas pupilas se dilatando, engolindo suas írises e deixando um fino aro amarelo. Minha pressão arterial aumenta e eu não faço ideia de como fazê-la voltar ao normal.

Elas não estavam assim antes, estavam?

— Não entendi o motivo da risada — a voz irritante do anjinho da Turma Da Mônica quebra nosso contato visual.

Paro de rir, tornando a ficar sério.

— Também não entendi o porquê de ainda não terem feito o pedido — rebato, balançando a caneta no ar em puro desdém. — Tenho outras mesas para atender e essa enrolação de vocês está me atrapalhando.

O corajoso faz menção de falar mais alguma asneira que não estou nem um pouco a fim de escutar, no entanto, Alyssa segura sua mão e pega o cardápio, acalmando-o quase imediatamente.

Incomodado, troco o peso das pernas, desviando o olhar para fora quando o ruivo aproxima seu rosto do dela.

Eu poderia, sei lá, arrancar a cabeça dele e dar para os cachorros comerem, mas isso seria uma cena traumatizante para todos, inclusive para a menininha sentada com os pais enquanto toma um milk-shake.

Outra vez, quem sabe?

— Vou querer um… Gelato Italiano, igual naquele livro, “Amor e Gelato” — ele diz para Alyssa, sorrindo, que parece entender seja lá o que eles estão falando, dando a confirmação ao esboçar um sorriso tenso. — E um *Sorbets*, porque é mais saudável.

Conto até 10 antes de começar a anotar, perfurando a folha fina com a cólera inserida na caneta ao escrever Massageio a têmpora e ergo a cabeça novamente, agora observando a única pessoa que merece, de fato, a minha atenção.

— E você, pe… Alyssa?

Ela emite um som confuso e volta a encarar o cardápio, mordendo os lábios rosados e passando o olhar em duas opções, indecisa.

Por ela, eu esperaria até o dia seguinte, se fosse necessário.

Mas espero que não demore tanto assim.

— Acho que vou querer só um Milk-Shake de morango — fala, baixinho, acomodando o cardápio acima da mesa na sua comum educação e delicadeza. — É o meu favorito.

Demoro a anotar o pedido porque estou mais ocupado observando a inquietação das suas mãos e as constantes olhadas de canto que ela dá na minha direção, as bochechas vermelhas e tão fodidamente lindas.

Sorrio, minha respiração falhando conforme meu corpo conversa com o dela, reagindo ao seu comportamento. Ele está queimando, e sabe que a única forma de aliviar isso, essa necessidade, seria tocando nela, sentindo-a sob as pontas dos dedos. Camada por camada. Ele quer desvendá-la.

Deus, essa garota me deixa louco. Quando foi a última vez que senti tanto desejo por uma mulher ao ponto de sentir como se minha pele estivesse pegando fogo?

A voz de Oliver me puxa de volta para o mundo real. Não para o que eu e Alyssa entramos sempre em nossas trocas de olhares intensas, mas o sombrio.

— Só isso, baby? Você está muito magrinha.

Quando consigo raciocinar com clareza, vejo o desgraçado pegar o pulso de Alyssa e rodeá-lo com os dedos.

Minha pequena se assusta com a ação repentina, se livrando do aperto frouxo e encolhendo as mãos acima do colo, puxando as mangas do casaco. Eu preferia levar um soco a ver Alyssa se retrair e medo vibrar em volta de si. Eu consigo sentir, como se fosse palpável e eu pudesse contornar sua forma, o sentimento de alegria dela ser transformado na emoção mais taciturna, que me incomoda até minhas entranhas.

— Um sorvete não vai me engordar, Oliver — mais baixo que sua própria respiração, diz, brincando com o anel nos seus dedos.

— Mesmo assim, bab…

— Mais uma palavra sobre isso e eu não vou me importar em fazer a porra de uma cena nesse lugar, *Oliver*, eu *juro* que quebrarei a sua cara — meu tom sai frio e cortante, ainda longe de expressar a veracidade do trabalho que os cirurgiões terão de executar para trazer esse rostinho bonito de volta.

Ele se assusta, viajando o olhar por mim de cima a baixo, como se quisesse deixar claro que, dentre nós, quem é o superior.

Bem, com certeza não é ele.

— Eu vou chamar o dono deste lugar! Quem você acha que é para tratar os clientes assim? É só um simples funcionário!

— Minha avó é a dona deste lugar, caralho, e acredite quando eu digo que ela me incentivaria a fazer bem pior.

— *Eros* — a voz repreensiva de Alyssa chega aos meus ouvidos. — Por favor, já chega, ok? Vou querer um Milk-Shake de morango e uma Paleta Mexicana. Nunca comi isso, então… pode trazer qualquer um.

— Alyssa, não… — eu tento dizer a ela que não precisa se forçar a comer só para agradar, porém, de novo, sou interrompido:

— Eu *quero*, Eros. Não discuta, só traga.

Suspiro resignado, lançando um olhar de morte para o ruivo e aquiescendo, não me dando a porra do trabalho de avisar que os pedidos serão entregues daqui a alguns minutos. Simplesmente dou as costas e me retiro.

Não vou mentir, e espero que o idiota não perceba, mas faço o tal *Sorbets* e o Gelato Italiano de qualquer jeito, pouco me fodendo para o que ele vai achar, e caprichando além da medida nos pedidos de Alyssa. Devo ter demorado o dobro do tempo montando a Paleta Mexicana, pensando nos sabores que ela gostaria, já que não me disse. Ao fim, arranco um papelzinho do bloco e escrevo:

Não precisa comer se ficar muit o cheia, t udo bem?

Pingo tinta de caneta várias vezes no papel ao titubear, querendo escrever muito mais do que só essas simples palavras, mas incapaz de fazê-lo.

Quero dizer que nunca caprichei tanto em uma simples bebida, e que não sei o porquê de isso ter mudado agora.

Quero dizer que fiz a porra da Paleta Mexicana mais gostosa da minha vida e reforçar que, mesmo assim, ela não precisa comer. Não conheço os segredos mais profundos de Alyssa, mas a minha garota, a mesma que está trocando sorrisos com Oliver, embora tenho feito o que fez, não suporta a ideia de entristecer alguém, e isso me mata, porque ela se sacrifica para pôr a felicidade dos outros sempre acima da sua.

Quero dizer que eu faria de tudo para arrancar dela os mesmos sorrisos que Oliver consegue. Não os debochados, não os irônicos, mas os sinceros.

Porque ela tem arrancando os meus.

Também quero dizer que... ela está linda nesta noite. E em todos os outros dias antes e depois de hoje.

Inspiro e expiro fundo, amassando a folha que, sem perceber, acabei passando todos esses pensamentos para ela. Jogo-a no lixo, irritado comigo mesmo por não conseguir anotar nada mais que: "*não precisa comer se não quiser*".

Eu sinto algo por essa garota. Eu sei que sinto. E isso me enlouquece, pois foi a única coisa que prometi a mim mesmo e ao meu pai foi que nunca me permitiria sentir mais nada por ninguém. Que não deixaria nenhuma pessoa receber mais do que indiferença da minha parte.

Porra, Alyssa... O que você f ez?

Acomodo os gelados na bandeja e deixo o papelzinho estrategicamente colocado ao lado do Milk-Shake para que não molhe. Anoto o valor de todos eles e colo em uma das asas do utensílio, caminhando na direção da mesa de ambos.

Eles riem de algo que o... acabou de ler no livro. No livro que eu comprei para ela. Alyssa se achega para perto dele, gargalha até perder o ar e assim, como se nada tivesse acontecido, a conversa animada deles parece fluir. O garoto para, de repente, encara a loira e sussurra algo para que apenas ela ouça. Seja lá o que o idiota tenha falado, é reconfortado pelas mãos macias e olhar carinhoso de Alyssa. Ela sussurra algo de volta para ele e, mesmo de costas, consigo captar o suspiro de alívio que dá.

Doce, pura e cativante. Seu sorriso brilha mais que mil sóis, e todos que a orbitam são meras estrelas agraciadas por sua luz.

Ela põe uma mecha de cabelo atrás da orelha, ficando vermelha ao sorrir. Neste momento, foda-se se Oliver foi a causa disso. Foda-se se eu quero matá-lo por conseguir o que nunca consegui. Porque... porra... nem o melhor artista da França seria capaz de passar para a tela os contornos perfeitos do seu rosto. A curva dos seus lábios ao dar um sorriso tímido. A dobrinha quase imperceptível que seus olhos dão quando Alyssa gargalha.

Que se ferrem todos os pintores do mundo.

Eu tenho a obra de arte mais linda bem aqui, parada à minha frente.

17

Alyssa Blair

Uma frase. Uma única e maldita frase, é o suficiente para trocar sorrisos verdadeiros por falsos, bem-estar por desconforto e alegria por... sufoco.

Além de mangas esticadas e braços encolhidos.

Eu já deveria ter imaginado. O que Oliver teria de diferente das outras pessoas? O que *eu* sei sobre ele? Fui ingênua em achar que eu poderia ter um encontro como qualquer outro normal, onde eu sairia feliz, satisfeita e suspirando como as garotas nos livros.

Eu posso estar sendo dramática, até porque, ele não disse o que disse com o intuito de me machucar. Foi só uma... observação. E talvez seja isso o que me machuque tanto.

Devia ter pedido logo duas porções desses sorvetes, mesmo que eu não tivesse nem um pouco a fim de comê-los. Oliver não

repararia no meu corpo e eu não estaria fingindo algo que, neste momento, não estou.

Quando Oliver pegou meu braço, uma ação que despertou diversos gatilhos e lembranças ruins, quis correr para bem longe e chorar. Ainda quero, na verdade, porque a cada vez que a voz dele reverbera na minha memória, o nó se aperta com mais força na minha garganta.

— Aquele funcionário não é daqui, é? — Oliver me cutuca com o cotovelo, me tirando do torpor. — Ele tem um sotaque estranho e... forte.

Por falar em Eros, eu simplesmente não consigo retirar meus olhos dos músculos das suas costas se contraindo sob a camisa enquanto prepara nossos pedidos. É uma visão e tanto, mas logo faço questão de quebrá-la quando percebo que Oliver está querendo puxar conversa comigo.

— Ele não é daqui — respondo, meio a contragosto. — Veio da França.

— Sabia que tinha algo de errado! — exclama, estalando o polegar e o indicador. — Bem que dizem que os europeus costumam ser... hum... mal-humorados.

Cerro as pálpebras.

— Aonde você viu isso? — Oliver dá de ombros.

— Sei lá, devo ter lido em algum livro. — Ele se endireita no assento. — Por falar nisso, não entendi o motivo daquele cara ter se exaltado tanto quando falei aquilo.

Para ser sincera, nem eu. Notei que Eros estava incomodado, com certeza, por ter visto o livro e se lembrado do exato instante em que rasguei o número de Oliver, mas o motivo de

ter se exaltado tanto por algo que deveria ser considerado “bobo” aos olhos dele, é um mistério.

Puxo as mangas do meu casaco, em parte pela rajada de frio que atravessa o restaurante, e resolvo ser sincera com ele. Na verdade, acho que estou contando com a ideia de que ele irá perceber que eu sou uma garota complicada, cheia de traumas, e que desistirá do nosso encontro, me deixando livre. Contudo, também faço isso por ter a impressão de que Oliver é um garoto bom. Ele merece saber do erro que cometeu e do desconforto que me causou.

— Não é muito legal falar algo negativo sobre o corpo de outras pessoas, Oliver... — sou lacônica, esperando por sua pergunta.

— Como assim? — Une o cenho. — Eu... eu fiz algo errado?

Pigarreio, aprumando a coluna, e enrosco o cabelo atrás da orelha. A ação demora mais do que o necessário, pois, de repente, fico presa nos olhos de Eros fixos em mim. Não consigo interromper o contato visual, simples assim. É como um imã, agitando meu peito de um jeito bom, estranhamente bom. Não há mãos geladas e suor escorrendo, muito menos vontade de vomitar. Enquanto suas irises acastanhadas escrutinam meu rosto, a única coisa que sinto é paz.

E a vontade de que fôssemos menos complicados.

Volto à realidade enfadonha quando Oliver estala os dedos à frente do meu rosto.

— S-sim... — me embolo com as palavras, ainda afetada. Suspiro, balançando a cabeça. — O que eu quero dizer, Oliver, é que... não me senti legal com o que você disse, sabe? Eu tenho problemas com... o meu corpo...

É difícil admitir isso para um completo estranho. Demorei meses para conseguir jogar para fora todas as minhas verdades à Brooks. E meus pais não sabem nem 3% do verdadeiro inferno que eu passo, ainda que tenham uma vaga ideia. Por isto, não é de se estranhar que minha voz saia baixa e que eu deixe a frase solta, incapaz de complementar.

O ruivo abre a boca, como se fosse falar, mas a fecha novamente, desistindo. Ele repete esse ato pelo menos umas cinco vezes antes de algo realmente útil sair dela.

— Alyssa, mas... O quê? Você é perfeita, não há razão pra isso.

— Fica difícil acreditar quando tudo o que ouço de vocês é exatamente o contrário. — Dou uma risada sem graça e melancólica.

Ele passa a mão nos cabelos, agitado.

— Alyssa, meu Deus, me perdoa, *por f avor* Nunca foi minha intenção te deixar triste, ok? Me desculpa, me desculpa *mesmo.* — Esfrega o rosto. — Jesus, e-eu não sei o que falar, só... me perdoa — sussurra.

Não há maneiras no mundo de esconder minha reação surpresa pelo modo que *ele* reagiu com isso. Eu esperava uma risada de desdém, um "*você é muito f resca*" ou, não sei, que ele apenas desse de ombros e se desculpasse da boca para fora. Mas isso... já passei por coisas suficientes para interpretar quando alguém está sendo sincero ou apenas fingindo, e os olhos esbugalhados e o semblante arrependido de Oliver, a menos que ele seja um ótimo ator, passam bem longe de qualquer resquício de fingimento.

Não sei como reagir direito a isso. Pego suas mãos e acaricio com delicadeza o dorso de cada uma, buscando tranquilizá-lo.

— Ei... está tudo bem, eu desculpo você — sou sincera, oferecendo um sorriso pequeno.

Oliver sacode a cabeça, se odiando neste momento, é nítido. É isso o que me faz perder a coragem de falar sobre minhas mágoas para quem quer que tenha causado isso. Tenho medo de que ela fique se culpando por muito tempo, e eu, mais do que ninguém, sei quão ruim esse sentimento pode ser.

— Alyssa, eu... não... — Me fita, viajando os orbes azuis por toda a extensão do meu rosto. Ele pega minhas mãos e as leva para os lábios, beijando os nós dos meus dedos. Do nada, o ruivo solta-as e vira o próprio rosto, aproximando suas bochechas de mim. — Me bate, eu deixo. Um tapa bem forte pra ficar vermelho igual ao meu cabelo.

Eu gargalho alto, dando tapinhas espontâneos no seu ombro, só por ser uma mania antiga. Ele ri também, mas o fato de continuar na mesma posição me diz que Oliver não está brincando.

— Não vou bater em você — falo, ainda rindo.

— Mas...

— Sou delicada demais pra agredir os outros, Oliver. — Reviro os olhos e pego *The Love Hypothesis*, abrindo na primeira página. — Deixa de coisa e vamos ler.

— Alyssa... — ele geme, se esparramando na cadeira.

— Oliver... — imito, dando risada. — É sério! Odeio esse clima. Já está tudo certo entre nós. Você pediu desculpas, eu te perdoei. Não tem mais o que falar.

Quando eu chegar em casa, lido com as consequências.

— Tá. — Respira fundo, massageando a testa, e toma o livro das minhas mãos. — Já leu alguma parte?

— Os três primeiros capítulos. Não tive muito tempo essa semana.

Ele anui, folheando o exemplar com cuidado.

— Já aviso logo que tem algumas cenas... quentes nesse livro — alerta, corando.

Embora eu solte um risinho, acontece o mesmo comigo.

— Hum... Acho que não vamos chegar nelas... aqui — digo, implorando muito para estar certa e que esse livro não seja um daqueles *f ast burn.*

Oliver dá de ombros, mil insinuações estampadas no seu gesto.

— Quer que eu leia? — pergunta, ajustando a coluna e apoiando o livro entre a mesa e as pernas.

Faço que sim, na expectativa, e me inclino na sua direção, sentindo seu aroma suave, porém perceptível, de perfume caro. No automático, enquanto ele lê e faz pequenos comentários, puxo as mangas do meu casaco e enfio minhas mãos dentro dele. Oliver percebe, infelizmente, e sua expressão fica entristecida. Ele para e olha para o nada, subindo lentamente o olhar para o meu.

— Desculpa — diz, baixinho, mal conseguindo me encarar

Libero o ar preso em meus pulmões pela boca, segurando suas mãos, no maior conforto que posso dar.

— Eu já falei que desculpo você, Oliver. É só um costume, não tem nada a ver com você — minto, me referindo às minhas mangas esticadas, querendo como nunca que fosse verdade. — Vamos parar de falar nisso, certo?

O ruivo aquiesce, mas algo me diz que, até o fim da noite, ele não vai parar de me fazer a mesma pergunta.



Leio e releio o bilhete tantas vezes que fico zonza.

Não consigo acreditar que Eros realmente se deu ao trabalho disso.

É simples, quase insignificante, mal tem 10 palavras. Um recado que eu poderia julgar como descartável e sem importância, mas que... significa *tanto* pra mim.

Quando me dou conta, estou sorrindo feito boba, buscando o rapaz de caligrafia bonita e redondinha pelo ambiente. Não o acho, entretanto. Imagino que deve ter entrado na despensa para pegar algum ingrediente.

O papel está cheio de respingo azuis, como se ele quisesse ter escrito mais coisas, mas desistido. Fico um pouco chateada, porque agora, mais do que nunca, tenho vontade de saber mais sobre o que ele tinha a dizer.

— É... até que tá bom — Oliver comenta, abocanhando seu *Sherbets* com tanta vontade que me leva a crer que sua frase não passa de um eufemismo.

Digo por mim também, porque fazia tempos que eu não me deliciava com algo tão gostoso.

Mais uma característica descoberta sobre ele.

— O meu está uma delícia.

O ruivo me olha torto.

— Vocês já tiveram alguma coisa?

— Por que a pergunta? — Me faço de desentendida, fingindo estar concentrada sugando o líquido rosa com pedacinhos de morango.

— Não sei — responde. — Ele parece ter um ciúme doentio de você. Naquele dia da livraria, pensei que ele fosse cometer um homicídio contra mim quando falei sobre sua beleza...

Solto uma risada baixa.

Não descarto a ideia. Quer dizer, não que necessariamente tenha algo a ver comigo, mas... Eros faz o estilo macho alfa protetor que não suporta ninguém e tem sede por sangue.

— É o jeitinho dele — me limito a explicar.

Oliver torce o nariz.

— Estranho. Parece que ele nunca tá de bem com nada, tem uma vida amargurada e... não sei. Sem pais, sem famílias... Será que ele é feliz?

Confesso que sua pergunta me pega de jeito. Os pais de Eros foram embora, pelo que sei; ele nunca dá um sorriso sincero e seu círculo social se resume a seus avós e alguns colegas da banda. Me pergunto se, por baixo de todas essas camadas de garoto-mal e sem sentimentos, existe um Eros solitário e que sente mais do que qualquer um, só não deixa transparecer.

— Não sei, Oliver. — Suspiro. — Eu sinceramente não sei.



Após fazer o pagamento, com um Eros cheio de ódio, que quase quebra as teclas da maquininha de cartão, saímos do

restaurante. Evito olhá-lo. Não quero deixar muito óbvio que *ele* foi o dono da minha atenção durante todo o período que estive aqui.

Enquanto nos conduzimos para o seu carro, Oliver apoia sua mão na base das minhas costas, me puxando para mais perto. Faço menção de abrir a porta do passageiro e entrar, mas, em vez disso, Oliver segura minha mão e me leva para o capô do carro, parando à minha frente e me prensando contra o veículo.

— Me saí bem essa noite? — quer saber.

Me recuperando do baque inicial, sorrio.

— Muito bem.

Ele dá um suspiro aliviado, apoiando cada braço ao meu redor. Interpreto isso como um sinal de que não vamos sair daqui tão cedo e de que Oliver puxará assunto. Por isto, tomo a liberdade de me sentar no capô.

Como o esperado, é exatamente o que acontece. Conversamos sobre meus estudos, meus *hobbies*, meus personagens literários favoritos e essas besteiras legais. Descobri que ele vem de uma família de empresários, óbvio, e que é 1 ano mais novo do que eu. Fiquei em choque, me sentindo estranhamente velha e rindo com o pensamento bobo.

No fim, dou uma olhada no relógio e digo que já tenho que ir.

— Poxa, já?!

— Pois é. — Salto do carro com a sua ajuda, que segura minha mão. — O tempo passou voando, e minha mãe é uma mulher conservadora. Você sabe, nada de passar muito tempo na rua e tal.

— Então tá, madame. — Dá risada.

— Uh, que cavalheiro — comento, me preparando para dar a volta, porém, Oliver me segura pela cintura e me puxa para próximo

dele.

— Só um instante — sussurra, nossos rostos próximos. — Tem algum problema se eu fizer isso?

É possível sentir seu hálito de frutas e mentas batendo contra meu rosto. Meu coração dispara, não sei se pela ansiedade ou se pela estranheza descomunal disso tudo. Mas, seja o que for, quero beijá-lo. Saber como é ser tocada e provada por outro homem.

— Não — digo, engolindo em seco. — Não tem.

— Tem certeza?

— Vai com tudo. — Rio, espalmando seus ombros e elevando o rosto.

E é isso o que ele faz.

Quando me beija, com uma delicadeza misturada ao fervor e ao desespero, como se estivesse esperando por esse momento há muito tempo — o que é algo definitivamente sem sentido, considerando que nos conhecemos há poucas horas —, meus braços enlaçam seu pescoço e minhas mãos roçam a maciez dos cachos presentes em sua nuca. Seu tronco gelado, devido ao contato direto com o ar-condicionado, me prensa contra o carro. Oliver tem um leve gosto de menta, nublado com o recente sabor que ingeriu. É um beijo bom e doce, do tipo que não parece errado e que faria as garotas suspirarem de paixão na frente da TV.

Chego à conclusão, no entanto, que minha parede me causaria mais arrepios e um travesseiro arrancaria mais gemidos que esse beijo. Comprovando o que eu já sabia, embora decepcionada, Oliver não é para mim.

Ele se afasta, me lançando um sorriso tímido que contrasta perfeitamente com suas bochechas coradas e lábios rosados, sua

respiração acelerada, *bem* diferente da minha. Me sinto envergonhada, porque não é por esse cara que desejo ter sido beijada.

São as mãos de um certo francês marrento e olhos claros que imagino serpenteando meu corpo e enfiando as mãos no meu cabelo. É a boca dele que materializo, explorando a minha com tanta vontade. *Saco,* é nele completo que meu cérebro se aloja, e deve ser por isso que tento me entregar tanto ao momento. Porque é o beijo *dele* que eu quero tanto sentir.

Por outro lado, tenho a plena noção de que tudo com Eros seria diferente. Não seria calmo e seus lábios não me explorariam com incerteza. Ele iria direto ao ponto, me levando do céu ao inferno quando sua língua se entrelaçasse com a minha.

O beijo de Oliver é bom, mas ainda não é o beijo que venho esperando.

O garoto se curva outra vez em minha direção e roça a boca aveludada no cantinho dos meus lábios. Todavia, antes que nós iniciemos outro beijo, um estrondo de algo caindo quebra o clima e o silêncio da rua pouco movimentada.

Viro para trás de abrupto, encontrando Eros ao lado de uma lata de lixo caída. Dentro dele, está um saco preto, provavelmente com os itens sujos e inúteis da cozinha. As írises carregadas de um cintilar novo e diferente não desgrudam das minhas ao abrir um sorriso sádico.

— *Ops*. — Ele bate as mãos uma na outra, limpando-as. — Foi sem querer.

18

Alyssa Blair

Ainda estou agarrada a Oliver, mas por um motivo novo: estou em choque. Não estava nos planos que ele visse isso, mesmo que eu soubesse do risco, já que estamos literalmente na frente do restaurante. E agora que aconteceu, estou desconfortável. Isso parece... errado. Não sei explicar.

Oliver, então, se desvencilha de mim, como se Eros fosse capaz de matá-lo aqui mesmo apenas com o olhar.

Foi sem querer.

Quase rio do seu cinismo, lembrando da maldade estampada no seu semblante, que deixou visível suas intenções. Eros não é do tipo que faz as coisas “sem querer”. Tudo dele é premeditado, calculado e pensado.

Inclusive essa atitude, porque apenas um barulho tão alto quanto o de uma lixeira caindo no chão seria capaz de dispersar esse momento meio morno que eu estava tendo com Oliver. Se duvidar, estou até agradecida. Já provei que suas caricias não me causaram nada, pra que continuar? Iludi-lo? Não sou dessas.

— *Sem querer* — resmungo, me afastando do ruivo e indo até a porta do passageiro. Eros ainda está aqui, parado, com os braços cruzados e um sorriso debochado. — *Babaca* — sibilo para ele, entredentes.

O francês dá de ombros, se divertindo com a situação constrangedora. Tento abrir a porta do carro, mas está trancada. Viro para trás, observando Oliver levar o celular à orelha no momento que iria destrancar o veículo para que eu pudesse entrar. Agora, ele parece muito concentrado com o que está ouvindo na outra linha.

Ótimo.

Bufo e cruzo os braços, desistindo de brigar com Russell via contato visual quando o mesmo revira os olhos e entra de novo no local, passando a mão no cabelo.

— Tá, cara. Droga, certo, tá bom. Já tô indo. — Oliver desliga a chamada e caminha até mim com uma expressão nada boa. — Baby, acabou de rolar um imprevisto, e...

— Você não vai poder me deixar em casa — completo, nada surpresa. Ele assente, culpado. — Não tem problema, posso ir de Uber.

Detalhe: não tenho dinheiro, mas ele não precisa saber

— Sério? — Seu rosto se ilumina. Aquiesço, mentindo. — Ah, que bom! Me sinto mais tranquilo.

É, bom, só se f or você.

— Uhum. — Forço um sorriso, esfregando meu braço. A noite de Boston consegue ser congelante na mesma proporção que a manhã consegue ser escaldante. — Mas o que aconteceu?

— Amigos, festa, bebidas... — diz, explicativo o suficiente. — Eu poderia até te chamar para ir junto, mas...

— Não! — exclamo, balançando a cabeça. Adolescentes bêbados, suados, fedorentos e com um alto risco de vomitarem a qualquer momento. Não, muito obrigada. — Tenho festofobia.

O ruivo franze o cenho, confuso.

— Festo o quê? Essa palavra existe?

— F-e-s-t-o-f-o-b-i-a — sibilo, rolando os orbes e rindo. — Acabei de inventar. Usado para expressar o pânico por festas, entende?

Ele gargalha.

— Ok, faz sentido. — Assente e me dá um selinho rápido. — Até um futuro próximo?

— Claro. — Comprimo os lábios, sem ter muita certeza. — Até um futuro breve! — me despeço quando ele me dá um último abraço, se desculpa, e dá a volta no carro, entrando.

Ao dar partida, um filme de todos os acontecimentos passa na minha cabeça.

Tudo bem, tirando *isso*, foi um encontro até que... razoável, só não o suficiente para me deixar interessada em avançar na relação.

Começo a tremer de frio. O farfalhar das árvores se torna mais intenso, o frio se fortifica, e meus dentes rangem. Eu deveria estar furiosa por Oliver ter feito o que fez, pois só por causa disso

estou sem a menor perspectiva de como voltarei para casa. Atrasada, ainda por cima.

Tateio o bolso da minha calça na esperança de achar algum dinheiro perdido, porém, não encontro. Frustrada, penso em ligar para Brooks, até porque foi ela que deu a ideia desse encontro idiota, então ela que arque com as consequências, mas, também, desisto. Não vou tirá-la do seu conforto só para resolver algo tão bobo. Tenho duas pernas, posso ir facilmente andando — depois que a ventania passar, claro. As chances de eu morrer congelada no meio do caminho são maiores do que as de eu chegar sã e salva.

Suspirando, abraço meu corpo e adentro novamente na EVERLAND. Espero que o gato tenha comido a língua de Eros e que ele não abra a boca para falar comigo. Não faço ideia do que esperar desse garoto, mas quase posso ouvir sua voz zombeteira caçoando da minha burrice por ter saído com um cara... não tão cavalheiro.

E mesmo com *isso* em mente, ainda sou suscetível a cometer o erro de fitá-lo, ainda que rápido, ao entrar, tremendo dos pés à cabeça devido a febre que parece ter me açoitado forte depois de uma leve melhora. Suas sobrancelhas se arqueiam em confusão. Ele olha através da janela, em busca de Oliver, e depois para mim, com as feições sombrias.

Resolvo ignorar, fugindo do ar-condicionado e sentando numa área particularmente aquecida, esfregando o braço até sentir minha pele arder. Faço menção de apanhar meu celular no bolso enquanto espero a boa vontade da Mãe-Natureza mandar o frio dar meia volta e sumir. Antes que eu faça isso, porém, de esguelha

capto o instante em que Eros sai de trás do balcão e caminha na minha direção.

Sem me dar a chance de esboçar qualquer reação quanto a isso — seja revirar os olhos ou murmurar mil palavrões, que não são exatamente palavrões —, ele já está ao meu lado, E PIOR, com sua mão forte e máscula e cheia de veias espalmando minha testa.

— Porra, Alyssa, sua pele tá queimando! — esbraveja, mudando a localização da sua mão e envolvendo meu pescoço com ela. — Qual é o seu problema?!

Não surta, não surta, não surta, não surta, não surta.

Não.

Surta.

Senhor, por que não foi tão difícil assim reprimir um gemido quando as mãos de *Oliver* estiveram nesse mesmo lugar? É como se uma corrente elétrica traspassasse o meu corpo com esse simples toque, mas que é o suficiente para me fazer fantasiar mil cenários onde Eros, definitivamente, não está me espalmando assim só para conferir se estou com febre.

Ele parece sentir esse choque também, pois se afasta quase que de instantâneo. Reprimo um resmungo, me assimilando a uma adolescente cheia de hormônios sentindo falta do seu calor.

— Meu problema? Nenhum. — Dou de ombros. — Agora o seu? Acho que vários.

— Já falei que foi sem querer — diz, com os dentes cerrados.

Emito um som de desdém com os lábios, soltando o ar pelo nariz, nem por um segundo acreditando nessa desculpa.

— Você estragou o meu encontro.

— Não sabe como eu me sinto culpado por ter estragado seu encontro perfeito — ironiza.

— Veio pra ficar só me perturbando? Não vai trabalhar?

— Você está doente, Alyssa.

— Não brinca, Sherlock! Jura? Se você não tivesse me dito...

— E mesmo assim aceitou vir nessa merda. — Eros ri, desacreditado.

Não digo nada, esperando que, assim, ele pare de falar. Eu gosto tanto da sua companhia, mas não é algo que eu deseje a todo o momento. Estamos quase sempre brigando, e isso me desgasta. Prefiro quando trocamos farpas sem nenhum motivo, só por gostarmos de encher a paciência um do outro.

Uma brisa gelada entra pela porta aberta, e eu estremeço violentamente, minha cabeça doendo pelas batidas contínuas dos meus dentes uns contra os outros. Eros me lança um olhar que posso jurar ser de preocupação. Isso se eu não soubesse que tudo o que ele está nutrindo por mim durante essas horas que estive aqui não fosse apenas raiva.

Ele umedece os lábios com a língua, meu cérebro fazendo questão de registrar em câmera lenta, me deixando, hum... um pouco hipnotizada, eu acho. Infelizmente, retirando de mim a oportunidade de passar mais alguns minutos apreciando sua boca pecaminosamente cheia e suculenta, Eros sai, indo à porta, fechando-a, e trocando a plaquinha de “ABERTO” para “FECHADO”. Não me dou conta do lugar vazio até ele fazer isso.

Enquanto Eros fecha as persianas com um controle pequeno, impedindo que pessoas de fora vejam o que está acontecendo aqui dentro e vice-versa, envio uma mensagem à minha mãe, avisando

que ocorreu um imprevisto com o carro e que talvez eu demore mais do deveria. Espero que ela não interprete errado.

Agradeço a Eros por deixar o ar-condicionado desligado, diminuindo os tremores no meu corpo. Ele vai até a outra extremidade do restaurante e abre uma porta. Mesmo de longe, consigo ver a sala da casa deles no fundo, confirmando minha tese de que esse estabelecimento é no fundo da residência dos seus avós.

Ele se recosta no batente, olha para mim e, me causando uma certa desconfiança, meneia a cabeça para dentro do local, me chamando.

— Vem comigo.

Estreito as pálpebras, estática no lugar.

— Humm... Não? Do jeito que você está, é capaz de me matar e fazer parecer um acidente. — Estou brincando, mas há uma parcela de verdade.

Ele não ri da minha piada.

— Relaxa, pequena. Se eu quisesse te matar, já teria feito isso há muito tempo. — Tomba a cabeça para o lado. Os diversos brincos em sua orelha pendendo no seu ombro. — Oportunidades não me faltaram.

— Uau! Isso foi pra me consolar? Porque não funcionou. — Eros não responde, apenas começa a bater o pé no chão, deixando claro sua impaciência.

Dando-me por vencida, reviro os olhos, pois tenho a vaga confiança de que ele nunca faria nada comigo — e mesmo se fizesse, não faria diferença, faria um favor —, e sigo-o porta adentro, espantada com a falta que senti desse lugar. Um cheiro típico de

bolo que só vó sabe fazer está impregnado no cômodo, junto a um leve fedor de queimado.

— Minha vó fez a massa e meu vô esqueceu no forno — Eros fala atrás de mim. — Você tinha que ver a confusão que foi mais cedo.

Eu rio ao imaginar Dona Emma brava.

— Acho que eu meio que amo a sua vó — digo, sorrindo pequeno.

Viro para Eros a tempo de visualizar sua boca abrindo e fechando no mesmo instante. Quero instigá-lo a dizer o que se passou por sua cabeça, mas seria um esforço em vão.

Isso me mata, ter tanto interesse por uma pessoa que resolveu trancar suas emoções a sete chaves. Não sei o que fazer para arrancar uma emoção sincera e boa desse rosto carrancudo. Não sei o que fazer para conhecer mais sobre ele. Não sei sequer passar cinco minutos com ele sem discutir, quem dirá outras coisas.

Quase um mês já se passou do trabalho e, até agora, não colhi nada senão informações rasas.

Tão perdida em meus pensamentos, não percebo quando Eros some do meu campo de visão. Procurando-o, encontro-o no banheiro, com as calças dobradas para cima, assim como as mangas da camisa, girando o registro, deixando que a água caia em direção à banheira.

A confirmação do que ele irá fazer bate, não dando lugar a nenhum sentimento de admiração, apenas incredulidade.

— Não vou entrar aí — decreto, cruzando os braços.

— Ah, você vai, sim. — Ele interrompe o corrimento da água. — Sua temperatura precisa abaixar.

— Não, não vou.

— Alyssa, você *vai.* — Interrompendo o corrimento da água, passeia os dedos sobre a superfície. — Pronto, venha.

Com o único intuito de testar, vou em direção à banheira e coloco a ponta do pé na água. Tão rápido quanto coloquei, tiro-a, sentindo a corrente excruciante avançar nas minhas veias, ameaçando congelá-las.

— Não, está gelada. — Recuo.

— Precisa estar assim — diz, o tom seco. — Entra.

— Não vou entrar, Eros. Está insuportável, posso muito bem melhorar ao tomar um remédio.

— Porra, Alyssa, para de ser teimosa! Tira a roupa e entra logo nessa merda.

Dou risada, o simples vapor da água me causando calafrios. Tirar a roupa? O que ele tem na cabeça?

— Já falei que não vou entrar, muito menos tirar a roupa — rosno, com raiva e com muito frio. — Qual a parte que você não entendeu?!

Eros dedilha a têmpora, fechando os olhos e bufando com tanto ódio, que eu teria me afetado se não me encontrasse na mesma situação.

— Alyssa, cacete, minha paciência está se esgotando, é sério — diz, pausadamente, com as mãos na cintura, tentando se controlar. — Tira a droga dessa roupa e entra nessa banheira.

Cruzo os braços e ergo o queixo trêmulo.

— Isso é algum tipo de desculpa pra poder me ver pelada? — *Que isso sirva como uma distração.*

Ele não responde à um primeiro momento, já que um sorriso perverso nasce nos seus lábios ao esquadrinhar meu corpo de cima a baixo. Rubor e um leve formigamento são minhas companheiras mais fiéis nessas horas.

— Eu não precisaria de tanto esforço para te ter pelada pra mim, pequena... — pronuncia meu apelido como se estivesse saboreando cada sílaba. Remexo-me, quente como nunca de uma hora para outra. — Agora entra. — Sua cara se fecha novamente.

Qual foi a atrocidade que eu fiz na vida passada para merecer isso, Deus?

— Eu já falei que a água está insuportável!

— Não está.

Grunho, irritada em níveis nada legais, me amaldiçoando por não ter ido embora quando tive a chance.

— Fala isso porque não é você sendo obrigado a entrar nela!

Eros está tentando me ajudar, ser legal, embora de um jeito completamente deturpado, e eu estou sendo chata, empurrando-o ao limite. Entretanto, sua autoridade está me tirando do sério e arrancando a última gota de simpatia que tenho armazenada para ele.

Ele cerra a mandíbula e me encara, permitindo que eu veja a impaciência moldando suas feições. Eros caminha em direção à banheira, completamente vestido, e fica de pé dentro dela, com a água estupidamente fria batendo na sua panturrilha. Seu olhar é um pouco assustador, admito.

— Entra. — Não é mais um pedido, é um aviso. Reúno todo o meu autocontrole, inspirando com força, e sigo para ela. — As roupas, Alyssa.

— Não vou tirá-las na sua frente — digo, dando um passo para trás quando ele sai da banheira e saca o celular do bolso. — Vira.

Eros levanta as irises para mim em tédio evidente, se apoiando na bancada e fazendo sabe lá Deus o quê no celular. Não estou no seu campo de visão, mas, ainda assim, me afasto mais um pouco, girando meu torso até ficar de costas para ele. Ficar de calcinha e sutiã na mesma casa e ambiente que Eros soa como a coisa mais absurda que já tive que enfrentar.

— Quando você vai sair? — pergunto, retirando as minhas botas e acomodando elas juntinhas na parede.

— Já, já.

— Muito vago — reclamo, passando o casaco por meus braços, ignorando meus pelinhos arrepiados e a tremedeira que me aflige.

— Estou acionando o cronômetro de 10 minutos — responde de má vontade.

— E demora tanto assim pra acionar um cronômetro digital? — provoco, e ele me olha de canto no momento que eu ia tirando meu top, fazendo-me parar abruptamente. — Ei!

— Você pergunta demais — resmunga, sem dar nenhum indício de que sairá.

E é neste momento que me dou conta do que estou fazendo.

Na casa de um cara, por quem me sinto vergonhosamente atraída, dividindo o mesmo cômodo minúsculo e dando a entender que vou me despir assim que ele cruzar a porta.

Repasso as informações mil vezes na minha cabeça, impressionada comigo mesma por ter esquecido, por alguns

minutos, quem eu sou. A garota cheia de inseguranças e com pânico de se exibir.

Tudo bem que não estou nua — ainda —, mas o simples fato de ter tirado o casaco já me escandaliza.

De uma hora para outra, meus braços começam a me incomodar. Olho para eles, balançando-os no ar, e reparando na sua desproporção em comparação ao braço de Brooks, por exemplo. Mais rápido do que o *f lash*, com o coração comprimido pela angústia que envia um gosto ruim à boca, visto-me novamente.

Remexo-me inquieta, retorcendo meus dedos e enrolando meus fios loiros neles, distraindo-me até que ele tenha o bom-senso de dar o fora. Fico na pontinha dos pés, depois volto para a posição normal; conto os azulejos na parede; sigo a trilha que uma formiguinha faz até encontrar sua família, no outro lado da cerâmica; puxo o cós da minha calça; me...

— Sua bunda é uma delícia.

Engasgo-me com minha própria saliva quando a voz carregada de sotaque chega aos meus ouvidos, seguida por um leve pulo pelo comentário inesperado.

— Para de olhar! — praticamente grito, tapando meu traseiro, como se já não estivesse coberto. Por algum motivo, me sinto dessa forma: despida. — E-e se eu estivesse sem roupa?!

Eros libera uma risada anasalada, rolando os dedinhos compridos pela tela do aparelho.

Algo me diz que ele está enrolando e fazendo nada com nada.

— Não costumo ter tanta sorte assim — divaga, emitindo um estalo com a língua no céu da boca. Meu corpo pega fogo, e nem é

pela febre. — E não estou olhando, só constatando um fato. Sua bunda vira uma tentação nessas calças que usa. Deveria usar mais vezes.

Estou sem palavras, apenas. Meu rosto pinicando é a única reação que posso expressar agora.

Ninguém nunca me disse algo do gênero antes. Tipo... ele acabou de... *uau*, elogiar minha bunda?! Nunca pensei que ouviria isso, para ser sincera. Eu deveria ter questionado a Brooks o que dizer em situações como essa, já que ela é tipo a minha guia, mas nunca, nunquinha mesmo, achei que seria necessário, porquê... é, enfim.

Agora que aconteceu, não sei o que fazer. Ele parece estar sendo sincero, mas como vou acreditar em algo que, até agora, nunca tinha ouvido?

Ok, respira.

Tento soltar uma risada baixa, só para ver se ele me acompanha e anuncia que é tudo uma grande brincadeira e comece a tirar sarro da minha cara.

— Eros fazendo piadas? Quem é você e o que fez com ele?

— Tenho cara de quem está contando alguma piada? — E para comprovar isso, ele se vira, deixando que seu rosto impassível e sem nenhum traço divertido que me dê a confirmação de que ele foi... hum... sincero?

Ou ele pode estar drogado, vai saber.

— Foi a única justificativa que encontrei pra você ter elogiado essa parte específica minha. — Não quero soar tão cabisbaixa, mas sempre fui muito transparente.

Não sou como ele. Não consigo guardar tudo só para mim.

— Que parte? Sua bunda tentadora e deliciosa? — Seus lábios esboçam um sorrisinho sacana, e, nossa, o brilho malicioso nos seus orbes me pegam desprevenida.

Eu rio, rolando os olhos e desejando mais do que nunca que isso seja verdade.

— Você ganharia uma boa grana se decidisse levar a vida como palhaço — ironizo.

— *Et*... Que porra, Alyssa? — Irritado, *check*. — Acha mesmo que estou brincando?

— Minha bunda foi chamada de “tentadora” e “deliciosa”, tudo isso na mesma frase! Então... sim?

— E qual é o absurdo nisso, caralho?

Vermelhidão sobe por seu pescoço, assim como uma veia salta de sua têmpora. O maxilar endurece, as írises brilham em irritação... normal.

— O absurdo?! — Solto uma risada amarga, dispensando-o com a mão. — Esquece, Eros. Só termina logo isso e sai, por favor.

Para a minha surpresa, embora contrariado, ele não discute. Quando me viro para a parede novamente, evitando contato com ele, ainda posso sentir seu olhar cravado em minhas costas, mas é só. Nenhum protesto, nenhum xingamento... nada.

O silêncio desconfortável volta a reinar, se dissipando momentaneamente quando, pelo canto de olho, observo Eros finalmente se desencostar da pia e deixar o celular ali, apertando em algum botão.

— Fique submersa por 10 minutos. — É mais uma ordem do que um pedido. — Botei o alarme para tocar quando o tempo chegar ao fim.

Tomo coragem para encará-lo, arqueando as sobrancelhas.

— Vai deixar o celular aqui? Não tem medo de que eu fuce suas coisas?

— Não tenho nada a esconder — diz, abrindo um armário pequeno e pegando uma toalha de cor rosa, minha predileta. — Pega, pode se enxugar com ela.

Tem cheiro de lavanda e erva, o mesmo que detectei em dona Emma. Apanho de sua mão e agradeço.

Sem falar mais nada, Eros sai e bate a porta atrás de si, deixando-me, por fim, sozinha.

Não paro para refletir e deixar que minha cabeça vagueie para longe, começo a tirar minha roupa uma por uma, sentindo subitamente falta do meu livro. Mas, soltando um suspiro aliviado, lembro que deixei o exemplar em cima de uma das mesas do restaurante. Posso passar lá para pegar depois.

Acomodo meu celular na parte sequinha da pia, assim como meu casaco, top e calças. Ao afundar meus pés na água gélida, cada membro do meu corpo dói e lateja, minha arcada dentária podendo facilmente se descolar da minha boca a qualquer momento. Uma veia salta da minha têmpora conforme eu entro lentamente, segurando nas bordas da banheira e soltando um grito agudo contido quando metade do meu corpo está submerso.

Depois de alguns segundos, com exceção da minha cabeça, todo o meu corpo está coberto pela água vinda direto da Antártida. Abraço meu torso como se de algo servisse, xingando Eros de todos os nomes possíveis mentalmente.

Encosto a cabeça na parede, me contorcendo debaixo d’água. Quero relaxar, e mesmo sendo perigoso, não deixo de

encostar minha cabeça no azulejo frio e fechar os olhos.

O gelo impossibilita meu raciocínio de funcionar direito. E tudo bem.

É bom ter a mente vazia de vez em quando.

.

Oliver: *chegou bem em casa?*

Alyssa: *estou a caminho* ❤️

Oliver: *pegou um uber?*

Oliver: *o dinheiro deu?*

Oliver: *posso transferir pra vc*

Olho para o garoto ao meu lado, que dirige pelas ruas íngremes na caminhonete do avô em direção à minha casa. Não falamos nada além do necessário desde o episódio no banheiro, apenas o básico como: "Está pronta?", "Podemos ir?", essas coisas. Ele também deve saber meu endereço de cor, pois não me pergunta nada em relação a isso, o que é um saco. Queria muito puxar assunto com ele, mesmo que sobre coisas toscas.

Alyssa: *n precisa*

Alyssa: *minha amiga veio me buscar*

Oliver: *oh, ok!*

Oliver: *eu adorei o dia de hj, baby*

Oliver: *só fiquei com muito medo daquele cara*

Oliver: *assustador d+*

Solto uma risada suave, decidindo usar essa mensagem como uma oportunidade de provocar o sr. Calado.

— Oliver disse que ficou com muito medo de você — comento, como quem não quer nada.

Estou inquieta com esse silêncio. Quero preenchê-lo com qualquer besteira. Espero que não seja antiético explanar algo de outra pessoa assim... Aliás, eu sei que *é,* puxa, mas desde que isso sirva como um gancho para Eros começar a falar, não me importo. Só um pouquinho, talvez.

— Tão medroso... — Estala a língua, debochado, olhando para fora da janela e girando o volante.

— Eu o entendo, sabe? Se fosse eu no lugar dele, teria me assustado até a morte. — Desligo a tela do celular e tamborilo os dedos na capinha rosa de ursinhos. — Falando nisso, você arruinou o meu encontro. Nos próximos, espero não ter o azar de te encontrar — continuo, ansiosa.

Eros ri com escárnio.

— Você tem um péssimo gosto para homens, Alyssa. — Me fita de esguelha. — Só olhar para os que se relaciona, estou fazendo um favor.

Me remexo, desconfortável, no estofado já desgastado. Ele tem razão, se eu for parar para pensar na minha vida amorosa, irei perceber que não tenho nenhum partido interessante, para dizer o mínimo.

— É. — Dou de ombros, perdida nos seus braços flexionando enquanto dirige. — Mas... hum... acho que você não é qualificado para falar desse tipo de coisa — atiço, sem saber a razão, mas querendo levar a conversa para um rumo diferente.

— O que você quer dizer? — pergunta, sem tirar os olhos da pista.

Mordo o lábio inferior, fingindo estar distraída limpando as unhas.

— Nunca vi você namorar ou passar mais tempo com uma única mulher — divago. — Acho que você não é a pessoa mais adequada para dizer com quem eu devo sair ou não.

— Namoro sem sentimentos não leva a lugar nenhum — diz, parando no sinal. — Além disso, isso não me impossibilita de identificar um filho da puta quando encontro um, e que, com certeza, não te merece.

Me surpreendo com sua confissão, confusa e... droga, não faço ideia do que estou sentindo agora. O que ele quis dizer com "*não te merece*"?

— Como assim? — resolvo questionar, nervosa. — Por que eles não me merecem?

— Você é boa demais pra eles, Alyssa. Boa demais pra esse mundo — diz, tirando-me o ar. — Ninguém é suficientemente digno de te ter.

Eu não faço ideia do que responder, porque, dentre tantas respostas, essa foi a que eu menos esperava.

Estarrecida, arranco os fiapos soltos na minha calça, ocupando minhas mãos para não acabarem fazendo besteira — tipo puxar Eros na minha direção e grudar nossas bocas acidentalmente.

Ênfase no *acidentalmente.*

— Por que você... não se permite amar alguém? Existem milhares de mulheres por aí loucas por uma chance com você — mudo de assunto, tornando a fitá-lo diretamente.

— Eu não... — começa, mas para, balançando a cabeça. — Nenhuma dessas “milhares de mulheres” conseguiu despertar minha atenção. Só uma, o problema é que ela não está louca por uma chance comigo, então não acho que se enquadre nisso.

Esse olhar... ele me tira o fôlego, embaralha meus pensamentos e faz nascer borboletas no meu estômago. Eros está interessado em alguém, está... pensando em alguém. Que, mais uma vez, não sou.

Desvio o olhar do dele, sentindo um nó se formar em minha garganta e meu nariz arder com a vontade de chorar. Não queria ser tão sensível, tão frágil, mas a parte esperançosa, que eu ainda carrego comigo, me dá pequenas esperanças de que, ocasionalmente, Eros poderia sentir uma atração por mim, mesmo que pequena.

Tão burra, Alyssa.

— Insuficiente. — Encosto a cabeça na janela, visualizando as gotículas de chuva começarem a cair Me dou conta, tarde demais, quando o carro para de abrupto, que pensei alto. Se não fosse pelo cinto, eu teria voado para longe. — Que susto!

Eros respira fundo e, pela primeira vez desde que entramos aqui, se vira por completo para mim, fixando as intensas írises acastanhadas no meu rosto.

— Quando você vai entender que o problema não está, *nunca esteve,* em você, cacete? — Palavras que, ditas por outras pessoas, soariam doces, mas que, por Eros, saem carregadas de frustação e cólera.

Rolo os olhos.

— Você não parou de dirigir só por isso, parou?

— Porra, Alyssa, eu parei! — se exalta, passando a mão nos cabelos, que, agora, estão soltos. — Eu não aguento mais te ouvir dizer que não é suficiente, que não é bonita, que...

— Para, Eros! — eu grito, interrompendo-o. — *Eu* que estou cansada de ouvir todo mundo dizendo o que devo fazer ou dizer ou *pensar! Não posso* evitar me sentir assim. São pensamentos recorrentes, Russell, e me desculpe se eu sem querer falei em voz alta, mas não estou pedindo pra você me ajudar, muito menos que pare a droga do carro no meio da rua só para me dar sermão e tentar fazer eu me sentir melhor!

— Eu me *preocupo* com você, caralho! — brada, seu peito se expandindo à medida que expele e puxa o ar. — Será que você ainda não entendeu isso?!

— Eu não pedi por isso! — ladro de volta, escondendo o quanto sua declaração me afeta.

Ele se importa comigo? Por quê?

— Eu também não pedi pra te ter na porra da minha cabeça 24 horas por dia! Eu acordo e a primeira coisa em que penso é você, se você está bem, o que aconteceu enquanto não estávamos juntos. Eu vou pra merda daquele colégio e, quando dou por mim, estou procurando por você, *sem ao menos perceber*. E eu odeio isso, Alyssa, porque você é a única coisa da qual não tenho controle na minha vida. — Ele esfrega a ponte do nariz, tão perplexo quanto eu por ter posto para fora tanta coisa. Abro a boca para dizer algo, parcialmente mais calma, porém Eros destrava o carro e gesticula com a cabeça para fora do veículo. — Sai do meu carro, Alyssa.

Esqueçam. A raiva acaba de voltar três vezes pior

Não me reconheço quando começo a rir, sem dar um passo indicando de que vou fazer o que mandou.

O que ele acha que eu sou? Uma boneca? Ele diz o que quer e depois me manda embora como se não fosse nada?

— Você é inacreditável — começo, parando de rir aos poucos. — Diz que se importa, que não consegue me tirar da sua cabeça e depois manda que eu saia do carro... — Balanço a cabeça, rindo novamente. — Mas sabe de uma coisa, Russell? Estou cansada. Completamente exausta de tentar te entender, compreender suas ações e fingir que nada está acontecendo — minha voz se eleva alguns decibéis conforme confidencio tudo. — Você é indiferente, parece que nada te afeta, mas compra livros pra mim e me defende quando algo acontece, embora eu *nunca* tenho pedido por isso. Mas, depois, se afasta e volta a reerguer um muro ao seu redor. — Rio de novo, passando a mão no cabelo. — Posso te contar uma coisa? Eu também não paro de pensar em você e, se te consola, também odeio isso. Há menos de um mês, sequer nos falávamos, mas foi só deixar você entrar um pouquinho na minha vida, que ela mudou de ponta a cabeça! — O olhar dele muda. Se torna significativo. Diferente. Não paro: — Passei o encontro inteiro com meu pensamento longe, me amaldiçoando por estar querendo sua atenção em mim, e não a de Oliver. Não paro de pensar em como seria se você me beijasse, no seu toque e na sensação do seu corpo colado ao meu. Que saco, Eros! Eu beijei Oliver, mas tudo o que eu queria era que *você* estivesse no lugar dele. Então... — Não consigo terminar de falar.

Eros se desprende do cinto que o envolve, puxa meu pescoço, e cala minha boca com um beijo.

19

Alyssa Blair

Tenho medo de que isso não passe de um delírio que o meu cérebro inventou causado pela febre.

Meus olhos estão arregalados devido ao choque e os dedos de Eros estão fincados na pele exposta das minhas costas. Minha ficha leva alguns segundos para cair, que mais parecem uma eternidade, até que eu saio do modo catatônico. Um suspiro delirante me escapa ao sentir sua língua macia acariciando meu lábio inferior, e eu sei, nesse simples gesto, que estou perdida e que esse beijo será a minha ruína.

Esqueço Leonardo, Oliver, meu ódio por Eros e nossas brigas constantes. Destravo meu cinto com desespero e seguro o seu rosto, encaixando nossos lábios como as partes que faltavam de um quebra-cabeça. Tão perfeito quanto, como se minha boca tivesse

sido criada para beijar a dele. Um ruído gutural e rouco irrompe do francês me faz vibrar, seguido de suas mãos grandes e atrevidas, que passeiam por minha perna.

— Porra, Alyssa, vem cá — sussurra, puxando meu lábio inferior com uma lentidão que enevoa meu juízo. Enlaço seu pescoço assim que sinto suas mãos alcançarem a parte inferior das minhas coxas e me erguer do assento, guiando-me até seu colo.

O lugar é apertado, mas nem eu e ele ligamos. Entrelaço minhas pernas ao redor do seu quadril, viajando minhas mãos por seu peitoral e braços, apreciando seus músculos se contraírem contra meu toque.

— Eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio — repito entre beijos, com as mãos espalmadas em suas bochechas enquanto Eros afunda os dedos nas minhas pernas, trilhando um caminho tortuoso até minha cintura e fazendo o mesmo nela.

— E eu te odeio por não conseguir te odiar. — Separa nossos lábios e salpica beijos da minha bochecha até meu pescoço, afastando a fina alça do top a fim de fazê-lo no meu ombro.

Eu gemo baixinho, seus dentes mordiscando e beijando meu queixo. Fui ingênua ao achar que conseguiria adivinhar como seria seu beijo. É muito mais do que pensei. Ele sabe exatamente onde e como me tocar, os pontos que me levam à loucura e me dão prazer. É diferente de tudo que já vivenciei e não quero que isso acabe nunca.

Infiltro meus dedos nos seus cabelos, afagando os fios macios e matando minha vontade de senti-los. Abro um sorrisinho durante o beijo e é como se meus órgãos derretessem ao sentir sua boca também se curvando em um sorriso.

— Realizou seu sonho? — indaga, o timbre rouco e ofegante. Faço que sim, sugando seu lábio inferior e me tornando ousada o suficiente para raspá-lo com os dentes. — Pequena... — Solta um suspiro arrastado, mergulhando as mãos no meu cabelo e grudando outra vez o que não deveria ter se separado.

A chuva torrencial cai sem piedade lá fora, a rua está vazia, nenhum som de veículo marcando presença. Somos só nós dois dentro de uma caminhonete velha, uma estrada escura e partilhando da mesma paixão.

Não estou dizendo que ele está apaixonado por mim ou eu, por ele, entretanto, esse beijo está longe de ser algo movido apenas pelo desejo carnal e desenfreado comum entre um homem e uma mulher. Há mais, muito mais do que isso, mas não quero pensar nisso agora.

O ar começa a se tornar rarefeito e fica difícil respirar. Nos opondo, lutando contra nossas necessidades vitais, nos separamos, porém, ainda próximos o suficiente para sentir sua respiração se misturar à minha e o seu coração no mesmo compasso que o meu.

Resfolego, em busca de ar, nada diferente do cara à minha frente, com os lábios entreabertos e a pupila dilatada, encarando-me como se também não acreditasse no que acabou de acontecer — no que *está* acontecendo —, como se... Deus... Como se eu fosse uma joia rara e preciosa que ele passou tanto tempo procurando. Seus olhos brilham como um céu estrelado, e acho que nunca vi algo tão lindo.

— *Mon étoile*[6]... — sussurra, tracejando a linha da minha mandíbula com os dedos. — O que você fez comigo?

— Me diga você, garoto-francês — sussurro de volta, roçando nossos lábios. — Por que tudo o que eu quero agora é fazer essa noite durar uma eternidade?

Ele esboça um sorriso ínfimo, que não dura muito tempo por conta da boca inchada e dormente. Russell me prova mais uma vez que o efeito que possui sobre mim supera a de todos os homens que já me relacionei quando acompanha o contorno dos meus lábios com o polegar, seguindo o movimento com seus olhos fixos e contemplativos.

— Não suporto saber que outros homens já provaram dessa mesma boca — diz, fitando-me com o rosto se contorcendo em agonia. — Que outros te tocaram nesses mesmos pontos e te ouviram gemer assim...

— Ninguém nunca me tocou como você... — conto, afagando sua bochecha. Ele se inclina em direção ao toque, sem tirar os olhos de mim. — Nunquinha mesmo.

— Não falas essas coisas, Alyssa... — Parece mais uma súplica do que um simples pedido.

— Por quê? — questiono, baixinho.

Eros balança a cabeça, pegando minha mão e plantando um beijo na palma. Acho que meu coração vai explodir.

— Porque corre o risco de eu agarrar você e não soltar nunca mais.

Palavras capazes de fazerem o meu coração, de fato, explodir. E eu nunca pensei que isso fosse possível. Parece um sonho do qual não quero de modo algum acordar. Há, na verdade, apenas uma coisa que quero: dizer a ele que me agarre e nunca mais solte. Que ele me tome em seus braços e faça comigo o que

quiser, porque confio nele. Que, quando o amanhã chegar, nós não sejamos só dois estranhos.

Mas não podemos, de qualquer forma. Tenho questões em minha vida que me impossibilitariam de ter alguma coisa profunda com ele. E Eros também. Ele já deixou claro inúmeras vezes que um relacionamento é a última coisa que ele quer.

Certo, Alyssa. Foi só um beijo, não é grande coisa.

Engulo em seco, passando a língua nos meus lábios.

— Você... você pode me deixar em casa? Minha mãe deve estar louca. — Dou um sorriso sem graça.

Ele parece decepcionado com o que digo, pois eu também estou. Não quero ir para casa, quero ficar aqui, aproveitar o máximo de tempo possível dessa fantasia que, de uma hora para outra, no meio de uma discussão, se tornou real.

Mas o título de boa filha está de pé, e não quero derrubá-lo.

— Ah, claro. — Se remexe no assento, sem saber onde colocar as mãos. — Vai querer chegar até sua casa em cima de mim? — O sorriso presunçoso reaparece conforme sobe as mãos pela minha coxa.

Vermelha de vergonha, resisto ao desejo de beijá-lo de novo e, bastante chateada, saio do seu colo, me assentando na cadeira dos passageiros. Suas pernas são bem mais confortáveis que esse couro dos anos 90.

Eros limpa a garganta, passa a mão no cabelo e, antes de começar a dirigir, liga a rádio.

— Quer escutar alguma coisa? — pergunta, sacando seu celular do bolso, um de modelo um pouco ultrapassado, e conecta o

Spotify — Shawn Mendes, James Arthur... Como é o nome daquela loirinha?

— Taylor Swift — digo, comprimindo os lábios para segurar o sorriso insistente. — Como você sabe que eu gosto deles?

— Te ouço cantarolando as mesmas músicas o dia inteiro na sala. — Eros me encara de soslaio. — Vantagens de ter sido designado a sentar somente ao seu lado.

Agora que sei a textura exata dos seus lábios e do sabor adocicado do seu beijo, não consigo parar de pensar em puxá-lo e repetir a cena de segundos atrás. Por isso, assim que começa a dirigir, tomo o controle da situação e conecto a música perfeita para o momento perfeito.

E.T, da Katy Perry.

Não demora para que a voz da cantora preencha os alto-falantes do carro e penetre em cada centímetro do ambiente. Eros batuca os dedos no volante e eu retorço meus dedos na perna, ansiosa pelo refrão. A frase "*kiss me, kiss, kiss me" ,*se repete tantas vezes nessa parte, que eu espero, de coração, que ele entenda a indireta, jogue o carro em um acostamento qualquer e me beije.

Entramos em um silêncio confortável por um tempo. Encosto minha cabeça na janela e, de vez em quando, pego Eros me olhando no instante em que eu olharia para ele. Uma troca de olhares rápida que gera milhões de fogos de artifício no meu estômago.

Finalmente, o refrão chega e como se hoje, definitivamente, fosse o meu dia de sorte, nos deparamos com um sinal. Não consigo esconder minha inquietação, e isso chama a atenção de Eros, que me fita de canto e eleva os lábios em diversão.

— Não vou tomar a iniciativa — fala, de repente, arrumando os cabelos no retrovisor e depois mirando os orbes em mim. — Sua vez.

Engulo em seco, surpresa. Meus lábios subitamente ressecam enquanto admiro os dele, tão atrativos. Preparando para erguer meu tronco e puxá-lo, sou chicoteada com memórias.

Recuo.

— E-eu posso? — murmuro, baixinho.

— Agora, Alyssa — ordena, os nós dos dedos esbranquiçados em volta do volante. Por esse simples gesto, sei que ele entendeu. — Odeio esperar.

Rolo os olhos com força.

— Quando você vai parar de ser tão chato?

— Quando eu estiver com essa boca gostosa me obrigando a parar.

Meu Deus, ele é bom.

Pegando fogo e com cada pelo do meu corpo se arrepiando, olho para a avenida e, depois, para ele. Vários carros estão enfileirados ao lado e atrás de nós, esperando que o semáforo abra.

— Não é perigoso?

— Perigoso vai ser se você não me beijar agora, pequena. Porque mesmo que esses carros se amontoem atrás de mim, não vou parar de beijar você por nada neste mundo — diz, correndo a língua pelos lábios. — Então acho melhor você agilizar o processo.

Acato à sua ordem.

Não espero por um terceiro pedido. Me inclino na sua direção, emaranho meus dedos nas madeixas da sua nuca e puxo-o para mim, batendo nossos lábios. Eros entreabre a boca, pedindo

passagem com a língua, e é óbvio que eu permito, estremecendo como uma adolescente no seu primeiro beijo ao provar outra vez da sua língua macia e quente. Ele geme quando puxo seu lábio inferior lentamente, fincando os dedos na carne da minha cintura e, antes que ele tome a iniciativa, desço meus beijos para sua bochecha e concentro-os no seu pescoço.

— Assim não, pequena... — arqueja, mergulhando a mão nos meus cabelos. Sugo a pele do local de leve, sentindo-o estremecer e resfolegar. — Cacete...

— Seu ponto fraco, Homem De Ferro? — debocho, gostando além da medida de vê-lo entregue assim.

— Eu não sabia que era até agora — alega, afrouxando o aperto no meu couro cabeludo conforme eu salpico selinhos, chegando no outro lado do seu pescoço, subindo, subindo e mordiscando o lóbulo da sua orelha. — Alyssa... — geme arrastado.

— O quê? — Torno à sua boca e deixo um beijo casto. Ele se prepara para aprofundar o ato, mas os sons de várias buzinas começam a ressoar impacientes. — Acho melhor pararmos por aqui.

Contrariado, ele assente, se afastando de mim com relutância e arrumando o cabelo. Seus olhos ainda ficam cravados em mim por um bom tempo durante o trajeto, antes que Eros se concentre totalmente na estrada. O som da chuva rouba a minha atenção, assim como as gotas que batem e escorregam no vidro do carro. É relaxante — estar na presença de alguém que, mesmo sem falar nada, você sente paz. O cenário contribui para isso, claro, mas creio que, mesmo se estivéssemos em um lugar turbulento, não haveria mudanças.

Afinal, somos nós. Seja onde for, continuaremos assim.

Meu coração retumba nos ouvidos e meu corpo inteiro reage quando Eros, em algum momento, pousa sua mão livre na minha coxa. Sofro um espanto, fitando a mão tatuada e, em seguida, ele. Eros, sendo o bom sonso que é, não me encara de volta, porém, posso ver o lampejo de um sorriso no seu rosto travesso.

Também fico calada, apreciando seus dedos grandes se contraindo no local, enquanto um leve carinho com o polegar é feito. Parece que vou explodir de excitação, porque, nossa... é uma sensação boa. De verdade.

Entretanto, a insegurança bate outra vez, e minha mente não tarda em me lembrar que Eros já tocou coxas mais grossas e mais bonitas que essa.

Começo a me agitar no assento, inquieta, mirando qualquer coisa que não seja isso. Não quero que ele se afaste, mas também não sei como encarar isso sem surtar.

Inspiro e expiro, fechando os olhos.

Não pense nisso, não pense nisso, não pense. Eros já deixou claro que te acha linda e atraente, que seu corpo não é um problema. Pare de ser tão dura consigo mesma e só aproveite.

Aos poucos, as palavras repetidas vão surtindo efeito, e eu relaxo. Ainda incerta, porém, cubro a mão dele com a minha. Eu não percebi que estava tremendo até visualizar meus dedos trêmulos.

— Suas pernas são perfeitas — ele fala, confirmando meus pensamentos. — Para de pensar nisso, certo?

Anuo, acompanhando o contorno dos seus desenhos com o dedo. Cada traço tão perfeitamente esculpido; cada frase, em uma mistura de americano e europeu, que parecem carregar tanto.

— Bryce também disse isso.

Eu juro que não disse com a intenção de provocar, porém, ao ser alavancada para frente pelo freio repentino de Eros ao parar em outro sinal, faço um esforço sobre-humano para não rir.

— Bryce disse *o quê?* — Suas mãos apertam minha carne com mais força ao se virar para mim, incrédulo.

— Que minhas pernas são lindas...

— Quando. — Não é uma pergunta.

Mordo os lábios, arrancando os fiapos do meu top.

— Um dia antes de eu adoecer, eu fui fazer caminhada e acabei o encontrando.

— Ah! — exclama, respirando fundo. — E você o viu sem camisa?

I sso é ciúmes?

Dou de ombros, jogando meu cabelo para trás.

— Aham. O corpo dele é lindo, né? Também é alto, forte, os músculos são super definidos... Faz meu tipo. — Suspiro, segurando o impulso de gargalhar. — Minhas pernas estavam realmente lindas, aliás. Aquelas roupas de academia me valorizam.

As tentativas de Eros de não surtar são hilárias. Ele fecha os olhos, abre-os, massageia a têmpora e depois torna a me olhar.

— E você estava usando aquelas roupas de academia super apertadas que devem te deixar um pecado?

— Uhum — murmuro, mordendo o interior da bochecha.

— Ok. — Ele ri, estalando a língua. — Falou de mim pra ele?

Arqueio as sobrancelhas.

— Não, por que falaria?

— É uma boa pergunta, Alyssa. Inclusive, te faço a mesma. Você começou a falar desse Bryce e do quanto ele é lindo e cheio

de músculos, mas não lembro de ter inserido ele na conversa — rebate.

Gargalho alto, tampando meu rosto com as mãos e vergando meu corpo na direção dele. Não consigo me conter. Seu semblante irritado, mesmo lutando para não demonstrar, é extremamente fofo. Eros resmunga alguma coisa e tira a mão da minha coxa. Paro instantaneamente de rir, minhas bochechas doendo.

— Põe de novo. — Um bico involuntário se forma em meus lábios.

Ele finge não escutar, girando o volante com as *duas* mãos. Cruzo os braços, fazendo minha melhor cara de cachorro pidão, mas nada acontece. Bufo e me afasto o máximo possível dele, quase me afundando na ponta do assento, e encosto a cabeça na janela.

Ouço sua lufada de ar, evidenciando seu estado de velho ranzinza emburrado.

— Odeio você. — É o que diz antes de pousar a mão novamente na minha coxa. — Muito.

Toda feliz e animada, fito-o. Tenho certeza que meus olhos estão brilhando, porque consigo sentir. Boba demais para o meu próprio bem, aterrizo minha mão na dele, sem querer entrelaçando nossos polegares.

Tenho que parar de surtar por pouca coisa. Rápido.

— Suas tatuagens são lindas — declaro, afastando a manga da sua camisa e encontrando mais no resto do seu braço. — Têm significado?

— Todas.

Aquiesço, sem acreditar.

— Uau — sopro, chocada. Não é como se fosse apenas um braço fechado, são os dois, além de outros desenhos no seu pescoço e debaixo da sua roupa.

Eros dá risada.

— Sei que posso parecer bem desinteressante, Alyssa, mas já vivi mais coisas do que um jovem de 18 anos gostaria — revela. — Marco tudo na minha pele.

— Você não é desinteressante — respondo. — É só... estranho. Tenho 17 anos e minha vida é tão monótona, acho que não conseguiria achar tantas coisas para homenagear. — Volto para a tatuagem em seu dorso. Uma rosa vermelha. — O que essa significa?

Sem olhar, diz:

— É a flor favorita da minha vó. Na época em que ela esteve bem debilitada por conta do câncer, pediu para enchermos o quarto dela de rosas, pois foi com elas que meu avô a pediu em casamento. — Ele sorri. — Achei importante, só isso.

Retribuo o sorriso, acariciando o local. Ele não pode fazer essas coisas comigo, não mesmo. Meu coração é frágil, e não posso me apaixonar.

— É um motivo lindo — sussurro, criando coragem de afagar seu rosto, contorno seu maxilar como um artista que aprecia a mais perfeita das telas. — Você é lindo — o elogio sai sem que eu perceba, mas não tento voltar atrás.

Não sei o que se passa na cabeça dele, porém, quero que se sinta especial, da mesma forma que me faz sentir.

Eros suspira e estaciona. Quando olho, percebo que já chegamos em casa. Não quero parecer tão decepcionada, no

entanto, acho que não consigo esconder. Me distancio dele e arrumo minha roupa, verificando se não há nenhum sinal suspeito no meu corpo. Fora os lábios inchados, não há mais nada. Pego um batom do bolso e direciono-o à minha boca. Sou interceptada por Eros, todavia, que toma a maquiagem da minha mão e vira meu rosto na direção dele.

— Me deixa passar.

— Não confio em você — interponho, tentando tomar o objeto de suas mãos. — *Eros*.

— Você é insuportável, sabia? — Ele planta um selinho nos meus lábios que me desestabiliza toda. — Não vou fazer nada, prometo.

Desconfiada, eu deixo. Paradinha, com o rosto rente ao dele, Eros segura a minha nuca e eleva minha cabeça, facilitando para ele. Ele contorna meus lábios com delicadeza, espalhando a cor rosa por toda a extensão.

Finalizando, Eros dá um sorriso pequeno, satisfeito com o resultado, e me beija. Assim que se afasta, rio alto ao ver sua boca borrada de batom.

— Você está todo sujo.

— Ótimo, vou usar como um lembrete de que essa noite foi real.

Perdida demais no momento, principalmente nos seus olhos, não me dou conta da posição que Eros se encontra, percebendo sua coluna torta apenas quando pega minha bolsa para guardar a maquiagem.

— Você vai desenvolver uma escoliose assim — aviso, apalpando a região.

— Não vou morrer por isso. — Beija o canto da minha boca.

— Também não vai morrer se parar de me beijar e arrumar a coluna.

— Já eu não tenho tanta certeza assim. — Prende meus lábios com os dentes e puxar devagar, o sorriso ainda intacto. Suspiro, entregue. — Ai! — reclama, espalmando a base da coluna.

— O que foi?! — grito.

— Nada, nada. — Gesticula com as mãos. — Só o universo mostrando que você está certa — diz, aprumando as costas.

Dou um sorrisinho convencido, limpando os borrões do batom na minha boca.

— Eu sei. Sempre estou. — Rio, preparando-me para ir embora. — Queria ficar mais tempo aqui — resmungo.

Eros anui, selando meu pescoço.

— Melhor não, pequena. Sou capaz de trazer esse céu ao chão se algo daquele tipo acontecer com você de novo.

É minha vez de concordar, desanimada. O francês lança as írises para fora, mostrando que a chuva ainda está caindo.

— Não esquece de se cobrir com o casaco, você pode piorar — aconselha.

Faço que sim, retirando meu casaco e cobrindo minha cabeça. Antes de sair, porém, viro-me outra vez.

— Obrigada — agradeço, baixinho. — Por tudo.

— Principalmente pelo melhor beijo da sua vida? — se gaba, todo prepotente.

Reviro os olhos, mas anuo.

— É, por isso também.

Eros solta uma risada.

— Obrigado também. Principalmente por ter percebido que aquele mauricinho não é pra você e que eu beijo mil vezes melhor

Gargalho e ele me acompanha, ainda que mais contido e suave. Beijo sua bochecha e abro a porta do veículo, mas sou puxada para trás e, segundos depois, minha boca se ocupa com os lábios cheios dele sobre mim. Seguro seu rosto com as mãos, tomando cuidado para não aprofundar o beijo, embora nossos instintos implorem por isso.

— Boa noite — desejo, entre um selinho e outro.

Ele assente, beijando a ponta do meu nariz.

— Toma cuidado — é o que diz.

Sua preocupação me deixa feliz, mas não deixo de notar que, em todas essas semanas que nos conhecemos, ele nunca se despediu de mim de verdade. Um "boa noite" ou "tchau" nunca foi proferido por ele. Não sei se há algum motivo para isso ou se é apenas um costume.

Seja o que for, não o pressiono. Nos beijamos uma última vez, sedentos pelo contato um do outro, e saio, cobrindo minha cabeça com o casaco. Corro em disparada para casa, caçando a chave na minha bolsa, com o pensamento longe.

Acho que nunca fui tão feliz por sentir minha boca quase imóvel e dolorida.

É uma lembrança de que, seja lá o que vai acontecer amanhã, essa noite foi real.

20

Alyssa Blair

Minha mãe está sentada no sofá, mexendo no celular e com diversas planilhas impressas espalhadas pelo estofado. Espiralo fundo, enxugando meus pés no tapete e trancando a porta. Por sorte, meu pai não está, e considerando as feições serenas de Ana, o episódio de alguns dias atrás não irá se repetir.

— Oi — digo, olhando para o relógio. — Desculpa o atraso de 30 minutos, é que... — me apresso em tentar explicar — o cara do meu “encontro” acabou não me trazendo, e-e...

— Não se preocupe, filha. Eu entendo — corta, sorrindo de canto. — Como foi?

Oh, tudo bem.

Eu estaria mais surpresa se isso não fosse algo que acontecesse continuamente. Um dia, minha mãe está um amor, sorrindo e sendo legal; no outro, ela está brava e briga até por pequenas coisas que faço.

É desgastante, mas aproveito ao máximo disso. Amanhã, ela pode acordar diferente, e vai ser como se o dia de hoje nunca tivesse existido.

Mais aliviada por saber que o resto da minha noite, pelo menos hoje, correrá em paz, vou à cozinha, torço meu casaco molhado e ponho no varal.

— Ah... Mais ou menos. Foi bom, mas não sei se quero encontrá-lo de novo — digo a verdade.

— Por quê? O que aconteceu?

Simplesmente dou de ombros. Não quero fazer uma caveira de Oliver, até porque ele foi, sim, um garoto legal em grande parte do encontro. Acontece que, mesmo se o garoto tivesse sido um cavalheiro de primeira em todo o tempo, um cara em específico, que nada de cavalheiro tem, conseguiu ofuscar todas as qualidades do ruivo. Não era nele que eu estava interessada, de qualquer modo.

— Não sei dizer, mãe... Ele é legal, *mesmo*, mas... ah, só não rolou. — Não há nenhuma forma sutil de dizer que estou *gamada* em um cara de péssima fama e que passei os últimos 15 minutos devorando-o dentro de uma caminhonete.

— Poxa. — Suspira, parecendo chateada. — Ele parecia ser um bom garoto.

Sim, sim, ele é, só não é o " bom garoto" que eu quero. A senhora só não precisa saber disso.

— Pois é, mas seria um bom candidato para amigo — falo, esfregando meus olhos. — Onde está o papai?

— Dormindo — responde, sacando o celular do bolso como se lembrasse de algo. — O você-sabe-quem falou que vai te levar para tomar café amanhã em algum lugar aí. Disse que precisa te falar uma coisa.

"Você-sabe-quem" é o nome que aderimos para nos referir ao meu pai biológico. O nome dele não é bem-vindo aqui, muito menos na frente de Joshua. Acho uma completa infantilidade, a julgar que os três são adultos. Mas o que eu posso fazer?

— Hum... — murmuro, nem um pouco interessada. — Ele disse o horário?

— À s 8h.

Grunho, resistindo à vontade de revirar os olhos. Não me entenda mal, eu *amo* meu pai, muito mesmo, mas... droga. Ele passou quase 2 meses sem dar sinal de vida e, quando finalmente aparece, ele manda mensagem para minha mãe, e não para mim?!

Não sei qual lugar ocupo no seu *ranking* de prioridades, só sei que, com certeza, não sou a primeira. Nem estou entre os cinco primeiros, se duvidar.

— Tá bom, então. Vou tomar um banho, escrever um pouco e ir deitar, ok?

— Tá bom, filha. Boa noite, não fique até tarde no celular.

Sorrio, assentindo, e dou um beijo no topo da sua cabeça, andando para o meu quarto. No silêncio, conforme me dispo e entro debaixo do chuveiro, minha pele pulsa com lembranças dos lábios e mãos de Eros nos pontos exatos em que tocou. Meu pescoço, minha cintura, minhas coxas... Meu corpo sacoleja em resposta, enquanto um sorrisinho torce minha boca. Que, falando nela, está bem carnuda e meio roxa.

Não lembro de ter tido um beijo tão bom a ponto de acontecer isso.

Me enrolo com a toalha e saio do ambiente abafado, caçando minhas roupas de dormir e vestindo-as. Um short moletom e uma blusa rasgada de algodão. Sem demora, ligo o notebook e me sento à frente do visor, tamborilando meus dedos na mesa, esperando o programa de escrita abrir.

Estou inspirada, e o motivo disso é vergonhoso. Na cena do primeiro beijo do casal do meu livro, onde eu não sabia por onde começar e estava com um bloqueio criativo terrível, agora tenho cada detalhe em minha memória com tanta clareza que nem perco tempo tentando anotar em uma folha antes.

Diálogo, localização, os movimentos... Espero que isso nunca chegue em quem não deve.

Antes de começar a digitar, no entanto, envio uma mensagem para Brooks, apenas para atiçar sua curiosidade. Depois de encontrar com meu pai, irei passar na casa dela e contar cada mínimo detalhe, por mais íntimo que seja. Não costumo ser detalhista nesse sentindo, mas... há exceções.

Dou risada apenas de imaginar seus surtos e gritinhos durante a história.

Al yssa *oi, aconteceu um ngc hj*
Al yssa *amanhã te conto*

Aperto a tecla e envio para minha amiga, desligando o celular. Cerca de dois minutos depois, ouço o aparelho pipocar de mensagens. Gargalho do seu desespero, contudo, não respondo nenhuma. Estou focada, 100% focada. Minha meta é terminar um capítulo inteiro hoje e, depois, ir dormir.

Duas horas se passam.

Capítulo 19 encerrado com 4 mil palavras.

A sensação vigorosa me apodera. Estico as costas e os dedos, estralando meu pescoço dolorido, e fecho o notebook, me sentindo realizada por ter escrito tanto. Quero compartilhar isso com alguém, e como estou evitando Brooks, que desde às 19h não parou de mandar mensagem, entro no contato da minha mãe. Ela está a poucos cômodos de distância, mas a preguiça me impossibilita de ir até lá.

Al yssa:*oooi*
Al yssa:*consegui terminar um capí tulo inteiro do meu livro!!!!!*
Al yssa:*f az tempo que não escrevo tanto, estou f eliz**??***

Embora *online,* ela demora mais tempo do que eu gostaria para responder. A animação começa a se esvair ao esperar ansiosamente por uma mensagem dela.

E, quando vem, não me deixa tão feliz quanto eu gostaria.

Mãe: *Hum... Que bom*
Mãe: *Parabéns*
Mãe: *Vá dormir, está tarde*

Ah, certo. Eu deveria imaginar que ela não soltaria fogos de artifícios na rua ou compraria um bolo só para comemorar algo tão

fútil.

Suspiro, entristecida, e me levanto da cadeira giratória, pegando minha bíblia na escrivaninha. Deito na cama e arrumo os travesseiros para servirem de apoio. Após orar baixinho, abro o exemplar e começo a ler. Fico encantada pelos ensinamentos de Jesus e meu coração se conforta com suas promessas. Choro um pouquinho algumas vezes também, grifando alguns trechos e anotando no meu caderninho.

Quando termino de ler, já são meia-noite em ponto, mas, sem um pingo de sono, ponho a Bíblia de volta na minha escrivaninha e deito minha cabeça no travesseiro, cobrindo-me com a manta. Fico de barriga para cima, olhando para o teto, os dedos dos meus pés se contorcendo sempre que lembro de algo relacionado a Eros, acompanhando o sorriso abobalhado que meus lábios formam.

Boba. Exageradamente boba.

Em algum momento entre minhas reviradas incessantes na cama e minhas tentativas de pegar no sono, meu celular vibra. O nome demora a aparecer na tela, devido ao aparelho travado pela superlotação de mídias, mas, quando aparece, solto um gritinho abafado no travesseiro, meu rosto quase se partindo ao meio.

Demoro uns dez segundos para atender, só para que ele não pense que estou sendo muito fácil, e quando finalmente levo o celular à orelha, sussurro um “oi”. A gaiola de borboletas é aberta e elas voam livremente pelo meu estômago quando sua voz rouca preenche a linha.

— Oi, pequena. — Engraçado eu ter aprendido a amar esse apelido quando, há um tempo, eu não suportava. — Te acordei?

— Não — digo, camuflando ao máximo o tom abestalhado na minha fala. — Aconteceu alguma coisa?

— Não, não exatamente. — Pigarreia. — Na verdade... Queria te convidar para passar aqui no galpão amanhã...

— Queria ou ainda quer?

Ouço sua risada sarcástica.

— Ainda quero.

— Hum... — murmuro, rolando na cama. — Vai me matar e esconder meu corpo no meio dessas plantas?

— E ficar sem beijar essa boca? Não mesmo.

Tum-tum-tum-tum.

— Que horas? — fujo do assunto, pois se eu continuar instigando-o a falar sobre o que ocorreu há poucas horas, escutarei suas respostas sinceras e deixarei claro demais que estou me apai...

Não.

Não, não, não e não.

I mpossí vel.

Sacudo a cabeça, parando apenas quando sinto meu cérebro balançar dentro dela. Dentre tantas coisas absurdas que já pensei, essa conseguiu se superar.

Eu, apaixonada por Eros? Fora de cogitação. Já tenho problemas de mais.

Mas você está...

NÃ O. ESTOU.

— Umas 15h, se estiver bom pra... Tudo bem aí?

— Hã? Sim, claro. Por que não estaria? — Limpo a garganta, me recompondo.

— Tenho quase certeza de que você acabou de rosnar..

Minhas bochechas viram tomate.

— E-eu? C-claro que não.

Eros ri.

— Pareceu um cachorrinho bravo.

— Cala a boca — resmungo, enrolando os fios loiros nos dedos. — Sobre amanhã, não posso te dar uma resposta agora. Provavelmente só poderei ir se a Brooks for também, então... é.

Evitei falar sobre isso porque não queria parecer uma garotinha dependente que ainda vive debaixo da proteção dos pais — o que é exatamente o que eu sou. Garotas da minha idade, estilo Brooks, já batem as próprias asinhas e fazem o que querem da vida sem uma consultoria direta aos pais. Não que eu não aprecie o cuidado dos meus, mas, às vezes, me sinto sufocada.

— Hum... Depende — pondera. — Ela é daquelas amigas chatas que ficam toda hora no pé igual carrapato? Porque, caso

seja, serei obrigado a te sequestrar. Não quero ninguém atrapalhando os beijos que irei dar em você.

Escutá-lo dizendo isso tira um peso excruciante do meu peito. Saber que não sou a única com o desejo ardente de beijá-lo de novo me deixa menos apreensiva. Isso quer dizer que ele gostou do nosso beijo, que só aqueles não foram o suficiente.

Que bom, pois para mim também não foram.

— Acho melhor você respeitar minha melhor amiga, Russell, porque mesmo que seus "beijos" sejam excelentes, não irei trocá-la. — Finjo meu melhor tom de raiva, mas a verdade é que estou sorrindo.

— Então você admite que meus beijos são excelentes?

Reviro os olhos.

— Seu ego está muito grande ultimamente. O que aconteceu?

— Uma certa garota me chamou de lindo hoje, não posso evitar me sentir assim depois disso.

Boto a ligação no mudo e dou um gritinho eufórico, sorrindo tanto que corre um sério risco da minha boca não voltar mais para o lugar.

— É? E quem foi essa pessoa?

Eros suspira, pensativo.

— Ela tem cabelos loiros, olhos em um tom entre o amarelo e o verde, um corpo que me deixa louco e um beijo que não sai da minha cabeça... — enumera, sugestivo. — É, de longe, a garota mais linda que já vi.

Senhor, ele não pode falar essas coisas e esperar que eu não me apaixone, pode?

— E você já beijou a garota, Eros? Que feio... Deveria ter esperado mais. Vai que ela é uma moça recatada e de família.

— Não teve nada de recatado na maneira em que retribuiu o beijo, garanto.

— Chato — critico, torcendo os dedos na manta. Mordo o cantinho dos lábios. — Estou com saudades de você — sussurro, incapaz de segurar esse pensamento só para mim. — Sei que pode parecer loucura, até porque estávamos juntos há pouco tempo, mas... eu não sei. Desculpa, isso não faz o menor sentido.

— Diga isso para a saudade imensa que *eu* estou de você, pequena. Foda-se horas que passamos juntos, os minutos, sei lá. Não foram suficientes. E se eu for sincero comigo mesmo, só te liguei para ouvir sua voz.

Meu coração retumba nos ouvidos, louco.

Eu... eu escutei isso mesmo? Tipo... de verdade, verdade? Ele está com saudades de mim? Ele me ligou só… para ouvir minha voz?

Meus olhos se inundam. Nunca pensei que alguém, algum dia, sentiria falta da minha presença, da minha voz, que me ligaria só para ouvi-la. Leonardo sempre deixava claro que minha presença o incomodava, que me ouvir *f alar* era irritante. Ele me fez desacreditar que alguém me enxergaria com outros olhos. E agora... Eros aparece e insinua que aprecia essas duas coisas, que *gosta* de estar comigo.

A primeira lágrima cai, e com isso, entrego o jogo.

Estou apaixonada por esse cara.

Não me desespero como achei que faria. Não surto, não me xingo ou amaldiçoo todas as minhas gerações. Ainda que eu esteja levemente aflita por essa constatação, estou leve, sobretudo. Não é novidade para ninguém que, com ele, eu me sinto segura. Me sinto bem. Confiante. Senti aquela coisa estranha no nosso beijo não por ter sido apenas a morte de um desejo reprimido, mas, sim, a junção da minha alma com a dele. Senti-as se entrelaçando, se encaixando.

Deus... Como eu quero que isso seja recíproco. Como eu quero que ele tenha experimentado o mesmo.

Extasiada, não demonstro. Viro de um lado para o outro da cama. Inúmeras vezes. Inquieta. Receosa.

— Quer conversar? — ele pergunta, depois de alguns minutos em silêncio.

— Sobre o quê?

Tenho que dormir, mas não quero parar de falar com ele.

— Qualquer coisa que você quiser... Tudo.

Então, é exatamente isso que fazemos. Nós conversamos sobre tudo, e ao mesmo tempo, nada.

Música.

Eu cito meus cantores favoritos, as músicas que mais tocam no meu fone e as ocasiões que elas me ajudam a relaxar. Como já sei, ele conta sobre suas bandas de rock favoritas e o esforço que está fazendo para adentrar no ritmo pop, mesmo que não suporte as letras melancólicas e a dramatização.

Chamo-o de insuportável, e ele me chama de linda, mas só porque é descarado.

Eros não tem doce favorito, prefere os salgados, principalmente os com muita gordura. Ele veio para os Estados Unidos aos 13 anos e demorou para se adaptar aqui. Seu sotaque ainda é forte e algumas palavras não são pronunciadas com muita coerência porque o vocabulário dos dois países são muito distintos, e, antes de vir para cá, ele nunca havia tido contato direto com a língua.

Digo que seu sotaque o deixa sexy e atraente, mas só porque ele não pode me ver.

Um dos seus objetivos é voltar para seu verdadeiro lar quando estiver financeiramente estável e puder levar seus avós consigo. Pergunto sobre seus parentes, e ele diz que não tem contato com nenhum.

Seu filme favorito é *Top Gun*, o do ano de 1986. Não me surpreendo, no entanto. É bem a cara dele gostar de coisas antigas e achar o máximo. Falo a ele que nunca assisti, e Eros, depois de passar dez segundos mudo, afirma que é uma obrigação de todo o ser humano apreciar a atuação impecável do Tom Cruise.

Eu sorrio, pois sei que, se ele estiver envolvido, eu meio que topo tudo. Até mesmo assistir um filme mais antigo que minha vó.

Eu também lhe dou fatos sobre mim, como minhas séries favoritas e minha obsessão por filmes ou livros tristes. Ele gargalha e me chama de louca, dizendo que não devo bater muito bem da cabeça. Dou de ombros e concordo, sorrindo. Meu coração galopa com o som da sua gargalhada.

Gargalhada sincera.

Se fosse possível armazenar sons espontâneos dentro de um potinho, eu reservaria um bem grande só para as suas risadas.

Também conto sobre minha carreira de escritora amadora nas horas vagas. Eros se interessa como ninguém nunca fez e me pergunta sobre tudo. O gênero, nome dos personagens, onde se passa, quantos capítulos eu tenho escrito... Digo a ele as cenas que estão na minha cabeça e um pouco das dificuldades que sinto na hora de escrever. Eros pergunta de onde veio tanta inspiração, então aproveito para falar das minhas escritoras favoritas.

São coisas que provavelmente outras pessoas achariam chatas, mas que ele me ouve e faz parecer grande coisa. Acho que me apaixonei um pouquinho mais por ele.

— Então você tá me dizendo que a Louise começou a se relacionar com o Will após um trabalho? — reflete, estalando a língua. — Isso me lembra uma coisa.

Rolo os olhos.

— Comecei a escrever antes de te conhecer. Foi só uma infeliz coincidência.

— "A vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida"... [7] — Suspira. — Posso ler?

— Não.

— O quê? Como assim? É claro que eu posso!

Rio baixo.

— Se eu disse que não pode, é porque não pode.

— Mas... — Respira fundo. — Você contou literalmente *tudo* sobre o livro, por que eu não posso ler?

— Porque... ainda estou insegura com alguns pontos da história. Tenho vergonha.

Já cometi o erro de mostrar um pouco do que eu escrevo para... Leonardo e Nicole, e eles... bom, falaram coisas que me machucaram.

Leonardo disse que eu nunca conseguiria chegar longe com uma história tão idiota; Nicole, então, que um clichê meia-boca só agradava quem nunca leu um livro de verdade.

Por isso, desenvolvi um bloqueio criativo terrível de três meses, decidida a largar com esse sonho.

Acontece que a escrita está enraizada em mim. Quando nada vai bem, é nela que eu me refugio. Passo para o papel aquilo que dói, que alegra. Crio personagens e eventos inspirados na vida real. Tento me confortar com o rumo legal que, nas histórias, os personagens sempre tomam, e deixo todos terem o seu final feliz.

Infelizmente, acho que nunca conseguirei arrecadar coragem o suficiente para publicá-lo.

— Vergonha de que, pequena? Não precisa ter vergonha de algo que está tão bom.

— Você nem leu.

— Percebi isso pelo pouco que me contou — devolve.

Dou uma respirada profunda, deitando de lado na cama e envolvendo meus braços no urso de pelúcia.

— É só que... — Engulo em seco. — Não acho que minha história seja muito legal, sabe? Tenho o sonho de publicar meu livro e conquistar milhares de leitores, mas... Não sei se sou capaz disso.

— Você é capaz de tudo, Aly — jura, e eu quase acredito em suas palavras. — Eu não nasci sabendo tocar guitarra, foram meses de estresse, vontade de desistir e dedos cheios de bolha. Já cheguei a quebrar propositalmente as cordas de uma guitarra depois de jurar que nunca mais tentaria de novo, e que eu não havia nascido pra isso. E agora... Reconheço que não sou o melhor do mundo, mas realizei dois sonhos de uma só vez: aprender a tocar e tocar para uma plateia.

“Não desista sem antes tentar de todas formas possíveis. Se você acha que sua história não está boa, apesar de eu duvidar fortemente, aperfeiçoe. Escreva, apague, reescreva, peça ajuda, leia livros com a mesma temática, crie um cronograma para ter só a escrita como foco por algumas horas... Recorra a todos os meios, pequena, só não se dê por vencida. E também tenha em mente que não irá agradar todo mundo. É importante.”

Não percebo quando uma lágrima cai e vai de encontro ao travesseiro. Ele não sabe o quanto ouvir isso é importante para mim. Não as palavras em si, mas a sua preocupação. O jeito como me encoraja e faz meu peito se desintegrar em milhões de pedacinhos.

— Tá bom — sussurro. — Eu deixo você ler.

5, 10, 15, 20 segundos se passam quando ele decide dar sinal de vida.

— Sério?

— Uhum — murmuro, receosa.

— Cacete, se eu soubesse que te convenceria a me mandar só por causa de um monólogo, teria feito antes — brinca, pois eu sei que foi sincero em cada palavra. — Vai me enviar agora?

— É. — Clareio a garganta. — Mas antes, vou desligar. Não quero você lendo comigo aqui.

— Ah — sopra, parecendo decepcionado. — Pode ser.

— Então... Boa noite — desejo, relutante.

— Estou esperando. — É sua resposta.

Por sorte, estamos em chamada, porque minha careta de frustração é nítida. Eu esperava que ele fosse ceder e me dar um "Boa noite" de volta. Mas Eros é difícil. O perfeito retrato de um senhor rabugento.

Avisando que já vou enviar, desligo a ligação, entrando nas pastas perdidas do meu celular até achá-lo. Tenho o arquivo salvo nos dois aparelhos, pois quando estou inspirada, tenho que escrever o mais rápido possível para não esquecer tudo depois.

Assim que encaminho o documento, Eros visualiza na mesma hora, mas não responde. Minhas pestanas começam a pesar, e como uma onda, o sono ricocheteia meu cérebro. Digito que já vou dormir, desligo o celular e o boto na escrivaninha.

— Deus — começo a orar baixinho. — Sei que, nos últimos anos, eu tenho feito essa oração uma centena de vezes, mas dessa vez é de verdade. Pai, eu estou gostando *tanto* dele. Gostando não, acabei de perceber que estou apaixonada, e acho que é a primeira vez que afirmo isso com tanta convicção. Mas ele é difícil, muito. Sabe aqueles velhos ranzinzas que vivem brigando e com raiva? Então, é ele, e acredita que até isso conseguiu me encantar? — Rio. — Meu Deus, o pedido que eu vou fazer é um pouco ingênuo, ou muito, aliás, mas... na Bíblia diz que nada é impossível para o Senhor, certo? Então, por favor, pode responder à minha oração?

Limpo a garganta, sentindo-a embargar, e continuo:

— Queria te pedir para que ele se apaixonasse por mim também — sussurro. — Que ele não se importe com meu corpo e não o trate como se fosse um problema. Que... ele venha ficar todo bobo ao lembrar de mim e que me ligue em momentos inoportunos do dia. Algo besta, eu sei, mas deve ser legal se sentir especial a esse ponto — pondero, fazendo círculos invisíveis na colcha da cama. — Ele age como se eu fosse importante pra ele... mas não sei o que isso significa. — Balanço a cabeça. — O Senhor deve estar cansado de ouvir meus desabafos, é só que, sei lá, estou tão cansada de nunca ser o suficiente. Tenho certeza de que não sou muito interessante, mas Eros age como se tudo o que eu dissesse tivesse valor... Seria bom ter alguém como ele ao meu lado. — Sorrio outra vez. — Enfim, Deus, é só isso mesmo. Muito obrigada pelo dia de hoje. Eu lhe amo muito.

Durmo como há semanas não vinha acontecendo. Sem remédios, sem insônia, sem nariz entupido ou cabeça latejando.

Pego no sono tão rápido quanto o sorriso que nasce em meu rosto ao lembrar *dele*.

E todas as coisas que o envolve.

Eros: *Terminei a merda das 200 páginas*

Eros: *Porra, me diz que o Will vai socar a cara daquele desgraçado do Ray no próximo capí tulo*

Eros: *E me põe na história, eu posso ajudá-lo a esconder o corpo*

Eros: *Mas me f az rico, por f avor Não posso f azer muita coisa na minha situação real*

Eros: *SÉRI O, AL SSA, DÁ UM J EI Ø NAQUEL E CARA*

Eros: *Cacete, quanto mais eu penso, com mais raiva eu f ico*

Eros: *Ah, tive um dejà-vu em algumas cenas...*

Eros: *Há algo a declarar, monstrinha?*

Eros: *EL ES SE BEI J ARAM*

Eros: *PENSEI QUE EU F OSSE ESPERAR MAI SCI NCOMI L ANOS PRA I SSO ACONTECER*

Eros: *Posso te acusar por plágio por ter copiado o NOSSO primeiro beijo?*

Eros: *Fiquei com ciúmes*

Eros: *São 4h da manhã, espero que você esteja dormindo f eito um bebê*

Eros: *Até amanhã, pequena*

Eros: *Dorme bem*

21

Eros Russel

Morango é o meu novo sabor favorito.

O sabor exato dos lábios de uma mulher que iluminou um pedacinho da minha alma sem que eu me desse conta.

Ou, se eu for honesto... isso tem acontecido muito antes mesmo de eu *pensar* em como seria quando sua boca cobrisse a minha.

Há poucos minutos, eu estava beijando Alyssa Blair, e sempre que nossos lábios se tocavam e ela me acariciava daquele jeito puro e tímido, traçando as tatuagens da minha mão e sem querer entrelaçando nossos polegares, ela roubava um pedaço de mim.

Eu a quero tanto que dói.

Não é algo momentâneo, passageiro ou que logo vai acabar. Eu sei disso. *Mon Dieu*, como eu sei!

Tive convicção desse fato quando Alyssa saiu do carro e eu ainda estava inclinado para ela como um cãozinho desesperado pela atenção do seu dono. Ela me tem na mão e nem tem ideia disso.

Torci baixinho para que ela se virasse, desse a volta no carro e assaltasse meus lábios com outro beijo. Eu poderia passar o resto da minha vida provando dela. Vagando minhas mãos por seu corpo. Conhecendo cada centímetro da sua pele.

“E eu te odeio por não conseguir te odiar” foram as palavras mais sinceras que já disse a alguém. Eu não lembro da última vez que odiei essa garota, sequer sei se algum dia a odiei de verdade. Tudo da qual tenho certeza é do meu corpo formigando e da droga de um sorriso que insiste em repuxar minha boca enquanto passo a chave na fechadura e abro a porta de casa.

Alyssa Coleman Blair, a boa garota que vive debaixo da proteção dos pais, louca por livros e quieta. Ela fez isso comigo.

O beijo de um anjo me deu vida. Fez meu coração voltar a bater.

Encontro minha vó de pé ao lado do fogão, esquentando seu leite, que sempre a auxilia no sono. Ela está ganhando um peso considerável desde que começou o tratamento pra valer. Lembro-me que, no início, ela mal conseguia andar de tão fraca que estava. É bom vê-la tão ativa nesses últimos dias.

— Deixa que eu faço, vó. — Caminho na sua direção e tomo a chaleira quente das suas mãos, despejando o líquido escaldante em sua xícara e adicionando o açúcar derretido, mexendo com uma colher.

Por incrível que pareça, ela não pestaneja.

— *Merci mon bon Dieu!* [8] — agradece, se recostando na bancada. — Aquele seu avô tá tirando minha paciência. No dia que eu enfiar um cabo de vassoura na bunda dele, talvez crie vergonha na cara e me trate como uma dama.

Gargalho, leve como uma pluma. O som rolando com facilidade para fora da minha garganta.

— O que ele fez dessa vez, *grand-mère*[9]?

— Ele comeu o bolo que eu deixei na geladeira, e quando eu o mandei comprar dois pra mim amanhã, ele disse que não ia! — reclama. — Vou dormir na sua cama hoje, me recuso a dividir espaço com aquele brutamontes.

— Que feio, Emma Durand. — Emito um estalo com a língua, entregando a ela a xícara e pedindo para que tome cuidado. Ela agradece. — Por que não mandou ele dormir no sofá? Seria uma punição maior.

Minha vó torce o nariz, soprando a fumacinha e bebericando o leite.

— Porque eu amo aquele insensível. Não quero deixá-lo com as costas doloridas amanhã.

Dou um sorriso de canto, cruzando os braços.

— Sabe a Alyssa? — É hilário como seu rosto passa de raiva para alegria em segundos. Emma assente várias vezes, com os olhos arregalados em expectativa. — Nos beijamos.

A mulher fica estática por instantes que mais parecem horas. Lentamente, um sorriso vai crescendo em seu semblante, até se tornar algo humildemente assustador. Eu teria me espantado se não estivesse esperando o grito fino que dá.

— Sério? Sério? Sério*? SÉRI O?!*

Faço uma careta, anuindo.

— Seríssimo, vó.

— *AAAAAAAAAAH!!!* — berra, dando pulinhos e cutucando meu braço. — E como foi? Foi bom? Ela beija bem? Quando foi? Em que situação?

Um sorriso travesso se forma no canto dos meus lábios.

— Por que a senhora quer saber se ela beija bem?

Emma abre a boca para responder, mas ao entender a pergunta, pega um pano de prato estendido no varal ao nosso lado e bate com ele contra meu peito. Rio alto.

— Me respeita, palhaço. Eu sou casada há 50 anos e amo meu marido — se defende, torcendo o nariz. — Sou apenas uma vó curiosa, é proibido agora?

— De jeito nenhum. — Planto um beijo no topo da sua cabeça. — E respondendo às perguntas, foi incrível; ela beija bem pra cacete; faz alguns minutos; e... aconteceu no meio de uma briga, na caminhonete do meu avô.

Emma estreita os olhos.

— Vocês não fizeram nenhuma indecência lá dentro, fizeram?

I nf elizmente não.

— Defina “indecência” — provoco, recebendo outra tapa com o pano. — Não, *grand-mère*, não fizemos.

— Mas bem que você queria... — resmunga.

— Bom saber que a senhora me conhece. — Dou de ombros, rindo da sua expressão desgostosa. — Mais alguma coisa?

Ela olha para os próprios pés, como se quisesse me questionar algo e tivesse medo da resposta.

— *Vocêsestãonamorando?*

— O quê?

Minha vó bufa.

— Perguntei se vocês estão namorando... — murmura.

— Sinto lhe decepcionar, mas não. E antes que diga algo, isso nunca vai acontecer.

— Mas ela é tão fofa... e legal... e gentil... e carismática... e linda... — diz, chorosa. *Eu sei, vó. Eu sei.* — Pelo menos vou poder vê-la de novo?

Dou de ombros.

— Também não sei. A família dela é bem rígida, não é sempre que Alyssa pode sair de casa. — Meu sangue ferve ao lembrar do estado em que encontrei seu rosto depois de ter vindo para cá. — Ainda mais para encontrar alguém como eu.

— Alguém como você? O que tem de errado com o meu bebê?

Sinto que nunca vou parar de ser o bebê dela, não importa o que eu faça. É bem incoerente, considerando tudo o que fiz ao longo desses anos.

Respondendo à pergunta sem precisar dizer muita coisa, estendo os braços e mostro as inúmeras tatuagens.

Emma arqueia a sobrancelha.

— Não entendi. Isso define seu caráter?

Suspiro, sabendo que é uma batalha perdida discutir com ela.

— A senhora sabe o que dizem sobre caras com essa aparência.

— Mas os pais dela nem conhecem você — declara, muxoxa. — Quer que eu fale com eles?! Posso convencê-los a autorizar o namoro de vocês!

Minha vó carrega consigo um pouquinho de cada traço da personalidade de Lina, minha mãe. Sua alegria, as palavras sinceras e calorosas, a vontade de sempre dar um jeito em tudo...

Um bolo se forma em minha garganta com memórias que me acompanharão até o túmulo. Forçando-o para baixo, me obrigo a falar:

— Não, vó, eu não quero namorar com ela.

Sua animação vai para o ralo.

— Não?

— Não.

— Ah — sopra, os olhinhos azuis como o mar marejados. Me sinto um merda por isso. — Tudo bem, então.

Alyssa é a única garota que desperta em mim um desejo que vai muito além de possuí-la na minha cama. E também é a única que eu não posso ter.

Sou todo quebrado, fodido, tenho traumas que me acompanham e eu não sei se algum dia poderia fazê-la feliz. Quando perdi o homem que mais amei na minha vida, sinto como se ele tivesse levado tudo de bom que eu ainda tinha guardado. A morte dele me destruiu, assolou, aniquilou qualquer vestígio do Eros que fui um dia. Tenho pesadelos constantes com ele, não consigo dormir e tenho *f lashbacks*vez ou outra do seu pescoço enrolado por uma corda. Do perfume impregnado na carta que me deixou. Do sorriso nos seus lábios pálidos quando fecharam o caixão.

Descumpri a promessa que fiz ao meu pai no segundo em que meu coração deu um salto por Alyssa, no primeiro dia de aula, quando a vi sozinha e nervosa, lendo um livro qualquer, mas mal prestando atenção nele. Quis protegê-la, me assentar ao seu lado e tentar acalmá-la.

Minha garota merece o mundo, e eu não tenho como dar isso a ela. Porque mesmo que eu queira presenteá-la não só com o planeta, mas também com as estrelas e a lua, um casinho passageiro é a única coisa que está ao meu alcance.

Pigarreando, sorrio sem humor, deixando um beijo na sua testa.

— Vou deitar, tudo bem? — Ela assente, ainda cabisbaixa. — Se meu vô estiver acordado, diga que desejei boa noite.

Emma revira os olhos.

— Aquele dorminhoco já deve estar no décimo quinto sono — reclama, colocando-se na pontinha dos pés para beijar minha bochecha. — *Bonne nuit f ils. Que Dieu te bénisse.*[10]

Alyssa é uma escritora do caralho. Não consigo parar de pensar na sua história e nos personagens.

Porra, aquele Ray merece levar umas boas surras para aprender a ser gente, e não vejo a hora do Will reagir e mostrar quem manda. Não acredito que ele realmente ouviu Ray ofendendo Louise, a mulher que diz amar, com palavras tão escrotas e que não irá fazer nada!

Subo na moto e olho o horário, percebendo que faltam apenas 1 hora para encontrar Alyssa. Ela mandou uma mensagem mais cedo avisando que iria. Acompanhada de Brooks, mas iria.

Não vou mentir e dizer que fiquei contente com a companhia da sua amiga, porém a loira disse com total certeza que ela não seria uma chata e grudenta. Ainda por cima me ameaçou, dizendo que não me beijaria se eu falasse mal dela mais uma vez.

Me calei na mesma hora.

Quando chego ao galpão, desço do veículo e ponho o capacete no guidão, avistando apenas Bradley no sofá que mandei colocar mais cedo.

— Cadê o Fox e Jae? — pergunto, indo em direção ao bebedouro e enchendo um copo d'água.

— Viajaram com suas respectivas namoradas — responde. — Voltam depois de amanhã.

— Beleza. — Me jogo na cadeira à frente do sofá. — Vou trazer uma garota pra cá. Duas, na verdade.

— É mesmo? — ele se interessa, largando o aparelho celular e cruzando os braços. — Quem?

— São do colégio, Alyssa e Brooks — digo. — Brooks veio só para acompanhar a amiga, porque Alyssa não pode... ir para certos lugares sozinha.

— Ah! Alyssa é a garota que você fala 24 horas por dia? — exclama. — Porra, eu sabia que tinha algo por trás... O que ela vem fazer aqui?

Cerro os dentes.

— É sobre isso que eu quero falar. — Empertigo-me. — Não há nenhum motivo para eu tê-la chamado, por is...

— Não há nenhum motivo? — interrompe, surpreso. — Como assim?! Tá gamado na garota mesmo, hein?

— Cala a boca! Não tem ninguém gamado aqui — rosno, resolvendo ignorar seu "sei" sussurrado. — Por sorte, ela não perguntou a razão para eu chamá-la, mas quando ela chegar, diga que... que... — *Merda, qual vai ser a desculpa que eu vou inventar?* — Diga que ficou sabendo do trabalho que estamos fazendo e que ficou interessado em conhecê-la.

Pronto, motivo perf eito.

Bradley coça o queixo.

— Tudo isso pra não dizer que está de quatro por ela?

— Não estou de quatro por ninguém, filho da...

— Que agressividade para com a pessoa que irá salvar sua pele e impedir que a fama Eros-Cachorrinho se espalhe por aí. — Eleva a voz, me interrompendo.

Reviro os olhos com ódio ao mesmo tempo que encrespo a testa. *F ácil assim?*

— Vai fazer? — pergunto, desconfiado.

— Depende. — *L á vem.* Bufo. — Ela vai trazer comida?

— Óbvio que não.

— Então... contrato desfeito.

Porra, que vontade de estrangular esse f ilho da puta.

— Tá passando fome, caralho?!

— Não, mas para tudo tem que haver uma troca — diz. — Uma caixa de pizza em troca do seu segredo sujo guardado a sete chaves.

— "Meu segredo sujo" o cacete — ladro, fechando as mãos em punho. — Não vou pedir a ela para gastar dinheiro com inutilidade, Bradley. Esquece isso.

— Que pena. Vai ser legal passar no Pet-Shop e comprar uma coleira pra você.

Ele tá tirando sarro da minha cara, cacete?

— Bradley, para com essa merda — ordeno.

Ele suspira dramaticamente, se esticando no acolchoado e estralando os dedos, irônico.

— Tá bom, tá bom, a amiga dela é gata?

— Não vou te responder uma merda dessas.

— Qual é o problema em dizer que sim ou não?! — contrapõe, indignado.

— Ela namora, porra.

— Foda-se? Não vou dar em cima da garota, só perguntei se ela é gata ou não.

Fecho os olhos, respiro fundo, conto até dez.

— Eu te conheço, Bradley. Você vai ficar em cima da menina igual urubu o tempo todo — acuso, e ele não responde, com um sorriso debochado crescendo no seu rosto. Massageio a têmpora. — Ela é bonita.

— Bonita quanto?

— *Bonita*, Bradley. Não vou classificar a beleza dela como se fosse algum tipo de competição.

Bradley ergue as mãos em rendição, aquiescendo.

— Ok, ok. Não tá mais aqui quem perguntou. — Pega o celular novamente. — Não vou falar nada a Alyssa, prometo.

— Eu espero, Bradley, porque se você me fizer passar vergonha...

— Eu *prometo*, cara. Relaxa, abaixa a bola, respira e inspira, vai tomar um chá de camomila também, tá muito nervoso.

Mostro o dedo do meio pra ele, que retribui, rindo. Levanto-me da cadeira e vou ao banheiro. Antes de começar a banhar, entro no aplicativo de músicas e ponho *Style*, de uma tal de Taylor Swift. Eu não conhecia a mulher até uns dias atrás, mas agora que descobri que essa música me remete a momentos com Alyssa que eu não quero esquecer nunca, e que diz tanto sobre nós, não paro de escutar.

A voz da mulher preenche o ambiente pequeno conforme tiro minhas roupas e me enfio debaixo da água gelada, e sem que eu perceba, meus lábios estão acompanhando a canção.

You got that long hair slicked back
White T-shirt
And I got that good girl Faith
And a tight little skirt
'Cause we never go out of style
We never go out of style[11]

Eu sorrio no refrão, porque, cacete...

Nós nunca saí mos de moda, pequena.

22

Alyssa Blair

À s6h da manhã, já estou de pé ao lado do fogão, mexendo na frigideira impaciente enquanto checo a todo momento se as torradas já assaram. Não temos uma torradeira, o que dificulta bastante, pois, além de esfomeada pela manhã, eu sou ansiosa.

E hoje há um motivo em específico para isso.

Eu dormi bem a noite inteira, isso é fato. Até às 4h da manhã, não tive nenhum pesadelo e nem acordei suada no meio da noite, atormentada. À s 4h50, essa realidade mudou, entretanto. Não lembro de muitas coisas, apenas de algumas cenas bem fracas, mas envolvia meu pai, e isso foi o suficiente para me fazer despertar e não conseguir mais dormir.

Fiquei longos minutos olhando para o teto até decidir fazer algo mais útil do que contar os pequenos furinhos no concreto. Tomei banho, vesti uma roupa de casa — levando em conta que ainda faltam 2 horas para encontrá-lo —, e desci, a fim de preparar meu

café. Meus pais ainda estão dormindo, e não irão acordar até que o alarme da mamãe anuncie 10h.

Tenho algum tempo em paz antes da turbulência que será a conversa com meu pai.

Com a torrada finalmente pronta, ponho na bandeja ao lado do chocolate quente, sento no sofá, cruzando minhas pernas em borboleta, e encaixo a bandeja em cima delas. Entre as mastigadas, pego o celular e abro no aplicativo de mensagens, meu coração dando um pulinho ao visualizar algumas de Eros.

E outras de Brooks. Ela ficou até às 1h30 da manhã implorando e fazendo ameaças para que eu falasse logo, e como uma boa amiga, digo a ela que vou passar lá mais tarde para contar tudo.

Sorrisos e sorrisos são arrancados dos meus lábios conforme vou passando as mensagens de Russell e lendo cada uma. Ele me mandou alguns áudios xingando também, todos pedindo para que eu mate o antagonista da minha história, Ray.

Eros: *PUTA MERDAAAAAAAAAAAAAAA*

Eros: *Mata esse homem, pequena, é sério*

Eros: *Esse cara aparece e eu automaticamente quero arrancar os meus cabelos*

Gargalho, bebendo um gole do chocolate para não engasgar.

Digito uma mensagem rápida para ele, com *emojis* rindo, e frisando que não irei dar nenhum spoiler. *Minha boca é um túmulo,* digito*, vai ter que ler o resto para saber.*

Não deixo de reparar no horário em que foi dormir. Ele desativou o *visto por último*, é óbvio, mas pelo horário que me enviou seus surtos, a última às 4h da manhã, foi *bem* tarde. Será que ele ficou acordado tanto tempo apenas para ler? Não acredito muito nessa hipótese. Ninguém que tem um sono regular consegue aguentar por tanto tempo.

Será que ele é como eu? Possui problemas para dormir? E, se tiver, qual é a razão?

Existem tantas coisas que eu quero saber sobre ele. Odeio ficar no escuro assim.

Sem respostas dele e muito menos de Brooks, que costuma acordar depois do meio-dia e olhe lá, entro no aplicativo e ponho minha série favorita para reproduzir, “Sen Çal Kapimi”. Pela quantidade exorbitante de episódios e minha falta drástica de tempo, estou empacada na família do 20 há 1 mês e meio.

Enquanto as brigas inacabáveis de Eda e Serkan rolam na tela, uma paz me preenche. Faz tanto tempo que não tenho um momento só para mim que estava esquecendo da sensação. O frio da matina, a brisa fresca resvalando na minha pele, roupas confortáveis e silêncio. Nesse momento, os beijos e os abraços de um certo cara não cairiam nada mal. Seriam muito bem-vindos, aliás.

Inconscientemente, toco meus lábios, lembrando do seu gosto mentolado envolvendo minha língua. Dos seus beijos no pescoço, das suas mãos me agarrando como se eu fosse a única mulher que ele quisesse tocar pelo resto da vida.

Não é pra tanto, Alyssa. Enquanto você está aí ,apaixonada por ele, ele só te teve como mais uma na longa lista de casos. Abaixa um pouco a bola.

Eu sei disso.

Suspiro, triste. Não quero que isso roube a minha paz, por isso, faço o máximo possível para empurrar esses pensamentos para longe. Bem, bem longe. Uma coisa que aprendi durante minhas decepções amorosas é que nunca devo enfiar os dois pés e me jogar de cabeça. A regra é: um pé na frente, mil atrás. Então, por mais que uma fagulha de esperança se acenda sempre que penso que, dessa vez, possa ser diferente, não deposito toda a minha confiança nisso. Não me odeio completamente a ponto de abrir feridas mais profundas.

Quase 15 minutos do episódio se passaram e eu não prestei atenção em nada. Chateada pelo tempo perdido, deixo prosseguir, focando nos conflitos imaginários e me desligando dos meus.



O Starbucks foi o escolhido para o ponto de encontro entre mim e meu pai. Por sorte, a cafeteria fica próxima à minha casa, então minha bicicleta é o suficiente para me deslocar até lá. Conforme pedalo pela ciclovia, meu estômago embrulha com a ideia de encontrá-lo após tanto tempo. Somos completos desconhecidos. Ele não sabe quase nada sobre mim, e eu, muito menos sobre ele. Mas eu estaria mentindo se dissesse que não sinto vontade de me aproximar dele e ter um pai biológico presente.

Escolhi minha roupa mais bonita do armário, e ela não inclui casacos, moletons ou blusas largas de mangas compridas. É um vestidinho azul-turquesa, que vai até um pouco acima do joelho, de saia rodada e bem cinturada. Estou me sentindo desconfortável, porque... faz muito tempo que não uso roupas nesse estilo.

Contudo, além de querer parecer apresentável para o homem que ajudou minha mãe a me gerar, há um motivo especial para eu estar usando-o: foi o último presente que me deu antes de se ocupar com o trabalho de tal maneira que acabou por me esquecer. Quando avistei a roupa empoleirada no fundo do armário, achei que seria um meio eficaz para nos aproximar. Ele perceberia que me importo e, então, poderíamos partir para aquela reação real de pai e filha.

Estaciono minha bicicleta no lugar adequado para o veículo e desço, arrumando o vestido que amassara durante a pequena viagem. Enxugo as palmas molhadas no tecido, escovo meus fios loiros para trás das orelhas e espalmo a região do meu coração, esperando-o se acalmar.

Pronta, viro para a cafeteria, e Clark Coleman é a primeira pessoa que meus olhos avistam. Ele não mudou muito nesse tempo. Continua com a barba por fazer, os cabelos escuros com algumas mechas brancas, denunciando sua idade, a postura de quem deseja possuir o mundo na palma da mão, mas de quem está longe de conseguir. Meu pai mexe no celular enquanto beberica o café no copo personalizado da marca.

Com as palmas grudentas, empurro o vidro e ando a passos curtos até ele, desejando um bom dia ao atendente atrás do balcão. Clark me olha sobre o aparelho, deixando-o de lado por uns

instantes e abrindo um sorriso de canto ao me aproximar e sentar na cadeira à sua frente.

— Vejo que está usando o vestido que lhe dei — comenta, satisfeito.

Assinto, sem saber o que fazer. Eu o abraço? Beijo sua bochecha? Digo que estou com saudades? Não temos esse tipo de relação afetiva, e por eu nunca ter sido induzida a tratá-lo dessa maneira em todos os meus 17 anos, não sei como agir.

Tenho um pai que ao menos sei a textura do abraço.

Que deprimente.

— É. — Sorrio sem mostrar os dentes. — É muito bonita.

— Sim, ela é. — Pousa a xícara sobre a mesa. — Crystine que escolheu. Ela tem um ótimo gosto.

Crystine é a sua décima namorada desde que rompeu com minha mãe, há muitos anos. Nenhum relacionamento do meu pai durou tanto, no máximo 1 ou 2 anos, mas agora parece ser sério, já que estão usando até alianças. Não duvido que tenham se casado sem me avisar.

Só vi Crystine uma vez, cinco meses depois de começarem a namorar, porém deu para perceber que é uma mulher legal. Me tratou como se me conhecesse há muito tempo e fez meu pai ser a pessoa mais simpática do mundo comigo.

Ainda assim, saber que estou usando um vestido que não foi escolhido por Clark me deixa triste.

— Pois é — murmuro, mexendo no cardápio sem muito interesse. — Vo... O senhor me chamou aqui por alguma razão ou... só queria ver se eu estava bem?

Que seja a segunda opção, que seja a segunda opção, que seja a segunda opção, que seja a...

— Há uma razão — fala. — Não tenho muito tempo para encontros banais assim, filha, você sabe.

Não f oi a segunda opção.

A opção banal*, no caso.*

— Hum... — Obrigo minha cabeça a balançar. — E o que houve?

Meu pai limpa a garganta, cruza as mãos acima do tampo de madeira e endireita os óculos no nariz, a expressão séria.

— Dentro de duas semanas, estarei partindo definitivamente para Flórida, com Crystine.

— D-definitivamente? Como assim?

— Oras, filha! Irei morar lá, não é óbvio?

Pisco uma, duas, três, quatro, cinco vezes, processando a informação. Ele está me dizendo que, depois de meses, resolveu aparecer só para me dizer que irá morar em... outro lugar? *Na Flórida*, um estado que fica a mais de 20 horas de distância daqui?

Eu desabo na cadeira mesmo estando sentada, pois não é meu corpo físico, é minha alma. Eu não deveria estar abalada, Deus, não *mesmo.* Mas por que eu sinto como se um pedacinho de mim estivesse sendo arrancado?

— Mas, pai... Por quê? — Controlo a voz embargada, não vou permitir que ele me veja desmoronar.

— Mais oportunidades de emprego, aqui está complicado. Conversei com Crystine e ela achou que seria uma boa ideia. Compramos as passagens e já estamos acertando com o novo morador da antiga casa. — Suspira. — Seu pai será um homem rico e poderá te dar tudo o que quiser, filha. Livros, roupas, um celular novo...

Não quero nada disso, pai, eu penso. *Tudo o que eu quero é a sua presença, seu amor, seu carinho. Nada material. Isso vai passar com o tempo. Livros envelhecem, roupas rasgam, celulares quebram e param de funcionar, mas não o amor que eu quero tanto receber do senhor.*

— Se acha melhor, então fico feliz. — Abro um sorriso tão falso quanto minha *felicidade* — Espero que conquiste tudo o que deseja. — *E espero que sua ambição doentia por poder não acabe lhe levando para o buraco.*

Clark sorri.

— Obrigado, filha — agradece. — Uma vez no mês, se eu estiver com um bom dinheiro guardado, posso te pagar passagens e levá-la para lá. É um lugar lindo, querida, você vai adorar conhecer

Concordo com a cabeça, mesmo que eu esteja negando com todas as forças por dentro. Não tenho a mínima vontade de conhecer Flórida e passar horas em um avião para encontrar alguém que não fez questão de me dar o que eu *precisava* quando teve a chance. Sem falar que morro de medos de aviões. Prefiro o conforto da minha cama a despreocupação com possíveis acidentes.

Miro o relógio quando o assunto desaparece. Ele desliza os dedos sobre o aparelho e eu fico como uma tonta implorando por uma migalha de atenção.

Ele me pergunta sobre os estudos. Falo que estou indo bem.

Ele me pergunta sobre minhas amizades, como se se importasse. E eu respondo que Brooks continua sendo minha melhor amiga.

Ele me pergunta sobre como anda as coisas em casa. E eu digo que estão “ok”.

30 minutos se passam.

Eu me levanto.

— É... Eu tenho que ir — anuncio, fingindo olhar a hora. — Tenho um trabalho importante para fazer com a Brooks e marcamos de nos encontrar agora — minto e sorrio. — Foi bom lhe rever, pai.

Clark também fica de pé.

— Oh, claro, eu entendo. — Põe as mãos no meu ombro e beija minha testa. Não tenho reação. — Inclusive, você anda comendo bem? — indaga ao se afastar, analisando-me de cima a baixo.

— S-sim — respondo, abraçando meu corpo inconscientemente. Um mecanismo de defesa que nunca funciona.

— Não parece, está parecendo um palito. — Rola os olhos. — Pelo amor de Deus, eu não tinha percebido que você estava tão magra até agora. Deve ser por causa daqueles moletons que sempre usa, né? — Nega com a cabeça. — Enfim, aqui não tem nada que dê sustança para comer, então, por favor, quando chegar em casa, se alimente direito, ok? Minha filha está magrinha demais, como vai conquistar um genro pra esse velho aqui? — Dá risada, como se tivesse dito a piada do ano. — Falando nisso, Crystine está grávida. Provavelmente uma garotinha. Estamos muito ansiosos.

Palito.

Olho para o espelho que tem bem ao nosso lado e vejo meu reflexo.

Magrinha demais. Como vai conquistar um genro para esse velho aqui?

Droga, não chora, por favor. Não aqui. Não agora.

Resfolego, um nó obstruindo minha garganta.

— Não sei mais o que fazer para ganhar peso, pai... — confesso, meu lábio tremulando. — Juro que já tentei de tudo, m-mas eu não consigo.

— É só comer muito! Tudo o que vir pela frente. — Mostra os dentes amarelados em um sorriso. — Não tenha frescura com comida, se empanturre até não aguentar mais. — Passa a mão no cabelo, continuando ao me ver assentir: — Então, você ouviu o que eu disse sobre Crystine?

É claro que ouvi, só estava esperando que isso fosse apenas uma alucinação e eu estivesse ouvindo coisas.

Meu pai vai ter uma nova filha. Eles irão conviver juntos e eu certamente serei só a irmã mais velha distante que já não faz mais parte da vida dele como alguém presente. Ele vai levá-la para a escola, vão conversar, assistir a filmes e brincar. Tudo o que eu sempre quis.

Um soco no estômago seria menos doloroso.

— Escutei, sim, e que bom, né? Vou ter uma irmãzinha... — Rio sem humor, mas ele não percebe. — Vai ser legal.

O sorriso largo que abre quase faz eu me sentir mal.

— É, vai ser. — Coça a nuca, sem jeito. — Nos vemos por aí?

— Claro.

Não é algo dito da boca para fora dessa vez. Não importa quanto tempo demore, há uma chama incandescente lá no fundo que anseia por reencontrá-lo em outro momento.

Talvez, quando eu estiver curada e minhas dores em relação a ele não passem de cicatrizes indolores.

Ou talvez quando ele aprender a ser um bom pai. Seja quem Crystine esteja carregando, desejo que ensine o real significado da palavra “família” para ele.

Por enquanto, me contento em me despedir do homem à minha frente, para que, em um futuro, eu possa dar “oi” ao homem que eu gostaria que ele fosse.

23

Alyssa Blair

Brooks literalmente puxa o meu cabelo e me leva para dentro da mansão quando apareço na sua porta.

Sem exagero algum, meu couro cabeludo dói com a pressão que ela faz nos fios da nuca, resultado das inúmeras mensagens não respondidas que ela mandou durante boa parte da madrugada.

— Me solta! — grito, sem me preocupar se alguém está ouvindo, tentando tirar suas mãos do meu alcance.

— Eu fiquei até 2h da manhã mandando mensagens, Alyssa! — berra de volta, passando para trás de mim e envolvendo meu pescoço com um golpe mata leão. — *EU NEM CONSEGUI DORMI R!*

Bom, isso explica ela estar acordada tão cedo.

Antes de vir para cá, passei na minha casa para trocar de roupa — pus meus habitais moletons — e acabei tropeçando com minha mãe na sala, resolvendo seus trabalhos. Eu estranhei, já que, assim como minha amiga, ela tem o costume de despertar tarde aos fins

de semanas. Ela perguntou para onde eu iria — sem ao menos mencionar sobre o que rolou entre mim e meu pai — e, infelizmente, tive que mentir. Não por completo, pois eu realmente iria encontrar Brooks, mas ela não seria a única distração que eu teria a tarde toda. Como sempre acontece quando o assunto é a cacheada, Ana permitiu e não me questionou mais.

Assim que cheguei à casa dos Cole e não vi nenhum segurança ou funcionário na área externa, imaginei que, se alguém fosse abrir a porta, esse alguém seria ou seus pais ou a própria Brooks. Pensei em dar meia volta e ir embora ao cogitar a segunda opção, porque pior do que uma Brooks irritada é uma Brooks irritada ao acordar cedo. Ela precisa de, no mínimo, 12 horas de sono para repor o ânimo e as energias.

E levando em conta a vontade esmagadora que ela está nesse momento de apagar minha existência da face da terra, eu deveria ter ouvido a voz do bom-senso e passado aqui bem mais tarde. Quando ela estivesse calma, quer dizer.

— 10 segundos e... t-toda a minha... vida v-vai... s-ser... drenada para f-fora... do meu corpo — finjo estar sem fôlego, me debatendo dramaticamente contra ela. — É isso o-o que v-você... quer?

Brooks se apavora e me solta de abrupto, girando meu corpo na sua direção e checando meus batimentos cardíacos. É uma missão difícil manter a atuação quando fico cara a cara com o seu semblante medonho, mas me contenho.

— Pulsação normal. — Ela coloca a mão na região do meu peito. — Coração também. Está sentindo alguma coisa? Tipo dificuldade para respirar e...

— Relaxa, médica, estou bem. — Me distancio dela. — Se me matar, não vou contar o que aconteceu, e é algo muito... *uau*.

— Eu acho melhor ser a notícia do ano, Alyssa, porque se você for me contar que tirou 10 em álgebra eu vou te jogar de um prédio. Juro por Deus.

Faço uma careta ofendida.

— Você não ficaria feliz se eu me desse bem na matéria que eu sempre me dou mal?

— Feliz, não surpresa. Acredito no seu potencial, não vai ser nenhuma novidade — fala, como se fosse óbvio, e eu relaxo, admirando sua capacidade de dizer algo motivador mesmo querendo me servir de comida para os cachorros.

Com um sorriso, me sento no sofá e cruzo as pernas. Brooks faz o mesmo, retorcendo os dedos em pura ansiedade.

— Ontem, como você sabe, eu saí com o Oliver, certo? — começo e ela assente, com um sorriso malicioso. — Foi um encontro legal, ele é bem divertido, mas... não rolou química, entende? Foi até um pouco morno e entediante, na verdade. Não serviríamos como namorados ou coisa assim.

— Ah, sério? — Seus ombros pendem assim que anuo. — Mas vocês se beijaram? — Anuo de novo. — E como foi?

— Não senti nada — conto, me recostando no estofado. — Foi normal, como se eu estivesse beijando uma parede.

— Beijar uma parede não é normal.

— Você entendeu. — Reviro os olhos. — Não teve emoção, é o que eu quero dizer. Mas... não é sobre *isso* que eu quero falar.

Brooks arqueia uma sobrancelha.

— Não? — Nego. — Hum... E o que aconteceu? Por que você tá sorrindo igual psicopata agora...?

Gargalho e balanço a cabeça. Falhando em desfazer o sorriso dos meus lábios, começo a contar a ela sobre tudo desde que cheguei ao EVERLAND, mas, dessa vez, os protagonistas da história sendo eu e Eros. Nunca presenciei Brooks tão atenta com algo como está agora ao escutar os mínimos detalhes — desde o restaurante ser dos seus avós até o “banho” que me deu. Ela surta, achando que ele, de fato, tinha me banhado.

Minhas bochechas começam a esquentar e eu me empertigo no acolchoado ao relatar as cenas que sucedem nosso beijo. A briga, o que ele disse, nossas confissões... Brooks está com a boca escancarada, e quando finalmente solto que nos beijamos, ela pula do sofá com as mãos na boca.

— *O QUÊ?!?!* — grita, desacreditada. — Você tá falando sério?

— Estou. — Rio. — Foi... Foi... Meu Deus, Brooks. Foi o melhor beijo da minha vida! — Suspiro. — Ele me pôs no colo dele, beijou

meu pescoço, me tocou de jeitos que ninguém nunca fez... — Estremeço. — Eu já desconfiava, amiga, só que mais tarde, quando ele me ligou e disse coisas bonitas pra mim, se mostrou interessado em cada coisa que eu dizia e confessou estar com saudades... Me dei conta de que estou apaixonada — sussurro a última parte, mirando minhas próprias mãos.

Brooks parece se acalmar do baque, pois, com a delicadeza de uma corça, se materializa ao meu lado e segura minhas mãos.

— Aly... Eu... eu nem sei o que falar sobre isso, porque... até um tempo atrás eu o achava um mega babacão, mas depois do que acaba de me dizer... — Balança a cabeça. — Eu não consigo enxergar falsidade nele, e se Eros realmente disse o que disse... Nossa, ele deve gostar muito de você. Nunca o vi sequer falar com alguém naquele colégio sem fazer a pessoa sair chorando — ela exagera e eu rio —, quem dirá colocar para fora coisas tão... tão... assim.

— Ele me chama de linda — digo, mordendo a boca para conter a vontade de sorrir.

— Você não deveria se deslumbrar com o mínimo.

Suspiro, ciente de que ela está certa. O *mí nimo*não deveria me deixar tão eufórica, mas é isso o que acontece quando se passa anos recebendo sobras. Quando se é jogada para escanteio constantemente.

— Eu sei. — Começo a arrancar as cutículas das minhas unhas, soltando um praguejo de dor ao puxar forte. — *Droga.* — Limpo o pouco de sangue que sai na roupa.

Os lábios da minha amiga se tornam uma linha fina e pálida ao serem pressionados um no outro.

— Fico feliz que ele seja um cara decente, que te respeite, mas, Aly... — Balança a cabeça. — Não fique achando que Eros está fazendo grande coisa, porque ele não está. Você *merece* ser respeitada, ouvida, amada, e não só por ele, ok?

— Ok. — Um bolo amargo ganha forma em minha garganta. — Voltando ao assunto... Nem sei mais sobre o que eu estava falando.

— Sobre o beijo de vocês e sobre como ele é o cara mais sortudo do mundo por ter beijado essa boquinha.

— *Puf f* é claro. — Rolo as írises, sarcástica. — Ele... ele me faz bem, Brooks. Bem de *verdade.* Não quero me iludir e achar que Eros também irá se apaixonar por mim ou que viveremos uma linda história de amor, mas... a sensação de finalmente estar gostando de alguém que me respeita, se preocupa comigo, me apoia e diz coisas bonitas e verdadeiras... é tão boa, amiga. Não sei aonde vamos parar, só quero aproveitar o máximo que posso e implorar para não sair machucada.

— Se você entra em um relacionamento já pensando nas coisas ruins que podem ocorrer, Alyssa, eu sinto muito, mas não vai pra frente. — Ela acaricia o dorso da minha mão. — Para de só ver o lado negativo da vida, garota. Aproveita o momento com esse macho, que já te provou inúmeras vezes não ser como os outros, e retira o foco dos seus pensamentos do que é ruim, só vai te deixar triste.

Puxo o ar com força, concordando com a cabeça, e acidentalmente pouso os olhos na pequena cicatriz que possuo na extensão do meu polegar. Ganhei ela quando, em um de seus acessos de raiva, Leonardo arremessou uma garrafa de cerveja na minha direção. Ele estava bêbado, e sua pontaria é péssima, acabando por o vidro colidir contra a parede ao meu lado. Não saí 100% ilesa, no entanto. Alguns cortes pequenos, quase minúsculos, se arrastam por minhas pernas e braço esquerdo.

Foi a primeira vez que ele me agrediu, ainda que indiretamente.

E mesmo após me pedir desculpas e jurar que nunca mais faria aquilo novamente, ele continuou e continuou, em níveis bem piores a cada recusa às suas ofertas sexuais, a cada vez que eu levantava a voz para ele, a cada vez que eu o interrompia em uma conversa besta com os amigos.

Para mim, isso nunca importou de verdade. Leonardo gostava de mim, não é? Ele me levava para sair e não tinha vergonha de andar comigo. Era legal em algumas partes do tempo, beijava meu rosto de forma carinhosa e aceitava fazer uma sessão de cinema comigo depois que... que eu fizesse sexo com ele.

Minha avó costuma dizer que devemos amar alguém mesmo depois de presenciar seu pior lado. E foi o que fiz. Estive com ele

nos momentos mais horríveis da sua vida. Menti para minha mãe só para encontrá-lo às 1h da manhã quando me ligou, embriagado, alegando que seu pai havia batido na sua mãe. Eu também tenho problemas com minha família, sei como dói, então não pensei duas vezes antes de ir, tentar, ajudá-lo.

Mesmo que isso implicasse em dar meu corpo a ele contra a minha vontade para que Leonardo pudesse se aliviar.

Aguentei tudo, acreditando que não era digna de um outro tipo de amor. Um amor leve, tranquilo, que me trouxesse paz, não medo.

Ontem, depois de algumas semanas experimentando o outro lado desse sentimento que se aflorava aos pouquinhos no meu peito, percebi que nada do que vivi durante esses meses foi algo puro e verdadeiro. Nem paixão, muito menos amor, foi algo doentio. Eu estava tão desesperada por atenção que aceitei qualquer coisa. Me rebaixei a tão ponto que não me importei se ele estava me matando por dentro à medida que o tempo passava.

Acho que, no fundo, sempre tive consciência disso, que não éramos saudáveis, só fui muito ingênua ao achar que conseguiria mudá-lo.

— E Leonardo? — sussurro, cobrindo o polegar da cicatriz com a outra mão. — O-o que ele vai fazer quando descobrir que... que eu gosto de outra pessoa?

Há um terror na minha voz que não consigo disfarçar. Consigo pensar em inúmeras atrocidades que ele pode cometer contra mim se ao menos sonhar que estou apaixonada justo por Eros, quem ele mais odeia.

Senhor... Leonardo me obrigou a dizer que o amava. O que irá fazer se eu disser que não passaram de palavras vazias?

Uma coisa é certa: ele nunca pode saber disso.

— Aly, meu Deus... — Brooks passa a mão no rosto. — Fala pra ele, se imponha. Até quando ele vai ter tanto poder sobre você?

— Contar, Brooks? Contar?! Você tem ideia do que ele pode fazer comigo se ao menos *cogitar* essa ideia?

— Ele faz isso porque sabe que você vai continuar como uma cachorrinha acuada com o rabo entre as pernas que faz tudo o que ele manda! — se exalta, com os olhos arregalados. — Você ainda

não entendeu do que caras como ele se alimentam? Eles procuram pessoas vulneráveis que aceitam tudo e aumentem o ego deles, e nunca, Alyssa, *nunca* tenham coragem de enfrentá-los, você entendeu? Enquanto *você* for essa pessoa, vai viver às sombras dele pelo resto da vida! É isso o que você quer? Ter sua vida interrompida por causa de um filho da puta com masculinidade frágil que precisa humilhar para se sentir bem, poderoso, quando, na verdade, não é nada?

— Não — murmuro, balançando a cabeça conforme o soluço rasga minha garganta, juntamente com as lágrimas que rolam por minha bochecha.

Brooks suspira, encostando a bochecha no meu ombro.

— Eu sei que não é fácil. Meu Deus, como eu sei! Mas é necessário, você *precisa* tentar. E tentar outra vez. E de novo. Você não foi criada para viver às custas de um homem que te impede de ser feliz, Alyssa.

À svezes, quando estou deitada na cama esperando que o sol nasça para que outro dia se inicie, desejo nunca o ter conhecido. Nunca ter acreditado em suas palavras. Nunca ter me deixado levar pela aparência de bom moço quando tantas pessoas me avisaram do contrário. Tudo seria tão mais fácil, porque por mais que eu queira desesperadamente me livrar disso, não sei se vou conseguir.

— Por que as coisas têm de ser tão complicadas? — pergunto baixinho, encostando minha cabeça na dela.

— Eu não sei — responde. — Mas isso não quer dizer que não podemos reverter a situação ao nosso favor, sabe? As dificuldades nos provam que somos mais fortes do que pensamos, e quando tudo isso passar, você vai olhar pra trás e se orgulhar da sua jornada. De tudo o que conseguiu enfrentar.

— Você diz isso com tanta convicção... — Sorrio.

— Eu enxergo sua força, garota. Sei que é capaz de conquistar o mundo, se assim quiser — ela diz e me encara, limpando meu rosto. — Agora chega de coisas tristes! — exclama do nada. — Você tá podendo, hein? Beijando um tanto de gente em um dia! Queria estar assim.

Transtornada com a mudança brusca de assunto, franzo o cenho, reparando na sua última frase.

— “Queria estar assim”? — repito, descrente. — Você namora!

Brooks torce o nariz, fazendo um bico insatisfeito com os lábios e soltando um muxoxo.

— Ah, é. Verdade.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, preocupada.

Faz um tempo que a cacheada não fala mais sobre Scott, e sempre que eu questionava o paradeiro dele, ela dizia que o garoto estava ocupado com o trabalho e logo fugia do assunto.

Depois do episódio que Brooks me contou sobre sua primeira vez e a maneira que aconteceu, mantive os dois pés atrás com Scott, e agora que ela falou isso, como se seu namoro não valesse de muita coisa, o medo de que algo tenha acontecido aumenta.

E cresce ainda mais quando Brooks se afasta, apruma as costas, clareia a garganta e põe os cachos para trás, como alguém que está prestes a contar algo não muito legal.

— Vi Scott com outra garota.

— *O quê?!* — quase grito, afastando-me em um solavanco do encosto do sofá. — Como assim?

Ela rola os olhos, como se minha pergunta fosse a mais besta possível. Na minha cabeça, é, pois... não pode ser o que eu estou pensando.

— Ele me traiu, Alyssa. — *É o que eu pensei,* penso, desorientada. — Cheguei no apartamento dele e... bom, tinha uma mulher deitada na mesma cama que eu costumava deitar, comendo do *cheesecake* que *eu* costumava comer.

Minha amiga conta isso como se estivesse avistando o céu cinza e anunciando que irá chover. Nada surpresa, nada abalada, *normal*, como se fosse algo que ela já esperasse. Isso só me deixa mais confusa, porque... eles *namoravam*, e ela parecia gostar de verdade dele, então por que está agindo como se nada tivesse acontecido?

— Brooks... Há algo mais que queira me contar?

A garota dá de ombros, mexendo no brinco da sua orelha.

— Já te contei que meus pais só ligam para dinheiro? — indaga e eu aquiesço. Não foi preciso ela me contar, eu já sabia. — E que eles só ligam para poder? — Anuo de novo. — E que seriam capazes de tudo, até mesmo de arranjarem um casamento para mim contra a minha vontade com o herdeiro da empresa mais rica de Frango Frito do país só para... fins lucrativos?

Dessa vez, não me movo.

— O que você tá querendo dizer?

Brooks bufa, mas não é irritação causada por mim, parece ser mais pelo que vai me contar a seguir.

— Os renomados donos de um dos maiores restaurantes da América, Natasha Cole e Júnior Cole, vulgo meus pais, decidiram que seria uma ótima ideia se afiliarem ao Danson White, vulgo pai de Scott. Mas não para por aí, é óbvio, já que eles tinham que me meter no assunto e arranjar um relacionamento que eu nem estava pronta! Pensa só, a futura CEO da maior indústria de comidas no geral com o futuro CEO do maior de... frango. Isso parece tão... idiota agora, como que eu aceitei isso? — pondera. — Enfim! Isso faz 1 ano, e eu ainda era uma pobre ingênua capaz de tudo para conseguir agradar os *papais*, mesmo que isso comprometesse meu futuro e me obrigasse a casar com alguém que eu sequer havia me interessado.

— Brooks...

— Calma, pode piorar! — ela me conforta, rindo. — Não tivemos a chance de nos conhecermos antes de engatarmos em um namoro. Ele comprou um anel e, no dia seguinte, me levou a um restaurante, com direito a jantar à luz de velas, e fez toda uma encenação, considerando que milhões de *paparazzis* estavam espalhados por ali em algum canto. Como a boa atriz que sou, até o beijei! Não foi nada mal, para ser sincera, eu estava mesmo precisando pular pra e*ssa* parte do relacionamento.

Eu vi essas fotos, elas foram parar em todos os sites de notícia e se espalhou como fogo em palha. Porém, eu realmente acreditei que ela estava feliz, e até liguei para ela às duas da manhã para comemorar. Se não estava entusiasmada, de modo algum deixou transparecer. Por isso acreditei, todo esse tempo, que Brooks

estava realizada ao seu lado. Agora, com ela me contando tudo isso, me pergunto como fui burra, pois mesmo que quase imperceptível, os sinais estavam lá.

— E depois?

— Depois... Ah, começamos a sair juntos com mais frequência, né? Até porque, tínhamos que nos conhecer, como iríamos reagir se algum entrevistador perguntasse algo pessoal que ambos indivíduos dentro de um relacionamento sério *precisam* saber? Me afeiçoei de verdade por ele aos poucos, jurando estar apaixonada. O que, claro, não passava de uma ilusão da minha cabeça. — Brooks esfrega os braços escuros. — Com o tempo, Scott foi se mostrando... possessivo, de um jeito nada legal. Ele queria ter controle sobre minhas roupas, os caras com quem eu conversava, o modo *chulo,* como ele dizia, que eu falava, e essas merdas. — Ela ri. — Nunca aceitei isso, Aly, nunca mesmo, sempre batia de frente e deixava claro que, mesmo sendo meu namorado, ele não era meu dono.

"O problema é que ele faz parte desses 99,9% garotos mimizentos que fazem uma tempestade num copo d'água. Ele contou para os meus pais que eu não estava querendo obedecê-lo como as boas futuras esposas fazem. Torci para que Scott pedisse o rompimento da relação, porque, àquela altura, eu já estava exausta. Enfim, claro que isso não aconteceu. Meus pais só ficaram 10 vezes mais babacas e ameaçaram tocar fogo em todas as minhas roupas *indecentes* se, a partir daquela conversa, eu não começasse a me vestir como uma pessoa culta."

— Pulando para a parte que interessa... o namoro estava tão desgastado que ele não aguentou mais. Os beijos eram *blé,* o sexo, pior ainda, então ele foi lá e... fez o que fez. — Tomba a cabeça para o lado. — Sei lá, chorei um dia inteiro, não por eu amá-lo, porque não nutro tal sentimento por Scott, mas por ter sido... traída, literalmente.

Minha boca está seca pela quantidade de tempo que passei com ela aberta, chocada com tudo o que estou ouvindo.

— "Estava", né? Isso quer dizer que vocês terminaram? — questiono, esperançosa.

Brooks solta um *puf f*com os lábios, rolando os orbes e dando uma risada soprada.

— Conjuguei o verbo errado, desculpa. Você sabe que sou péssima nisso. — Raspa as unhas no lábio inferior. — Não. Tecnicamente, ainda estamos juntos, mas espero que não por muito tempo. Falei com minha mãe, mas você sabe... Veio com toda aquela história de que não existe casamento por amor, e sim por interesse, que é instinto do homem trair e blá-blá-blá... — Gargalha. — Nunca fui tão feliz com uma notícia quanto fui quando me disseram que não posso gerar bebês, Alyssa... Eu me odiaria se fosse responsável por colocar mais uma criança com o sangue podre da minha família no mundo.

Sim, Brooks é estéril, e faz pouco tempo que ela descobriu, coisa de meses. No dia, minha amiga me ligou ao sair do hospital após uma consulta de rotina, comemorando o resultado. Eu estranhei, porque, nossa, se eu descobrisse que não sou capaz de gerar filhos, provavelmente choraria muito. Mas ela não. E não pelo fato de repudiar a ideia de ter uma família, até porque há a opção de adotar, mas por ser o motivo da maior decepção da linhagem Cole. Logo eles, que prezam por herdeiros mais que qualquer outra coisa.

— E o que você pretende fazer, Brooks? — pergunto, sinceramente receosa com o rumo que isso pode tomar.

— Não faço ideia, Aly. Vou esperar a tensão diminuir e ver o que faço. — Ela limpa sujeirinhas invisíveis das unhas. — Só sei que não vou mais aceitar isso. Não nasci para viver acorrentada a um homem que me trai quando bem entende porque é “normal”. — Eu assinto, recebendo isso como uma indireta. — Mas e então? Planos para hoje? Quero parar de pensar nisso.

— Eros me chamou para ir ao galpão, um lugar aí que ele faz as apresentações dele com a banda — digo.

— Ah, não sabia que ele tinha uma banda! — Faz um “O” pequeno com os lábios. — E por que ele te chamou?

Abro a boca para responder, porém fecho-a novamente quando não encontro respostas.

Eu não perguntei o motivo de ter sido chamada para esse lugar quando tive a chance. Estava tão entretida na conversa e animada

com o que estava acontecendo que sequer me dei conta do convite em si. Agora que ela perguntou, não há nenhuma razão lógica para isso. Será que ele esqueceu de dizer?

— Eu... Eu não sei — solto. — Ele não me disse.

— E você aceitou mesmo assim? — Há um teor de julgamento despejado na sua indagação.

Coro.

— Bem... aceitei. — Dou um sorriso amarelo. — Nem pensei nisso — balbucio.

— A situação é mais grave do que eu imaginei — murmura. — Você quer que eu vá?

— Eu *preciso* que você vá. Falei pra minha mãe que iria passar o dia com você. Vai que ela pede uma foto nossa em tempo real do nada, né?

— Hum... E eu vou ter que ficar de vela?

Reviro os olhos.

— Pra ficar de vela, eu e Eros teríamos que ser um casal, e não estamos nem perto disso.

— Aham — debocha. — Como se vocês não fossem ficar trocando beijinhos, sorrisinhos bobos e essas coisas que só casais fazem.

— Cala a boca — reclamo, meu coração saltitando. — É às 15h.

— Não vai ter nenhum gatinho lá?

— Você ainda namora, lembra?

— E daí? Se ele me traiu, por que eu não posso fazer o mesmo?

— Porque vocês não são iguais — rebato. — É argumento suficiente.

Brooks respira fundo, frustrada.

— É, você tem razão. Mesmo assim, uns flertes não seriam nada mal, hein? Saudades de trocar elogios sem compromisso e sentir toda aquela adrenalina.

— Sinto lhe decepcionar, Sra. Flertes, mas provavelmente não terá ninguém lá. — *Eu espero.*

— Táááá — choraminga, se jogando no sofá com tudo. — Vida cruel.

Dou risada e me jogo em cima dela, abraçando seu tronco e deitando a cabeça no seu peito.

— Em que episódio você parou daquela série turca?

— 25 — responde.

— Eu também! Vamos maratonar até lá? — quero saber, animada, balançando as pernas.

Ela balança a cabeça em concordância. Saio de cima dela e apanho o seu controle, ligando a TV. Entro na plataforma de *streaming* e coloco para reproduzir. Brooks se aninha contra meu corpo e eu encosto minha cabeça na sua.

As horas seguintes são completas de risadas, xingamentos, gritinhos eufóricos e resmungos apaixonados. Corremos pela casa e Brooks acidentalmente quebra um porta-retratos ao comemorarmos o beijo da Eda e do Serkan após tanto tempo de espera. Minha amiga solta um “ops” e diz que mais tarde irá passar na loja para comprar um novo.

Mais tarde, pois nem mesmo um porta-retratos valioso vai nos impedir de termos um dia maravilhoso.

24

Alyssa Blair

Antes de irmos ao galpão, paramos em uma *pizzaria* e compramos duas pizzas G. Ideia de Brooks, não minha, apesar de eu não ter me imposto. Ela disse que chegar com as mãos vazias seria falta de educação, e se caso tivesse a mínima chance de haver alguém lá que não fosse Eros, queria causar uma boa impressão logo de cara.

Levando comida, é claro.

20 minutos depois, finalmente chegamos ao galpão, e antes de descer, avisto Eros na porta do estabelecimento limpando seu capacete e enganchando-o no guidão ao visualizar o carro, pois sabe que sou eu. Ele avisou há alguns minutos que esperaria do lado de fora.

Bom, aí está. Parecendo mais lindo do que nunca.

— Jesus! Aquilo foi um sorriso? — Brooks berra, enfiando a cara na janela do veículo. — Misericórdia! Ele está sorrindo mesmo! — Ela se vira para mim. — Qual foi o feitiço que você jogou nele?

Eu rio, me livrando do cinto e pegando as duas pizzas com as mãos, apontando a porta com o queixo, indicando para que ela abra.

— É o meu jeitinho, Ks. Não posso fazer nada se sou cativante e arranco sorrisos até de um carrancudo como ele.

Brooks sorri, concordando, e retira o valor da corrida da carteira de couro, dando para o motorista. Ele agradece e nós descemos.

Eros ergue uma sobrancelha quando seus olhos pousam nas duas caixas de pizzas em minhas mãos. Com um sorriso *real* que aquece meu peito e envia tremores para todo o meu corpo, ele caminha até mim e toma as pizzas, colocando ambas em mão uma só. Com a livre, Eros puxa minha cintura, fazendo com que eu colida contra seu peito.

— Oi, pequena — sussurra, suas írises descendo para os meus lábios.

— Oi — sussurro de volta, observando Brooks de soslaio pegar as caixas da mão de Eros e lançar uma piscadela para mim. Limpo a garganta e aceno na direção dela. — Diga oi para minha amiga também, seu mal-educado.

O francês, com relutância, retira os olhos do meu rosto, levando-os a Brooks. Ainda com o braço me envolvendo, diz:

— Olá, Cole. — Rolo os orbes com sua formalidade. — Posso roubar sua amiga por um instante?

— E aí, Eros? Tudo beleza? Comigo está, obrigada por perguntar — ironiza, intensificando a cara fechada de Eros. — Ai, nossa, percebi que o bom-humor só foi reservado para Alyssa, mas tudo bem, eu entendo. Pode roubá-la, sim. Que bom que me pediu consentimento, isso quer dizer que...

— Sua amiga é tagarela assim o tempo todo? — ele questiona no meu ouvido.

— Um pouco. — Solto uma risadinha.

— ...você sabe qual é a sua posição nessa história toda.

Eu e o garoto à minha frente rolamos os olhos, porém só eu gargalho.

— Pode levar as pizzas para dentro. Bradley vai recebê-las — Eros informa.

— Hum... E quem é Bradley? — Brooks indaga, enrolando os cachos nos dedos.

— Um cara aí. — Bufa, deslizando a mão até alcançar a minha e me puxando para o outro lado. O atrito causa um choque explosivo nos meus vasos sanguíneos.

Brooks anui, e, antes de sumir do meu campo de visão, vejo-a dando pulinhos e um sorriso grande nascendo no seu rosto ao adentrar o território.

Eros dispersa completamente minha linha de raciocínio ao me prensar contra uma parede e esmagar meu corpo com o seu. De novo, suas mãos encontram o caminho da minha cintura, e eu quase esqueço o que tenho para falar quando sua boca desce à minha orelha e sussurra:

— Senti sua falta.

— Eros... — ofego, afastando-me do seu alcance. — Por que não me disse que iria ter outra pessoa aqui? E-eu pensei que fosse só você...

Ele suspira, realizando um carinho na minha pele por cima do moletom.

— Porque... meu amigo queria te ver e...

— *Ele* queria me ver? — Uno as sobrancelhas, lutando para não deixar transparecer meu incômodo. — Não você. *Ele* — sussurro, mas, devido à nossa proximidade, ele deve ter ouvido.

— Você não... — Eros balança a cabeça. — Esquece, é brincadeira. Óbvio que *ele* não queria te ver. Te convidei porque *eu* estava louco pra te encontrar de novo, beleza? Esquece isso. Ele só tá aí porque é um intruso.

Encrespo a testa, sem entender.

— Fala sério, Eros. Por que me disse isso, então?

— Porque... — chuta uma pedrinha qualquer no chão — eu estava com vergonha de admitir que te chamei sem nenhum motivo e... inventei isso com ele — revela, me olhando com uma cara idêntica aos que os cachorros fazem quando caem da mudança.

Assim que a ficha cai, eu rio alto, abraçando seu corpo por puro impulso e pousando o queixo no seu peitoral.

— Quer dizer que você ficou morrendo de saudades de mim, louco pra me ver, mas como um bom preguiçoso, não teve coragem de inventar uma desculpa plausível e armou isso com ele?

Ele assente, sem me olhar, me abraçando de volta.

Paz. Casa.

— Foi — resmunga.

Ah, coração... Nós estamos em perigo.

— E... — titubeio. — Seu amigo é legal?

— Eu nunca te chamaria se soubesse da existência de alguma mínima coisa que causasse algum mal a você — declara, afagando a base da minha coluna. — Eu nunca te poria em risco.

— Isso significa que... — Engulo em seco. — E-ele não vai falar sobre, sobre...

— *Se* existisse algo para ele falar, eu o mataria na hora. Sem pestanejar. — Agarra meu queixo em pinça, erguendo-o. — Quero dizer... Se ele ficar muito em cima de você e dizendo o quanto você é linda o tempo todo, o destino dele poderá ser o mesmo.

Rio baixinho.

— Linda, é? Não sei, não...

Sua mão encaixa na minha nuca enquanto sua boca resvala na minha. Viro manteiga.

— Pequena... Vou te apresentar a um mundo onde você finalmente vai reconhecer a porra da deusa que é. — Mordisca meu lábio. — Foda-se quem não enxerga isso. A única opinião que deve importar sobre si própria é a sua.

— Hum... — gemo, minhas mãos adentrando seu cabelo. — Tão promissor...

— Cacete... — ofega, me puxando para mais perto até sermos um só. — Você me deixa louco.

Sorrindo, escorrego a língua por entre seus lábios e ele arqueja, um ruído rouco saltando de sua garganta. Nunca vou me cansar disso, do seu beijo. Sua língua se projeta e acaricia a minha, suas mãos me apertam e meu nome sai da sua boca como uma súplica.

Quando nos afastamos, ambos respirando com dificuldade, esquadrinho cada traço bem feito do seu rosto. Assim como ele faz comigo.

— Se eu te pedir pra tirar esse moletom, usando o calor como desculpa, você tira? — questiona, rouco.

Não parece, está parecendo um palito, ouço a voz irritante do meu pai.

Sem precisar pensar muito, nego.

— Não.

Eros solta o ar pelo nariz. Não é a resposta que ele estava esperando, mas não... não posso, não *consigo,* fazer o que ele quer. A roupa grossa está desconfortável, de fato, mas ela é meu escudo. Sem ela, me sentirei desprotegida e estarei sujeita a tudo.

— *Merde, je voulais revoir ces jolis seins*[12]*.* — Não compreendo o que diz, porém tenho quase certeza de que se trata de uma reclamação.

— Por que eu tenho a impressão de que você acabou de dizer algo depravado? — provoco.

Ele dá de ombros.

— Coisa da sua cabeça.

Sorrio, sendo guiada para dentro do galpão.

— É mesmo? Não tenho tanta certeza disso.

— Quanta paranoia, pequena. Tenho cara de quem diz esse tipo de coisa?

— Ah, jamais! Você? É um santo. Nunca diria tal coisa — digo com escárnio, deixando um soco no seu peito.

Eros gargalha e beija minha boca, um movimento rápido, capaz de, mesmo assim, me desmontar inteira igual as peças de um LEGO. Ainda é difícil acreditar que isso está acontecendo, mas como minha melhor, e única, amiga disse: vou aproveitar. Sem pensar demais no futuro e focar no agora.

Ao adentrarmos no ambiente grande e vazio, diferente de todo o caos que se encontrava na última vez que vim, nos deparamos com uma cena que, conhecendo Brooks como *eu* conheço, sabia que iria acontecer. Ela e Bradley estão com pedaços de pizza nas mãos e rindo sem parar de algo que ele falou. Brooks joga a cabeça para trás, tapando a boca enquanto ri escandalosamente. Ele, embora

esteja também rindo, se mostra mais preocupado em admirar a graciosidade dos movimentos da garota.

Bradley leva os olhos para o corpo dela, se demorando no colo dos seus seios. Brooks está usando um top branco sem alça, que pressiona a região superior dos seus seios, deixando-os mais à mostra, e um *short* meio folgado, que para na metade das suas coxas.

Ele está hipnotizado, me comprovando que minha amiga não brinca em serviço.

— Vocês conquistaram o Bradley pela barriga — Eros comenta, risonho, aninhando meu corpo ao dele em um abraço lateral.

Brooks joga os cachos invejavelmente hidratados para o lado, rindo do seu comentário.

— Não só pela barriga — seu amigo murmura, sem tirar os olhos da garota, mais precisamente do seu sorriso.

Troco olhares com Eros, erguendo uma sobrancelha, que ergue de volta, dando de ombros. Nenhuma palavra dita, e conseguimos, mesmo assim, nos entender.

O francês chama a atenção do garoto, que com muita dificuldade, para de olhar para a *minha* amiga e percebe minha presença. Arregalando os olhos, ele dá um pulo do sofá e vem na minha direção.

— Alyssa! Eu estava louco par...

— Ela já sabe — Russell corta.

— Sabe de quê?

— Daquele negócio.

— Que negócio?

— *Daquele* negócio — Eros quase grunhe.

— Ahhh!!! — Bradley estala os dedos. — Que eu vou comprar uma col...

— *DO NEGÓCI OQUE EU PEDI PRA VOCÊ FAZER!* — Eros grita, arrancando uma risada baixinha de todos os presentes. Soltando o ar pesado pelo nariz, ele passa a mão no cabelo, porém antes que diga algo, tomo à frente:

— Oi, Bradley! Meu nome é Alyssa, tudo bem? — Estendo minha para ele, que, com um sorriso que combina tão perfeitamente

com sua áurea, aperta-a com força.

Sua pele negra, de tonalidade um pouco mais escura que a de Brooks, brilha com gotículas de suor. No dia do show, quando cometi o erro de aparecer aqui, tive um leve vislumbre da posição que exercia na banda: a de baterista. Quando olho para trás dele, encontro o instrumento com as baquetas jogadas de qualquer jeito em cima dos pratos, então creio que o suor tenha sido causado por isso.

— Cara, o prazer é todo meu. — Sorri de orelha a orelha. — Estou ótimo pra cacete, ainda mais agora.

— *Cuidado* — Eros rosna.

— Tô falando da amiga dela — ele diz baixinho, inclinando o corpo para que apenas nós dois possamos ouvir. — Puta merda, que garota linda! — sussurra-grita, nada discreto ao olhar para trás, ou melhor, para Brooks.

Sorrio.

— Cuidado, Bradley. Eu costumo ser bem ciumenta com o que me pertence.

— Problema seu — retruca, cruzando os braços.

— Veja como fala com ela, cacete. — A voz de Eros assume um tom agressivo que, uau, eu *gosto.*

— Mas que homem insuportável! — Bradley critica, alternando o olhar entre mim e ele. — Como que você aguenta? — quer saber, me encarando.

Projeto o lábio inferior para fora, formando um biquinho, e abraço o garoto ao meu lado, como se o protegesse.

— Não fala assim dele, tá? Eu sei que ele tem essa alma de idoso amargurado, mas juro que ele é legal. — Quando olho para Eros, testemunho um sorriso bobo querendo despontar da sua boca, da qual ele a morde para conter.

Bradley faz uma careta, rola os olhos e volta a se sentar perto de Brooks.

Além do sofá ridiculamente pequeno, que mal cabe os dois — vale frisar que minha amiga está adorando essa aproximação "forçada", pois os joelhos de ambos se tocam a cada mínimo movimento —, há apenas uma cadeira. *Só*.

E Eros acaba de sentar nela.

Tudo bem, eu nem estava querendo sentar mesmo.

— Droga, Alyssa, não tem cadeira pra você — Brooks reclama, olhando para os lados. — Quer sentar no meu colo? — Ela bate nas suas coxas, me chamando.

— Não precisa! Eu fico em pé — tranquilizo, balançando as mãos.

— Vai ficar em pé o caralho. — Eros enlaça o braço nos meus quadris e, outra vez, me puxa para si. Caio sentada nas suas pernas. — Melhor assim — sussurra.

Uhum, muito melhor, quase gemo de alegria, sentindo seu braço abarcar meu corpo inteiro e pressionar minhas costas contra a musculatura do seu tronco.

Brooks percebe o que nem consigo esconder, abrindo um sorriso malicioso para o ato conforme pega outro pedaço. Eu faço o mesmo, assim como Eros e Bradley. A pizza derrete na minha boca, e por pura mania, tombo a cabeça para atrás, deitando na de Eros sem querer.

— Pizza com cabelo — ele brinca, afastando meus cabelos do seu rosto. — Uma delícia.

Dou risada e me desculpo, passando todos os meus fios loiros para o lado oposto ao dele.

Não gosto de falar enquanto como, e Eros aparentemente também não, pois se mantém calado. Aproveito o momento para prestar atenção descaradamente na interação calorosa de Broodley.

E quando eu digo *calorosa,* eu me refiro à tensão sexual que emana em cada gesto dos dois.

Brooks passa a língua nos lábios.

Bradley desce os olhos escuros até eles.

Ele passa a língua nos lábios.

Ela desce os olhos castanhos até eles, e permanece com fixos até que Bradley inicie uma nova conversa.

— Só eu que estou percebendo o clima aqui? — Eros questiona, acariciando meu joelho.

— Não. — Sorrio e nego com a cabeça, atenta ao casal. — Eles têm muita química.

— Uhum — murmura. — Mas nós dois temos muito mais. — Beija meu pescoço. — Nada se compara a nós, pequena.

Meu rosto esquenta e um pequeno sorriso tímido cresce em minha boca ao olhá-lo de esguelha.

— Você acha?

— Eu tenho certeza. — Mordisca o lóbulo da minha orelha, puxando-o vagarosamente. — Um beijo nosso é capaz de incendiar esse lugar, Alyssa.

Deus, me dê muito autocontrole.

— Você é sempre tão depravado assim?

— Só quando estou com você. — Seu flerte me deixa ruborizada. — Nossa, te deixar vermelha assim é meu passatempo favorito.

Bufo, fingindo estar brava.

— Você é um idiota. — Abocanho a pizza.

— E você é linda — retruca, todo galanteador.

Eros aprendeu a me elogiar em momentos que a situação não pede. E eu amo isso. A maneira que ele diz que sou linda sem querer nada em troca, como se quisesse apenas... me lembrar disso.

— Você também é — cochicho, selando sua bochecha com um beijo rápido.

Russell tenta não sorrir, porém falha, e descubro o quanto amo isso: ser o motivo dos sorrisos contidos dele. Céus, eu *adoro* ser a razão de tirar dele algo que antes era tão raro.

Varro a mesinha de centro em busca do refrigerante, mas quando não acho, noto que esquecemos do mais crucial. Tenho certeza de que pagamos por ele, e eu até cheguei a pegá-lo, para checar se estava gelada, então provavelmente devo ter largado em cima da bancada em algum momento e esquecido.

— Brooks, esquecemos dos refrigerantes — aviso, em um suspiro. — Há algum comércio aberto por aqui? — pergunto a ninguém em particular.

— A duas quadras, só não sei se está aberto. Vou passar lá pra ver. — Bradley se põe de pé, guardando metade da massa que

estava comendo na caixa, separada das outras. Meio sem jeito, ele se vira para Brooks. — Quer vir? Não é muito longe.

— Bradley, deixa a... — Eros começa, mas é interrompido por minha amiga, que se levanta de pronto:

— Sem problemas! Claro que posso. — *É claro que pode,* rolo os olhos. — Já volto, Aly. Tenta não morrer de saudades.

Libero um riso de escárnio, deixando explícito meu desdém. Bradley sorri, pousando a mão suave como pluma na base da coluna da minha amiga, que mesmo assim treme, mordendo os lábios. Quando eles saem, minha cadeira humana me aninha mais forte contra si.

— Sua amiga não namora?

— Sim e não — respondo, vendo suas sobrancelhas arquearem. — É uma longa história, mas... não sei se posso te contar.

— É um segredo? — Faço que sim, temendo sua reação. — Tudo bem, não pertence a você para sair espalhando.

Leonardo costumava ficar *muito* irritado em situações como essa, de tal maneira que acabava me obrigando a contar o que eu *não* deveria, ainda mais para ele. Essa, no meio de tantas, é mais uma prova de que os dois não são iguais. Não há nada em Eros que me lembre Leonardo, isso é tudo o que preciso pôr na minha cabeça.

— Obrigada por entender. — Acaricio seu braço, subindo as mangas propositalmente para explorar o máximo que posso. — Queria ver o resto das suas tatuagens...

— É? — Um sorriso malicioso brota no canto dos seus lábios ao perguntar. Aquiesço, nervosa, pois sei a razão das suas feições terem mudado. — Como quiser.

Prendo a respiração quando ele alcança a barra da camisa e a tira completamente, expondo seu peitoral nu. Não é a primeira vez que o vejo assim, mas agora... estamos em uma situação diferente. *Muito* diferente. A respiração dele também está irregular, pois enquanto tomo coragem para dedilhar as frases em língua francesa nos seus ombros, clavícula e costela, seu peito sobe e desce com dificuldade.

— Pode tocar, pequena. Sou todo seu. — O timbre grave e baixo contrasta com sua expressão de desejo.

Ele me quer tanto quanto eu o quero, e é uma tortura saber que estou longe de estar pronta para me entregar a ele assim.

Faço o que ele pede, no entanto, levando meus dedos para os pontos exatos que eu estava imaginando. Traço sua clavícula marcada, sentindo os olhos de Eros queimarem em mim.

— O que diz essa frase? — questiono, espalmando a região lentamente, aos poucos o calor do seu corpo se chocando com o meu.

— “O amor não prospera em corações que se amedrontam com as sombras”, de Shakespeare — sussurra, tão significativo que sou obrigada a forçar o bolo que se forma em minha garganta para baixo.

— Qual o significado?

— Foi a frase que deu coragem à minha mãe de lutar contra os traumas que o ex deixou nela. Logo depois de perceber que estava irreversivelmente apaixonada por meu pai.

Espiralo baixo, assentindo, não querendo me sentir tão afetada.

— Seus pais... Me conta sobre eles — peço. — Se quiser, é claro.

Eros concorda com a cabeça, resvalando o nariz no meu pescoço e plantando selinhos na região.

— Eles se conheceram em um museu de exposições da Grécia Antiga — inicia, encostando a cabeça no meu ombro enquanto eu afago seus cabelos. — Minha mãe sempre foi fascinada por tudo o que o lugar tinha a oferecer, e quando soube que iria rolar essa exposição em um museu de Nova Iorque, juntou todo o dinheiro que tinha e comprou as passagens no último segundo. Lá, ela encontrou alguém tão louco por isso quanto ela, Ross Russell, meu pai. Eles me diziam que foi amor à primeira, no momento em que se encontraram, Ross soube que ela seria *aquela* mulher, que viraria a vida dele de cabeça pra baixo e seria a mãe dos seus filhos.

“Na época, ela tinha acabado de terminar um relacionamento de anos com um cara que nunca soube amá-la da forma que minha mãe merecia, então ela ainda carregava... medos, e não estava

pronta para embarcar em um namoro logo depois. Meu pai foi paciente, deu à minha mãe o tempo que ela precisava, com a promessa de que, não importa quanto tempo passasse, ele continuaria esperando. 6 meses depois, em frente à estátua do deus Eros, o deus do amor, diretamente da Grécia, eles deram o primeiro beijo, e Ross prometeu que seria o nome do primeiro filho deles."

Meus olhos se enchem d'água, ainda bem que ele não pode ver.

— Não sabia que Eros era o deus do amor.

— E do erotismo também.

— *EROS!* — Soco seu ombro, escutando sua gargalhada abafada. — Que ódio, você estragou o clima.

Limpando os últimos vestígios de risadas, ele retorna ao assunto:

— 2 anos depois, minha mãe descobriu que não podia ter filhos. — O clima melancólico recai sobre mim novamente. — Ela ficou desolada, começou a se alimentar mal e vivia trancada dentro do quarto. Até que... três meses depois de voltar para a terra da minha vó, a França, casada oficialmente com meu pai e se sentindo infeliz pela descoberta, eles me encontraram largado no meio de uma rua deserta, dentro de uma caixa, e... como eles contavam, *também* foi amor à primeira vista.

Abro a boca, atônita com a revelação.

— Nossa — sopro.

— Pois é. Cresci sabendo que eu não era filho deles de verdade, o que não prejudicou em nada na nossa relação. Família é quem cuida, não é? Emma, Anthony, Ross e Lina nunca me deixaram faltar nada, e eu serei eternamente grato por tudo o que fizeram por mim.

— Você nunca mais teve notícias dos... "seus pais" — faço aspas com os dedos — verdadeiros?

— Não, e nem quero. Eles me abandonaram na primeira oportunidade que tiveram, eu não passava de um recém-nascido quando me largaram para morrer de fome e sede, sujeito a tantos perigos. Um *bebê.* Poderia ter acontecido qualquer tipo de coisa ruim comigo.

Anuo, adentrando os dedos no seu couro cabeludo, escutando-o arfar pelo carinho e enterrar a cabeça na curvatura do meu pescoço.

— Odeio eles — resmungo, irritada. — Que bando de babacas! Como eles foram capazes de fazer isso?

Eros ri.

— Você é tão fofa quando está brava — solta. — E uma delícia.

Estalo a língua no céu da boca e puxo os cabelos da sua nuca para trás, intensificando a risada do garoto.

— Agora, me explique sobre sua árvore genealógica do coração. Quem é francês, quem é americano... Estou confusa.

— Hum... Certo. Minha avó é francesa e meu avô, americano, logo, minha mãe é metade de cada nação. Ela passou a maior parte da infância, adolescência e vida adulta aqui, na América, e só voltou para a França ao se casar com meu pai, porque... nada se compara ao colo de uma mãe. — Detecto uma pontada de melancolia na sua voz. — Meu pai *também* é americano, e nunca conseguiu aprender a língua francesa completamente, mas se esforçava para falar nela quando estava comigo, porque todos queriam que eu aprendesse os costumes do lugar onde eu havia nascido, não de outro. Só que eles esqueceram de me ensinar sobre a língua inglesa, pelo visto, ocasionando em longos estresses para aprender depois de 13 anos.

— Você tem uma história complexa, gatinho — zombo, sem saber ao certo o que falar.

Eros assente, levando as mãos quentes à minha coxa, em movimento de vaivém.

— Quer ir para o sofá? Brooks e Bradley que sentem no colo um do outro quando voltarem.

Gargalho, assentindo, e sem me dar a chance de levantar e ir com meus próprios pés para o acolchoado pequeno, ele levanta e me pega no colo, guiando-me até o móvel. Engulo o gritinho de susto, focando na posição um pouco... um pouco... é, um pouco tentadora que estamos. Eros, como se lesse meus pensamentos, beija minha bochecha e se demora ali. Toco seu peito em resposta, suspirando conforme passo a mão na sua nuca e cabelo. Seu corpo responde antes que eu sequer tenha a chance de pensar.

Ele se move rápido e me deita sobre o sofá, ficando por cima. Eros pega meu rosto nas mãos e me beija como se o mundo pudesse acabar a qualquer momento. Abro minha boca e sinto seu gosto, percorrendo seu abdômen nu e puxando para mais perto. Fico ligeiramente embriagada, embora não saiba a sensação, mas é inebriante prová-lo assim, tocá-lo assim. Quanto mais forte ele me beija, mais eu o quero, mais irracional e perigoso se torna o desejo. Fica impossível pensar em qualquer coisa que não seja nele e nos seus lábios me devorando

Eros beija meu pescoço e eu emito um gemido, sussurrando seu nome, o que não deve ter sido uma boa ideia, pois o fogo se aflora e se espalha em cada diâmetro do seu corpo, irradiando para o meu. Ele suga o ponto sensível da minha pele e eu arqueio minhas costas em sua direção. Suas mãos mergulham sob o meu moletom, e esse era para ser o momento em que eu deveria interrompê-lo, mas não posso, não *quero,* não quando seus dedos roçam o cetim do meu sutiã, subindo até encontrar o fecho. Estendo a mão para baixo, sem em nenhum momento quebrar o nosso beijo, chegando ao botão da sua calça. Nossos gemidos se misturam, nossas línguas travam uma batalha sensual e nos perdemos um no outro. Ignoro meu subconsciente, que quer de todas as maneiras ativar o pânico de ter Eros me tocando no epicentro dos meus pesadelos.

Não, nada disso importa...

Ele te acha linda...

Aproveita, Alyssa. Não pense muito...

Se...

— AI , MEU DEUS. O QUE É I SSO AQUI ?!

Eu empurro Eros com grito um assustado, ocasionando sua queda brusca no chão. Brooks, a dona do berro escandaloso, está virada de costas, com as mãos nos olhos, enquanto Bradley está boquiaberto, olhando para um Eros atrapalhado tentando fechar o botão da calça e se levantando do chão com um gemido de dor.

— Porra, Alyssa, minhas costas... — reclama, espalmando o local. Pegando sua camisa, ele a veste.

Se antes eu estava queimando de desejo, agora estou queimando do mais puro constrangimento. Mal consigo encarar os

dois à nossa frente ao ajeitar meu moletom e me pôr sentada. Balanço as pernas, me sentindo uma idiota quando a lista de coisas insensatas que eu poderíamos ter feito se eles não tivessem aparecido começam a passar por minha mente, como o meu castigo por ter me deixado levar.

O que você f ez, Alyssa?

Deixou Eros tocar em você.

Você f icoulouca? E se ele tivesse tirado sua roupa e visto você por inteira?

Esqueceu quem você é? Nunca iria satisf azeros desejos dele, ainda bem que Brooks e Bradley apareceram antes. Sem perceberem, te pouparam de uma vergonha maior...

Meu Deus, Alyssa. Consigo ver suas costelas, porra.

Sacudo a cabeça, minha visão embaçando com as lágrimas que não posso deixar que caiam. Minhas pernas começam a tremer, em um balançar incessante para conter a descarga de ansiedade que me percorre. Abro um sorriso tímido para aliviar o clima, para que eles não percebam que estou perto de ter uma crise, causada única e exclusivamente por lembranças e pensamentos que não consigo calar.

Sem dizer nada, Eros senta ao meu lado, mas eu me afasto. Ele não protesta, soltando um suspiro resignado. Bradley, percebendo que não há outra cadeira, senta no chão, e não sou capaz de rir nem quando Brooks faz o mesmo, se assentando pertinho dele. Ela tira os copos um de dentro do outro e espalha na mesa, enchendo cada um com o líquido estupidamente gelado.

Se entupa até não aguentar mais, eu lembro a mim mesma ao pegar o pedaço de pizza e pôr na boca.

25

Alyssa Blair

Começo a comer compulsivamente.

Antes de um pedaço acabar, eu já estou pegando outro, tão doente que dou mastigadas rápidas para que a sensação de se estar saciada demore a vir e eu possa aguentar mais.

Estou tonta, sinto que posso vomitar a qualquer instante, mas nem por isso eu paro.

Se entupa até não aguentar mais. Talvez isso f uncione.

No terceiro pedaço, considerando meu estômago pequeno que não aguenta tanta coisa, eu já não quero mais, porém me recuso a comer tão pouco. Três pedaços de pizza não irão me engordar. Eu *preciso* de mais.

Estagno um momento para respirar, dando uma golada no refrigerante para ajudar a massa a descer. Estou no meu quinto pedaço e meio, contudo, ainda não é o suficiente.

— Alyssa, para com isso — Eros alerta, me lançando um olhar duro.

— Parar com o quê? Está uma delí... — Bile sobe à minha garganta. — Está uma delícia.

— Eu sei o que você está fazendo, cacete. Larga com essa merda.

— Você não manda em mim, droga! Me deixa em paz — esbravejo, o enjoo me atingindo outra vez ao simplesmente inalar o cheiro da massa.

Eros dá risada e, sem cerimônia, toma a pizza da minha mão, jogando-a na caixa e fechando-a. Meu peito se aperta, as lágrimas queimando em meus olhos.

— Bradley, guarda isso. Vamos embora — Eros fala, se levantando.

Entro em desespero quando o amigo apanha as duas caixas. *Não, não, não, não f azisso, por f avor, eu preciso comer, só mais um pouco.*

— E-eros — chamo, apertando as mãos uma na outra, minha traqueia se fechando e o ar começando a faltar. — E-eu ainda estou com fome.

— Não, você não está.

Ele não entende, ele não entende, ele não entende.

— Eros — suplico, me segurando para não mostrar minha fragilidade na frente dele, do seu amigo ou de Brooks. — Por favor, só mais um pedaço.

Ele passa a mão no cabelo e nega com veemência.

— Já falei que não, Alyssa — diz, irredutível. — Vem, vamos embora. — Eu não movo um músculo para fora do sofá, e não é por birra, é porque estou imóvel. Eros espirala e vem até mim, encaixando meu rosto em suas mãos. — Minha pequena... Por favor, levanta. Vou te levar pra casa.

— E-eu preciso comer mais — sussurro, uma lágrima solitária escorrendo. — Por favor...

Eros sorri com tristeza, limpando a gota que pousa em meu queixo.

— Não, Aly, você não precisa. E esse é o motivo para eu não te deixar chegar perto daquilo.

— Mas meu pai...

— Seu pai é um filho da puta como todos os outros que querem impor isso a você, me ouviu? Agora, por favor, vem. Prometo que te deixo ficar abraçadinha no carro comigo — ele tenta brincar, e embora isso aqueça meu coração, não consegue arrancar nenhum sorriso meu. — Eu odeio te ver assim. Tanto.

E eu odeio me sentir assim.

Sem querer ser mais um fardo do que já sou na sua vida e de tantos outros, fico em pé, sendo rodeada por seus braços. Eu deito a cabeça no seu peito e ele me leva assim para o carro. Quando Brooks sai de algum cômodo, com as mãos molhadas, provavelmente da cozinha, já estou a uma distância que ela não pode me ver, o momento certo para que eu me recomponha e finja que está tudo bem. Assim que entramos todos no carro de Bradley — ele dirigindo; Brooks no banco do passageiro; e eu e Eros na parte de trás —, me aconchego ainda mais ao francês, que meio que se deita de lado para poder me abraçar com os dois braços. Ele é tudo o que eu preciso agora.

— “Se eu pudesse descrever a beleza dos teus olhos e enumerar teus atributos em épocas vindouras... diriam: o poeta mente! A Terra jamais foi acariciada por tal toque divino” — recita, cochichando no meu ouvido, só para que eu escute.

Permito que um sorriso fraco brote em meus lábios.

— Quem disse isso?

— William Shakespeare.

— Eu não sabia que ele tinha frases tão bonitas.

— Não tão bonitas quanto você, mas, sim, ele tem.

Eu riria se minhas energias não tivessem sido sugadas.

Não falo mais nada, e Eros entende isso como um sinal para parar. Ele acaricia meu rosto e meus fios, buscando me distrair das náuseas constantes, que se intensificam ainda mais devido ao balançar do carro. O carro está em um silêncio absoluto, e eu agradeço por isso. Barulho é a coisa de que menos gosto em momentos como esse.

Poucos minutos depois, chegamos à minha casa, e a tarefa de me desvencilhar de Eros é árdua. Ao conseguir, devo estar com a

cara inchada, pois Eros dá uma breve risada, tocando meus lábios, que de modo nada proposital, se tornaram um bico.

— Até amanhã, pequena — diz baixinho, se inclinando para me beijar.

Me esforço para selar nossos lábios.

— Até amanhã.

Saio do carro e espero Brooks do lado de fora. Bradley se despede dela com um beijo na bochecha, dizendo algo que somente ela é capaz de ouvir. Nesse instante, não estou muito interessada em saber, para falar a verdade, mas só porque estou cansada. Muito cansada até para raciocinar.

Assim que finalmente sai, damos um último “tchau” para eles e começamos a andar até minha casa. Brooks tenta puxar conversa, perguntando como foi, dizendo sobre o que aconteceu entre ela e Bradley... Só que não estou a fim de ouvir, nem um pouco, e me conhecendo como me conhece, se cala e apenas me abraça, sussurrando que tudo vai ficar bem, mesmo quando eu sei que é uma bela mentira.



De joelhos ao pé do vaso sanitário, o vômito irrompe da minha garganta sem que eu possa fazer nada para evitar. Tento bloquear o fluxo do líquido asqueroso por tantas vezes que mal posso contar, sabendo que é em vão.

Começo a chorar, assistindo todo o meu esforço sendo jogado fora, literalmente.

Esmurro a parede que estou sustentada, tão irritada e frustrada comigo mesma que não consigo sentir outra dor que não seja a que rasga minha alma. Quando não resta mais nada para ser despejado, levanto-me, dou descarga, cambaleante, e lavo minha boca. Olho meu reflexo, um retrato de tudo o que eu nunca quis para a minha vida quando era apenas uma criança de 10 anos que sonhava com um mundo cor-de-rosa e nuvens de algodão-doce.

A imagem que vejo do outro lado é feia. Minha pior versão.

Aos tropeços, estou de volta ao quarto. Brooks, contra a minha vontade, insistiu em dormir comigo, mesmo que tenha um quarto só pra ela logo no andar de baixo. Ela sabe que não estou bem, e é em situações assim que eu detesto ser tão transparente para todos.

Minha amiga desperta do sono leve ao escutar o barulho da descarga, sentando-se imediatamente ao se deparar com meu estado deplorável, o rosto inchado pelas lágrimas, os olhos sem vida e o semblante de quem não aguenta mais tudo isso. Me deito de costas para ela. Ela abraça por trás, em conchinha.

Isso, o gesto, só me faz chorar ainda mais.

— Eu quero morrer. — Um soluço escapa da minha garganta ardida. Ela me aperta com mais força. — Eu quero tanto, tanto morrer e acabar com isso.

— Não. — Balança a cabeça, beijando meu ombro. — Você não quer morrer, Aly. Não diga isso, por favor.

— Eu não aguento mais... — choro, agarrando meu urso com força. — *Eu não aguento mais* — repito.

— Vai passar, meu amor. Eu juro que vai — Brooks promete, beijando meu cabelo. — Estou aqui, estou com você, lembra? Pra sempre. Até o infinito. Vamos comprar uma casa nas Ilhas Maldivas e envelhecer juntinhas lá. Você está proibida de me deixar antes disso.

— Você vai encontrar outra amiga pra cumprir essa promessa, Brooks. Eu vou deixar de ser um fardo na sua vida e não vou mais te impedir de fazer novas amizades. E-em pouco tempo, você não vai nem se lembrar de mim. — Não consigo mais enxergar do tanto que estou chorando.

— Cala a boca, Alyssa. Não ouse mais abri-la para dizer uma baboseira dessas — adverte, sua voz embargada. — *Você* é minha melhor amiga, entendeu? A única que eu tenho. A única que eu *quero* ter. Não preciso de outras amizades quando a *sua* já me preenche por inteiro. — Como não falo nada, apenas sigo chorando copiosamente, ela continua, mais branda: — Vamos para a terapia, Aly... Eu te peço. Vai te fazer bem, eu juro.

— Eu não posso, você sabe.

— Eles *não* precisam saber! As sessões serão no consultório aqui perto, eu pago o dinheiro que for. Mas eu imploro, de joelhos, se preciso, para que aceite. Isso não tá te fazendo bem, Alyssa, e minhas palavras não são o suficiente pra te fazer melhorar. Não sou nenhuma psicóloga, e você precisa de um acompanhamento com alguém que entende disso.

Limpo o rosto com o dorso das mãos, regularizando minha respiração aos poucos.

— Brooks... Se eles descobrirem... — Tremo só de pensar nessa ideia.

Eu quero buscar ajuda, eu *sei* que preciso de ajuda, mas o medo do inferno que pode se tornar minha vida me prende em um cativeiro onde sou obrigada a guardar tudo para mim e lidar com minhas crises do jeito que posso.

— Eles não vão — diz, convicta. — Vou conversar com minha psicóloga e ver o que podemos fazer. Me recuso a te ver passar por isso diariamente e fingir que não estou vendo.

Balanço a cabeça, porque não sei o que dizer. Anseio tanto por algo que vá me ajudar a sair desse martírio que nenhuma palavra no mundo é suficiente para expressar isso. Quero tanto lutar contra os meus demônios e viver uma vida normal que a mínima chance de um futuro onde isso se torne real já é o suficiente para me deixar... embevecida.

Não sei se agradecê-la é o ideal, mas o faço mesmo assim. Não só por isso, mas também por sua amizade. Ela é o meu arco-íris após um longo dia de tempestades. Nas suas risadas e piadas sem graça, eu posso encontrar meu abrigo. Uma cama quentinha depois de uma nevasca.

Ela é eu e eu sou ela. A minha metade. A pessoa que, de uns tempos para cá, foi oficialmente obrigada a dividir o lugar de “Pessoas Mais Especiais Da Minha Vida” com outro alguém.

Espero humildemente que ela nem sonhe que existe um cara aí tentando roubar o seu espaço, ainda que seja uma missão ULTRA impossível. Brooks mataria primeiro a ele, e depois de um longo monólogo dramático, a mim. Sem dúvidas.

Meu celular apita, entretanto, como estou sem força para olhar quem foi, peço para que Brooks verifique.

— Seu homem perguntou se você está bem — anuncia.

— O Eros não... — pondero, desistindo. — Diz pra ele que estou.

— Mas você não está.

— Sim, só que ele não precisa saber.

Ela bufa e começa a digitar.

— Ele mandou você dormir.

— Diz que eu não faço o que ele manda.

Brooks dá risada, mas obedece. Em cerca de dois minutos, a conversa se encerra. Ela desliga o celular e torna a se deitar ao meu lado.

— Sabe a conclusão que eu cheguei com essa conversa?

— Hum...? — murmuro, meio sonolenta.

Ela suspira e torna à posição de conchinha de fora, afastando o cabelo da minha orelha e dizendo:

— Que ele está completo e irreversivelmente apaixonado por você, garota.

26

Alyssa Blair

Passado, aos 16 anos, em junho.

Querido diário,

Hoje eu conheci um garoto. O nome dele é Leonardo, e, juro pra você, nunca vi alguém tão lindo em toda a minha vida! Ele tem os olhos bem pretos e um sorriso de abalar minhas estruturas. Hoje, ele brigou com umas meninas que estavam zoando meu peso e ainda me chamou pra sentar com ele no intervalo.

Acho que estou apaixonada, de verdade. Seria muito bobeira dizer que já estou imaginando nosso futuro juntos? Nossos filhos seriam lindos, mas acho que ele nunca me enxergaria diferente...

Não aconteceu nada de tãããão legal hoje, a não ser esse menino. As pessoas dizem que ele pega todo mundo e que não vale nada, só que eu não acredito nisso, sabe? Ele foi tão gentil comigo, até me deu um beijo na bochecha quando fui embora! Nenhum

menino nunca f ezisso comigo, diário, e senti como se meu coração f osse sair pela boca, sério.

Não vejo a hora de conhecê-lo melhor, tenho certeza de que vai ser incrí vel!

Até a próximaaaa!

P assado, aos 16 anos, em Agost o.

Querido diário,

Dei meu primeiro beijo DE L ÍNG UA.

Sim, com ele, meu crush e, com certeza, pai dos meus f ilhos. Ele me levou para dar um passeio na praça, conversamos sobre tudo, tudo mesmo, até sobre um passarinho que voava no céu. Ele disse que iria f azeruma coisa que estava ansioso há muito tempo, e eu já imaginava, porque não sou boba nem nada, aí ...

ACONTECEU!!!!!!!!!!!!!!!!

F oi perfeito, diário. Ele me beijou com uma delicadeza e cuidado que só achei ser possí vel em f ilmes e livros. Acariciou minha bochecha e sussurrou tantas vezes que eu era sensacional que até f iquei tonta!

L eonardo f az eu me sentir bonita, linda, deslumbrante!

Não sei mais o que f alar aqui, então deixa para a próxima!

P assado, 16 anos, em out ubro.

Querido diário,

Hoje o dia não f oi tão legal.

L eonardo me machucou, não com ações, mas com palavras.

Ele não estava muito bem, tinha cheiro de álcool na sua bebida e uma marca de batom no seu pescoço. Eu perguntei a ele o motivo de ter se atrasado tanto para nosso encontro, só que... eu não vou usar as palavras que ele usou, f oihorrí vel,mas ele disse que estava transando com alguém mais gostosa do que eu.

Botei culpa na sua bebida, ele não estava bem, porque, se estivesse, ele nunca diria essas coisas pra mim. L eonardo sempre

me chamou de linda e perfeita, nunca, nunca mesmo, se referiu a mim com essas palavras.

Ainda está doendo, diário, porque aquele sentimento de impotência veio de novo.

Mas vou ficar bem. Amanhã vamos conversar e esclarecer tudo isso.

Até a próxima!

Passado, aos 16, em novembro.

Querido diário,

Hoje, eu... perdi minha virgindade.

Sim, com ele.

Você é a única pessoa para qual posso ser sincera, então... também posso te contar isso.

Não gostei. Doeu muito, muito mesmo. Eu pedi pra ele ir com calma tantas e tantas vezes, diário... mas ele não quis me ouvir, simplesmente continuou.

Leonardo me batia na coxa enquanto eu chorava baixinho e fingia estar tudo bem, e diferente do que as pessoas dizem, não foi nada excitante. Foi doloroso. Minhas pernas estão ardendo, mal consigo caminhar e minha coxa está inchada e roxa.

E como se não bastasse, ele me xingou por eu ter sujado a colcha dele de sangue, gritou os piores nomes e mandou eu parar de ser tão escandalosa. Depois disso, ele saiu e simplesmente bateu a porta, me deixando largada na cama.

Tudo bem, não é o fim do mundo. Ele só não estava em um dia bom.

Certo...?

Passado, aos 16, quase 17, em dezembro.

Querido diário,

Ele me agrediu.

Não sei o que falar sobre isso e nem sei se quero, de fato, falar sobre, mas... está doendo, tanto.

Minha perna está cheia de cortes causados por vidro, mas o que está estilhaçado mesmo é meu coração.

Não sei o que mudou nesses meses, mas ele não é mais o mesmo cara que eu conheci. Seus insultos contra mim aumentam a cada dia. Meu travesseiro está cada vez mais encharcado.

Mas quando ele me beija... Ah, diário... É como se nada disso importasse.

Eu sou apaixonada por ele, e estou disposta a lutar por isso, mesmo que uma parte minha se dissipe como o vento no processo.

Por que é isso que é o amor, né? Ele cura e salva.

Leonardo só precisa disso, e estou disposta a dar.

.

Quando a manhã de domingo chega, estou cansada. Eu não dormi quase nada essa noite. Sempre que fechava os olhos e tentava me aconchegar no calor do corpo de Brooks me envolvendo, uma avalanche de memórias recaía sobre mim.

É preciso de cada centímetro de força para eu me desvencilhar da garota e levantar, o sol batendo sem piedade no meu rosto. Em um lapso de segundo, me pergunto se é tão difícil para todos o simples ato de acordar. Há dias em que tudo o que quero é me afundar nas minhas cobertas, colocar algo na TV e fingir que estou assistindo, só para que a sensação de se estar solitária não me enlouqueça.

Mal tenho forças para me pôr de joelhos e fazer minha oração matinal. Nem sei o que estou falando. Um monte de nada, talvez. Palavras desconexas que não devem fazer nenhum sentido para Deus. Ainda assim, me esforço, meus lábios mal descolando um do outro.

A exaustão consome cada centímetro da minha alma.

Reúno coragem e, como um instinto, vou para o espelho. Não importa o quanto eu ande, sempre vou parar no mesmo lugar. De pé, em frente ao meu reflexo.

Engulo em seco e me obrigo a respirar, meu corpo gela e minha traqueia parece prestes a fechar conforme minhas mãos alcançam a

bainha do pijama, puxa-a para cima e revela... tudo. O pânico toma conta de cada célula do meu corpo, o choro entala na garganta e o desespero cresce na mesma proporção que meu coração acelera o ritmo.

Quando eu vou conseguir te amar?

Tenho um sobressalto e rapidamente me visto ao escutar o resmungo sonolento de Brooks ao se remexer na cama. Ela bate as pestanas, desorientada, e tateia o espaço antes ocupado ao seu lado. Como não encontra ninguém, minha amiga se levanta, assustada, e passa o olhar em volta, mesmo que eu literalmente esteja na sua frente.

— Estou aqui, Brooks. — Ao ouvir minha voz, ela relaxa, esfregando os olhos. — Ainda estou aqui — sussurro, mais para mim do que para ela.

— Bom dia — diz, se espreguiçando, a voz grogue.

— Bom dia — respondo. — Acordou cedo.

Muito cedo, aliás.

— Ah... — Suas bochechas assumem uma coloração forte de vermelho. — Mesmo? Não percebi.

— Andou sonhando com alguma coisa?

Brooks arregala os olhos, negando freneticamente com a cabeça.

— Eu? Não... Por quê?

Dou de ombros, sem vontade de discutir.

— Final de semana você acorda depois das 12h, por aí. Achei estranho. — Pego duas toalhas no guarda-roupa e jogo uma para ela. — Vou banhar lá embaixo — aviso, calçando meus chinelos e começando a marchar para fora do quarto, sem esperar por sua resposta.

O banheiro que fica no térreo é distante dos quartos dos meus pais e do meu, ficando mais ou menos perto da lavanderia, no fundo da casa. Em dias que não estou me sentindo bem e sei que vou desabar a qualquer instante, finjo um quinto banho por dia e passo horas trancadas ali, deixando que as lágrimas rolem desenfreadas.

É o que acontece antes mesmo de eu ligar o chuveiro e ruir no chão molhado, trazendo as pernas para perto do peito e deitando a

testa nos joelhos. Não penso em nada e ao mesmo tempo em tudo. Minha mente está uma bagunça. A única coisa que sinto com clareza é a caixa que abriga o meu coração ameaçando esmagá-lo, como se ossos pontudos o estivessem perfurando. Nem sei mais por qual motivo estou sofrendo tanto.

Levo um susto ao ouvir batidas severas contra a porta. Imediatamente levanto, desligando o registro.

— *SAI DESSE BANHEIRO, PORRA!* — É a voz assustadora de Joshua que preenche o ambiente. — *JÁ SE PASSARAM 20 MINUTOS E A MERDA DESSE CHUVEIRO CONTINUA LIGADO*

20 minutos? Eu não fazia ideia de que estava há tanto tempo aqui.

— J-já estou indo — gaguejo, me apressando em ensaboar meu corpo.

Ele xinga mais uma vez e sai. Sei disso porque não sinto mais sua presença pesada do outro lado.

Com um nó apertando meu estômago, lavo os vestígios de sabonete e me enrolo com a toalha, quase enfiando o tecido nos olhos para limpar os sinais de que estivesse chorando como uma louca. Não há como, porém. Meu rosto inteiro está vermelho, principalmente o nariz, que se assemelha com o de um palhaço.

Seria cômico se não fosse trágico.

Sem demorar mais nenhum segundo, saio apressada do lugar e vou correndo para o meu quarto, evitando contato visual com meus pais no meio do caminho, que estão na cozinha discutindo sobre algo. Em outros casos, eles logo me repreenderiam e começariam a brigar pelo incidente dos minutos, mas devem ter lembrado que não estamos sozinhos em casa e criaram um pouquinho de senso.

Brooks provando ser meu bote salva-vidas novamente.

Ao entrar no quarto, encontro-a já vestida, com o celular em uma mão e, na outra, um pente específico para modelar seus cachos, que ela comprou e esqueceu aqui. Minha amiga está sorrindo como uma boba para seja lá o que esteja lendo.

— O motivo do seu sorriso logo pela manhã é...

— Bradley — completa, sem nenhuma gota de vergonha. — Combinamos que eu iria para casa dele hoje, mas cancelei o

compromisso, e ele está sendo um fofo agora.

— Cancelou? Por quê? — Sei bem o motivo, porém pergunto só para dar a chance a ela de responder e, depois, eu revidar.

Brooks dá de ombros.

— Prefiro passar o dia com você.

Reviro os olhos.

— Brooks, pelo amor de Deus...

— Não adianta, Alyssa. Nada do que você disser vai me fazer mudar de ideia — retruca enquanto digita.

— Você e sua mania de sacrificar suas saídas pra ficar comigo. — Bufo. — Eu estou bem, tá legal? Não precisa ficar cuidando de mim o tempo todo como se eu fosse uma bonequinha de porcelana, isso só vai te atrasar.

Ela larga o celular e me encara, furiosa.

— Não, Alyssa, você *não* está bem, e é exatamente esse o seu problema! Você empurra seus problemas com a barriga, com a desculpa de que é algo momentâneo e que vai passar, invalidando tudo o que você sente! Não é vergonhoso admitir que está mal, sabia? — Sua pergunta retórica faz eu me encolher. — Sorte sua que eu te conheço mais do que conhece a si própria e sei quando tudo o que está precisando é de alguém para te pôr pra cima.

— Cansei de te ver cancelando compromissos e largando tudo só pra ficar comigo.

Brooks caminha até mim e toma meu rosto em mãos, me obrigando a encará-la.

— Isso não é um sacrifício, Alyssa, você é minha amiga. É mais importante do que qualquer um que eu venha conhecer posteriormente. — Beija a minha testa. — Bradley pode, e *vai*, esperar. Falei que podemos nos encontrar no meio de semana. Amanhã, quem sabe? — pondera. — De qualquer forma, hoje o dia vai ser todo nosso, por isso, nem tente me afastar.

Sorrio fraco, o máximo que consigo.

— Não faz nem 24hrs que conhecemos esse garoto e você já vai pra casa dele?

— Com sorte, aquecer a cama dele também.

— Ai, Brooks, credo! — reclamo, empurrando seu ombro. — Não quero saber disso.

A risada de Brooks se torna um assobio quando eu tiro a toalha, procurando por roupas aconchegantes nas infinitas gavetas do meu guarda-roupa.

— *Uh lá lá*, que gata. Eros, um homem de sorte. — Rio de verdade dessa vez, negando com a cabeça. — Ah, nem te conto!

— Diga — resmungo, puxando um conjuntinho rosa e confortável, vestindo-o.

— Bradley é pai.

Engasgo.

— Quê?! — exclamo. — Pai de quem?

— Da filha dele.

Semicerro os olhos, querendo devolver com alguma resposta engraçadinha, mas ciente de que meu questionamento foi, sim, muito besta.

— Ele te contou?

— Uhum, até mostrou fotos dela! — diz, animada, pegando o celular e entrando no perfil do garoto. — Olha, Aly, que linda!

Tomo o celular da sua mão e, antes de prestar atenção na foto, diminuo o brilho da tela, que está no máximo e me faz questionar seu problema de visão. Quando por fim me dou conta da criancinha que me espera com um sorrisão do outro lado da tela, eu simplesmente desmancho.

— Oh, meu Deus. — Minha voz se transforma naquelas que só uso para falar com bebês. — Que coisa mais fofa, Brooks! — digo conforme vou passando as fotos, à procura de mais.

E, a cada vez que meus dedos deslizam para cima, descubro que é possível, sim, me apaixonar mais ainda por uma pessoinha que ao menos conheço. Os olhos da bebê são verdes, como os da mãe, imagino, e sua pele é negra como a do pai. Os cabelos crespos quase em todas as fotos estão presos com dois pompons na cabeça. Os comentários estão cheios de pessoas derretidas pela bebê.

— Não é?! — Ela ri, entusiasmada. — Nunca quis tanto ocupar o posto de madrasta na vida!

Faço uma careta, entregando o aparelho de volta e indo me sentar na cama.

— É um posto com responsabilidades — alerto e ela assente. — E... sério mesmo, Brooks? — Quase rio. — Senhor... A intenção era te deixar de vela, mas acabei te ajudando a encontrar um interesse amoroso — brinco, abraçando meu urso contra o peito.

Minha amiga solta uns pulinhos e se joga ao meu lado. É perceptível sua animação com isso tudo, e por mais que eu também me sinta assim, feliz por ela, não consigo demonstrar. Estou fraca demais psicologicamente para esboçar grandes reações.

— Alyssa, eu... eu não sei, mas senti uma conexão muito forte com esse cara, coisa que nunca cheguei nem perto de sentir com alguém! — conta. — Ele é lindo de doer, tem um senso de humor maravilhoso, não é bobo nem sonso, divide dos mesmos neurônios que eu e rebate minhas investidas. Além de ser um pai maravilhoso! Fala sério, Alyssa, como que eu não vou me encantar por um cara desses?! É a mesma coisa que pedir para eu sobreviver 3 dias sem água: impossível.

Sua analogia me arranca uma risada anasalada.

— Vocês formam um casal incrível, até Eros percebeu o clima.

— Mais um sinal de que devo investir! Uma oportunidade dessas só aparece uma vez na vida, não sei quando vou ter outra chance de encontrar alguém tão... tão... tão... Bradley... — Suspira, enfiando a cara no travesseiro para abafar um gritinho. — Ai, Jesus, será que estou apaixonada?! — divaga, pensativa. — Não é nada absurdo, né? E eu não tenho naaada contra a ideia dessa coisa de amor à primeira vista. É até compreensível, não acha? Tipo, é *ele.* Se eu não me apaixonasse logo de cara, estaria biruta da cabeça!

Luto para fazer um sorriso nascer nos meus lábios. Não quero que ela pare de contar, gosto de ouvi-la tagarelar sobre suas coisas, então tenho medo de que minha expressão cética a faça desistir de falar.

— É mesmo? E rolou algo mais entre... vocês? — Dessa vez, de fato, estou curiosa.

Brooks fica vermelha, coisa que nunca acontece, mas nega com a cabeça, decepcionada.

— Não, não fizemos nada. Quer dizer, ele beijou meu pescoço e fez aquela coisa na minha boca de puxar e tal. — Estremece com a lembrança. — Mas só. — Me olha com aqueles olhos questionadores. — Como você descobriu que estava apaixonada por Eros?

Solto um murmúrio com os lábios, sorrindo como uma boba de só pensar nele.

Esse f oi o primeiro sinal.

— Eu me pegava, e ainda me pego, sorrindo ao pensar nele.

— Eu também.

— Meu coração palpita forte quando vejo ele, quando estou com ele, quando... ah, quando ele é ele.

— O meu também.

Umedeço os lábios.

— Sinto uma falta imensa dele quando estamos longe e tenho a necessidade absurda de tocá-lo quando estamos perto.

— Sim, sim, sim e sim. Não precisa mais pontuar tópicos, já entendi. Estou apaixonada por aquele cara e, Senhor, como eu fui deixar isso acontecer? — Uno as sobrancelhas, em estranhamento. Ela rola os olhos. — Tá, talvez *apaixonada* seja uma palavra muito forte.

— *“ Talvez” ?*

— *Argh!* Nunca ouviu falar de amor à primeira vista?

— O amor é algo que se constrói com o tempo, Brooks — digo, limpando as unhas. — Vocês se conhecem a menos de *24 horas* — enfatizo. — Mas pode evoluir para algo maior, é claro, então eu ficaria feliz se o felizardo fosse Bradley. Ele parece alguém legal.

Brooks anui.

— Confio no Eros pra constatar isso. Acho que ele nem chegaria perto do garoto se ele não fosse flor que se cheire. — Ela gargalha e eu rio. — Deve... deve ser boa a sensação de se estar apaixonada. Pelo cara certo, é claro.

— Uhum. — Sorrio, boba. — Ela é.

A cacheada ri soprado.

— Não vou ficar pensando muito nisso — determina. — Marcamos de nos encontrar amanhã depois do colégio. Vou para a casa dele e... poderei testar essa teoria.

Torço o nariz.

— Sem detalhes.

Brooks semicerra as pálpebras.

— Não falei nada.

Reviro os orbes, pegando meu celular na cômoda ao lado da cama e recebendo quatro mensagens ao ligar o aparelho. 2 do grupo do colégio, sobre algo que não estou a fim de saber agora, e outras 2 de Eros.

Eros: *Oi, pequena*

Eros: *Dormiu bem?*

Um sorriso ínfimo brota no canto da minha boca.

É, Brooks está certa.

A sensação de se estar apaixonada *pelo cara certo* é muito boa.



O colégio é o último lugar que eu desejaria estar nesse momento. Estou tão dispersa e desligada que ao menos protesto quando Leonardo me puxa e prensa meu corpo na parede, seu peso me comprimindo.

— Meu amor... — Resvala o nariz no meu pescoço, realizando um carinho na minha cintura. — Que saudades que eu senti de você.

— Hum... — balbucio, letárgica, segurando seu braço para afastá-lo, contudo, sem força o suficiente para fazer isso.

Leonardo segura meu queixo de um jeito carinhoso nunca usado por ele antes, e esses olhos... parecem tão diferentes.

— Tenho que te contar uma coisa — diz, sorrindo.

— Fala — me obrigo a incentivá-lo.

Seu sorriso se amplia ainda mais, e como se não bastasse, ele me rouba um selinho. Fico incomodada por um motivo novo,

somado ao nojo que criei dele nos últimos tempos, e isso tem tudo a ver com o fato do meu coração pertencer a Eros, não a ele. Não mais.

— Eu te amo.

Travo.

Um soco. É como se eu estivesse levado um soco no peito e todo o sangue estivesse sido drenado para os meus ouvidos. Eles começam a zumbir e tudo ao redor desaparece. Devo estar pálida igual papel e minhas mãos estão tremendo.

Isso? Isso é terror.

Esperei tanto tempo para ouvir essas três palavrinhas, tão simples e tão significativas para mim, e agora que *f inalmente* as ouvi, não sinto nada, apenas o desejo de que ele me esqueça.

— O-o quê? Como assim, Leonardo?

— Eu te amo, meu amor. Sou tão, tão apaixonado por você. — Ele tomba a testa na minha. — Meu Deus, Aly... Me perdoa por demorar tanto a perceber isso.

Engulo em seco, o cheiro de maconha chegando às minhas narinas. Conheço esse cheiro tão bem. É o mesmo que vivia impregnado no ar quando ele me arrastava para as suas festas ilegais.

— Você está drogado? — Meu timbre soa acusatório.

Ele nega várias vezes com a cabeça, beijando minha testa.

— Não importa, Aly... O que eu sinto é real, *isso,* sim, importa — contesta. — Agora me dou conta do quão idiota fui, te acusando de estar com aquele Russell e... — Nega com a cabeça. — Eu não estava bem naquele dia, falei coisas horríveis pra você e me arrependo do que fiz. — Respira fundo. — Não sei o que eu tinha na cabeça ao achar que você realmente tinha algum envolvimento com aquele cara. Você *me* ama, né? Eu sei disso. Você é boa, ele não é pra você...

Céus, quanto mais ele f ala, mais o pânico cresce.

Ele tá errado na suposição de eu amá-lo, e muito, muito certo ao afirmar que estou com Eros. Não sei o que *Eros* sente em relação a isso, mas eu sou emocionada, admito, e um pouco besta, até. Se

estou *gostando* de alguém de verdade, qualquer outro cara perde o encanto.

— Leonardo, eu preciso te...

— "Leonardo"? — murmura, fazendo um bico estranhamente *estranho.* — Você só me chama de Leo... — pontua, me abraçando e enterrando o rosto no meu pescoço. — Quer ver um filme comigo hoje? Podemos colocar aqueles de princesas que você gosta, juro que não vou me importar.

Se isso tivesse acontecido em outra época, eu estaria exultante de alegria, como a besta que eu era por ele, mas agora... Devo ter enjoado de tudo o que remete a Leonardo Carter, pois seu toque ou suas investidas não me causam mais nada além de ânsia e vontade de desgrudar.

— Você pode me soltar só um pouquinho? — Tento me desvencilhar dele. — Preciso te falar um negócio.

Você ainda não entendeu do que caras como ele se alimentam? Eles procuram pessoas vulneráveis que aceitam tudo e aumentem o ego deles, e nunca, Alyssa, nunca tenham coragem de enf rentá-los, você entendeu? Enquanto você f or essa pessoa, vai viver às sombras dele pelo resto da vida!

É a hora de pôr isso em prática. Leonardo só precisa estar um pouquinho mais longe.

— Amor... — balbucia e se afasta. — O que aconteceu?

O que aconteceu com você, *no caso,* tenho vontade de perguntar.

— Eu... — Passo a língua nos lábios, que de repente se tornaram secos. — E-eu não quero mais... — Tomo fôlego, aprumando minha coluna, inquieta. — Eu não quero mais nada com você — disparo, com medo de que, se eu gaguejasse, desistisse e voltasse atrás.

Agora já era.

Estou tão nervosa que é como se eu estivesse prestes a sofrer uma convulsão. Minhas mãos estão tremendo, suor excessivo escorre por partes nada legais do meu corpo, meus batimentos estão a mil por segundo, a dor de cabeça me atinge e, junto com ela, uma tensão muscular desgraçada no meu ombro.

É incrível a quantidade de coisas ruins que ele pode me causar mesmo sem fazer nada, apenas por existir.

— Como?

É a única palavra que sai da sua boca.

Meu corpo gela com sua mudança repentina de expressão. Suas mãos não estão mais no meu corpo, sua voz já não é carinhosa.

Minha visão embaça, fica turva. O cara à minha frente se torna desfocado. São as mesmas coisas que me afligem sempre que estou *apavorada* com o rumo de alguma conversa.

— E-eu já d-disse. — Puxo as mangas do meu moletom, cobrindo minhas mãos. — Não quero mais... não quero mais nada com você — sussurro.

Por favor, Deus, que não aconteça nada.

— Mas por que, meu amor? — Seus dedos voltam ao meu rosto. — Aconteceu alguma coisa?

Sim, muitas e muitas coisas, das quais você não precisa saber.

Balanço a cabeça, mentindo.

— Não, Leo, é só que... Não estamos mais na mesma página, entende? Você não está a fim de um relacionamento, e... eu não nasci pra isso... — Esfrego meu braço. — Sem falar que... minha mãe pode acabar descobrindo. Seria bem ruim se isso acontecesse.

Leonardo solta um ruído baixo, seguido de uma espiralada profunda.

— Eu pensei que me amasse...

— Não posso mentir assim — sou sincera, lutando para acalmar minha respiração desenfreada. — Desculpa.

Ele aquiesce, para a minha surpresa, não dando nenhum indicativo de... raiva ou... ódio... ou... qualquer derivado de sentimentos ruins.

— Certo, Aly. Eu entendo. — Seu tom é suave, não há nada do verdadeiro Leonardo nele. — Eu só fico triste por isso. Quando finalmente me declaro, você vai lá e...

— Desculpa — peço outra vez, olhando para os meus próprios pés.

Era a resposta que eu tanto estava esperando, que ele entendesse e me deixasse em paz. Entretanto, nesse momento, *paz* não é o que sinto. Leonardo está estranho, e isso só me faz pensar que, alguma hora, ele vai tirar a máscara de bom garoto e fazer o que faria em situações normais. Como sempre acontece.

— Não há com o que se desculpar, meu amor. — Dá um sorriso, traçando meus lábios com o polegar. — Posso te dar um beijo de despedida, já que... encerramos aqui?

Eu devo estar sonhando. Essa é a única explicação possível.

— Tá falando sério?

— Sobre o quê?

— Sobre... sobre isso, Leonardo. Vai me deixar, de verdade? — Tenho medo de insistir demais e ele acabar mudando de ideia, mas não consigo conter minhas perguntas só para mim. Preciso ter certeza.

Ele solta uma risada baixa. Seu sorriso sempre foi minha característica favorita. Eu amo sorrisos no geral, acho que eles são capazes de iluminar mais que o sol e fazer o dia de uma pessoa infinitamente melhor. Todavia, os de Leonardo... têm se tornando cada vez mais falsos e sádicos a cada dia. Essa é a primeira vez em muitos meses em que ele realmente *ri.*

— É claro, Aly. Não sou o monstro que você acha que eu sou, beleza? Se você não quer mais nada comigo, eu entendo, e está tudo bem. Vou superar. — Ele sorri e eu tento acompanhá-lo, mas devo ter feito *cosplay* de Annabelle. — Só preciso do meu último beijo antes.

Outra coisa que não está em cogitação.

— Leonardo, eu acho melhor n... — Antes que eu termine a frase, ele agarra meu queixo e gruda nossos lábios.

Bem no instante que Eros surge no meu campo de visão e caminha por um dos imensos corredores do colégio. Quando vira um pouco a cabeça e me vê *beijando Leonardo,* seu semblante cai e o maxilar endurece. Dando uma risadinha baixa, ele guarda um... livro na mochila, que não tenho tempo de ver qual é, e sai, enganchando a bolsa no ombro.

Empurro Leonardo pelo ombro, nem pensando que minha brutalidade pode alterar seu humor. O pior é que ele continua sereno, sustentando um sorriso nos lábios úmidos.

— Calma, amor, que agressividade. — Cerra as pálpebras. — Viu alguém que não devia?

— O quê? Não! Não vi. — As palavras saem trôpegas porque sou uma péssima mentirosa.

E se Leonardo percebe, não deixa demonstrar.

— Ok, Aly. — Outro beijo rápido nos meus lábios. — Te vejo por aí. Se cuida, hein?

Não respondo nada enquanto o observo sair. Isso deve ter sido um pouco desrespeitoso da minha parte, só que... Deus, eu não *tenho* o que falar. Estou perplexa, não acreditando que essa conversa correu de forma saudável e que nenhum corpo foi machucado — o meu, mais especificamente.

Abro um sorriso pequeno e tenso. Não estou 100% confiante, mas se ele permitir que eu viva minha vida sem complicações, nossa... será a melhor coisa do mundo.

Brooks, pela quinta vez no mês, falta à BC. Não sei como ela ainda não foi chamada atenção dos professores, que mesmo notando sua ausência em praticamente *todas* as aulas, agem como se nada estivesse acontecendo.

Desse modo, ficarei sem companhia durante o resto do dia, pois a única pessoa que eu estou relativamente próxima nesse lugar está sentado na cadeira ao meu lado e sequer levanta os olhos para me olhar quando entro.

Não, não f az isso, por f avor.

Aflita, ando a passos pequenos e hesitantes em direção à minha carteira, observando a sala vazia. Me assento no meu lugar e fico sem saber o que fazer. Nós passamos o final de semana inteiro nos beijando e conversando, e agora vai ficar assim?

— Oi — sussurro, raspando as unhas na minha calça e balançando as pernas.

Eros, de canto de olho, nota a agitação delas, que quase batem na mesa devido ao ritmo frenético. Ainda sem me encarar, ele pousa

a mão no meu joelho, e todos os meus membros relaxam quando sinto seus dedos realizarem um carinho na região.

— Oi. — *Seco.*

Cadê meu "Oi, pequena", poxa?!

Forçando o bolo na garganta para baixo, arrisco cobrir sua mão com a minha. De soslaio, vejo se há algum sinal de incômodo em seu rosto, mas não, apenas um suspiro longo foge dos seus lábios.

Sorrio.

— Preciso falar com você. — *Esclarecer o mal-entendido que você presenciou.*

— Pode falar.

Bufo.

— Dá pra parar de mexer nesse celular e me dar atenção?! — me exalto, irritada.

Eros rola os olhos e faz o que eu mando, guardando o aparelho no bolso e girando o corpo para me encarar. Seus cabelos presos em um coque frouxo, com duas mechas caindo em sua testa, e os brincos espalhados por suas orelhas tornam muito difícil a missão de *não* o beijar.

— O que foi? — Droga, eu odeio que sua irritação seja direcionada a mim.

E por isso, almejando acabar com esse clima péssimo, tomo um pouquinho de ousadia e me inclino para ele, elevando o rosto.

— Só se me der um beijo. — Uso minha voz mais penosa e minha cara com o maior índice de convencimento, fazendo um biquinho.

E funciona, porque Eros, mesmo tentando, e ele tenta muito, não consegue conter o sorriso que repuxa seus lábios, mostrando as covinhas, por enquanto rasas, que ele tem nas duas bochechas.

— Vai me explicar aquela palhaçada?

— É exatamente o que vim fazer, idiota. — Entorto a boca, pegando seu rosto e roçando nossos lábios. — Mas só digo depois do beijo — murmuro.

— Só me diga se...

— Não — corto. — Não, não é o que você tá pensando. Agora, pelo amor de Deus, me beija. Quero te contar logo.

Mais calmo, ele aquiesce e finalmente realiza meu pedido — ou melhor, *ordem.* Não aprofundamos o contato por motivos óbvios, mas sua mão no meu pescoço e seus lábios cobrindo os meus em um selinho demorado valem para agora.

Nos afastando, Eros deposita um beijo no meu pescoço e na ponta do meu nariz, passando a pontinha da língua ali só para me provocar. Grito entre risadas e soco seu peito.

— Nojento!

— Já fizemos coisas mais nojentas que isso, pequena.

— Não deixa de ser nojento — retruco, me acomodando pertinho dele e arrancando os fiapos da sua calça. — A coisa que eu vou te contar... ela é um pouco íntima.

— Quero ser a pessoa que você conta todas as coisas íntimas que quiser. — Eros entrelaça nossos dedos. — Pode confiar em mim.

— Promete que não vai surtar? — insisto. — Não quero brigar, Eros...

— Prometo, pequena. Pode falar.

— Certo. — Respiro fundo, enroscando algumas mechas de cabelo atrás das orelhas. — Leonardo disse que me ama.

Não há nem aqueles segundos dramáticos antes da reação final que geralmente acontecem nos filmes. Assim que digo, Eros dá risada.

Que saco, esperava mais emoção.

— E você não acreditou, né?

— Óbvio que não. — Comprimo os lábios. — Ele estava diferente. Tenho certeza de que ingeriu algo antes de vir — pondero, medindo minha palma com a de Eros em um gesto descontraído só para depois entrelaçar nossos dedos novamente. — Bem, o ponto não é esse. Resumindo a história para não ficar muito longa, eu... eu fui até ele porque queria dar um basta na nossa relação. — Eros franze o cenho e eu continuo: — Faz um tempo que não sinto mais todas aquelas coisas por ele, e desde que começamos a... nos relacionar, só piorou. — Capturo o lampejo de um sorriso se formar no rosto do francês. — Acontece que eu não consigo, Eros, ficar

com duas pessoas ao mesmo tempo. Beijar você uma hora e depois, ele. Isso, pra mim, não funciona.

— E entre o cara babaca e o cara gostoso você escolheu o...?

Eu rio, negando com a cabeça.

— Me recuso a responder isso — decreto, chutando seu tornozelo e voltando a ficar séria. — Pode parecer algo bobo, Eros, eu. Já me chamaram de emocionada por isso, e admito que sou mesmo. Você deve estar ficando com outras garotas, e eu aqui, achando...

— Não estou ficando com outras garotas — corta. — Faz um bom tempo, na verdade.

— Não? — Aperto nossos dedos, surpreendida pela confissão e perturbada pelo menos motivo. — E-e então... O que isso significa?

Eros passa a língua nos lábios e aproxima seu corpo todo esbelto do meu. Encostando nossas bocas, sua respiração quente na minha pele, ele enrosca minhas madeixas loiras nos dedos, abrindo aquele sorriso que amolece meus joelhos.

— Significa que, enquanto você me quiser, serei exclusivamente seu — conta, como se fosse uma confissão, e mais baixo que os sons dos passarinhos distantes lá fora, ele completa: — E acho que até depois disso.

Não deixo de notar que isso é quase um pedido de namoro indireto, como se estivéssemos selando um compromisso a partir daqui. Meu coração dá pulinhos com a ideia de que eu e Eros estamos *juntos.*

A única parte triste nisso tudo é que terei que mantê-lo em segredo. Não gosto de imaginar a reação dos meus pais ao descobrir o meu tipo de cara. Eles iriam julgá-lo e com certeza fariam mil comentários acerca das suas tatuagens e do seu modo de ser. Eros é muito transparente quando algo lhe irrita, e se ele já não gosta do meu padrasto pelo acontecimento de um mês atrás, posso apostar que nada de bom sairia de um possível encontro de nós quatro.

— Quer dizer que você não pensa em ficar com mais ninguém? — questiono, insegura.

— Não mesmo, e você?

Dou risada, a sua indagação sendo a mais idiota da face da terra.

— Até parece...

— Resposta errada, Alyssa — adverte, mordiscando meu queixo. — Não penso e nem quero ficar com mais ninguém, e você?

Eros e seu jeitinho meio duvidoso de me colocar para cima.

— Não, insuportável. — Rolo os olhos. — Não estou ficando com mais ninguém.

Ele sorri largo, mostrando todos os dentes, aprofundando os dois buraquinhos fundos no seu rosto. Lindo. Tão, tão lindo.

— Essa é a minha garota. — Me beija. — Se tivesse outro cara na jogada, ele iria se ver comigo.

— Sua garota? — Não consigo nem esconder meu tom abobalhado.

— Uhum, só minha — sussurra, me presenteando com outro beijo. — De mais ninguém.

— *Urgh*, tão possessivo... — reclamo, no fundo ciente de que sempre fui dele. Mesmo quando não suportávamos a presença um do outro e vivíamos trocando farpas.

Eros concorda com a cabeça.

— Não do tipo: "Ponha outra roupa, não vou deixar você sair com essa" — lembra, engrossando a voz para imitar aqueles que se acham no direito de exigir tal coisa, arrancando uma risada minha. — E sim do tipo: "Encoste em um fio de cabelo dela e eu mato você". Sentiu a diferença? Eu sim. O Bryce também, caso ele venha com gracinha.

Gargalho alto, escondendo meu rosto na curva do seu pescoço. Ele não se aguenta e ri também, passando a mão nas minhas costas.

— Deixa o Bryce fora disso, tadinho. Ele não fez nada.

— Disse que suas pernas são lindas.

— Mas elas são, não são? — Esse é um daqueles momentos em que eu me sentiria desconfortável falando para qualquer outra pessoa, mas que, com ele, me sinto exatamente o contrário.

Quer dizer, para quem acha minha bunda uma delícia, deve apreciar outras coisas também, certo?

Ou não?

Ai, meu Deus. Por que ele tá demorando a responder? Será que não... Tá, minhas pernas não são lindas, sei disso. Eu só estava tentando fazer aquela coisa de falar algo bom sobre si, mesmo que eu não acredite totalmente, e me aceitando aos pouquinhos. Mas eu deveria ter feito isso quando estivesse sozinha, não com ele.

Burra, burra, burra.

— Você pensa tanto, pequena... — ele quebra o silêncio, beijando minha bochecha. — Suas pernas, sua bunda, seus peitos, até seu último fio de cabelo são perfeitos. Por favor, tire esses pensamentos da sua cabeça, eles não lhe fazem bem.

Sorrio pequeno, deitando a cabeça no seu ombro e aproveitando que ainda faltam 10 minutos para todo mundo entrar.

— Eu te vi segurando um livro... Virou leitor? — pergunto, sugestiva. — Não acredito que meu livro fez isso com você.

Eros desdenha com os lábios, abrindo a mochila e pegando o exemplar de lá, me mostrando.

Perco o ar.

A Rainha Vermelha.

— Eu... — Ele limpa a garganta. — Falei com a Brooks ontem e perguntei a ela seu livro favorito. Ela disse que você é fanática por essa série — revela, folheando as páginas. — Descobri que tem mais 6, mas só tive como comprar o primeiro.

— Eros... — A voz falha denuncia parte da emoção que me preenche. — Por que... Por que fez isso?

— Não me faça pergunta difícil, Aly... — pede, suspirando. — Quero saber do que você gosta, o que arranca uma risada sua, o que te faz chorar, o que te faz suspirar, os tipos de livros que lê, seus personagens favoritos e todas essas coisas. Parece idiota, eu sei, mas é como você me faz parecer em 99% das vezes que estamos juntos.

Uma risada alta escapa da minha garganta com sua última declaração, por isso, só percebo que estou chorando quando uma lágrima derrapa na minha perna.

— Você tem que parar de fazer essas coisas — balbucio, recebendo de bom grado o afago que suas mãos fazem na minha

bochecha. — Sou sensível.

Ele sorri.

— Por que está chorando, pequena?

— Não sei. — Seu tom baixo, o apelido e o leve sorriso no seu rosto só contribuem para me fazer chorar ainda mais. — Ninguém nunca fez isso por mim.

— Pode falar, minha pequena, eu sei que eu sou *aquele* cara.

— *Aquele* cara prepotente e convencido?

— Aquele que faz tudo pela mocinha.

Bufo, limpando as lágrimas abaixo dos meus olhos.

— Você tem que parar de me deixar sem palavras — critico, fungando. — Vai ler sozinho? — Indico o livro com o queixo.

Eros nega.

— Claro que não. Vamos marcar um encontro extra toda semana e ficar agarradinhos enquanto eu leio e você ri da minha cara.

— E quando você quiser ler em algum momento que eu não estiver?

— Te ligo ou... não leio. — Dá de ombros. — Não vou morrer por causa disso.

Solto um riso de deboche.

— *I sso*porque você ainda não entendeu o poder que *A Rainha Vermelha* tem sobre a gente.

— Tenho certeza de que não é mais do que o que você tem sobre mim — devolve, soltando um grunhido baixo ao ouvirmos barulhos de passos. — Vou ter que fingir que não te conheço pelas próximas horas, então?

Respiro fundo, chateada.

— Mais ou menos isso. — Me desgrudo do seu conforto e arrasto minha cadeira para mais distante. — Ou podemos trocar cartinhas.

— Ou podemos nos pegar debaixo da arquibancada na troca de professores. — Ergue uma sobrancelha.

Meu corpo acalora.

— Claro que não! A ideia das cartas é mais inocente, portanto, tem meu voto.

Eros cruza os braços como uma criança marrenta, se esparramando na cadeira.

— E como eu só faço o que você manda... — deixa a frase no ar, emburrado.

Solto um *hi-hi-hi-hi* travesso e deixo o assunto para lá por enquanto. Ajeitando a compostura, trato logo de abrir o caderno quando o professor Lima, de Álgebra, já chega delegando ordens. Não consigo esconder o sorrisinho insistente enquanto nas linhas retas ao escutar um barulho de papel sendo rasgado.

1 minuto depois, esse mesmo papel é repassado para mim por debaixo da carteira e eu recebo, como se estivéssemos cometendo o maior crime contra as leis do jardim de infância. Desenrolando a folha com o coração na boca, voltando para o tempo onde a criança está descobrindo seu primeiro amor, escondo o papel ao lado da mochila e começo a ler.

Só você pra me fazer volt ar a t er 12 anos de novo, pequena.
Sabe que t e odeio por isso, não sabe?
Quer dizer, não só por isso, mas t ambém por me fazer perceber que eu faço a merda que for, desde que você est eja envolvida.
I sso me t orna um pau mandado seu? (Não responda)

E eu não preciso mesmo responder, porque, lá no fundo, ele sabe a resposta.

27

Alyssa Blair

Eu nunca detestei tanto uma matéria em toda a minha vida. Sempre fui aquela aluna que, embora tivesse dificuldade, conseguia desenrolar nos últimos segundos antes da prova qualquer matéria que fosse — embora isso, ultimamente, tenha se tornado mais complicado —, porém não é o que acontece quando o assunto é Álgebra.

Na minha humilde opinião, é a pior matéria já inventada, e agora, que não estou nos meus melhores dias, minhas chances de aprender qualquer besteira que seja acaba de despencar drasticamente. Queria poder dizer que a culpa é do professor, dizer que ele não ensina bem ou essas asneiras, mas não é. Lima ensina bem até *demais,* repete a mesma questão diversas vezes e se certifica de que estamos aprendendo de fato. A culpa é minha, porque mesmo compenetrada na aula e tentando prestar atenção em cada sílaba que sai dos seus lábios, minha atenção sempre se

dispersa em algum momento, e quando me dou conta, já perdi toda a minha linha de raciocínio.

Começo a me desesperar, pois ao fundo escuto burburinhos de alunos comentando sobre a facilidade desse assunto. Passo o olhar em volta, à procura de alguém que esteja na mesma situação que a minha. *Não é possí vel que eu seja a única desse jeito, é?*

Para o meu azar, descubro que é, sim. Todos parecem estar entendendo e estão até soltando suspiros aliviados conforme anotam os cálculos de outro mundo no caderno. Arrisco um olhar para Eros, só para me certificar, mesmo sabendo o que irei encontrar. Ele foi medalhista de ouro em todas as competições que envolviam números e lógicas, não é surpresa que ele ao menos esteja copiando por, literalmente, saber *tudo*.

Deus que me perdoe por estar pensando essas coisas na hora da aula, mas meu (pré)namorado fica uma delícia com as sobrancelhas unidas e semblante concentrado, raciocinando os cálculos na cabeça em questão de segundos.

— Todos entenderam? — o professor questiona e todos assentem. Ele mira em mim em seguida, pois, além de saber do meu histórico de notas nada boas, ele tem vontade de me ajudar. Tenho quase certeza de que a maioria das vezes em que ele repete o assunto é direcionando-o à minha pessoa. — Alyssa?

— Claro! — minto e sorrio.

Ele não parece convencido, porém não insiste. Não há nada o que ele possa fazer se nunca digo a verdade.

Os próximos minutos correm, e a cada nova fórmula que eu luto para copiar no meu caderno, percebo que estou perdida. A última prova do semestre é daqui a 7 dias e eu. Não. Sei. *Nada.*

A constatação faz uma onda de ansiedade percorrer meu corpo. Sem me dar conta, estou imaginando os olhares de decepção dos meus pais, os gritos, os "Você não faz nada, só estuda, e nem isso consegue fazer?". Meu coração fica apertado, me sufocando, e minhas pernas voltam a tremer involuntariamente. Parece que a sala se tornou muito pequena para armazenar tanta gente. Quero tirar meu moletom para que essa sensação passe, mas não ouso fazer isso.

E se eu não for boa o suficiente? E se eu não conseguir ser aceita em uma boa universidade? Eu seria o objeto de desonra da minha família. Minha mãe nunca mais me trataria da mesma forma e meu pai diria que eu não sei valorizar o esforço que eles fazem.

Forço minha mente a se concentrar, mas não consigo, simples assim. Minha mente viaja para lugares onde ela não deveria estar, e quase todos param no epicentro dos meus problemas. Penso em Leonardo e no quão estranho ele estava hoje, nos meus medos, no meu passado, na degradação do ambiente familiar que convivo... Em tudo, menos no que importa.

Quando as duas últimas aulas antes das provas acabam e o professor sai, o intervalo de 10 minutos se inicia. Não movo um músculo para fora da carteira. Me debruço sobre o tampo da mesa, enterrando meu rosto por cima dos meus braços. Quero chorar, mas não o faço por continuar sentindo a presença de Eros ao meu lado. Assim que todos saem, segundo a falta de movimentação que na sala, Russell suspira e, provocando o bater de asas de várias borboletas no meu estômago, abraça minha cintura, pousando o queixo no meu ombro após dar um beijo no local. É uma sensação tão gostosa que me vejo querendo me aninhar mais a ele.

— Com dificuldade? — questiona, me abraçando mais forte.

Viro a cabeça para o lado, deitando a têmpora nos braços e encontrando os olhos que tanto amo afetuosos e vidrados em mim.

— Muita — admito, minha voz trêmula. — Acho que não vou conseguir entrar numa boa faculdade.

— *Shhh*, pequena, não fala isso — murmura, apertando os lábios na minha bochecha. — Claro que vai.

— Mas como, Eros? — choramingo. — Não consigo entender nem um assunto que todos dizem ser super fácil, quem dirá quando o nível subir!

Ele passa a mão no meu braço, como se quisesse me confortar, e alcança minhas mãos, entrelaçando nossos dedos. Ainda que a posição seja desconfortável, o toque abranda isso.

— Eu posso te ajudar — se oferece. — Você pode... pode ir à minha casa. Todos os dias, quero dizer, já que a prova é próxima

semana — diz, incerto. — Ou pode ser em um lugar mais seguro, se isso for dar problema.

Balanço a cabeça.

— Não, Eros, não quero te dar trabalho. De verdade. Eu realmente não sou boa nessa matéria, você se estressaria fácil e isso tomaria muito do seu tempo — contraponho, triste. — Pode deixar, eu vou dar um jeito.

— Negativo, linda. — Morde minha bochecha e eu dou um beliscão na sua mão. — Eu só fico impaciente quando você tenta dar um jeito em tudo sozinha e nunca aceita minha ajuda de primeira. — *Outra mordida, outro beliscão.* — Você já deveria saber que eu sou um monge quando se trata da mulher mais gostosa que já pisou na terra.

Reviro os olhos, rindo um pouco.

— Não quero te incomodar, Eros...

— Você não me incomoda, Alyssa. Nunca. Eu não sou lá essas coisas em Ciências Humanas, e tudo o que eu queria às vezes era alguém disposto a me ajudar.

— Você só tira "A" em todas.

— Porque eu me viro sozinho, mas não é legal. — Passa a língua nos lábios. — O que eu quero dizer, pequena, é que todos nós precisamos de ajuda em algum departamento da nossa vida. Eu vi que você tem as melhores notas em Linguagens, está tudo bem se a mesma coisa não acontecer em Exatas. Faz parte, ninguém é bom em tudo.

A imagem de Eros se matando para aprender alguma matéria não faz muito sentido na minha cabeça.

Ele está certo, não é? Sou boa em linguagens, e até me dou bem em Humanas, não preciso me cobrar tanto só por ter mais dif iculdade na parte dos cálculosAinda mais agora, que Eros, o melhor que conheço na área, está à minha disposição.

Sorrindo, ainda hesitante, me sento como uma pessoa normal, estralando minhas costas. Ele me puxa para perto e eu deito em seu peito.

— Não vai perder a paciência comigo? — sussurro, temerosa.

— Nunca — sussurra de volta.

— Vou poder perguntar quando eu não entender algo?

— Você deve.

— E pedir para repetir?

— Também.

Traço círculos invisíveis na sua camisa.

— E... se eu responder algo errado?

— Eu ensino quantas vezes forem necessárias. — Beija minha testa. — Para de paranoia.

Solto o ar pelo nariz e aquiesço.

Não faço essas perguntas à toa. Quando eu era menor e ainda possuía a ingenuidade de pedir ajuda à minha para me ensinar o que eu não entendia, ela sempre acabava se estressando quando eu dizia que continuava sem entender, pedia que ela repetisse ou respondesse algum exercício errado. Ela gritava que eu não entendia nada e perguntava se eu era *demente*. Esse episódio se repetiu tantas vezes que eu terminei parando de pedir ajuda e comecei a dar conta de tudo sozinha.

Desse modo, estou depositando toda a minha confiança nele.

— E... — Engulo em seco, atingida por mais lembranças. — O que vai querer em troca?

— Tudo bem, eu assisto o filme com você — Leonardo diz, ligando a TV.

Me animo, engatinhando na cama para me sentar ao seu lado.

— Issoaí — exclamo. — Pode ser... Não sei, algum da Disney? Faz tempo que não assisto nada dela, acho que você iria gostar.

Leonardo faz uma careta que entrega seus pensamentos.

— Ah, não, Alyssa, esses filmes de criancinha, não. — Bufa ao ver meus ombros murcharem. — Tá, tá legal. Podemos assistir. Tem algum +18?

— Leonardo... São filmes da Disney — lembro, com receio.

Ele joga as costas na cama com tudo e me puxa para cima dele. Rio, me aninhando ao seu corpo.

— Beleza — fala. — Qual você quer?

— Hum... Não sei. Enrolados? Esse é bom. — Tomo o controle da mão dele e procuro o filme.Meu raciocínio trava quando

suas mãos começam a percorrer meu corpo daquele jeito que eu conheço bem. — Leo...

— Vai ser rápido, gata. — Ele alcança a barra do meu moletom e puxa para cima, me deixando só de sutiã.

De repente, toda a minha animação vai para o lixo, substituído por uma sensação péssima de desânimo e infelicidade.

— Pode ser depois? Por favor, vamos assistir primeiro.

Leonardo faz que não com a cabeça, me tirando de cima de si e desabotoando a própria calça.

— Só vou assistir se me der isso em troca, amor. — Arranca a cueca e avança, descendo minha calça. — Depois assistimos, prometo.

Mais uma vez, me uso como moeda de troca. A tarde passa, ele parece insaciável, e não assistimos ao que eu havia pedido. Leonardo, ainda nu, põe o filme imoral que ele tanto queria e me abraça de lado, investindo para cima contra mim à medida que cenas específicas passam na tela. Finjo que minha mãe mandou mensagem pedindo para eu chegar logo em casa e, só assim, consigo me ver longe dele pelo resto do dia.

— Sua dedicação. Será o suficiente. — Eros me puxa para fora do vórtice de pensamentos, acariciando minha bochecha.

Agora que o gatilho foi acionado, meu outro medo também é.

— Tem certeza? — insisto, retorcendo meus dedos na sua camisa. — V-Você... não vai querer outra coisa?

Eu deveria saber que Eros não é assim. Ele nunca faria isso comigo, tenho certeza disso, mas... Jesus, eu nunca sei o que esperar das pessoas. Leonardo nem sempre foi assim comigo, houve uma época em que ele era um cavalheiro e me tratava tão bem que eu me sentia a garota mais amada do mundo. E se... e se essa também for a realidade de Eros? E se, com o passar do tempo, ele...

Não, Alyssa, para com isso. Nem ouse completar esse pensamento.

— O que você tá querendo insinuar, Alyssa? — Eros se afasta e levanta meu queixo, me obrigando a encará-lo.

— Não quero insinuar nada, só estou perguntando.

— Alyssa... — Ele fecha os olhos com força, trincando a mandíbula. — Diz que não é o que eu estou pensando, pequena...

Quando eu pedi a Deus uma pessoa que me entendesse sem eu precisar dizer nada, não imaginei que ele fosse levar tão sério.

— Não sei o que você tá pensando — balbucio.

Eros resvala o nariz no topo da minha cabeça, como se quisesse arrancar esse pensamento da sua mente.

— Aquele... Aquele cara... — Sua voz treme de ódio. — Ele te pedia s...

— Sim — interrompo antes que ele termine de falar. — Sim, ele pedia.

Seu abraço se torna tenso. É possível sentir a raiva que irradia das suas veias.

— *Filho da puta* — rosna, me abraçando com mais força. Não sei se é sua intenção, mas isso faz com que eu me sinta protegida. — Alyssa, é sério, se aquele cara não quiser morrer, eu acho bom ele andar bem longe de mim e de você, além de *nunca* cruzar o meu caminho — ameaça, afagando minha cintura. — O que você pedia a ele?

— Eros, para com isso... — suplico.

— Por favor, minha pequena, eu preciso saber.

Pressiono as pálpebras, querendo me livrar da sensação amarga que é pensar nele.

— S-só aconteceu duas vezes. Ambas relacionadas a assistir séries e filmes, sempre acompanhado de um *porém*, no caso.

— Vamos fazer isso hoje.

— Hã? Fazer o quê?

— Estudar e assistir filmes da Disney.

Eu rio.

— Eros, meu Deus... Não precisa, já passou.

— Foda-se, agora eu quero fazer com você. — Murmura algo incompreensível ao estalar a língua. — Qual sua favorita? Rapunzel, Cinderela, Branca De Neve, Moana...

— Enrolados.

— Quem é essa?

Escancaro a boca, indignada.

— É o filme da Rapunzel! — quase grito. — Nunca assistiu?!

— Hum... Não.

— Meu Deus, Eros, em que mundo você vive?

— No mesmo que o seu — rebate, risonho.

Soco seu peito e chuto sua panturrilha, tirando uma gargalhada alta dele.

— Idiota — acuso.

Ainda rindo, ele segura meu queixo e beija minha boca. Seus beijos carregam tantas promessas, tantos desejos e sonhos. Nunca quis tanto que um relacionamento desse certo como esse.

Nunca quis tanto finalmente me aquietar por já ter achado o meu porto seguro.

— Você é a junção de tudo o que eu mais quero, Alyssa — ele segreda nos meus lábios. — Se antes pelejava para te tirar da minha cabeça, agora eu gosto de tê-la cravada nela.

— Eu acho, francês. — Deixo um selinho casto nos seus lábios. — Porque você também está cravado na minha.

28

Alyssa Blair

Ao fim das sete aulas, com uma pausa de 10 minutos durante elas que resultaram em sessões de amassos no vestiário dos jogadores enquanto eles não estavam, finalmente posso respirar o ar livre do portão para fora.

Mandei uma mensagem há 20 minutos para minha mãe, dizendo que iria para casa da Brooks, e para Brooks, caso minha mãe perguntasse. Não gosto de mentir para ela, fui criada para contar a verdade a eles, meus pais, acima de qualquer coisa, porém... chega em um momento que simplesmente não dá mais para ser 100% sincera por conta das circunstâncias que eles me enfiaram. Pode crer, eu já tentei ser a boa filha que nunca mente ou omite, contudo, em uma das vezes em que busquei ser sincera, o resultado não foi muito bom.

1 mês de castigo. Uau.

Eros parou a moto bem distante do colégio, num beco escuro, e é para lá que estou indo. Seria um problema dos sérios se alguém

descobrisse nosso rolo, não gosto nem de pensar nos boatos, nos comentários maldosos, nas piadinhas, nas *chances* de isso chegar a Ana e Joshua... Um tremor violento sobe à minha coluna só com essas simples ideias.

Meu não-namorado-oficial me espera sentado na motocicleta preta com dois capacetes em mãos — um rosa e o outro da mesma cor do veículo. Sorrio igual uma idiota, me aproximando e tomando o objeto da sua mão, que estava estendida para mim. Sem esperar por um comando, me apoio na pedaleira e dou impulso para montar no espaço vazio atrás do garoto, protegendo minha cabeça com o capacete e passando os braços ao redor da sua cintura.

— Imaginei tantas vezes você montada na minha moto assim... — devaneia, dando a volta com a moto e entrando na pista.

— Para de insinuar coisas com duplo sentido, palhaço — reclamo, desistindo de deitar a cabeça nas suas costas devido à dor que o material do capacete causa na minha bochecha.

— Não estou insinuando nada com duplo sentido, linda, você que anda com a mente poluída.

Reviro os olhos.

— Comprou o capacete pra mim?

— O que você acha? — Belisco um dos seus gominhos e ele se contorce, rindo. — Vou fazer você pagar todos os custos do hospital se eu sofrer um acidente por sua causa.

— Não tenho dinheiro, cara, desculpa aí.

— Nem eu, minhas despesas hospitalares vão todas para o tratamento da minha vó, então pare de tentar cometer um homicídio e preserve a saúde do seu homem.

— Meu homem? — *Borboletas, parem. Agora.*

— Ainda resta dúvidas?

Meneio a cabeça em sinal negativo.

— De jeito nenhum. Eu estava mesmo com as minhas suspeitas de que você é meu desde...

— Sempre — completa.

Me derreto inteira, parecida com uma manteiga quando jogada na frigideira quente.

— É... — Suspiro. — Desde sempre.

Eros tira uma mão do guidão momentaneamente só para entrelaçar nossos mindinhos, como uma confirmação do que acaba de falar.

Meu homem entra em uma rua movimentada, com fileiras de carros e motos, buzinas desnecessárias e gente gritando. Com isso, julgo que não é o momento adequado para puxar assunto, já que ele teria que gritar para me ouvir e vice-versa — não parece bem o tipo de coisa que pessoas normais fariam em dias *normais* e em *trânsitos,* ainda por cima.

Eros estaciona na frente da sua casa e eu salto do veículo, eufórica.

— Seus avós estão? — indago, retirando o objeto da minha cabeça e o entregando.

Ele faz que sim e minha animação aumenta. Espero impacientemente Eros desligar a moto, tirar o capacete, arrumar os cabelos bagunçados, descer, vir até onde estou...

Meu Deus, parece que ele demora uma eternidade.

— Provavelmente fazendo lasanha.

— Uh, eu amo lasanha! — digo. — Algum evento especial?

— Fatos inventados segundo a cabeça dela — responde, sorrindo. — Minha avó é daquelas que encaram todos os dias como um novo recomeço, digno de ser comemorado.

Assinto, reflexiva, recebendo seu abraço lateral.

— Senti saudades dela — confesso, caminhando pelo gramado até chegar à porta. — É muito estranho se eu disser que... me sinto em casa com ela? Nunca tive uma vó presente, que me desse atenção ou fosse tão legal. Eu e dona Emma conversamos poucas vezes, mas... Ah, esquece, qualquer coisa que eu disser vai parecer bem estranho agora. — Gesticulo com as mãos. — Só saiba que me sinto assim em relação a ela.

Eros sorri, saca a chave do bolso e deposita um beijo na minha testa.

— Pequena, vamos lá, estamos falando de Emma Durand. Estranho seria se você não quisesse roubá-la de mim.

Faço um biquinho com os lábios.

— Não quero roubar... Nós podemos dividir. O que acha?!

Ele dá risada.

— Sem chance, linda. Na primeira semana ela estaria me chutando pra fora de casa se eu tivesse que competir com você.

— Eu não deixaria. — Noto-o bem atento às palavras que saem da minha boca. — O que eu faria sem minha serotonina diária? Seria o fim.

— Alyssa... — Eros fecha os olhos, balançando a cabeça. — Cala a boca, ok? Será uma cena bem traumatizante para os moradores do bairro se presenciarem a vontade louca que estou de...

— *FILHA!* — A voz estridente e exultante de Emma chega aos nossos ouvidos. A porta, antes fechada, agora está escancarada, e a avó do garoto à minha frente não cabe em si de tanta felicidade ao me ver, aparentemente. — Que saudades que eu estava de você — conta, chorosa.

Ela me envolve em um abraço frágil, que eu logo trato de retribuir. Sussurro que também senti falta dela e que não via a hora de nos encontrarmos novamente. Atrás dela, está Anthony, seu marido, que nos observa com uma expressão neutra. Tão parecido com Eros que é chocante. Assim que Emma se desvencilha, fico sem rumo, até que uma movimentação singela nos braços de Anthony desperta minha curiosidade.

— Não vai me abraçar também? — questiona, meio tímido.

Olho para ele, espantada, e ele apenas movimenta os ombros. Anthony é como o neto: fechado, recluso. Por isso, além de parecer o tipo de homem que não curte toques físicos, a não ser os da família, não sei exatamente como agir perto dele.

Anthony Grand me intimida, para ser mais franca.

— É claro que vou — confirmo, e dando três passos, chego a ele.

O contato é estranho para nós dois, mas tomo iniciativa e intensifico o aperto. Recebo um beijo casto no topo da cabeça e seus braços enrugados me enlaçam.

— Bem-vinda de volta, querida — deseja, se afastando. Sem jeito, volto para o lugar ao lado de Eros. — Namorada do meu neto tem passe livre para entrar e sair daqui a hora que quiser.

Empalideço, mexendo as mãos para indicar que não estamos... namorando. Não oficialmente.

— Não, senhor Anthony, nós não...

— Ahh!! Eu conheço esse discurso. Ele é antigo. — Ele estala os dedos várias vezes, fazendo alusão aos anos que se passaram. — Vocês vão dizer que não estão namorando, que não têm nada, que isso, aquilo outro. — Bufa. — Qual é a dificuldade em só admitir o que sentem e ponto? Se quer saber, Eros nunca chegou aqui contando para ninguém, ninguém mesmo, como foi o beijo dele com qualquer garota.

Agora, é a vez de Eros ficar branco feito papel. Fuzilando a vó com as írises possessas, ela dá um sorrisinho amarelo.

— Ah, sabe como é... — Ela coça a nuca. — Não consigo esconder nada dele.

Eu sorrio, não conseguindo ficar brava. Se Eros chegou a contar à avó sobre nosso beijo, é porque deve ter significado algo para ele... Que bom, pois significou muito para mim também.

Donna Emma e o senhor Anthony dão espaço e falam para entrarmos. Ao pousar os pés no ambiente aconchegante, percebo o quanto faz falta um lugar para se chamar de casa, não o lugar em si, de paredes e telhados, mas o real significado. Um lugar onde eu posso me aconchegar depois de um dia difícil, um abraço me esperando, conversas leves e risadas jogadas fora.

Meu Deus, eu sinto tanto a falta disso.

Da cozinha, o cheiro de lasanha já no forno preenche o cômodo inteiro, e minha barriga ronca. Faz 8 horas desde minha última refeição — apenas torradas e ovos.

— Irei estudar com a Aly — Eros avisa. — Quando estiver pronto, nos avise.

Donna Emma assente, auxiliando o marido na tarefa de guardar os ingredientes bagunçados no balcão.

— Dificuldades em alguma matéria, filha?

— Álgebra — especifico, sem graça.

— Cálculo nunca foi o meu forte também! — ela diz, revirando as írises. — Fiquei de recuperação em todas as matérias que

envolviam esse negócio aí. Nem sei como passei de ano. Matéria do capeta.

Eu rio.

— Pois é. Se Eros não conseguir me ajudar, estarei definitivamente perdida.

— Você *vai* conseguir — ele afirma, segurando minha mão para me puxar em direção ao seu quarto. — Até daqui a... não sei quantos minutos.

De volta ao seu quarto, a atmosfera está diferente. Na última vez que pisei aqui, não estávamos *nessa* posição no relacionamento. Estar sozinha, com ele, com os desejos aflorados e uma vontade que só cresce de me entregar a Eros de corpo e alma, tenho absoluta certeza de que não é a coisa mais sensata a se fazer.

Não podemos estudar na sala?

— Vou banhar — Eros avisa, puxando a camisa sem nenhuma hesitação e pendurando a toalha no ombro.

Engulo em seco e aquiesço, falhando na missão de desgrudar os olhos do seu corpo. Não importa quantas vezes eu veja, sempre irei me impressionar com o quão perfeitamente esculpido ele é.

— Certo. — Minha voz sai mais baixa do que deveria.

— Quer me acompanhar? — Seus lábios se curvam em um sorriso maldoso.

Sim, sim, sim, sim.

— Não vou nem te responder — resmungo, visualizando um falso semblante de tristeza se apossar de suas feições.

— Poxa, seria tão bom... — Puxa o ar dramaticamente, expelindo-o com o mesmo drama. — Você, eu, pelados, a água gelada, nosso beijo esquentando tudo...

— Está perdendo tempo, Russell. Não tenho o dia tudo — o impeço de terminar, pois as chances do meu corpo de acabar me traindo e, sem querer, aceitar a oferta, tirar a roupa, e andar até ele, são muito altas.

Ele xinga, batendo o pé e marchando igual um soldadinho de chumbo ao banheiro, fechando a porta com brusquidão. Gargalho,

sentando na ponta da cama e sacando o celular do bolso, entrando no *I nstagram*e vendo um tanto de besteiras.

15 minutos depois, Eros sai do banho vestido com apenas uma calça moletom, os cabelos molhados e gotículas de água escorrendo por seu torso até se perderem na região pélvica. Ele passa a toalha nos fios úmidos, contraindo os músculos.

Se eu não estiver babando, estou bem perto disso.

— Pronta? — indaga e senta ao meu lado na cama, seu aroma de limão invadindo meus sentidos ao apanhar os cadernos, livros e canetas da sua bolsa.

— Uhum — balbucio, fazendo o mesmo.

Como sempre, Eros nota que não estou, de fato, à vontade com essa situação. Ele segura meu queixo com delicadeza e vira meu rosto para encará-lo, abrindo um sorriso pequeno.

— Não precisa ficar assim, Aly. Somos só eu e você.

— Eu sei — sussurro. — Só não quero parecer burra na sua frente.

— Aly... Não entender uma matéria não te faz burra, te faz humana — tranquiliza, beijando minha bochecha. — Não somos robôs. Temos uma mente que às vezes se cansa, que nem sempre consegue armazenar tudo.

Chego mais perto dele, procurando abrigo.

— E como você garante que eu vou aprender tudo agora?

— Você não vai aprender *tudo* agora, linda, é por isso que vamos marcar para fazermos isso mais vezes — explica, afagando meu cabelo. — Mas, respondendo à sua pergunta do jeito certo, podemos testar métodos que são mais fáceis pra você. Já tentou criar uma musiquinha com as fórmulas?

— Ah, Eros, pelo amor de Deus... — Enterro a cabeça no seu peito, rindo.

— É sério! — Ele também está rindo. — Pode ser mais fácil de memorizar. Uma música bem melancólica, igual às que você gosta — diz, em tom de julgamento.

Resmungo.

— Você tem que criticar meu gosto musical, né?

— Nunca vou deixar de fazer isso,*mon étoile.*

Desistindo de entrar em uma discussão para defender meus favoritos, sinalizo para começarmos. Embora eu queira muito, não posso me demorar tanto na sua casa. Abrimos o caderno, pegamos a caneta e...

O desastre começa.

Eros vai anotando as informações cruciais no meu caderno à medida que explica. Ele tem uma letra tão legível e bonita para um homem que meu foco se perde por segundos. Eros percebe, chama minha atenção e recomeça. Dou meu máximo, faço perguntas, até mesmo as mais óbvias, ainda que com receio. E como prometeu, não trata nenhuma com impaciência ou me faz parecer inferior. Aos poucos, meu medo vai se dissipando, e, no lugar, sinto como se meu cérebro estivesse se abrindo. Porém, titubeio um pouco na hora que pergunta se estou com alguma dúvida. E eu tenho. Muitas, para ser sincera. Meu professor particular não tarda em notar que lágrimas começam a brotar nos meus olhos e limpa cada uma, sorrindo. Ele quer saber o motivo da minha reação, e eu acabo contando a verdade.

Não há nenhuma história bombástica por trás disso, só me acostumei a levar gritos impacientes da minha mãe e algumas ofensas pelo caminho. Isso criou um bloqueio que Eros está quebrando aos pouquinhos conforme me faz entender que, com ele, será diferente. Sem gritos, julgamentos, irritação.

Com beijos, abraços e um carinho de vez em quando.

Ele só precisa entender que se ele for fofo durante minhas crises de choro, a coisa só vai piorar.

Senhor, eu estou parecendo uma louca rindo da sua cara assustada e chorando ao mesmo tempo. Tampo o rosto com as mãos, meu corpo sacolejando em concordância ao turbilhão de emoções.

— Ei, minha pequena... Não chora, por favor — pede, deixando os materiais de lado por enquanto e aninhando meu corpo ao dele. — O coração que eu nem sabia que existia se quebra em milhões de pedaços quando te vejo assim.

— Então você tem um coração? Pensei que fosse uma pedra — brinco, tentando bloquear o fluxo de água do meu saco lacrimal e

falhando vergonhosamente.

— Não mais, você o roubou. Estou esperando devolver — entra no clima, deitando a bochecha na minha cabeça.

— Não vou. — Fungo.

— Não?

— Não.

—Tudo bem — cede, me abraçando mais forte. — Nunca foi meu, de qualquer forma. É mais do que justo ele estar com a verdadeira dona.

Ergo meu rosto, decidindo olhá-lo. Minha aparência deve estar horrível. Fico toda inchada quando choro e fabrico uma verdadeira indústria de catarro. Não estou no meu melhor momento, se é que algum dia tive um, mas... A forma que me olha de volta, meu Deus, é como se nada disso importasse. Ele me enxerga sob todas essas camadas, vem presenciando meu lado mais vulnerável esses dias e, ainda assim, continua comigo.

Todo o meu amor é dele. Não tenho dúvidas disso. Ele é o cara companheiro, compreensivo, carinhoso e meu ponto de descanso que pedi a Deus. Cheio de defeitos, mas que os torna quem ele é. Com qualidades que ofuscam tudo isso.

Eros me faz feliz. É o ponto alto do meu dia. Estar com ele torna tudo mais fácil, mais suportável.

— Eu não deveria me sentir tão bem ao seu lado — digo baixinho, passando a mão no seu maxilar.

Eros se inclina ao toque, de olhos fechados.

— E eu não deveria me sentir o cara mais sortudo do mundo quando me olha assim — fala, no mesmo tom, sorrindo pequeno. — Você tem uma constelação inteira no olhar, pequena... Ela se forma sempre que sou tudo o que você enxerga.

Meu lábio inferior treme.

— Onde você esteve esse tempo todo?

— Esperando o momento em que iria me encontrar — responde, encostando nossas testas.

Como é possí vel amar tanto uma pessoa como eu amo esse homem?

— Eu te procuro desde os meus 13 anos, sabia? — conto, entrelaçando nossos dedos. — Nos garotos desinteressantes da minha sala, nos que puxavam assunto do nada comigo, até mesmo naqueles que me quebraram de todas as formas. — Minha voz embarga. — Eu cresci lendo livros de romances baratos, Eros, mergulhei naquelas histórias porque elas eram as únicas coisas que me tiravam da realidade que eu queria tanto escapar. Comecei a ler em busca de distração, mas acabei por me reconstruir e quebrar a cada página. — Eros escuta com atenção, sua respiração oscilando. — Minhas histórias favoritas sempre serão aquelas em que o bad boy se apaixona pela garota boa que quase ninguém enxerga. Eu me vejo nelas, sabe? A jogada pra escanteio, a que quase ninguém quer por perto, a que acham sem graça e nunca é chamada para nada. — Um soluço escapa dos meus lábios. — Mas nos livros, nada disso importa de verdade, não é? Porque ela sempre acaba encontrando o apoio no cara mais improvável do mundo e, a partir dali, descobrem que são o amor da vida um do outro e vivem felizes para sempre.

"Eu estava em busca disso, da maneira mais errônea possível. Nos livros parecem ser tão mais fáceis, né? Magicamente um cara começa a gostar dela, ela se faz de difícil, mas, no final, acaba se rendendo... — Suspiro uma risada. — O problema é que eu estava tão absorta nessa busca incessante de encontrar alguém que me amasse de verdade que acabei entrando em um lugar onde nunca deveria ter ao menos posto os pés. Leonardo me deu toda a atenção que eu desejava, carinho, um tipo deturpado de amor, e fazia eu me sentir a pessoa mais linda e horrível em questão de segundos. Não percebi quando ele me jogou dentro de um poço e nem mesmo me ajudou a sair."

Meu coração vai ficando mais leve conforme ponho tudo para fora.

— Eu nem sei o que quero dizer com isso tudo, meu Deus... Não estou falando coisa com coisa. — Rio. — Mas...

— O que você irá fazer quando encontrar um cara que te ame de verdade? Que te prometa um amor superior aos dos livros e que

te mostre o verdadeiro significado de *amar?* — Eros dispara, cortando meus devaneios.

Assustada com sua fala repentina, sinto vontade de dizer a ele que já o encontrei, que não quero outro homem que não seja ele, mas que não faço ideia de até que ponto é recíproco.

— Eu o agarraria e não soltaria nunca mais — afirmo. — Eu lutaria por nós dois com unhas e dentes e buscaria ser uma pessoa melhor todos os dias para ser digna de estar ao lado dele.

Ele ri, afagando minha bochecha.

— O que te faz achar que *você* é quem deve ser digna de alguém, pequena?

— As circunstâncias, Eros — respondo. — Elas me dizem isso.

Eros nega lentamente com a cabeça e segura meu rosto.

— E se você já tiver o encontrando? — sussurra. — E se, em algum lugar, sem que você saiba, exista um cara que te ame com cada batida do coração dele? Que aprecie até as pequenas coisas que você faz? Que queira estar ao seu lado nos bons e nos piores momentos? E se você não fizer ideia, Alyssa, mas existir alguém, em algum canto da porra desse mundo, disposto a deixar todo o seu passado para trás só para ter uma chance de viver um futuro com você? Um que *ele* seja digno dos seus sorrisos, não o contrário?

— Eros... — balbucio, meu nariz entupido à essa altura.

— "Existe uma distância tão grande entre como se age e como se deveria agir, que aquele que despreza o mundo real para viver num mundo imaginário encontrará antes sua ruína do que sua salvação"[13] — recita, suave. — Pare de apenas viver a história de outros, pequena, é a vida deles, não a sua. Permita que eu faça parte da sua, deixe que eu te ajude a traçar as linhas da *sua* história... — Roçando nossos lábios, ele completa: — Me deixe cuidar de você. Me deixe lutar por nós. Me deixe te mostrar muito além do que esses livros fajutos conseguem.

— Não chama meus livros de fajutos — murmuro, limpando meu rosto com o dorso da mão.

— Eu fiz o caralho de um monólogo que me deixou com a boca seca e tudo o que você prestou atenção foi isso? — reclama, com

um quê de divertimento em seu timbre.

— Foi, você ofendeu meus filhos. — Eros gargalha, chutando minha mochila para longe e me abarcando mais ainda. — *ESSA MOCHILA FOI CARA, IDIOTA!* — grito, tentando me desvencilhar dele.

— Eu compro outra pra você. — Afunda o rosto no meu pescoço.

— Compra nada, você compartilha do mesmo nível de pobreza que eu. — Ele belisca minha barriga e eu chuto sua perna, dando-lhe com um tapa no braço também.

O garoto ri alto.

— Você torna tão difícil a missão de não te a... — Ele trava de repente, enrijecendo. — De não te... te achar linda...

— Você diz que eu sou linda no mínimo 30 vezes por dia. — E não é exagero.

— Só? — Emite um som de reprovação. — Vamos ter que aumentar esse número — diz, olhando ao redor, e eu sorrio, porque poderia ouvi-lo me chamar assim o dia inteiro. — Quer assistir Rapunzel agora?

— Enrolados — corrijo. — E meus estudos?

— Mesma coisa— contesta. — Considere como nossa pausa para relaxar.

— Uma pausa de quase 2 horas?

— *Mon Dieu*, que mulher reclamona! Se não quiser assistir comigo, é só falar. — Eros se esforça para tirar os braços do meu corpo, porém não deixo, sorrindo, enquanto me seguro nele.

— Você é tão dramático. — Beijo seu pescoço. — Tudo bem, assistimos o filme, mas eu preciso responder uma coisa antes.

Ele arqueia uma sobrancelha, esperando. Umedecendo os lábios subitamente secos, tomo fôlego e falo:

— Eu deixo você me ajudar a traçar as linhas da minha história — solto, beijando seu ombro. — Não só me ajudar, como fazer parte dela, nos meros e grandes detalhes.

— Mesmo? — indaga, as írises brilhando com uma emoção nova.

— Mesmo — confirmo, sorrindo. — Quero... Quero estar com você, sempre, pelo tempo que nos for permitido.

Eros toma uma respirada profunda, puxando minha cabeça para deitar em seu ombro e seu corpo engolir o meu.

— Isso é ótimo, pequena, porque caso essa não fosse a sua resposta, eu teria que partir para meios mais drásticos.

- Que tipo de meios? Você iria me sequestrar?

— Exatamente isso. — A risada de desdém foge da minha garganta, espontânea. — Agora vem. — Ele pega o celular em cima da cômoda. — Minha TV não conecta esses aplicativos de *streaming,* então será pelo celular mesmo, pode ser? — Confirmo, adorando a ideia de que iremos ficar, literalmente, agarradinhos para assistir. — Netflix, HBO, Prime Video...

— Disney+.

— Cacete, só porque eu não tenho — resmunga, entrando na loja de aplicativos e procurando por ele. — Espera aí.

— Eu tenho. — Os cantos dos meus lábios insinuam um sorriso. Pego o aparelho e entro no aplicativo, buscando pelo filme. — Aqui.

Eros se contenta, ajeita os travesseiros, puxa a manta e me enrola nela igual passarinho no ninho. O único problema é que, depois de alguns minutos, o moletom começa a incomodar, deixando o ambiente claustrofóbico e mais quente do que deveria. Me remexo, incomodada, fazendo o que posso para me aliviar: rabo de cavalo, puxar as mangas para cima, abanar meu pescoço...

— Por que você não tira esse moletom? — Eros se pronuncia, pausando a reprodução do filme.

— Me sinto melhor assim — digo, em parte mentira, em parte verdade.

— Você está suando. — Ele põe a mão no meu pescoço parcialmente úmido. — Tira isso, linda.

Suspiro, balançando a cabeça.

— É que... — Fico incerta. — Não me dou muito bem com... você sabe... o meu corpo. Usar o moletom é tipo como uma proteção.

— Eu sei disso, pequena, e juro que entendo, mas até quando você vai alimentar seus demônios assim? Porque, quanto mais você

se nega à mínima possibilidade de dar um passo à frente, eles só irão crescer e tomar mais espaço na sua mente — fala. — Você está em terreno seguro comigo, Alyssa, não precisa temer nada. Gorda, magra... Caralho, *f oda-se,* você vai continuar sendo a mulher mais linda do mundo, seu peso não interfere em nada disso.

Pressiono as pálpebras ante sua fala, pronta para recusar e deixar isso de lado, mas...

Tire o poder deles, Alyssa. Não deixe que eles ditem a sua vida, nunca. Eros te conhece, e embora nunca tenha visto, sabe como você é por baixo de todas essas camadas. Não pense, não se martirize, não se rebaixe.

Quebre o laço.

Respiro fundo e seguro a barra do moletom, porém não a puxo. Não ainda.

Arranque o poder deles. Não permita que pessoas que nunca quiseram o seu bem interf iram nas suas decisões.

Solto o ar pela boca, reunindo coragem ao mesmo tempo que tento acalmar meu coração, que bate descompassado dentro do peito, sentindo Eros atento a cada movimento.

Você consegue, Alyssa. Você consegue.

Puxo a camiseta para cima da minha cabeça, a brisa fria do ar-condicionado atingindo a pele da minha barriga e braços, uma sensação de alívio me invadindo. Encho os pulmões de ar de novo e solto pela boca.

Você conseguiu, você conseguiu, você conseguiu

Meu corpo começa a tremer pelo pavor. Meus olhos queimam com a vontade súbita de chorar, mas luto contra ela, empurrando o pânico o mais fundo que consigo dentro de mim.

— Você conseguiu — Eros sussurra ao pé do meu ouvido, dedilhando minha pele com a ponta dos dedos, esperando por uma confirmação.

Estou vestindo apenas um top branco por baixo e me sinto exposta por isso. Tenho um sobressalto com seu toque na região da minha barriga e costela, mas, fechando os olhos com força, me obrigo a pensar em todos os motivos que tenho para confiar nele e deixar que faça isso.

Ele te acha linda, todas as partes do seu corpo, já deixou claro isso tantas vezes, Alyssa. Eros não está te olhando com repulsa. Pelo contrário, sua admiração parece ter aumentado, e você nem achou que isso f osse possí vel, não é?

— Você tem a constelação de Escorpião no seu braço— ele diz, contornando os sinais pequenininhos no meu antebraço e beijando cada um. — *Mon Dieu,* tão perfeita...

É fácil admitir para mim mesma o alívio que corre meu corpo por, pela primeira vez, estar sentindo o contato direto da pele dele na minha. Sua palma quente enviando as ondas de conforto que eu tanto precisava. Seus beijos delicados conseguindo encobrir todos os pensamentos ruins.

Ele ainda perde alguns minutos me beijando onde pode: na extensão dos meus braços, minhas mãos, meu pescoço, meu ombro. É mais como se estivesse me adorando a cada vez que seus lábios tocam em alguma parte do meu corpo. Depois, nos acomodamos outra vez e Eros dá *play* no filme. Na metade do desenho, nós dois estamos tão entretidos, que mal notamos a presença de dona Emma, com dois pratos de lasanha em mãos. Ela sorri para nós, como se estivesse vendo a coisa mais linda do mundo, e nos entrega, falando que podemos comer aqui mesmo.

Agradecemos e pegamos a comida, meu estômago roncando, sem desgrudarmos um minuto da tela. Eros está animado com a história, é perceptível, voltando algumas cenas só para ter certeza de que viu certo e xingando a madrasta da Rapunzel a cada segundo que ela aparece.

— Pequena — ele chama assim que dou a primeira garfada, gemendo com a explosão de sabores.

— Oi — digo de boca cheia, mastigando.

— Se você comer mais do que consegue, farei greve de beijos por 1 mês.

Dou risada.

— É uma ameaça?

— Exatamente — admite e eu gargalho, jogando a cabeça para trás.

— Tudo bem. De jeito nenhum quero ficar sem te beijar pelos próximos 30 dias — cantarolo, beijando seu ombro.

— Hum — murmura, prendendo o celular entre os joelhos. — Agora vem, quero ver aonde isso vai dar.

29

Alyssa Blair

Essa tarde pode ser classificada como a melhor da minha vida.

Não digo isso da boca para fora ou pelo calor do momento, mas eu realmente não consigo lembrar da última vez que ri tanto ou me senti tão... feliz.

Eros riu da minha cara quando comecei a chorar na cena das lanternas em Enrolados.

Eu mordi o braço dele em resposta à provocação e ele ameaçou me jogar de um prédio, tentando se desvencilhar dos meus ataques.

Fiz piada, dizendo que tinha acabado de morder a cabeça da medusa, e ele mandou eu calar minha boca, me empurrando para longe.

Seu braço, agora, se encontra cheios de hematomas roxos, mas a culpa não é minha, vale lembrar. Descobri que seus músculos são ótimos lugares para aliviar o estresse, é verdade, porém o problema é todo dele se me permitiu marcá-lo.

— Se alguém me encontrar assim, Alyssa, vão achar que estou sofrendo algum tipo de abuso. — Ele me chuta para o meio da cama. — Tóxica.

Eu rio, porque estar à vontade assim com o garoto pelo qual sou apaixonada era um dos tópicos que eu procurava em um relacionamento saudável.

Quando o filme acaba, recebendo uma nota de 9.9 no total por Eros, ele deixa tudo de lado só para me ter em seus braços. Passo as pernas ao redor da sua cintura e meus braços, do seu pescoço, trazendo seu rosto para bem perto. Atraída pelo seu cheiro, mergulho o nariz no seu pescoço e ombro, inalando o aroma agradável.

— Me farejar como um cachorrinho é bom?

— Seu cheiro é gostoso.

— Não só o cheiro. — Rolo os olhos e dou um tapa nas suas costas. — É sério, Alyssa, temos que conversar urgentemente sobre isso.

— Sobre o quê? — pergunto, encarando-o.

Eros limpa a garganta como se fosse dizer algo super sério.

— Quem é mais gostoso: eu ou Bryce?

Ah, meu Deus...

— Você não vai tirar isso da sua cabeça nunca?

— Não enquanto houver uma resposta.

Solto um riso baixo.

— Hum... Me deixa pensar... — Tamborilo os dedos no queixo, assumindo uma feição pensativa.

— Pensar, Alyssa? *PENSAR?!* — ele exclama, descrente.

— É claro! É uma escolha complicada — provoco, pois não é complicado coisa nenhuma. — O Bryce é... uau... tão... — Sem me dar ao menos a chance de pensar em algum adjetivo para o garoto, meu corpo é jogado para fora da cama e eu caio com tudo no chão.

A gargalhada rasga minha garganta enquanto massageio meu quadril. A cama não é alta, então não foi o suficiente para me machucar. Quando levanto, minha barriga doendo de tanto rir, encontro Eros encolhido no cantinho da cama com o travesseiro no

rosto, de costas para mim. Engatinho até ele e toco seu braço. Ele tenta me dar uma cotovelada, mas falha.

— Sai daqui — murmura, a voz de bebê.

Não desisto, passando por cima dele e me infiltrando ao seu lado, no pouco espaço que resta da cama, tirando o travesseiro de cima de si e revelando seu rosto emburrado. Seus braços cruzados deixam a posição desconfortável, entretanto, não saio, sorrindo.

— Amor... Eu tava brincando. — O apelido sai de forma tão despretensiosa dos meus lábios que parece que o chamo assim o tempo inteiro.

— Não me chama assim — diz baixinho, projetando os lábios para fora, o de cima se sobrepondo ao inferior.

— Por que não? — Desenlaço seus braços, fazendo-os ficar ao redor da minha cintura e me encaixando no seu abraço.

— Porque quero ficar com raiva de você — resmunga, sem perceber que, ao mesmo tem que está com *raiva* de mim, está acariciando meu quadril.

— Não fica — peço, plantando um beijo no seu maxilar. — Em uma sala cheia de homens pelados, eu escolheria você sem pestanejar.

Eros eleva o cenho.

— Por que você estaria numa sala cheia de homens pelados?

Bufo.

— Não sei! Vai que me enfiam lá contra a minha vontade.

— Sei — resmunga. — Eu escolheria você antes mesmo de entrar nessas salas estranhas.

— Você sempre tem que passar por cima das minhas declarações — critico. — Chato.

Ele exibe um sorriso pequeno, passando o polegar na minha bochecha e aquele semblante apreciador dominando seu rosto novamente.

— Me chama de "amor" de novo — sussurra.

— Amor... — Mordisco seu lábio.

Eros geme, descendo beijos pela linha da minha mandíbula até minha clavícula.

— Está proibida de me chamar de Eros a partir de agora.

Emito um estalo com a língua, irônica.
— Mas é seu nome.
— Negativo. Meu nome agora pra você é "amor".
Eu sorrio.
É exatamente isso o que ele significa para mim.



Após concluirmos o primeiro assunto de Álgebra, damos por encerrado e, com muita luta, levantamos da cama. Assim que chego na cozinha, vejo dona Emma separando as louças e Anthony no telefone, irritado com algo. Me ofereço para ajudar a vó de Eros, temendo que ela faça mais esforço do que pode, e Anthony chama o neto, noticiando que houve um problema na oficina e perguntando se ele poderia ajudá-lo. Algo sobre um funcionário ter quebrado a moto de um cliente ou algo assim.

Eros aceita de pronto e se despede de nós com um beijo — eu na boca, é claro — e diz que já, já volta para me deixar em casa. Não gosto muito dessa informação, mas não posso morar aqui.

Eu e dona Emma começamos a conversar sobre tudo. Ela me indaga sobre meu relacionamento com Eros, em que fase estamos, o que sinto em relação a ele, como ele me trata... E sou sincera em tudo, pedindo para que ela não conte ao neto que estou perdidamente apaixonada por ele. Ao contrário do que achei, ela não me pressiona, dizendo que entende essa sensação. Demorou vários meses para ela confessar ao marido, e que quando o fez, sentiu até dor de barriga por achar que não era recíproco.

Conto a ela que Eros me trata como uma princesa e que me sinto feliz ao lado dele. Emma parece orgulhosa a cada qualidade que dito sobre ele e sobre a forma que é quando está comigo. Tenho certeza de que ela está experimentando a sensação de dever cumprido em relação ao garoto, ciente de que, tudo o que lhe ensinaram, está sendo colocado em prática.

Em algum momento, um assunto puxando o outro, eu acabo desabafando sobre *mim* e em como ele tem me ajudado nesse

tempo que venho estando tão cabisbaixa. Emma me dá espaço para contar mais, sobre tudo, e é o que faço. Falo sobre meu corpo, meus problemas com eles, as críticas, os pensamentos que passam por minha cabeça de vez em quando. Ela me escuta com atenção, parando até o que estava fazendo. Dona Emma enxuga minhas lágrimas quando elas começam a cair e me abraça quando percebe que estou prestes a desabafar, me chamando de "filha" conforme massageia minhas costas e penteia meus cabelos com a mão.

— Por que as críticas sempre têm que pesar mais do que os elogios, minha filha...? Não deixe que isso aconteça — aconselha. — Ao se olhar no espelho, comece a dar espaço e voz a todos aqueles que te enxergam de verdade, que se importam com você, que querem seu bem. Repita o quanto é linda e perfeita do jeito que é. Evite o que lhe faz mal, se afaste daqueles que só querem te ver sofrer. Preserve sua saúde mental, querida... Ela é mais importante do que imagina. — Seu timbre oscila. — E faça terapia, pelo amor de Deus! É essencial de maneiras que não faz ideia.

No caminho todo para casa, não consigo parar de pensar na sua última declaração. Pareceu tão mais simbólico, e posso jurar que tristeza emoldurou sua voz naquele momento, como se houvesse um *porquê* específico para ela ter dito aquilo.

Assim que me despeço de Eros, com tantos beijos que minha boca fica dormente, e entro em casa, percebendo que meus pais já devem estar se preparando para dormir, embora não seja muito tarde, subo para o meu quarto e começo a me despir na frente do espelho. Dessa vez, com um novo objetivo.

Respiro fundo, totalmente nua, e varro o olhar por meu corpo. Não consigo esconder o leve torcer de nariz ao enxergar minhas costelas em evidências e minhas pernas e braços finos, mas em vez de chorar e repetir o quanto me odeio, começo a fazer o oposto.

Você é linda, dos pés à cabeça. Eles não sabem o seu valor, por isso querem tanto te destruir. Seus braços são da proporção correta e suas pernas são incrí veis. Nada f alta em você, entenda isso.

Você é linda.

Você.

É.

Perf eita.

Nada f alta em você.

Repito isso durante meia hora, todas as vezes em que dou uma voltinha, todas as vezes que sem querer vacilo. Chamo meus seios de lindos e dou o mesmo tratamento à minha bunda, tentando colocar na minha cabeça de que nada, absolutamente *nada,* falta em mim, e que eu não preciso mudar para me encaixar em um certo padrão só porque as pessoas acham que ele é o correto.

Que bom seria se apenas algumas palavras fossem capazes de me transformar. Posso estar me sentindo aparentemente bem agora, mais leve, mas até *quando?* Estou tão cansada de ser vítima de mim mesma, de me autossabotar, de negar ajuda e tentar resolver meus problemas sozinha.

Um profissional poderia me ajudar nisso, certo? Afinal, eles estudam anos para entender o comportamento humano, como melhorar certas atitudes... Nossa, eu estou precisando *mesmo* disso.

Sem pensar mais, procuro meu celular por entre as roupas emboladas e entro no contato de Brooks.

Eu: *oiii*

Eu: *conseguiu um horário com a terapeuta?*

Eu: *estou decidida a começar o tratamento*

30

Eros Russel

Depois de deixar Alyssa em casa, meu celular pipoca com mensagens de Fox, todas elas avisando que ele tem algo superimportante para nos contar e que é para nos reunirmos no galpão. Não estava nos planos aparecer aqui tão tarde, tudo o que eu queria, e ainda quero, é me jogar na cama e abraçar o moletom rosa que Alyssa acabou esquecendo em casa, sentindo seu cheiro impregnado em cada centímetro da minha cama.

Alyssa não tem ideia, talvez porque não esteja acostumada a ter pessoas aplaudindo suas conquistas, mas ela ter se sentido tão à vontade ao meu lado a ponto de esquecer a peça que ela considera a mais importante do seu guarda-roupa me deixa orgulhoso. Pra caralho.

E é só eu falar da garota-dona dos meus pensamentos que uma notificação sua chega. Antes mesmo de eu pegar o aparelho, sei que é ela.

Provavelmente por ter mudado o toque de suas mensagens para uma música da Taylor, porém isso não é algo que as pessoas, além de mim, precisam saber.

Pequena Psi quê: *ESQUECI MEU MOLETOM NA SUA CASA, EROS* ❓❓❓❓❓❓

Eu até iria responder, mas não o faço, ignorando-a.
"Eros" o cacete.

Pequena Psi quê: *Eros?*
Pequena Psi quê: *PARA DE ME IGNORAR*
Eros: *Não conheço esse*
Pequena Psi quê: *pq?*
Pequena Psi quê: *AAAAAAAH*
Pequena Psi quê: *esqueci meu moletom na sua casa, amor*

Abro um sorriso enorme, mas que mesmo assim não é capaz de espelhar nem metade do quão idiota meu coração está.

Eros: *Esqueceu, pequena*
Eros: *Vai ficar comigo*
Pequena Psi quê: *claro que não! preciso dele*
Eros: *Já era, linda. Vou dormir com ele hoje*
Pequena Psi quê: *amor...*
Pequena Psi quê: *deixo vc dormir com ele hoje, mas amanhã é pra me entregar*

Suspiro, querendo desesperadamente rebobinar o tempo e voltar para quando estávamos juntos na minha casa.

Eros: *Você sabe que consegue qualquer coisa quando me chama assim, não sabe?*
Pequena Psi quê: *não, mas é bom saber*
Pequena Psi quê: *compra um castelo na França pra mim, amor?*

Eros: *Tenho uma lista deles, pequena. Qual vai querer?*
Pequena Psi quê:*vc que é o f rancêsda relação, lindo, me diga o melhor*
Eros: *Todos, contanto que me leve com você*

Ela demora a responder, e consigo até mesmo imaginar suas bochechas corando e aquela constelação inteira se expandindo nas írises amarelas.

Pequena Psi quê:*eu levo*
Pequena Psi quê:*pra qualquer lugar que seja*

Mon Dieu... Eu diria que estou perdido e sem rumo, mas não é o que acontece se tratando de Alyssa. Com ela, eu sei o meu caminho, o meu rumo, meu lugar no mundo. Um pouco confuso, é certo, mas não perdido.

Eros: *Tão melosa, Aly*
Eros: *Faz meu tipo*
Pequena Psi quê:*mesmo? tenho minhas dúvidas*
Eros: *Tsc, pequena...* ***Você*** *é o meu tipo, ainda não entendeu?*
Pequena Psi quê:*eu entendi*
Pequena Psi quê:*e vc tbm é o meu*
Pequena Psi quê:*amor*

Esboço um largo sorriso, daqueles que há muito tempo eu não dava. A sensação é bizarra, não parece que sou eu, o que é uma completa controvérsia. Nunca fui tão *Eros* desde que a conheci. Alyssa entrou na minha vida e, sem permissão, foi desintegrando as paredes e derrubando todos os muros que me envolviam. Mas ainda tenho muito o que contar a ela para que possamos construir nossa relação em uma rocha, não em uma areia movediça. Quero que ela saiba do meu passado, dos meus pensamentos, de como eu vivia antes de vir para Boston... Ser transparente com ela assim como ela é comigo.

Na prática, é mais difícil do que parece, só que.... *cacete,* Alyssa torna tudo tão mais fácil e simples. Conto a ela coisas que nunca contaria a ninguém, e isso, considerando o modo que vivi durante tanto tempo, é surreal.

Mais cedo, quando chorou na minha frente e contou o motivo da sua reação, senti aquele laço se estreitar e ficar ainda mais forte entre nós. Muito mais íntimo do que sexo, beijos, banhos juntos ou qualquer coisa que seja, é abrir seu coração e chorar na frente de uma pessoa. E eu vi quando Alyssa buscou se segurar, impedir que as lágrimas caíssem, mas só foi eu falar para ela colocar tudo o que estava a incomodando para fora que minha garota desabou. Na minha frente. Alyssa confiou em mim para contar o que mais lhe afligia, foi sincera e deixou que eu visse sua alma

Nada, nada mesmo, pode substituir isso.

Posiciono meus dedos sobre as teclas, a fim de começar a escrever, mandar alguma cantada ou deixá-la corada com minhas mensagens obscenas, porém, antes que eu *possa* escrever a primeira letra, sinto a presença de Bradley e prontamente desligo o celular e guardo no bolso, tratando de fechar a cara. Odeio a ideia de deixá-la sem resposta — o que, se se tratasse de qualquer outra pessoa, eu não me importaria nenhum pouco —, porque tenho conhecimento da sua mente fértil e dos inúmeros cenários irreais que irá criar na sua cabeça.

Será que ele se cansou de mim? Não, minha pequena, eu *nunca* vou me cansar de você.

Será que ele achou o assunto chato, será que eu... Cacete, não *mesmo.* Eu poderia passar o dia inteiro ouvindo você falar e escutando tudo o que tem a dizer.

Será que ele me acha chata e desinteressante? Você é a criatura mais singular e única em que já pus os olhos. Cheia de camadas que eu quero passar minha vida descobrindo.

Bradley salta do veículo e eu franzo as sobrancelhas, olhando o relógio.

— Você não passou o dia aqui?

— Não — simplesmente responde, trancando o carro.

— Por quê? — insisto, estranhando seu silêncio.

Andamos para dentro do estabelecimento. Bradley, com uma expressão nada legal no rosto, e eu, odiosamente curioso para saber o que deu nele.

— Estava com a Brooks. — Eu paro. Sem tempo de processar as suas palavras, seguro seu ombro e o viro na minha direção. Ele bufa, se livrando do meu toque. — O que foi, caralho?!

— O que você estava fazendo com ela, Bradley? — exijo resposta, firme.

— Não te interessa, porra! — esbraveja.

Solto um riso de escárnio.

— Bradley, a Brooks *namora.* Sabe disso, né? Ela tem a merda de um *namorado.* Já viu o tamanho daquela aliança que ela usa, cacete? — digo, entre os dentes cerrados.

Agora, é a vez de Bradley dar um sorrisinho sacana, ainda coberto pela cólera, entretanto.

— Aquela que mais parece uma algema? — Ri. — Me livrei dela, deve estar perdida em algum canto da minha casa. Foda-se, eu estava muito ocupado pra pensar em onde aquele pedaço de ouro foi parar.

A constatação do que aconteceu cai como uma bigorna entre nós.

— Você transou com ela, Bradley? — questiono. Ele não responde, continua calado, o que, para mim, já é mais do que qualquer confirmação que saia da sua boca. — Puta merda, eu não acredito...

— Sim, cacete, nós transamos, tá legal?! Passamos a porra da tarde inteira transando em absolutamente todos os cantos da minha casa — admite, quase ladrando, e passa a mão no cabelo em um ato de frustração. Só não sei por qual motivo. — Eu sei que é errado, caralho. Eu sei que ela namora, que ela está comprometida, que a porra do mundo inteiro conhece eles dois como o casal mais amado do ramo da culinária. Eu sei de *tudo* isso, Eros, mas eu não me arrependo. De nenhum segundo, ok? Eu faria de novo e de novo, porque... Porra — ele sopra. — Ela tá me deixando louco, cara, completamente perturbado da cabeça.

Um formigamento incômodo sobe por minha espinha. Eu não conheço Brooks de perto, nunca trocamos mais do que 12 palavras — se contarmos com o surto de tagarelice de anteontem —, mas ela não me parece o tipo de garota que trairia o namorado... assim.

— O que você tá sentindo por ela, Bradley?

Bradley ri, passando a mão no rosto e pousando-a na cintura.

— Eu... Meu Deus, eu não faço ideia — diz. — Ela é tão... engraçada, legal, rebate minhas investidas, não bate muito bem da cabeça, tem uma risada que não sai da minha cabeça, é linda como o inferno. Um corpo que, porra... — Ele balança a cabeça, se controlando. — Você tinha que ver o jeito que ela tratou minha filha, Eros... — Sorri. — Quando deu 19h, fomos buscar Fallon na casa da vó dela, e Brooks simplesmente... passou o trajeto todo brincando de boneca com a Fallon, deixou minha filha fazer um penteado no cabelo dela ao chegarmos em casa, deu toda a atenção que ela queria, sem reclamar ou fazer cara de tédio. Mas eu sei que... — limpa a garganta — isso não vai durar, então fica tranquilo, não vai mais acontecer.

— *Mon Dieu* — sussurro. — Fallon gostou dela?

— Minha filha adorou a Brooks, Eros, e isso é o que me chateia, porque se... — Bradley respira fundo — se isso não vai durar, se foi só uma foda sem compromisso, ela não devia ter insistido tanto para conhecê-la. Fallon irá passar dias perguntando sobre ela, o porquê de Brooks não nos visitar mais, e o que eu vou dizer? Falar que ela só foi pra minha casa na intenção de aplacar a porra da tensão sexual que sentimos quando nos encontramos? Não é justo, Eros.

Passo a língua nos lábios, não fazendo ideia do que fazer ou falar.

— De quatro por ela, hein? — zombo, lembrando de suas provações.

Bradley gargalha.

— Se ela pedir para eu dar patinha, eu dou. — Suspira. — Ou andar com uma coleirinha e abanando o rabo atrás dela.

Bufo uma risada de escárnio.

— Só toma cuidado, beleza? Brooks é a melhor amiga da Alyssa, se caso ocorra algo entre os dois, não quero que isso afete

na minha relação com ela.

— Não precisa se preocupar. — Põe as mãos nos bolsos, fazendo menção de que irá continuar a caminhada, mas desiste e volta a me encarar. — Eros?

— Sim?

— Não machuque aquela garota — alerta. — Brooks é capaz de te queimar vivo se fizer algo contra a única pessoa que ela tem. Não conheço Alyssa, não de verdade, mas é perceptível o quanto ela gosta de você. Ela merece alguém que a diga com todas as letras o que sente por ela, e não meias declarações. Pare de tentar negar o óbvio e dê a Alyssa exatamente aquilo que merece: amor. Se você não for essa pessoa, pode apostar que outro cara vai aparecer disposto a isso. — Meu sangue ferve só com a ideia de Alyssa com outro homem. — Não a faça questionar seus sentimentos sobre ela só porque decidiu que seria muito melhor guardar tudo pra si.

Cerro os punhos, suas palavras me acertando em cheio. Por que não estou mais negando com tanta veemência o que sinto por ela? Por que não estou gritando aos quatros cantos que eu *não sou apaixonado por ela?* Por que essas palavras não saem da minha boca?

E, o mais assustador: por que a ideia de *não* estar apaixonado por ela parece tão absurda?

Cacete...

— Não é tão fácil quanto parece, Bradley — murmuro, minha pele coçando em agonia.

Ele sorri e pousa a mão no meu ombro.

— Eu sei que não é, cara, mas se permita sentir. Pare de negar o que todo mundo consegue enxergar, só não você, idiota — aconselha, terno. — Com quem estava no celular sorrindo igual um quokka?

Rolo os olhos, espiralando com força.

— Você sabe com quem.

— Sei? — Ele sorri. — Como está salvo o nome dela no seu celular? "Alyssa"?

Se controla.

— "Pequena Psiquê" — resmungo.

— Me recorde: quem foi Psiquê?

Me empertigo, incomodado por ele saber da história e usar isso contra mim.

— A mulher que Eros amava — revelo baixinho, quase inaudível.

Bradley abre um sorriso tão grande que por um segundo considero a hipótese do seu rosto partir ao meio.

— Jura? — Dá tapinhas no meu braço. — Está aí sua resposta, cara. Você faz as coisas e nem percebe.

Resignado, dou um tapa na sua mão e entro no galpão de uma vez, ouvindo seus passos atrás de mim.

— Se eu estiver realmente a... *isso,* por Alyssa, a primeira pessoa a saber será ela, não você. — Me jogo no sofá. — Para de encher meu saco.

— Tão bonitinho — ele desdenha, chamando os caras. — *CADÊ VOCÊS, CARALHO?!*

— *CALMA AÍÍÍÍÍ* — Jae grita, da sala dos instrumentos.

— "*CALMA*" *O CACETE, MINHA FILHA TÁ ME ESPERANDO*

Sorrio.

Quando nos conhecemos, Fallon Cooper mal tinha 1 ano, mas era tão esperta quanto uma garotinha de 5. Quebrou as cordas da minha guitarra inúmeras vezes, perdeu as baquetas do pai e arruinou os botões do *mixer* de Jae. Embora eu já tenha pensado em como dar um fim na garota sem parecer muito cruel, nunca consegui ficar realmente irritado com Fallon. Ela e Alyssa são as únicas capazes de acalmar meu espírito.

Fox e Jae saem reluzentes do cômodo, olhando para nós com um sorrisão no rosto.

— E então? — pressiono, minhas mãos ansiosas para pegar o celular e conversar com Alyssa.

Eles clareiam a garganta, aparentemente eufóricos e nervosos.

— Lembram do cover de Radioactive que gravamos? — Jae indaga. Eu e Bradley anuímos. — Ele viralizou e... chegou a uma pessoa em específico.

As sobrancelhas de Bradley batem no teto, mas eu continuo impassível, esperando que continuem.

— Você tá dizendo que...

— Sim — Fox interrompe o amigo. — Hudson Maxwell nos notou e quer nos conhecer. — Vira o aparelho celular para nós. — Ele nos enviou um e-mail nos elogiando, essas merdas, e perguntou se poderíamos ir ao seu estúdio na Filadélfia. Caso nós aceitemos, ele pagará todos os nossos custos com hotel, passagem de ônibus e refeições. Mas... com uma condição.

— Cacete — Bradley chia, tampando a boca com a mão, impressionado. — Qual?

Jae toma à frente, mergulhando os dedos longos nos cabelos desbotados.

— Ele nos deu duas semanas para compormos uma música — diz, pressionando os lábios. — *Completamente* exclusiva. — Relaxo no assento, pensando se tratar de algo mais impossível. Jae e Fox são ótimos compositores, não vai ser um problema. — O problema é que... — o coreano me fita — conversei com Fox e decidimos passar a missão pra você, Eros.

— Oi?

— Olá. — Fox sorri, acenando com a mão.

— Para de cinismo, caralho! Do que vocês tão falando? — Giro o tronco no acolchoado, alternando o olhar entre os dois. — Compor uma música? Vocês ficaram loucos?!

Jae revira os olhos.

— Eu disse que ele iria reagir assim...

— Mas é claro, cacete! Como vocês querem que eu faça isso? — brado, instantaneamente nervoso.

Bradley pega um banquinho baixo, arrasta para perto do sofá e senta nele.

— Olha, deixa eu te ensinar. Você senta a bunda na sua cama, pega um lápis e uma folha, e começa a escrever, entendeu? É assim que se faz.

Rio com deboche, lutando para não surtar.

— Tem alguma garrafa por aqui?

— Você disse que tinha parado de beber — Fox contrapõe, elevando uma sobrancelha.

— É pra quebrar na cabeça do Bradley.

Bradley põe a mão no peito, ofendido.

— Só estou tentando ajudar, poxa.

Emito um estalo furioso no céu da boca, minha perna refletindo isso muito bem, e bufo tantas vezes que posso competir com um búfalo e ainda ganhar, sem nenhuma complicação.

O que eles querem com isso, porra? Todos aqui sabem muito bem que eu falhei em *todas* as vezes que tentei transportar algo de útil para o papel.

— Pensei que vocês quisessem que as nossas músicas tivessem sentimentos.

— E queremos — Fox afirma.

— Não é o que parece, já que me chamaram para fazer algo que não tenho vocação nenhuma.

— Uma loirinha gata aí me mostrou o oposto... — Bradley diz, como quem não quer nada, coçando detrás da orelha, fingindo distração.

— "Loirinha gata" o car...

— Que loirinha gata? — Jae indaga, e juro que sinto minhas veias entrarem em erupção.

— Não é nada — ladro, fulminando Bradley.

— Loirinha gostosa, então? Tanto faz, el... — Interrompo sua fala ao chutar o centro das suas pernas e fazê-lo despencar do banquinho, caindo no chão. Um urro de dor escapa da sua garganta enquanto encaixa as mãos na área atingida. — *PUTA MERDA!* — Bradley se contorce no chão, ficando de lado, o chão frio amassando suas bochechas, ao passo que súplicas e xingamentos parecem sair de seus lábios. — Eu queria dar irmãozinhos pra Fallon — choraminga.

— Ele realizou meu sonho de esmagar as bolas do Bradley! — Jae comemora, batendo palmas.

— Eu vou esmagar é... minha... mão — geme de dor — na sua... c-cara, filho da... Ai! — chora, debatendo os pés no piso.

Reviro os olhos, levantando o banquinho com o pé e esticando minhas pernas para pousá-las em cima do objeto.

— Ela tem nome, e com certeza não é "Loirinha gostosa", idiota. — *Apesar de realmente ser.*

— De quem vocês tão falando, afinal?! — Fox indaga, perdido, assim como Jae.

— Engraçado que eu ainda não... ouvi você a chamando pelo... nome — Bradley, ainda que todo fodido, rebate. — *Alyssa* é a... menina que... ele tá... ficando.

Os ombros de Fox murcham, como se isso não fosse um evento grandioso.

— Ah, é só uma ficada, pensei que fosse algo mais sério.

— Eu *não* estou ficando com Alyssa e *não* é só uma ficada — entro na defensiva, incomodado por terem resumido minha relação com ela a isso.

— Não? — Um bico pensativo se forma nos lábios de Jae. — E o que vocês são? Namorados? — Ele faz uma careta. — Se bem que é um pouco estranho te imaginar namorando...

— Não temos nenhum rótulo, Dener. Não precisamos dele. Ela é minha e eu sou dela, simples assim.

Bradley, se tremendo inteiro, consegue se escorar na parede e levantar, jogando seu corpo no espaço minúsculo ao meu lado no sofá.

— Muito fofo e tal, Eroszinho, mas é que assim... — Gesticula com as mãos em sinais que não querem dizer coisa nenhuma. — Nunca passou por sua cabeça pedi-la em namoro? Tipo, tá, eu entendi que vocês são vocês e blá-blá-blá, mas e em alguma situação diferente? Se alguém perguntar a vocês em que nível do relacionamento estão? Você vai fazer esse discurso inteiro sendo que pode facilmente substitui-lo por "Ela é minha namorada"? — Balança a cabeça. — E pense, acho que Alyssa gostaria de oficializar as coisas entre vocês.

Não queria dar muito crédito para o que diz, só para desempenhar meu papel de insuportável do grupo, mas... começo a imaginar Alyssa me apresentando como seu namorado para as pessoas, e, merda, nem adrenalina seria capaz de fazer meu coração disparar feito louco assim.

— Cacete, ele tá sorrindo?! — Ouço o grito assustado de Jae. — Sem a gente mandar? *Sério mesmo?*

— Qual foi o feitiço que essa garota jogou nele? — Agora, é a voz de Fox.

Minha carranca volta com tudo outra vez.

— Ele começou até a escutar Taylor Swift! — Bradley explana. — Passa a porra do dia inteiro cantando a mesma música, não aguento mais.

Mostro o dedo do meio a ele, entretanto, não me dou ao trabalho de discordar. Ele está certo, porque quando pego uma coisa no dente, não paro até enjoar, e eu acho bem difícil isso acontecer com algo que me lembra *nós.* Por isso, é provável que ele ainda me escute cantar essa música durante um longo período.

— Mais um motivo pra você tomar o cargo de compositor, pelo menos dessa vez — Fox diz. — Use Alyssa como inspiração, tenho certeza de que sairá algo legal.

Suspiro, ainda convicto ao negar.

— Fox, não vai rolar... Vocês sabem — digo. — Já tentei, muitas vezes.

— Alyssa não fazia parte da sua vida antes. — Bradley umedece os lábios. — Pelo menos tenta, certo? Imagina só como vai ser massa ter uma música sua apresentada para milhões de pessoas se tudo der certo! Vamos conhecer Hudson Maxwell, cara! Nosso sonho!

Não sei sobre Bradley, Jae ou Fox, porém *eu* encontrei alguém que vale muito mais a pena do que uma plateia e que vê além do que consigo mostrar. Alguém que me conhece de verdade e permanece comigo mesmo depois de presenciar meu pior lado — o carrasco e babaca. Alguém que não teve medo de se aproximar e de engatar em um relacionamento comigo, mesmo quando jurei nunca sentir nada por ninguém.

No fundo, ela sabe que não é verdade, porque, se fosse, eu não esperaria por uma mensagem sua a cada minuto e nem contaria os segundos para vê-la de novo no colégio.

Se eu não fosse capaz de sentir nada por alguém, eu não desejaria guardá-la nos meus braços e viver com ela o resto da minha vida assim, grudados.

Não sei quando me tornei tão meloso e necessitado do toque de alguém dessa forma, só sei que é terminantemente impossível manter minhas mãos longe dela quando estamos juntos.

Noto os três pares de olhos fixos e cheios de expectativas sobre mim, esperando por uma resposta positiva. Não quero decepcioná-los, mas... eles estão certos, a última vez que me senti tão inspirado para algo foi há 7 anos.

— Eu posso tentar — anuncio e eles gritam em comemoração. — *Tentar*, beleza? Não garanto que algo que preste vá sair disso.

— Sem problemas, vamos entender se você não conseguir — Jae alega. — Aliás, temos *certeza* de que irá conseguir, então isso é só uma hipótese.

Minha reação natural seria debochar deles ou bufar, qualquer demonstração de raiva que estou habituado, só que, nesse momento, eu não consigo ficar irritado. Talvez eu goste da confiança que eles têm em mim quando nem eu mesmo acredito no meu potencial.

Aparentemente, resquícios de cores estão começando a dar as caras no meu mundo preto em branco.



A imagem de meus avós reunidos na sala, assistindo a algum filme dos anos 70, é a primeira coisa que vejo ao chegar em casa.

Depois da minha conversa conturbada com Bradley, Fox e Jae, onde eu acabei cedendo à missão de dar vida à próxima música autoral dos *The Dragons*, dei fim à discussão e transpus toda a minha atenção a Alyssa. Ela havia mandando uma mensagem perguntando se estava tudo bem, comprovando minha tese de que paranoias começavam a se formar na sua cabeça.

A cada flerte, a cada vez que eu imaginava seu rosto tomando uma coloração avermelhada, a cada investida, porra... Minha saudade dela só aumenta e a certeza de que ela é a garota que eu quero cresce à medida que eu penso no meu futuro. Não consigo imaginar um cenário onde Alyssa não esteja presente.

É incrível como ela se tornou a pessoa mais importante da minha vida, quando, há algumas semanas, meses, nunca tínhamos trocado uma única palavra. E agora, a ideia de não ter ela no meu cotidiano, sendo quem é e melhorando meu dia no simples ato de vê-la, parece... descabida demais, errada demais.

Tranco a porta e passo para o lado de dentro, guardando o molho de chaves no recipiente.

— Pensei que tivesse ido buscar minha nora pra morar com a gente — minha vó murmura, claramente chateada.

Dou risada, abrindo a geladeira e tomando um gole d'água.

— Ela tem uma casa, *grand-mère*, uma família também. — *E eu os odeio.*

Meu avô, com o braço ao redor do ombro da esposa, beija o topo da sua cabeça e pousa o queixo no lugar.

— A culpa é sua que arranjou uma namorada como ela — ele justifica. — Virou nossa filha de consideração.

Cruzo os braços.

— Se apaixonaram tanto assim? — Minha pergunta é retórica. É meio impossível não... não se encantar por Alyssa. Não querer que ela esteja sempre por perto.

— É claro! — Emma se vira para mim, a expressão triste. — Eu a amo. Mato você se inventarem de terminar. Ou melhor, expulso você de casa e adoto Alyssa. *OU MELHOR!* Obrigo vocês a se reconciliarem.

Um ínfimo sorriso toma meus lábios.

— Nós não vamos terminar — digo, com convicção. — Não se depender de mim.

Meu avô anui, um cintilar diferente dançando nas írises.

— Eu não pensei que fosse estar vivo pra presenciar esse dia. — Suspira. — Meu neto apaixonado...

— Agora já posso morrer em paz! — Emma grita, sorrindo.

6 palavras com o poder de transformar um ambiente. Tão ligeiramente, já não estou mais sorrindo. Nem meu avô.

— A senhora não vai morrer.

Emma emite um barulho de discordância com os lábios.

— Até parece, filho, mesmo que não seja hoje ou amanhã, está perto, você tem que ent...

— A senhora. Não. Vai. Morrer — repito, o timbre trêmulo, assim como meu corpo.

Não posso perdê-la também. Não *vou* perdê-la. Nem que eu tenha que trabalhar igual um desgraçado dia e noite para pagar os melhores hospitais e tratamentos para mantê-la viva, bem aqui, comigo. Com *a gente.*

Emma respira fundo, sorrindo pequeno, e volta a atenção para a TV, assim como o marido. Quando esse assunto vem à tona, ele sempre fica calado, não diz coisa alguma. Seus únicos movimentos em momentos assim são abraçá-la, acariciá-la ou deixar um beijo no seu rosto. Qualquer demonstração de afeto que seja.

— Eu não sou eterna, filho — minha vó sussurra. — Ainda que não seja por essa doença... não vou conseguir te acompanhar em todas as fases da vida. Já viu a minha idade? Estou competindo com a boa e velha Bebeth — E como em todo discurso quem vem dela, é normal que haja uma dose de humor no final.

Dessa vez, porém, não sinto vontade de sorrir. Nem de discutir.

Ela está certa, no fim de tudo. Emma já não tem mais seus 40 anos, e sim seus quase 80, e eu, meus 18. Ela é humana, não imortal, e ainda que doa como a morte admitir isso, uma hora ou outra vou ter que dar adeus para a segunda figura materna que tive.

Metódico e inquieto, mudo a posição do saleiro e solto o ar pelo nariz, decidindo não pensar nisso. Não agora, que tudo está indo tão bem.

— Alyssa vem aqui amanhã — mudo de assunto, caminhando para o meu quarto, e viro para ver a reação dos meus avós.

Eles, é claro, abrem aquele sorriso que combina bem com a vividez brega presente na sala, cheia de cores chamativas.

— Vou preparar outra lasanha! Ela disse que adorou a que eu fiz — conta, toda se achando.

— Quem que não adora a lasanha que você faz, minha flor? — Anthony estala um beijo na sua bochecha, deixando-a tímida.

50 anos depois e eles ainda são assim um com o outro.

— Só ficou gostosa porque você me ajudou — minha vó diz baixinho, parecendo uma garotinha de 12 anos, selando os lábios no marido.

— Porque passar meu tempo com você é a melhor parte do meu dia — Anthony sussurra, segurando seu rosto. — Eu te amo mais do que te amei quando nos conhecemos, sabia?

— E eu te amo com mais intensidade do que muito antes disso, quando você era só um *playboyzinho* — ela rebate, espalmando seu ombro.

Droga, cadê Alyssa para servir de vela comigo?

— Você sabe que eu sempre te notei, minha vida... Só não sabia agir com um ser tão lindo quanto você.

Ela solta uma risadinha fofa.

— Lembra daquela vez que a gente fez amor debaixo da mesa? — *Mais risadas.* — Meus pais pegaram a gente e...

Ah, não, *pour l'amour de Dieu*[14]*...*

Clareio a garganta, lembrando a eles que ainda estou aqui e cortando sua fala íntima ao meio.

— Esqueceram que ainda estou aqui? — alerto, deixando o rosto do meu avô de cor escarlate, envergonhado. — Não quero saber das aventuras de vocês quando eram jovens.

Minha vó faz um gesto de desdém.

— Quem vê pensa que não estava igual um cachorrinho triste jogado na rua porque não conseguiu fazer indecências com minha filha no carro...

Bufo uma risada, sabendo que ela iria usar isso contra mim em alguma situação.

— É *completamente* diferente.

— Só porque vocês são jovens e conseguem ficar em posições que nós não?

— Meu Pai Eterno... — meu vô resmunga, querendo abrir um buraco debaixo dele e se enfiar dentro.

— *Grand-mère...* Não quero mais saber — aviso, longe de estar, de fato, chateado. — Vou para o quarto. Boa noite.

Ela dá de ombros, envolvendo o marido com os braços, e ambos me desejam um boa noite também, enviando beijos soprados.

— De que carro ele estava falando exatamente? — Ouço meu vô sussurrar.

— Do seu, oras!

— Do meu?! — sussurra-grita.

— Não temos outro carro, ué.

— E por que eles se *coisaram* lá dentro?! — questiona, indignado.

Emma ri baixinho.

— Ah, nem vem. Não lembra da vez que *coisamos* no caminhão do seu pai?

Tá, eu estava adorando a conversa, mas entendo essa fala como uma deixa para eu sair do alcance deles, onde meus ouvidos não irão captar nada que eu obviamente *não* queira ouvir.

Acendo a luz do quarto e me jogo na cama, me arrependendo imediatamente da decisão, já que meus músculos relaxam e não irão querer sair daqui nem à força. Levando isso em conta, me ajeito na colcha, me pondo sentado, e puxo o celular, entrando no bloco de notas. Estico-me um pouco para o lado e desligo o interruptor, pois não irei precisar deles.

Respirando fundo várias vezes, não faço ideia de por onde começar. Tenho a ideia de pesquisar músicas românticas, contudo, corre o risco de eu, sem querer, copiar algo deles, e Hudson quer uma composição inteiramente original.

Penso em Alyssa, em tudo o que ela significa para mim, em tudo o que planejo para nós. Como eu iria conseguir pôr isso no papel sendo que nem eu sou capaz de explicar?

Falo dos seus cabelos loiros, do sorriso que brilha mais que o sol e dos seus olhos que carregam uma galáxia?

Posso falar de como é a garota mais incrível e linda que já conheci? Ou da sua risada sem som e meio estranha?

E se Alyssa, algum dia, tiver acesso à música? O que ela sentiria?

Esse último pensamento é o impulso de que preciso para começar a tentar. Tentar até que todas as minhas ideias se esgotem.

Duas horas, porém, se passam, e tudo que adquiri nesse tempo é uma série de linhas apagadas e estresse suficiente para ser capaz de fazer uma música só falando do meu ódio e frustração. Não é uma má ideia, aliás, estou me sentindo bastante inspirado para enfiar um monte de palavrão aqui e cobrir com um ritmo envolvente.

Mas... minha determinação mudou. Há alguns meses, eu não tinha razão de insistir em algo que não obtinha resultado. Era fácil desistir e deixar pra lá, continuar na minha zona de conforto. Todavia, aqui, parado com o celular em mãos e com os pensamentos todos voltados para... *ela,* tudo o que quero é usar essa oportunidade como um meio de mostrá-la o quanto é importante em níveis elevados para mim. Não quero que ela duvide do que sinto por ela, nunca. Me apavora a ideia de que Alyssa nutra incertezas da intensidade das minhas palavras. De quando digo que sou *dela.*

Esqueçam o que eu disse antes, pois não quero ser só um casinho dela e entrar na lista de relacionamentos que deram errado. Quero cuidar dela, estar com ela, fazer parte de suas conquistas. Mesmo que o mundo inteiro esteja contra nós, mesmo que seus pais desaprovem e eu seja motivo de piada por ter sido inteiramente fisgado e virado um completo cachorrinho, irei lutar por nós.

Com unhas e dentes. Vou usar de todos os meios para tê-la comigo até que esse mundo não passe de pó e sejamos como um sussurro perdido em meio ao vento.

31

Alyssa Blair

Foi fácil pegar no sono na noite passada quando tudo nas últimas horas correu tão bem. Dei um passo à frente no meu processo de amor-próprio, deixei meu moletom na casa de Eros tamanho meu conforto, o peso da minha mente foi embora após o processo na frente do espelho e passei algum tempinho conversando com Eros por ligação. Fui contra as regras dos meus pais por poucos minutos e liguei para ele, falando bem baixinho e me certificando de que ninguém ouvia.

— Andei percebendo que gosto de quando você me elogia... — comenta, todo enigmático.

Abro um sorriso.

— Você é lindo.

— Eu sei, mais.

— Perf eito.

— Também sei, mais.

Reviro os olhos.

— Meu melhor beijo.

*— Seus **melhores** beijos, você quer dizer — retruca, e é possível sentir o sorriso na sua fala.*

Eu rio.

— Tem razão. — Passo a língua nos lábios.— Hum... O que mais eu posso dizer?

— O quanto eu sou gostoso...

Tenho que me segurar muito para não soltar uma gargalhada.

*— Você venceu, amor. — Limpo a garganta, sorrindo. — Você é **muito** gostoso.*

— Mais que o Bryce?

— Mil vezes mais — garanto, sentindo o ar de satisfação e prepotência irradiar do outro lado da linha.

— Hum... — murmura. — E o que mais?

Rolo os olhos, prendendo a risada.

— Não vai se satisfazer nunca?

— Só mais um — pede.

— Certo. — Suspiro, tamborilando os dedos nos lábios. — Deus-Grego.

Eros gargalha.

— Literalmente— diz, ficando em silêncio por um momento para, depois, continuar: — E você é a minha Psiquê.

Uno as sobrancelhas.

— Sou sua pequena.

— Minha Pequena Psiquê.

Mordo o lábio inferior, muito bem servida com minha coleção de apelidos.

— Novo apelido?

— Sim, gostou?

— Depende... — pondero. — O que é Psiquê?

Um silêncio ensurdecedor se faz do outro lado, como se Eros não tivesse certeza do que dizer. Quando abro a boca para perguntar se ele ainda está aqui, finalmente escuto sua voz:

— Psiquê é uma figura da mitologia grega— começa, e eu, que aprendi a achar interessante essa coisa toda da Grécia,

ouço com atenção.— Ela era uma mortal e f ilha de um rei, irmã de duas outras mulheres, todas belas, tão belas que homens vinham de muito distante para apreciá-las. Em uma dessas idas e vindas dos homens, as duas irmãs de Psiquê acabam se casando, mas ela não.

— Por que não? — sem querer lhe interrompo. — Ela não era bonita o suf iciente?

— Era exatamente pelo motivo contrário. Psiquê possuí a uma beleza que f azia todos os seus pretendentes terem medo. L inda de uma f orma que a tornava temida— explica, a voz serena.

— Uau — sopro.

— Por conta disso, Af rodite, mãe de Eros e deusa da beleza, começou a nutrir um ciúme doentio por Psiquê, pois esta começara a ser adorada no lugar Af rodite. Ela, movida por esse sentimento, ordenou que seu f ilho f izesse Psiquê se apaixonar pelo homem mais f eio do mundo, e Eros obedeceu.

— Que f eio, amor, não sabia que você era assim... — brinco.

Ele ri.

— Calma, ainda vou chegar na parte boa — avisa. — O pai, se dando conta de que Psiquê é a única das três f ilhas que não havia se casado, resolve consultar o oráculo, que o dá a seguinte mensagem: prepará-la como uma noiva na sua cerimônia de núpcias e abandoná-la em um rochedo, onde um monstro, seu f uturo marido, irá buscá-la.

— A Bela e a F era f oi inspirado nessa história?

— Não, pequena! — Eros dá risada. — Me deixe terminar de contar — murmuro um pedido de desculpas e permito que conclua. — Chegando lá, ela é recolhida por Zéf iro, que a leva para um lindo palácio. Psiquê estava quase adormecendo quando um ser misterioso entra no seu quarto e lhe diz que é o marido a quem está destinada. — Ele imita aquelas vozes de dubladores, graves e lentas. — Adivinha quem era?

— Hades? — arrisco, não f azendo a menor ideia. Arranco uma gargalhada alta de Eros pelo minha, provável, gaf e.— O que f oi?!

— Nós nem estamos f alando de Hades, minha pequena.

— Mas eu f iquei sabendo que ele é um demônio, algo assim. Na minha cabeça f ez sentido.

— Hades é o deus do submundo, o par dele é a Perséf one.

Uma lanterna se ativa na minha mente.

— Eu conheço ela! São um casal f of o. Bad boy e Good Girl.

Eros solta um ruí do baixo de desaprovação.

— Ele a traiu duas vezes, pequena — f ala, e meu sorriso imediatamente morre. — A primeira quando teve um caso com a ninf a do Cócito e outra quando se apaixonou por Leuce, a f ilha do Oceano. Assim como ela, que manteve Adônis como amante.

— Ah.

Eros suspira.

— Enf im, não é dele que estamos f alando. Retornando ao assunto, o cara misterioso que aparece no quarto de Psiquê é Eros.

— Sério?! — exclamo, tapando a boca quando percebo que saiu alto demais. — O que ele f oi f azer lá?

— Ele estava desempenhando o papel de marido, como f orma de executar o castigo da mãe, Af rodite, mas sabe o que acontece? Essa parte é bem tí pica dos clichês que você lê.

— Ele se apaixona pela Psiquê?!

— Imediatamente— Eros conf irma.

— Que legal! E o que aconteceu depois?

— Eros desaparece, mas pouco antes disso, ao amanhecer, ele f az Psiquê jurar que nunca, sob qualquer hipótese, tentaria ver seu rosto.

— Chato igual você — resmungo.

— Foi por uma boa causa. Imagine se Af rodite descobre que o f ilho, em vez de mandar um cara grotesco para a garota, se apaixonou perdidamente por quem deveria f azer o mal?— Eu acabo concordando, pensando melhor. — Mesmo com essa promessa, Psiquê se sentiu a mulher mais f eliz do mundo, porque tinha um esposo maravilhoso e que a f azia se sentir amada. Mas, mesmo com a proibição do oráculo de visitar sua f amí lia e a hesitante permissão do esposo, Psiquê visita sua f amí lia, e

as irmãs, invejosas, instigam a garota a ir contra o juramento que f ez ao marido. Psiquê acaba cedendo, e ao ver o rosto de Eros, se impressiona com o quão lindo ele é, mesmo que este quisesse que Psiquê se apaixonasse por ele por quem é, não por sua beleza. Se sentindo traí do pela amada, Eros a abandona.

Enrolo meus f ios loiros nos dedos, absorta.

— Poxa... Mas ela só viu o rosto dele!

— Promessa é promessa, pequena. Ele está no seu direito de se sentir traí do.— Suspiro, ainda não concordando totalmente. — Sozinha e inf eliz, Psiquê começa a vagar pelo mundo. Passando, assim, por vários desaf ios e sof rimentos impostos por Af rodite como uma vingança por ela ter f erido o seu f ilho. Psiquê, capaz de tudo para ter Eros de volta, aceita todas as missões que lhe são impostas. A última delas, a pior, é ir ao encontro de Hades, mas é... impossí vel. Psiquê não tinha dúvidas de que iria morrer Ao chegar na presença de Hades e Perséf one, ela descobre que tudo não passa de uma armadilha, e que a caixinha de beleza imortal que deveria lhe ser dada, guardava apenas um sono muito, muito prof undo, transf ormando Psiquê em um quase cadáver.

— Meu Deus... — balbucio, chocada.

— Eros, morto de saudade de sua esposa, tomado por um amor irref reável, escapa de seu cárcere e vai voando para Psiquê, a f im de lhe despertar — Ele engole em seco. — Temendo a f úria da mãe, ele recorre a Zeus, pedindo que tivesse misericórdia de ambos. Com sua concessão, Eros f lecha a amada e a transf orma numa imortal, e a partir daí , eles nunca mais se separaram. Geralmente, por Psiquê signif icar "alma", simboliza também a alma humana provada por sof rimentos e aprovada, recebendo como prêmio o verdadeiro amor, que é eterno.

Quando Eros termina de f alar a me explicar o que Psiquê representa e o porquê de ter me apelidado assim, eu consigo compreender tudo.

Eros não tinha a pretensão de se apaixonar pela garota, mas o amor f oi tão f orte, ele a amava tanto, que f oi contra as ordens da mãe e salvou Psiquê do inf erno.

Trazendo para a vida real, o meu *Eros tem f eito isso exatamente todos os dias quando f az eu me sentir amada, mesmo que nunca tenha dito.*

Acho que nem um "Eu te amo" poderia ter superado a prof undidade dessa história e o que ele representa para nós.

Ao despertar, mais tarde do que deveria, e passar um tempo incontável na frente do meu animigo (amigo + inimigo) pela manhã, decido que, por mais que o discurso tenha sido revertido, minha mentalidade continua carregando suas inseguranças, então tornei a vestir outro dos milhares moletons que tenho. Não seria conveniente se eu começasse a agir como alguém que passou a se amar da noite para o dia, porque seria... uma bela mentira.

Você é linda.

Nada f alta em você.

Assim que piso na calçada da Boston College e estaciono minha bicicleta um pouco afastada, noto que algo está errado. No meio de tantos alunos populares, eu sou apenas a formiguinha que mal é lembrada e pisada quando convém — não que eu me importe com esse segundo detalhe, tenho a mente fraca e com certeza não aguentaria a pressão de ter meu nome na boca de todos —, então os numerosos pares de olhos que estão voltados para mim conforme adentro a instituição não é justificável. Talvez eu esteja delirando, é claro que estou, mas por que diabos parece que todo mundo está cochichando e lançando seus olhares atravessados para *mim?*

Todos estão com celulares em mãos, mas eu não estou com o meu aqui para descobrir o que tanto olham.

— Respira, Alyssa. Respira — murmuro, agarrando firme as alças da minha bolsa e passando por um grupo de garotos e garotas próximos ao meu armário. Eles soltam uma risadinha de escárnio ao me ver, o que faz meu sangue gelar. — Hum... Podem me dar licença? Preciso pegar meu material.

— Alyssa, né? — o cara pergunta e eu assinto, desconfiada. Eles trocam olhares de pena entre si e tornam a me encarar. — Tadinha.

— D-do que vocês estão falando? — indago, receosa, levando as unhas à boca e roendo cada uma delas enquanto os encaro.

Eu nunca, em todos os meus anos estudantis, me envolvi em alguma fofoca. *Nunca* dei motivo para tal. Sempre fui a garota recatada que vive com a cara nos livros para evitar as pessoas ao meu redor. E embora eu repasse os acontecimentos das últimas semanas inúmeras vezes, em busca de algo que me comprometa de alguma forma, não consigo encontrar.

— Alyssa! — A voz alta de Leonardo no meio da multidão, caminhando apressado até mim, desvia minha atenção do pessoal à minha frente. — Ai, Deus, oi! — Ele passa o olhar de cima a baixo. — Uau, que gata.

Como se eu não estivesse igual a todos os outros dias.

— O que tá acontecendo, Leonardo? — questiono, não dando espaço para raciocinar a permanência da sua estranheza.

Ele faz uma careta, as írises ônix brilhando em surpresa.

— Você não ficou sabendo, Aly?! Em que mundo você vive?!

— Sabendo o que, meu Deus?! — grito, fazendo um alarde desnecessário, porém incapaz de pensar no que a plateia ao nosso redor está pensando.

Leonardo, titubeando, passa a mão nos cabelos, suspira e saca o celular do bolso. Mesmo de longe, identifico a conta no *I nstagram* que criaram para espalhar notícias falsas, verdadeiras ou qualquer uma que dê engajamento sobre a Boston College. Nunca passou pela minha cabeça que eu, aparentemente, estaria no meio delas.

— Hum... — Leonardo clareia a garganta. — Publicaram esse vídeo mais cedo, é sobre... — Antes que termine de falar, tomo o celular da sua mão, tão aflita que não me recordo de todas as vezes que fiz isso e tive meu couro cabeludo machucado.

Eu quase deixo o aparelho escorregar de minhas mãos quando dou *play* no vídeo, mas mesmo antes de fazê-lo, sei do que se trata.

Eros e eu nos beijando debaixo da arquibancada. Desde o começo, quando ele me puxou e me infiltrou entre a torcida, até a hora de nos separarmos. A única coisa que não conseguiram captar foi a nossa conversa, devido ao barulho ensurdecedor do outro lado.

Mas o que está aqui, gravado e postado para todos os que quiserem ver, é mais do que suficiente para arruinar tudo.

Quem gravou isso? Com qual intuito, meu Deus! Me ridicularizar?

— L-leonardo. — Minhas mãos congelam, frias demais para o meu próprio bem. — E-eu...

Não era pra ele descobrir assim. Não, não, não, não.

— Já leu os comentários? — ele corta, se aproximando e deslizando a tela para cima, mostrando os mais de mil comentários presentes na publicação.

Engulo em seco, fazendo exatamente o que disse, ciente da minha péssima decisão. Tenho que me controlar *tanto* para não desmoronar na frente dele, *deles,* que sinto meu coração inchar por reprimir.

@j ul i amae: kkkkkkkkk, era só oq me f al t ava, vi u

@l ehwhi t e: HAHAHAHAHAHA oq essa magrel a t á f azendo com esse gost osão?????? coi t ada!!!!!

@sandramendes: at é eu consegui sat i sf azer esse homem mel hor do que essa daí, t em nem oq of erecer

@ni na: aaaaaaaaa, el es f ormam um casal f of o!

@moonl i ght para @ni na: f of o? kkkkkkkkkkkkkkk, Eros não namora com ni nguém, l ouca, ai nda mai s com essa aí

@di azvaz: esse vídeo mel horou 100% o meu di a kkkkkkkl

@l i zandrande: t adi nha, at é parece que Eros vai querer al guma coi sa com el a kkkkkkkkk

Cada comentário é como uma faca cravando mais e mais fundo no meu peito. Cada vez que rolo a tela e leio uma nova crítica, uma

nova ofensa, meu corpo sendo o principal alvo, algo morre dentro de mim. A alegria que eu vinha sentindo antes de pisar nesse lugar não existe mais. É como uma força que continua a me puxar para baixo mesmo quando tento progredir. Minha visão embaça com as lágrimas, mal enxergo Leonardo quando entrego o celular a ele. Meus lábios tremem ao forçar um sorriso, porém nem isso consigo executar.

Como as pessoas podem ser tão cruéis? Como elas podem ter tanto prazer em destruir o outro dessa maneira? Elas não têm noção de que suas palavras carregam o poder de vida e de morte? Que milhares de pessoas tiram a própria vida todos os dias por não aguentarem mais serem vítimas de tanta gente que não medem o que vão dizer?

Meu Deus... Eu simplesmente não consigo entender como existem pessoas que se alegram em humilhar outros, pouco se importando para as consequências que isso possa acarretar.

— Leo... — sussurro, uma pedra enorme parecendo bloquear minha traquéia, impedindo qualquer coisa, até mesmo o ar, de sair. — E-eu... — *Não era pra você ter descoberto assim.*

— Não precisa me explicar nada, Aly — Leo diz, pegando o celular de volta. — Sempre desconfiei que vocês tinham algo.

Pisco aturdida, sentindo meu estômago pesar.

— Desconfiava?

Ele assente, dando de ombros. É nesse momento que duas garotas passam ao nosso lado, me lançam um olhar de piedade e dão risada. Me retraio no mesmo instante, encarando meus pés.

— Você não é muito discreta, Alyssa, é bem óbvio que você sente algo por ele.

— Mas você... — molho meus lábios secos — você disse ontem que...

Observo sua expressão vacilar por um momento, nenhuma pessoa além de mim perceberia, mas noto, sem querer, o nanossegundo em que seu sorriso cai, do qual ele logo trata de levantá-lo.

— Ah... Eu, hum... — Ele coça a nuca, fitando os lados. — Eu *desconf iava,* mas eu te conheço, amor. Até ver esse vídeo, eu

não imaginei que você fosse levar isso pra frente, sabe? Você é tão seletiva, nunca passou pela minha cabeça que teria coragem de beijá-lo.

Eu *sou* seletiva, e é isso que me espanta todas as vezes que me recordo de ter entregado tudo de mim a ele. *Logo a ele.*

— E m-mesmo assim você não vai fazer... nada?

Leonardo dá um sorriso que, em outras pessoas, seria tranquilizador, mas eu conheço, aprendi a ler nas entrelinhas depois de ter sido tão manipulada e de conhecer cada uma das suas faces. Nesse simples ato, uma névoa assustadora toma seu rosto, e embora ele saiba esconder muito bem, lá está ela.

— Meu bem... Eu não sou o monstro que você acha que eu sou. Nunca trisquei um dedo em você, pelo menos não sóbrio — ele se corrige, como se isso fosse amenizar alguma coisa, e não se recordando do dia que jogou meu corpo contra uma barra de ferro estando *sóbrio.* — Tudo bem você gostar dele, não vou interferir, só que, em respeito a tudo o que vivemos e ao meu amor por você, *preciso* te alertar.

Se eu estava acreditando na sua mudança repentina ontem, essa crença acaba de mudar. Já presenciei isso outras vezes, sei o que ele está tentando fazer. Mostrar a face boazinha, esperar que eu caia, só para depois revelar seu verdadeiro lado quando eu já estiver presa a ele. Fico tensa, receosa, esperando o momento em que ele irá descarregar em mim todo o ódio pelo que viu. E mesmo que eu saiba que não deveria dar brecha, permito que diga seja lá o que for.

— Pode falar.

Ele me puxa para um canto mais afastado, longe dos olhares. O toque inofensivo aciona lembranças de quando apertou meu braço ao ponto de deixar marcas roxas das suas mãos, que perduraram por dias. Me desvencilho delicadamente, abraçando meu corpo. Não gosto de estar sozinha com ele, *odeio isso,* na verdade, porém mostrar minha vulnerabilidade em relação a ele, o quanto me amedronta, seria dar a Leonardo uma arma carregada.

— Se afasta desse cara se não quiser se machucar, Alyssa. Ele não é o certo, entende? Eu te conheço, você gosta de algo sério,

gosta de ser exclusiva, sonha em viver um conto de fadas e essas merdas fantasiosas, e Russell *nunca* vai conseguir te proporcionar isso. — Leonardo se demora nas minhas pernas e, em seguida, nos meus braços. — Sem falar que... já viu as mulheres que ele fica? Todas têm um corpo que, puta merda... Você não faz o tipo dele. Muito magrinha. Nenhum homem da índole de Russell se interessa só por pele e osso, meu amor, ele deve estar se aproveitando de você, da sua fragilidade.

Facada, facada, facada.

Leonardo sabe dos meus pontos fracos, sabe onde mexer para me destruir. Ele sabe que tudo o que eu sempre desejei é viver um amor como os dos livros, e usa meu corpo, minha "inocência", para tentar pôr na minha cabeça que nunca serei amada de verdade. De repente, olho para mim, os comentários vindos à tona em minha memória.

Sei que não sou só *pele e osso* como ele diz, nem esquelética ou *magrela.* As pessoas costumam exagerar quando se têm por objetivo destruir alguém para se sobressair. No entanto, eu também sei que estou muito longe de me parecer com outras garotas. Com as que eu vejo em capas de revista, no colégio, na TV, nas redes sociais... E Leonardo está certo, de certa forma. Os homens... eles gostam de quando se têm *carne* em excesso para tocar, e que eles não irão encontrar isso em mim.

Mas faz tempo que eu não quero o toque de outro homem no meu corpo, e Eros... ele é diferente. Ele não se importa com meu peso ou com meus poucos atributos. Aliás, ele diz achá-los lindos e aprecia aquelas partes que eu não tenho tanta afeição. Carrego traumas que ainda me induzem a cometer coisas absurdas — como comer até vomitar —, mas eu sei que não preciso me preocupar porque continuarei sendo perfeita aos seus olhos.

Me enxergar como ele me enxerga... Esse é um desejo que ainda está longe de se tornar real.

— Ah! Quase ia esquecendo — Leonardo profere outra vez. — Viu os comentários onde estão zoando Russell pelo episódio de ontem? — Eu nego lentamente, a culpa se alastrando. — Pois é, disseram que perderam o respeito por ele e que esperavam mais,

essas coisas. — Suspira. — Enfim, acho que você entendeu aonde eu quero chegar. Se você realmente gosta desse cara, deveria se afastar. Tenho certeza de que se odiaria caso parassem de gostar de Russell por sua causa.

Mesmo que doa, doa *muito,* ele está certo. Sei que tenho que me separar dele para impedir que isso tome uma proporção maior do que já tomou. Não posso fazer com ele o mesmo que fiz com minha amiga. Brooks perdeu pessoas que gostavam dela por simplesmente... começar a andar comigo.

Eros é o queridinho dos professores, o babaca que todos amam, protegem e cobiçam a todo o custo. Não tenho coragem de roubar isso dele só por querer um futuro onde estejamos juntos. Seria egoísta demais, e eu sempre coloquei a felicidade dos outros acima da minha.

Com as lágrimas inundando meus olhos e a garganta embargada, eu balanço a cabeça, concordando com tudo o que disse.

— Você tem razão — balbucio. — E-eu vou dar um jeito nisso.

Leonardo abre um sorriso e segura meu ombro.

— Eu sei, Aly. Eu sei. — Beija o topo da minha cabeça. — Se você quiser, podem...

Sua fala é interrompida por barulhos do lado oposto ao nosso. Curiosa do jeito que sou, e ela aumentando conforme ouço vozes assustadas e sons de algo caindo no chão, fujo do alcance de Leonardo e vou para onde a multidão está concentrada. Ele me segue, parando ao meu lado, e meus olhos saltam para fora em choque ao visualizar o motivo do alvoroço.

Consumido por uma raiva que nunca presenciei partindo dele, Eros pega o celular de cada uma das pessoas que estavam rindo e os joga no chão, pisando em cima sem qualquer remorso. Apanhando o próprio aparelho e lendo algo ali, ele vai na direção de Jeremy, o mesmo garoto que, há alguns segundos, estava zoando a situação e afirmando que ele *não precisaria se incomodar por estarem falando da "santinha magrela",* e soca seu rosto, fazendo Jeremy cambalear para trás com a mão na boca, sangrando. Arfo, assustada.

— É isso o que você quer, amor? — A voz de Leonardo preenche meus ouvidos. — Um cara violento que não sabe controlar o próprio temperamento? Imagina só o que ele não pode fazer com você...

Quase rio da sua fala, sem me dar ao trabalho de pensar nela. Sou paranoica e desconfiada na maior parte do tempo, mas não para isso. Conheço Eros e tenho a plena consciência de que ele nunca triscaria um dedo em mim na intenção de me machucar. Sua explosão repentina se deve à tentativa de me defender, e eu me odeio ainda mais por isso. Por ser a razão de ele ter perdido o controle.

Agarrando o pescoço de Jeremy, Eros esbraveja alguma ameaça que só o garoto é capaz de ouvir. Jeremy anui, louco para se libertar do seu aperto. Ofegante de raiva, o peito subindo e descendo, Eros destrói o celular de mais outro cara que estava gravando e, ignorando todos os xingamentos que são jogados contra ele, passa o olhar em volta.

— Se eu descobrir a pessoa que gravou e vazou esse vídeo, que Deus tenha misericórdia dele, porque eu não terei.

E assim, com o sotaque mais acentuado e o timbre mil vezes mais grave, causando um estremecimento na linha da minha coluna, ele sai, pegando sua mochila jogada no chão e o meu moletom, que estava cuidadosamente arrumado em cima dela, jogando no ombro. O sinal toca, dando o horário de todos entrarem em suas devidas salas. Aviso a Leonardo que já vou, esquecendo que somos da mesma turma, e sigo para lá, evitando o olhar da maioria aqui presentes. Por sorte, Leonardo não me segue, conversando com alguém que não pude ver.

Entro na sala e a encontro parcialmente vazia — a maioria está do lado de fora, ainda indignados e chorando sobre os celulares. Levanto as irises e encontro Eros na mesa que dividimos, com meu moletom envolvendo seu pescoço. Ele me olha, seus orbes brilhando, e um pequeno sorriso nos seus lábios cheios se apresenta. Achando que vou me sentar ao seu lado, ele tira as pernas do meio e fica na expectativa. Me sinto tentada a agir como se tudo estivesse bem, mas se eu quero me afastar dele, não é

agindo com normalidade que vou conseguir. Com o coração doendo, pois tudo o que quero agora é me jogar em seus braços, sigo para as carteiras do outro lado, o mais distante possível. Evito fitá-lo, porém, de esguelha, noto a confusão se apossar de suas feições.

Quase no mesmo instante, meu celular apita. Nem preciso olhar para saber que é uma mensagem dele. Não tinha a pretensão de ler, mas a curiosidade me vence e eu me vejo abaixando a barra de notificação. Minha testa enruga com a vontade de chorar e com o desejo de que tudo fosse mais fácil.

Amor: *Pequena?*
Amor: *O que aconteceu?*

Como não obtém resposta, dois minutos depois ele manda outra.

Amor: *Você não vai se afastar de mim por causa do que aconteceu, vai?*
Amor: *Por favor, vamos conversar antes de tomar qualquer atitude precipitada*
Amor: *Não vou te pressionar, só... fala comigo antes*
Amor: *Me encontra perto do almoxarifado quando as aulas acabarem?*

Guardo o celular no bolso da mochila, segurando a vontade imensa que tenho de chorar. É engraçado como a vida gosta de me tirar algo sempre que percebe o bem que esse *algo* (ou alguém) está me fazendo. Eros e eu estávamos indo tão bem, longe da vista do povo, mas agora...

Sete minutos depois da aula iniciar, Brooks entra correndo na sala, pedindo perdão ao professor e procurando onde sentar. Viajando os olhos pelo ambiente, ela me encontra, num lugar diferente de onde estou habituada a estar. Brooks olha para Eros, depois para mim, e verga as sobrancelhas, com uma pergunta silenciosa na sua face.

"Você não fez o que eu acho que fez, né?"

Ela já deve estar sabendo da confusão, antenada do jeito que é, então eu só dou de ombros. Negando com a cabeça, minha amiga vem para onde eu estou e senta na cadeira vazia ao meu lado.

— Aly...

— Sem sermões, por favor — interrompo, abrindo o caderno. — Já está machucando o bastante.

Brooks assente e suspira, imitando meu gesto e copiando um grande **"NÃO SEI O QUE ESTOU FAZENDO AQUI "**na folha.

— Elas não te conhecem, Alyssa — Brooks diz, de repente. — São apenas almas infelizes que não veem outra forma de se satisfazerem. Eu te amo, mas jogar seu relacionamento com Eros no lixo por causa de algo que você vai passar *a vida* ouvindo, porque sempre irá existir aquele grupo de pessoas que não suporta a felicidade do outro, é uma tolice. — Ela me encara, mas eu não. — Aquele cara te daria a lua se você pedisse, caminharia sobre o fogo por você, e você retribui deixando que — ela abana a mão em desdém para os que estão na sala — essa raça de víboras destrua isso?

— Você não entende...

— Eu não entendo *mesmo.* Não entendo como você pode deixar ir o amor da sua vida. Não entendo como você sempre coloca o bem-estar de quem está pouco se fodendo pra você antes da sua. Não entendo, Alyssa, como sempre dará mais credibilidade às opiniões de quem se agrada ao te ver assim, cedendo, pois sabem que venceram, do que aquelas ditas por quem *realmente* te ama. — A ponta do lápis que Brooks usa quebra, tamanha a pressão que faz contra o caderno, mas ela não liga.

"Quer saber de uma coisa? Ontem, Bradley e eu fodemos como dois coelhos. Na cozinha, no quarto, no banheiro, na sala, em cada canto da casa dele. Conversamos sobre as coisas mais idiotas possíveis, contei a ele acerca de coisas que eu *nunca* contaria para alguém que conheço há tão pouco tempo, mas que ele fez eu me sentir à vontade. Conheci a Fallon, brinquei com ela, jantamos juntos e até assistimos um filme da Barbie, e sabe na *única* coisa que eu conseguia pensar? Em como eu queria que aquele cara

gostasse de mim do mesmo jeito que Eros gosta de você. Em como eu queria, numa realidade alternativa onde eu não sou uma pessoa famosa e meus pais não estão me obrigando a casar com um homem que eu não quero, ficar com ele. — Sua voz falha. — Então, Alyssa, não descarte Eros como se ele fosse um objeto, como se ele não significasse nada pra você. — Brooks umedece os lábios. — Mas se, ainda assim, você quiser dar um fim nisso tudo, pelo menos tenha a decência de conversar com Eros antes, ele merece saber da sua escolha."

Depois do dispare sem pausa de Brooks, ela pega a garrafinha d'água na bolsa e dá vários goles, regularizando a respiração, e decide *tentar* entender o assunto que o professor está ministrando.

Eu, por outro lado, estou mais ocupada absorvendo todas as suas palavras. Convicta de que ela está correta, em cada fala, mas que não vou poder fazer nada quanto a isso.

32

Alyssa Blair

No meio da segunda aula, Eros foi convidado a comparecer na diretoria e voltou alguns minutos depois com a mesma expressão que saiu: tédio. Fiquei aflita, com medo de que tivesse acontecido algo que o prejudicasse terminantemente dentro da instituição. Expulsá-lo, talvez? Eu não me perdoaria nunca se isso acontecesse.

Passei todos os intervalos com Brooks na sala, e sendo o bom prepotente que é, Russell fez o mesmo, lembrando constantemente da sua presença ao se remexer na cadeira ou derrubar algo no chão, sendo que nem é do seu feitio ser tão desastrado.

Brooks, também percebendo a inquietação vinda dele, me aconselhou, mais uma vez, a ter um diálogo esclarecedor com o francês. Devo ter deixado transparente demais que estou convicta a dar um fim em algo que mal começou, pois a garota parou de tentar me convencer do contrário.

É isso que estou indo fazer, então. No término das aulas, saio da sala e vou até o almoxarifado, localizada na parte mais deserta e silenciosa da BC, encontrando-o recostado à parede, olhando para o relógio no pulso. Quando me vê, Eros solta o ar exasperado pelo nariz e se desencosta do concreto, guardando as mãos no bolso.

— Oi — sussurra.

— Oi — cumprimento no mesmo tom, procurando não me abalar com meu moletom amarrado na sua cintura. — Hum... O que deu na diretoria?

Ele dá de ombros, fazendo pouco caso.

— Terei que pagar por todos os celulares que quebrei. — Passa a língua nos lábios, rindo de má vontade. — Só não sei de onde vou tirar tanto dinheiro.

— Eros... — Seu nome sai como um suspiro dos meus lábios. — Por que fez isso?

— Porque eu não deixaria ninguém falar mal de você e sair impune, Alyssa.

Nego com a cabeça, atordoada.

— Você se prejudicou por minha causa.

— Não me importo. Eu faria pior com o fim de te defender — declara, e sei que não está mentindo. Mergulhando os dedos no cabelo, continua: — Por que passou o dia me evitando e sequer respondeu minhas mensagens?

Essa é aquela parte da conversa que tive o dia todo para me preparar, mas que nada adiantou. Qualquer simulação mental de como eu iria dar a notícia a Eros de que não quero mais nada com ele passou longe da dificuldade que seria quando eu estivesse frente-a-frente com ele.

Reúno forças do além, formulando um jeito mais suave de dizer isso. Chegando à conclusão de que tudo dará na mesma coisa (eu chorando quando chegar em casa), solto de uma vez:

— Não quero mais nada com você.

Engraçado, anteontem eu estava repetindo essa mesma frase e não doeu tanto quanto está doendo agora.

— Não. — Eros balança a cabeça. — Você não vai fazer isso.

— Isso o quê, Eros?

— Isso, porra! — ele esbraveja, agitado. — Dar um fim em *nós,* descartar o que vivemos, por causa de... de... *pessoas* que ao menos nos conhecem?

— Eu não estou descartando o que vivemos, Eros... — balbucio, o choro entalado. — Só não quero dar continuidade a isso.

Ele esfrega o rosto, a descrença e a mágoa estampada nas suas írises claras.

— Por que isso agora, Alyssa? Só me diga o *motivo* — exige, seu corpo oscilando em leves espasmos trêmulos. — Eu sei que você leu muita merda, eu sei que aquilo te feriu, e acredite, estou me segurando pra não carregar você no colo, te levar pra minha casa, e ficar com você a tarde toda, mas *nada* daquilo é verdade, ouviu? Eles não sabem nada sobre nós, *nada.* Podem falar o que quiserem, não vão passar de especulações.

Engulo em seco, permitindo que uma única lágrima role por minha bochecha.

— Nós nunca daríamos certo, Eros... Somos de polos diferentes, opostos, vivemos vidas distintas. Não combinamos em nada, e por mais que odeie admitir, você perceberia isso uma hora ou outra.

Ele ri com escárnio.

— Nunca ouvi alguém falar tanta merda, cacete — sopra baixinho, respirando fundo para se recompor, e prossegue, o timbre manso: — Alyssa... Para, por favor. Não faz isso, deixa quem quiser falar, só nós dois sabemos a verdade, mais ninguém.

— E qual é a verdade, Eros? — luto para perguntar, observando seus olhos arregalarem de leve. — Não faz sentido você insistir tanto em algo que nunca oficializado *f oi* Eu vou me afastar de você; você, se quiser, vai encontrar alguém melhor, e pronto! Seguiremos nossos caminhos até chegar um dia em que você nem vai lembrar dos poucos momentos que compartilhamos juntos!

— Então esse é o problema, nossos momentos só terão valor se tivermos algo oficializado? Nada terá sido real se não for assim?

— Não foi isso o que eu quis dizer, Eros...

— É claro que foi, caralho! — vocifera, as veias saltando do seu pescoço e têmporas. — Eu não sou um cavalheiro, Alyssa — ele

sussurra, se aproximando. — Não sei nada sobre essas merdas românticas e nem sei como fazer isso, mas se... se... se a falta disso é o que está te impedindo de mergulhar de cabeça em nós como desde o início eu estou — ele segura meu rosto e deita a testa na minha —, namora comigo... — suplica, causando uma descarga de adrenalina forte no meu coração e me deixando em completo estado de choque. — Talvez você não estivesse esperando um pedido assim, talvez você quisesse um jantar à luz de velas ou em um cenário mais bonito, uma declaração grande e as estrelas como nossas testemunhas. Me perdoa por não conseguir te dar isso, me perdoa por não ser o cara que você merece. — Eros limpa com o polegar uma lágrima que cai dos meus olhos.

"Só que eu sou tão egoísta, minha pequena... Tão egoísta e desesperado para te ter só pra mim que nem ligo de não estarmos em outro ambiente, com uma música melancólica atrás e garçons vindo nos servir a todo o instante, meu único interesse se concentra em te chamar de minha. Minha garota. Minha namorada. E ser todo seu. Seu homem. Seu namorado. Mas não só isso, eu quero mais. Quero ser seu melhor amigo, seu confidente, seu parceiro, o cara para quem recorre quando algo não está indo bem... Quero tudo, Alyssa. Então, eu te peço, não vai... Fica comigo, eu *preciso* de você."

Ao fim do seu discurso, eu estou chorando tanto que mal consigo enxergá-lo. A caixa torácica esmaga meu coração e eu só queria que fosse mais fácil, que tudo conspirasse ao nosso favor. Estou sendo pedida em namoro pelo homem que verdadeiramente amo, meu sonho de longa data se concretizando diante dos meus olhos.

E tudo o que faço é tirar suas mãos do meu rosto e me afastar, deixando meu pedido a Deus, o meu presente, para trás.

— Eu não posso, Eros. — Limpo meu nariz com as costas das mãos. — Meus pais nunca aceitariam, você seria ridicularizado, e eu... me culparia por tudo. V-Você — gaguejo — você fez eu me sentir amada e acredita no meu potencial quando nem eu mesma sou capaz disso. Faz eu me sentir linda sem precisar falar nada, só me olhando desse jeito que só você consegue... Trouxe cor aos

meus dias cinzentos e foi a razão dos meus sorrisos bobos antes de dormir. — Um soluço me escapa.

"Você cuidou de mim e eu aprendi a apreciar até os pequenos detalhes. Me salvou de todas as maneiras que se é possível salvar alguém. — Eros abre a boca para falar, abrindo e fechando as mãos, os nós dos dedos esbranquiçados, mas eu lhe interrompo: — Do mesmo jeito que você tem seu instinto protetor, capaz até mesmo de cometer loucuras por quem se importa, eu também tenho o meu em relação a você. — Solto uma risada. — Não é lá muito eficaz, porque, vejamos... não tenho coragem de fazer muita coisa, mas se me afastar é a única forma que existe de eu conseguir te proteger. — Finalmente, levo meu olhar ao dele, me debulhando ainda mais ao encontrar seus olhos marejados, suas narinas dilatando conforme puxa e expele o ar, a boca um pouco entreaberta, como se estivesse pronto para dizer algo. — Eu gosto de você, Eros, *tanto...* Muito mais do que isso, na verdade, então...

— Eu te amo.

Eu viro gelo, atônita.

Minha boca está escancarada e meus cílios não param de bater um no outro.

— O-o quê?

Seu peito se expande conforme o ar entra, como se ele tivesse acabado de tirar o peso do mundo das costas. Seus olhos estão fechados e o lindo rosto parece conturbado, se assemelhando a alguém que está sentindo dor, muita dor.

Eros me ama? Eu... eu ouvi isso? Mesmo!? Finalmente... é recí proco?

— Eu disse que te amo — repete e meu pulso corresponde de imediato, batendo alto em meus ouvidos, o que é um tremendo inconveniente, porque eu quero muito ouvir o que Eros está dizendo. — Amo você. Amo tudo em você...

Eu sacudo a cabeça, proibindo que continue.

— Eros... — cicio, seu nome saindo tão baixinho que eu mal consigo escutar, e levo as mãos à boca, meu rosto ardendo com o prenúncio de novas lágrimas, que parecem não terem fim. — Não torna isso mais difícil do que já é, por favor...

— Não — ele pede, o semblante perdido, os olhos vagueando pelo meu rosto. — D-deixa eu falar, por favor. Eu não sei quando vou dizer isso de novo, então, por favor... Me deixa terminar — suplica.

Vulnerável. Completamente vulnerável. Sua estatura com consideráveis metros de altura, que antes era uma arma poderosa para completar o pacote com tantos itens de **INABALÁVEL,** se encontra indefesa.

Eros Russell, o meu bad boy, por quem sou apaixonada enlouquecidamente, o garoto-problema que parecia incapaz de amar, proferindo as pequenas e grandiosas sílabas que sonhei tanto em ouvir.

A intensidade com que meu coração zumbe nos ouvidos mostra o poder que elas tiveram sobre mim. Mostra que, mesmo que esse seja o nosso fim, nunca encontrarei alguém que mexa comigo como ele mexe.

Eros expira e inspira, se acostumando com o sabor exótico que essas palavras têm na sua boca, e começa:

— Meus pais não foram embora como minha vó disse a você — revela baixinho, com os orbes grudados nos meus. — Minha mãe morreu quando eu tinha 11 anos, vítima de um câncer de mama. A doença a levou mais rápido do que esperávamos, só 3 meses depois de recebermos a notícia, e... — Eros faz uma longa pausa, como se contar isso fosse demais para ele — a morte dela abalou toda a estrutura familiar que um dia tive. Não digo por mim, porque antes de perdê-la, eu passei os últimos dias todos ao lado dela, comecei a me conformar que Lina não estaria comigo para sempre, mas... não foi o que aconteceu com meu pai.

Eu me aproximo um passo, incapaz de ficar parada. Quero que ele me conte tudo, desabafe comigo o que guardou por tanto tempo, que confie em mim pra isso. Então, mesmo que todos os meus instintos me mandem interrompê-lo, não obedeço a nenhum deles.

— Ross já não era mais o mesmo homem que eu conhecia — prossegue. — Ele começou a beber, a negligenciar minha criação, a gastar todo o dinheiro com cerveja, a chegar tarde da noite em casa e a esquecer completamente do nosso ritual antes de dormir: 1

história sobre sua infância em troca de que eu fosse dormir cedo, já que eu tinha escola no outro dia e não parava quieto. Me recordo de esperar que ele se lembrasse e aparecesse no meu quarto, mas durante meses após a morte da minha mãe, eu fui pego pelo cansaço, ansioso por alguém que nunca vinha.

— Eros...

— Comecei a odiá-lo, por tudo. Por deixar que a tristeza o consumisse e por não enxergar que tinha alguém ali, ao lado dele, precisando de um pai presente pra tornar o fardo menos pesado. — Ele solta uma expirada trêmula, ao passo de que eu estou chorando há muito tempo. — Implorei tantas vezes para ele parar, prestar um pouco mais de atenção em mim, mas... nada acontecia. Apenas brigas, brigas e mais brigas. Ross começou a me agredir com palavras, que doíam mais que qualquer soco, até chegar um tempo onde eu desisti... entreguei o jogo, comecei a tratá-lo como um desconhecido. Porque ele *era.* O cara que destruía o quarto inteiro por não ter dinheiro pra sustentar seus vícios não era Ross Russell, *meu pai.*

Outra pausa, dessa mais curta, mas tão ensurdecedora quanto.

— Nas últimas semanas de maio, 2 anos depois da tragédia, depois de uma conversa com minha vó, comecei a notar que ele estava... mudando. Seu temperamento agressivo não aparecia mais, o dinheiro que ele gastava com bebidas, ele guardava para pagar a matrícula da minha escola aos poucos; de manhã, ele me chamava pra tomar café, do qual eu sempre recusava, e ia para as minhas apresentações de trabalho em equipe, mesmo que eu ignorasse sua existência. Percebi que, aos poucos, Ross estava voltando a ser quem era. "Ele finalmente tomou um choque de realidade", eu pensava. — Eros limpa a garganta. — Só que... tudo isso, tudo o que ele estava fazendo por mim, não passava de uma despedida.

— Como assim? — Arqueio o cenho, enxugando minha bochecha.

Eros toma uma longa suspirada, tirando os olhos do meu rosto e os mirando no chão, desorientado.

— Na noite em que fui convidado para ser o vocalista de um pequeno show infantil que teve a algumas quadras da escola, meu pai me parou na sala e, abrindo um sorriso que eu nunca, Alyssa, *nunca* irei esquecer, disse o quanto me amava, o quanto eu fui bem e que tinha orgulho de me chamar de filho. Ele não teve resposta, simplesmente fiquei calado, surpreso e amargurado demais. Eu achava que ele não merecia ouvir nada vindo de mim, que ele tinha que sofrer por tudo o que me fez passar. — Eros pressiona os olhos, como se estivesse mexendo em alguma ferida que ainda não cicatrizou. — Eu dei um "Boa noite" a ele e fui embora. A última coisa que eu disse a ele antes de partir foi um *"Boa noite"*, Alyssa, não um "Eu te amo", "Eu te perdoo por tudo", "Por favor, vamos esquecer o passado, eu sinto sua falta."

Dou um sobressalto no lugar quando lágrimas grossas rolam pelo rosto de Eros e um choro angustiado escapa da sua garganta. Sem hesitação, sem procurar esconder. Ele está deixando que eu veja seu coração desintegrando, ele está se permitindo *sentir,* colocar para fora o que guardou por anos.

— Meu amor... — Eu tento me aproximar, lhe abraçar, deixar que ele chore com a cabeça colada ao meu peito do mesmo jeito que fez comigo, entretanto, ele nega com a cabeça e se afasta.

— N-no dia seguinte — Eros recomeça, a voz embargada —, eu precisava de ajuda com o meu casaco, o zíper não queria fechar de jeito nenhum e eu estava atrasado. Saí do quarto e comecei a chamar por ele, na casa toda, mas sem qualquer sinal. — A percepção do que aconteceu me deixa estática. — Até que tive a ideia de procurá-lo no quintal, o lugar favorito dele. — Ele fecha e abre os punhos outra vez, se controlando, embora não adiante de muita coisa. — Foi quando o vi enrolado com uma corda no pescoço, pendendo de uma árvore, seu corpo sem vida. — Ofego alto, cobrindo minha boca com as duas mãos. — No chão ao seu lado, por cima da grama, havia uma carta. Carta essa que eu tenho cada trecho rabiscado no meu corpo.

— Meu Deus, eu sinto tanto, tanto...

"Eu queria ter sentido algo, Alyssa... Eu queria ter gritado, chorado ou me revoltado com ele e com o mundo, mas tudo o que

aconteceu foi uma cratera se abrir no meu peito. Durante todo o funeral, não aceitei discursar lá na frente e não derramei uma gota d'água. — Ele solta uma risada amarga. — Demorei a entender que o meu silêncio foi o grito de desespero mais alto que não consegui dar ao... ver meu pai morto."

— Quando voltei pra casa, peguei todas as roupas dele e as levei para o meu quarto, seus troféus de golfe, nossas fotos, absolutamente tudo. Encapei meu travesseiro com uma camiseta velha que ainda guardava o seu cheiro e prometi, em respeito a ele, que nunca mais me permitiria sentir, nunca mais diria amar alguém. Se o meu herói, o meu espelho, o homem que se sacrificou muitas vezes para me dar o melhor, não me ouviu dizendo que o amava com todo o meu coração, e que isso nunca mudaria, antes de morrer, nenhuma outra pessoa seria merecedora disso. — Ele pressiona os lábios inchados. — Claro... Isso foi antes de eu te conhecer.

Um sorriso pequeno e tímido se molda no seu rosto, e eu não consigo *não* retribuir. Diminuindo a distância entre nós e alcançando sua mão, beijo o dorso. Ele segura meu pescoço e planta um beijo em minha testa.

— Eu não planejei me apaixonar, não planejei te amar com toda a minha alma, mas aconteceu... Desde o momento em que te vi, no primeiro dia de aula, roendo as unhas e colocando o cabelo atrás da orelha, e uma necessidade de cuidar de você se aflorou em meu peito, me dei conta de que, com você, seria diferente. — Enxugo uma lágrima que derrapa em seu queixo. — Você tem ajudado a preencher o vazio que meu pai deixou, pequena... E ainda que seja doloroso não ter ele aqui, comigo, presenciando o dia em que finalmente tomei jeito, sei que, de algum lugar, Ross está olhando por mim. Por nós. — Ele afasta meu rosto para me olhar nos olhos. — Neguei até onde dava, jurei de pé junto que não sentia nada em relação a você...

— Você é burro — sussurro, abraçando seu corpo, o meu próprio sacudindo com o choro que não consigo mais evitar

Ele ri, passando a mão no cabelo.

— E você é mais ainda por achar que somos melhores separados do que juntos — retruca, cheio da razão. — Eu não quero outras mulheres, não quero saber de um futuro onde você não esteja. Quero que participe das minhas conquistas e eu, das suas. Você, *Alyssa,* não outra pessoa. — Inala o cheiro de morango que emana dos meus fios loiros. — Foi fácil me acostumar a ter você comigo. Te abraçar, te beijar, ouvir uma música e lembrar de nós, te ligar tarde da noite e escutar suas risadas abafadas. Escutar meus avós falando 24hrs sobre como eu arranjei uma nora incrível... — Ele revira os olhos e eu sorrio. — É fácil amar você. Muito, muito fácil. Amar cada curva, cada pedaço que te forma. O sorriso, seus olhos estrelados... *Mon Dieu*, eu amo tudo em você.

Penetro minhas írises nas suas, os pontinhos pretos e dilatados cintilando pelas lágrimas, mas também por carregar o mais puro dos sentimentos.

Ele te ama, Alyssa.

Contorno seu maxilar com o dedo, as maçãs do rosto, o nariz, boca... Me coloco na ponta dos pés e uno nossas testas, selando seu queixo úmido, como o meu. Nossos rostos estão banhados pelas lágrimas.

— Eu também te amo, meu amor — cochicho, como se fosse um segredo. Segredo esse que sinto vontade de gritar aos quatro cantos do mundo, ironicamente. — Muito.

Um sorriso enorme rasga seus lábios, todos os seus perfeitos dentes branquinhos e alinhados expostos. Eros me abraça mais forte contra si, provando ser possível dois corpos ocuparem o mesmo espaço (toma essa, Isaac Newton!). Ele dedilha o contorno da minha boca com o polegar, deixando o mais breve dos beijos pousado ali.

— Promete que vai lutar por nós como me disse que faria quando encontrasse o seu amor? — pergunta, em um sussurro. — Que não importa o quão difícil ou complicado seja, porque *vai* ser, continuaremos juntos em qualquer circunstância?

— Eu prometo — respondo sem hesitar, sem qualquer sombra de dúvidas. Nem sei o que eu estava pensando quando achei que me distanciar dele seria a melhor opção. — Eu prometo, Eros.

Ele bufa e revira os olhos.

— Posso te contar uma coisa? — Eu assinto. — Eu quase parei nossa briga pra chamar sua atenção com essa palhaçada de "Eros" — resmunga. — Não faça mais isso.

Eu rio fraco.

— Não dá para te chamar de "amor" no meio de uma briga, poxa — me defendo. — Tenho que manter a seriedade, esse apelido quebra tudo.

Eros balbucia alguma reclamação ininteligível.

— Ótimo, é só não brigarmos mais.

— Difícil, já viu com quem eu namoro? — falo por impulso, arregalando os olhos e notando as feições igualmente surpresas dele. — Q-quer dizer...

— Então isso é um "sim"? — Ele se anima, estalando um beijo na minha bochecha e descendo ao meu pescoço. — Somos namorado e namorada agora?

Emito um som de deboche, rindo, e empurro seu ombro construído por tijolos, tentando me livrar dele e das cócegas que seus lábios fazem na minha região sensível.

— Somos, amor.

Meu namorado — perceba como isso soa maravilhosamente bem — se derrete todo, mordendo os lábios, e uma coloração avermelhada dá leves indícios nas suas bochechas.

Eros Russell corando.

Ok, não tenho estrutura alguma para isso.

— Eu daria tudo pra ter meus pais aqui comigo. — Escova uma mecha do meu cabelo para trás da orelha. — Eles teriam te amado.

Um sorriso triste delineia minha boca. Deitando a cabeça no seu peito, enlaço seu corpo com meus braços, acariciando suas costas, oferecendo o máximo de apoio que posso dar.

— Um dia, amor — prometo.

— Acredita mesmo nisso?

— Fielmente, Eros.

Ele bufa, estragando completamente o clima.

— "Eros" é o seu *passado* — quase rosna, mas ele não podia estar mais errado.

— Negativo. — Toco a ponta do seu nariz e desço até sua boca, selando-a com a minha enquanto um sorriso se apodera do meu rabugento favorito. — Ele é o meu presente e o meu futuro. Não vejo a hora de passar todos os dias da minha vida descobrindo tudo o que Eros Russell, o homem mais irritante da face da terra, mas também o que eu mais amo e, de bônus, *meu* namorado, tem a mostrar. — Resvalo a ponta dos nossos narizes um no outro. — Tenho certeza de que será a maior aventura que a vida já me proporcionou.

33

Alyssa Blair

Duas semanas depois

As últimas semanas têm me causado um misto de sensações. Nunca vivenciei tanta coisa em tão pouco tempo.

Eros e eu estamos namorando, mas nada realmente mudou entre nós — sempre agimos como namorados, mesmo querendo negar, e só agora percebo isso —, a não ser nosso relacionamento ter sido revelado e não termos mais porquê de nos escondermos. E quando eu digo isso, estou me referindo ao fato de andarmos de mãos dadas no colégio, trocarmos um beijinho aqui, outro acolá, no meio de todos, e não sermos mais cautelosos em mostrar o que sentimos. Claro, eu ainda prezo pela minha privacidade com ele, então vez ou outra nos reunimos na biblioteca, escondidinhos do resto dos alunos, nos deitamos em um dos *puf f s* e lemos 3 capítulos por dia, quando as aulas nos permitem, de *A Rainha Vermelha.* Eros

está adorando, o único defeito é que ele é esperto ao extremo, estragando totalmente a experiência do grande *plot* no final.

Depois do seu pedido recheado de confusão e choro, fomos para casa da dona Emma e anunciamos a notícia. Fiquei decepcionada, achando que fariam festa ou gritariam de emoção, mas não, tudo o que disseram foi: "Ué, já não namoravam antes?"

Pois é, acho que eles sempre estiveram certos.

Nesse mesmo dia, embora eu me sentisse renovada por ter resolvido tudo com Eros, eu ainda estava mentalmente cansada. *Muito* cansada. Aproveitei que tinha levado uma roupa extra, tomei banho — com a porta do banheiro trancada caso ele quisesse dar uma de espertinho —, vesti meu pijama confortável — um short largo que ia até o meio das coxas e uma blusinha — e voltei ao seu quarto. Eros passou, no mínimo, meia hora enfatizando o quanto eu estava gostosa e se ofereceu para escovar meu cabelo, feliz.

São pequenos gestos e momentos assim que me fazem ter certeza de que a melhor escolha que eu fiz foi ter aceitado fazer o trabalho com ele, mesmo que, no início, eu tivesse relutado de todas as formas.

Tudo bem que esse trabalho foi jogado para escanteio e nem se fala mais nele, mas... querendo ou não, Ravena conseguiu exatamente o que ela queria quando nos designou a esse projeto.

Avisei a Eros que estava precisando de um descanso e perguntei se havia problema dormirmos um pouco antes de estudar. Meu namorado, sem falar nada, apenas tirou a camisa, trocou a calça por um calção moletom, fechou a janela e se enfiou debaixo do lençol ao meu lado, puxando minha cabeça para deitar no seu peito.

Seu peitoral é um ótimo travesseiro, inclusive.

Uma noite, enquanto fazíamos nossas ligações de madrugada que viraram rotina, Eros teve a brilhante ideia de denunciarmos a página de fofoca, da qual ainda continha conteúdo sobre nós, até que ela caísse. E deu certo. Ou mais ou menos certo.

Juntei Bryce, Pandora, Brooks e Vítor para nos ajudarmos a derrubar a conta. Funcionou, depois de três noites seguidas com os

dedos doloridos de tanto apertar no botãozinho de denúncia. Porém, 1 semana mais tarde, uma nova página foi criada. Eros ficou possesso e, *acidentalmente* — eu juro que foi sem querer —, distribuiu outros leves murros nos dois donos da página quando estes estavam dispersos, na hora da saída, publicando algo. Não sei como Eros descobriu, mas foi a maior confusão.

Resultado? Mais 1 celular e 1 notebook quebrados.

Eu quase o matei quando ele me deu a lista dos 16 aparelhos de última linha que deveria comprar, calculando o preço absurdo com a soma de todos.

Eros tem trabalhado como um condenado nesses últimos dias. Das 17h às 20h, ele toma conta do restaurante da vó e, das 20h30 às 1h da manhã, da oficina do vô, ficando até de madrugada consertando carros e motos. Ele chega tão cansado em casa que só temos tempo de trocar algumas mensagens rápidas e objetivas antes de dormir. Me sinto mal quando avisto as bolsas escuras sob seus olhos e o cansaço patente nos seus músculos tensos. Contudo, ao comunicá-lo que não precisava mais de suas aulas e que ele podia passar o dia dormindo, Eros ameaçou me jogar de um prédio se eu continuasse a insistir nisso, porque, segundo ele, minha presença elimina qualquer cansaço físico e mental que ele possa sentir. Temporariamente, é claro, pois não sou nenhum tipo de remédio.

Também nunca mais dizemos que amamos um ao outro. Não sei como eu reagiria se soltasse um "Eu te amo" do nada e Eros ficasse apenas calado. Não quero dar a entender que estou o pressionando e o obrigando a falar, então fico na minha, permitindo que nossas atitudes falem por si só. Palavras nem sempre conseguem dizer tudo. Nem sempre precisamos dela. E Eros demonstra me amar nos atos mais simplórios e significativos. Quando prepara um lanchinho com minhas guloseimas favoritas todas as tardes enquanto estudamos, quando se dispõe a me enviar mensagens todas as madrugadas dizendo o quanto sou linda e o quanto ele é sortudo por me ter, ou, principalmente, quando me lembra, sempre, de que eu sou a Psiquê da vida real dele.

E que ele é, literalmente, o meu Eros.

Há 7 dias, ocorreu a prova de Álgebra. Dez minutos antes do início do teste, tive uma forte crise de ansiedade, pensando em todas as mil coisas que poderiam dar errado, apesar de ter estudado até não aguentar mais. Sempre será assim: posso estudar por 10 anos seguidos uma mesma matéria, mas *nunca* estarei confiante o suficiente.

Eros me levou para uma área afastada e ficou abraçado comigo até que o horário batesse. Pediu para eu dizer 5 coisas que eu estava vendo, 3 que eu estava ouvindo, 2 que eu podia cheirar. Além disso, pediu para que eu contasse de 20 a 0 em ordem decrescente e devagar conforme fazia um carinho na base das minhas costas e me lembrava que tudo daria certo.

Para aliviar a tensão da prova, depois de 6 horas enfurnada dentro daquela sala entre alternâncias de aulas e provas, ele me levou para sua casa, é claro, e, diferente das outras vezes, convidou os avós e passamos o dia inteiro assistindo filmes de romance, comédia, drama e ação.

Eles estão sendo minha família. Sinto como se estivéssemos cada vez mais próximos. Enquanto a relação com minha *verdadeira* família, meus pais, só piora.

Cada garota ficou responsável por 2 filmes consecutivos, e eu não pude perder a oportunidade de botar "Como Eu Era Antes de Você" para que todos partilhassem da mesma dor que eu.

No entanto, me arrependi no mesmo instante, esquecendo completamente da semelhança entre a história do Will e o pai de Eros.

Meu namorado fingiu estar com sede e saiu da sala. Me toquei na hora da besteira que havia feito e pedi mil desculpas a todos. Passei a tarde inteira abraçando Eros e implorando para que me perdoasse. Ele garantiu que não era culpa minha, sorrindo e devolvendo meus beijos. Em seguida, colocamos uma comédia romântica e o choro foi convertido em alegria.

Ah! Antes que eu esqueça do evento mais importante dessa semana: Brooks conseguiu dois horários para mim durante a semana com uma psicóloga. Fiz as duas primeiras sessões nesta semana e descobri que não consigo falar sobre mim sem chorar,

então para evitar uma vergonha maior, a sra. Cherry disse que eu poderia optar por desabafar em formato de cartinhas e entregá-la. No primeiro dia, falamos só o básico, mas, no segundo, começamos a falar sobre assuntos mais sérios — mais especificamente sobre os motivos que me levaram a fazer terapia. Contei sobre meus problemas em relação à minha aparência e ela me apresentou métodos que podem funcionar, como controlar meus estímulos, que envolve evitar certas coisas que podem acionar um gatilho em mim.

Passos de bebê.

Agora, estou saltitando pelos corredores do colégio com Eros ao meu encalço pelo primeiro "A" que tirei em Álgebra desde que essa matéria começou a infernizar minha vida. Meu namorado me rodopiou no ar ao recebermos o resultado e me deu um beijo arrebatador, que por um segundo me fez esquecer das pessoas ao nosso redor.

— O que vai querer fazer agora? — pergunta, entrelaçando nossas mãos.

— Passar o dia com você — respondo de pronto.

— Hum... — Ele umedece os lábios com a língua. — Vou te levar a um lugar diferente hoje, então.

— É? — Fico animada, subindo na sua moto e encaixando o capacete na minha cabeça. — Pra onde?

Ele apenas sorri, sela um beijo nos dois dedos e gruda nos meus lábios, já que o capacete impossibilita de termos um beijo de verdade, e dá partida na moto, numa velocidade que eu já aprendi a me acostumar.



Uau, o lugar é lindo.

É uma cachoeira, bem afastada da cidade, com uma paisagem formada por árvores e flores coloridas. A enxurrada de água cai como cascata sobre as rochas, encontrando violentamente o lago cristalino, em tons de azul e roxo que eu só havia visto em filmes.

— Encontrei esse lugar por acaso quando cheguei em Boston — Eros comenta. — Se tornou meu lugar favorito.

— Ele é mesmo lindo — digo, admirando uma família de passarinhos verdes e amarelos em um dos galhos de árvores.

— Quer dar um mergulho?

— Não tenho biquíni — aviso, me aproximando dele e varrendo o olhar em volta.

Estou encantada com o ambiente, de verdade.

— Você pode entrar só de calcinha e sutiã — ele diz, e quando eu desvio os olhos do céu azul-bebê para encará-lo, acrescenta depressa: — Ou vestida totalmente. Você que sabe, pequena. Estamos só eu e você aqui.

Engulo em seco, surpresa com sua proposta. Quer dizer, ele já me viu usando shorts e até um top bem justo, então não seria nenhuma novidade se ele me visse com essas peças. Ainda assim... A ideia de estar escondendo tão pouco é estranha.

Fecho os olhos, apertando as pestanas. *Ele não é Leonardo. Ele te acha linda. Te respeita e reconhece seu valor.*

— Eu entro primeiro — Eros diz, diminuindo a distância entre nós e acariciando meu queixo. — Caso se sinta confortável, por favor, não hesite em se juntar a mim. — Beija meus lábios. — Só não esqueça, pequena: quebre o laço.

Faço que sim, concordando. Eros sorri.

Observo quando meu namorado tira a camiseta e chuta as botas para longe, arrancando as meias pretas em seguida. Borboletas batem as asas afoitas no meu estômago quando tenho um dos milhares vislumbres do seu peito desnudo, os músculos que meus dedos costumam percorrer e conhecer tão detalhadamente, as tatuagens que eu não canso de descobrir o significado de cada uma... Ele é o homem mais lindo que já vi.

Escancaro a boca quando Eros tira a calça e olho rapidamente para baixo, em direção aos meus próprios pés cobertos pelo tênis, com vergonha de continuar devorando-o com os olhos. Ainda assim, porém, tenho um vislumbre da sua boxer preta, que torneia suas coxas malhadas e grossas. Eu não estava e *continuo* não estando preparada para isso.

Sem mais nenhuma palavra, Eros entra no lago, mergulhando e desaparecendo dentro da água. Quando emerge de volta, os cabelos molhados caindo em seus olhos, ele os afasta e lança uma piscadela sensual para mim, mantendo um sorriso casual no rosto. E então, voltando a nadar, ele me dá o espaço de que preciso.

Respiro fundo, repetindo elogios sobre mim mesma como um mantra, reunindo coragem para retirar minhas roupas peça por peça e não desistir no meio do caminho.

— Quebre o laço, quebre o laço, quebre o laço — continuo repetindo, me livrando da blusa, expondo meu sutiã rosa-claro, a brisa batendo na minha barriga e fazendo cosquinhas na minha pele. — Quebre o laço, Alyssa. Ele te acha...

— *GOSTOSA!* — Eros berra, lá do lago, colocando as mãos em torno da boca, sorrindo largo ao me ver. — *GRAÇAS A DEUS QUE É MI NHA!*

Eu gargalho alto, jogando a cabeça para trás, seus gritos sendo o impulso de que eu preciso para me livrar do resto. Me livro dos tênis e das meias, ajeitando-as ao lado dos itens de Eros, desço o zíper da calça e chuto o tecido para longe. A sensação bizarra de liberdade cresce, do ladinho do pânico, que eu faço questão de jogar no mais profundo abismo.

Dou passos curtos na direção do lago, tomando cuidado para não deslizar e transformar nosso encontro em morte. Quando alcanço as rochas, elas estão escorregadias devido ao musgo, e Eros prontamente nada na minha direção para me segurar, evitando que eu caia e algo pior aconteça. Ainda não me acostumei com o contato de nossas peles sem milhões de tecidos para atrapalhar.

— Sabe nadar? — ele pergunta, beijando meu pescoço.

— Uhum — murmuro, enchendo os pulmões de ar e fazendo meu corpo flutuar sobre a água, relaxando. — Ano passado — completo, envergonhada.

Meu namorado dá risada.

— Ano passado, pequena? Como que sobreviveu esse tempo todo sem saber?

— Dois desmaios por afogamento — falo, rindo, e ele fecha a cara. — Foi tenso.

— Toda engraçadinha você. — Ele revira os olhos, prendendo o riso. — Vem, quero te beijar debaixo d'água.

Parando de flutuar na mesma hora e aceitando a mão estendida, Eros me conduz para mais fundo, perto da cachoeira, e prendemos, juntos, o ar. Submersos, ele me agarra pela cintura e segura meu pescoço, colando nossos lábios. Entrelaço minhas pernas na sua cintura, sorrindo.

Durante 20 minutos, nadamos e nos beijamos em toda a extensão do lago. Nos enfiamos debaixo da cachoeira, a água martelando em nossas cabeças, e nos beijamos mais um pouco, em um perfeito cenário de filmes de romance. Cansada, vou até a borda e me sento na rocha, sem conseguir ignorar o desejo ardente que me acompanha sempre que me recordo da *única* peça de roupa que Eros está usando. E isso só piora, se torna mais forte, quando ele vem até mim, seu corpo aparecendo mais à medida que a água fica mais rasa, todo molhado, esculpido, meu Deus...

— Cansada?

— Bastante — respondo, sem fôlego, e tenho a impressão de que não é pelos minutos perdidos debaixo d'água, e sim pela mão de Eros pousada em minha cintura.

Observo o cenário à nossa volta, nossa situação, a possibilidade de fazermos o que quisermos aqui sem sermos interrompidos...

— Por que está me olhando assim? — pergunta, malícia envolvendo suas írises ao aterrissar a mão grande, quente, cheia de veias na minha coxa. Tremo com o toque, reprimindo um suspiro.

— Não estou te olhando de nenhum jeito — minto, segurando seus ombros.

— Está, está sim — ele insiste, em tom brincalhão, dedilhando a carne da minha coxa enquanto afunda o rosto no meu pescoço e mordisca de leve. Gemo baixinho no seu ouvido. Eros grunhe. — Pequena, se você não quiser...

— Eu quero — corto, ofegante. — Eu quero muito, amor. Não tem noção do quanto.

Russell tece beijos na minha mandíbula, queixo, até alcançar minha boca.

— Tem certeza?

— Tenho — sussurro, aturdida. — Quer dizer... Não quero fazer... você sabe... aqui, nesse lugar. Sou uma romântica incurável, quero me entregar a você quando estivermos no seu quarto, porque... não sei, seria especial. — Limpo a garganta. — Mas quero ter as preliminares com você aqui, quero me preparar, tirar o poder dele, substituir as más lembranças por boas. Por muito tempo, Leonardo foi o único que teve acesso ao meu corpo, e... ele não usufruiu disso da maneira que eu gostaria.

Quanto mais falo, mais percebo o quanto eu estava esperando por esse momento. Pelo dia que eu teria coragem de deixar Eros ir além e apagar tudo de ruim. Sexo sempre foi para ser algo prazeroso, mas eu não sei essa sensação. Não ainda.

— Se eu for longe demais... — ele mordisca meu lábio, a voz rouca — me diga, ok?

— Ok. — Embora eu duvide de que ele vá extrapolar algum limite.

Os lábios de Eros descem até o meu pescoço, onde ele distribui beijos quentes e minuciosos, como se estivesse me preparando para algo melhor. Suas mãos permanecem ancoradas à minha cintura e a outra, na minha coxa, e sei que a atitude de as colocar em outra região do meu corpo deve partir de mim, porque ele quer que eu tome o controle da situação. Ele não as tirará de onde estão enquanto eu não der um sinal verde.

Então, se Eros quer que eu tenha atitude, eu terei.

Levo minhas mãos ao fecho do sutiã, deixando que a peça deslize por meus braços. Prendo a respiração quando Eros abre um sorriso que abala meus nervos e apanha o tecido rendado, jogando sabe lá Deus onde.

— Não tenho mais tanta certeza se sua bunda é minha parte predileta do seu corpo — ele balbucia, absolutamente hipnotizado, se distanciando para ter uma visão mais ampla dos meus seios descobertos. — Cacete...

Solto uma risadinha tímida.

— Vem cá. — Eu o puxo e grudo nossas bocas.

Por longos e fantásticos minutos, me deleito apenas com seu beijo, deixando meu corpo relaxado e à vontade, além de uma

vontade por mais que aumenta a cada instante. Aproveito o toque da língua dele na minha, aproveito o seu cheiro maravilhoso, a forma como os seus braços envolvem a minha cintura e perna com possessividade, mas, sobretudo, com delicadeza.

Levo minhas mãos até as mãos dele e as guio para onde as quero. Uma delas, eu deslizo para baixo até o cós da minha calcinha; a outra, eu deslizo para cima, até o meu seio direito, que ele agarra com gentileza à medida que um gemido gutural escapa dos seus lábios. E um contido escapa pelos meus.

Paro por um momento para prestar atenção em como me sinto em ter as mãos dele no meu corpo dessa forma. Procuro por algum sinal de pânico, de desconforto, mas não encontro nada além do nervosismo. Estaria mentindo se dissesse que não estou nervosa e com um pouquinho de medo.

— Tudo bem aí? — questiona, me fitando.

— Perfeitamente. — Minha boca fica seca. — Só... é estranho.

Ele anui, provocando meu mamilo enrijecido com o polegar. Cravo as unhas nos seus ombros, lutando muito para não me contorcer como uma inexperiente.

— Me diga... Do que você gosta?

— Eu não sei — sou sincera. — Nunca tivemos preliminares, ele sempre ia direto para... enfim... — Pressiono os lábios. — Mas gosto muito disso.

— É? — Ele sorri, mapeando meu seio com o polegar, cuidadoso. — Gosta disso? — Eros belisca meu mamilo e eu solto um grito baixo de dor.

— Não, definitivamente não — digo, de pronto, sentindo a região latejar. — Tem gente que gosta?

Ele ri e me beija, sussurrando um pedido de desculpas.

— Várias pessoas, pequena. Alguns sentem prazer em sentir uma dor extra na hora do sexo.

— Ah... Deixa de ser prazeroso quando isso não acontece? Acho que não faço parte desse grupo — murmuro.

— Claro que não, Aly. Transar abrange muita coisa... Conheço várias maneiras de fazer nosso sexo ser explosivo sem precisar disso — se gaba, com um sorriso travesso.

Fico vermelha, trazendo sua mão para o meu outro seio.

— Continua o que estava fazendo, por favor.

Eros atende sem pestanejar, realizando movimentos circulares com o polegar no mamilo dolorido. Deito a cabeça para o lado, rodeando sua cintura com minhas pernas e trazendo-o para mais perto.

— Você quer minha boca aqui? — sussurra, descendo o rosto até a altura deles, resvalando-os com a ponta do nariz.

— Por favor — confirmo em um suspiro, arqueando minhas costas para trás e gemendo mais alto do que deveria quando Eros enche sua mão com um seio e o enfia todo na boca. — Eros...

— Deliciosa — cicia, sugando com força e circulando meu mamilo com a ponta da língua.

Ele passa para o outro, projetando os mesmos movimentos. Abocanhando tudo, chupando e mordendo.

— Amor... — eu arquejo, meu corpo quente. Uma vontade de chorar enorme me atinge quando percebo que o meio das minhas pernas está molhado, mas isso nada tem a ver com a água que nos encharca. — Toque em mim. Por favor.

Ele se demora um pouquinho mais nos meus seios, viciado, e me beija. Seus lábios devoram os meus, famintos, e eu o beijo de volta com o mesmo desespero.

Sinto quando ele desliza a mão que estava no meu seio para baixo, passando pela minha barriga, me deixando arrepiada, até adentrar os dedos na minha calcinha, encontrando minha intimidade úmida. Eu abro mais as pernas, encaixando-o no meio delas. A respiração de Eros fica tão pesada quanto a minha quando jogo minha cabeça para trás, querendo aproveitar cada milésimo de segundo dessa sensação, do cuidado com o qual ele trata o meu corpo, a minha mente e a minha alma.

— Como se sente? — ele quer saber. Seus dedos não se movem, estão apenas pressionados contra a minha intimidade, esperando por uma aprovação.

— Bem, muito bem.

— E se eu fizer isso? — Eros faz círculos lentos em cima dele. — Tudo bem se eu fizer isso?

Eu confirmo com a cabeça.

Ele estimula o centro das minhas pernas, nunca me penetrando com os dedos, apenas me provocando e me instigando, colocando a pressão, massageando. Eu gemo tão alto que até o escritório da NASA, lá no espaço, poderia ouvir.

— Isso é muito bom — eu digo baixinho, a respiração presa nos meus pulmões. Tenho medo de respirar ou de piscar e toda essa maravilha se transformar em um pesadelo.

Eros une os nossos lábios de novo à medida que seus dedos começam a se mover mais depressa, fazendo círculos lentos, depois mais rápido... Como se não fosse o suficiente e ele quisesse me matar, meu namorado preenche sua boca com meu seio esquerdo, sua língua trabalhando de modo majestoso, me envolvendo em um véu transparente de sensações. Eu não aguento a pressão, gritando e gemendo seu nome para quem quiser ouvir, tombando meu corpo para trás e implorando por mais. Ele lambe o colo dos meus seios, o vale entre eles, minha barriga, porém, nada mais que isso.

Depois de ter o seu corpo invalidado, invadido, tomado e descuidado, como o meu foi, você facilmente esquece que sexo foi feito para que ambos os lados sintam prazer. Entretanto, no momento certo, quando se está com alguém que confie, que respeite o que te aconteceu, que respeite o seu corpo e as suas limitações, que esteja disposto a ir até onde você consegue... tudo muda. E se antes o tópico sexo era algo do qual eu queria fugir, Eros está me mostrando que ele pode, sim, ser magnífico quando feito com a pessoa certa.

Meu corpo começa a tremer ligeiramente com os indícios do clímax. Eu gemo baixinho.

— Eros... — eu arquejo. Ele nota que estou perto, pois aumenta o ritmo e sobe o corpo para ficar rente ao meu, enchendo meus lábios de beijos.

Eros intensifica os movimentos. Estremeço, pegando fogo, ainda que a água nos cerque. Ele geme durante o beijo, rouco. É um som extraordinariamente maravilhoso.

E explodindo em milhões de pedacinhos, eu chego ao meu ápice, com os braços ao redor do pescoço de Eros e nossos rostos próximos. O garoto faz brotar um sorriso ladino, daqueles capazes de me incendiar novamente, e beija minha bochecha. Meus olhos marejam com o orgulho estampado nos dele.

— Você conseguiu — sussurra, extasiado.

— Consegui — balbucio, ainda sem acreditar, respirando com dificuldade.

O maior sorrisão repuxa seus lábios ao depositar um beijo casto no meu nariz, descendo, descendo até alcançar meus seios nus, sua respiração quente batendo em cada um, enrijecendo-os.

— Adorei conhecê-las. — Dá um selinho no bico de cada um. — Já decidiu os nomes delas?

Minhas sobrancelhas vergam.

— Nomes?

— É. — Balança a cabeça. — Sabrina e Chloe? — Ele aponta para o meu direito. — Essa tem cara de Sabrina.

— Pelo amor de Deus! — Eu tampo meu rosto, vermelha como pimenta e com uma vergonha extraterrestre. — Não acredito que você tá fazendo isso.

— O quê? Só estou dando nomes pras minhas amiguinhas — retruca, como se isso não fosse a coisa mais louca que eu já ouvi. — Sabrina e Chloe. Gostou?

— Não! — Eu gargalho, cobrindo meus seios com as mãos. — Você tem problema.

Ele tenta as tirar de cima, rindo.

— Irei contar a elas que estou em um relacionamento abusivo com você. — Eros consegue destampar suas amiguinhas, curvando os lábios em um sorriso, se inclinando para dar outro beijo em cada uma. Tento não rir ou achar essa estranheza fofa, porém é impossível. — Será que a Priscila vai ficar com ciúmes se eu quiser dedicar toda a minha atenção a elas daqui pra frente?

— Quem é Priscila?

— Sua bunda.

Dessa vez, não consigo segurar. Uma gargalhada estrondosa irrompe da minha garganta e eu o empurro, fazendo-o cair de costas

na água, também gargalhando.

— Como que eu fui me apaixonar por você, hein? — demonstro minha indignação, ainda rindo, e me ponho sentada na rocha, derrapando até que eu esteja dentro no lago.

Ele nada na minha direção, passando os braços ao meu redor e colando meu torso ao dele.

— Imagine que monótono nosso namoro seria se fôssemos dois chatos que não fazem brincadeiras de vez em quando, pequena. — Eros agarra meu queixo com delicadeza. — Gosto de ter a liberdade de ser estranho com você.

Anuo, contente, me agarrando ao seu pescoço.

— E eu adoro nossa intimidade — confesso, acompanhando a linha do seu maxilar com o dedo. — De não ser obrigada a tomar cuidado com cada coisa que falo ou com cada passo que dou. — Deito a cabeça no seu ombro. — Brincar de lutinha e saber que você nunca teria coragem de me machucar de verdade, apesar de me ameaçar toda hora — rio —; usar seu braço como mordedor e você deixar... Coisas bobas, simples, normais, mas que... são importantes. Ficar à vontade com você.

Meu namorado começa a nadar para trás, ainda me segurando consigo, abrindo um sorriso.

— Você pode fazer isso e muito mais comigo, minha pequena. — Afasta uma mecha de cabelo grudado no meu rosto. — Só não prometo que não irei te jogar de um penhasco se deixar mais uma marca da sua arcada dentária no meu braço.

Rio alto, apontando para uma das cobras da Medusa com marcas de dentes decorando sua cabeça.

— Combinou com elas.

— Seu... — Ele respira fundo. — Odeio você.

— Odeia nada — provoco, tocando no seu nariz.

— Não mesmo. — Bufa, se desvencilhando do nosso abraço e indo mais fundo. — Corrida até ali? — Ele aponta para uma cachoeira menor, um pouco distante de nós.

— O que irei ganhar em troca? — Me ponho à postos.

— Caso ganhe... — Ele umedece os lábios, lanceando o olhar para meus seios. — Posso pensar em fazer um agrado a elas.

— A quem? Sabrina e Chloe? — desdenho, rindo.

Ele dá de ombros, pretensioso.

— À Amélia também.

Reviro os olhos.

— Não sei se quero descobrir quem é essa...

— Sua b...

— *CALA A BOCA!* — grito e mergulho na mesma hora, escutando suas risadas abafadas e o barulho do seu corpo se jogando na água, tão rápido que, em milissegundos, já está ao meu lado, cutucando minha panturrilha com seu pé.

Contabilizo 45 segundos mentalmente e quando sinto a rocha da cachoeira sob meus dedos, sorrio, vitoriosa.

Eros cumpre com o combinado, me prensando contra a pedra e dando uma atenção mais que especial aos lugares que eu descobri estar necessitada dele.



Nunca pensei que alguém pudesse ultrapassar tantos carros, motos e engarrafamentos em um tempo record de 5 minutos, entretanto foi só Bradley mandar uma foto de Fallon segurando as cordas quebradas da guitarra de Eros que ele conseguiu me provar que, sim, isso é possível.

Ele estaciona a moto de qualquer jeito e salta dela, caminhando a passos duros para dentro do lugar. Eu o sigo, segurando a risada quando avisto, de longe, Bradley protegendo a bebê e Brooks ao seu lado, rindo.

— Eu vou dar um fim nessa menina! — Eros grita, avançando para Fallon e a tomando dos braços do pai. A menina gargalha, colocando as mãozinhas gordinhas na boca e se remexendo quando meu namorado começa a fazer cócegas na sua barriga. — Por que você fez isso com minha guitarra, hein?

Fallon gargalha ainda mais, tanto que as bochechas assumem um tom avermelhado e os olhos verdes começam a encher d'água. Literalmente chorando de rir.

— *Dicupa, dicupa!* — pede. — *Pometo* não fazer mais *ixu*.

— Foi o que você disse nas últimas três vezes que destruiu minhas cordas! — Eros rebate, passando um braço por baixo da menina e sustentando seu peso. — Da próxima vez, eu sumo com você.

Morro de amores com a interação dos dois, sorrindo igual uma boba. Nada diferente de Brooks, que, enquanto uma mão está pousada no ombro de Bradley, olha para a bebê como se estivesse olhando para... tudo.

— *Pa* onde você vai me levar? — pergunta, espalmando as bochechas de Eros e levando o rostinho dela para bem próximo ao dele, beijando seu nariz. — Nossa, você é tãão lindo!

Troco um olhar questionador com Bradley, franzindo o cenho. Rolando os globos escuros, sibila: "Ela ama ele."

Sorrio e concordo com a cabeça, compreendendo porque Fallon parece encantada por meu namorado.

— Você também — Eros diz, sorrindo, e vira o corpo na minha direção, fazendo Fallon me enxergar. — Olha quem eu trouxe.

Fallon abre a boquinha, em um gesto surpreso, seus apenas 5 dentinhos aparecendo. Ela se agita nos braços de Eros, numa ordem clara para que ele se aproxime.

— Uau! Que menina *buita!* — elogia, os olhinhos brilhando. — Qual seu nome?

Derreto inteiro, diminuindo nossa distância e abrindo um sorriso grande, observando Eros de soslaio com um ar apreciativo moldando suas feições.

— Oi, princesa — cumprimento, recebendo sua mão pequena e acariciando o dorso. — Meu nome é Alyssa.

— Ah!!! Que *nindo* — exclama, mexendo nos pompons no cabelo. — O meu é Fallon. *Nindo*, né? Papai que escolheu. — Ela aponta para Bradley.

— Seu pai tem muito bom gosto.

— É *vedade* — concorda, balançando a cabeça. — Você é amiga do Elos?

Resisto à tentação de fugir com ela para bem longe, em respeito aos pais, é claro. Mas, nossa, que garota fofa.

— Na verdade... — Eu coço a nuca, Eros eleva o cenho e Bradley fala, silenciosamente, para eu ir em frente. Brooks só observa. — Eu... hum... sou a namorada dele.

Ai, droga, porque eu falei isso?, penso, vendo um biquinho choroso se formar nos lábios da bebê e os olhinhos verdes marejarem.

— Você é *molada* do Elos? — questiona baixinho, enterrando a cabecinha no ombro dele.

Clareio a garganta, pedindo um socorro silencioso para os 3 que estão na sala, mas eles não fazem nada. Eu cutuco o bracinho dela, chamando sua atenção, e faço a minha melhor atuação de menina sofrida.

— Ai, Fallon, é que... — estalo a língua, suspirando — você pode me ajudar? Tenho até vergonha de admitir isso aqui...

A menininha, curiosa, desperta no mesmo momento, virando o rosto e pondo a mão ao redor da orelha, se inclinando para mim.

— Pode falar só pra eu. Não vou contar pra ninguém, *julo*.

— Jura mesmo?

— Sim!

— Certo. — Encaixo minha boca próximo ao seu ouvido. — É que, poxa... Eros é tão encantando por você, sabe? Ele passa o dia contando sobre como é a menina mais linda que ele já conheceu! Nós namoramos, só que eu acho que ele não é tão apaixonado por mim quanto é por você. Não sei mais o que fazer, Fallon! Pode me ajudar?

Fallon, esperta, entende tudo e abre um sorriso, aquiescendo várias vezes e batendo palminhas.

— Papai, a Alyssa disse que o Elos é *apaxonado* por mim e pediu dicas pra fazer ele gostar dela assim também! — ela anuncia, em um grito eufórico, e todos nós caímos na gargalhada.

— Você disse que não ia contar! — finjo estar brava.

— *Dicupa*, é que papai me disse pra nunca, nunquinha, esconder as coisas dele.

— Tudo bem, tudo bem — eu cedo, mudando a direção do olhar para Eros, que já está olhando para mim de volta.

Ele sibila um: "Você é o meu tudo", e eu, considerando que não posso beijá-lo, devolvo um: "E você o meu."

— E quais são as dicas que você vai dar pra Alyssa, princesa? — Brooks pergunta, acariciando o braço de Bradley, do qual a mão se encontra na coxa da minha melhor amiga.

Não sei quando eles ficaram tão próximos, mas a ideia de um romance proibido sempre excitou Brooks.

— Hum... — Fallon tamborila os dedos no queixo. — Ah! É só chamar ele pra *bincar* de *Babie!* Ele gosta muuuuito de *bincar* de *Babie* comigo, né, *Elos?*

Eros concorda com a cabeça, se segurando para não rir.

— Nossa! Eu nunca pensaria em algo do tipo! — Ponho a mão sobre o peito. — Você salvou nosso namoro, Fallon, muito obrigada. Mas ainda acho que ele gosta muito, muito mais de você.

— É *puque* eu dou beijinhos nele. — E, para provar, estala um beijo na sua bochecha. — Duvido que você faça isso.

Gargalho e assinto, me recordando das muitas outras coisas que fazemos além de uns beijinhos.

— É verdade, ele disse que só você pode dar beijinhos nele. — Suspiro, encenando uma tristeza profunda.

— Não fica assim! Vou conversar com *Elos* depois pra ele *dexar* você dar um beijinho nele, tá bom? — pergunta, fazendo um sinal de "legal" com a mãozinha quando eu aquiesço. — A gente pode comer batata-frita agora, papai? — Fallon gira o corpo para Bradley.

Bradley concorda e levanta do sofá, no objetivo de pegar seu celular, que está carregando do outro lado do cômodo. Ocupo o lugar deixado por ele, perto de Brooks, e a abraço de lado, tendo a visão do meu namorado e a namorada do meu namorado jogando altas conversas fora. O jeito que ele se dá bem com ela, o jeito que ela gosta dele... É lindo.

— Você tá com cara de quem transou — Brooks me desperta do torpor, do nada.

Reviro os olhos.

— Sua única cara tem sido essa desde que conheceu Bradley — revido.

Brooks gargalha.

— Inauguramos a casa nova ontem — ela diz, um sorriso malicioso ganhando vida nos seus lábios cheios. — O da piscina foi... — geme, tombando a testa no meu ombro. — Acho que estou louquinha por ele.

Sorrio, me sentindo mais confortável para conversar acerca desses assuntos.

— Você acha?

— *Argh*. — Rola as írises. — Tá, tá bom, eu estou louquinha por ele.

— Eu sei. — Brooks ri e belisca minha coxa. — Ai!

— E então? Deu pro Eros?

Massageio o lugar avermelhado, um rubor subindo por meu pescoço e alcançando minha bochecha.

— Hum... Não exatamente. Ele chupou meus seios e aquela outra coisa lá, mas sem a parte de enfiar os... é. — Sou a mais discreta possível. — No lago.

— Safada. — Ela sorri. — Foi bom?

— Perfeito — friso. — Muito mesmo.

— Fico feliz que tenha gostado, Aly. Eu também achava que sexo não era lá essas coisas, porque, você sabe, Scott é uma vergonha nesse departamento, mas quando comecei a me relacionar com Bradley... É coisa de outro mundo!

— Pois é — pondero. — Pretendo ir mais a fundo com ele, mas eu queria me preparar antes.

— Tudo no seu tempo, amiga. Não se pressione.

Eu concordo e deito a têmpora na sua cabeça, entrelaçando nossos dedos, enquanto observamos nossos respectivos homens distraídos à nossa frente. Feliz como jamais imaginei ser possível.

Meu celular apita no bolso e eu tiro a atenção deles, entrando no aplicativo de mensagens.

Bryce: *Oi, linda*

Arqueio a sobrancelha.

Eu: *ooi, aconteceu alguma coisa?*

Bryce: *Não exatamente*

Bryce: *Mas você pode me mandar a lista dos aparelhos que o Eros tem que comprar?*

Eu: *hum... Não sei. Pra quê?*

Ele demora a digitar, a mensagem chegando 5 minutos depois.

Bryce: *Vou comprar pra ele*

Bryce: *Todos*



Ao chegar em casa, cheia de batata-fritas, hambúrguer e refrigerante — dessa vez porque eu realmente estava com fome —, deixo o celular na sala e subo em direção ao quarto, a fim de banhar e trocar de roupa.

Assim que Bryce me disse que iria comprar todos os aparelhos que Eros destruiu, eu fiquei em choque. Não acreditei, a primeiro momento, no entanto, Bryce nunca me deu razão para desconfiar da sua palavra. Então, toda felizinha e agradecendo muitas e muitas vezes por aliviar a carga que haviam jogado em cima do meu namorado, enviei uma foto que eu já tinha de todos os nomes, modelos e marcas dos celulares e notebook. Bryce disse que vai passar amanhã na loja para comprar e pediu o endereço da casa dele.

Descendo e morrendo de sede, paro no meio da escada, me deparando com uma cena que pode arruinar toda a alegria que o dia de hoje me proporcionou.

Minha mãe, com meu celular desbloqueado em mãos, me olhando com uma cara que prediz o caos que serão os próximos segundos.

34

Eros Russel

Minhas costas doem das horas que estou curvado sobre esse carro, tentando achar a maldita peça quebrada que o cliente jurou estar. Minhas mãos estão sujas de graxa, o suor pinga do meu rosto e meus dedos doem. Tudo o que eu queria agora era banhar e desmaiar na minha cama.

Mas se eu quiser pagar pelo prejuízo que causei, do qual não me arrependo, para poder conseguir o valor exorbitante de dinheiro até semana que vem, terei que continuar até sentir o cheiro dos mais de 4 mil dólares nas minhas mãos.

O engraçado é que não consegui nem um terço disso, e tenho só 7 dias para devolver os aparelhos aos donos, caso contrário eu terei que dar adeus à minha bolsa de estudos. O que mais me chateia, entretanto, é saber que nenhum dos filhos da puta que vazaram um conteúdo privado e comentaram aquelas merdas serão punidos. Não pelas autoridades daquele colégio, pelo menos,

porque eu mesmo seria capaz de matar cada um só por terem tirado o sorriso da minha namorada quando ela estava indo tão bem.

Minha namorada.

Mon Dieu... Eu nunca pensei que diria isso algum dia.

Suspirando e com um sorriso instantâneo ao lembrar dela, estralo minhas costas, levantando e indo sentar um pouco, meus olhos pesando. *Style,* da Taylor Swift, começa a tocar. Animado como uma criança, apanho o celular do bolso e entro no aplicativo de mensagens.

E minha ansiedade em falar com Alyssa morre com a mesma velocidade que veio.

Pequena Psi quê:*Olá, aqui é a mãe da Alyssa. Não sei o que vocês têm, mas peço, com educação, que se af asteda minha f ilha. Não os quero mais juntos. Tenha uma boa noite.*

E logo depois, me bloqueia.

Meu estômago afunda e o medo misturado ao nervosismo remexe minhas entranhas. Alyssa já tinha me avisado que isso teria a chance de acontecer, pois, a cada dia, sua mãe parecia mais desconfiada quanto às suas saídas para a casa de "Brooks". Ainda assim, ler isso e saber que sua mãe possui coragem de proibir sua filha de sair comigo, ou melhor, namorar, é aterrorizante.

Fico inquieto, pensando nas inúmeras coisas que devem estar acontecendo com Alyssa nesse momento. *Eles estão brigando? Estão fazendo algum mal a ela? O padrasto sabe? O que ele teria coragem de f azer?*

Cacete, este último me deixa louco, somado à ideia de que eles podem manipulá-la até que Alyssa... desista de nós. Definitivamente.

Batuco os dedos freneticamente na cadeira velha, esperando que Alyssa me mande uma mensagem de algum modo que eu não sei. Esperando que ela me diga que nada vai mudar entre nós. Que vamos passar por isso juntos.

Egoí sta,egoí sta, egoí sta.Sabe lá Deus o que a mulher que diz amar está passando e você só pensa no namoro de vocês?

Grunho, esfregando o rosto grosseiramente, irritado comigo mesmo.

Me ponho de pé e tento me distrair, tirando todas as peças do carro e as botando de novo, mas ao perder uma pequenininha no meio das maiores, eu desisto, sabendo que não irei fazer nada que preste se minha cabeça estiver longe.

Malditos 30 minutos se passam quando recebo uma nova notificação. Pego meu aparelho correndo, notando que é uma do Instagram.

@a.l yssabl ai r: *oi, amor*

Quase desabo de alívio ao ler sua mensagem.

@erosrussel l _: *Pequena... Oi*
@erosrussel _: *Sua mãe descobriu?*

@a.l yssabl ai r: *pois é, kkkkkkkk*
@a.l yssabl ai r: *brigamos, ela tomou meu celular e tudo. Tô pelo notebook, mas já, já ela vai conf iscar também*
@a.l yssabl ai r: *só tô mandando msg pra vc não f icar preocupado*
@a.l yssabl ai r: *não vou desistir da gente, ok?*

Porra, isso.

@a.l yssabl ai r: *não precisa retribuir, de verdade, mas eu te amo muito, não tem nem ideia do quanto*

Eu perco o ar, meu coração assumindo o famoso ritmo acelerado, consciente de que nunca irei me acostumar em tê-la dizendo essas palavras.

@a.l yssabl ai r: *esse é só mais um daqueles problemas que todos os casais passam, não vou deixar isso nos af etar, tudo bem?*
@a.l yssabl ai r: *boa noite, amor, até amanhã*

@erosrussel l _*Ei, calma aí*

Engulo em seco, com os dedos pairando sobre a tela, inspirando tantas vezes antes de tomar coragem. Mas Alyssa precisa ser lembrada disso.

Fecho os olhos e, como já sei as teclas decoradas, começo a digitar. Ao abri-los, sou transportado para o epicentro de energia, sentindo meu coração bater na garganta.

@erosrussel l _*Eu também te amo*

Não apague, Eros. É sua namorada. Ela disse que te ama. Não. Apague.

@erosrussel l _*Não importa o que aconteça, vamos enf rentar juntos*

Aperto o botão de enviar e espero por uma resposta, porém não obtenho nenhuma. A barrinha de online sumiu, o que me leva a crer que ela deve ter desligado o aparelho para que sua mãe não veja.

Mais calmo, procuro pela peça que perdi e encaixo no lugar que a pertence. Ao terminar, o relógio apontando 1h30 da manhã, saio pela porta dos fundos, que dá diretamente ao terraço da minha casa, e entro. Bebo um copo cheio d'água e encontro um bilhetinho no balcão, escrito por minha vó.

Deixei um pedaço de lasanha pra você, t á dent ro do forno.

Rio baixinho e abro a tampa do forno, encontrando um pedaço considerável da massa recheada ali. Desde que Alyssa disse que havia amado sua lasanha, é a única coisa que ela tem feito para comermos. Em uma das vezes, minha namorada deixou de passar a tarde comigo para ajudá-la a preparar. E ficou uma delícia, só não mais que a própria cozinheira.

É perceptível o conforto que Alyssa sente quando está aqui. Já peguei os três incontáveis vezes conversando sobre algum assunto

na sala, e o que mais me surpreende é o meu avô estar se abrindo tanto com ela.

Eu escolhi a garota certa, sei disso.

Sigo para o banheiro e retiro minha roupa, me enfiando debaixo da água fria, querendo morrer com o gelo que perfura minha pele.

Voltando ao meu quarto, pego meu celular, o bloco de notas e uma caneta. Exalo fundo e, provando a mim mesmo que sou capaz, começo a cantar.



Surpreendentemente, Alyssa pôde me mandar uma mensagem depois, às 2h30 da manhã, pedindo que eu chegasse cedo ao colégio para podermos conversar.

Morto de cansado, saio de casa às 6h15 e vou direto para a biblioteca, onde virou nosso ninho, encontrando Alyssa sentada em um dos *puf f s* com um livro em mãos. Quando me vê, ela levanta em um salto e enrosca seus braços no meu pescoço, me abraçando. Retribuo, afundando o rosto na curvatura do seu pescoço.

— Minha pequena... — sussurro, me afastando por um momento para beijá-la, seus lábios se encaixando com tanta perfeição nos meus que minhas pernas ficam bambas.

— Oi, amor — sussurra de volta, afastando uma mecha do meu cabelo solto do rosto. — As coisas não estão muito boas para nós. — Ela ri, mas eu não consigo.

— Muito ruins?

— Hum... — Suspira, movimentando os ombros. — Eles... aceitaram conhecer você — anuncia, receosa. — Claro, antes eles surtaram, muito. Meu padrasto quase... — ela engole em seco, negando com a cabeça. Meu corpo fica tenso. — Mas minha mãe não deixou, então o insulto foi só com palavras e tal. Tive uma crise de ansiedade, quase tomei meus remédios, mas decidi botar em prática aquelas coisas que você e minha psicóloga me ensinaram, pra ajudar a controlar. Citei nomes de mil coisas que eu via, ouvia e

sentia até passar, e orei depois. Funcionou, fui dormir e... agora tô aqui! — Aly sorri.

Seguro sua cintura e a guio até o assento acolchoado, sentando e a pondo no meu colo. Pela inclinação, nós ficamos praticamente deitados, e ela acomoda a cabeça no meu ombro.

— Você está melhor? — pergunto, afagando a base das suas costas.

— Estou. — Anui. — Acordei antes deles, então minha manhã foi tranquila.

— Que bom. — Beijo o topo da sua cabeça. — Eles querem me conhecer?

Alyssa faz que sim, se ajeitando no meu colo.

— Aceitaram, mas, ah... eu não sei. Eles se recusaram a fazer almoço ou te receberem como sogros. Tenho medo do que eles podem acabar falando ou fazendo.

Meu sangue ferve.

— Não me importo com isso, Aly. Se você quiser, eu vou.

— Quais as chances de você surtar e quebrar tudo lá em casa? — ela indaga, rindo.

— Depende da forma que eles te tratarem. — Ergo seu rosto, encontrando seus olhos de mel cintilando. — Sabe que eu viro o demônio quando o assunto é você.

— Você é um ursinho comigo — ela murmura, apertando minhas bochechas até meus lábios formarem um bico. — Faz tempo que deixou de ser um ogro.

Reviro os olhos e comprimo os lábios, impedindo os seus selinhos de chegarem à minha boca. Ela gargalha, passando o nariz na minha bochecha.

— Você acaba completamente com minha fama, Alyssa.

— Que fama? A única que tem agora é de ser meu cachorrinho — zomba, rindo ainda mais com minha carranca ganhando vida.

Belisco sua cintura, fazendo-a se remexer em cima de mim, risonha.

— Odeio não poder negar isso — resmungo, enrolando o fio solto da sua blusa no dedo. — Quando você quer que eu vá?

Minha namorada dá de ombros, brincando com as pulseiras no meu braço.

— Depois de amanhã?

— Pode ser — confirmo, pensativo. — Depois, depois de amanhã irei com os garotos da banda para Filadélfia.

— Sério? Fazer o quê lá?

— O dono de uma produtora super famosa viu um de nossos covers e quer nos conhecer — explico, lacônico, escondendo a parte da composição.

— *SÉRI O?!*— ela dá um gritinho eufórico, montando no meu colo. Rosno baixo, pressionando as pálpebras, mas Alyssa não se dá conta. — Fico muito feliz por vocês, amor — Se verga sobre mim e segura meu rosto, puxando para si, e me beija.

Eu sorrio, me desfazendo em um suspiro, acompanhando a maciez dos seus braços descobertos.

— Falta um tempão pra aula começar. — Alyssa quebra nosso contato, saindo de cima das minhas pernas e pegando o livro no chão. — Quer ler?

A Rainha Vermelha, Alyssa, paz e silêncio. O conjunto perfeito para me fazer desejar que esse momento dure uma eternidade.

— Vem cá. — Achego meu corpo mais para o lado e estendo meu braço para que ela se deite, se aconchegando no meu peito. Nos aninhando, deixo um beijo na sua testa, folheando o livro. — Aonde paramos?

— Capítulo... 16 — responde, me ajudando a achar. — Pronto. — Envolve meu torso com seu braço. — O que tá achando da história?!

— Foda pra caralho — sou sincero. — Estou louco pra terminar.

Alyssa solta uma risadinha baixa, daquelas que eu sou rendido, e me encara, as bochechas vermelhas.

— Mesmo?

— Mesmo. — Beijo seus lábios.

Minha garota suspira, abobalhada. É ótimo saber que eu não sou o único que fica todo bobo só de olhar para a pessoa que amo.

— Eu te amo daqui até a lua, sabia? — sussurra. — Você me faz tão feliz, não tenho dúvidas de que é o amor da minha vida.

Essa garota? Ela tem meu coração. Ela tem tudo de mais puro que eu possa dar. Ela é dona dos meus sorrisos genuínos, das minhas gargalhadas inoportunas, até mesmo da minha voz manhosa, que muda completamente quando estou com ela.

Sou um cadelinha completo. Não me importaria nem um pouco de usar uma coleira rosa com seu nome e sair abanando o rabinho atrás dela.

— E você é o amor da minha, pequena. — Toco seu nariz, perdendo o ar ao dizer.

— Você me deixa toda boba — murmura, deslocando os olhos dos meus. — Já se passaram 5 minutos só com essa melação.

Sorrio, segurando o exemplar nas minhas mãos e posicionando em uma altura que fique boa para ambos.

— Esperando a hora que esse cara vai se revelar e eu vou poder jogar na sua cara que sempre estive certo — divago, me referindo a um dos personagens do livro.

Alyssa apenas ri, fechando a boca e unindo dois dedos, como zíper, passando-os na fenda entre os lábios, deixando claro que não irá me contar nada.

25 minutos depois, quando um fluxo de pessoas começa a entrar na biblioteca, atrapalhando nosso momento, somos obrigados a nos separarmos. A maioria dos alunos já sabe sobre nosso envolvimento, porém Alyssa odeia atenção, ainda mais quando ela vem carregada de burburinhos maldosos. Nos beijamos com calma e ela sai, deixando o livro comigo.

Saindo da biblioteca, avisto-a conversando com Brooks no caminho. Envio um beijo no ar para a loira, que recebe e espalma o coração. Abro um sorriso, seguindo para uma área menos movimentada, perto do almoxarifado.

Antes de sentar e pôr meus fones de ouvido, no entanto, ouço o som desagradável de gemidos femininos vindo de uma área muito próxima a que estou. Por puro impulso, meus olhos procuram de onde veio barulho, e quando finalmente descubro, quero retirá-los e trocar por novos.

Pandora, transando como se não estivéssemos em ambiente de estudos, contra a parede. Suas írises azuis e lábios em um sorriso

presunçoso são direcionados a alguém que, com certeza, não é o responsável pelos seus gemidos. Curioso, pegando a porra da mania da minha namorada, descubro que ela está olhando para Bryce.

Eu poderia supor que isso faz parte de um jogo de provocações deles ou que simplesmente se trata de um fetiche, se não fosse pela expressão desolada de Bryce ao guardar algo de volta no bolso e ir embora.

35

Eros Russel

— *CADÊ MI NHANORA?!* — Eu mal abro a porta quando o grito da minha vó ameaça estourar meus tímpanos. — Já falei que você só entra aqui de agora em diante se estiver com ela.

— Boa tarde pra senhora também — resmungo, fechando a porta com o pé.

— Enfie seu "Boa tarde" no... — Ela tampa a boca. — Ah, não, temos visita, vou deixar que ele se iluda achando que eu sou uma senhorinha educada.

— Só com Alyssa — meu avô diz, ao pé do fogão, preparando o almoço.

— Não conta, ela é minha bebezinha — se defende.

Franzo o cenho, jogando a chave no recipiente.

— Temos visita? Quem? — pergunto, desconfiado, porque nunca recebemos visitas.

Dona Emma joga o lenço para trás, descascando uma banana e comendo em pedaços pequenos.

— É um jovem muito simpático, tem os olhos verdes, tatuado, forte, bonito, cheiroso, lindo...

— Já tá bom, já — Anthony interrompe, cerrando as pálpebras, e minha vó dá de ombros. Sério como a esposa não consegue ser, ele se vira para mim. — Ele disse que se chama Bryce Torrence. Chegou com duas sacolas enormes em mãos.

Eu me engasgo com minha própria saliva.

— Bryce *quem?*

— Torrence — minha avó fala. — Aí você completa com lindo, cheiroso...

— Vai dormir no sofá hoje — meu avô decreta.

— Sua bunda! — ela grita. — Ele é só uma criança, Anthony, olha pra minha cara.

— E se não fosse?

— Eu ainda escolheria você, bobão. — Emma rola os olhos, jogando um beijo no ar para ele. — Então, Eros...

— O que ele veio fazer aqui? — corto, ríspido, sentindo como se todas as vezes que desejei matá-lo se alinhassem e estivessem formando uma verdadeira explosão cósmica, mas, no lugar das galáxias, fosse pedacinhos do corpo dele voando.

— Sei lá — a mulher simplesmente responde. — Disse que só era um assunto urgente.

— Eu vou matar esse...

— Mata não! Uma espécime perfeita daquela é rara hoje em dia, vamos preservar.

— Vou pedir nosso divórcio — Anthony diz.

— Ei, calma lá! — Emma se engasga com a fruta. — Eu tava brincando, nem vem com essas palhaçadas.

Já sem paciência e sem acreditar que aquele filho da puta teve a coragem de aparecer na minha casa, bufo alto.

Porra, ele tá na minha casa!

COMO EL E DESCOBRI U AONDE É MI NHA CASA, CACETE?

— Vou lá ver o que ele quer. — Massageio a têmpora. — Por via das dúvidas, mandem chamar a ambulância. Talvez precise.

— Quem vai sair nela será você se fizer alguma coisa — Emma retruca.

Quase estourando com esse entulho de pessoas que tratam Bryce como se ele fosse a última Coca-Cola do deserto, ando a passos duros até meu quarto e abro a porta.

Se ele estiver sentado na minha cama...

— Tira essa bunda daí. — É a primeira coisa que eu ladro quando, de fato, o encontro sentado sobre os lençóis que eu divido com Alyssa.

O garoto dá um salto despreparado, pego pelo susto.

— Puta merda, seu filho da puta — xinga, colocando a mão sobre o peito. — Vai assustar o capeta, merda.

Miro as duas sacolas de uma marca de eletrônicos jogadas na minha cama. Não consigo ver direito, contudo, tenho quase certeza de que há várias caixinhas lá dentro.

— O que você veio fazer aqui? — praticamente rosno, pois toda vez que olho pra esse desgraçado só consigo lembrar daquela merda que Alyssa me contou.

Ele a viu usando uma roupinha de academia que aperta até a alma e ainda falou que as pernas dela eram lindas?

Minhas veias esquentam só de pensar.

— Eita, parece que a parte da boa educação só ficou reservada pra Alyssa, desalmado.

— Eu vou meter um soco na tua cara se não falar o que porra veio fazer na. Minha. Casa — eu grunho. — Aliás, como me achou?

— Você fala como se eu tivesse que abrir um portal pra Nárnia se quisesse te encontrar, filho da...

— Xinga de novo e eu te tiro daqui à base de chute, Torrence.

— Infantil.

— Vai. Se. Foder.

— Você pode xingar e eu não?!

— Adivinha de quem é a casa.

— Tem seu nome no registro? — Eu avanço para cima dele, com o intuito de esganá-lo, mas me arrependo, porque só assim me dou conta de que Bryce é bons centímetros mais alto do que eu, me

obrigando a erguer a cabeça minimamente para olhá-lo. — Que bonitinho, você é mais baixo que eu.

Mais um pouquinho e fumaça vai sair do meu nariz, como naquelas animações, e meu rosto vai virar um tomate possuído pelo ódio. Se é que já não está.

— Eu vou repetir só mais uma vez: Como encontrou minha casa e o que veio fazer aqui.

Ele suspira, mergulhando os dedos nos cabelos, coçando a parte de baixo do maxilar.

— Então, cara, como que eu te digo isso...

— Com a boca.

— Não brinca, Sherlock! — ele exclama, torcendo o nariz. — Pois é, Alyssa disse onde você mora e... — ele aponta para as sacolas — comprei os aparelhos que você quebrou. Viva! Pode comemorar agora.

Minha única reação é soltar uma risada baixa, minha fúria por esse cara aumentando por ter vindo aqui só zoar com a minha cara.

— Sério, vai embora — mando, abrindo a porta do quarto. — Parabéns, quase caí na sua brincadeirinha, mas não estou com saco pra isso hoje.

— Que brincadeirinha o que, perturbado?! Eu tô falando sério. — Ele tira o celular do bolso, clica em não-sei-o-quê e me entrega. — Conversei com a Alyssa ontem. Ela me mandou os nomes do que você teria que comprar, só que me ofereci pra fazer isso eu mesmo.

Está aberta na sua conversa com minha namorada, onde ela entrega a lista que eu lhe mandei e, ainda por cima, diz o meu endereço. O que mais incomoda nessa porra é a droga desse apelido que Bryce deu a ela.

— Não a chame de "linda" — rosno, devolvendo o aparelho. — Ela tem nome.

— E daí? Ela é linda. *FI LHO DA PUTAAAAAAAA!* — Bryce berra quando chuto sua canela, forte o suficiente para fazê-lo se curvar de dor. — Qual é o seu problema?

— Todos.

— Percebi — bufa, esfregando a área atingida e mancando até minha cama, pegando as sacolas. — Toma.

— Não vou aceitar.

— Toma. Isso. Aqui. Eros — Bryce ladra pausadamente. — Se não eu te esquartejo e ponho teus pedaços em cada caixa dessa.

— Tremendo de medo — ironizo.

Bryce respira fundo, fechando os olhos.

— Eros Camargo Russell...

— "Camargo" é sua bunda.

— Ela é o Brycezinho 3.

— Quem é o 2?

— Meu p...

— Me dá logo a merda dessas sacolas — eu praticamente brado, puxando-as das suas mãos. — Agora some.

Bryce esboça um sorriso vitorioso.

— Cadê os agradecimentos?

— Não tá merecendo.

— Não tô *o quê?* — berra, indignado. — Eu me disponibilizei a comprar pessoalmente essas coisas aí, rodei o shopping *TODO*, e é assim que me retribui?!

Que saco, por que eu tenho que fazer tanto esforço para não deixar que ele perceba a graça que estou achando disso?

— Por que fez isso, Bryce? — questiono o que tanto quero saber. — Por que simplesmente não deixou que eu me virasse? Isso não tem nada a ver com você.

— Porque eu quis. — Dá de ombros.

— Isso não é resposta — digo. — Não achei nenhum motivo plausível pra isso e ainda penso se tratar de uma pegadinha.

Bryce revira as írises esverdeadas.

— Eu não sou um babaca igual você pensa que eu sou, Camargo.

— Para de me chamar assim.

— Não, gostei do apelido. — Sorri. — Enfim, eu nem sempre fui esse cara mega rico que você acha que sou. Já passei por muita merda na vida, sei o que é estar no seu lugar. Se estou tendo a

chance de te ajudar com isso, se eu posso, por que eu ficaria de braços cruzados?

— Porque você é um idiota? — pergunto, como se fosse óbvio.

— Bom ponto, mas não o suficiente. — Bate as mãos uma na outra. — É isso, faça bom proveito. Só não inventa de quebrar mais nada, o limite do meu cartão de crédito estourou. — Vai até a porta, mas se vira de novo. — Ah! Tem um celular extra aí. É pra você.

— Pra mim? — Inclino a sobrancelha.

— O seu tá caindo aos pedaços, cara. Agora que namora, é obrigação sua ter um celular com uma câmera super-hiper-mega boa pra tirar fotos com sua mulher — explica, com metade do corpo para fora.

— Minha mulher... — ressoo. — Gostei disso.

Bryce dá um sorriso.

— Cadê meu "obrigado"? — insiste.

Mais uma vez, eu me pego agradecido por algo que esse cara fez — a primeira foi quando nos ajudou a derrubar a conta escrota de fofoca que criaram. Talvez, e só talvez, ele não seja tão babaca assim.

Mesmo que tenha falado que as pernas da minha mulher são lindas.

— Obrigado, filho da puta — digo, umedecendo os lábios. — Não sabe da merda que me salvou.

— Que nada, cara. Amigos são pra essas coisas.

Faço uma careta.

— Não força.

Bryce projeta os lábios para fora.

— Pare de negar. Você me ama.

— Não. Força.

— Chatão você, hein!

— Descobriu agora?

— Vai se ferrar. — Mostra o dedo do meio.

— Já tenho 10, não preciso de mais um.

— Criança da 5° série — acusa, torcendo o nariz. — Tenho que ir, vou me afundar em cerveja até amanhã.

— Pobre Bryce... — Finjo estar com dó. — Vai lá, vai. Só não esquece que depois vai ser pior.

Bryce anui.

— Amanhã é outro dia. Lido com ele quando chegar.

Escrutino o rosto do garoto, notando os olhos avermelhados, como se tivesse chorado há pouco tempo. Suspiro, passando a língua nos lábios, hesitante.

— Quer... Quer conversar? — Minha indagação sai em um fio de voz.

Os globos de Bryce saltam para fora, abismado.

— Sério?

Dou de ombros, sem jeito.

— Só se quiser, claro.

Ele engole em seco.

— Quero.

— Só não vale chorar.

— Ah, então não quero.

Reviro os olhos, soltando o ar pelo nariz.

— Tá, vai. Pode chorar — cedo, nem acreditando que estou fazendo isso ao sentar na cama e bater no espaço ao meu lado. — Senta.

Sem nenhum pingo de diversão no semblante, um sorriso triste e pequeno contorna seus lábios ao fazer o que pedi. Parecendo deslocado, ele prende as mãos entre as coxas.

— Você... Você viu o que aconteceu? — Aquiesço, incerto. — Ah.

— Sinto muito — sussurro.

Ele ri, porém não há nada de humor no som, atípico de suas risadas costumeiras.

— Eu amo tanto aquela garota, Eros... — Expele o ar pela boca, olhando para o teto. — Não é de agora, não foi de uma hora para outra, nem de um tempo pra cá. Faz anos. Desde que éramos dois pirralhos, desde nossos 11 anos, meu coração bate por ela feito louco. Pensei que Pandora sentisse o mesmo, pensei que, pensei que... tínhamos voltado a ser como éramos nessas últimas

semanas. — A primeira lágrima cai, e ele logo a enxuga. — Fui tão idiota, Eros...

— Amar não é algo idiota — falo, fitando o chão. — É um ato nobre, na verdade. Abrir seu coração e se dispor a amar alguém, mesmo com todos os seus defeitos. — Mordo o canto do lábio. — Pode confiar, não há nada de errado ou tolo nesse sentimento.

Bryce ergue o cenho, surpreso com minha fala. Bom, não é só ele.

— Você falando isso?

— É o que o amor faz com a gente. — Dou de ombros.

O garoto dá risada, chocando os cílios um no outro, evitando que mais lágrimas caiam.

— O namoro de vocês... é lindo — balbucia. — Sabe, a parceria. Acho que é o sonho de todo mundo naquele colégio encontrar sua outra metade assim como vocês encontraram. Quando... quando os vejo juntos, só consigo pensar que nasceram um para o outro. — Libera o ar dos pulmões e passa a mão no cabelo, o rosto bronzeado cheio de bolinhas rosadas. — Eu queria isso com Pandora, queria recuperar o tempo perdido, os anos que passamos longe. Mas as coisas mudaram, Eros, mudaram muito. Pensei ter conseguido desenterrar a garota que ela era antes, só que... — Nega com a cabeça. — Merda.

Alyssa seria uma ótima ouvinte e teria palavras sábias para dizer a Bryce, mas não eu. Assim que o garoto enterra o rosto nas mãos e fica quieto, em silêncio, por algo em torno de 5 minutos, não sei como agir. Dizer que vai ficar tudo bem? Colocar a mão nas costas dele? Não faz o meu tipo, é estranho.

Contudo, é exatamente o que me vejo fazendo.

Pouso, titubeante, a mão no seu ombro, abrindo e fechando a boca com palavras que querem sair, porém não conseguem. Bryce se assusta com o gesto repentino, que parece confortá-lo, de alguma forma.

— Não fale nada sobre isso — ordeno.

Ele tenta abrir um sorriso.

— Hoje, antes de ver aquela... coisa, eu estava indo encontrar ela. — Engole em seco, retirando algo do bolso. Meu peito se aperta

ao avistar uma aliança. — Ia pedi-la em namoro. — Bryce sorri. — Cacete, vou precisar de umas boas doses de bebidas pra esquecer isso.

— Eu... eu sinceramente não sei o que dizer, Bryce, mas... — Tiro a mão do seu ombro, procurando por alguma frase sensata e acolhedora. — Porra, desculpa, eu não sei mesmo. — Bufo, frustrado.

Bryce dá risada, negando com a cabeça.

— Relaxa, cara, não precisa disso — afirma. — Acho que ter se disposto a me ouvir já é o suficiente.

Anuo, comprimindo os lábios.

— Você é um cara legal — tomo coragem de admitir.

O sorriso que ele abre faz parecer que eu acabo de falar a coisa mais espetacular e legal do mundo. Não estou me referindo ao sorriso com dentes e tudo, porque sua boca mal se estica para os lados. Estou falando do sorriso que ele possui nos olhos. Suas írises verdes brilham com uma intensidade alarmante.

— Quer saber de uma coisa? — Assinto. — Comprei esses aparelhos só pra ganhar alguns pontos com você.

Dessa vez, sou eu quem rio.

— Por quê?

— Queria ser seu amigo — confidencia, baixo. Encrespo a testa. — Quer dizer... Eu vejo algo de verdadeiro em você, por trás de toda essa bravura. Não sei explicar, desculpa.

— Você já não tem amigos de mais?

— Não tenho nenhum — sussurra, suas narinas se expandindo com o choro que busca impedir. — Tenho pessoas que gostam das festas que dou, garotas que gostam do sexo que ofereço. Não tenho ninguém para chamar de amigo, no máximo colegas que só estão comigo pelo que tenho. É um pouco triste.

Porra, se eu fosse um pouquinho melhor com palavras, talvez eu conseguisse formular algo coerente.

— Ah — sopro. — Caralho, eu... — Pigarreio. — Que porra, Bryce! Eu não sei o que dizer.

O garoto gargalha.

— Aceita ser meu amigo? Sim ou não? Posso até te mandar aquelas cartinhas com quadradinhos pra você riscar!

— Só troco cartinhas com Alyssa — murmuro.

— Ai, cacete, vocês são tão lindos.

— Mas eu aceito.

— Aceita o quê?

— Ser seu amigo, filho da puta.

— Hã? — Rolo os olhos com força. — Sério?

— É, porra. Inclusive, acho melhor você aceitar logo, porque pra eu mudar de ideia é só um...

Bryce me abraça.

Fico estático.

Mas que...?

Uau, quanto tempo faz que um amigo não me abraça? Desde... nunca. Nunca tive amigos, e Bradley, Fox, Jae nunca tiveram coragem de fazer isso.

É estranho... e bom. Muito bom, aliás.

— Essa é a hora que você me abraça de volta — ele resmunga.

— Não tem medo de eu te sufocar sem querer?

— Ah, para, vai! Se desarma.

Bufo uma risada, obedecendo à porra das suas ordens. Passo os braços por seu corpo, intensificando o aperto. Dou batidinhas nas suas costas, mas só porque vi em algum lugar que isso é comum. Ouço o garoto fungar, e quando se afasta, seu rosto está todo molhado.

— Abraço bom.

— Não se acostume — retruco.

— Idiota. — Sorri e se coloca de pé. — Já vou.

— Beleza. — Permaneço sentado, porque podemos ser amigos, mas eu continuo o mesmo. — Só não vai se entupir de cerveja.

— Obrigado pela preocupação. — Segura a maçaneta da porta. — O problema é que é exatamente isso que irei fazer.

Mostro o dedo do meio a ele, odiando estar gostando tanto da companhia desse babaca.

— Vai logo, quero falar com minha namorada.

— Você vai trocar seu amigo pela namorada, é isso?

— É.

Bryce dá outra gargalhada, assentindo, e se despede pela quinquagésima vez, só então indo embora. Quando a porta se fecha, me permito respirar. Olho para os celulares e um único notebook dentro do plástico, sentindo, tão raramente, após duas semanas, vontade de chorar, só que de alívio.

Desabo o corpo para trás, meus músculos, antes tensos, agora relaxados. Não só pelo peso que Bryce aliviou. De algum jeito que não faço ideia, ultrapassar essa barreira com o garoto foi um passo importante para minha caminhada.

Amigo... Acho que gosto de como isso soa.

Tá, tá bom. Também acho que posso perdoar Bryce pelo incidente de... dois meses atrás.

36

Alyssa Blair

Dizem que um momento é capaz de definir tudo. Apenas segundos, e você tem a impressão de que tudo começará a dar errado. O chão despenca sob seus pés e uma sensação ruim corre por suas entranhas.

É exatamente o que sinto quando vejo minha mãe segurando meu celular, os nós dos dedos esbranquiçados e o ódio estampado em cada célula do seu corpo. É perturbante. Ter medo da própria mãe por saber o que ela é capaz de fazer e falar.

— M-mãe — gaguejo, tão tonta pelo nervosismo que acho que vou desmaiar.

— Quem é Eros. — Não é uma pergunta, é uma ordem.

Minha garganta fica seca, e desejo que meus sentidos desliguem só para que eu possa fugir dessa pergunta.

Ana viu nossas mensagens, provavelmente todas. As fotos e conversas íntimas que trocamos, as coisas maliciosas que Eros disse, minhas respostas às suas investidas. Tenho o costume de

apagar tudo do meu celular porque sei que, vez ou outra, ela gosta de invadir minha privacidade e fuçar tudo o que tem dentro dele, porém minhas conversas com Eros são tão... importantes que não tive coragem de fazer isso. Gosto de ler e reler sempre que posso, e me amaldiçoo por ter deixado o sentimentalismo falar mais alto.

— E-ele... — Meu estômago revira, causando uma vontade horrível de vomitar. — E-ele...

— Seu namorado, né? — ela completa, sarcástica, e se aproxima, virando o celular para mim. — Que merda é essa aqui, Alyssa?

Mesmo com a visão embaçada, consigo identificar sobre o que está falando. É uma conversa de anteontem, de madrugada, onde eu me encontrava no pico da energia, e aceitei adentrar na conversinha obscena dele. Uma hora, Eros enviou uma foto de seu abdômen, e eu, amando aquilo, enviei outra vestindo apenas um top, exibindo a parte superior dos meus seios. Dá para imaginar o tipo de coisa que ele disse.

O tipo de coisa que minha mãe não deveria ler.

Eu sinceramente nem sei o que falar. Nada do que eu disser vai lhe acalmar ou impedir que a terceira guerra mundial se forme nessa sala. Por isso, fico só calada, esperando por suas agressões físicas e psicológicas.

— *QUE MERDA É ESSA AQUI ,ALYSSA?!* — ela grita, batendo a ponta do celular na minha têmpora. Cambaleio para trás pelo susto e tenho que me segurar no corrimão para não cair.

Calma, Alyssa. Você aguenta. Calma, calma, calma. Respire.

— Mãe... — balbucio, a voz querendo embargar.

— Todas essas semanas você mentiu, não foi? Disse que ia pra casa da Brooks, mas estava mudando totalmente o trajeto e indo visitar esse drogado, não é?

— Ele não é drogado. — Eu não deveria ter saído em defesa dele, o tapa forte que recebo no meu antebraço que arde feito o inferno diz isso, mas uma das coisas que mais odeio nesse mundo é a injustiça. E quando ela, em especial, é cometida contra alguém que amo, não consigo me controlar.

— Cala a boca! — Seu berro estremece até meu âmago. — Bem que seu pai disse. Eu deixo você à vontade, faço o que quer, te dou a privacidade que tanto queria, e quando vou ver... é isso que acontece. — Ela esfrega a testa, a decepção tão presente no seus seus olhos ao me encarar. — Nunca imaginei isso de você, Alyssa... Fazendo esse tipo de coisa? Se relacionando com um... um... sem futuro? Meu Deus! É a pior coisa que eu poderia imaginar vinda de você.

Respirar se torna difícil, lágrimas brotam nos cantinhos dos meus olhos e meus dedos tremem ao ponto das minhas unhas baterem contra o ferro do corrimão involuntariamente.

— Isso vai terminar — decreta, desbloqueando meu celular e começando a digitar alguma coisa.

Não, não, não, não, não, não.

— Mãe, não, por favor. Para com isso, deixa eu explicar. — Nego com a cabeça várias vezes, tentando pegar o aparelho de sua mão, mas ela me empurra com seu braço. — Ele não é como você tá pensando, mãe, só me deixa falar...

— Falar o que, Alyssa?! Não precisa falar mais nada, eu tô vendo e lendo tudo aqui. Esse garoto tá te levando pro mal caminho, você não era assim!

— Ele não tá me levando pro mal caminho! — grito, as primeiras lágrimas rolando por minha bochecha. — Eu já tenho 17 anos, mãe, meu Deus! Para de me tratar como se eu fosse uma criança!

— Você não era assim. — Ela aponta o dedo na minha cara. — Sempre foi uma boa filha. Nunca mentiu pra mim, nunca se envolveu com esse tipo de coisa. Enviar esse tipo de foto, Alyssa? Trocar esse tipo de mensagem? Que merda aconteceu com você?!

— Aconteceu que eu sou uma humana, não um robô! Tenho desejos, me apaixono, sinto. Não estou fazendo nada de errado. Ele é meu namorado, não um cara que eu conheci ontem numa balada. — Controlo meu timbre, pois sei que, se eu passar alguns decibéis além do permitido, suas reclamações irão para o fato de eu não respeitá-la. — E eu nunca lhe contei nada, fui a obrigada a mentir, porque lhe conheço, sabia que a senhora reagiria assim, sabia que

não se daria ao trabalho de me escutar e que eu não posso lhe confiar nada.

Minha mãe ri, claramente sem acreditar no que estou lhe dizendo.

— Namorado, Alyssa? É sério? Cadê aqueles meninos que passei a vida te apresentando? Cadê aquele tal de Oliver que você saiu um dia desses? Deles você não gosta, né? — questiona, em tom de acusação.

Um, dois, três, respira...

— Nunca me senti à vontade com nenhum deles, mãe. É sempre a mesma coisa com todos. Tenho que fingir ser algo que não sou, tenho que pisar em ovos, com medo de fazer algo de errado e provocar alguma reação negativa neles — desabafo, me concentrando em inspirar e expirar. — Com Eros não é assim, mãe, nunca foi... Ele me faz tão bem, a senhora nem imagina. Posso ser quem eu realmente sou quando estou com ele. Eros nunca, nunca dirigiu uma palavra errada contra meu corpo, nunca me diminuiu, me ofendeu ou me excluiu de algo. — Esfrego meu braço. — Ele me ama, mãe... E eu o amo.

Ana balança a cabeça, rindo em descrença.

— Você tem 17 anos, não sabe o que é amor. — Massageia a ponte do nariz. — Esse tal de Eros deve viver em festas, bebendo, se drogando. Nunca te respeitaria como mulher, Alyssa. Sabe o que é nunca? Ele não te ama, pode ter certeza. Nem deve saber o que é isso! Com certeza está te iludindo e só esperando o momento certo pra te largar.

Ai, meu Deus... Como alguém é capaz de formar tantas ideias precipitadas apenas por uma foto, tatuagens e algumas mensagens?

— Eu confio nele. Ele não é assim e nunca faria isso — digo, com firmeza.

— Você não sabe nada sobre o mundo, sobre a vida, Alyssa. Nada! — grita. — Eu sou sua mãe. Eu sei o que é melhor pra você! Não quero mais os dois juntos, entendeu? Não. Quero!

Mergulho os dedos no meu cabelo, as unhas compridas ameaçando rasgar meu couro cabeludo pela força que coloco no

ato. Frustrada, cansada, desesperada. Uma avalanche de sentimentos ruins que me fazem querer explodir, colocar tudo para fora.

— Engraçado como ele faz muito mais por mim do que vocês sendo quem são — começo, em um sussurro. — Ele me aconselha, me apoia, fica comigo quando estou precisando, nunca gritou comigo na intenção de me machucar, me escuta, entende meu lado, e mesmo quando esse não é o caso, Eros não me ofende simplesmente por discordar. Conheci a família dele, uma parte dele, e nunca me senti tão em casa como me senti com eles, mãe. É bizarro, né? Encontrar a paz em pessoas que eu conheço há pouco mais de dois meses, mas não nas que eu conheço desde que nasci.

Reconheço que minhas palavras a pegaram em cheio, mas se tem algo que Ana Blair é, esse algo é orgulhosa. Ela não dá o braço a torcer, nunca admite que está errada. Para ela, eu sempre estarei falando besteira, então não é de se surpreender as próximas palavras que saem da sua boca.

— Eu carreguei você durante nove meses, Alyssa. Passei por dores, noites sem conseguir dormir, sempre trabalhei pra te dar do bom e do melhor, e é assim que me retribui? Dizendo que prefere os outros da rua a mim? — Dá risada. — Bem, é isso o que acontece sempre. Os filhos crescem e nunca valorizam os pais.

— Mãe, a senhora sabe muito bem que não estou falando disso...

— Não vai terminar com aquele garoto? — ela corta, mudando completamente de assunto.

Enrijeço a postura.

— Não. — Minha voz treme por um breve segundo, o terror a recheando, mas sou convicta na resposta.

Não vou terminar com ele. Não vou desistir de nós. Não vou, não vou, não vou.

Ana sorri.

— Pois bem, talvez você mude de ideia quando seu pai souber disso.

Deus sequer dá tempo para a angústia despontar de cada poro do meu corpo, pois ela mal termina a frase e a porta da sala é

aberta.

— Boa noi... O que tá acontecendo aqui? — Joshua alterna o olha entre o rosto furioso da minha mãe e o meu, banhado pelas lágrimas e o aperto no peito explícito.

E quando minha mãe não fala nada, apenas estende o celular para o meu pai/padrasto, logo nas mensagens mais absurdas que eu poderia ter enviado e recebido, com meu namorado, eu desejo morrer.

Não é fazendo drama nem usando de uma hipérbole, eu realmente quero morrer bem aqui, só para não passar por tudo o que sei que vai acontecer. Miro meus olhos no chão e fecho eles, a sala silenciosa, esperando seu ataque de fúria. Os gritos, os tapas, o jeito que ele vai me fazer parecer inferior, pequena — e não do jeito que eu costumo ser chamada por outra pessoa.

Eu pensei que fosse demorar mais, pelo menos alguns segundos para eu respirar com calma, mesmo sendo impossível. Contudo, ao contrário do que pensei, contabilizo apenas 15 segundos quando, como um solavanco, meu braço é puxado com força contra Joshua, seus dedos ásperos apertando a carne do meu antebraço.

Não chora, não chora, não chora.

— Que porra é essa, Alyssa? — ele ladra, sacudindo meu corpo, quase enfiando o celular na minha cara, como se eu não soubesse de cada coisa ali escrita.

Eu não falo nada, mas minha mãe interpreta esse papel muito bem por mim.

— Resumindo toda a história, amor, ela está namorando com esse cara, diz amar ele e vice-versa, encontrou uma família melhor do que nós e não quer se separar dele de jeito nenhum — ela conta, dando de ombros. — Tá na cara que esse garoto não a ama coisa nenhuma. Todo tatuado, cheio de piercing, e ainda manda esse tipo de mensagem pra nossa filha.

Meu Deus, eu preciso tanto do abraço dele agora.

— Mãe, para, não é assim...

— Cala a porra da boca! — Joshua ordena, apertando mais ainda meu braço, sacolejando meu corpo no processo. — Olha pra

mim, Alyssa. — Eu não obedeço, mas não por querer passar por cima de suas ordens, e sim porque não consigo. — Eu mandei olhar pra mim, cacete! — Ele agarra meu queixo e eleva meu rosto na sua direção.

Esses olhos... Como eu sinto falta de quando eles transbordavam todo o amor de que eu ainda preciso...

— Pai — sussurro. — Me deixa explicar, por favor...

— Você tá pensando em virar uma dessas vadias, não é? Mente pra mãe, começa a sair com quem não presta... O quê? Ele já conseguiu te comer? Conseguiu o que queria? — Dá risada, as pontas de suas unhas cravando na minha mandíbula. — É por isso que suas notas andam baixam? Está mais preocupada em ser a puta particular dele do que virar alguém que preste... — divaga, emitindo um estalo com a língua. Um soluço escapa da minha garganta e lágrimas irrefreáveis o acompanham.

— E-eu tirei a nota m-máxima em Á-álgebra — anuncio, torcendo para que sirva de algo, sem conseguir falar direito com o prenúncio de uma crise de ansiedade. Estou tremendo inteira, meu coração está apertado, comprimido, e não consigo parar de chorar. — F-foi ele q-quem m-me a... a-ajudou.

Que isso seja o suf icientepara f azê-losmudar de ideia, que isso seja o suf iciente para f azê-los mudar de ideia, que isso seja o suf iciente, meu Deus... Eu não aguento mais brigar

— Engole esse choro e fala direito, caralho. Tá com problema? Não sabe falar comigo como alguém normal? — indaga, latindo. Olho para o relógio, que aponta 20h da noite, desesperada para sair daqui e ir para o meu quarto.

— Desculpa. — Me retraio, olhando para os meus pés.

Faça isso acabar logo, Pai. É só isso o que eu te peço.

— É verdade que ele te ajudou com a prova, Alyssa? — ouço minha mãe perguntar, e sem encará-la, apenas aquiesço.

— Sua mãe te fez uma pergunta, porra — Joshua grita no meu ouvido. — Não escutou?!

— A-ajudou — respondo, assustada, e pisco para impedir que as lágrimas derrapem.

— Joshua, não precisa disso. Ela já respondeu — Ana entra em minha defesa, o timbre mais brando. — Ele... ensinou bem?

Assinto tantas vezes que minha cabeça quase desloca do pescoço.

Isso é um bom sinal, não é? Ela tá cedendo, percebendo que Eros não é o que ela julgou.

— E-ele é muito i-inteligente e... — Faço uma pausa, puxando o ar. — Já... já ganhou vários prêmios por ser o... melhor aluno também.

— É claro que isso é mentira, Ana, pelo amor de Deus! — Joshua discorda, seus dedos parecendo afundar cada vez mais na minha pele. — Dá pra acreditar em alguém que fica mandando foto quase nua pra outro homem?

Não é qualquer homem, eu quero gritar. *É meu namorado, meu Deus, qual é a dif iculdade de entender?*

— Não e-estou mentindo — insisto. — Eros não tem nada a ver com o-o que vocês estão pensando, j-juro.

— Eu mandei calar a porra da boca! — Joshua exclama, alto o suficiente para toda a vizinhança escutar, levantando a mão com celular e tudo em direção ao meu rosto.

Por reflexo, me encolho e tento desviar da ardência insuportável que virá, mas nada acontece, e quase choro de alívio quando minha mãe intervém.

— Para com isso, Joshua! — grita, pegando meu outro braço a fim de me afastar dele. — Solte ela.

Ele ri.

— Não acredito que você vai deixar essa vad...

— Solte ela agora, Joshua — minha mãe ordena entredentes, e eu lhe agradeço.

A palavrinha que meu pai estava prestes a dizer e que foi interrompida não sairia da minha cabeça nunca. Não sendo dita por ele.

É engraçado como você se dedica a uma pessoa, passa todos os seus anos buscando fazer o seu melhor apenas por querer ser motivo de orgulho para esse alguém, entretanto, mesmo assim, eles ainda são capazes de encontrar todos os defeitos do mundo em

você, te magoar da pior forma, e depois agir como se nada tivesse acontecido.

Se eu soubesse que tudo isso iria acontecer, nunca teria aprendido a amá-lo como se tivesse o meu sangue; nunca teria lhe chamado de pai, há tanto tempo, quando eu ainda tinha 5 anos e era o motivo do orgulho de toda a minha família.

Talvez essa seja uma das piores formas de abuso.

— Traga esse garoto pra cá. Quero conhecê-lo — Ana diz, de repente.

Quase não caibo em mim de contentamento, esquecendo totalmente da dor que percorre meu braço e da minha cabeça latejando.

— S-sério? — pergunto, esperançosa. — A-a senhora quer conhecê-lo?

— Você ficou louca, porra?! — Joshua dirige o berro para minha mãe. — Não vou aceitar um drogado dentro de casa.

— Ele não é...

— Abre a merda dessa boca mais uma vez e eu faço você se arrepender.

Suas ameaças costumam me afetar mais que suas ações. Palavras pesam demais, e são nelas que eu não consigo parar de pensar por um tempo extenso. São elas que rondam minha mente antes de dormir e que me fazem chorar até pegar no sono.

Sobretudo, me sinto assim porque são palavras que, anos atrás, eu nunca esperava que viriam dele. E dói, pois meu padrasto era, até um tempo desses, o pai presente que nunca tive. Não sei o que mudou, não sei por que, de uma hora para outra, ele decidiu que descarregar toda a sua raiva em mim seria uma boa ideia.

— Quero conhecê-lo, Joshua, pare de agir como uma criança — Ana repete.

Joshua passa a língua nos lábios, sem acreditar no que está ouvindo.

— Beleza, Ana, faça as vontades da sua *f ilhinha* — meu significado para ele sai de maneira debochada dos seus lábios — mesmo depois de ter visto o que viu. — Coça a cabeça. — Não vou

receber esse garoto como meu genro nunca, entendeu? Nada de fazer almoço ou sei lá o quê.

— Pai... — protesto, mas sua encarada me cala. Fito o chão. — Desculpa.

— Sem problemas, não vamos tratá-lo como sogros ou fazer almoço, mas quero conversar com ele — Ana fala. — Dependendo da conclusão que tirarmos, decidimos se ela continua ou não com ele.

Tenho vontade de rir, porque independente da conclusão que chegarem, eu vou continuar com Eros.

Meu celular apita, e eu gelo dos pés à cabeça pensando se tratar de alguma mensagem indevida de Brooks.

Por favor, Brooks. Eu espero que você esteja com as mãozinhas bem ocupadas no corpo de Bradley, e não usando-as para narrar o que aconteceu entre vocês. Adoro ouvir sobre seus relatos sexuais, são super educativos, mas não hoje. Espera mais uns... anos aí pra me contar.

— Quem é Dona Emma? — Joshua indaga, unindo as sobrancelhas.

Ah, certo. É pior do que eu pensei.

— A vó do meu namorado — respondo, inquieta.

Ele ri.

— Ela tá perguntando quando você irá visitá-la de novo e que está com muita saudade de você — imita uma voz fina. — Tá de palhaçada comigo, né, caralho?!

— Deixa eu responder ela, por favor? - suplico, porque pior que ficar sem falar com Eros, é ficar sem falar com ela. — Vai ser rápido.

— Não — determina, apertando em alguma tecla. — A bloqueei.

— Pai, meu Deus, não... — Eu começo a querer chorar de novo, imaginando o rosto confuso dela por "eu" ter visto e não respondido.

— "Não" o que, Alyssa? Você vai ter que aprender a valorizar seus pais, não os outros da rua — grunhe. — Ela não é nada sua, entendeu? Nada. Assim como esse tal de Eros também não.

— Irônico eles me tratarem como vocês nunca mais fizeram.

Outra vez, ele avança para cima de mim. E outra vez, minha mãe impede.

— Alyssa, vá para o seu quarto. Já chega disso — ordena, e nunca fui tão grata. — O celular fica conosco. Vá dormir

Eu ao menos espero por uma segunda ordem. Subo as escadas e vou para o meu quarto, enfrentando os degraus com dificuldades devido à tontura. Tranco a porta, me permitindo sentir tudo o que não pude demonstrar ali. Ando de um lado para o outro, sacudindo as mãos, procurando controlar a ansiedade. Faço uma pausa, pouso minhas mãos no joelho, respiro fundo. Deixo que as lágrimas caiam livremente e pego minha almofada para abafar o grito entalado na minha garganta.

— Calma, calma, calma, calma — continuo sussurrando, prendendo o cabelo, soltando, e prendendo de novo. — Vai dar tudo certo.

Sento na ponta da cama, meus pensamentos perversos me levando aos remédios que possuo debaixo dela. Sem relutar e como se essa fosse a melhor ideia do mundo, me ponho de joelhos, enfio a mão debaixo do móvel e tiro de lá a caixinha tarja preta. Faz tempo que não preciso dela para conseguir dormir ou simplesmente fazer isso parar, mas ela parece tão tentadora agora...

Com os dedos falhos, tento abrir a tampa, mas não consigo. Enxugo o suor das palmas na minha blusa e tento de novo, sem sucesso. Não lembro de ter fechado tão forte da última vez que usei.

Pare de tentar, Alyssa, pare. Você não precisa deles. Você consegue sozinha. Largue esses remédios.

Como se eu tivesse levado um choque, largo o pote de cor de branca, negando com a cabeça.

— Não preciso disso — digo, limpando abaixo dos olhos com o dorso. — Não preciso disso.

Guardando no lugar de onde nunca deveria ter saído, fico de pé e caminho até o outro lado da cama, de frente para a janela, onde a Lua Cheia ilumina todo o quarto. Com os olhos fechados, os cílios trêmulos, solto todo o ar preso pela boca, realizando o exercício que ajuda a controlar a ansiedade. Em seguida, quando estou um pouco mais calma e lúcida, eu oro.

— O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha — recito um dos meus versículos

favoritos, porque só Ele pode me acalmar agora. — Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta...

— Você acredita em Deus? — pergunto a Eros em uma noite, as estrelas pairando intensas sobre nossas cabeças.

— Eu acredito em nós — responde, plantando um beijo casto no topo da minha testa. — Nós somos a maior prova de que existe um Deus olhando por mim.

— É? — Sorrio. — Por quê?

— Não suporto a ideia de termos acontecido por acaso, pequena, de que não estou destinado a ser seu desde que nasci. — Deita a cabeça na minha. — Quando eu penso sobre como tudo aconteceu, a certeza de que éramos para ser aumenta. Mon Dieu, Alyssa... Eu saí da França, vim para Boston, para essa cidade, f ui aceito no melhor colégio da cidade, dentre tantas outras, e logo eu f uidesignado a trabalhar com você. Em um sorteio, ainda por cima. — Eros me olha. — Me perdoa, pequena, mas o seu destino é f icar comigo pelo resto da vida. Não tem volta.

Suspiro, apaixonada.

— Você vê um f uturo para nós, amor?

— Eu vejo uma eternidade inteira nos esperando, linda. — Ele balança as nossas mãos unidas. — I ssœaqui é só o começo de algo muito maior.

Sorrio sozinha, dando uns pulinhos na cama e alcançando meu notebook na escrivaninha. Abro o Instagram e procuro o perfil de Eros, a fim de explicar sobre a mensagem que minha mãe deve ter enviado a ele. Não tenho certeza, então opto por apenas chamá-lo normalmente, dependendo do que ele disser, saberei como desenrolar.

Como suspeitei, minha mãe deu um "chega pra lá" nele na hora que tentei pegar o celular de sua mão. Conhecendo meu namorado como conheço, posso imaginar que ele deve ter ficado desesperado e louco por uma mensagem minha. Com a cabeça sã, mais leve do que há alguns minutos, garanto que, não importa o que aconteça,

continuaremos juntos. Aproveito para recordá-lo que o amo. Não quero nada em troca, não preciso que ele retribua, porque sei que ele também me ama. Todavia, eu não sofro da mesma dificuldade que ele de expressar o que sinto ou gritar aos quatro cantos do mundo o que se passa dentro de mim, então eu quero, sempre que tiver a oportunidade, lembrá-lo disso.

Embora seja um pouco óbvio.

Antes de desligar o notebook, porém, ao ouvir uma movimentação perto à minha porta, a última coisa que vejo na barrinha de notificações é aquela mensagem que nunca irei me acostumar em ler ou ouvir.

Abro um sorriso de orelha a orelha, me debruçando sobre o travesseiro.

Vale a pena. Por ele, vale a pena.

37

Alyssa Blair

Finalmente chegou o dia menos aguardado, que envolve meu namorado, meus pais e... alguma coisa pela qual não estou preparada. O único diálogo que tive com Joshua e Ana nesses dias foi somente o aviso de que Eros iria para lá hoje, do qual fui completamente ignorada por meu padrasto. De resto, não nos falamos mais sequer para dar um "Boa noite."

Estou sentada em um banco próximo à sala dos professores, esperando por Russell, que foi chamado para auxiliar o professor de Álgebra a corrigir o resto das provas que faltavam, já que ele dá aula em várias outras instituições e é bem atarefado. De acordo com o horário, ele sairá daqui a alguns minutos.

Logo ao meu lado, Pandora está com o celular em mãos, rodando os novos sites de fofoca criados pelos alunos da BC, todos contendo como "manchete" principal seu nome, relacionado ao boato de que ela traiu Bryce ou algo assim. Sinceramente? Não

consigo acreditar que rolou traição, já que eles não estavam juntos, mas confesso que fiquei chocada por saber que, pelo que falam, ela foi pega fazendo sexo com outro homem enquanto Bryce olhava.

É algum tipo de fetiche? Porque se for, é um pouco estranho.

Há um momento em que Pandora larga o aparelho e afunda o rosto nas mãos, dando um alto suspiro. Vejo como uma situação perfeita para eu me aproximar e fazer com ela o que um dia fez comigo.

— Oi — sussurro, tocando seu braço. Ela se sobressalta. — Calma, sou eu.

A loira limpa a garganta, colocando os longos fios brilhosos detrás da orelha.

— Ah, oi, Aly. Desculpa, não te vi aí — fala, pegando um espelhinho na bolsa e retocando o Gloss, disfarçando.

— Tudo bem?

— Na medida do possível. — Dá de ombros. — E com você? Fiquei sabendo que fisgou o coração de um bonitão aí — ela brinca e eu sorrio.

— Parece que sim. — Traço linhas invisíveis na minha calça. — Desculpa perguntar, é só que... — Suspiro. — O que aconteceu entre...

— Eu e Bryce? Nada — completa e responde. — Sempre foi só sexo, Alyssa, nada mais que isso.

Encrespo a testa, não acreditando em nada do que diz.

— Você consegue mentir pra qualquer um, até para si mesma, mas não para mim — digo. — Nunca foi só sexo. Eu te conheço.

Pandora nega.

— Não, Alyssa, você não me conhece. Não mais. — Passa a língua nos lábios, desviando os olhos azuis. — Você conhece a garotinha que deixava ser pisada e continuava calada, só que ela não existe mais.

Esboço uma curva triste na minha boca, deitando um pouco a cabeça.

— Não estou falando dela... — pondero. — Estou falando da garotinha que ainda existe por trás de toda essa máscara de vadia

que você usa. — Ela ri. — A menina cheia de sonhos, carisma, bondade... E a apaixonada pelo mesmo cara há anos também.

— Não sou mais apaixonada por ele — alega, séria.

Estalo a língua no céu da boca, diminuindo a distância entre nós e pegando sua mão. As unhas são longas e pintadas de vermelho, da cor do pecado. Exatamente o que Pandora simboliza para todos que não a conhecem.

— Pode ser sincera comigo, Pan. — Sorrio. — Eu ainda sou a mesma menina que você confiava seus segredos.

— Mas eu não sou mais a mesma, Gossip Girl... — ela me chama pelo meu apelido antigo, por conta do meu sobrenome ser o mesmo de uma garota dessa série, e eu dou risada. Pandora também, mas logo seus olhos marejam.

— Podemos recomeçar — proponho. — Um segredo por outro, pode ser? — Ela assente e eu começo a pensar, ruborizando. — Ontem, acompanhei Eros para a sala de professores, porque ele ficou responsável de ajudar lá, e quando todos saíram, nós... hum... você sabe, em cima da mesa do professor de Física.

Os grandes globos azuis de Pandora saltam para fora, e logo uma risada alta lhe escapa.

— Que safados! Logo na mesa do Diego?! — exclama.

— Grita mais alto — murmuro, revirando os olhos. — Mas, sim... Sabe como é, eu tentei relutar, só que... — Pandora ri, mordendo o lábio inferior. — Sua vez — instigo.

Ela apruma a coluna e passa os cabelos para um lado apenas, mexendo nas pontas.

— Me senti suja transando com outro homem depois de ter passado 1 mês inteiro tendo apenas Bryce como meu parceiro. Não só nesse departamento, como também em outras coisas — diz baixinho. — Eu sustentei minha cara de megera enquanto ele me olhava, menti para mim mesma ao afirmar que não estava nem aí para o que ele pensava. Tudo mentira. Nunca estabelecemos um relacionamento fixo, Aly, mas eu me sinto como se tivesse traído ele, entende? Isso tá me matando.

Anuo, brincando com seu bracelete coberto por pingentes.

— E porque fez isso, Pandora?

— Porque... — hesita. — Porque eu passei a acreditar que o amor é uma fraqueza, Alyssa. Cresci vendo as mulheres da minha família se apaixonando e sofrendo violência doméstica anos mais tarde. Não quero isso pra mim, não quero ser controlada por nenhum homem. Quando eu percebi que eu estava me aproximando demais, deixando Bryce destruir meus muros e que eu estava... me apaixonando de novo, decidi dar um fim em tudo. Da pior maneira possível, eu reconheço, mas foi a única forma que eu achei.

— Sabe que isso poderia ter sido resolvido na conversa, não sabe? — pergunto, retórica.

— Eu sei! Eu sei que sim, e é esse o problema! — exclama. — Se eu visse aqueles olhinhos dele, o rostinho de gatinho, aqueles lábios que eu amo tanto beijar, eu agiria como uma covarde e nossa conversa acabaria na cama.

Torço o nariz.

— Detalhes — reclamo.

— Desculpa. — Prende o lábio inferior nos dentes. — Só estou com saudade do corpo dele aquecendo minha cama.

Rolo os orbes, prendendo a risada.

— Eu não sei dar conselhos, Pandora... Mas Bryce não é como os homens da sua família, você sabe. E o amor de verdade não te prende, ele te liberta. Digo por experiência própria — digo. — Você deveria conversar com ele, tentar resolver essa grande besteira que fez.

— Ele nunca vai me perdoar — murmura.

— Se ele te ama de verdade, vai, sim — garanto.

— E quem garante que ele sente isso por mim, Alyssa? — questiona, cética.

— Ahhh, por favor! Já viu o jeito que ele te olha? Se não for amor, está bem perto disso.

— Eu espero que seja amor mesmo, porque não sei quanto tempo vou sobreviver sem o cheiro dele, a boca dele, os sussurros saf...

— Pandora! — grito, vermelha.

Ela gargalha.

— Nem vem. Aposto que se sentiria da mesma forma se ficasse alguns dias longe do Eros — afirma, e eu não tenho como negar. — E por falar nele...

Olho para trás, animada, vendo Eros sair da sala com o professor Lima ao seu encalço. O celular novo que Bryce deu a ele veio em ótima hora, pois o antigo desligou e não quer mais saber de ligar.

— Oi, pequena. — Ele se inclina e beija minha boca. — Oi, Schuyler.

— Pandora — ela corrige. — Pode me chamar pelo meu nome. E oi.

Eros assente, segurando minha mão e me ajudando a levantar.

— Vamos? — pergunto. — Tchau, Pan. Depois a gente conversa mais.

— Tchau, Aly. Até a próxima.

Passamos pelo pessoal amontoado no corredor de mãos dadas, atraindo o olhar de vários, e saímos da instituição.

— O pneu da minha moto furou e ainda não tive tempo de trocar. Podemos ir a pé?

— Nenhum problema. — Me ponho na pontinha dos pés e lhe beijo, sorrindo. — Vou passar mais tempo com você.

Eros sorri, trilhando um caminho de selinhos do meu queixo até parar na minha testa.

— Se a gente fizer uma parada naquele beco ali ficaremos mais tempos juntos...

— Nos seus sonhos. — Gargalho, lhe empurrando. — Vem, não vamos chegar muito tarde.



Esqueçam o que eu disse, vamos chegar muito tarde, sim.

E tudo por causa de um cachorrinho com a patinha quebrada que não parou de nos seguir desde que fiz um carinho despretensioso nele.

É um Poodle, segundo Eros. Ele preto e tem os pelinhos encaracolados, além de olhos de jabuticaba que me admiram como se tivesse me escolhido.

Estou apaixonada.

— Amor... — balbucio, parando de andar e me agachando ao lado do cachorrinho, que se anima e recebe de bom grado o carinho que eu faço na sua orelha comprida. — Acho que ele me quer como mãe.

Eros dá risada e se agacha ao meu lado também, analisando a patinha dele.

— Temos que levar ele ao veterinário. Pode piorar.

— E depois virar papais dele?

— E depois perguntar se alguém quer adotar.

— Eu quero.

— Eu não.

— Problema seu. — Faço um carinho na barriguinha do cachorro, que ronrona. — Vai ser órfão de pai, mas a mamãe vai dar muito amor.

Eros revira os olhos.

— Não podemos adotá-lo, Alyssa.

— Por que não?!

— Você vai cuidar? — indaga, erguendo uma sobrancelha.

— Vou... Mas não posso levar pra minha casa.

— Assunto encerrado então. — Eros bate as mãos nos joelhos, limpando a sujeira, e levanta. — Vem, vamos levá-lo ao médico e depois anunciar que ele está disponível para adoção.

— Ele não tá disponível coisa nenhuma! — protesto, pegando meu novo neném no colo. — Você tá vendo o jeitinho que ele me olha? Foi amor à primeira vista!

— Alyssa... — Ele esfrega a têmpora.

— Por favor — murmuro, fazendo um biquinho com os lábios e me aproximando dele, balançando a patinha boa do cãozinho para ele. — "Oi, papai, mamãe me disse que você não quer me assumir como seu filho. Por favorzinho, *dexa* eu *molar* com vocês" — faço minha melhor voz de bebê, chantageando o insensível à minha frente.

Não tão insensível, na verdade, pois uma covinha fura a bochecha de Eros com o sorriso que ele não quer mostrar.

— Vai pagar as rações?

— Sim!

— A casinha?

— Sim também.

— Ajudar a limpar a sujeira dele?

— Também.

— Levar para passear?

— Siiiiiim! — Dou pulinhos. — Podemos ficar com ele?!

Meu namorado bufa e abre os braços, como quem diz: "O que eu posso fazer, né? É você quem manda".

— *EBA!* — grito, pulando no seu pescoço e deixando vários beijinhos no seu rosto. Ele gargalha, retribuindo. — Te amo, te amo, te amo. Você é o melhor namorado do mundo!

— E você é a mais interesseira — rebate, tomando o cachorrinho dos meus braços e segurando-o nos dele, conferido seu sexo. — É um garotinho. Já decidiu o nome?

Queria ter meu celular aqui para registrar esse momento.

— Hum... Não. Você tem?

— Eroszinho.

— *Puf f* — Rolo os olhos. — Que tal Bryce?

O cachorro quase voa para frente com a parada abrupta do meu namorado, seu olhar me fulminando.

— Pode me falar a verdade, Alyssa. Você não me ama mais, é isso? A verdade é que passou a amar o Bryce, e não a mim, não é? Tudo bem, eu entendo, ele foi pra minha casa anteontem e entendi porque gostam tanto dele. Ele é engraçado, legal, super gente boa... Não sou assim. As pessoas me chamam de chato e estraga prazeres, então...

— Ei — eu interrompo, percebendo que, embora ele seja dramático em grande parte das vezes, ele está realmente inseguro agora. Abraço seu corpo com cachorro e tudo, com voz manhosa. — É claro que eu te amo, meu amor. Não mudaria nada em você e não te trocaria por ninguém, ouviu? Só gosto de te provocar porque amo te ver todo bravinho.

— Então você não está tentando terminar comigo disfarçadamente e depois fugir com ele?

Rio alto, negando veemente.

— De jeito nenhum.

— E... — Morde os lábios, parecendo uma criança. — Mesmo eu sendo chato?

— Amo sua chatice.

— Hum... — murmura. — E se eu entrasse em coma e só existisse ele de homem no mundo?

— Eu esperaria você acordar — declaro, achando graça.

— E se eu morresse?

Gargalho, apertando sua bochecha.

— Eu morreria sozinha por não ser capaz de amar nenhum outro homem como amei você.

Suas bochechas assumem um lindo tom rosado, o sol refletindo nas suas írises e as deixando cinco vezes mais claras.

— Coitado daquele Bryce, não tem vez no seu coração. — Eros assume uma postura ereta, confiante, e começa a andar. — Tá vendo, filho? Encontre uma cachorrinha que seja igual a sua mãe. Que te ame, que seja sua amiga, que esteja disposta a passar por todas as dificuldades do mundo dos cachorros com você — ele dialoga com o cachorro, afagando sua cabeça.

— É isso aí. — Dou risada, enganchando meu braço no dele e seguindo caminho para o veterinário. — Agora somos papais! — comemoro.

Eros me lança um olhar enviesado.

— E só você pra me fazer ser pai aos 18 anos, Alyssa...



Meus pais cumpriram com o combinado infantil que fizeram. Ao chegarmos, após passar no veterinário e deixar o cachorrinho sob os cuidados dos médicos — o qual fomos notificado de que ele sofrera apenas uma pequena fratura, nada grave, e que poderíamos pegá-lo daqui a poucos minutos —, não havia nada, nenhuma

sobremesa sequer esperando por Eros, sendo que é uma tradição nossa receber as pessoas com um bolo, um mousse ou até mesmo comida.

Sentada na mesa, segurando a mão do meu namorado, e meus pais logo à frente, estou morrendo de vergonha pela falta de educação sem tamanho deles.

— Olá, Er...

— O que você faz da vida? — Joshua corta a fala da minha mãe, ríspido.

Respiro fundo, apertando a mão de Eros, me contentando com o rumo péssimo que essa conversa terá.

Meu namorado não força simpatia, não tenta ser alguém que ele não é. Por isso, sério e sem esboçar nenhuma reação, responde:

— Além de estudar, auxilio minha vó no restaurante que ela abriu recentemente, e meu avô, na oficina.

— Hum... — ressoa. — Quanto ganha?

— Joshua... — Ana chama, em tom de alerta.

— Calada, mulher! Você não queria conhecê-lo? Então pronto!

Os músculos de Eros ficam rijos ante a maneira brusca que meu pai usa para falar com minha mãe. Eu já estou acostumada, mas, ainda assim, meu rosto pinica pela vontade de chorar de exaustão. Não só por ele ter feito isso na frente de um desconhecido, como também por ele ter *f eito isso*, propriamente falando. Não é a vida que eu quero para minha mãe, e a cada dia que passa, só me sinto mais cansada com essa falta de paz.

— Não ganho muito, para ser sincero — responde. — O suficiente para pagar o tratamento da minha vó e viver sem muitos perrengues.

— O que sua vó tem? — minha mãe pergunta, preocupada.

— Câncer de mama. — Eros clareia a garganta. — Controlado, faz tempo que ela não tem recaídas.

— Sinto muito.

Joshua bufa, cruzando os braços e se esparramando na cadeira.

— Acha que tem condições de sustentar minha filha?

Uno as sobrancelhas, embasbacada com sua pergunta sem noção.

— Pai, não vamos casar.

— Ah, então quer dizer que não planejam levar isso pra frente? — O veneno goteja de sua indagação, e fico sem saber o que dizer.

— N-nós...

— Planejamos sim, senhor — Eros se pronuncia, me surpreendendo. — Planejo um futuro inteiro com sua filha, passar por todas as etapas. Namorar, noivar, casar, ter um cantinho nosso e, se ela quiser, ter filhos. — Fico boquiaberta, emocionada. — Mas não agora. Alyssa tem 17 anos, e eu, 18, não temos idade para isso. Tenho certeza de que, quando esse momento chegar, terei condições para bancar a vida que ela merece.

Até minha mãe parece espantada com sua declaração, identificando a sinceridade nela.

— Sério? V-Você planeja isso?

— É claro que n...

— Com certeza. — A voz de Eros se sobrepõe à do meu pai. — Sua filha é a mulher da minha vida. Se eu a pedi em namoro, foi com um propósito.

Sorrio igual uma idiota, resistindo à vontade de pegar sua mão e beijar os nós dos seus dedos.

— Hum — Joshua resmunga. — Você tem pais? Onde estão eles?

Suspiro, lembrando de recitar um pedido extenso de desculpas a Eros pelas perguntas inconvenientes que ele está tendo que ouvir.

— Meus pais morreram quando eu ainda era criança. Vivo só com meus avós.

Minha mãe lhe lança um olhar de pena, balançando a cabeça.

— Meu Deus... Que tristeza.

— Pessoas vêm e vão, Ana, para de drama — Joshua fala, sem um pingo de compaixão no rosto.

— *Pai* — rosno. — Pare o senhor de ser inconveniente. Quantos anos você tem? 10?

Eros intensifica o aperto na minha mão.

— Não tem problema, Aly. Entendo seu ponto de vista, pessoas realmente vêm e vão, num piscar de olhos. Por isso é tão importante valorizar em vida, dar todo o amor que um ser humano merece receber. Ser atencioso, lembrar constantemente dos seus sentimentos, tratar com mais carinho, pois quando morre... Não há volta. Só vão restar lembranças e um vazio enorme dentro do peito. — Eros diz tudo isso com olhos fixos nos meus pais, como se o que estivesse dizendo fosse uma indireta bem direta a eles. — Ainda mais os pais, que têm como missão amar os filhos sobre todas as coisas, e não só com palavras ou "fazendo o que ele quer".

— Você quer nos dizer alguma coisa, Eros? — Joshua percebe, as veias das têmporas quase explodindo de ódio.

— Absolutamente nada, foi só uma reflexão.

Minha mãe fica quieta, absolutamente em silêncio, seu olhar perdido enquanto divaga por algum canto da mesa.

— De onde é? — meu pai quer saber, cerrando os olhos. — Tem o sotaque forte, né? Quase não dá pra entender o que você fala.

— *Bayonne*, uma cidade pequena da França. — Eros resolve ignorar a provocação. — Aprendi inglês tarde, por isso o sotaque forte.

— Hum. — Ele coça a barba. — Você tira notas boas no colégio? Ou quase isso?

— As melhores — meu namorado responde, com um sorriso presunçoso. — Se você quiser o relatório de todas as minhas notas, posso lhe mostrar.

Joshua gesticula com a mão, contrariado, o desgosto colorindo suas feições.

— Não será preciso — declara, olhando para a esposa, que permanece calada. — Tivemos acesso também a algumas mensagens de cunho... sexual que vocês trocam. — Que um buraco se abra e eu caia nele, que um buraco se abra e eu caia nele. — Ficamos bastante assustados com isso, na verdade.

Eros troca um olhar rápido comigo, a pergunta estampada na sua testa: "Não acredito que eles viram isso". Eu só dou de ombros, sem ter muito o que falar.

— Sou namorado da sua filha, Joshua, temos essa intimidade. Ela confia em mim e eu, nela.

— Mesmo assim... — Pigarreia. — Não acham que são muitos novos?

— Não — Eros responde, cético.

— Então isso quer dizer que vocês transam?

— Pai! — eu exclamo, escandalizada, o constrangimento me corroendo.

— Joshua, pare de fazer essas perguntas sem sentido — Ana avisa, vermelha de raiva.

— Ah, por favor! É minha obrigação como pai saber se minha filha tá transando com qualquer um! — contesta, como se isso fosse desculpa suficiente.

— A vida sexual da sua filha não lhe diz respeito — Eros grunhe, as veias das suas mãos a ponto de estourar. — É o corpo dela, não o seu, e ela decide o que fazer com ele. Contanto que seja seguro e não traga nenhum risco, não há problema algum.

— Isso é um sim? — meu pai insiste, travando uma batalha invisível contra Eros.

— Eu não irei responder a essa pergunta. Não sou obrigado e nem é correto. É algo íntimo nosso, completamente pessoal. Não vou expor minha namorada dessa forma, nem mesmo pra vocês.

— Mas...

— Joshua! Chega disso! Não o chamei aqui pra fazer esse tipo de pergunta! — Minha mãe bate na mesa, assustando a todos, que dão um pulo em suas cadeiras. Com fumacinha quase saindo do seu nariz, ela se vira para Eros. — Eros, me perdoe o inconveniente, mas... — ela parece envergonhada — como mãe, eu preciso fazer essa indagação.

— Pode falar — Russell instiga, já eu não tenho tanta certeza se ela pode mesmo.

— Eu queria saber se... — Ana titubeia — se consome algum tipo de substância... ilícita...

— Mãe... — sussurro, esfregando a testa.

— Não consumo, Ana. Nenhum tipo de droga ou qualquer coisa que contenha álcool — garante. — Pode ficar tranquila quanto a

isso.

Joshua dá risada.

— Você vai acreditar nisso, Ana? A cara dele é cheia de ferro e ainda não achei uma parte vazia nele que não tenha esses rabiscos.

— Ele só tem um *piercing* no nariz, Joshua — Ana observa, tirando as palavras da minha boca.

— E essa orelha? Não sei como aguenta tanto brinco!

— Isso não define o caráter dele — ela sai em defesa de Eros, e acho que até ele está surpreso com o comentário.

— Ah, caralho, vão se foder! — meu pai explode, esmurrando o tampo da mesa e levantando de supetão, a cadeira quase caindo para trás. — Cansei dessa merda. Se Alyssa quiser continuar trepando com esse cara e virar essas vadias, que faça! Não estou nem aí.

— Tenha cuidado como fala com sua filha, Joshua — Eros alerta, a voz dura. — Você não sabe de nada.

— Tá querendo me ensinar a como criar minha filha agora?

— Estou falando para valorizar a filha que tem. Vocês não têm ideia de quantas vezes ela já se cobrou e chorou por achar que não era o suficiente para vocês. — Seu timbre vacila. — Alyssa não merece ser tratada da forma que o fazem, porque cada passo que dá, tudo que faz, é pensando em como ser melhor para vocês, pais dela. Não é à toa que passamos 1 semana inteira estudando e revisando o assunto de Álgebra desde o começo porque Alyssa, a filha que vocês fazem questão de julgar sempre que podem, queria orgulhá-los. — Eros inicia um carinho na minha perna enquanto fala quando começo a chorar, mirando a mesa. — Eu amo sua filha, Joshua, ela é tudo o que eu tenho, e não importa se é o Presidente da República, ou o Papa, ou vocês, eu não medirei esforços para protegê-la.

Os nervos do meu pai estão tendo uma convulsão, isso é a única coisa capaz de explicar o tremelique assustador que está tendo agora. Com o rosto assumindo um tom escarlate, ele aponta um dedo para nós dois.

— Dou 1 mês para terminarem.

Eros sorri em desafio.

— Quer apostar dinheiro? Sabe como é, já vai ser de grande ajuda para financiar nossa futura casa...

Ana se engasga com a risada e logo estreita os lábios quando percebe que não foi nada discreta. Arregalo os olhos, admirando e temendo na mesma proporção sua coragem. Eros continua sorrindo, com a cabeça inclinada para o lado, enquanto Joshua fecha as mãos em punho, o anel de casamento perfurando sua pele.

— Não vou tirar um centavo do meu bolso para ajudá-los. Se depender de mim, vocês podem morar na rua.

E assim, deixando sua maldição flutuando no ar, ele sai, subindo as escadas e batendo a porta do seu quarto com uma força que faz a casa estremecer.

Ana está claramente sem jeito, eu estou envergonhada e entristecida, e Eros... é como se nada do que Joshua dissera tivesse o afetado.

— Peço desculpas — ela balbucia, engolindo em seco. — Não quero prolongar isso, estou com a cabeça cheia, só quero... deitar. — Suspira, pesarosa. — Julguei você muito mal, Eros, me perdoe por isso. É perceptível o quanto ama minha filha, e eu me sentiria péssima se fosse a razão do término de vocês. O pai da Alyssa é uma pessoa temperamental, mas não ligue, ele vai acabar... aceitando em algum momento.

Eu sorrio pequeno, um fardo sendo retirado das minhas costas. Eu sabia que, se ela o conhecesse, suas opiniões mudariam, e fico tão, tão feliz por isso ter acontecido. Mais do que a importância que dou para o meu padrasto, é para a mulher que me deu à luz.

— Se... Se você quiser, Alyssa — ela pigarreia —, pode passar o dia na casa dele hoje, o clima aqui não está bom. — Ana se coloca de pé e pega meu celular no armário da cozinha, me entregando. — Toma, me desculpa por ter invadido sua privacidade. Não foi certo. Compreendo que você já não é mais uma criança.

Recebo o aparelho, fazendo muito esforço para não transparecer minhas emoções.

— Obrigada — sussurro, e ela dá um sorriso triste.

— E... Eros? — ela o chama. — Cuide da minha filha, ok? Reconheço que não sou a mãe que ela merece, então... cuide dela

por mim.

— Não é tarde pra recomeçar, senhora Blair. Sua filha aqui — ele me cutuca com o cotovelo, brincalhão — tem um coração que não cabe no peito.

Solto uma risadinha baixa, concordando, e Ana tem a mesma reação. Passando pela mesa, ela pousa um beijo no topo da minha cabeça.

— Eu sei que criei a melhor filha que uma mãe poderia pedir — revela baixinho. — Tenho um orgulho sem tamanho dela e a amo muito.

— Eu também te amo — choramingo, escutando a risada de Eros ao tocar meu ombro com seus lábios.

— Certo, certo, sem choro! — minha mãe exclama, enxugando o cantinho dos olhos e abrindo um sorriso. — Podem ir. Vou me deitar, estou cansada. — Eu e Eros nos levantamos, prontos para sair. — Fala pra sua vó que eu desejei melhoras!

— Pode deixar.

Do lado de fora, literalmente pulo no colo do meu namorado, me enganchando na sua cintura, não cabendo em mim de alegria. Ele gargalha, afastando meu cabelo do rosto para poder me beijar.

— Deu tudo certo — murmuro contra seus lábios.

— Deu, minha pequena — concorda, selando minha bochecha. — Sua mãe... Ela não é uma pessoa ruim.

— Não, ela não é. Eu sabia que ela acabaria se rendendo.

— Igual você? — provoca.

— Ninguém é tão rendido por você como eu, mas, sim... quase igual — devolvo, tirando um sorriso desses lábios que eu amo.

— Agora... — Ele me coloca no chão, entrelaçando nossos dedos. — Vamos buscar nosso filho?

Eu rio, achando fofo além da medida vê-lo animado com a ideia de termos um cachorrinho, e aquiesço.

— Vamos buscar nosso filho, amor.

38

Alyssa Blair

O cachorro se debate feliz nos meus braços quando saímos do Pet Shop/Veterinário. Ele foi banhado, tosado, enfaixaram a pequena fratura na sua patinha e recebeu uma gravatinha de presente. Tirando as coisas que Eros teve que comprar, como remédio, caminha, ração e uma coleira preta com desenhos decorativos de ossos.

Foi mais caro do que pensávamos, na verdade, mas mesmo que Eros tenha reclamado, está estampado na cara dele que não se arrepende nenhum pouco. Pelo menos não foi o que o seu sorriso gigante mostrou quando recebeu nosso filho-sem-nome nos braços todo limpinho e arrumado.

— Já decidiu o nome? — pergunto, ajeitando a bola de pelos nos braços.

— Não faço ideia — é sincero, segurando infinitas sacolas nas mãos. — Dê alguma ideia.

— Quero algo significativo... — divago, brincando com a gravata de borboleta do meu neném. — Maximus?

— O cavalo do José Bezerra? — indaga, arqueando a sobrancelha, e eu assinto, dando risada. — Ele teve um significado pra você?

— O contexto, sim... — respondo, mordendo os lábios. — Aconteceu muita coisa naquele dia, mas não *precisa* ser necessariamente ele. Foi só uma sugestão.

Eros sorri e se aproxima, beijando a cabeça felpuda do animal, que fica parecendo uma criança lambendo seu rosto. É uma missão impossível não ficar abobalhada observando a cena.

— Oi, Maximus — faz dengo. — Gostou do nome? Sua mãe que escolheu.

— Vai ser esse mesmo? — pergunto, um tanto emotiva.

Meu namorado anui, transferindo seus beijos para minha testa.

— Aquele dia foi especial pra caralho pra mim também, pequena. — Escova uma mecha do meu cabelo para trás. — Primeira vez que trocamos cartinha, que te chamei de minha, que peguei na sua Priscila... — eu sorrio, envergonhada — que estudamos, passamos o dia inteiro juntos e assistimos filme. Nada mais justo do que homenagear *nosso* cachorro com o que nos marcou.

Me perco por alguns segundos na vastidão que são seus olhos. Castanhos com listras esverdeadas, clarinhos quando entram em contato com o sol. É como se eu pudesse visualizar tudo o que aconteceu entre nós todo esse tempo neles. O amor que ele sente por mim nas suas pupilas que se expandem sempre que me vê. O sorriso quando suas pálpebras se fecham minimamente.

Eu vejo... tudo neles. Uma vida inteira ao seu lado. Sou jovem, ele também, sabemos disso, mas eu gosto demais de saber que ele me inclui nos seus sonhos, que faço parte dos seus planos. Nunca achei que alguém me veria dessa forma, desejaria ter algo sério comigo, ter filhos, morar numa mesma casa, ter apenas a *mim* como parceira... Por isso a ideia de que, se tudo correr conforme queremos, irei me casar com Eros e passar longos anos com ele me deixa super animada.

Ai, meu Deus?! E nossos f ilhos? Como seriam eles?

Se eu pensar mais um pouquinho nisso, irei instalar um aplicativo de combinação e botar uma foto de nós dois lá para ver no que dá.

— Você é tão fofo — balbucio.

— E você é tão linda — retruca, acariciando minha bochecha com as costas dos dedos.

— Eu sei. — Sorrio, dando de ombros. — Deve ser difícil carregar o peso de ter uma namorada tão bonita.

Eros me envia aquele olhar todo orgulhoso, o brilhinho típico dos seus orbes dançando por toda a extensão.

— Você não pode falar essas coisas em plena avenida, Alyssa...

— Por que não? — desafio, capaz de sentir a tensão sexual se tornar um gigante entre nós.

As curvas dos seus lábios repuxam para cima em pura lascívia ao levá-los para próximo do meu ouvido, todos os pelinhos do meu corpo se arrepiando.

— Porque eu posso arrancar toda essa sua roupa e te mostrar o quão orgulhoso eu estou, *cacete* — grunhe, mordiscando o lóbulo da minha orelha.

Estremeço inteira, o calor subindo por meu pescoço.

— E... o que você faria? — insisto, virando a cabeça na sua direção, minha boca roçando na sua.

Eros solta uma risada soprada, passando o polegar nos meus lábios, o desejo palpável emanando por cada poro.

— Eu prefiro mostrar, pequena — sussurra.

Faço menção de responder com alguma provocação, porém Maximus começa a latir, nos assustando, e a bater no rosto de Eros com a patinha, numa clara ordem para que ele se afaste. Quando consegue o que quer, ele engancha as duas patas em cada um dos meus ombros e deita a cabecinha ali, tomando todo o espaço.

— Acho que alguém ficou com ciúmes... — digo, soltando uma risada. — Não é, meu amor? Você ficou com ciúmes do papai, foi? — dialogo com Maximus, acariciando seu pescoço.

Eros revira os olhos, achando graça.

— Era só o que me faltava. Não posso mais flertar com minha mulher agora, é isso?

Tire esse sorriso da sua cara agora, emocionada.

— Tenha mais respeito na frente dele, amor. Nosso filho não é obrigado a escutar suas baixarias.

— Mas a mãe dele adora quando faço isso, hum? — Ele se aproxima, a fim de beijar meu pescoço, mas seus lábios mal tocam na minha pele sensível quando Maximus rosna. — Eu vou devolver esse cachorro.

— Isso se classifica como abandono parental, sabia?! É um ato desumano com esse pobre bebê — faço beicinho.

Meu namorado ri, tocando as costas do cachorro e afagando o local.

— Eram só três meses, e agora eu estou discutindo sobre abandono parental com minha namorada... — reflete, humorado.

— É algum tipo de reclamação, Eros Amor Russell? — Cerro as pálpebras.

Ele gargalha e nega.

— Jamais. Na verdade... Isso soa mais como um agradecimento. — Beija dois dedos e sela nos meus lábios. — Posso tirar uma foto de vocês?

Comprimo os lábios, o "não" na ponta da língua. Não gosto que outras pessoas tirem fotos minhas, tenho pânico de me enxergar pelos olhos deles, não é por acaso que sempre opto por não olhar a fotografia depois de tirada.

Eros nota minha inquietação.

— Não precisa ficar assim, minha linda. Eu entendo — fala. — Tenho várias fotos suas armazenadas na minha memória. É o suficiente.

Ele começa a andar, mas o seguro pelo braço, clareando a garganta.

— P-pode tirar — afirmo, incerta.

— Ei, pequena, não precisa...

— Não, é sério, pode tirar — repito, dessa vez com mais firmeza. — Mas o Maximus tá meio birrento por sua causa. — Tento

tirar seu rostinho escondido no meu pescoço, porém de jeito nenhum ele sai. — Vai ter que ser assim.

— É a adolescência chegando — Eros resmunga, apanhando o celular do bolso e abrindo na câmera, mirando em nós. — Cadê meu sorriso?

Bufo uma risada, umedecendo os lábios e expondo meus dentes branquinhos para a foto, me aninhando mais a Maximus.

— Assim?

— Lindos — sussurra, o som de *cliques* reverberando umas cinco vezes seguidas.— Pronto. — Eros, com um sorriso orgulhoso, vira a tela para me mostrar, mas eu balanço a mão, negando com a cabeça.

— Não quero ver. — Engulo em seco, me sentindo mal. — N-não tem nada a ver com você, é só que... eu tô me sentindo tão bem comigo mesma esses dias. Não quero dar a uma foto a chance de estragar isso.

Ele anui, compreensivo, e guarda o aparelho.

— Mas só pra constar, você está linda. — Transfere as sacolas para um braço só e oferece a mão vazia para mim. — Vem, estou louco pra ver a reação da minha vó com a notícia de um novo integrante na família.

Dou risada, tirando um braço que estava debaixo de Maximus e esticando na direção do meu namorado. Ele enlaça nossos dedos, me puxando para o seu lado quando um grupo de homens aparece próximo a nós, e começamos a andar.



— *QUE COISA LINDA! MAIS SOFISTICADA É ESSA?!* — Mal abrimos a porta da sua casa quando o grito de Dona Emma nos intercepta. — *AI, MEU DEUS, QUE COISA LINDA!*

Dando risada e ajudando Eros a passar para dentro com a tulha de coisas, tiro o cãozinho do meu ombro e o seguro nos braços, deixando que todos tenham a visão do seu rostinho. Meu namorado fecha a porta com o pé e põe os objetos na mesa.

— É Maximus, o novo integrante da família — ele responde, pegando o cachorro no colo, que começa a lamber seu queixo. — Nosso filho, mais precisamente.

Anthony sorri, fazendo um carinho no animal. Maximus, oferecido, fica todo eufórico. Dona Emma, por outro lado, não se contenta só com um carinho, pois, sem pedir, o pega nos braços e o abraça contra o corpo.

— Oh, meu Deus, que coisa linda — fica murmurando, deixando vários beijos em todo o cachorro.— Vai ficar com a gente, né?!

— Vai, sim — respondo, abraçando o senhor Anthony de lado como se eu fizesse isso há muito normal e fosse algo normal entre nós. — Como o senhor tá?

— Eu tô bem, querida. — Beija o topo da minha cabeça. — E você?

Suspiro, recostando minha bochecha na sua barriga pontuda.

— Bem também, na medida do possível — respondo, sorrindo para a imagem da sua esposa mimando Maximus. — Alguém gostou *muito* do novo membro da família.

Anthony ri, concordando.

— Ela é louca por cachorros. Quando morávamos na França, tínhamos pelo menos uns seis espalhados pela casa toda.

— Justificado, então. — Sorrio, me desvencilhando com cuidado.

Eros, após cumprimentar o avô com o abraço universal entre homens, passa pelo sofá, no intuito de seguir para seu quarto, mas a vó o surpreende com um chute na panturrilha.

— Não vai falar com sua vó, seu mal-educado?! — exclama, uma sobrancelha arqueada e os pés batucando no chão.

— Ah, desculpa, é que a senhora estava *tão* entretida com seu *neto* que pensei que havia me esquecido — ironiza, beijando sua testa.

— Hum — murmura, retribuindo o beijo no mesmo local e virando para me fitar, sua expressão se suavizando e um sorriso brotando nos seus lábios. — Oi, minha filha, fiquei com saudades. Por onde andou? Sabia que quase expulsei esse ingrato de casa porque apareceu sem você por dois dias? Absurdo!

Rio alto, indo até ela e grudando minha boca na sua bochecha em um beijo estalado.

— Aconteceu alguns problemas lá em casa, mas já se resolveu — conto.

— Algo grave?

— Nada com que deva se preocupar — tranquilizo, caminhando de volta para a mesa e tirando de lá os potinhos de comida e água.

Despejo a razão em um e Eros abre a geladeira para pegar água gelada, despejando no outro. Maximus abana o rabinho desesperado quando pousamos as tigelas no chão, ameaçando saltar do colo de Dona Emma se ela não o colocasse no piso pelos próximos segundos.

Mancando, ele vai farejando o chão até lá, alternando o focinho entre um e outro, decidindo o que irá consumir primeiro. É a coisa mais fofa do mundo.

— Aproveitando a situação... Por que estão vestindo assim? — Eros indaga, cruzando os braços, e aponta para as roupas, que claramente são de sair, dos avós.

— Vamos visitar um amigo do seu vô que está doente — Emma explica, ajeitando a saia longa. — Inclusive, já estamos atrasados. — Ela pega a bolsa marrom no sofá.

Troco um olhar enigmático com Eros, que, ao se dar conta de que vamos ficar sozinho, tomba a cabeça para o lado e esboça um sorriso muito, muito malicioso. Do tipo que me amolece meus joelhos e obrigam a me sustentar em algo.

Mudo o trajeto das írises para concentrá-las em Maximus comendo como se o mundo fosse acabar amanhã, extremamente quente.

Essa situação é pior do que todas, porque não estaremos sozinhos *apenas* no quarto dele ou sozinhos em um lugar público. Estaremos sozinhos na *casa* dele, o que só me faz lembrar da vez que aleguei me entregar por completo a ele quando estivéssemos no seu quarto, então... *Ai, meu Deus.*

Aproveito o momento que Eros se distrai numa conversa sobre carros com seu avô e diminuo o espaço entre Dona Emma e eu, praticamente cochichando.

— É... — Pigarreio. — Quando vocês vão voltar?

— Não sei... — Ela cutuca minha costela. — Mas prometo que vai dar tempo de fazerem suas indecências.

Um rubor escarlate sobe por minhas bochechas.

— N-não, Dona Emma...

— Relaxa, filha! É supernormal. Só tomem cuidado, viu? Embora eu queira muito um bisneto, vocês ainda são muito novinhos.

— Dona Emma! — sussurro-grito, constrangida.

Ela gargalha, encaixando a mão no meu ombro.

— Tá bom, tá bom. Mas, de qualquer forma, não se preocupem. Vamos demorar um pouco, podem ficar à vontade para fazer o que quiserem.

Não sei por qual motivo fiquei calma com essa afirmação e ligeiramente excitada.

Emma dá um soquinho nas costas do marido, avisando para irem logo, e se despedem de nós, dando tchau também para Maximus, que derramou a água toda praticamente com sua afobação. Eros segura o cachorro e pede que eu leve a caminha dele para o quarto.

Eu obedeço, um milhão de vezes mais nervosa quando entro no cômodo. Eros acomoda o cachorro na cama e levanta, passando a língua nos lábios quando crava os orbes nos meus.

— Banha comigo — pede, deslizando os dedos para a barra da minha blusa.

Minha respiração fica pesada, a mente nublada, e *negar* não parece a opção mais sensata agora.

— Melhor não — nego, me fazendo de difícil.

— Por quê? — Raspa o indicador no vão entre meus seios. Suspiro, inclinando a cabeça para o lado e permitindo que ele tenha acesso ao meu pescoço. — Você está tensa... Um banho deixaria te deixaria totalmente relaxada.

Rio do seu cinismo.

— Estou, é?

— Uhum. — Mordisca meu ombro. — Vem, linda...

Umedeço os lábios, afastando-o.

— Posso relaxar banhando sozinha, amor, não preciso de você. — Me distancio e sento na ponta da cama. — Vai lá, te espero aqui.

— Alyssa...

Nego com a cabeça de novo, cortando-o, me segurando para não rir da sua carinha desapontada.

— Estou esperando — cantarolo. — Podemos ver um filminho depois, o que acha?

— Acho péssimo — reclama, puxando a toalha do seu guarda-roupa. — Quando *quiser* tomar banho, tem uma calcinha sua na minha gaveta.

Escancaro a boca.

— Por que você tem uma calcinha minha na sua gaveta?

— Porque você deixou aqui? — ele devolve, em tom de pergunta. — Lavei.

Arregalo os olhos, engasgando com minha própria saliva.

— Você *lavou* minha calcinha?

— Não tenho nenhum problema em lavar as calcinhas da *minha* namorada — alega, deixando os sapatos na porta do banheiro e fazendo menção de entrar. — Adorei a estampa de ursinho, aliás.

— Eros! — grito, embaraçada. — Vai banhar logo.

— Estou esperando sua companhia. — Ele lança uma piscadela e entra, sem se dar ao trabalho de fechar a porta.

Sim, eu realmente estava planejando fazer companhia a ele, mas depois da menção à minha calcinha de *ursinhos* que ele *lavou,* não estou mais tão confiante.

Abaixo minha calça um pouquinho e puxo a peça íntima para cima, conferindo a estampa. Por sorte, é uma roxinha simples, nada que eu tenha do que me envergonhar.

Elevo os olhos para o espelho do banheiro, que fica à frente da porta e me concede acesso ao momento em que ele tira a camiseta e seus músculos refletem no objeto, enchendo os meus olhos com essa visão tentadora.

Eu mordo o lábio inferior.

Eu poderia me juntar a ele no banho. Eros já me viu praticamente inteira, com exceção de uma parte. Já me tocou como

não deixei ninguém fazer e, a cada novo contato, eu tenho vontade de ir um pouquinho mais longe.

Quando escuto o barulho do chuveiro sendo ligado, eu me coloco em movimento. Hesito por alguns poucos segundos à porta, mas espanto o nervosismo com toda a determinação que possuo e puxo minha blusa para cima, me livrando dos sapatos, calça e peças íntimas.

— Me deseje sorte, Maximus — sibilo em um sussurro para o cachorrinho, entrando no banheiro logo em seguida.

Eros deve ter sentido a minha presença, pois vira de frente para mim, não sendo capaz de esconder a sua surpresa ao me ver nua, despida de qualquer roupa, e parada no meio do cômodo, olhando para ele. O lugar é desprovido de box ou qualquer outra coisa que nos impeça de ter um visão direta um do outro, o que aumenta em 1000% a tensão no ar, porque assim como ele está me vendo pelada, eu também estou vendo ele, e... nossa, não sei se estou preparada para isso.

Espero meu coração tranquilizar os batimentos descompassados, o que dá a impressão de que estou esperando por algum comentário ou ação da parte de Eros. O que, de certa forma, eu estou, pois só assim serei capaz de destravar.

O único problema é que ele parece tão hipnotizado quanto eu, viajando os olhos por todo o meu corpo, desde meus seios, que ele já viu outras vezes, descendo pela minha barriga até parar na minha intimidade, seu peito subindo e descendo com uma lentidão que espelha exatamente o que estou sentindo.

— Não... não vai me convidar para entrar? — gaguejo, a voz saindo baixa.

Eros pisca, atônito, tornando a me encarar, as írises brilhando numa mistura de fascínio e paixão. Limpando a garganta, ele estende a mão para mim, e esse era o empurrãozinho de que eu precisava para me juntar a ele.

— Você não pode fazer isso comigo, Alyssa... — diz baixinho, pousando a mão na minha cintura e me puxando para perto, a água caindo em nossas cabeças.

Tento a todo custo ignorar seu membro ereto entre nós, tocando minha coxa, mas é impossível. Ofego, arranhando seu abdômen com minhas unhas recém cortadas, espalhando beijos por toda a linha do seu maxilar, pescoço, clavícula e peito, o desejo ardendo mais forte à nossa volta.

— Você me chamou para banhar — lembro. — Bem, aqui estou eu.

Eros grunhe.

— Eu não tinha dimensão do quanto te ver nua assim me deixaria louco.

Sorrio, dando de ombros, e pego o sabonete, começando a ensaboar seu corpo.

— Ninguém toma banho vestido, amor, não esperava que eu fizesse o mesmo, né? — destilo uma provocação, distribuindo a espuma por seus braços e tronco, até chegar à sua região pélvica, travessa.

Meu namorado solta um rosnado muito parecido com os que Maximus deu mais cedo, e como se não aguentasse o trabalho árduo de ter suas mãos sem nada, agarra uma embalagem de shampoo e derrama o líquido na minha cabeça, deixando escorrer em toda a extensão dos meus fios. Ele ri quando começa a derrapar para minha testa e nariz, pingando, e passa o dedo nelas, juntando tudo para cima de novo.

— Espero que esse *shampoo* não estrague o seu cabelo — diz, mergulhando os dedos no meu couro cabeludo e esfregando até formar espuma.

— É *shampoo* masculino, amor! O que você espera?

— E mesmo assim não vai protestar? — Semicerra os olhos, concentrando as massagens na minha nuca.

Emito um estalo com a língua, empurrando o corpo dele para onde a água cai, a fim de tirar o excesso de sabonete do seu corpo.

— Momentos como esse valem mais do que qualquer coisa — respondo, ensaboando, agora, seu rosto. — Sem falar que meu cabelo não vai cair por causa disso.

— E se cair?

— Aí eu mato você. — Dou meu melhor sorriso ameaçador, arrancando uma risada alta de Eros.

— Não diga coisas assim, pequena. Você toda agressiva assim me deixa com tesão. — Inverte as posições, me pondo debaixo do chuveiro.

— Mais do que já está? — Indico seu amiguinho bem acordado com o queixo.

Ele meio que ri, passando a mão no cabelo.

— É o que acontece quando você respira.

Libero uma risada anasalada, mas afetada. Não sei como reagir diante disso, não sei como dar o próximo passo.

— Estou esperando você reagir, amor. Seus avós já estão chegando, não quero...

Mas antes que eu possa concluir a minha reclamação, Eros puxa meu pescoço e encaixa nossos lábios. Ele desliza as mãos nas minhas costas até meu traseiro, agarrando-as firmes. Arfo. Arqueio as costas, implorando por mais contato, seu peitoral esmagando meus seios.

— Cama — murmura entre beijos.

— Uhum.

Passo os braços por seu pescoço, as pernas ao redor dos seus quadris, me colando por inteiro na muralha que é Eros. Um som febril reverbera em sua garganta enquanto sustenta meu peso, apertando minhas coxas. Me estico para o lado só para poder desligar o registro, sendo guiada para seu quarto — mais precisamente para sua cama.

Eros se deita sobre mim, afobado, os olhos em brasa, antes de voltar a me beijar. Minhas mãos passeiam por seu tórax, sentindo sua suavidade, os músculos poderosos, os pequenos mamilos eriçados. Ele envolve a mão em um dos meus joelhos, puxando-o para cima enquanto se encaixa entre minhas coxas, e, ah, eu o sinto em toda a sua... imponência. Um gemido rouco lhe escapa da garganta, as mãos se movendo pela minha silhueta com urgência. Seu olhar se incendeia ao observar meu corpo, um brilho lascivo que me deixa toda quente e arfando. E isso é antes de ele se abaixar para beijar meu pescoço, a base da garganta, o alto de um

dos seios. Seu nariz contorna meu mamilo antes de seus lábios se fecharem sobre ele, sugando-o. E então o morde de leve. Eu estremeço, indefesa, choramingando alguma coisa ininteligível.

Puxo-o para mim, os olhos marejados, beijando-o com fúria. Meu olhar vaga, lânguido, pelo corpo atlético completamente nu, os ombros largos pairando sobre mim, o rosto febril de desejo, o cabelo longo em total desordem. Ele tem a beleza de um anjo e a robustez de mau caminho. Eu poderia admirá-lo para sempre, mas meu corpo pulsa desesperado pelo dele. Presumo que o mesmo acontece com Eros, pois ele se move, sem jamais deixar de me beijar, e então...

Ele está dentro de mim. É como se todas as minhas partes se reunissem, completas outra vez. Como se essa fosse a parte que me faltava. À medida que nos movemos, os olhos travados um no outro, uma emoção nova cresce em meu íntimo. Eu a sinto na ponta dos dedos. No coração. Eros não está apenas dentro do meu corpo, mas do meu verdadeiro eu, da essência que preenche tudo sob minha pele. O sentimento é tão intenso, tão poderoso, que não sou capaz de contê-lo e explodo em todas as direções. Gemo alto, tentando acordar os mortos, e cravo as unhas nos ombros de Eros.

É mais que prazer, mais que desejo. É amor em sua mais crua essência.

Ofegando, Eros desaba sobre mim, seu coração pulsando errático de encontro ao meu. Encaixando os braços na minha cintura, ele nos gira até que eu fique por cima dele. Meus cabelos caem no rosto, sobre seu peito, e ele empurra as mechas para trás com delicadeza, o polegar correndo pela minha bochecha, apagando as lágrimas do êxtase que ainda escorrem.

— Isso foi...

— A melhor transa da minha vida — ele completa, seu coração acelerado batendo junto ao meu.

Dou uma risadinha cansada.

— Eu não ia dizer com *essas* palavras, mas, sim... — Tomo fôlego. — Foi incrível.

Eros beija o topo da minha cabeça.

— Você está bem?

— Muito — sussurro, meu rosto ardendo com a vontade de chorar. — Eu sinto como se... como se eu tivesse me libertado dele.

— Jura? — sussurra de volta, penteando meus cabelos com seus dedos.

Anuo.

— Não vou mentir, Eros... Foi estranho, nos primeiros segundos. Não ruim, é claro, só estranho — revelo. — Depois de tanto tempo conhecendo apenas um lado do sexo, eu não sabia que podia ser tão bom assim.

— Vai ser assim pelo resto da vida agora, minha garota — promete. — Nas próximas vezes, será excepcional.

Rio, resfolegante, e murmuro um "mal vejo a hora". Eros levanta e retira a camisinha, jogando no lixo do banheiro. Estamos cansados demais para tomarmos banho, minhas pernas estão trêmulas e mal consigo mexê-las, então Eros pega um pano molhado e limpa o líquido esbranquiçado presente em nós.

Em seguida, ele se deita ao meu lado, puxa os lençóis, e traz minha cabeça para o seu peito. Estou quase pegando no sono quando latidos baixos chegam aos nossos ouvidos.

Arregalo os olhos, lembrando só agora da presença de Maximus no quarto esse tempo todo.

— Ele estava aqui o tempo inteiro?! — praticamente grito, cobrindo meu corpo por completo com o lençol quando Eros, rindo, põe o corpo para fora da cama só para poder pegar nosso filho, acomodando-o entre nós. — Amor! Eu não acredito nisso!

Maximus, completamente alheio à nossa conversa, tenta fazer gestos de escavação com as patinhas sobre a cama, porém não consegue por conta da patinha fraturada. Desistindo de tentar, ele se enrola todo e deita com a cabecinha próxima ao meu peito.

— A culpa é sua que apareceu daquele jeito no banheiro — Eros acusa, acariciando o cachorro, que ronrona, fechando os olhinhos.

— A culpa é *sua* que estava mais focado na minha nudez! — rebato.

— "Nudez"? Que palavreado mais século um, amor — debocha, recebendo um soco no braço. — Desculpa, pequena, reconheço

que foi erro meu.

Fico impressionada, sorrindo de canto, e concordo com ele.

O silêncio se segue pelos minutos seguintes, mas em nenhum momento paramos de olhar um para o outro. Estendo minha mão e acaricio sua bochecha, apreciando até os pequenos detalhes que formam seu rosto.

— Obrigada — agradeço, quase inaudível.

— Pelo quê?

Balanço a cabeça, prendendo o lábio inferior entre os dentes.

— Por tudo... — murmuro, acompanhando o contorno dos seus lábios com o polegar. — Por ter aparecido na minha vida, por ser você.

Eros dá um sorriso preguiçoso, passando o braço por minha cintura debaixo do tecido fofinho.

— Eu que deveria agradecer por isso, pequena — diz, arqueando o corpo com dificuldade na minha direção por conta de Maximus, beijando minha testa. — Tudo tem sido tão mais fácil com você aqui, Alyssa.

Engulo em seco, porque quero muito chorar agora. Por alguma razão, estou sensível, e sempre que isso acontece, começo a lembrar de tudo o que me deixa frágil. É como uma avalanche, e agora, meus pensamentos me levam para os meus pais, para tudo o que aconteceu. A agressividade do meu padrasto comigo, os gritos, os bloqueios que desenvolvi em relação a ele, o aconchego que há tanto tempo não sinto ao seu lado. A falta que isso faz no meu peito.

Sem perceber, lágrimas grossas rolam até encontrar o travesseiro, e me sinto uma tola por isso, limpando-os rapidamente. Maximus percebe e começa a choramingar, encostando o focinho no meu pescoço, como se sentisse a minha dor.

— Ei, pequena... O que houve? — questiona, alisando meu antebraço.

— Nada. — Fungo. — É só que... Eu me sinto em casa com você — balbucio. — Com seus avós, agora com Maximus... Essa casa carrega uma paz que eu tenho tantas saudades, Eros — choro, meu peito apertando. — Quando estou com vocês, não quero nunca mais ir embora, porque a realidade que me espera quando eu

pisar os pés fora é triste, não tem nada a ver com o que vivo aqui. — Dou risada, meu nariz escorrendo. — Às vezes me pego pensando em como seria se eu vivesse aqui, *morasse.* Não faz o menor sentido, mas quanto mais eu convivo com meus pais, mais eu desejo fazer esses momentos quando estou com vocês durarem uma eternidade.

Eros escuta com a atenção enquanto me afaga, um gesto simplório, mas que surte muito em seus efeitos para me acalmar. Quando termino, ele beija a ponta do meu nariz, sussurrando:

— O que eu tenho que fazer para tornar essa casa a sua também?

Eu sorrio, pega de surpresa. É um sorriso triste, no entanto, pois sei que isso nunca vai acontecer.

— Isso nunca vai acontecer, meu amor.

— Por que não?

— Meus pais, Eros... Você sabe.

— Primeiro: não é Eros; segundo: eu entendo, e essa merda se torna ainda mais difícil quando você é menor de idade, mas... — ela faz uma pausa — podemos prolongar seus dias com a gente. Sei lá, marcar algum dia pra dormir na minha casa... — sugere, reflexivo. — E só pra constar, essa ideia de você morar comigo não dá certo *agora,* mas no futuro, pequena, pode se preparar: essa cama será a sua e iremos dormir e acordar à base de sexo.

Eu gargalho, batendo no seu peito.

— Amor...

— Não, deixa eu terminar. — Ele põe um dedo sobre meus lábios. — Todos os dias, enquanto estiver estudando, eu vou fazer massagem nos seus pés e perguntar se precisa de alguma ajuda, e mesmo negando, porque você *vai,* eu vou te ajudar do mesmo jeito. Farei suas sobremesas favoritas e a cada questão certa, ganhará um beijo como recompensa. Também vale algo mais quente, dependendo do nível do enunciado — fala e eu rio. — Depois, nós tomaremos banho juntos enquanto conversamos sobre o dia, eu lavando seu cabelo e você me ensaboando, ou vice-versa, tanto faz. Uma rodada de sexo também vale. — Rolo os orbes. — Suas coisas

estarão espalhadas em toda parte e eu vou me sentir a porra do cara mais sortudo do mundo por te ter comigo.

Abraçando Maximus, aninhando sua barriga cheinha, eu sorrio em meio ao mar de lágrimas. Tenho que parar urgentemente de chorar por tudo, mas parece que, se ele continuar a dizer essas coisas, isso não vai acontecer nunca.

— Você ainda vai me querer mesmo eu acordando toda descabelada pela manhã?

— Não vejo felicidade maior no mundo do que essa.

— Mesmo que eu bagunce todas as suas coisas?

— Também.

— E se eu der muito trabalho de madrugada? À svezes tenho problema para dormir...

— Estarei aqui, Alyssa, com você. De manhã, de tarde, de noite, até de madrugada. Quando precisar. Quero ser seu melhor amigo antes de qualquer coisa.

— Você já é — sussurro.

Ele sorri, satisfeito.

— Você também é a minha. — Beija minha boca, recebendo um olhar atravessado do seu filho. Dando risada, Eros o beija também. — E então? O que acha da ideia?

— Perfeita — digo, sem precisar pensar duas vezes. — É tudo o que eu quero.

— Morar comigo?

— E todas os benefícios disso — retruco, travessa.

E como o esperado, pontinhos brilhantes de malícia contornam suas írises, as pupilas dilatadas.

— Que tipo de benefícios? — pergunta, o timbre mais rouco e sedutor.

Dou de ombros, amassando meu cachorro com os braços, me fazendo de desentendida.

— Temos criança aqui, não posso falar sobre esse tipo de coisa.

— Pequena...

— Quero dormir — interrompo, bocejando. — Você me deixou cansada.

— Posso pôr uma venda nos olhos de Maximus e te deixar mais — oferece, arrastando as mãos por minha coxa.

As tiro de lá, balançando a cabeça em negação, realmente *morrendo* de sono.

— É sério, estou cansada. — Ajeito o travesseiro, deixando-o mais confortável. — Coloca o alarme pra tocar daqui a 2 horas — peço, doidinha para deitar no seu peito.

Obedecendo a contragosto, ele desbloqueia o aparelho. Não é minha intenção, mas sem querer vejo seu papel de parede.

É a foto que ele tirou mais cedo de Maximus no meu colo, e parece que injetaram adrenalina no meu coração para fazê-lo tão bater rápido como está batendo agora por causa de um simples *papel de parede.*

Finjo não ter visto para não o deixar constrangido, porém, ao me aconchegar em seu peito, tomando cuidado para não esmagar nosso cachorrinho, não consigo parar de pensar na beleza daquela fotografia. É como se eu estivesse me vendo pelo seu ponto de vista, como ele me enxerga.

Adormeço com um sorriso pequeno no rosto, a leveza me cobrindo como um manto quentinho, incapaz de tirar a imagem da garota sorridente e de olhos igualmente alegres da minha cabeça.

39

Alyssa Blair

Nosso descanso da tarde foi completamente interrompido antes mesmo do alarme tocar porque Maximus, em toda a sua animação de filhote, achou que seu pai era um trampolim e mesclou seus pulos aos latidos por conta de uma borboleta pequena, quieta na parede, a bons metros dele.

Mesmo morrendo de sono e parecendo que um trator havia passado por cima de mim, ri da cena icônica — Eros querendo tirar o cachorro desesperado de cima de si e Maximus afoito batendo a patinha no seu rosto como se sua vida dependesse disso.

Mais uma vez, o filhote recebeu a ameaça de ser despejado, e Eros, de ser denunciado para o Conselho de Cachorros por abandono parental — se é que isso existe.

Desistindo de tentar lutar contra Maximus, levantamos e fomos oficialmente tomar banho. O negócio quase tomou outro rumo e fomos parar de novo na cama quando Eros me encurralou, mas, por

sorte, tivemos mais consciência e iniciamos uma segunda rodada debaixo do chuveiro mesmo.

Agora, realmente estou morta, e mesmo que essa notícia me desagrade profundamente, sem sexo por, no mínimo, 1 semana.

Por falta de roupa, visto apenas a calcinha que Eros lavou e uma camisa sua, dez vezes maior que meu tamanho, e me olho no espelho, revivendo o que aconteceu há algumas horas aqui. O tecido de algodão quentinho bate nos meus joelhos, e sempre que eu lia isso em livros, achei que fosse um exagero, mas a camisa de fato dá quatro de mim.

E eu pretendo roubar dele.

Meu namorado está lá fora, no quintal, pondo os lençóis lavados no sol, aproveitando que está escaldante essa hora da tarde, assim como o colchão. Amarro meu cabelo com um dos infinitos elásticos que Eros possui e vou para a sala, Maximus me seguindo com o barulhinho das suas patas saltitando contra o piso. Ele quer deitar no sofá, então o ajudo, caminhando direto para a cozinha logo depois. Estou morrendo de fome, a última refeição que fiz foi de manhã e Russell esgotou minhas energias.

Abro as portas dos armários, usufruindo da máxima delicadeza possível para não parecer mal-educada, me colocando sobre a ponta dos pés, achando, para a minha sorte, ingredientes para fazer um bolo. Dona Emma e Anthony mandaram uma mensagem ainda há pouco se desculpando por não terem feito almoço, pois iriam almoçar fora e acabaram se esquecendo da gente. Por isso, depositaram uma quantia generosa na conta do neto para que ele pedisse almoço nesses aplicativos de Delivery.

Não é necessário conhecer Eros de longa data para saber que dinheiro é algo que ele preza e guarda com todo o amor e carinho. Então, em vez de gastar com comida, sendo que podemos fazer algo aqui para comer, ele decidiu guardar para uma ocasião futura.

Pego o chocolate em pó, manteiga, farinha de trigo, açúcar, fermento e leite, organizando tudo na bancada.

— *AMOR!* — eu grito para que Eros, do outro lado da casa, possa ouvir.

— *OI .*

— *VOCÊ GOSTA DE BOLO DE CHOCOLATE?!* — pergunto e, quase no mesmo instante, Eros aparece na porta da cozinha, nu do torso para cima, enxugando os braços com uma toalha seca. Sorrio. — Vou fazer. — Ergo o pacote de chocolate em pó.

Um sorriso cheio de ideações nada puras cresce nos lábios avermelhados e parcialmente roxos, os olhos se demorando até demais nas minhas pernas desnudas.

— Minha namorada é realmente uma cozinheira profissional? — Caminha até mim e toca minha cintura, beijando meu ombro. — Uau, que gostosa.

Reviro os olhos, rindo.

De 10 coisas que Eros fala, o "Você é gostosa" é o que predomina entre elas. E não que eu esteja reclamando — bem longe disso, na verdade —, é só que é engraçado vê-lo repetindo isso como se não aguentasse guardar todos os elogios só para si e precisasse botar para fora.

— E aí? Você gosta ou não?

Eros ri da minha desfeita à sua investida, abraçando meu corpo e deitando seu queixo no mesmo lugar que depositou o beijo.

— Não sou de comer muito, mas gosto — responde.

— Hum... — Torço o nariz. — Não gostei dessa resposta.

— Relaxa, pequena, pode fazer. — Estala um beijo na minha bochecha. — Como qualquer coisa que vier de você.

Eu arregalo os olhos ante o duplo sentido explícito da sua frase, batendo de mão aberta no seu peito com força, arrancando um gemido de dor dele.

— Você tem que parar de ser assim!

— Assim como? — indaga, massageando a região vermelha, e se aproxima, resvalando o nariz no meu pescoço. — Completamente louco por você?

Faço um biquinho, apanhando a tigela de plástico do armário e despejando os ingredientes dentro.

— Nosso filho não está aqui nem a 1 dia e já está traumatizado — murmuro.

Eros sopra uma risada.

— Já falei que a culpa foi sua que entrou pelada no banheiro, Alyssa...

— Mas você tinha a opção de ignorar! — rebato, sabendo, lá no fundo, que eu sairia totalmente frustrada se ele fizesse tal coisa.

— E deixar você toda tristinha e com tesão? — Imita o bico que faço. — Jamais, minha linda. Eu prezo pelo seu bem-estar.

Eu não queria rir, mas ele é o homem mais cara limpa que já vi, tornando o objetivo inalcançável. Eros acompanha a minha risada, ruguinhas se formando nos seus olhos. É lindo demais para ser ignorado.

Seguro seu rosto e selo nossos lábios, murmurando sobre o quanto amo seu sorriso. Em seguida, com ele ainda na minha cola, começo a pôr a mão na massa. Em cerca de minutos, a cozinha toda está uma zona de farelos brancos e marrons, manteiga manchando a madeira bege e minha vontade de jogar tudo para cima como bônus.

— Você vai fazer essa bagunça toda quantos estivermos na nossa casa? — A voz de Eros me pega de surpresa após longos minutos em silêncio.

Em vez de assentir, como alguém que já se acostumou com a ideia de morar com o amor da sua vida, eu paro por um instante e deixo um sorriso bobo escapar.

— Você falou sério quando disse que queria se casar comigo?

Sem hesitar, ele aquiesce.

— Falei, pequena. Quero muito, muito me casar com você, e olha que eu nem gosto de casamentos.

Mordo o cantinho do lábio.

Homens com perspectiva de futuro são tão atraentes.

— Eu amo a ideia de me casar com você também, só não quero nada... extravagante — digo. — Algo só nosso, com poucas pessoas.

Ele anui.

— Se você quiser se casar numa ilha ou na cidade mais badalada dos Estados Unidos, eu não me importo, desde que no fim esteja carregando uma aliança no dedo e eu possa te chamar de minha esposa.

Dou uma risadinha boba.

— A ideia da ilha é tentadora... Mas como a gente sairia de lá?

— Não sei, poderíamos procriar e criar uma mini civilização de Alyssinhas e Eroszinhos. — Pondera. — E com Maximuszinhos também.

Eu gargalho, toda apaixonada.

— Você já pensou... — titubeio por um instante — em como seriam nossos filhos?

— Lindos — sussurra, roçando as costas da mão na minha bochecha. — Quero que eles tenham seu sorriso e os seus olhos.

— Eros papai... — divago. — Nunca pensei que você fosse querer isso.

— Eu quero o que você quiser — contrapõe. — Um filho ou dois, ou nenhum, não importa. Você faz parte dos meus planos agora, minhas vontades deixaram de ser prioridade há muito tempo.

Suspiro, sem conseguir tirar o sorriso gigantesco do rosto.

— Eu senti aquela coisa do útero ficar coçando quando te vi com a Fallon — admito. — Imaginei você cuidando da nossa garotinha... Não paro de pensar nisso.

— Você quer uma menina?

— Eu quero muito. Nem é só por mim, pra ser sincera, mas porque fico pensando nos seus ciúmes em relação a ela, seu jeito super protetor de pai, suas ameaças aos pretendentes dela, suas reclamações ao fim da noite sobre como nossa bebê está crescendo rápido demais... — Exalo, sonhando acordada, literalmente. — Virou meu sonho de uma hora para outra.

Eros solta uma risada sofrida, tombando a cabeça para trás.

— Eu fico com dor de cabeça só de pensar nisso, pequena. — Nega, massageando a têmpora. — Envelhecerei antes da idade.

Sorrio, concordando.

— Eu não gostava da ideia de ter filhos até um dia desses, sabe? Quando penso no sofrimento que vou passar na hora, fico doidinha, por isso sempre tive a ideia de adotar e essas coisas — falo, dedilhando seus gominhos, descontraída. — Mas eu lembrei que... — dou risada — já passei por dores tão piores, amor, físicas e

emocionais, e saí viva. Acho que aguento essa. Pelo menos irei ter uma recompensa que vai me fazer esquecer tudo o que passei.

Não era a minha intenção, mas de repente, a atmosfera fica mais pesada. Meus olhos vagueiam pelo chão conforme Eros afaga meu braço, a respiração tensa. Ele, mesmo que eu não diga, entende o que quero dizer, sobre os tipos de dor que fui acometida.

— Quer desabafar? — sussurra, beijando minha testa.

— É estranho falar disso com você — comento baixinho.

Eros sustenta meu queixo com o dedo, levando minhas írises ao encontro das suas.

— Sou seu melhor amigo, lembra? Esse assunto pode me atormentar pra caralho, mas se é algo que está te sufocando, estou aqui. — Sorri. — Seremos aqueles raros casais que resolvem tudo na conversa. Sem brigas, sem desentendimentos desnecessários. Tenho medo demais de te perder, meu amor, nem morto quero correr esse risco simplesmente porque deixamos o orgulho falar mais alto. Quando algo te incomodar, não pense duas vezes antes de recorrer a mim. Sei que tenho essa áurea de bravo e que odeia tudo e todos, e realmente odeio — eu rio, controlando o embargo na garganta —, mas isso não se aplica a você. Muita coisa mudou desde que chegou, essa é uma delas.

Comprimo os lábios e viro um momento para colocar a massa no forno, porque sei que vou falar muito, chorar mais ainda, e estarei daqui a pouco com fome e melancólica. Feito isso, impulsiono os joelhos e me sento na parte seca da bancada.

— Ok. — Inspiro e expiro, conto até 3, e abraço meu corpo, fitando nenhum canto em específico. — Ele... ele nem sempre foi assim, agressivo, manipulador, essas coisas. Ou pelo menos eu não queria enxergar — começo, balançando os pés. — Leonardo costumava ser compreensível, me colocava pra cima, dizia palavras carinhosas, e tudo isso contribuiu para que eu ignorasse os avisos de pessoas que me disseram que ele não valia nada e essas coisas. — Respiro fundo. — Fui burra e entreguei meu primeiro beijo e minha virgindade a ele. A diferença entre os dois é que... o beijo foi perfeito, no meu entendimento da época, Leonardo foi cuidadoso e não forçou nada, mas depois... Ele mudou, simplesmente. — Um

bolo de areia se acumula na minha garganta. — Começou a me tratar com grosseria, a me humilhar na frente de amigos, a reparar demais no meu peso. Se aproveitou da minha ingenuidade e me manipulou dos piores jeitos possíveis, me fazendo acreditar que eu poderia curá-lo.

Paro um pouquinho, segurando as lágrimas, e repito o mesmo procedimento: inspirar, expirar...

— Um dia... ele ficou com bastante raiva por eu o ter corrigido numa conversa de amigos. Quando chegamos na casa dele, Leonardo estava bêbado, gritou horrores e arremessou uma garrafa de cerveja na minha direção. — Fecho os olhos e os abro depois de um segundo, mostrando para Eros a pequena cicatriz que tenho no polegar e as outras que possuo na perna. — Por sorte, desviei a tempo, então saí menos machucada do que deveria. — Eros está tremendo de ódio ao tocar nos machucados, levando meu dedo para seus lábios e beijando-o. — 2 semanas depois, resumindo tudo, eu... perdi minha virgindade com ele.

"Foi uma das piores coisas que já me aconteceram, amor. Sempre tive na cabeça a ideia de que a primeira vez deveria ser especial, o cara deveria ser cuidadoso, respeitar seu tempo, mas Leonardo me tratou como se eu fosse uma mestra nisso. — Eu rio, sentindo a primeira lágrima se derramar. — Ele não esperou eu me acostumar, não parou quando pedi, não foi com calma. E como se não pudesse piorar, Leonardo me batia com força na coxa e falava coisas obscenas com agressividade, mandando eu parar de chorar e de ser dramática. Você não tem noção de como doeu, Eros, não mesmo. — Pisco e olho para cima, cessando as lágrimas. — Quando terminou, ele me xingou por eu ter manchado ele e a colcha caríssima do seu quarto com sangue, alegando que iria se limpar e... transar com alguém melhor."

— Depois... eu fiquei lá — sussurro. — Na cama dele, olhando para o teto sem saber se estava chorando pela dor insuportável na minha coxa e no meio das pernas ou se pelo que ele tinha feito, num modo geral. Acho que pelos dois, talvez. É por esse motivo que eu não gosto de nada violento durante o sexo. Sei que você nunca iria me machucar. Que, se fizesse algo do tipo, seria com o intuito

de me dar prazer, mas eu simplesmente... não consigo. Lembro dele puxando meu cabelo, das mordidas que deixava no meu ombro, das vezes que me bateu sem nada de excitante por trás. Em todas as vezes que transamos, que foram muitas, contra a minha vontade, sangrei em 70% delas. Nunca consegui relaxar ou ficar à vontade, e ele nunca se importou.

Ainda não olhei para o rosto de Eros, por isso não posso falar sobre como sua fisionomia está reagindo a tudo o que estou contanto, mas levando em conta o subir e descer lento e pesado do seu peito, sei que está se segurando para não surtar.

— Demorei a entender que fui estuprada. Em todas elas. Mesmo que eu negasse, não quisesse pensar nisso ou diminuísse o que ele fez, nada pode mudar o fato de que nosso sexo nunca foi consensual. Sempre deixei claro por meio de palavras ou ações que estava odiando tudo aquilo, Leonardo que nunca quis ouvir. — Passo a mão no cabelo. — Nunca pensei que fosse passar por isso. Sempre li sobre relacionamentos abusivos nos livros, nos jornais, mas nunca, amor, nunca passou pela minha cabeça que eu seria vítima de um. Porque, poxa, essa não foi a vida que eu havia planejado quando criança. Eu tinha a certeza de que meu primeiro amor seria pra sempre, que caras como Leonardo nunca cruzariam o meu caminho, mas olha o que aconteceu...

— Não foi culpa sua — Eros se pronuncia pela primeira vez. — Você não tinha como saber que Carter era um filho da puta. Ele te manipulou, te fez acreditar em algo que ele não era.

— Mas se eu tivesse escutado as pessoas que...

— Não. Foi. Culpa. Sua — ele frisa, ríspido. — A culpa nunca é da vítima, você me ouviu? Nunca. Não tinha como saber se ele era alguém ruim quando se mostrava outra pessoa na sua frente. Você se apaixonou, Alyssa, e achava que era recíproco. Você não é a errada da história.

Rio sem humor.

— Dizem que pessoas famintas comem qualquer coisa. — Finalmente o encaro. — E eu estava tão faminta por alguém que me amasse, Eros... Me humilhando por amor. Quando deixei isso acontecer?

Eros dá um sorriso triste, soltando o ar pela boca, e desenha minha face com seus olhos afetuosos.

— A única coisa que sei agora é que você pode parar de nadar, pequena. Finalmente nos encontramos. Irei te recompensar por tudo o que passou e te mostrar o lado mais bonito de se amar alguém. Será assim pelo resto de nossas vidas.

— Para de querer me fazer chorar — peço, cobrindo o rosto com as mãos.

— Chore, minha linda. Ponha tudo pra fora.

— Não quero parecer fraca — balbucio. — Eu choro por tudo, dá a impressão de que não sei lidar com nada direito.

— Chorar não te faz fraca, Aly, te faz humana. É a maior prova de que ainda existe um coração batendo dentro do seu peito — diz, pousando a mão no local. — Eu daria o que fosse necessário para o meu pai ter feito apenas isso.

Acaricio sua mandíbula e beijo sua testa, demorando meus lábios ali. Ele me abraça pela cintura e deita a cabeça no meu ombro.

— Eu sinto tanto, meu amor... — Inalo o cheiro gostoso do seu cabelo. — Tenho plena convicção de que seus pais estão muito orgulhosos do filho que tiveram. Seja lá aonde eles estejam.

— Da minha futura noiva, esposa e mãe dos meus filhos também — enumera todos os meus futuros títulos, se desvencilhando um pouco para me olhar nos olhos. — Mon Dieu, acho que vou começar a te chamar de esposa antes do tempo.

Gargalho.

— Por quê? Gostou?

— Porra, pra caralho. — Passa a língua nos lábios. — Minha esposa... — ressoa para si mesmo. — Cacete, acho que estou apaixonado por uma palavra.

Nem me f ale.

— Calma aí, garotão. — Rio alto. — Ainda temos um longo caminho até esse dia chegar.

Ele bufa, descontente, e pega minha mão esquerda, olhando para o dedo anelar.

— Espero que até lá eu tenha condições de comprar uma aliança digna pra você — murmura, um pouco triste. — Que merda! Por que eu não nasci rico?

Nego com a cabeça, erguendo seu queixo e plantando um selinho casto na sua boca.

— Eu me casaria com você até usando alianças de papel, meu amor — sussurro, com um sorriso, sabendo que ele pegou a referência.

— Igual aquela música da Taylor Swift? — Sorri pequeno.

— Hum... Bem que Bradley disse que você está todo *swif tie*.

— Dessa vez a culpa é realmente sua — afirma, me fazendo rir.

— Tudo bem, eu levo a culpa dessa vez. — Desço da bancada e olho o horário no relógio, localizado na parede, guiando-o para o sofá. — Vamos começar alguma série? — pergunto, sentando no lado que Maximus deixou vazio para se deitar no colo do meu namorado. — Vi que lançou uma muito boa ontem.

Eros faz que sim e me puxa para seu peito, ignorando os rosnados nada discretos do cachorro, que olha para nosso aconchego e parece nos fuzilar com os grandes orbes pretos.

— Acho melhor você não falar nada, filho. Sua relação com seu pai tá meio estreita — digo baixinho para ele, afagando a parte de trás da sua orelha.

Eros ri e me entrega o controle.

— Bom deixar avisado mesmo. Mais uma tentativa de roubar minha mulher e eu entrego ele pra primeira pessoa que eu vir na rua.

Dou uma gargalhada, socando seu ombro.

Eu, ele e nosso filho canino. Juntos como se fôssemos três partes de um coração, sentados na frente da TV enquanto uma série qualquer se desenrola na tela. O sentimento verdadeiro palpável entre nós.

Fica difícil não pensar em como Deus foi caprichoso na hora de atender ao meu pedido.

40

Alyssa Blair

Mais tarde, recebi uma mensagem de Brooks me convidando para ir em mais uma festa de Bryce. Meu primeiro instinto foi negar, porém ele tem sido tão legal com Eros e, consequentemente, comigo, que não vi outra saída a não ser aceitar e convencer Eros a ir comigo, persuadindo-o com a informação de que Bradley também irá.

Falei a ela que, entretanto, não tinha nenhuma roupa para sair, devido ao fato de que estou na casa de Eros, e ela logo tratou de pedir o endereço da sua casa para vir se arrumar comigo.

E, bom, agora estamos aqui, no quarto dele, enquanto Bradley e Eros estão lá na sala conversando sobre algo relacionado à viagem que farão amanhã de manhã para Filadélfia.

Assim que Brooks entra no quarto, seus olhos, como se tivessem algum tipo de radar quando o assunto é sexo, miram na embalagem de camisinha rasgada no chão.

Me preparo para o grito.

— *PUTA MERDA!* — berra. — *VOCÊ DEU?!*

Bato no seu braço, vermelha de vergonha por saber que os garotos devem ter escutado.

— Fala baixo! — sussurro-grito. — E, sim, eu *dei*.

Ela bate palminhas e dá pulinhos, mandando eu tirar minha roupa e colocando uma seleção de vestidos e trajes de festa alinhados na cama.

— Me conta tudo — ordena. — Cada mínimo detalhe. Cada coisinha. Cada palavra.

— Não exagera! — Sorrio. — Só posso dizer que foi incrível.

— Só?! — grita, indignada, jogando a última peça de roupa na cama. — Assim não vale, Alyssa! Eu te conto tudo sobre o que acontece entre mim e Bradley...

— Não posso fazer nada se você adora falar sobre sua vida sexual meio perturbada por aí... — canto, pegando um *cropped* xadrez vermelho e uma saia de couro preta. — Uau, que bonito.

— "Perturbada" coisa nenhuma! Muito gostosa, isso sim — intervém. — Gostou desses?

— Gostei — falo, pegando-as e colocando à frente do meu corpo, virando para o espelho. — Não acha que a saia tá muito curta? Acho que não combina comigo...

— Ah, nem vem! — Brooks toma as roupas das minhas mãos e as tira do cabide, tirando da sua bolsa uma bota camurça da mesma cor da saia. — Vai ficar uma grande gostosa, isso sim. Eros que lute com os olhares que você vai receber

Mordo o cantinho do lábio inferior.

— Posso me trocar, então?

— Pode! — Pega maquiagens da bolsa e põe em cima da cômoda de Eros. — Vou pensar em alguma maquiagem que combine com você.

— Nada muito exagerado — a lembro.

— Eu sei, eu sei. — Me dispensa com a mão. — Se troca logo, quero ver.

Faço o que manda, na sua frente mesmo. Começo primeiro pelo *cropped*, vou para a saia e, em seguida, para as botas. Terminando,

arrumo meu cabelo e... não me olho no espelho. Brooks entende, e mesmo insatisfeita, não diz nada.

Nem parece que sou eu, sendo sincera, mas estou sinceramente muito linda.

— Que gataaaaaaa — Brooks entoa, dando um tapinha fraco na minha bunda. — Se você não estivesse namorando Eros e eu não estivesse louquinha pelo Bradley, fugiria com você para bem longe.

Sorrio e dou uma voltinha.

— É, acho que sim.

Brooks esboça um sorriso largo.

— É assim que se fala, garota! Agora senta essa bundinha na cama do seu homem que eu vou te maquiar.

Animada, sento na ponta do colchão e elevo o rosto na direção de Brooks, que tira não sei quantos pincéis e potes com diferentes cores da *necessaire*, escolhendo o que usar. Não sei muito sobre maquiagem, tenho preguiça e não sirvo para essas coisas, mas confio nela. Brooks é excelente nisso e conhece meus gostos.

Me iludo ao achar que Brooks esqueceu da história de eu ter "dado" para Eros, pois, no meio do processo, metade do meu rosto pronto, ela lança novamente a pergunta, e eu me vejo obrigada a contar a ela tudo — até as frases que Eros soltou na hora e como me senti. Sou taxada de safada umas 20 vezes e meus ouvidos quase estouram com os gritos que ela dá.

Assim que termina, caminho novamente para o espelho e... nossa, eu sabia que a sensação de gostar do que se vê seria maravilhosa. Indescritível. Não há espaço para falas negativas na minha mente, tudo o que consigo ouvir é minha própria voz dizendo o quão deslumbrante estou.

Brooks me abraça por trás, sorrindo para mim através do espelho.

— Muito maravilhoso ter uma amiga linda dessas, sabe?

Rio baixinho, observando seu look também. Ela está trajando um vestido vermelho — sua cor favorita — bem colado que realça suas curvas, uma gargantilha preta com uma pedrinha pendendo do acessório e botas de cano alto, os cachos soltos em ondas. Sem falar do brilho espalhado por toda a pele negra, que Brooks comprou

especificamente para usar em festas e ser, no sentido literal, o centro das atenções.

Entretanto, ela já consegue isso sem precisar de brilho artificial algum.

— Você também está linda, amiga — elogio.

— Obrigada! — Joga os cabelos para trás e abre a porta do quarto. — Posso chamar o Eros?

Repentinamente, minhas mãos suam de excitação, porém forço minha cabeça a assentir. Arrumo o cabelo o máximo de vezes que consigo em um tempo de 10 segundos, entre o momento que Brooks sai e o momento que ouço as pisadas firmes de Eros entrando no quarto, e boto um sorriso que espero camuflar meu nervosismo aparente.

Ao adentrar, seus olhos vão diretamente para mim. Noto que sua respiração, assim como a minha, falha. Sua boca está parcialmente entreaberta ao correr as írises por minhas pernas até chegar no meu rosto, em mais puro êxtase e admiração. Brooks faz um "legal" com a mão atrás dele, sai do quarto e fecha a porta, deixando nós dois sozinhos.

Eros expele o ar preso em seus pulmões pela boca, mergulhando os dedos longos nos cabelos e totalmente hipnotizado. Solto uma risadinha sem graça, ajeitando a saia justa, bem acima do meio das minhas coxas.

— Hum... Gostou? — É uma pergunta retórica, porque pela cara que faz, é óbvio a resposta.

— Alyssa... — sopra, diminuindo o espaço entre nós. — Ser um filho da puta rendido por você está fazendo muito mal ao meu coração.

Pouso as mãos no seu peitoral e beijo sua boca, sujando-a de batom vermelho, um sorriso grande moldando meus lábios.

— Estou me sentindo muito bem também. — Suspiro. — Podemos ir?

— Deixa eu te admirar só mais um pouquinho... — murmura, afundando o rosto no meu ombro, indo para o meu pescoço, voltando de novo para meu ombro, roçando o nariz por todo o ligamento. — Cacete... Você é tão linda, pequena. Tão, tão linda...

Ele pode repetir essas palavras quantas vezes quiser, mas meu coração sempre vai pular e eu sempre vou ficar bestinha como se fosse a primeira vez. Não tem como.

— Não está me bajulando assim na intenção de conseguir outras coisas, não, né? — brinco, cutucando seu braço.

— Como adivinhou?! Pensei que você fosse aceitar fazer uma maratona ininterrupta de sexo a madrugada toda — resmunga, me arrancando uma gargalhada alta.

— Não sei, vou pensar. Depende do meu nível de cansaço.

— Então é melhor ficarmos em casa e você ficar beeem descansada.

— Claro que não! Por incrível que pareça, quero me divertir. — Rio da sua cara emburrada. — Mandei uma mensagem pra minha mãe falando que você vai viajar amanhã de manhã e que eu queria acompanhá-lo no aeroporto. Louco, mas ela deixou.

— Uh. — Ele ergue uma sobrancelha, surpreso. — Parece que meu discurso fez efeito.

— Sim! Graças a Deus, porque eu não quero voltar pra casa hoje.

Eros me encara com malícia e puxa minha cintura, e sem querer eu sinto um negócio bem proeminente tocar meu baixo-ventre.

— Então aquele negócio da madrugada...

— Não sei! — corto, dando risada, e lhe empurro. — Sabe o que é ficar meses sem qualquer tipo de contato sexual e depois fazer isso por duas vezes no mesmo dia?

— Sei.

— Oh. — Sua resposta me pega de surpresa. — Beleza, mas mulheres são mais propícias a ficarem cansadas.

Ele rola os olhos, contudo, concorda com a cabeça.

— Tudo bem, tudo bem. — Levanta as mãos em rendição. — Se quiser só dormir de conchinha, eu também aceito.

É muito bom ter duas opções, mas tenho quase certeza de que não irei escolher a segunda.

— Sua vó disse que já estão chegando — aviso, desligando a luz e saindo do quarto. Me agacho ao lado de Maximus e confiro se

tem água e comida postas para ele. — Meu amor, mamãe vai sair com o papai, tá bom? Daqui a pouco nós voltamos.

Eros faz o mesmo, pegando o cachorrinho no colo e enchendo ele de beijos. Bradley tem um brilho divertido no olhar, tal como Brooks, que não para de sorrir.

— Tchau, garotão, até daqui a pouco. — Outro beijo. — Cuida da casa pra gente, tá bom?

Maximus late, e entendemos isso como uma resposta. Deixando-o de novo na sua caminha, nos despedimos e saímos de casa, rumando para o carro de Bradley. A viagem inteira à casa de Bryce é preenchida por músicas *pop's* e com uma boa dose de Shawn Mendes e James Arthur, os terrores dos fãs de rock que estamos nos envolvendo.

Os pombinhos à nossa frente, umas duas ou três vezes, esqueceram que estavam com outras pessoas os acompanhando e, no caso de Bradley, subiu as mãozinhas travessas para debaixo do vestido de Brooks, da qual levou as mesmas para as partes íntimas dele.

Mas nada que um bom tapa na cabeça de cada um não tenha resolvido.



A casa de Bryce é enorme, muito mais do que achei que seria. Com, no mínimo, três andares, ele ainda possui duas piscinas gigantescas — uma em cada lado —, área de festas, campo de futebol, um lugar específico para fazer churrasco aos fins de semana e uma ala inteira de brinquedos para seus irmãos pequenos, imagino.

Quase todo mundo está reunido dentro da casa, apenas algumas poucas pessoas estão com roupa de banho na piscina e cometendo todo o tipo de coisa errada lá. O cheiro de maconha, e até mesmo cocaína, exala forte em cada centímetro do ambiente, me causando fortes náuseas, assim como as luzes estroboscópicas e coloridas.

Estou tentando me convencer de que não foi uma péssima ideia ter vindo aqui.

Eros, em um gesto protetor, passa o braço ao redor da minha cintura conforme nos espremememos no meio da multidão, e me sinto mais segura com o ato. À porta da casa, onde o pequeno inferninho está maior, um cara alto com um copo de bebida na mão e a fala meio estranha bloqueia nossa passagem. Mesmo nos vendo, ele não sai do lugar, se fazendo de desentendido.

— Oi, você pode nos dar licença, por favor? — questiono, ganhando sua atenção.

Ganhando sua atenção é uma frase um pouco forte, na verdade, pois tudo o que o cara faz é me medir com os olhos, dar um riso de desdém, entornar o resto da bebida e voltar a conversar com outra garota como se nada tivesse acontecido.

Pessoas mal-educadas têm um cantinho reservado só para elas na minha lista negra.

— Moço, eu pedi pra...

— Ficou surdo, porra? Não ouviu que ela quer passar?! — Eros esbraveja, irritado.

O garoto se exalta com a explosão repentina, virando para dar rosto ao dono da voz furiosa. Quando vê que é Russell, ele arregala os olhos e, sem dar um pio, dá espaço para passarmos.

Homens e seus privilégios.

Antes que eu tenha a chance de agradecer e entrar no local, Eros segura minha cintura e me para no mesmo lugar.

— Peça desculpas — meu namorado diz ao loiro.

— Quê? — indaga, confuso.

— Peça desculpas a ela — ele repete, sem um pingo de paciência.

— Eros, não precisa... — tento intervir assim que percebo o que ele está fazendo.

— Isso aí, cara, o que eu fiz de errado? Não precisa disso.

Hum... Eros está pertinho de transformar essa festa em um espetáculo de carnificina, e isso fica perceptível quando o aperto na minha cintura fica mais forte.

— Ela pediu a você com toda a educação que nos desse licença e você simplesmente ignorou. Peça. Desculpas — ladra.

Olho para trás, procurando por Brooks e Bradley, e os encontro conversando perto da piscina, as mãos do homem parecendo incapazes de se manterem longes dela, um sorriso constante moldando os lábios de ambos.

Escuto a lufada longa de ar que o rapaz à nossa frente solta ao me encarar. Faço de tudo para não me encolher diante o desprezo presente no seu semblante.

— Desculpa — ele fala tão rápido, baixo e de má vontade que não tenho certeza de que ouvi.

— Oi? Não entendi o que disse.

É, essa pergunta veio de mim. Estou me sentindo um pouco ousada por saber que ele não fará nada comigo, então quero aproveitar disso.

O loiro bufa, apertando o copo de garrafa com força nas mãos.

— Pedi desculpas — diz, um pouco, bem pouco, mais alto.

— Pelo quê? — insisto, tirando bravura do além para continuar sustentando meu olhar no dele, mesmo que todos os meus instintos gritem para eu me afastar.

— Por ter te ignorado — finalmente completa, abaixando os olhos ao chão, procurando ser discreto para que eu não veja a vergonha estampada no seu rosto.

— Bom. — Sorrio, puxando Eros para dentro. — Educação seletiva não é legal, ok? O mesmo tratamento que você dá para homens, comece a dar para mulheres também.

O garoto não expressa nenhuma reação, apenas sai para a área ao ar livre e joga o copinho no lixo. *Ok, pelo menos respeito ao meio-ambiente ele tem.*

Sou surpreendida ao ser virada de súbito para Eros, que cola nossos corpos e abre um sorriso enorme, me obrigando a encaixar minhas mãos nos seus ombros.

— Eu sou fã número 1 da mulher mais foda que já pisou nessa terra. — Me beija demoradamente. — Aonde eu consigo um autógrafo?

Gargalho alto do seu exagero, atraindo mais olhares para mim, para nós, do que eu queria.

— Como você é exagerado, amor. — Emito um estalo com a língua.

— Não resuma os sentimentos de um caro louco por sua namorada a um mero exagero, por favor. — Faz um biquinho inconsciente e beijável com os lábios. — Falando nisso, cadê o Bryce?

— Estávamos falando do Bryce?

— Não, mas cadê ele?

— Por que você quer saber aonde ele está?

— Porque ele foi quem nos chamou aqui!

— Nunca fui disso, mas até eu sei que o anfitrião não é obrigado a receber os convidados nesse tipo de festas. — Cerro os olhos. — Tem algo a me contar, Russell?

Agora é ele que está com os olhos semicerrados na minha direção.

— Ah, me erra, Alyssa! — Cruza os braços. — Não somos amigos e nem gosto dele, tá legal? É só que é uma falta de educação do caralho o proprietário da casa sumir assim.

— Falando de mim?

— Puta merda! — Eros se sobressalta de susto ao ouvir a voz de Bryce logo atrás de si, quase escorregando nos próprios pés. — Qual é a porra do seu problema?! — grita.

Bryce ri e dá de ombros, bebendo o resto de álcool que faltava no copo de plástico e limpando os cantos da boca com as costas das mãos.

— Quem era que estava falando mal dos amiguinhos pelas costas, hein?

— Você não é meu amiguinho! — Eros contesta, irritado.

— Não?! — Bryce franze o cenho. — E naquele...

— Foi um surto — Eros é lacônico e fecha a cara.

Bryce sorri, encaixando a mão no ombro do meu namorado e levando um tapa na mesma.

— Eu sei que me ama, Camargo...

— "Camargo"? — eu não aguento e me intrometo na conversa acalorada dos dois, rindo. — De onde veio isso?

— Sei lá! Esse filho da puta que não tem nada melhor pra fazer e fica atormentando a vida dos outros — Eros resmunga, entortando a boca.

Bryce clareia a garganta, cumprimentando rapidamente o cara que passa por ele.

— Eu não sabia o nome do meio dele. "Camargo" foi a primeira coisa que veio. O apelido pegou — explica, risonho. — Você está linda, Aly, essa saia valorizou muito suas pern... — Antes que Bryce tenha a chance de completar sua fala, Eros desfere um soco muito bem dado na sua barriga. — *EU VOU VOMI TAR ESSA CERVEJ A EM CI MA DE VOCÊ, FI L HO DA PU T*.

Eu não deveria rir ou achar graça da situação, não mesmo, mas é impossível segurar a gargalhada que rasga minha garganta, sabendo de todo o contexto por trás da ação de Eros.

Pandora aparece alguns segundos depois, os olhos meio arregalados assim que observa Bryce curvado, com os braços envolvendo a barriga.

— O que aconteceu aqui? — pergunta.

— Esse pinscher raivoso que tem uns neurônios faltando — ele acusa, voltando à sua forma normal com dificuldade. — Se eu te pego na esquina, Camargo... Faço picadinho das suas partes.

— Experimenta. — Eros cruza os braços.

— Ai, meu Deus, vocês parecem duas crianças! — reclamo, longe de estar incomodada. — Por que simplesmente não fazem as pazes?

— Não quero fazer as pazes com ele — Eros resmunga.

— Infantil — Bryce acusa, passando a mão no cabelo. — Vou atrás de alguma distração que eu ganho mais, seu insuportável.

— Já vai tarde — meu namorado diz, recebendo o dedo do meio de Bryce como resposta.

Dessa forma, ele passa por Pandora e vai para o outro lado, sem ao menos olhar para ela, deixando-a plantada no mesmo lugar que estava. Seu rosto enrubesce e é perceptível a decepção nele.

Com um suspiro triste, ela me encara brevemente e dá de ombros, se perdendo na multidão.

— Pensei que Bryce a tivesse perdoado pelo que fez — comento com Eros, pensativa.

— Eu também, mas, cara... foi pesado o que ela fez — fala, sereno, seu tom livre de qualquer julgamento. — Não sei como eu me sentiria se te visse transando com outro homem enquanto passamos tanto tempo juntos, mesmo que não tivéssemos nada firmado.

— É — concordo. — Entendo Bryce por não querer conversar com ela agora. Foi muito recente e ele com certeza está magoado.

— Nem me fala — sussurra, girando seu corpo para mim. — Quer beber alguma coisa?

Eu aceito, pegando sua mão e acompanhando-o até o bar.

41

Alyssa Blair

Uma hora depois, ainda não consegui me enturmar totalmente nesse lugar. E nem Eros, pelo visto. Vejo as pessoas dançando ao ritmo de músicas sensuais e me pego pensando que não sei ser sexy como elas. Olho para o lado e vejo Brooks mostrando exatamente o contrário, com o corpo colado ao de Bradley e descendo até o chão sem fazer esforço.

Quer dizer, não há muito o que se esperar de uma pessoa que está bebendo água em vez de bebida alcoólica.

Franzo os lábios, sentindo o suor escorrer por dentro do *cropped*, o ar quente causado pela quantidade de corpos se movendo para lá e para cá em um lugar que se tornou particularmente pequeno para comportar tanta gente. Noto que Eros não está desconfortável como eu estou, por estar acostumado com o clima de festas da sua banda, que não deve ser muito diferente disso aqui. Porém, também noto que não está à vontade, segurando o copo vazio nas mãos e o braço ainda me prendendo contra ele.

Ok, talvez seja hora de ir embora.

— Amor. — Eu me viro para ele. — Vamos embora?

Eros anui sem titubear, colocando o copo no balcão que está sustentado.

— Estava esperando o momento que iria pedir — diz. — Acho que não sirvo mais pra isso.

— Virou um novo homem? — provoco.

— Sem dúvidas — admite, começando a caminhar para a saída.

Eu o sigo, mas antes de pisarmos na parte exterior, uma forte luz se projeta ao nosso lado, na parede, e todos viram para saber do que se trata.

Paraliso quando Leonardo, trôpego devido às doses de bebidas, sobe no pequeno palco e rouba o lugar do *DJ*, pegando seu microfone. Atrás dele, uma grande tela é exibida na parede, de um projetor, é óbvio. Assim que olho para cima, posso ver o homem segurando o objeto no ombro.

O aperto de Eros na minha mão fica rígido e seu corpo se empertiga. Meus músculos estão tensos, mal se movem. E o pânico aumenta quando seus olhos escuros e sombrios me encontram no meio da multidão.

— Por favor, não vão embora... agora. — Suas palavras ficam emboladas. — Tenho uma coisa para mostrar a vocês. Alex, dê o *play.*

Sem mais delongas, seu parceiro obedece à ordem.

Um vídeo começa a ser reproduzido.

E o terror me prende a si quando vejo meu rosto na tela.

Meu coração zune alto nos ouvidos, meu corpo começa a produzir um número elevado de suor frio que ultrapassa o normal. Não consigo respirar, estou tonta, lágrimas formam uma poça nos meus olhos quando conversas de Leonardo com seus amigos são mostradas. Todas falando sobre mim.

A palito.

A magrela.

“Você a viu ontem? Puta merda! Tá parecendo o *Slenderman* de tão magra!”, o amigo de Leonardo diz e ele concorda.

”Ela acha mesmo que alguém vai querer ela.” Leonardo gargalha. “A coitada não tem nem carne, deveria se sentir sortuda por eu estar dando bola a ela.”

As pessoas ao meu redor começam a rir, a apontarem os dedos. Algumas concordam, outras vão embora. Nunca senti uma pressão tão forte contra meu peito, nunca senti tanta vontade de morrer.

“Vamos fazer uma aposta?”, o amigo sugere. “Tire a virgindade dela, em troca te dou três mil reais.”

Eu desabo.

De uma hora para a outra, não estou mais segurando as mãos de Eros. Estou no chão, assombrada, sem acreditar no que estou ouvindo, no que estou vendo. Meu corpo treme violentamente. Tento puxar o ar, mas não consigo. Meus olhos estão arregalados, uma única voz se reiterando na minha cabeça.

Porra, vai ser f ácil.

Eu vou f oder aquela santinha e abandoná-la depois.

Nojenta do caralho, odeio aquele grude.

A idiota acha que alguém vai amá-la de verdade.

Até aquela Brooks, amiga dela, tem mais peito e bunda que a Alyssa, caralho. O que você acha de pegá-la depois?

Ouço burburinhos, risadas. Sinto os olhares de todos sobre mim. É como se o peso do mundo estivesse inteiro nas minhas costas, me obrigando a ficar curvada.

Até quando eu vou ter que conviver com isso? Até quando ele irá me perseguir? Terei que viver dessa forma para sempre, com medo, assustada, evitando-o em todos os lugares? Até quando terei que escutar suas ofensas? Meu Deus... Isso não é vida.

Eu fui uma aposta.

Leonardo... tirou algo que zelei por tanto tempo em troca de dinheiro.

Envolvo meu corpo com os braços, como se isso pudesse me proteger de alguma maneira. Cada poro, cada célula, cada átomo tremendo em pavor quando sua voz retorna à minha mente, quando sinto sua mão me tocando, seus lábios asquerosos me engolindo. É como um soco, saber que me entreguei a ele dessa maneira, me sacrifiquei por ele, aguentei tanto por ele, para nada.

Meu coração dói com uma dor tão intensa que eu ao menos percebo quando estou de pé, sendo sustentada por Brooks. Estou perdida. Miro os lados e enxergo, embaçado, várias pessoas aglomeradas. Acho que escuto gritos, mas não tenho certeza. Minha mente não está aqui.

— Alyssa? — É a voz da minha amiga. — Alyssa, você está bem?

— Uhum... — digo arrastado, me desvencilhando dela, tropeçando nos meus próprios pés enquanto caminho sem rumo.

— Aonde você vai? — Brooks tenta me alcançar, mas eu me afasto.

— Não... não s... sei — sussurro, levantando os olhos e piscando várias vezes para focalizar a visão. Quando consigo, não tenho convicção do que estou vendo. — O qu...

O punho de Eros quase não é visto, apenas é possível enxergar o vulto de quando ergue o braço para trás e o impulsiona com força no rosto de Leonardo, de cima do palco. O sangue mancha a mão do meu namorado, e não sei dizer se é do rosto em carne viva de Leonardo ou dos nós dos seus dedos que se cortam a cada golpe por conta dos anéis.

Meu corpo inteiro se torna gelatina. Meus ossos não têm força o suficiente para me suportar de pé. Estão todos tão chocados que, embora tenham se aproximado, não fazem nada para impedir o que está acontecendo. Leonardo tenta revidar alguns golpes, mas nenhum chega a acertar Eros. Ele é rápido demais, e com a fúria que o segue, duvido que algo o faria parar. É apavorante. O ódio aumenta e os socos se tornam mais pesados a cada vez que Leonardo tenta revidar, como se ele não tivesse direito de sequer pensar em se defender.

Eros parece um animal ferido, não há nada além de cólera e furor em cada movimento do seu corpo. Ele treme como se uma descarga elétrica estivesse passando por todas as veias de seu interior. Olho a cena completamente estática. Nunca pensei vê-lo assim, tão fora de si. É como se Eros não visse nada além de Leonardo em sua frente, como se nada pudesse impedi-lo de terminar o serviço que começou.

— Para, para, para, por favor! — Leonardo grita, cobrindo o rosto com os braços. — Alguém faz alguma coisa!

Eros solta a risada mais sombria que o já vi dar em todos os meses que passamos juntos. Bile sobe à minha garganta, amarga. Ele sai de cima de Leonardo, arranca os braços dele de onde estão e estica um para o lado. O urro de dor que Leonardo libera quando Eros pisa em cima dos seus dedos com as pontas pontiagudas da bota revira meu estômago. Todos soltam um ofego de surpresa, alguns até mesmo tapam os olhos para não verem.

— *PARA!* — grita, se debatendo, e tenho um déjà-vu com a cena. — Por favor, para!

À essa altura, não existem mais músicas, barulhos ou qualquer outra coisa que atrapalhe os meus ouvidos de captarem o barulho de ossos quebrando quando Eros pressiona com mais força.

— Como é implorar e não ser ouvido, Carter? — ele ronrona como um animal rondando sua presa. — Está gostando de ter uma parte sua retirada de si à força? Qual é a sensação?

Leonardo começa a chorar, rugindo de dor. Sempre que se empenha para tirar os dedos debaixo do calçado de Eros, piora, porque mais ossos são atingidos.

— P-para... — diz, com dificuldade. — P-por favor..

— Ah, cacete... — Eros sorri. — Só quando você pedir perdão, porra. — Eu tenho um vislumbre de quando ele arrasta o corpo do garoto para fora do palco, porém não estou mais no mesmo lugar para presenciar o resto da cena.

Sumo da vista de Brooks, de todos, e caminho para fora vagarosamente. É como andar sobre uma esteira, meus pés colidem contra o piso, as rochas, mas não sinto o relevo conforme ando.

Estou cansada.

Estou exausta.

Disso, de tudo.

Eros larga Leonardo e vem atrás de mim, mas antes que ele chegue perto, eu o afasto, brusca. De canto, fito Brooks acertando as bolas de Leonardo com a ponta da bota, xingando os piores nomes na sua cara enquanto ele se contorce de dor.

Mais uma vez, meu namorado tenta me alcançar. Sem dar-lhe a chance de conseguir o que quer, pego o primeiro táxi estacionado logo à frente da casa de Bryce, cometendo o maior erro do mundo ao olhar para trás, enxergando o garoto parado, os braços pendendo ao lado do corpo ao observar o carro dar partida.

Quando chego em casa, todos os cômodos em pleno silêncio, caminho em direção ao meu quarto, devagar, minha cabeça pesando cada vez mais à medida que lembro das palavras, dos insultos, das risadas. Estou toda dolorida, machucada, só quero deitar e permitir que o sono me embale.

Mas, dessa vez, não tenho para onde recorrer. *Não quero* ter que recorrer a alguém. Enquanto eu estiver acordada, enquanto minha mente estiver trabalhando, eu vou sofrer, vou recordar, e isso é o que eu menos quero nesse momento.

Me ajoelho ao lado da cama e pego meu frasco de remédios. Sento na pontinha da cama, abrindo a embalagem e despejando dois comprimidos na palma, engolindo de uma vez. Uso o copo d'água quente na minha escrivaninha para ajudar a descer.

Espero.

Espero.

Espero.

O sono não vem, nem algo parecido.

Continuo acordada, continuo pensando.

Despejo mais quatro na boca.

Nada acontece.

Esse remédio não foi feito para dormir, para ajudar na insônia? Por que está demorando tanto?

Começo a ler a bula, os dedos tremendo pela ansiedade, à procura do tempo que o remédio leva para fazer efeito.

Malditos 15 minutos.

É tempo de mais, minutos de mais. Não quero me manter acordada por mais 15 minutos. Sabe-se lá o que *pode* acontecer com a minha mente em 15 minutos.

Não meço quantos comprimidos tomo, apenas derramo uma quantidade considerável nas minhas mãos e enfio na boca. Foram

muitos, considerando minha garganta rasgando com a passagem deles, mesmo depois de beber água.

Agora sim.

Tiro meus sapatos e me enrolo nos lençóis, deitando minha cabeça no travesseiro e esperando o sono vir. Tamborilo os dedos na colcha, aguardando. Bato na minha têmpora com o punho quando a voz de Leonardo invade minha cabeça, suas palavras me apunhalando como uma espada afiada.

Percebo que algo de errado está acontecendo comigo quando não os olhos coçando vêm, mas sim uma falta súbita de oxigênio. Não consigo respirar, mesmo que eu tente, puxando o ar com o nariz e com a boca. Atormentada, levanto, indo cambaleante ao banheiro. Uma dor irradia no meu peito, maior do que aquela causada por pessoas reais. Um machado parece estar açoitando-o sem piedade.

Entro no ambiente úmido, procurando por algo que possa fazer isso parar, porém mal consigo erguer os braços quando ambos começam a formigar, intensos e incômodos. Meu coração está palpitando errático, como vários cavalos em uma corrida.

Estou desesperada com o que isso pode significar. Lágrimas pesadas escorrem dos meus olhos pelo medo, e elas aumentam quando falho em me sustentar de pé, colidindo com tudo contra a parede fria e deslizando ao chão.

Não, não, não, não, meu Deus, por f avor, não é isso o que eu quero.

A dor se torna mais acentuada, extensiva, passando por todos os meus membros. Não tenho forças para ficar de pé. Minhas articulações estão paralisadas, impedindo que eu me mexa.

Por que só esperamos a morte chegar para perceber que nunca desejamos, de fato, isso? Eu sempre quis acabar com aquela parte que ficava magoada, que sentia de mais, mas *nunca* quis acabar com a minha vida. Nesses últimos dias eu percebi que tenho muito ainda a conquistar, a fazer.

Ficar bem com os meus pais.

Lançar meu próprio livro.

Tirar mais notas boas naquela matéria que não vou bem.

Me formar.

Casar com ele, ter filhos com ele, ter a nossa família.

Nossa… eu quero tantas coisas.

E todas elas não irão passar de meros desejos, penso ao sentir meu corpo amolecer, fraco.

Eu quero passar o resto da minha vida com você, pequena.

A falta de ar embaralha meus pensamentos, iniciando o desligamento lento do meu cérebro.

Ah, meu amor… Era tudo o que eu mais queria também, mas não será possí vel.

E eu te peço perdão.

Espero que um dia encontre outra pessoa que f açaseu coração bater como eu um dia f iz.

Você f oi a parte mais linda dos meus dias, e eu te amo daqui até lua, obrigada por tudo.

Essas são as últimas palavras que ressoam antes do meu corpo cair contra o chão.

Antes de tudo ficar escuro.

42

Eros Russel

Alyssa entra no primeiro táxi que vê e some do meu campo de vista, com uma postura cansada e rígida ao se dirigir à saída da mansão que eu desejaria nunca ter visto. Para qualquer um, até para aqueles que nunca trocaram uma palavra com ela, é notório a exaustão dominando cada pedacinho da minha namorada.

É por isso que não insisti para acompanhá-la, embora tudo grite para que eu vá, insista, mas Alyssa precisa de espaço, droga. A última coisa que ela quer agora é um aglomerado de pessoas na sua casa e atormentando sua paz.

De longe, enquanto avisto o veículo amarelo dar partida, ouço ao fundo a voz de Bryce avisando que a festa acabou e expulsando todos para fora. Resmungos, xingamentos e ofensas se seguem ao seu comando, mas o garoto parece estar longe de se importar. Viro para trás, encontrando Carter ainda se contorcendo no chão depois do chute certeiro que Brooks deu no meio de suas pernas, e se eu pudesse sentir um pingo de compaixão por esse cara, lhe

consolaria, porque, *mon Dieu,* a dor deve estar sendo insuportável. A questão é que pouco me importo. Acabei de quebrar todos os seus dedos, não faço a mínima ideia do que vai me acontecer por ter feito isso, e não poderia me preocupar menos. Ele merece muito mais por tudo o que fez Alyssa passar. Todo o sofrimento, toda a dor, ele merece pior.

Brooks, meio tonta pelas doses de bebidas, porém ainda em consciência perfeita — assim espero —, vem até mim, com Bradley ao seu encalço, que guarda as mãos nos bolsos da calça.

— Pra onde minha amiga foi? — ela quer saber, olhando para a rua.

— Casa — respondo.

— Você a deixou ir sozinha?! — Brooks se excede, abrindo a boca em descrença.

— O que você queria que eu fizesse? Forçasse ela a ir comigo?!

— Porra, sim! — exclama, mergulhando os dedos entre os cachos. — Você viu o jeito que ela saiu daqui, Eros? Ela não tá bem, droga!

Eu sei, cacete.

— Alyssa quer ficar sozinha. — Engulo com dificuldade. — Tenho que respeitar isso.

Brooks ri, descrente.

— Já mandou mensagem pra ela?

— Ela acabou de sair, Brooks.

— Foda-se! — berra, se livrando das mãos de Bradley na sua cintura e caminhando na minha direção. — Perdi meu celular em algum canto da merda dessa festa. Mande uma mensagem a ela. Pergunte como ela está. *Por f avor*

Nossos olhos travam uma batalha árdua, a dor e o desespero presentes como ladrões nas írises de chocolate da garota. Suspiro e fecho os olhos, me arrependendo no mesmo instante.

Memórias.

Memórias.

Memórias.

Balançando a cabeça com força, me livrando disso a qualquer custo, faço o que mandou sem ao menos precisar de uma segunda

ordem. Apanho o aparelho do bolso de trás e entro no seu contato, mais aflito do que o normal, sem perceber que estou tremendo até ver meus dedos sobre as teclas ao digitar.

Eu: *Minha pequena, como você está?*
Eu: *Quando chegar, envie uma mensagem, por f avor*

— O tempo daqui até a casa dela é de 15 minutos — Brooks fala. — Vamos esperar. Não vou para casa enquanto não receber uma mensagem sua.

Eu concordo, meus olhos fixos no horário. De canto, avisto Bryce se achegando a nós, a casa já vazia, e Pandora a poucos passos atrás. Ele não tinha percebido a sua presença até ouvir o barulho dos seus saltos pontudos contra os rochedos.

— Alyssa já foi? — o garoto pergunta.

— Uhum — murmuro, contabilizando os minutos, quase obcecado, esperando por uma resposta dela.

— Já tentaram enviar uma mensagem a ela? — Pandora se pronuncia, próxima a nós.

— Vá embora, Pandora, a festa acabou — Bryce diz, em tom casual, mas a raiva faísca do seu timbre.

A loira solta uma risada anasalada.

— Alyssa também é minha amiga, Torrence. Não vou sair daqui até receber notícias dela também.

— Eros acabou de enviar uma mensagem a ela. Estamos esperando — Brooks fala, puxando Pandora para perto. — Daqui a 15 minutos, não, agora 12, ela chega em casa. Só irei sair daqui quando ela der sinal de vida.

Pandora anui, botando os fios para trás das orelhas, chutando uma pedrinha no chão com os pés. Ela não está olhando, e esse é o momento que Bryce julga como perfeito para não tirar os olhos de cima dela. Há mágoa e paixão na mesma medida conforme as írises verdes passeiam por Pandora. Com um suspiro longo, ele balança a cabeça e desvia o olhar, umedecendo os lábios.

Os 12 minutos que restavam finalmente chegam ao fim, e minha caixa de notificações continua vazia, mesmo que Alyssa tenha

recebido a mensagem. É nesse momento que meu peito se aperta, como se estivessem dando um nó em torno do meu coração e esmagando-o até que eu sufoque. É difícil respirar e meus olhos perdem o foco do aparelho, das mensagens não recebidas, dos 15 minutos que se transformam em 20.

Não sei o que está acontecendo, mas é a porra da pior sensação do mundo.

A casa dela não é tão distante da de Bryce. Ainda que não seja rica ou coisa do tipo, eles moram em bairros próximos, nada justifica sua demora em me responder ou o seu sumiço.

Talvez os pais dela estejam surtando com ela, o que não diminui em nada meu desespero. Alyssa acabou de passar por algo traumático, não tem que ouvir os desaforos de Joshua ou de Ana.

Penso em ligar para eles, mas se ela estiver bem, não quero criar alarde ou uma confusão desnecessária.

— Vá atrás dela — Bryce quebra o silêncio, olhando diretamente para mim.

Eu pisco, enjoado, a paisagem desfocada diante dos meus olhos.

— Os pais dela...

— Que se fodam os pais dela, Eros! Não é hora de pensar nisso — ele grita, passando a mão no cabelo. — E se ela não estiver bem? Estiver precisando de você e não souber como pedir? Cacete, todo mundo aqui viu o jeito que ela saiu, ela estava fora de si, nem parecia a mesma Alyssa que conhecemos! Eu empresto meu carro.

Absorvo suas palavras, meu estômago embrulhando, e anuo. Todos os meus movimentos parecem estar em câmera lenta, não sei por quê, não quero *saber* o porquê, mas minha energia parece ter sido drenada para fora. De uma hora para outra, de 15 minutos para cá.

— Vou com você! — Brooks se pronuncia, ajeitando o vestido.

— Não, você não vai — decreto, recebendo no ar a chave do carro de Bryce. — Deixa que eu resolvo isso sozinho.

— Ficou louco, caralho?! Ela é minha amiga! — esbraveja, possessa. — Tudo, absolutamente *tudo* o que eu tenho. Se algo acontecer com ela, com a única linha estável da minha vida, não

sobra mais nada, Eros. *Nada.* Eu entendo que a ama, porra, que daria sua vida por ela se fosse necessário, mas não é o único, entendeu?

— Ei, Brooks, calma — Bradley sussurra, puxando-a de volta para si.

Forço o bolo que se forma na minha garganta para baixo, a queimação nos meus olhos me impedindo de enxergar com clareza, entretanto, pela voz esganiçada e falha de Brooks, posso imaginar que ela está prestes a chorar — ou se já não estiver.

Apenas balanço a cabeça em confirmação, meus olhos indo de imediato para Carter, jogado no chão. Eu deixo um sorriso despontar meus lábios, como a merda de um sádico. Deixando-os para trás, ando até ele, capturando tremores em todos os seus membros ao me avistar. O sorriso logo é substituído pela cólera ao lembrar de tudo o que esse filho da puta fez com Alyssa, inclusive há poucos minutos.

Não vejo nada além de vermelho quando, mesmo sob seus suplícios, agarro a gola da sua camisa e soco seu rosto outra vez, meus dedos ardendo e provavelmente inchados pelos anéis, que uso ao meu favor e corto seu rosto. Ele cospe sangue no chão.

— Se algo acontecer com ela — inicio, afundando meus dedos em sua garganta até que seu rosto ganhe um tom de roxo —, eu faço você se arrepender de ter nascido, Carter. Torça para que Alyssa esteja bem, porque é sua vida que está em jogo. — Solto-o e ele cai no chão, sem equilíbrio.

Seu corpo desaba por cima de seus dedos, um grito de sofrimento rasgando sua garganta.

— Vamos logo — chamo Brooks, indo em direção ao veículo importado de Bryce e entrando.

Bradley vira-a para si e beija seus lábios, abraçando o corpo da garota contra o peito. Brooks retribui, e quando se separam, meu amigo sussurra algo contra sua boca. Ela aquiesce, selando-o outra vez.

Mais ao lado, Pandora começa a roer as unhas, incomodada, e Bryce, sem olhá-la, tira as mãos da sua boca, causando um espanto na garota.

É como um murro na minha cara, trazendo à lembrança o dia em que fiz a mesma coisa com minha garota.

Aperto o volante e respiro fundo, sem êxito em conseguir me acalmar. Não quero tirar conclusões precipitadas, simplesmente não quero pensar no pior, porém minha mente faz questão de juntar todas as peças e me entregar de bandeja a pior versão do que pode ter acontecido. Esfrego meu peito, esperando que isso alivie a sensação de se estar sendo triturado.

Suor frio escorre por minha testa, do mesmo modo que meu corpo fica gelado, assim como meus membros, que se assemelham a estalactites de tão rígidos que estão.

— Você não vai conseguir dirigir desse jeito — Brooks avisa, abrindo a porta do carro, mas sem entrar. — Deixa que eu dirijo.

— N-não. — Me surpreendo ao gaguejar, levando para o ralo minha convicção. — Não precisa.

— Cara, você tá gaguejando. Sabe quantas vezes eu já te vi gaguejar? Nenhuma! — ela brada, batendo a porta com força e dando a volta no veículo, abrindo a do motorista. — Anda, desce daí.

— Br...

— Para de ser teimoso e desce logo! Alyssa está nos esperando! — quase grita, massageando a testa em seguida. — Olha, eu sei que você quer comandar tudo por achar que tem a obrigação de fazer isso como namorado, mas não tem, ok? Você não está bem, Eros. Um acidente é a última coisa que eu quero agora.

Resignado, solto um suspiro que demonstra toda a minha insatisfação. Aceno com um dedo para que ela espere eu me acalmar por 1 segundo. Encosto a testa no volante, nauseado, agradecendo por não ter bebido nada, mas com a certeza de que irei vomitar toda a água do meu estômago.

Quando não 1, mas 30 segundos se passam, eu finalmente saio e deixo que ela tome o controle. Não ponho o cinto de segurança — estou sufocado ao extremo e não preciso de mais coisa cooperando para isso —, deito a cabeça na janela e busco memórias menos aterrorizantes.

Nossa primeira conversa.

Nosso primeiro beijo.

Nosso primeiro "Eu te amo."

Nosso primeiro filme.

Filho — o de quatro patas.

Transa.

Conversas, desabafos.

Nossos sonhos.

Para, merda, nada aconteceu com ela. Ela está bem, provavelmente dormindo, só cansada.

Perdido no vórtice de pensamentos e lembranças, não percebo quando Brooks estaciona o carro em frente à casa de Alyssa, saltando dele. Demoro um pouco para fazer o mesmo. Não lembro de quando estive tão amedrontado com algo como estou agora.

Dou uma olhada rápida no céu, que não possui uma única estrela. As nuvens estão carregadas e cinzas, um prenúncio da chuva que está por vir. Eu não fecho os olhos, não como pessoas normais fazem, mas peço, lá no íntimo, que se o Deus que Alyssa tanto fala e acredita realmente existir, que Ele esteja cuidando dela como Sua filha.

Me encho de vergonha, pela primeira vez me sentindo tão pequeno em um vasto universo, mas peço para que Deus também cuide de mim. Chego até a pedir desculpas por não falar muito com Ele e chegar *pedindo,* só que a verdade é que eu não sei se estou preparado para perder mais uma pessoa.

Já perdi pessoas demais. Já tive meu coração dilacerado quando ninguém estava vendo vezes *demais.* Não quero e nem sei se tenho capacidade para enfrentar mais uma rachadura.

Vou para o lado de Brooks, mantendo as mãos no bolso, fingindo casualidade. A garota pigarreia e arruma seus cachos negros, recompondo a postura.

— Meu batom está borrado? — ela pergunta de repente. Arqueio a sobrancelha. — Não quero causar uma má impressão neles.

— Tarde demais — murmuro.

— Droga! — chia, passando o dedo indicador nos cantos da boca, na tentativa fracassada de limpar a tinta vermelho-sangue.

Calando a boca, ela dá três batidas rápidas e seguidas na porta branca, sem nenhum arranhão. Depois, outras três, até que se ouça dois pares de passos de dentro da casa — descendo as escadas, imagino. Os pais de Alyssa aparecem à porta, e a cara de desgosto que Joshua faz ao me ver provoca tanto tédio quanto se é possível.

— Oi! — Brooks cumprimenta, abrandando os ânimos de Joshua, que parece mais tranquilo ao saber que não estou só. — Viemos ver Alyssa, podemos?

— *Você* pode — ele aponta para a amiga —, ele não.

Cruzo os braços, cético. Para falar a verdade, estou mais para *apático.* Não consigo sentir um único fio de raiva pela forma que está me tratando. A aflição ocupa toda o espaço, corroendo minhas entranhas, e só peço para que Brooks ou Ana deem um jeito nisso logo.

Não saio daqui até me certificar de que Alyssa está bem.

— É necessário que ele entre também, senhor Joshua. Precisamos conversar com Alyssa — Brooks diz.

— Mas, minha querida...

— Deixe que entrem — Ana se pronuncia, olhando para o marido. — *Os dois.*

Joshua vira um pimentão. Ou algo bem perto disso.

— Eu já falei que...

— Já está na hora de você aceitar que ele é o namorado da nossa filha. Você não aceitar não vai mudar isso.

É bom mesmo que saiba.

Com seu jeito típico de pai controlador — ou, nesse caso, *padrasto* controlador —, ele bufa, revira os olhos e sai, subindo as escadas e batendo a porta do seu quarto. O desprezo em cada palavrão que xingou nesse processo me dar a entender que nunca serei um genro bem-vindo nessa casa.

— Alyssa deve estar no quarto dela — Ana diz, se afastando para nos dar passagem. — Chegou a pouco tempo.

— Quanto tempo... mais ou menos?

— Hum... — ela olha para o relógio —, uns 15 minutos, eu acho.

— *15 minutos?* — Brooks aumenta sua voz em alguns decibéis. — Ela falou com vocês quando chegou?

— Não — responde. — Eu estava quase pegando no sono com o meu marido, deve ser por isso.

Se Brooks ainda vai continuar com o interrogatório sem sentido, não serei mais um ouvinte. Sem me importar se estou sendo mal-educado ou se irei perder os pontos que conquistei com Ana, subo as escadas, afoito. Sou obrigado a parar no fim delas quando vejo dois quartos, um à frente do outro. Por sorte, Brooks me segue e passa por mim, abrindo aquele que eu nomeio como o de Alyssa pelo simples fato de conter todos os móveis e decorações na cor rosa-pastel, bem a cara dela.

Eu deixo um sorriso escapar, porque esse quarto carrega o cheiro dela. Cheiro de casa. É como se eu a visse através dele, todos os seus gostos. Desde a estante repleta de livros na parede até a cama com edredons de um filme em específico da Barbie e vários ursinhos espalhados por ele. Uma vez, ela me disse que não consegue dormir sem eles, por medo dos pesadelos que a assolam quando está sozinha, desprotegida.

Mon Dieu... Eu não sei o que seria de mim sem essa garota.

Eu dou outro passo para dentro do quarto, e é quando nada mais parece fazer sentido.

Alguns objetos da sua cômoda estão caídos, estilhaçados no piso polido. Olho para o lado, a visão turva, e antes que minha mente processe o que estou vendo, o grito de Brooks rompe o ar.

— *ALYSSA!* — É o que seus lábios formam, o som projetado em agudos finos que refletem sua agonia ao ver sua amiga jogada no chão, desacordada.

Ao seu lado, remédios. Muitos deles.

Eu paro no lugar. Meus pés simplesmente não se movem. Vejo a comoção, escuto Ana gritar, Brooks se ajoelhar ao lado da amiga junto à mãe, até mesmo Joshua, embora não queira demonstrar, está afetado. Enxergo tudo isso, mas minha mente não está nesse quarto. Ela vai para longe, para cinco anos atrás.

— Pai? — chamo em um sussurro.

Não há respostas.

Eu me aproximo, o vento balançando o corpo já sem vida do meu pai.

Morto. Meu pai está morto.

Seu rosto possui a tonalidade mais feia do arroxeado. A corda enrolada em volta do seu pescoço está quase se partindo. Não sei o que fazer. Não consigo gritar, chorar, chamar por ajuda.

Eu caio de joelhos à sua frente, sentindo um buraco se abrir onde antes estava meu coração. Me sinto vazio, como se meu pai tivesse levado consigo a minha vida. A minha felicidade, todos os resquícios do garoto que um dia fui.

Agora, não resta mais nada. Todas as pequenas chances que eu tive de construir um futuro onde eu e meu pai voltaríamos a ser quem éramos, se foi.

Eu me deito diante do corpo desfalecido do meu herói e deixo que a escuridão me envolva.

Volto à realidade.

Ela machuca como a morte, desencadeia lembranças — as piores da minha vida —, e destrói como algo que há tempos nada conseguia.

Eu não lembrava da sensação do mundo caindo em cima da minha cabeça. Da última vez que um soluço rasgou minha garganta e eu cambaleei para trás tamanho medo.

Eu fecho os olhos e não é o corpo dela que eu vejo, é o de Ross.

Eu os abro, e é o amor da minha vida jogada no chão.

Ela tentou tirar a própria vida.

Minha Alyssa tentou se matar.

Não tenho coragem de me achegar a ela, não tenho coragem de conferir sua pulsação. Tenho medo, *pavor* de encarar os fatos. Não quero acreditar que perdi mais uma pessoa. *Não quero, não quero, não quero*.

— Ela não está respirando! — Brooks berra, as lágrimas molhando seu rosto.

Sua imagem está desfocada, só então me dou conta de que, assim como ela, estou chorando tanto que não consigo respirar.

Estou desmoronando.

Caindo.

Meus joelhos colidem contra o piso. Cubro a boca com as mãos, abafando o choro que corta minha garganta. Não paro de chorar, não quero parar de chorar. Quero sentir. Quero sentir meu coração se despedaçar, se quebrar.

Ana levanta e sai do quarto, às pressas. Não sei o que ela vai fazer, talvez ligar para a ambulância. Não consigo raciocinar direito para formar uma linha de pensamento favorável e que faça sentido. Brooks abraça o corpo da amiga e me encara.

— Faz alguma coisa — pede, baixinho. — Por favor, faz alguma coisa. — Eu balanço a cabeça, confirmando algo que nem sei o que é. — *Por f avor*, Eros, por favor.

Eu nego, balançando meu corpo para frente e para trás, sem respirar. Me esforço para resfolegar e voltar a encher meus pulmões, mas não consigo. Meus pelos se eriçam e a vertigem me enlaça, aperta. Estou tendo um ataque de pânico, estou revivendo meu maior trauma.

— *Por f avor* — Brooks clama de novo, mas seus gritos não passam de uma atmosfera distante. Não sinto como se estivesse aqui. — Ela ainda está aqui, eu sei que está. Então, por favor, eu te imploro.

Suas súplicas, sua última declaração. *Alyssa ainda está aqui.*

Meus olhos se perdem outra vez na garota de cabelos loiros, e é quando caio na real.

Ainda que todos os meus membros protestem contra, reúno potência nos meus membros rígidos, batendo no meu peito, me forçando a voltar a respirar, e começo a engatinhar até elas, até *ela.* Não tenho força no meu próprio corpo para me pôr de pé. Estou tremendo quando me aproximo de Alyssa e substituo a presença de Brooks pela minha. Sua pele está fria, o rosto pálido, e quando ponho um dedo debaixo do seu nariz e não sinto nada, qualquer sinal de respiração, eu aperto os punhos, pensando em nós.

Não me darei por vencido.

Alyssa não vai morrer. Não antes de mim, não antes de completarmos 100 anos e não antes de atingirmos todos os nossos

objetivos.

Sem esperar mais um segundo, peço para que Brooks se afaste e deito o corpo dela de barriga para cima, reta. Cruzo uma mão sobre a outra e posiciono acima do seu peito, descarregando meu peso sobre ele e iniciando a massagem cardíaca.

Eu não vou perdê-la.

Não aceito isso.

— Volte pra mim, pequena — imploro, checando seu pulso. Nada. Recomeço as compressões. — Não faça isso comigo, meu amor...

As lágrimas irrefreáveis que abandonam meus olhos derramam todas na sua barriga exposta. Ouço o choro contido de Brooks, encolhida ao meu lado, orando baixinho.

Sons de sirene que só podem ser da ambulância começam a se aproximar, e Ana aparece momentos depois correndo para dentro do quarto.

— A ambulância chegou. Vamos levá-la ao hospital — diz, tentando soar calma mesmo quando seu corpo diz o contrário. — Joshua, carregue a...

— Eu faço isso — corto, tirando forças de todos os momentos que ainda temos para viver, juntos, e passo meus braços debaixo das pernas e pescoço, suspendendo-a no ar e saindo com ela do banheiro.

De jeito nenhum vou deixar minha namorada nas mãos desse filho da puta.

Adiantando o trabalho dos médicos, levo-a à parte de fora da casa. Escuto um agradecimento baixo de um deles ao tomar minha garota de mim e deitá-la em uma maca, arrastando o objeto até a ambulância.

Uma só pessoa pode fazê-la companhia durante o trajeto, é o que um deles afirma, olhando para nós. *Decidam rápido.*

— Eros, pode ir — Ana diz, colocando a mão no meu ombro. — Tenho certeza de que ela quer você lá. Vamos pegar nosso carro e chegamos depois.

Ela *quer,* não *queria.* Não sou o único que nutre a esperança de que ela sairá viva disso. De que essa será apenas mais uma batalha

vencida.

Fito Brooks, que, com um sorriso triste, consente. Não tenho tempo para me sentir um traidor, pois ela e Ana têm muito mais direito de estar aqui do que eu, porque, nesse momento, pouco me importo. Tudo o que quero é ficar com ela.

Quando as portas do carro se fecham, eu me assento no banco azul e seguro a mão gelada de Alyssa, beijando os nós dos seus dedos e sussurrando promessas a cada toque. O médico, paramédico, enfermeiro, sei lá, põe um respirador em volta do seu rosto e continua a massagem cardíaca, sem parar uma única vez até que cheguemos ao hospital, que, por sorte, não fica muito longe de onde estávamos.

Ao saltarmos do carro, todos afobados como se a vida de Alyssa não passasse de um sopro e que a qualquer momento o vento a pudesse levar, eles arrastam a maca para longe e eu continuo segurando a mão dela, acompanhando o ritmo deles, como se eu estivesse indo ao caminho da insanidade.

O enfermeiro anuncia o que houve com ela, chamando por outros médicos, que se ajuntam ao seu redor. As palavras “overdose” e “parada cardíaca” me causam arrepios, pois estão diretamente ligadas à sua tentativa de suicídio. Creio que seja algo forte para se falar no meio de tanta gente, ou apenas não é um termo usado entre os médicos. De um jeito ou de outro, agradeço pela troca de palavras.

— Você precisa ficar aqui — uma mulher diz.

— O caralho! Não vou sair do lado dela — esbravejo, nervoso.

— Você precisa soltá-la para que possamos fazer nosso trabalho! — outra vem em minha direção, colocando as duas mãos nos meus ombros para que eu me afaste. — Não sabemos quanto tempo ela está nesse estado e *não* podemos perder tempo — frisa, tentando me fazer soltar a mão de Alyssa.

Eu cedo.

— Tragam-na de volta. — Meu tom beira a ameaça, como se eu fosse capaz de demolir esse prédio inteiro se não trouxerem minha namorada de volta aos meus braços.

— Faremos o possível — ela diz, sem entender que o *possí vel*não é o suficiente.

Relutante, eu finalmente a solto e os enfermeiros não perdem tempo em levar Alyssa para longe. Eu fico parado em frente às portas duplas vaivém, olhando para o final do corredor até ela desaparecer de vista.

O choro entalado na minha garganta volta a irromper assim que uno as pálpebras e encontro novas lembranças. Quero gritar e quebrar qualquer porra de coisa que aparecer na minha frente, não me importando se estou em um hospital ou se tudo aqui custaria todos os meus órgãos para pagar, só que pela forma como minhas pernas começam a falhar e ceder, eu questiono minha capacidade de fazer qualquer maldita coisa agora que não seja chorar e botar tudo para fora, embora isso não alivie nem em 1% o peso que estou carregando na alma. Meu desespero transborda de tal forma que não consigo mais ficar em pé, então apoio meu corpo na parede e escorrego de encontro ao chão.

Não posso perdê-la.

Não faz pouco mais de dois meses que nos encontramos, o projeto que fomos designados ainda não acabou, ainda não demos toda a razão e agradecemos à professora por ter insistido que ficássemos juntos. Eu prometi a Alyssa que iríamos nos casar, ter nosso ninho, nossos filhos, uma vida que ela sempre sonhou. Minha namorada merece conhecer a beleza do mundo, não essa dor que ela está acostumada. Deitar na grama e olhar as estrelas no terraço da nossa casa até tarde. Envelhecermos juntos. Ver nossos netos.

Porra, não posso perdê-la.

Não posso, não posso.

Ela é tudo o que eu tenho. Minha vida, meu lar. Seu abraço é o único que carrega a sensação de deitar em uma cama quente e confortável após um dia longo de trabalho.

Deus, isso é a única coisa que eu te peço.

Não a tire de mim.

Sua filha ainda não viu nada do que eu quero proporcionar a ela. O futuro que ela pode ter.

Nós dois. Juntos.

Ela merece isso.



— Eu realmente sinto muito, mas não houve nada que pudesse ser feito. Tentamos reanimá-la, fazer lavagem estomacal, mas Alyssa ingeriu uma quantidade alta de remédios...

Eu paro de escutar o que o médico está dizendo porque simplesmente não aguento ouvir que minha namorada está morta. Disseram que ela já estava antes mesmo de chegarmos ao hospital, por isso a falta de resposta dos seus órgãos às reanimações que fizemos, mas eu ainda estava me segurando a um escasso fio de esperança de que talvez os médicos conseguissem salvá-la, de que talvez *Deus* a salvasse, conseguissem trazê-la para mim.

Mas ela partiu.

Cambaleio para trás, incapaz de me segurar em pé, incapaz de respirar, incapaz de qualquer mínima coisa.

Ela está morta. Alyssa está morta.

— Eros? — Brooks olha para mim com seus olhos vermelhos e marejados, preocupada.

Sinto a minha cabeça rodando, o ar escapando dos meus pulmões, meus olhos ardendo com as lágrimas e o desespero consumindo o meu âmago até beirar a loucura. Meus lábios começam a tremer pelo choro quando fecho os olhos e simplesmente desisto. Simplesmente me entrego à escuridão de novo.

Alyssa está morta. Nada mais importa agora. Eu voltarei a ser o garoto que a vida sempre quis que eu fosse. Meu amor se foi, não tenho mais nada a perder.

— Eros? — Sinto uma mão no meu ombro me balançando e eu abro os olhos, assustado. — Você estava tendo um pesadelo?

Olho ao redor, transtornado, enquanto me empertigo na cadeira. Brooks, Ana e Joshua estão sentados lado a lado na sala de espera do hospital. Não sei quando chegaram. Parece que estive tempo demais imerso no meu próprio subconsciente.

— O que aconteceu? Cadê a Alyssa? — questiono, confuso e agitado, incapaz de separar o que é sonho do que é realidade.

— Ela passou por uma lavagem estomacal e agora está sob observação.

— Alyssa corre risco de vida?

— Eles disseram que não mais.

Apoio os cotovelos nas minhas pernas e apoio a cabeça nas minhas mãos, respirando, aliviado.

Ela está viva. Ainda há chances de salvá-la.

Meu celular apita no bolso. A primeiro momento, penso em deixar quem quer que seja no vácuo, mas Brooks cutuca meu antebraço e reforça que já está tudo bem, que não preciso mais me preocupar.

Não respondo, apenas pego meu celular e abro no aplicativo de conversas, deixando que o ar se aposse dos meus pulmões com mais facilidade.

[The Dragons]

Jae: *CARA, É DAQUI A ALGUMAS HORAS!!!! NEM ACREDITO QUE VAMOS CONHECER O HUDSON*

Fox: *PORRA, SIM!!! Eros, a música tá pronta?*

Jae: *Boa pergunta, você tinha dito que estava pronta.*

Jae: *Já é amanhã, cara.*

Grunho baixo. Eu sequer estava lembrando dessa maldita viagem.

Bradley: *Infelizmente não vai dar pra ele ir para Filadélfia*

Bradley: *Aconteceu umas merdas com a namorada dele, o melhor é que Eros esteja com ela*

Agradeço mentalmente por ele ter escrito por mim. Não estou a fim de me explicar para ninguém agora, nem mesmo para eles — embora deva uma satisfação, já que eu e a música éramos as peças principais. Mas Alyssa precisa que eu esteja aqui agora, e, de

qualquer forma, não iria conseguir me concentrar em outra coisa que não fosse ela. Meu corpo estaria na Filadélfia, mas minha mente? Toda aqui.

Jae: *Porra... Sério? E agora? Não podemos cancelar a viagem*
Bradley: *Eros gravou um áudio da música. Podemos apresentar*
Fox: *Menos mal... Mas oq deu com a Alyssa?*
Bradley: *Assuntos pessoais, cara, não cabe a mim falar*
Jae: *Entendemos*
Jae: *De qualquer forma, melhoras pra Alyssa, Eros! Sei que está lendo nossas mensagens.*

Limpo a garganta e guardo outra vez o aparelho no bolso.

— Você não quer ir pra casa? Está tar...

— Não — interrompo a fala de Brooks. — Ficarei aqui até ela acordar.

— Bom, não literalmente, né? Você precisa tomar banho, daqui a pouco vai ficar sujo — se defende, e eu apenas reviro os olhos. — Alyssa *vai* ficar bem. Ela é forte, já passou por coisas piores. Ela vai superar essa também.

Concordo com a cabeça, ainda tenso, mas acreditando em cada palavra que sai da sua boca. Minha garota é forte, ela vai passar por essa, não tenho dúvidas.

— Quer beber alguma coisa? — pergunta, indicando o *Starbucks* à nossa frente, próximo à recepção.

Surpreendentemente, eu assinto. Estou precisando de uma dose de cafeína nesse momento. Ela dá um sorriso e vai ao quiosque. Ao fundo, escuto Ana falar algo sobre Itália e uma passagem para o país que ganhou em um sorteio da empresa que trabalha. O nome de Alyssa é citado no meio da conversa, porém não ouso me intrometer.

Quando Brooks volta com os cafés em mãos, me entregando um que está fumegando e que me obriga a esperar esfriar, correndo o sério risco de queimar a língua, Joshua a chama para a conversa, perguntando sua opinião sobre algo, mas eles falam tão baixo que não consigo ouvir nada além de murmúrios incompreensíveis.

Percebo quando Brooks me dá uma breve olhada, anuindo lentamente para algo em seguida.

Deixo que falem e me concentro no meu café, bebericando a goles pequenos. Até simples momentos como esse me fazem recordar dela, como na vez em que disse que odiava café e eu derrubei uma gota do líquido — já frio — na sua perna, provocando-a. Alyssa gritou e, em meios às risadas, começou a me bater, afirmando que iria me denunciar por relacionamento abusivo.

Sorrio pequeno.

Não sou muito de agradecer, mas... *Obrigado, Deus, por ter me permitido mais uma chance com ela.*



— Não. — É a primeira coisa que eu digo quando Ana me leva para um canto e conta sobre a *suposta* viagem que Alyssa terá que fazer para outro continente.

Itália, porra? Não, eu não aceito isso. São mais de 8 mil quilômetros de distância, cacete. Eles sequer têm noção do que são *8 mil quilômetros?*

— Você não tem que querer nada, garoto — Joshua se intromete na conversa que *não* foi chamado, cruzando os braços.

Eu estou bem pertinho de entrar em ebulição, posso sentir minhas orelhas e pescoço quentes, então se esse cara não quiser se transformar em um dos pacientes desse hospital, eu espero muito que ele saia da minha frente.

— Joshua, por favor — Ana põe a mão no seu braço, o interceptando. — Estamos conversando.

— Não tem o que conversar, caralho! — Joshua vocifera, me encarando com ódio. — Esse moleque é um ninguém!

Eu avanço para cima dele, porque estou louco para quebrar mais dentes hoje, porém Brooks se materializa ao meu lado e me puxa para trás pelo ombro, me impedindo.

— Não vale a pena, Eros — fala.

— Alyssa não vai nessa viagem — eu decreto, como se minha palavra valesse de muita coisa.

Joshua ri.

— *J á f aleique você não tem que querer nada* — repete, duro, a sentença saindo afiada de seus lábios, tão cortantes quanto seus olhos frios.

— Alyssa precisa ir, Eros — a mãe da minha namorada volta a afirmar. — É necessário.

— Ela tem razão — Brooks reforça. *Maldição.* — Será importante para o tratamento dela.

Me livro do seu toque com brusquidão, possuído por cólera e todos esses sentimentos infernais que não me deixam pensar com clareza agora.

— Me deixem ir com ela. — O pedido sai como uma ordem.

— Não será possível, Eros, Alys...

— *Me deixem ir com ela, porra!* — esbravejo, me segurando tanto para não socar o sorriso debochado que molda os lábios do desgraçado do Joshua que eu poderia vencer em primeiro lugar numa prova de resistência.

Eles querem me afastar da minha garota, querem que ela passe 1 ano longe de mim, de *nós.*

Merda, não... Passar dias, semanas, meses longe dela é uma opção totalmente descabida! Não posso permitir que isso aconteça.

— Alyssa precisa desse tempo distante. Repor a cabeça no lugar, se conhecer. Ficar sozinha nem sempre é algo ruim, Eros — Brooks conta, mansa.

Faz sentido, droga. Faz todo o sentido, mas...

— Eu não quero ficar longe dela — sussurro, a fúria sendo aos poucos substituída por um sentimento taciturno conforme penso na minha garota. — Por favor, não façam isso...

— Ninguém quer, querido. — Ana engole em seco, recolhendo as mãos sobre a saia que usa. — Está sendo difícil para todos nós.

— É verdade. — Joshua tem a cara de pau de fungar, encenando uma voz perfeitamente melancólica. Qualquer um poderia acreditar nessa atuação se não soubesse como ele realmente é.

— Para de cinismo, caralho! — brado. — Você nunca se importou com sua filha, não venha querer mudar isso agora.

— Quem você pensa que é pra dizer o que eu sinto ou não por ela, filho da puta? — Ele se aproxima, ameaçador, e eu não me acovardo.

— Alguém que presenciou a namorada chorando por coisas que *você* fez a ela — cuspo, enojado. — Você não é digno nem de estar aqui por *tudo* o que causou a Alyssa.

Joshua ergue a mão em punho para socar meu rosto, corajoso o suficiente, mas Ana e Brooks entram no meio, nos afastando um do outro. Uma enfermeira aparece e pede para que nos acalmemos, alegando que *hospital não é ambiente para brigas e que, caso continuemos, irão chamar a polí cia.*

— Você é uma escória, porra. Deveria se sentir honrado por Alyssa te amar mesmo quando tudo o que fez a vida inteira foi machucá-la. — São as últimas coisas que digo antes de passar por eles e ir embora, rumo à parte de fora do estabelecimento.

Sento em um banco de mármore rachado, o vento frio ricocheteando meu rosto. Pressiono as pálpebras, tentando colocar na minha cabeça que irei ficar 1 ano sem ela.

Sem sentir seu cheiro, seu abraço, seus beijos, seu carinho. Sem ouvir sua risada contagiosa, sua voz doce, seus murmúrios manhosos.

Sem Alyssa, o amor da minha vida.

Céus... É tempo demais.

E não estou curioso para saber quanto tempo tenho até que o dia de me despedir dela chegue.

43

Alyssa Blair

— Ela tá acordando!

A voz trêmula da minha mãe preenche meus ouvidos. Lentamente, abro os olhos, minha visão embaçada por conta do ambiente iluminado, fazendo com que eu me sinta cega e impossibilitada de abri-los de uma vez. Remexo a cabeça de um lado para o outro, confusa, procurando entender o que está acontecendo. Quando sinto uma cânula enfiada no meu braço, porém, uma torrente dos acontecimentos de... não sei quanto tempo faz, clareia minha mente.

— Amiga! — Uma nova voz surge na conversa. *Brooks.* — Você está bem? — Eu aceno, confirmando, mas elas não parecem muito convencidas. — Doutor, ela está bem?

— Vocês estão muito nervosas, vão acabar assustando-a — diz o médico. — Olá, Alyssa. Consegue me ouvir?

— S-sim... — respondo, a garganta seca.

— Amém! — minha mãe exclama, segurando minha mão.

Posso não estar com os olhos vidrados nela, mas ouço seu choro. Um sentimento ruim me preenche por ter causado tamanha dor nela.

— Ei, Aly, não fica assim... — Brooks segura minha outra mão, acariciando minha testa. Passo o olhar pela sala razoavelmente grande, sentindo falta de uma única pessoa. — Ele está lá fora, disse que vai deixar termos esse momento e só depois vem te ver, apesar de estar quase puxando os cabelos de ansiedade — cochicha, e eu dou um sorriso fraco.

O médico faz um pequeno exame rápido. Checa minhas pupilas, respiração. Me faz perguntas rápidas e objetivas, as quais respondo sim, não ou mais ou menos.

Se sentindo bem? Sim.

Fisicamente? Mais ou menos.

Lembro do que me trouxe até aqui? Sim.

Sei onde estou? Sim.

Entre outros questionamentos.

— Você me parece bem, fisicamente, pelo menos — constata. — Por sorte, te encontraram a tempo, e a lavagem estomacal foi o suficiente para tirar os remédios do seu corpo. Mais tarde, alguém da ala psiquiátrica passará por aqui. Descanse por enquanto, Alyssa. Não a encham de perguntas, por favor — ele vira para minha amiga e mãe —, ela precisa descansar, certo?

Elas confirmam com a cabeça, e ele, satisfeito, logo se retira da sala, nos deixando a sós.

— Filha... — Ana acaricia o dorso da minha mão, pegando um copo d'água com um canudo e levando à minha boca. — Eu fiquei tão preocupada, meu anjo. Por que fez isso?

Termino de beber o líquido inteiro e dou de ombros, fraca. Não é que eu esteja fazendo pouco caso, é só porque não sei como desabafar com ela. Nunca tivemos esse tipo de intimidade, e ela faz muita falta no estado em que me encontro agora. Não quero que me veja assim, tão debilitada. Ana não fazia ideia das coisas que passei para chegar a esse ponto, imagino que tenha sido um baque muito grande quando me viu.

— Acontecimentos, mãe... — me forço a responder e tento abrir um sorriso. — Não quero falar sobre isso, desculpa.

Embora chateada, ela parece mais calma, e apenas aquiesce, beijando minha testa.

— Nunca mais faça isso, meu amor. Eu quase morri quando... — ela faz uma pausa — quando te vi daquele jeito.

— Nunca mais, mãe — garanto, mal.

Ana sorri com lágrimas nos olhos.

— Vou deixar vocês a sós. — Eu anuo e forço minha cabeça para cima para deixar um beijo em sua bochecha. — Seu namorado está louco para entrar, não demorem muito.

Eros, Brooks, Ana... Não Joshua.

Ele ao menos veio me ver?

Deus, isso dói.

— Pode deixar — afirmo, enfiando minha frustração para bem longe, e sorrio para ela, que sai do quarto, limpando as lágrimas. — Meu pai está? — indago a Brooks.

— Seu *padrasto,* você quer dizer — ela corrige, irritada. — E, sim, ele está lá fora. Não sei porque não entrou.

Eu suspiro. *Menos mal. Pelo menos ele se importou o suf iciente para vir.*

— Deve estar em choque ainda — me convenço, sem acreditar nem um pouco nisso, entretanto.

Ela estala a língua com desdém, desaprovando minha linha de pensamento. Ao contrário de mim, ela não consegue manter seus achismos e opiniões apenas dentro da sua cabeça, tendo que verbalizar de alguma maneira.

— Você quase me matou — sussurra, sentando na ponta da cama. — Promete nunca mais *pensar* em fazer isso?

— Prometo, Brooks — torno a garantir. — Como... como o Eros está?

— Agora... bem, calmo. Mas — ela engole em seco — quando ele te encontrou...

— Foi ele quem me encontrou? — entro em estado de alerta, me amaldiçoando ainda mais por isso.

A segunda vez.

Meu Deus... E se eu tivesse realmente morrido?

— Eu e ele, para ser mais exata — diz, seus lábios se tornando uma linha fina. — Foi horrível, Aly. Eu não sabia que ele era capaz de chorar tanto, como se... a alma dele estivesse sendo dilacerada, sabe? Nunca vou tirar aquilo da minha cabeça.

Eu balanço a cabeça, segurando as lágrimas.

— C-chama ele, por favor — sussurro.

Ela esboça um sorriso pequeno e aquiesce, levantando da maca e indo à porta. Pela minha visão periférica, vejo-a chamando Eros com a mão, e logo a sombra musculosa e alta se move, até que toda a sua figura apareça.

Meu namorado para estático na porta, sem acreditar que estou bem, viva, e sorrindo para ele. Devagar, abro os braços para que ele venha encaixar seu corpo no meu em um abraço, as lágrimas começando a rolar.

Ele vem em disparada, cobrindo meu corpo com o dele e enterrando seu rosto na minha cabeça, me dando o mais forte dos abraços. Seus ombros chacoalham, acompanhando o choro desenfreado que deixa escapar enquanto beija toda a pele que encontra. Beijo sua cabeça, mergulhando os dedos nos seus cabelos e afagando, meu coração a ponto de explodir de tanto amor.

— Pequena — ele chora, deixando seu rosto rente ao meu, me permitindo ver o inchaço de seus lábios e a vermelhidão em formato de bolinhas espalhadas por suas bochechas e nariz. *Foi o.*— Nunca mais faça isso, meu amor, por favor... — suplica, enxugando as lágrimas debaixo dos meus olhos assim como estou fazendo com as dele. — Eu não sei o que eu faria sem você aqui, Aly...

— Nunca mais — reafirmo pela terceira vez. — Eu juro, meu amor.

Ele cola sua testa na minha, roçando nossos lábios.

— Eu quase morri com você, sabia?

— Eu imagino. — Dou um leve sorriso. — Mas já passou, ok?

Eros nega com a cabeça, e como nossos rostos estão na mesma altura um do outro, suas lágrimas caem e encontram os meus olhos.

— Por que fez isso, pequena? — sussurra. — Foi por causa do Leonardo? — continua, notando minha hesitação.

— Não! — me apresso em dizer. — Eu… eu não queria isso realmente, amor, eu só… me descontrolei. Queria dormir, mas acabei tomando mais remédios do que deveria — explico e ele assente. — Não foi uma atitude premeditada, porque, ultimamente, tenho tido vários sonhos para realizar.

Meu namorado abre aqueles sorrisos enormes e bobos, e ao olhar de esguelha, encontro Brooks com a boca escancarada, nada acostumada com a capacidade que Eros tem de *sorrir* e ser tão lindo fazendo isso.

— Eu já estava frustrado com a ideia de morrer solteiro — murmura.

— Tantas mulheres no mundo, amor...

— Mas nem uma delas é você.

— Bobo — digo baixinho, mais fraca do que gostaria.

Ele sorri, passando a mão nos meus cabelos.

— Não podemos ficar muito tempo aqui, você precisa descansar — noticia, beijando minha testa. — Você está debilitada e não pode conversar igual tagarela agora.

Reviro os olhos.

— Mas eu acabei de acordar...

— Regras hospitalares, amor. — Cola nossos lábios. — Mas tarde nós voltamos, tudo bem?

— Não está nada bem, mas... — Dou de ombros. — É o jeito, né? — Ele aquiesce, meio divertido. — Tá bom, vão logo. Quanto mais rápido forem, mais rápido voltam.

Brooks gargalha junto a Eros e vai à porta, abrindo-a. Recostada no batente, ele me lança um beijo no ar, do qual eu reúno forças para retribuir. Quando os dois saem, me deixando sozinha em uma sala grande, vazia, silenciosa e bem... monótona, eu consinto que o ar volte aos meus pulmões, me permitindo respirar e assimilar tudo.

Eu quase morri.

Jesus… eu realmente quase morri.

Tantas coisas que ainda quero conquistar, viver, experimentar.

Se existir uma vida após a morte, como eu ficaria sabendo que deixei tudo para trás por causa de um ato impensado?

Fecho os olhos, afundando os dedos no meu couro cabeludo.

Mais uma chance me foi concedida, e não vou desperdiçá-la por nada nesse mundo.

44

Alyssa Blair

Seis horas depois, estou discutindo com Brooks.

Ela acaba de me contar sobre enjoos que sentira mais cedo e no dia anterior. Estou buscando formas de me manter calada e não falar nada antes que ela termine, mas quando Brooks fala algo sobre Eros ter ido comprar *donuts* para ela — porque a mesma estava com DESEJO —, eu não me seguro.

— Desejo? Você? Como assim? — indago, em tom de acusação. — Brooks, você não...

— Claro que não estou grávida, Alyssa! Ficou doida? — *Mais risos.* — Eu nem posso.

— Quando sua menstruação veio pela última vez?

— Sei lá, já era pra ter vindo, mas ela sempre atrasa.

— *Brooks* — insisto. — Quando que era pra ela ter vindo?

Minha amiga revira os olhos, mas vejo um leve nervosismo empalidecer seu rosto.

— Há... 3 semanas, eu acho? Não sei! — grita, levando as unhas à boca. — Alyssa, para de me pôr medo sendo que eu nem posso engravidar.

— 3 semanas, Brooks?! — grito. — Vocês fazem sexo com proteção?

— Não! Bradley é limpo e eu sou infértil, por que eu usaria?

— *BROOKS!* — é minha vez de gritar. — Qual é o seu problema?!

— Eu não posso engravidar, Alyssa, meu Deus!

— Mesmo assiiiiim! — Passo a mão livre no rosto. — Parece que não é tão impossível, né?

— Nem brinca com essas coisas, Aly... — Ele espalma a barriga, temerosa. — Meu Deus... Será? Mas eu não estou sentindo nada.

— Os enjoos costumam vir depois da décima semana de gravidez, vai que é recente — provoco, com um quê de verdade.

Brooks fixa o olhar em algum canto da sala hospitalar, claramente nervosa.

— Eu faço um teste?

— Melhor.

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus — continua repetindo, beirando o desespero. — Posso pedir pro Eros comprar? Não sei se vou... sei lá, conseguir encarar um teste de gravidez. Acho que vou fugir antes de comprar.

Dou risada e assinto.

— Pode pedir, ele não faz o tipo fofoqueiro. — Passo a língua nos lábios, e no mesmo instante, Eros dá batidinhas na porta e coloca a cabeça para dentro do quarto. — Oi, amor! — Sorrio largo, recebendo seus beijos e abraços.

— Quanta melação! — Brooks reclama, nos tirando do nosso mundinho particular. Eros revira os olhos, pedindo espaço na maca e se deitando comigo. — Parem, ok? Faz 5 cinco dias que eu não vejo o Bradley, estou triste.

Eu rio, aninhando o corpo do meu namorado ao meu, a sensação de casa renascendo outra vez quando ele deita a cabeça no meu peito.

— Falando em Bradley... Faça seu pedido especial a Eros — instigo, lançando um olhar maldoso para ela, que faz careta.

— Não irei fazer nada que me obrigue a sair daqui pelas próximas horas — ele avisa, decidido.

Brooks bufa, enrolando os cachos nos dedos e se aproximando dos ferros da maca, dedilhando-os com as unhas feitas.

— Como que eu posso dizer isso...

— Brooks acha que está grávida e quer que você compre um teste de gravidez pra ela — conto de uma vez, porque sei que ela iria enrolar até desistir.

Eros se engasga, me olhando com os mesmos olhos arregalados de Brooks.

— *O quê?!*

— Alyssa!

Dou de ombros.

— Pois é, isso que dá pôr em prática atos libidinosos sem uso de proteção. — Finjo limpar as unhas.

— Brooks! — Agora a repreensão de Eros é voltada para minha amiga, que faz um biquinho culpado com os lábios. — Ficou doida?

— Pelo seu amigo — balbucia.

Eros dá uma risada sem humor, afundando os dedos nos cabelos e soltando o ar exasperado pelo nariz.

— Tem certeza?

— Certeza eu não tenho, por isso quero fazer o teste, mas... — titubeia — tenho *quase* certeza. Menstruação atrasada, desejo por coisas que nem como, e tenho quase certeza de que acordei nauseada hoje.

A cara cética de Eros em saber que provavelmente será titio de mais uma criança é impagável.

— Foda.

Escondo o risinho com a boca.

— Esse seu namorado testa minha paciência — Brooks resmunga. — E aí, vai comprar ou não?

— Eu mesmo não, cada um com seus problemas.

— Amor... — Rio de novo, levantando seu queixo para encará-lo. — Por mim, vai.

— Pequena... — Seu tom de voz fica manso. — Quero ficar com você.

— A farmácia é pertinho daqui, e eu estou bem, vai ser rápido — juro, dando um breve selinho nos seus lábios. — Estou ansiosa pra saber se vou ser titia ou não.

Contra sua vontade e xingando palavrões baixinho, ele obedece, beijando minha bochecha, e levanta, fuzilando Brooks com o olhar

— Espero mesmo que esteja grávida e que não tenha feito eu sair de perto da Alyssa à toa.

— Vira essa boca pra lá! — ela berra.

Ele vai em direção à porta de cara fechada, e pela forma que sua boca mal se abre e sua cabeça fica balançando, tenho certeza de que ele está remendando minha amiga. Batendo a porta atrás de si, Eros sai.

— Quer que seja menino ou menina? — indago, brincalhona.

— Menino... aliás, quero que seja mentira — ela se corrige rapidamente, vermelha. — Sem piadinhas. — Aponta o dedo pra mim.

Gargalho, lá no fundo, felizinha por imaginar ela com um neném.

— Eu não ia falar nada.

— Te conheço. — Senta na maca e apoia o queixo na palma da mão. — O que eu fiz pra merecer isso? — pergunta, retórica.

— Sexo sem camisinha — devolvo, travessa.

— Vai se ferrar.

Solto uma risada.

— Não vejo a hora de fazer a listinha com os nomes.

20 minutos depois, Eros chega com dois testes de gravidez. Brooks, tremendo, vai para o banheiro e pede para que esperemos aqui. Concordamos e, enquanto isso, eu e meu namorado ficamos apenas deitados, sem dizer coisa alguma, a não ser sobre a atual situação de Brooks.

Meia hora se passa e minha amiga ainda não saiu.

Brooks está grávida.

Pelo menos, foi o que os testes disseram.

Ela não para de chorar no meu colo, à beira de um colapso. Tento tranquilizá-la, afagando sua cabeça e dizendo palavras de conforto, mas nada parece adiantar.

— Amiga, calma...

— Como eu vou ficar calma, Alyssa?! — Levanta o rosto para me olhar, todo inchado e molhado. — *EU TÔ GRÁVI DA!*

— Quer que o hospital inteiro saiba disso? — Rolo os orbes. — Não é o fim do mundo, Br...

— Eu conheço o Bradley há nem 1 mês direito, Alyssa, c-como que eu vou contar pra ele que eu tô g-grávida? Ele já tem uma filha!

Eros limpa a garganta.

— Se te consola... sempre foi o sonho dele construir uma família grande.

— Que família, Eros?! — exclama, soluçando. — Nós não temos nada!

— Mas bem que queriam... — murmuro.

— Você não está ajudando. — Seu rosto se transforma em uma carranca.

— Desculpa, Brooks! Mas realmente não sei o que dizer além de "Sinto muito" e "Vai dar tudo certo!”

Ela choraminga, tornando a deitar a cabeça nas minhas pernas.

— Eu só tenho 17 anos — sussurra, balançando as pernas, descontrolada. — Aliás, *como* que isso aconteceu?! Me disseram que eu sou infértil!

— Era — corrijo. — Tem um bebê aí dentro, então *era.*

Brooks meio ri, meio bufa, como se estivesse se segurando para não me bater, e Eros me lança aquela encarada de quem diz que não estou colaborando.

— Odeio você — cicia.

Suspiro, acariciando seu cabelo.

— Vai dar tudo certo, gatinha, relaxa.

— Não vai, não — chora, batendo no colchão da maca. — Eu me odeio.

— Gravidinha não pode passar estresse.

— Para de falar issooooooooo — pede, se sentando e enxugando o rosto. — Quero morrer.

Estalo a língua no céu da boca, acariciando a base das suas costas.

— Vai contar ao Bradley?

— Óbvio que vou. Não fiz esse filho sozinha.

— Acho que ele vai gostar da ideia de um segundo filho. — Sorrio largo.

Brooks exala, olhando para Eros, mas sem realmente enxergá-lo. Sua visão está perdida.

— Meus pais vão adorar a notícia de um herdeiro. — Ela ri. — E Scott vai querer me matar.

— Não pensa nisso agora, Brooks... Conta só para o Bradley, deixa pra dar a notícia aos seus pais quando sua barriga estiver maior — aconselho.

— Vou fazer isso. — Assente, olhando para a própria barriga. — Uau, um bebê vai sair daqui de dentro?!

Eu rio e anuo.

— Bom, vai... Se você quiser.

— Não vou abortar, Aly — diz, certa. — Foi um erro que eu e Bradley cometemos, não irei descarregar isso nele. E se houver alguma chance de Bradley não querer assumir, eu tenho condições de cuidar dessa criança.

Balanço a cabeça, compreensiva, e estico o braço para segurar a mão de Eros, só porque estou com saudades dele, das mãos calejadas e ao mesmo tempo suaves.

— Você vai nos fazer titios, então?

Brooks libera o ar pelo nariz ao confirmar lentamente.

— Parece que sim.

Eu quero muito comemorar, mas noto que *animação* é algo que ela não está sentindo, já que não consegue compartilhar disso. Com um sorriso, ergo meu tronco e dou um beijo em sua bochecha, passando o polegar no dorso da sua mão.

— Vai ficar tudo bem, ok? Vamos cuidar disso, todos juntos. Você não está sozinha.

Ela me oferece um sorriso ínfimo, quase imperceptível, anuindo com a cabeça.

— Eu sei que não — declara, abraçando o próprio corpo. — Só é estranho.

— Um dia talvez eu entenda a sensação — comento, olhando de soslaio para Eros, que me fita de volta com as írises cintilando.

Brooks percebe o "clima" e ri, saltando da maca.

— Pensei que a primeira a engravidar de nós seria você, Aly.

— Eu não pensei isso, não. Quem é de nós que se relaciona sem camisinha? — retruco.

— Eu não sabia que tinha a mera possibilidade de engravidar, tá bom?

— Falando nisso... Você tem que procurar um médico e iniciar o pré-natal — lembro. — Será de quantas semanas você tá?!

Brooks dá uma gargalhada nervosa, arrumando os cachos escuros.

— Meu Deus... Não sei se estou pronta pra isso. — Pigarreia, fungando. — Enfim, vou deixar vocês a sós. Estou com cara de choro? Não quero que seus pais perguntem.

— Está.

— Droga, ok. Vou dizer que é por sua causa. — Minha amiga caminha até mim e beija minha testa. — Tchau, Aly, daqui a pouco eu volto.

— Tá bom.

Com isso, ela sai da ala, permitindo que, finalmente, eu e Eros fiquemos sozinhos. Sem perder tempo, ele vem e senta na maca, segurando minha mão entre as suas.

— Melhor agora? — ele pergunta em um cochicho.

— Melhor... — ressoo. — Sim, estou melhor. *Viva*, ainda não completamente bem, mas viva. Isso é o que importa. — Umedeço os lábios. — Me arrependo muito do que fiz, amor. Quando tive consciência da minha atitude, fiquei desesperada. Me perdoa por... ter feito você lembrar daquilo — sussurro, abaixando a cabeça.

Eros não permite, no entanto, elevando meu queixo com seus dedos, sorrindo pequeno.

— O importante é que está aqui, pequena. Não fique pensando nisso.

*É dif í cil*penso em dizer. Posso ter desistido há muito tempo da ideia de *não* querer mais viver nesse mundo, mas sei que carrego traumas e inseguranças que estão longe de desaparecerem assim, do nada — e uma delas é a mania de achar que sempre sou a culpada por tudo.

Talvez eu ainda demore a me recuperar, a me curar, mas estou pronta para batalhar por isso, por minha felicidade. Não a que provém de outras pessoas, mas a que provém de *mim.* Não quero depender de Eros, ou de Brooks, ou dos meus pais, para ser feliz. De jeito nenhum. Sinto que, enquanto minha alegria estiver baseada em terceiros, nunca estarei satisfeita comigo mesma. Algo sempre irá faltar.

— Quanto tempo fiquei desacordada? — questiono, cessando minha dúvida.

— Cinco dias — responde e eu arregalo os olhos.

— *Cinco dias?!* — praticamente berro. — E sua viagem?!

— Não fui. — Quando percebe que estou prestes a soltar outro berro de protesto, ele continua: — Eu não iria deixar você sozinha nessas condições, Alyssa!

— M-mas você perdeu...

— Fica tranquila, deu tudo certo. Eu tinha gravado um vídeo cantando e os meninos mostraram a ele. Hudson foi compreensível, entendeu a situação e marcou outro dia para irmos todos juntos.

Espero que ele não esteja dizendo isso só para me acalmar, pois funcionou. Em partes, no caso, porque ainda há aquela pontada de preocupação e culpa.

— Ele gostou?

— Muito. — Sorri, todo orgulhoso, e é impossível não fazer o mesmo.

— Quando eu vou escutar também?!

— Algum dia.

— Eros...

— Para com isso. — Se inclina para beijar minha bochecha. — Prometo que irei te mostrar quando chegar a hora.

— Hum — resmungo, fazendo um bico involuntário com os lábios.

Eu ouço sua risada, e pelos próximos minutos, o silêncio preenche o ambiente. Me dou conta, em algum momento, que ele está tenso, desviando o olhar do meu rosto para a parede toda hora, como se quisesse contar algo e não soubesse como fazer.

— Aconteceu alguma coisa?

Eros assente, incerto.

— Pequena... Eu preciso te falar um negócio. — O tom que usa não me agrada nem um pouco.

Aprumo minha coluna na maca e junto as mãos cruzadas em cima das pernas, atenta.

— O que houve?

Meu namorado suspira, como se dizer isso fosse difícil para ele.

— A sua mãe... quer que você passe um tempo na Itália — anuncia, receoso. — Disse que você é fluente na língua e não sei o quê. Por que nunca me disse isso?

— Ah. — Rio, aflita, porque tenho quase certeza de que ele perguntou isso só para aliviar o peso do assunto. — Não achei muito relevante, faz tempo que aprendi, inclusive. Nem sei se lembro mais alguma palavra.

— Diga algo, quero ver como o italiano soa dessa boca — apela, deitando a cabeça para o lado.

Rio baixinho, pensando.

— *Ti voglio bene* [15] — digo, testando a aspereza das palavras na minha língua.

— Uau, que sexy... — Estremece, com um sorriso de canto moldando seus lábios. — O que significa?

— "Você é um pé no saco" — minto, comprimindo os lábios.

Eros gargalha e beija minha testa.

— Vou fingir que acredito.

— Então... — retorno ao assunto. — O que minha mãe quer que eu faça lá?

Ele respira fundo, realizando um afago no meu joelho por cima do lençol.

— Todos nós concordamos que seria bom para você passar um tempo longe... *daqui.* Talvez conhecer lugares novos, pessoas novas, uma cultura nova, possam te ajudar nesse processo — fala. — Inclusive... ela perguntou se você se importa de não entrar na faculdade ano que vem e...

— Não me importo, Eros, mas aonde vocês querem chegar com isso? — interrompo. — "Passar um tempo longe", longe de quê? De vocês? De *você?!*

Vejo que machuca Eros dizer o que está dizendo, o que faz um desespero crescente tomar espaço no meu corpo.

— Precisamos desse tempo longe, meu amor — sussurra, a dor presente em cada sílaba. — Eu a amo desde que te conheci, não parei de amar em nenhum momento, mas *só* isso não é o suficiente, ainda mais quando você está tão quebrada, pequena, quando *eu* estou tão quebrado. Não quero te curar, sei que essa não é a posição que devo ocupar na sua vida. Pelo contrário, quero que você faça isso por conta própria. Não adianta dizer o quanto você é a mulher mais espetacular do mundo, em todos os sentidos, e que *é* forte, te lembrar disso todos os dias, se *você* não acredita nisso. Entende o que eu quero dizer?

Meu coração se aperta ao assentir, e não consigo mais controlar as lágrimas.

Entendo o que ele quer dizer, mas isso não quer dizer que doa menos.

— Q-quanto tempo? — sussurro de volta, segurando sua mão com força.

— 1 ano — responde baixo, sem me encarar.

— Amor... — Um soluço foge da minha garganta, pressionando os olhos com a expectativa de abri-los e tudo não passar de um sonho.

Infelizmente, nada acontece. Continuo no mesmo lugar. Continuo escutando-o dizer que iremos passar 365 dias separados, longe um do outro.

Ele aqui e eu do outro lado do oceano.

— É muito tempo, minha pequena, *eu sei,* não pense nem por um segundo que me agradei com essa ideia, mas é o que nós dois

precisamos agora, Alyssa. — Afasta o cabelo do meu rosto. — Não estamos bem, pequena, precisamos desse tempo para, no futuro, podermos conquistar tudo o que sonhamos. Você é a mulher que eu amo, e vai ser assim por todos os dias da minha vida. Não vai ser 1 ano separados que irá mudar isso.

— E se você encontrar outra pessoa?

— Sem chance. Aliás, não considero isso como um término, estarei namorando você todo esse tempo. A não ser que...

— Eu também estarei namorando você — afirmo conforme choro.

— É um alívio ouvir isso, odiaria perdê-la para um italiano qualquer.

Um riso irônico escapa dos meus lábios.

— Você é a única pessoa que me enxerga dessa forma, amor. Gostosa, mulher mais linda do mundo, deusa... — cito seus incontáveis elogios.

— Acredite, gata, já tive que ameaçar muitas pessoas por ficarem te olhando demais. *Não sou* o único que te enxerga assim.

Solto uma gargalhada embargada, sentindo o rastro quente de água deslizar dos meus olhos.

— Como eu vou sobreviver sem você durante esse tempo? — choramingo. — Não sei lidar com a saudade.

— Você vai estar mais ocupada se curando, Aly, assim como eu. — Entrelaça nossos dedos. — Serei só aquela memória bonita que você vai se recordar antes de dormir.

— Até parece. — Dou risada. — Vou sentir falta dos seus abraços e beijos todos os dias.

— Nem me fala, meu amor... — Leva os nós dos meus dedos aos seus lábios. — Ah! Quase ia esquecendo. — Ele pega algo do bolso da calça. Um papel, que bem sei do que se trata. — Olha.

— Jesus... Eu tinha esquecido completamente disso — sou sincera, pegando o famoso formulário da professora Ravena que nos uniu. — Nunca mais copiei nada nele, pra falar a verdade.

— É uma pena, porque todos os dias eu escrevo algo novo aí — diz. — Vou... mostrar para ela, explicar sua situação e... agradecer. Quer dizer, eu tenho certeza de que teria te encontrado

independente de qualquer trabalho, mas ela merece um crédito por ter agilizado a coisa.

Rio, dedilhando sua letra impecavelmente legível, tão diferente da minha, que é cheia de garranchos e torta.

— Você me via como "mimada" e "filhinha de papai"? — leio uma de suas anotações, lá nos **PONTOS NEGATIVOS,** sorrindo. — O que mudou?

— Eu te conheci. Não só de ouvir falar ou de trocar algumas palavras. Conheci de *verdade,* por isso, pode desconsiderar essas coisas sem sentido que escrevi.

— Hum... E nos **PONTOS POSITIVOS,** quando ainda me odiava, você disse que meus olhos possuíam a coloração mais linda que já viu, nem verde nem azul, *amarelo,* e que pensa mais do que devia nisso — exponho suas anotações em voz alta, observando suas bochechas assumirem um carmesim. — Acho que você sempre foi caidinho por mim.

— Você *acha?* Olhando isso agora, eu tenho certeza.

Eu sorrio e abro meus braços, pedindo para que ele se deite outra vez no meu peito. Gostei de tê-lo aqui, e agora isso meio que aumenta a *dorzona* que estou sentindo quando lembro que só me dei conta disso alguns dias antes de ir embora.

Ele faz o que eu quero, encaixando sua cabeça um pouco abaixo da curvatura do meu pescoço, desabando seu peso sobre mim. Eros é pesado, *bem* pesado, aliás, porém não me importo.

— Eu nem vou conseguir acompanhar a gravidez da Brooks — observo, triste. — Ele já vai estar com três meses quando eu voltar. Ou ela, não sei.

— Tenho certeza de que Brooks vai dar um jeito de te atualizar de tudo.

Me ajeitando, envolvo seu corpo com os braços e deito meu queixo no topo da sua cabeça.

— Sobre isso... Quero te falar um negócio — digo, contornando suas tatuagens com os dedos. — Quando eu for embora, quero fazer isso do jeito certo. Não quero ter contato com redes sociais, vou me abster totalmente deles, e não quero fazer chamada de vídeo ou voz com você. A saudade vai se tornar insuportável, meu

amor, e eu não quero ter a sensação de que estou apegada e dependente de você, entende?

— Eu entendo, pequena. Essa também era a minha intenção. — Ainda que o pensamento seja recíproco, é notável o descontentamento na forma como fala.

Não estou nada diferente, pois a simples menção de que irei passar 365 dias sem ver esse rostinho me mata.

— Mas... Quero trocar cartas com você. Por todo o tempo que passarmos distantes — completo, escutando sua risadinha.

— Vamos voltar para 500 anos antes de Cristo, hum? — brinca.

— A diferença é que elas vão chegar mais rápido ao destino delas.

— Vale uma foto minha pelado dentro do envelope?

— Não! — gargalho, batendo no seu braço. — Sem fotos, só texto.

— Chata — sopra.

— Precavida — corrijo. — Nada me impede de voltar *voando* pra cá. Não quero correr o risco. — Rio do meu próprio trocadilho. — Aliás, minha mãe disse quando vou?

— Daqui a quatro dias — revela, nada contente. — Ela já ajeitou suas coisas, só estamos esperando o médico te dar alta.

— Uau — sopro, impressionada. — Ela e meu pai devem estar mesmo ansiosos pra me verem longe daqui.

— Não é isso, meu amor, é só que... sua mãe ficou muito preocupada. Ana acha que, quanto antes você for, melhor vai ser.

— Vamos aproveitar nossos últimos dois dias juntos, então? — pergunto, sentindo o gosto amargo na boca.

Eros me abraça mais forte, enterrando a cabeça no meu ombro.

— Vamos aproveitar nossos últimos dois dias juntos, pequena. — Beija meu seio direito por cima de todas as camadas de roupas, me fazendo rir. — Porque quando nos reencontrarmos, eu não vou te soltar nunca mais.

CAPÍTULO 45

45

Alyssa Blair

Quatro dias depois, estou no aeroporto.

Toda a minha família está aqui, incluindo Dona Emma e Anthony, que fizeram questão de comparecer e me dar aquele abraço de que vou me lembrar por um longo período.

Já são 8h30 da manhã, e meu voo é às 8h45, o que significa que restam apenas 15 minutos para eu dar "tchau" à vida velha e um belo "oi" ao futuro. Longe deles. Dele.

Passamos os últimos dois dias aproveitando o máximo da companhia um do outro do jeito que podemos. Assistimos filmes, nos beijamos *muito,* nos abraçamos até que nossos corpos se tornassem um, rimos e choramos. Não só com Eros, fiz o mesmo com minha família, principalmente com Brooks, que já começou a ter suas emoções afetadas pelos hormônios da gravidez. Inclusive, ela disse que Bradley desmaiou de choque com a notícia, e que quando acordou, passou uns 10 minutos beijando sua barriga e

sorrindo como se esse fosse seu primeiro filho. Brooks até ficou mais calma, porque sabe que não está sozinha.

10 minutos para o embarque, os alto-falantes anunciam.

Eu gelo inteira, ansiosa e aterrorizada na mesma proporção. Estarei sozinha em um novo continente, um novo país, um novo estado e uma nova cidade. Pessoas completamente desconhecidas, costumes novos. Vai demorar até que eu me acostume a falar na língua deles.

Nos últimos dias, minha mãe pesquisou centros de terapia na Itália e acabou achando um que fica perto do apartamento que ela alugou para eu morar. Posso dizer que, para *essa* parte, estou prontíssima.

7 minutos.

Eu levanto.

Abraço Brooks, Fallon e até Bradley, que está com a bebê no colo.

— Que a sua *viazem* seja muuuito boa! — Fallon deseja, espalmando minhas bochechas com as mãos gordinhas e beijando minha testa. — Quando *vose* voltar, meu *imãozinho* vai tá bem *gandão!*

Eu sorrio em meios às lágrimas, olhando para Brooks, que não está muito diferente. Grávida de 3 semanas, o médico disse, e ela jura que sua barriga já está à mostra.

— Eu tenho certeza de que sim, minha princesa. — Beijo sua testa de volta e abraço Bradley quando ele põe Fallon no seu lado esquerdo. — Cuide bem da minha amiga — cochicho no seu ouvido.

— É claro que eu vou.

— E você, Brooks... — vou para ela — cuide bem do meu sobrinho. — Ponho a mão na sua barriga.

— Não garanto nada, não.

— Brooks! — eu exclamo baixinho e ela dá risada.

— Tô brincando, besta. É claro que eu vou.

— Hum. — Cerro as pálpebras, seguindo para Emma e Anthony. — Vou sentir tanta falta de vocês...

— Nós também, querida. — Anthony embala meu corpo em um abraço terno. — Mas se é importante para sua recuperação, nós

aguentamos.

— V-verdade. — Emma funga, limpando o nariz com um lencinho, e eu rio da cena. — Vou preparar uma lasanha gigante quando você chegar, espero que ainda goste.

Gargalho, abraçando-a forte.

— Impossível não gostar, dona Emma. Pode preparar, sim, vou devorar tudo.

E, agora, vou para os meus pais. Não há a mesma comoção, embora eu sinta que vou ficar com tanta saudade da minha mãe que mal irei conseguir dormir. Joshua não derramou uma só lágrima nesses dias, não na minha frente, aliás, pois seus olhos estão vermelhos. Mesmo que sua postura de durão não permita demonstrar, ele não está bem com isso.

Vejo um vislumbre do pai que ele um dia foi para mim.

— Tchau, pai. Tchau, mãe. Prometo ligar assim que chegar — reforço, sem saber como agir.

— Tudo bem, filha. Se cuida, tá? — Ana deseja, me abraçando.

Eu olho para Joshua, esperando por alguma reação dele. Não quero ir embora sem me despedir de verdade, sem abraçá-lo ou escutar palavras sinceras.

— Tchau, pai — sussurro, as lágrimas embaçando minha visão. — Vou sentir sua falta.

Diga algo, diga algo, diga algo, por f avor

— Certo, hum... Eu também, boa viagem. — É o que diz, coçando a nuca.

Fico na expectativa por mais, contudo, nada vem. Eu abro meu melhor sorriso, mordendo os lábios em seguida para conter os movimentos trêmulos que denunciam minha vontade de chorar pela decepção.

Um abraço. É a única coisa que eu quero. Mas nem isso ele é capaz de me dar.

Por fim, guio minha mala até onde Eros está, próximo à escada rolante que dá acesso a um dos aviões — o que vou embarcar, no caso —, e me permito chorar com o quão lindo ele parece hoje e a saudade esmagadora que estou sentindo desde já.

2 minutos.

2. Malditos. Minutos.

— Parece que chegou a hora — sussurro, me jogando nos seus braços.

— Chegou, pequena. — Me abraça de volta, roçando o queixo na minha testa para que eu levante minha cabeça. Quando o faço, ele sorri, seus olhos se enchendo de lágrimas. — Mas iremos nos reencontrar de novo aqui, nesse mesmo lugar, outra vez. Para sempre, eu digo.

— Estou contando os dias para 27 de junho de 2023 chegar — falo, minha face se transformando em uma bela poça.

— Já marquei até no calendário. — Eu rio e ele também. — Não vai existir um só dia desses 365 que não irei pensar em você, pequena.

— Eu acho que, mesmo que eu tente, não irei conseguir te tirar da cabeça de jeito nenhum — murmuro. — Você me deu as memórias mais bonitas de recordação.

Eros dá um suspiro trêmulo, começando a chorar.

— Eu só quero que você viva, meu amor. Conheça novas pessoas, faça amizades, experimente comidas novas, chore o que tiver que chorar na terapia, sinta, se cure. Não é fácil, não *vai* ser fácil, mas lembre-se de que tem uma família aqui te esperando ansiosamente. — Traça as linhas do meu rosto como se quisesse memorizar cada detalhe. — Eu te amo, minha pequena estrela, e te amarei até que esse mundo não passe de uma ilusão. Você iluminou meu céu escuro e me mostrou que ainda há esperança. Prometo fazer esse tempo que estaremos longe valer a pena. Prometo buscar todos os dias ser alguém melhor.

— Vai fazer terapia também? — pergunto, banhada com o choro que não parece ter fim.

— Ah, que nada! Algum de nós tem que ser o desequilibrado da relação.

Eu dou um tapa no seu peito, lutando para não rir.

— Esse "alguém" não será você!

— Nem você.

— Nem um de nós! — dou fim na discussão.

Eros gargalha.

— Vou continuar meu tratamento, amor, não se preocupe — diz. — Afinal, como eu vou fazer de você minha esposa se não tiver resolvido todas as minhas pendências mentais?

Sorrio, esperançosa, sabendo que, quando tudo isso acabar, um caminho lindo até a velhice nos espera.

Me sobressalto quando os alto-falantes anunciam que todos os destinados a Roma, Itália, devem entrar no avião designado.

Chegou a hora.

— Meu beijo de despedida — ele lembra, segurando meu rosto.

Enxugo as lágrimas e envolvo minhas mãos nos seus cabelos, puxando-o para mim.

Suspiramos juntos ao sentirmos nossas bocas se tocando. Nos beijamos há alguns minutos, só que, para mim, equivale a uma vida, porque agora não poderei mais beijá-lo a hora que eu quiser, e isso dói tanto que torna respirar difícil e as lágrimas fáceis. Nos beijamos com calma, sem pressa. Saboreando cada segundo, pois, dessa vez, ele é finito. Ignoro meus pensamentos e foco apenas nele. No doce toque da sua boca na minha. Nos curtos gemidos que me escapam quando nossas línguas dançam em sintonia. Em uma fração de segundo, quando abro meus olhos, vejo os seus inundados. Elas se misturam ao nosso beijo, o salgado se mesclando ao doce.

Nos deleitamos do toque um do outro, sem me importar que meus pais estejam vendo, até que outra chamada soa por todo o aeroporto. Contra a minha vontade, me desvencilho dele, ciente de que seus lábios avermelhados após um beijo nosso será outra coisa da qual sentirei saudades.

— Até logo, meu amor. — Eu me ponho na ponta dos pés e abraço seu pescoço. — Eu te amo.

— Até logo, mon étoile. Me atualize da sua vida por meio das cartas.

— Pode ter certeza de que eu vou — digo, virando para a outra parte do meu coração e acenando para eles. Até Fallon está chorando. — Amo vocês! — grito, mas não o suficiente para causar alarde.

Sendo assim, solto a mão de Eros e arrasto minhas malas à escada rolante, subindo os degraus e deixando que ela me leve. Eu tenho a opção de fazer como a Ellie, em A Barraca do Beijo, e não olhar para trás, mas ainda não estou louca.

Eu viro, e daqui de cima, eu tenho uma visão mais ampla do que me espera. Eu não tinha dimensão do tanto que sou amada até agora, e por eles, por mim, pela vida que eu tanto quero, estou disposta a fazer meu tempo distante deles compensar todas as lágrimas que estamos derramando agora.

Alyssa Coleman Blair.

Essa garota não vê a hora de se ver livre de tudo o que um dia a atormentou.

Curada.

Não importa o quão impossível pareceu ser um dia. Carrego a convicção de que irei retornar com todas as minhas feridas cicatrizadas.

CARTA QUE NÓS ENVIAMOS

Al yssa Col eman Bl a

De Roma, I t ál i
P ara B ost on, Est ados Uni do

Oi!

Não sei quando irá receber essa carta, mas nesse momento, estou no meu mais novo apartamento, com vista para toda a cidadezinha de Roma, após oito horas intensas de viagem.

Posso te conf essaralgo? Passei o voo inteiro chorando. Eu mal sentei na poltrona conf ortávelquando desabei, tenho certeza de que todos lá viram e que passei a maior vergonha! Tentei me distrair, pegando algo para ler, mas nada adiantou, meus olhos estavam tão embasados, que eu não enxergava nada além da minha poça de lágrimas.

Não sei como vou conseguir sobreviver sem seus beijos, seus abraços, sua voz. Passei tanto tempo reclamando das suas provocações e palhaçadas, mas tudo o que eu queria agora era suas piadinhas para me acalmar e me deixar um pouco mais f eliz.

Acho que me arrependi de ter proibido você de me ligar, e se esse sentimento não passar, por f avor, não recuse a minha ligação.

Se eu te ligar, é porque estou desesperada para ouvir sua voz.

Espero que não ligue para meu texto todo borrado, é que não consigo parar de chorar, mas espero que entenda. Você me deixa extremamente sensí vel,Eros Russell, eu não era assim antes de te conhecer.

Ok, talvez eu era, sim, mas você agravou a situação!!!

Não há muito o que f alar de Roma até agora. Quando cheguei, a primeira coisa que f izf oivir correndo para o apartamento e me jogar na cama macia – que se tornaria melhor se você estivesse aqui – , mas notei que é uma cidade bem grande, populosa e com pessoas muito gentis. Conf esso que quase tive uma sí ncope nervosa ao embarcar numa nova terra, até porque, passei 17 ANOS da minha vida dependendo exclusivamente da minha mãe, então essa mudança drástica tá pesando muito.

Tenho certeza de que Brooks se sairia melhor do que eu e já teria f eito amizade até com o porteiro do prédio!

No mais, isso é só.

Por f avoŗ não se esqueça de escrever para mim. Nosso casamento está em risco!

Eu te amo, meu amor. Estou morrendo de saudades.

Prometo não te trocar por nenhum mauricinho italiano.

Até logo!

Estou ansiosa por suas cartas."



Eros Durand Russel l

De Bost on, Est ados Uni do
P ara Roma, l t ál i

Minha pequena,

Tenho esperado por essa carta desde que entrou naquele avião e f oiembora. Essa semana, a caixa postal já teve o prazer da minha ilustre presença pelo menos três vezes por dia, e sempre que eu não via nada seu, xinguei todos os nomes que eu conhecia – e até inventei alguns – ,mas conf essoque só o choro pode expor tudo o que não f ui capaz.

E eu tenho chorado muito.

Tenho repassado todas as noites os nossos momentos juntos, e ontem quase quebrei a casa por ter lavado a camisa que você estava usando no nosso último dia " normal"e que ainda carregava seu cheiro – tudo bem, não cheguei a quebrar a casa, eu seria expulso dela caso f izesse, mas posso ter arrancando um ou dois f ios de cabelo da minha cabeça. Nada grave.

Agora f altam... 360 dias para nos reencontrarmos.

É, acho que aguentamos.

Estou orgulhoso de você, estrela. Não tenho ideia do quanto está sendo dif í cilconviver em um lugar estranho, porém tenho da sua f orça. Ela é maior do que imagina.

Meus avós não param de f alar sobre você, eles estão f azendo até uma espécie de reunião toda noite para enaltecer suas qualidades e a f alta que f az. Não sou o único rendido por você, amor. E eu até poderia dizer que é coisa de louco, mas louco mesmo seria não se render aos seus encantos.

Cacete, eu sou muito apaixonado.

Não há nada de novo acontecendo por aqui também – tirando o f ato de que Brooks está quase enlouquecendo Bradley com seu tesão irref reável. Você também vai f icarassim quando engravidar? Prometo não soltar uma reclamaçãozinha sequer.

Ah, retomei com minhas sessões de terapia. Está sendo... libertador. F alo sobre você, meus pais, o que estou sentindo. Eu não deveria ter parado nunca, mas sabe como é, seu namorado é um pouco teimoso.

Eu te amo, mon étoile.

E espero mesmo que não me troque por nenhum cara padrão italiano. Pense no quanto vou chorar se f izer isso.

Até mais, amor.

(Mande logo uma correspondência antes de eu causar sérios danos à caixa postal.)



Alyssa Coleman Bla

De Roma, Itália
Para Boston, Estados Unidos

AAAAAAAAAAAAAAAH!!!

Desculpa, amor, mas eu rasguei todo o envelope só de ansiedade. Espero que não tenha feito com carinho, pois vou me sentir muito mal.

Faz 1 semana que estou aqui, e talvez os vídeos sobre a cultura italiana que vi estejam rendendo muito! Pelo menos não pareço uma psicopata quando falo com as pessoas e nem quando vou comprar algo.

Ontem, eu conheci um doce chamado "Cannoli", e é simplesmente a melhor coisa que já comi! Espero que dê para levar várias porções pra você. Foi um pouco solitário ter que comer sozinha, espero fazer amizade logo aqui.

Hum, deixa eu ver... Ah!

Hoje de manhã fiz a minha primeira consulta com a terapeuta aqui perto. O nome dela é Francesca e é uma mulher muito legal! Contei a ela toda a minha situação, do início ao fim, e foi difícil não chorar – ainda mais nas partes em que eu falava de você, e olha que eu falei muito. Francesca ouviu tudo e alegou que eu deveria ter procurado acompanhamento psicológico há muito tempo, quando os primeiros sinais de que algo estava acontecendo comigo apareceram. Foi complicado engolir a realidade, pois cada coisa que ela dizia equivalia a um tapa na cara – nada carinhoso –, ainda que suas palavras fossem mansas.

Ela me fez relembrar de alguns traumas que eu jurava já ter esquecido, e doeu um pouco.

Talvez não mais do que chegar em casa e não ter ninguém para me dar um abraço. Mas o sentimento foi passando aos poucos ao ler a Bíblia, meu maior Auxiliar em tempos como esse.

Fico muito feliz que Brooks esteja se dando bem com a gravidez e muito preocupada com essa ninfomaníaca. Manda essa garota fazer os exames direitinho!!! Quero ver esse bebê bem e saudável quando eu voltar.

(E respondendo à pergunta, pode sonhar. Serei uma gravidinha recatada.)

Estou tão feliz que tenha voltado a fazer terapia, amor. Permaneça nela e nem invente de sumir!

355 dias.

Nós aguentamos.

Encerro essa carta de uma garota apaixonada por seu namorado com muito amor.

Eu te amo. Para sempre e sempre.

Até logo.

(Ainda não encontrei nenhum italiano nível AMOR DA MINHA VIDA.)



Eros Durand Russell

De Boston, Estados Unidos
Para Roma, Itália

Ok, ok.

Acho que não consigo mais esperar.

Você deve estar se perguntando do que estou falando, e com certeza sua testa está enrugada e sua boquinha linda formando um bico fofo e concentrado.

Saudades de beijar essa boca, aliás. Não sei como estou sobrevivendo sem isso.

Enfim, voltando ao assunto, preciso te mostrar algo SÉRIO. Sei que falou para não trocarmos imagens e qualquer coisa do tipo, mas, POR FAVOR, SEM SURTOS, não é algo que eu consiga te mostrar só próximo ano.

Dentro do envelope, segue uma foto em miniatura de uma das maneiras que encontrei de te eternizar em mim. Agora, não só mais na minha alma ou no meu coração.

Pode me chamar de inconsequente ou maluco, irei concordar com as duas coisas, porque quando se trata de você, eu realmente sou. Entretanto, eu espero que, acima de tudo, goste.

Lembra quando eu disse que seus olhos carregam uma galáxia inteira? Pois é.

Minha tatuagem nova significa isso.

Os planetas e a constelação de Escorpião salpicada por estrelas dentro de um olho da tonalidade mais linda do amarelo representa o mundo inteiro que eu via sempre que te olhava. Abaixo, há uma frase de Shakespeare, porque, de alguma forma, foi algo que nos marcou.

" Aquiloque pedimos aos céus na maioria das vezes se encontra em nossas mãos."

Eu pedi demais por você sem ao menos ter ideia, meu amor, ter você comigo é como a realização de todos os meus melhores e lindos desejos.

Fiz ela no mesmo dia que acordou do coma, então isso me permite pôr um significado novo e especial a ela: o dia que você voltou para os meus braços.

Espero que tenha gostado da surpresa.

Imagino que esteja chorando agora, como a boa chorona que é, e eu odeio não estar aí para enxugar suas lágrimas e te aninhar no meu peito.

Eu te amo. Por todos os dias.

Até logo.

(Tem um pedacinho do meu peitoral esculpido na f oto. F aça um ótimo proveito.)



Al yssa Col eman Bl a
(Al guns meses depoi s

De Roma I t ál i
P ara B ost on, Est ados Uni do

Hoje f oi um dia dif í cil, a saudade não só de você, como dos meus pais e amigos me pisaram com f orça hoje e disseram que eu iria chorar pelo resto do dia.

É o que estou f azendo agora.

Tenho feito terapia toda semana, como você bem sabe, mas há aqueles dias em que chego em casa e tudo o que desejo é acelerar o tempo para voltar aos seus braços. Temos trocado correspondências por sempre, e eu te amo muito mais por ter perf umado sua carta com o seu aroma, que eu já estava esquecendo como era, mas isso só contribuiu para me f azer chorar abraçada com a carta por longas horas.

F rancesca disse que isso é normal – as recaí das – , e que o processo de cura não é da noite para o dia. Demora, custa tempo, mas o importante é que eu continue com as sessões e não me martirize por isso. Somos humanos, sobretudo, temos sentimentos e vivemos em um mundo complicado, não há nada de outro mundo nossa mente reagir a isso.

Eu te f alei sobre a amiga que f iz, certo? A G iovanna. Ela veio me visitar hoje e até trouxe um tal de Tiramisù, um doce italiano bem requisitado e querido entre eles por aqui. É uma delí cia, de verdade, mas quase não senti sabor. Acho que estou triste demais para pensar em outra coisa.

Ah! Teve algo que eu não te contei.

O meu pai, pai mesmo, o biológico, me ligou hoje e disse que está sentindo falta de mim e que espera que esteja tudo indo bem comigo por aqui.

Foi tão bom ouvir a voz dele, amor, conversar com ele sem nenhum problema nos envolvendo.

E Joshua... Ele nunca me ligou.
Eu choro toda noite por isso, choro demais. Espero como um cãozinho feliz e ansioso o dia todo por uma ligação dele, por uma ligação do homem que considerei meu pai e uma parte de mim por tanto tempo. Às vezes me pergunto o que fiz de errado para fazê-lo mudar assim.

Sinto falta de quando nos reunimos na sala para assistir algum filme e ele me defendia de alguma briga da minha mãe.

Mas, enfim, isso não vem ao caso.

Estou contando os dias no calendário e as horas no relógio, amor. Posso estar amando essa cidade, esse país, estar aprendendo muito aqui, mas nada, absolutamente nada, vai superar a minha alegria de voltar para casa, a sensação de estar com você, o meu lugar.

Ai, Eros... Eu te amo tanto. Mais do que amei quando fui embora, esse sentimento só cresce, e a paz que sinto por saber que é recíproco tira todo o medo. Obrigada por isso, amor, obrigada por me dar esse conforto que tanto procurei em um relacionamento.

Agora consigo compreender tudo o que Paulo disse em Coríntios.

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha.

Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor.

O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Faltam só 5 meses, meu rabugento favorito!!!!!

Vou ficar1 ano inteiro enganchada em você para compensar o tempo longe.

Até logo!

(Obs: estou orgulhosa por tudo que você e a The Dragons estão conquistando, não vejo a hora de ouvir sua voz na rádio. Vocês merecem. Eu só queria estar aí para celebrar com vocês.)



Eros Russell

De Boston, Estados Unidos
Para Roma, Itália

Olá, minha pequena.

Contar isso tudo em uma carta deveria ser um crime, porque não posso fazer nada para vê-la melhor, e isso está me matando.

Também tenho tido algumas recaídas na terapia. Estou mais sensível a tudo o que aquela mulher diz e me sinto confortável para chorar na frente dela enquanto penso em você e tudo o que passei para chegar aqui.

Provável que você não encontre mais o mesmo Eros durão quando voltar, e sim um que chora até por um filme melodoso, desses que você gosta. Mas ainda que isso esteja acontecendo, eu me sinto melhor, pequena, uma pessoa mais sã, mais preparada para ficar com você para sempre.

Agora, uma notícia de que talvez você goste:

Leonardo foi preso.

Ele e sua família inteira.

Após a sua ida para Itália, começaram a surgir relatos de várias garotas e garotos que foram abusados, de alguma forma, por ele, e com a pesquisa da Polícia, descobriram que a maioria dos abusos aconteciam na casa dele e que a família encobria tudo.

Carter e seus pais foram condenados à prisão perpétua, porque no meio delas, das mulheres, estava uma criança, e você sabe que a justiça dos Estados Unidos não brinca em serviço.

Por favor, entenda quando digo a palavra "abuso", não quero dizer aquela outra coisa.

Quando você voltar, tudo estará infinitamente melhor, Aly.

Mês passado, um cara que me disse que esse negócio de cartas não iria funcionar para sempre, que um de nós iria cair na rotina ou que um dos lados iria enjoar. Ele disse isso porque não nos conhece, amor, não faz ideia do nosso amor e de como somos tão íntimos e parceiros um do outro.

Eu nunca disse isso, mas essa é a coisa que mais amo no nosso relacionamento: o companheirismo. Sua confiança em contar tudo pra mim e me tratar como algo além de seu namorado. Estamos mais para melhores amigos que se amam infinitamente, e eu adoro isso. Adoro te ter como minha melhor amiga, e se algum dia tive dúvidas do laço que nos une, todas elas foram para o ralo.

Esse 1 ano longe também serviu para colocar nosso namoro à prova, para testar até onde íamos, e passamos muuuito bem no teste, porque eu nunca me senti tão próximo e ligado a você como agora. E não estou falando de algo físico, e sim sobre almas.

Eu te amo, minha vida.

Amo demais.

Espero que todos um dia tenham a chance de ter uma Alyssa na vida deles, mas não você, porque você já é minha.

Até logo.

Faltam apenas 3 meses.

Ps: o bebê da Brooks é a coisa mais fofa do mundo, não vejo a hora de ter o nosso.

Alyssa Coleman Bla

De Roma, Itália
Para Boston, Estados Unidos

Talvez essa seja a carta mais rápida que irei escrever na minha vida.

CINCO DIAS, AMOR.

CINCO.

DIAS.

Minhas malas estão todas jogadas na cama e meu apartamento tá uma zona, tive que comprar mais três malas para caber tudo o que quero levar de recordação para aí – incluindo vários potes de docinhos que só me lembraram você, espero que não estraguem.

Para ser sincera, está sendo difícil me despedir dos amigos que fiz aqui. Giovanna, Anna, Francesca – que se tornou minha melhor amiga nesse tempo – ,Chris e Samara, todos estarão eternamente guardados no meu coração, e até peguei os números deles para conversarmos depois, mas nada se compara com o que estou prestes a viver de novo.

Daqui a cinco dias.

Provavelmente, essa carta não vai chegar a tempo, e quando a receber, já estarei coladinha na cama com você e matando a saudade do melhor jeito possível,ainda assim, é um dia marcante, e você faz parte de todos os meus dias marcantes.

Obrigada por ter estado comigo todo esse tempo.

Por nunca ter me abandonado.

Por continuar o mesmo Eros que deixei, há 1 ano.

Nosso amor ultrapassa qualquer oceano, não é? E se eu tinha dúvidas disso, elas foram para o ralo totalmente.

Meses e meses e nenhum italiano padrão conseguiu te superar, talvez porque meu coração só pertença a um certo francês.

Estou escrevendo pra ele agora.

Vou terminar de arrumar as malas e ir correndo em direção ao meu destino.

A ideia de viajar nunca pareceu tão excitante.

Eu te amo, meu amor.
Te amo, te amo, te amo, te amo.
Até mais.
E dessa vez é sério.
Nos vemos em breve, garoto-f rancês.
Sua garota está voltando.

EPÍLOGO

Alyssa Blair

Eu queria poder dizer que esse 1 ano passou voando, que quase não senti os efeitos da separação, mas estaria mentindo feio.

Foram os 365 dias mais difíceis da minha vida. Tive pouquíssimos contatos com meus pais, quase nenhum com Brooks, e nenhum, tirando as cartas, com Eros. 365 dias sem ouvir sua voz, sua risada, sem sentir seu cheiro e seus beijos. 365 dias sobrevivendo apenas com sua caligrafia e palavras bonitas. Lembro de todos os dias ir ao *Poste I taliane* em busca das suas correspondências, e sempre que não tinha, eu voltava para o apartamento frustrada e triste. Demorei a perceber que as cartas chegavam a cada cinco dias, sem falta.

Eu fazia uma cena escandalosa no meio de tantas pessoas quando lia o nome **EROS DURAND RUSSELL** escrito em letras garrafais.

Apesar de nos primeiros dias eu ter pairado com os dedos em cima do número de Eros incontáveis vezes, não me arrependo da

decisão que tomei. Precisávamos desse tempo "sozinhos", distantes da companhia um do outro, eu precisava conhecer a Alyssa Blair real, longe do namorado, família, amigos. Estar sozinha às vezes é bom, e tenho certeza de que isso não trouxe benefícios apenas para mim. Nós dois necessitávamos de uma cura antes de embarcarmos em um relacionamento duradouro.

Meu processo de cicatrização foi longo, complexo, cheio de altos e baixos e algumas recaídas. Ainda não estou 100%, nem sei se algum dia chegarei nesse nível, mas estou muito melhor, porque no meio das derrotas, tive minhas vitórias, meus momentos em que eu olhava para o espelho e só queria beijar minha própria imagem. Conheci garotas com autoestima lá no céu, que não entendiam o porquê de eu estar tão animada com minha própria aparência, já que, aos olhos dela, eu sempre fui linda. Elas não entendiam e nem sabiam o extenso trajeto que percorri para chegar aonde cheguei. Eu estava cansada de ser maravilhosa apenas na perspectiva de outro, eu queria me sentir assim, eu queria que meus olhos enxergassem isso.

Quando entrei naquele avião com a promessa de que voltaria 1 ano depois, não me recordo de um dia que eu tenha chorado tanto quanto nesse. Doeu mais que qualquer outra coisa, foi sufocante, pois dezenas de pessoas me encaravam e eu não podia berrar até aquele sentimento horrível se dissipar. Chorei por Eros e pelo tempo que iríamos perder; por Brooks e pela gravidez que eu não iria acompanhar; por minha mãe, que mesmo com nossas diferenças, continuava sendo a mulher que me deu a vida e que batalhou por mim quando eu não fazia ideia.

E chorei por Joshua e por tudo o que poderíamos viver se as coisas fossem como antes.

Podem me chamar de burra ou trouxa, mas, ah... eu ainda sinto falta dele. Se eu for sincera comigo mesma, tê-lo longe foi o que mais me machucou. Joshua ainda é meu pai, meu paizinho, o homem que me ensinou a andar de bicicleta e que me levou para o show da minha banda favorita só para me ver feliz. Houve um tempo em que seu colo era o meu refúgio, que a sua fala mansa me acalmava. Eu o amo como amei quando tinha 3 anos, quando ele

começou a cuidar de mim como filha e comprou um grande bolo de chocolate para conquistar minha confiança.

Eu confiei nele. Confiei que Joshua seria o pai que não tive, confiei que seríamos uma família feliz. Confiei, confiei, confiei, confiei... Perdoei suas ações agressivas, seus comentários que me feriam como uma adaga. Acreditei na sua mudança, aceitei seus pedidos de desculpas. E tudo para quê? Para voltarmos a sermos dois estranhos? Para nem mesmo receber um abraço de despedida? Por meses, Joshua e Eros foram os principais assuntos nas minhas sessões de terapia. Dois homens que amo com minha vida, mas apenas um que retribui com o mesmo vigor.

Também tem Maximus, que não vejo a hora de revê-lo. Não me despedi do meu filho antes de ir embora, pois sabia que a dor iria ser um trilhão de vezes pior. Corta meu coração saber que ele pode estar me esperando todo esse tempo ou que ele nem lembre mais de mim. Quero descartar a segunda opção e fazê-la desaparecer da minha mente, porque eu não sei o que faria se Maximus esquecesse da minha existência.

O avião pousa no aeroporto de Boston. Os passageiros pegam suas malas e o burburinho se inicia. Sigo o mar de gente para fora, agradecendo ao senhorzinho por ter me ajudado com uma mala que ficara presa em uma das poltronas. Ao sairmos do avião, ainda temos um longo caminhão até chegar ao aeroporto de fato. Aproveito para dar uma passadinha no banheiro e dou um trato na minha aparência, nervosa como nunca.

Meus cabelos estão pintados de um ruivo-bronze e curtos na altura do ombro. Foi difícil me desapegar do cabelão, porém quando vi o resultado, me apaixonei na hora. A cor me valorizou, sem dúvidas. Giro um tantinho para o lado, encontrando a tatuagem de um coração humano que fiz na parte interna do braço. Não há nada de muito significativo, apenas um lembrete de que, independente das dificuldades, tenho um coração batendo dentro do peito e que estou viva. Um pouco abaixo, tatuei o nome Ohana, que significa família, e família quer dizer nunca perdoar ou esquecer.

Sim, sou fã número um do Stitch, mas, além de tudo, essa frase carrega consigo algo especial. Assim que fiz 18 anos, fui correndo

para um estúdio de tatuagem, e espero sinceramente que minha mãe não me bata por isso.

Dou outra olhada para o espelho, para mim, e ajeito minha blusinha rosa básica, sorrindo para a mulher do outro lado. Esses sorrisos têm se tornado cada vez mais frequentes.

Porque essa sou eu, Alyssa, a garota que está feliz como nunca, que não lembra da última vez que se sentiu tão ela e esteve tão completa.

Ela está em paz, pois sabe que, agora, possui carga emocional e vontade suficiente para viver todos os anos que lhe forem concedidos. Ela está em paz, porque mesmo ansiosa e com a consciência de que ama o cara que lhe espera a poucos metros, ela ama mais a si mesma.

Deus... Ela é *apaixonada* por si mesma.

Abro a porta e faço esforço com as malas para ir à escada rolante, logo à frente, animada e ao mesmo tempo sentindo dores na barriga de tanto nervosismo. Mas não é necessário que eu sequer desça a distância nos separa.

Eu o vejo.

Parado, com um cartaz levantado acima da sua cabeça e o maior dos sorrisos moldando seu rosto, está Eros, meu amor, me esperando. Não só ele, como todos os que cruzaram minha vida e, de alguma maneira, deixaram sua marca em mim.

Brooks, um bebê pequeno em seus braços, Bradley, Fallon, Vítor, Zoe, minha mãe, dona Emma, Anthony, Pandora, Bryce, até mesmo meu pai, Clark, está aqui.

Obrigo as lágrimas a desaparecem, piscando com avinco, mas é como pedir ao meu coração que pare de bater por Eros: impossível. Eu perco o ar e começo a chorar ininterruptamente quando todos começam a aplaudir e a gritar meu nome, me fazendo passar o maior vexame na frente de todos. Escuto um gritinho vindo de um neném, que só pode ser do meu sobrinho, que embora não esteja entendendo nada, não deixa de participar da festa. Esfrego os olhos para afastar as lágrimas — pelo menos por enquanto —, pois quero muito ler o que está escrito no cartaz de Eros.

Eu gargalho e choro ao mesmo tempo quando reconheço do que se trata.

É uma frase em francês que ele me enviara em uma de suas cartas, e eu decorei as palavras, é óbvio, porque foi quando o li em um dia que não estava me sentindo bem e ele me deu a primeira risada sincera em 20 horas.

"BEM-VINDA DE VOLTA, MON ÉTOILE.
FINALMENTE VOU PODER DESFRUTAR DA MINHA NAMORADA GOSTOSA E AGORA ESTABILIZADA DA CABEÇA, MAIS DELICIOSA DO QUE NUNCA. SÓ VANTAGENS!"

Que meus amigos e família me perdoem, mas foi pelo abraço desse cara que eu venho sonhando desde que o calendário marcou 364 dias para o fim daquela tortura que foi estar a um oceano de distância dele. Eu largo as malas de qualquer jeito e saio em disparada na sua direção. Passo como um vulto por adultos e jovens que estão tranquilos na escada rolante e corro para ele. Eros joga o cartaz no chão e abre os braços para me receber. E eu... simplesmente me jogo nele. Na minha casa.

Meu namorado nem me dá a chance de enterrar o rosto em seu pescoço, pois puxa meu queixo e gruda nossos lábios, inteiramente sedento.

O mundo explode nesse beijo. A saudade, a dor visceral da separação, o amor desmedido, loucos. O gosto familiar do nosso beijo nos arranca suspiros, nos entorpece. Cada carícia, cada suspiro e gemido, têm um significado só deles.

Senti sua falta.

Não se afaste de mim nunca mais.

Eu te amo.

Agora é para sempre.

Eros me abraça mais forte, louco para me fundir a ele, ignorando Isaac Newton e nem lembrando do que ele disse nessas horas. Seguro seu rosto e me separo, precisando de ar. Assim que abro os olhos, encontro os seus molhados, com lágrimas que caem

como uma cachoeira. Não estou diferente, não estou mesmo. Posso sentir o inchaço evidente e fruto do chororô no meu rosto.

— Meu amor... — soluça, encaixando a mão no meu pescoço e passando os olhos por todo o meu novo visual, enrolando uma mecha de cabelo ruivo no polegar. — Que saudade, meu amor, que saudade de você...

Eu sorrio, meus lábios trêmulos assim como os dedos, que passeiam pelo seu maxilar. Eros está tão diferente e tão igual ao mesmo tempo. Seu cabelo, preso em um coque, está maior, com uma coloração castanho-claro, e seu rosto está mais... másculo, durão. Assim como a mandíbula, bem marcada e infinitamente atraente. Fica difícil não pensar naquilo, mesmo que o momento não esteja pedindo por isso.

— Não sei como consegui ficar tanto tempo longe — sussurro, passando os braços por seu pescoço e enterrando o rosto na curvatura, recebendo seu carinho do qual senti tanta falta em dias sombrios. — Não quero passar por isso nunca mais.

— Não vamos, pequena. Nunca mais. — Ele se afasta só para olhar nos meus olhos. — Para onde você for, eu irei. Sem meio termo.

Mordo o lábio inferior, afastando meus fios avermelhados para o lado, encarando-o como se houvessem apenas nós dois nesse aeroporto, nesse mundo.

— Estou esperando você falar alguma coisa da minha aparência nova... — murmuro.

Eros engancha o canto da boca para cima, numa curva sorrateira e brincalhona.

— Ah, sim... Eu estava esperando para te elogiar quando estivéssemos só nós dois... — cicia, próximo à minha orelha. — Além de fazer o uso de simples palavras, eu te elogiaria de uma maneira mais... *prática*, sabe? Corpo com corpo e essas coisas. — Sorri. — Mas, cacete... Eu juro que meu coração fez um negócio muito louco quando te vi dali de cima.

Estremeço, os pelinhos do meu corpo se eriçando inteiros com meros sussurros, imagine com essas outras coisas. Estou há 1 ano sem qualquer contato sexual com o único homem que desperta real

desejo em mim. Meu namorado dizer frases como essa deveria ser proibido e uma violação contra as leis!

— Vamos ter que aprender muito um do outro, não é? — eu desvio o assunto para algo completamente diferente, mas necessário. — Muita coisa mudou em nós. É quase como ter que recomeçar do zero.

— Eu s...

— Só pra avisar, Eros não é o único presente aqui, não, viu? — Escuto o grito que só pode ter vindo de Brooks.

Eu salto do colo de Russell pelo susto, que se transforma em uma risada alta e verdadeira quando vejo minha melhor amiga com a maior cara de debochada me fitando. Obrigo minhas mãos a largarem as de Eros e ando até eles, sem conter a enchente de água salgada que transborda dos meus olhos quando a vejo tão de perto, tão linda e tão bem. Miro no bebê pequeno em seus braços, que já aparenta ter uns 5 meses, considerando o corpinho duro, os olhinhos abertos, espertos, e sua agitação.

Pelos meus cálculos, ele deveria ter, no máximo, 3 meses de idade, então é perceptível que algo não muito bom tenha ocorrido na sua gravidez.

— Como vocês estão? — balbucio, emocionada e, agora, preocupada. Viro para Bradley e Fallon, bem maior que da última vez que a vi. — Eu não pensei que pudesse sentir tanta saudade de vocês.

— Fallon sente o mesmo — o garoto diz, ajeitando a filha no colo. — Lembra da Alyssa, meu amor?

— *Lembo!* — exclama, me causando uma onda de alívio. — Oi, Aly!

— Oi, minha princesa. — Me aproximo para deixar um beijo em sua bochecha. — Aproveitando muito o irmãozinho?

— Tô! Ele é muito fofo, né?!

— Com certeza — afirmo, visualizando-o de relance e engolindo em seco, girando o corpo em direção a Brooks. — Tenho que dar atenção a cada pessoa que veio aqui, então nosso tempo é curto, e tudo o que eu quero é passar no mínimo 2 horas abraçada com você — declaro e ela ri, ainda em choque com minha

transformação. — Mas... não consigo parar de pensar no nome que deram pro filho de vocês. Cesse minha ansiedade e diga logo.

Brooks penteia os fios ralos e ondulados do filho, da pele de um marrom bem escuro como o do pai e de olhos escuros e de nariz largo, também, como os do pai. É uma cópia de Bradley, basicamente, e imagino bem o desespero da minha amiga ao se deparar com uma miniatura do rapaz.

— Eric — responde, beijando a bochecha do meu sobrinho. — Eric Cooper Cole. Sobrenome péssimo, eu sei.

Gargalho, negando com a cabeça, e me aproximo de Eric, apaixonada.

— É a cara do pai.

— Ah, cala a boca! — ela grita, escondendo o rosto do filho. Bradley gargalha, se achando. — Não carreguei esse lutador de box por 7 meses pra ele nascer a cópia desse antipático! Deve ser porque peguei ranço dele na gravidez. Idiota.

— Brooks! — repreendo. Tão igual. — Você não pode xingar o pai de Eric assim, na frente dele.

— Por trás eu posso?

Bradley estala a língua no céu da boca, rodeando a cintura da... namorada, eu acho, com o braço.

— Nós dois sabemos bem do tipo de *por trás* que você gosta, amor...

Não só Brooks enrubesce, pois também tenho a mesma reação, levando meus pensamentos para bem longe. Ou melhor, para um tal de Eros.

— Uh, baixaria logo cedo! Vou até falar com o restante do pessoal depois dessa. — Me abano com as mãos e me despeço deles. — Quando estiver mais calmo, conversamos melhor!

Mas antes... Troco poucas palavras com Zoe e Vítor, meio apressada. A garota me abraça, parecendo mais forte do que nunca, e tateia meu rosto, buscando lembrar da minha aparência. Deixo que ela demore o tempo que precisa, memorizando cada detalhe.

Com essa deixa, dou um breve aceno para Pandora, Bryce e os avós de Eros, pedindo para que esperem só mais um pouco, porque

se eu não falar com meus pais antes de qualquer coisa, serei lembrada disso pelo resto da vida.

Meus pais.

Estranho só os de sangue estarem aqui.

Mais uma vez, não Joshua.

Eu nem deveria estar frustrada. Era algo que eu já esperava — ainda que continuasse me agarrando ao fio de esperança da mesma finura de um fio de cabelo.

Nos livros, nós sempre esperamos pela famosa e emocionante redenção dos pais tóxicos da protagonista, que eles se redimam e finalmente possam viver em harmonia. Mas não é sempre assim que acontece. Nem sempre o pai reconhece seus erros ou a mãe pede desculpas por suas atitudes ao longo dos últimos anos. Eles nem sempre tomam conhecimento de tudo o que causaram à filha, e se tomam, não o suficiente para procurar amadurecer.

À s vezes, eles continuam sendo os mesmos. Sem redenção, sem qualquer coisa clichê que remeta a um upgrade de vida. Contudo, eu gostaria que na minha vida acontecesse como nos livros, nos contos de fadas. Eu gostaria que Joshua tivesse seu momento de... reflexão. De jeito nenhum queria que ele se ajoelhasse perante mim e pedisse perdão por tudo o que cometeu. Longe de mim! Mas, talvez, apenas talvez, um abraço e um pedido de desculpas sinceras fariam toda a diferença.

Acorda, Alyssa, você está na vida real, e ela não é sempre como você quer.

Minha mãe chora feito um bebê, e meu pai, seguindo os instintos dos homens de sempre quererem ser fortões, derrama poucas lágrimas. É mais do que preciso. Clark saiu da cidade que morava só para vir me ver, e isso significa muito.

— Minha filha... Sentimos tanto a sua falta! — Eles me abraçam em conjunto. Não tenho braço suficiente para abarcar os dois, mas faço o possível. — Como você está?!

Pelo visto, eles estão tão entorpecidos que nem notaram meu novo cabelo.

— Eu também senti, mãe e pai. — Forço o bolo que se forma em minha garganta para baixo. — Nunca estive tão bem, e vocês?

— Muito melhores! Eu estava com o coração tão apertado, filha... — Ana choraminga, espalmando meu rosto. — Você cresceu tanto.

— É — sopro, sem jeito, e acidentalmente meus olhos pairam sobre sua mão esquerda sem qualquer aliança. — Mãe... — Arqueio a sobrancelha, levando um baque por imaginar o que aconteceu. — A senhora e o meu padr...

— Nos divorciamos esse ano — completa por mim. Arregalo os olhos. — Não estava mais dando, filha. Problema demais. Foram 15 anos juntos, aguentando coisas que só Deus sabe! Não queria mais isso pra mim. Espero que entenda e não fique brava.

É difícil assimilar tamanha informação assim, de cara, pois mesmo sabendo que o casamento deles estava sobre uma corda bamba, nunca imaginei que minha mãe realmente tomaria coragem de pedir o divórcio. Agradeço por essa decisão. Joshua machucara minha mãe verbalmente tantas vezes que os 20 dedos que tenho — contando com os dos pés — não seriam suficientes para contar.

Amor demais pode se transformar em veneno. Mesmo que eu ame Joshua e creia que isso nunca irá mudar, reconheço que somos melhores longes do que pertos.

— Fica tranquila, mãe. Eu entendo. — Ponho a mão no seu ombro, tranquilizando-a. — E o senhor, pai, como está?

— Levando a vida. — Dá de ombros e coça a nuca. — Vim só comemorar sua chegada. Já, já volto para casa.

— Hum... — Forço um sorriso. — Fico feliz que tenha vindo. Sua presença é muito importante.

— É, eu sei.

Sufocada e com princípios de chateação, me distancio e vou para a outra dupla de pessoas. Estou cansada da viagem, louca para chegar em casa e dormir, por isso não me demoro muito na conversa com Dona Emma e Anthony, embora quisesse muito passar o dia conversando com eles. A avó de Eros me abraça, chora, igualmente à minha pessoa, declara o quanto estava com saudades e me abraça de novo, avisando da lasanha maravilhosa que irá fazer quando eu for para casa. Anthony não age diferente, perguntando se estou melhor e deixando claro sua preocupação

pelo meu tratamento. Tranquilizo a ambos, dizendo que de modo algum largarei a terapia.

Observo que Emma não está mais usando o lenço costumeiro na cabeça e que fios claros de cabelo estão começando a crescer

— Foi um milagre. — Ela simplesmente diz, e eu sorrio, porque foi por uma das causas que orei para Deus: sua cura.

Depois... ando para Pandora e Bryce. Na agitação do momento, não notei a presença de mais uma garota. Desconhecida, no caso, e que deve ter nossa idade. Ela tem uma pele bronzeada, olhos azuis e... está com os dedos entrelaçados aos de Bryce.

Com a loucura também do momento, não notei que Pandora e ele estão bem distantes um do outro, desconfortáveis, como se só estivessem pertos pelo único motivo de me receberem.

Converso com os três, abraço os três, e descubro que a garota se chama Rachel e é, como suspeitei, a namorada de Bryce. Não que eu tenha me interessado, mas eles se conheceram em uma cafeteria e, buum, foi amor à primeira vista.

Pandora mal consegue encará-lo, olhando todo tempo para os próprios pés.

Bryce parece estar feliz com Rachel, só que, droga... porque eu também não consigo ficar animada com a ideia de que ele está namorando outra pessoa que não seja Pandora?

Pelo visto, as coisas não se resolveram como eu gostaria. E nem como ela gostaria.

Na volta para casa, cada um se despediu e seguiu rumos diferentes. Dona Emma e Anthony, por exemplo, disseram que estavam de almoço marcado em um restaurante super chique no centro de Boston — cortesia de um dos amigos de Anthony —, e que não poderiam perder por nada. Pandora entrou no seu carro, foi embora, e Bryce ainda ficou mais um tempo com Rachel lanchando em uma das lanchonetes do aeroporto. Engraçado ele não ter retirado os olhos de Pandora por nenhum segundo.

Ana e Clark, após me ajudarem com as malas — no instante que descobri que os doces estragaram e que terei que procurar um restaurante italiano por aqui —, decidiram que seria bom eu ter um momento com Brooks e Eros, só eles, então Bradley também achou

necessário nos deixar a sós, e mesmo sob os protestos da minha amiga, que não queria se afastar de jeito nenhum do filho, Bradley pegou o bebê e Fallon e disse que os distrairia com algum filme de criança na TV nesse tempo. É incrível o quanto minha amiga amadureceu e se tornou uma mãe babona e perfeita.

Eros estaciona o carro de Brooks com nós duas dentro próximo a uma sorveteria que fica literalmente ao lado da sua casa — apenas dez passos e chegamos lá. Por incrível que pareça, não é a de dona Emma, já que ela cresceu e construiu uma bem maior em um canto mais afastado. Assim que Brooks e eu terminarmos de conversar, ela vai para casa com seu carro e eu, para casa de Eros.

Não vejo a hora para isso.

— Por favor, não demorem muito tempo conversando — Eros pede, colando nossos lábios. — Quero ter você logo só pra mim.

Dou um sorriso besta, meu coração pulando.

— Pode deixar.

Assim, ele sai, ficando nas últimas mesas da sorveteria e fazendo um pedido para si, do mesmo modo que Brooks e eu fazemos os nossos. Quando os respectivos gelados chegam — o meu de chocolate e o dela, de menta —, começo a falar:

— Por favor, me atualize de tudo.

— Por onde você quer que eu comece?

— Pela gravidez. Qual... qual o seu problema de verdade — especifico, levando uma colher de sorvete à boca.

— Hum... — Ela assente, suspirando. — Na verdade, acho que me equivoquei um pouco. — Fica vermelha. — Nunca fui infértil, meu problema mesmo é a endometriose. Não sei explicar direito o que é, mas tem algo a ver com a dificuldade que a mulher tem de engravidar.

— Isso explica suas dores insuportáveis quando menstrua — observo, lembrando de todas as vezes que Brooks nem conseguia andar nesses períodos e chorava de dor.

Minha amiga aquiesce.

— Sim, exatamente. Entretanto, contudo, todavia... há uma parcela de 10% mais ou menos de mulheres que conseguem engravidar sem tratamento, mesmo possuindo essa "doença" — faz

aspas no ar —, embora demore um pouquinho mais que a maioria. E sabe o que descobri?

— O quê?

— Que Scott furava todas as camisinhas antes de transarmos — ela revela e eu escancaro a boca. — Pois é, e nunca engravidei. Deve ser porque os espermas são tão podres quanto o dono. — Dá de ombros, convencida disso. — O pior é que nem dá pra dizer que foi fácil engravidar de Bradley. Nós fazíamos sexo umas 20 vezes por dia, todas sem proteção. Vai saber o número de vezes que os espermas morreram no caminho do óvulo até um sobreviver!

É um assunto sério, eu não deveria sorrir, mas... ah, Brooks continua sendo tão ela, não dá para evitar.

— Você está apaixonada pelo seu filho, hein? — Tamborilo os dedos na mesa, sofrendo uma mudança drástica de assunto.

— Tá brincando?! Eu sou louca por aquele garoto! — Olha para o pote de sorvete. — Aceitar a ideia de ser mãe não foi tão difícil, para ser sincera, Aly... Eu senti uma conexão tão forte com Eric logo nas primeiras semanas após descobrir, que sei lá! Até esqueci das vezes que comemorei uma possível infertilidade. Ele é tudo pra mim, Alyssa. Amor de mãe é coisa de louco!

— Eu fico tão bestinha em te ouvir falando assim. — Pouso o queixo na palma e ela revira os olhos, prendendo o riso. — Como seus pais reagiram?

— Ah... Esse não é um tópico do qual quero falar agora. — Fica séria. — Outro, por favor.

Comprimo os lábios, anuindo, entendendo que esse assunto é delicado.

— Eric... Ele nasceu prematuro, não foi?

A garganta de Brooks convulsiona e ela desvia o olhar, como se essa fosse uma questão que ainda dói nela.

— Tivemos complicações no parto — diz baixinho. — Eu e meu filho quase morremos. Eu, pela baixa de pressão, e ele, por causa do oxigênio que estava faltando. Eu não lembro de nada com clareza, só de ouvir os gritos do Bradley antes de apagar. — Uma lágrima escorre por sua bochecha. — Outro assunto, por favor.

— Eu sinto muito — sussurro, segurando sua mão e enxugando seu rosto, abrindo um sorriso pequeno. — Como você e Bradley estão?

— Melhores do que nunca — responde de pronto. — Demoramos a contar para nossos amigos que eu estava grávida porque não queríamos que eles achassem que estávamos juntos só por conta do nosso filho, porque não foi, então... esperamos mais um pouco. Estávamos loucos um pelo outro desde o dia que nos conhecemos, nunca mais nos desgrudamos. Foi fácil me apaixonar por ele e ter a certeza de que ele é o cara. Eric foi só o fruto das vezes que nos amamos de corpo e alma, em todos os cantos daquela casa. Tenho quase certeza de que ele foi feito enquanto Bradley me bat...

— Não quero saber! — interrompo, fazendo Brooks gargalhar. — Quero saber só da parte fofa.

— Tá, tá bom. — Continua rindo. — Mas é isso, amiga. Bradley e eu somos simples, somos nós. Nos amamos, nos respeitamos, dividimos das mesmas doideiras e eu não tenho dúvidas de que quero ficar com ele pra sempre! Eu não sabia que precisava de um cara com senso de humor nas alturas e brincalhão até conhecê-lo. Bradley é minha metade, meu porto seguro, meu lugar de descanso. Não o troco por nada nesse mundo. — Esconde um sorriso tímido e apaixonado. — E ele é um pai tão maravilhoso pro Eric, Aly... É surreal o quanto ele se dá bem com crianças e o quanto ele as ama.

Quando menos espero, sou eu quem estou chorando.

— Eu fico tão feliz por vê-la assim — falo. — Leve, alegre, realizada... Não há coisa melhor no mundo do que encontrar sua amiga vivendo uma vida que aprecie. Tô doida pra conhecer o Eric melhor e passar mais tempo com ele.

— Uhum. — Sorri, fitando Eros de soslaio. — E quando vai ser a ver de *Eryssa* papais?!

— *"Eryssa"?* — Arqueio a sobrancelha. — É o nosso *shipp?* — Dou risada.

— Sim! — confirma. — Gostou? Acabei de criar.

— Adorei.

— Tá, agora não foge do assunto. — Brooks toca na minha barriga. — Quando vai ser a vez de vocês?

Meu rosto perde a cor.

— Ah... Não sei. — Enrolo o cabelo nos dedos. — Ainda tá longe pra pensar nisso.

— Verdade, verdade, eu que fiquei doida! — Ri, mergulhando os dedos nos meus cabelos presentes na testa, afastando-os para trás. — Essa cor te valorizou. Ficou uma gata.

— Obrigada — agradeço, mostrando a tatuagem que fiz no braço. — Olha.

Ela põe as mãos na boca, impressionada.

— Que lindo, Aly! Eu amei. — Faz biquinho. — Minha bebê tá crescendo.

— Já estava na hora!

— Tudo no seu tempo, princesa. Não foi você que me ensinou que Deus sabe a hora certa pra todas as coisas? Pois é! Nem mais cedo, nem mais tarde, na hora certa.

E o choro não tem previsão de parar nunca...

— É verdade, Ks. Deus sabe de todas as coisas.

— Exato! Inclusive da impaciência do seu namorado — aponta, gargalhando da cara de raiva que Eros lança em direção a ela. — Melhor você ir, amiga. Ele está esperando por esse momento desde que foi embora.

Eu mostro um sorriso pequeno, lançando um beijo no ar para meu namorado, que recebe com a mão e espalma o peito. Meu amor por ele cresce a cada dia, e isso é incrível.

Brooks levanta e vai até seu carro, abrindo o porta-malas e pegando minhas bagagens de lá. Minha mãe insistiu em levá-las para casa, mas neguei, dizendo que havia coisas que eu queria mostrar para Eros.

Minha amiga beija cada uma das minhas bochechas e me dá um abraço capaz de quebrar meus ossos, agradecendo por eu estar de volta. Em seguida, entra no veículo e dá partida, finalmente me deixando sozinha com... meu namorado.

Viro para ele.

— Oi. — Abro um sorriso, passando os braços ao redor do seu corpo e pousando o queixo no seu peito. Ele suspira, deitando a testa na minha. — Sabe o que eu quero agora?

— Ainda não — sopra, brincando com os diversos brincos na minha orelha.

— Que tire a camisa.

Ele eleva uma sobrancelha, impressionado.

— O que é isso, pequena? Não vai pagar nem um almoço antes?

Eu rio, beliscando sua cintura.

— Quero ver a tatuagem — explico. — Tenho pensado nela todos os dias, não via a hora de te encontrar e poder tocá-la.

Ele balança a cabeça, escorregando a mão por meu braço e alcançando meus dedos, entrelaçando-os nos deles. A partir disso, Eros me guia para sua casa, que, pelo menos a fachada, continua a mesma de sempre.

Ok, só a fachada.

Ao entrarmos, percebo que ela está muito maior, arejada e com menos... colorido. A sala, que antes continha só um sofá e uma televisão, agora tem tapete, estante, lustre no teto, mesinha de centro, tudo moderno. A cozinha não fica atrás, com móveis novinhos em folha, de marcas famosas e chiques. Mesa de jantar, climatizador, quadros, aparelho de som... Uau, a coisa mudou mesmo.

Só não a relação de mãe e filho que eu e Maximus tínhamos.

O cachorro começa a latir e a chorar, pulando em cima de mim antes que eu possa pisar os pés direito na casa. Eu me ajoelho no chão e abraço o cachorro afoito, que está tão grande. Ele pula e lambe meu rosto, corre na casa, volta, choraminga mais um pouco, como eu, que não paro de chorar ao agarrá-lo bem forte

— Filho... — sussurro, beijando sua cabeça. — Senti tanta sua falta.

— Ele também sentiu a sua — Eros se agacha ao meu lado. — Todos os dias, sem falta, ele te esperava aqui na porta.

Mais e mais lágrimas caem dos meus olhos, tão extasiada e doida de saudade que eu poderia esmagar Maximus só de amor.

Não sei quanto tempo se passa até que meu filho se acalme, substituindo a euforia por leves lambidas na minha mão. Aconchego-o nos meus braços e levanto, fazendo um carinho nele enquanto observo a casa.

— Tudo está tão... diferente — divago.

— Muito coisa tem melhorado desde que a *The Dragons* assinou contrato com a gravadora do Hudson — Eros corta o silêncio. — A primeira coisa que fiz foi reformar a casa e torná-la um lugar mais confortável para os meus avós.

Assinto, indo em direção ao seu quarto e encontrando mais um no mesmo corredor.

— Por que outro quarto? — pergunto.

Eros fica sem jeito, mordendo os lábios e, tomando à frente, abre a porta, permitindo que eu entre. Entretanto, eu ao menos preciso fazer isso para visualizar as paredes pintadas de rosa e cair na real. Não é um quarto para mim, sei disso, até porque meu namorado nunca permitiria que eu dormisse em um cômodo separado, então...

— Eros... — balbucio, derretida. — É sério?

— Se você estiver pensando no que eu estou pensando... Sim, é sério.

A resposta às minhas suspeitas se dá quando, pregado à parede, está um quadro com os dizeres **"QUARTO DE BEBÊ"** escrito.

— Ai, meu Deus. — Ponho uma mão na boca, afetada. — Você não pode fazer essas coisas, amor...

Ele sorri.

— Olha, eu sei que ainda falta muito tempo pra isso, e eu não quero apressar nada, juro. Podemos usar esse lugar para outra coisa, por enquanto, e também nem sei se ela vai gostar de rosa, mas...

— Ela?

— Sim? — Franze a testa. — Pensei que tivéssemos entrado num consenso de que somos pais de menina. Mudou de ideia?

— Ah, Deus, não! — Começo a rir ao mesmo tempo que choro. — Com certeza não! — Me ponho na ponta dos pés e beijo sua

boca. — Somos papais de menina, não tenho dúvidas disso.

Meu namorado dá um sorriso.

— Claro que tem a possibilidade de nascer um menino, e eu vou amar do mesmo jeito, só...

— Não vai ser um menino.

— Como você sabe?

Dou de ombros.

— Sei lá, eu só... sei. Intuição feminina.

— Se você diz... — Estala os lábios um no outro, sorrindo com malícia. — Já posso tirar minha camisa?

— Não no quarto da nossa filha! — Puxo-o para fora. — Tá, agora pode. — Dou pulinhos ansiosos.

Eros gargalha, alcançando a barra da camisa. Meu coração acelera em ansiedade. Já não conheço os limites do meu autocontrole, então há enormes chances de eu compensar esse ano inteiro longe de sexo perdido agorinha.

Quando os músculos extremamente definidos se contraem ao serem revelados e eu vejo todos esses gominhos esculpidos com tamanha perfeição e o V bem desenhado, um abalo no meu baixo-ventre me acorda. Ainda assim, minha atenção vai diretamente para o seu peito esquerdo, onde a tatuagem que fez para mim se localiza.

Eu me aproximo, com os dedos erguidos, e dedilho os traços bem feitos com delicadeza, comovida. Lembro bem do turbilhão de emoções que tive quando recebi uma foto disso e de como meu coração reagiu, parecendo se alargar dentro do peito.

— Não vou superar isso aqui tão cedo — falo, sem saber realmente o que dizer. Faltam palavras no meu vocabulário. — É a coisa mais linda que alguém já fez por mim.

— Você merece mais, pequena. Muito mais, e prometo fazer tudo o que estiver ao meu alcance para te lembrar sempre o quanto é especial para mim.

Eu beijo o local, encostando meus lábios demoradamente, as lágrimas molhando sua pele.

— Eu também fiz uma — anuncio, causando-lhe espanto. Giro sobre os calcanhares, de costas, e subo a manga da blusa,

mostrando minha tatuagem. — Bonita, não é? Fiz há alguns meses, quando completei 18.

Eros passa o polegar nos contornos do coração e diminui o espaço entre ele e sua boca, selando a região como fiz com a sua.

— Um coração que permanece batendo... Algo nunca representou tanto sua trajetória quanto isso.

— Uhum. — Estremeço, pois ele continua com seus lábios roçando minha derme. — Ohana também. Lembrei de vocês quando fiz.

— Família... Você era a parte que faltava para completar a minha. — Beija minha nuca. — Muito mais que compartilhar o mesmo sangue, compartilhamos o mesmo coração.

Solto um suspiro e fico de frente para ele, pondo Maximus no chão e acomodando cada mão em seus bíceps, sendo sustentada pelas suas no meu quadril.

— Sobre o que eu ia dizer no aeroporto... — Passo a língua nos lábios. — Viramos pessoas diferentes nesse tempo, não é? 1 ano é muita coisa, muita coisa pode mudar, e embora continuemos com a mesma essência de antes, nossa mentalidade evoluiu, nossos gostos mudaram. É como se tivéssemos que voltar para as primeiras etapas.

— Teremos a vida toda para conhecermos um ao outro de novo, pequena, para retornarmos à nossa intimidade, para que eu te conheça com a palma da minha mão. Não se preocupe com isso agora.

Anuo, espiralando pelo nariz.

— Você está certo. Não vamos pensar nisso agora — concordo, escovando seus cílios grandes com o dedo. Ele ri, saindo do meu alcance. — Mais cedo, no aeroporto, sua avó não estava usando o lenço... Ela...

— Ficou curada. — Sorri, e meu rosto inteiro se ilumina. — Foi um milagre, meu amor. Uma vez você me disse que Ele pode tudo, só basta crer, e foi o que fiz. Depois que você acordou do coma, comecei a nutrir uma fé em Deus que nunca tinha experimentado. Orei por minha vó todos os dias, sem cessar, pedindo para que o tratamento surtisse efeito, para que ela finalmente se livrasse dessa

doença. E... em dezembro, fomos notificados de que o câncer havia sumido por completo.

Não sei como meu corpo continua produzindo tanta lágrima, mas, nossa, é como se elas não fossem acabar nunca!

— Também orei por sua vó todas as noites as noites lá na Itália, fico tão feliz que ela esteja curada. — Abraço seu pescoço. — Tudo está no seu devido lugar.

— Ah, com certeza... — Acentua o aperto. — Agora, tenho que te mostrar uma coisa.

Ainda abraçados, ele começa a me guiar para o sofá. Eu rio alto, subindo nos seus pés.

— Eu também tinha! Trouxe vários docinhos italianos pra você provar, mas eles estragaram na viagem — resmungo, sentando no sofá.

— Perto daqui abriu um restaurante italiano. Podemos comprar algo lá depois — conta, se assentando ao meu lado e pegando um controle estranho, ligando o aparelho de som.

— Sério?! Eba! — comemoro, saltitando no estofado. — O que vai... Ai, nossa.

Minha pergunta é quebrada quando sons de instrumentos reverberam em meus ouvidos e a voz de Eros aparece, se destoando do fundo musical. Cansei de chorar, sem brincadeira, mas quando reconheço que se trata da música que ele fez para mim, eu desabo. Meu namorado me abraça, sorrindo, e abaixa um pouquinho o som. Eu protesto, e ele volta a aumentar.

A letra fala sobre uma garota que apareceu em sua vida e iluminou as partes escuras. Sobre uma garota que não sabe o seu valor e que não se enxerga como realmente é. Sobre uma garota dos olhos amarelos que desperta a vontade de fazê-lo alguém melhor apenas por sorrir. Ele quer deixar o passado para trás, quer ser alguém digno de acordar ao lado dela todas as manhãs. A garota, apelidada de Estrela, é o seu presente e o seu futuro. E no refrão, ele repete aquelas palavras que jurou nunca mais dizer, mas que, agora, formaram sua frase favorita. Eu te amo, pequena Estrela.

Sua voz é tão linda, a melodia é tão perfeita. Ele canta com emoção, com tudo de si, não é surpresa que tenha feito sucesso quando foi lançada. Perdi as contas de quantas vezes vi a música, que se chama *"Um Pouco Demais",* fazendo alusão à beleza da garota, em primeiro lugar nas principais plataformas digitais. Desinstalei todas para não cair em tentação.

— Amor... — Tampo o rosto com as mãos, enterrando a cabeça no seu colo e me apropriando de todo o seu carinho. — É perfeito, perfeito, perfeito. Eu amei, amei tanto.

— Você sempre foi a minha maior inspiração, em tudo — ele lembra baixinho, erguendo meu rosto para encará-lo. — Minha musa, meu amor, minha pequena, minha estrela. Nossa, Alyssa... Você é o meu tudo. A primeira coisa que veio quando pediram para eu compor foi o seu rosto, quando eu ainda jurava que não era amor o que eu sentia por você. — Beija minha testa. — Mas eu não mudaria nada da nossa trajetória, porque todos os acontecimentos contribuíram para nos tornarmos quem somos.

— Você é a minha casa. — Toco seu rosto. — Aonde quero morar pelo resto da vida.

Ele se inclina para o contato, segurando meu pulso.

— Te encontrar foi o mesmo que achar o meu lugar no mundo — diz, beijando o local onde minhas veias pulsam em sintonia com o meu coração. — Quando estiver pronta, por favor, venha morar comigo, venha partilhar da minha cama e fazer do meu quarto o seu. Não vejo a hora de ter suas coisas misturadas às minhas, de acordar e você ser a primeira coisa que irei ver

Uno nossos lábios úmidos pelas lágrimas e permaneço com eles juntos ao montar nas suas pernas, olhando de esguelha para as malas paradas à porta.

— Quer saber de uma coisa?

— Muito. — Prende os dedos na minha cintura. — Me conte.

Eu sorrio.

Tive 1 ano inteiro para pensar sobre isso, nessa possibilidade, já até mesmo falamos sobre o assunto em nossas cartas. Lá no fundo, eu sei que tudo seria melhor se eu morasse aqui, com eles, e não com minha mãe, por mais que doa. Não quero pôr minha saúde

mental em risco, não quero dar a ela o poder de estragar o que passei tanto tempo para construir.

— Acho que... acho que estou pronta — afirmo, enroscando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — Pronta para morar aqui, com vocês.

Eros arregala os olhos, procurando por vestígios de brincadeira no meu semblante. Porém ele não acha, é claro, pois não é brincadeira, longe disso. E ele sabe disso. O sorriso contente que abre diz mais que palavras são capazes de expressar

— Sério?

— Seríssimo.

Eros espirala profundamente. Dá para captar a ansiedade faiscando nos seus olhos.

— Então... — Estala um beijo no meu nariz, sorrindo. — Bem-vinda ao seu verdadeiro lar, pequena.

Um sorriso gigante se insinua em meus lábios ao beijá-lo, ao nos livrarmos das nossas roupas, ao ter seu corpo quente em contato com o meu outra vez.

Bem-vinda a uma eternidade de paz que você pode chamar de vida ao lado do homem que ama, Alyssa.

Nós merecemos isso, essa felicidade. Depois de tanto tempo e lutas para ficarmos juntos, continuamos sendo nós dois. Continuamos firmes.

E como um bom clichê, a garota boa acabou ficando com o bad boy que jurava odiar. Quem diria que minha alma gêmea era ninguém mais, ninguém menos, que o garoto babaca que me irritava até o último fio de cabelo?

Não me importo nem um pouquinho com isso, aliás. Com o fato de que meu melhor amigo e futuro marido seja justo ele.

Porque somos Alyssa Blair e Eros Russell até o infinito.

E nada pode mudar isso.

CENA BÔNUS

Eros Russel

Set e anos depois

Há pouco mais de cinco meses, descobrimos que Alyssa está carregando o nosso primeiro filho.

Ou melhor, *f ilha.*

Ainda faltam quatro meses para conhecermos as donas dos intensos chutes contra a barriga da mãe e a dançarina de palco às madrugadas sempre que Alyssa decide que é hora de dormir, mas estamos tão ansiosos que já compramos todo o enxoval no mesmo dia que descobrimos o sexo do bebê. Eu mais do que minha esposa, é claro.

Embora tivesse se tornado um dos meus maiores sonhos carregar nos braços a extensão do nosso amor e que eu não visse a hora de receber um grande: *" ESTOU GRÁVI DA!"*, a realidade bateu na porta quando essas palavras foram soltas e... eu desmaiei.

Tenho uma boa história para contar a Grace quando ela nascer, pelo menos.

Um ano após nos reencontrarmos, Alyssa, de fato, se mostrou pronta para darmos o primeiro passo rumo a uma vida repleta de *nós.* Ela se mudou definitivamente para nossa atual casa duas semanas depois, pois resolveu que seria bom passar alguns dias perto da mãe, que sofreu mais que qualquer um com essa decisão.

A relação das duas tem melhorado muito desde então. Unidas como nunca foram. Inclusive, foi Ana que deu o nome à nossa filha, depois de uma longa pesquisada no *Google* e chegar para nós com uma lista extensa de todos os nomes possíveis. Quando escolhemos *Grace,* Ana sorriu e disse que era exatamente esse que ela mais tinha gostado.

Com tudo correndo como deveria em nossas vidas, combinamos que chegara a hora de nos casar. Aos 20, Alyssa virou minha noiva Aos 21, recebi minha mulher no altar. Foi simples, algo só nosso. Alugamos uma casa de praia por 5 dias e chamamos só aqueles que verdadeiramente nos conheciam. Até nossos terapeutas, que ficaram bastante felizes pelo convite e de ver nossa evolução.

Foi o melhor dia da minha vida, porque depois fiz amor com Alyssa vestida de noiva. Tem coisa melhor do que isso?

Aquele 1 ano separados foi necessário, foi preciso. Ainda que não ter ela comigo nesse tempo tivesse machucado, a recompensa que tivemos empurrou para o abismo qualquer fagulha de dor ou ressentimento. Para ser sincero, nem lembro mais de como meu coração sangrou naquele dia. Temos construído memórias que não deixam espaço para sentimentos ruins.

— Amor! — Alyssa grita por mim, espalmando a base das costas e caminhando na minha direção toda torta. Eu rio, me achegando a ela. — A bebê não para de me chutar. Briga com ela — murmura, projetando os lábios um sobre o outro e formando o biquinho que, não importa quanto tempo passe, nunca vou parar de amar.

Me ajoelho à sua frente, encaixando a barriga pequena nas minhas mãos grandes e beijando-a, sentindo Grace se movimentar

dentro dela. Alyssa me envia aquele olhar de reprovação, retorcendo o rosto em uma careta de dor.

— Ei, pequena — cochicho, com os lábios bem próximos. — Mamãe tá sentindo muitas dores por causa dessa sua agitação.

Como se eu estivesse falando em grego, a bebê se remexe ainda mais.

— Ai! — Aly solta um grito baixo de dor. — Amor, não tá adiantando!

— O que eu posso fazer se ela fica agitada ao me ouvir?

Minha esposa bufa e caminha de volta para nossa casa temporária.

Estamos passando uma temporada na França. Venho juntando dinheiro desde o ano passado para, quando as férias da faculdade de Letras, o curso dos sonhos de Alyssa, chegasse, tivéssemos como fazer uma viagem para o meu país natal. O lugar inspirou minha esposa de tal modo que ela está quase terminando o seu sexto livro em 7 anos, que conta a história de um casal leitor que se conhecem na Torre Eiffel. Duas pessoas opostas que vão aprender, juntas, o que é o amor e sobre as dificuldades que os livros não contam. É uma história carregada de drama, como todos os que ela escreve. O público ama Alyssa e sua forma de escrever, o jeito que ela retrata as emoções. Não é à toa que seu primeiro livro, aquele que, mesmo ela negando, contava sobre nós, ficou em #1 no New York Times, considerado best-seller, e acarretou milhares de fãs.

Alyssa tem usado isso como forma de propagar suas crenças e compartilhar experiências pessoais. Já recebemos milhares de relatos de pessoas que passaram pelo mesmo que Aly e que se emocionaram durante a leitura, que aprenderam durante as páginas. Mais do que ser famosa ou qualquer dinheiro, esse era o seu verdadeiro objetivo quando decidiu dar vida aos personagens que viviam na sua cabeça.

Vou atrás dela, tirando seus fios loiros do lugar e beijando seu ombro. O ruivo durou só alguns meses. Alyssa logo percebeu que gosta da praticidade e que não tem paciência alguma para ficar retocando a raiz toda hora. Eu estava louco por ela enquanto ruiva,

mas se decidiu voltar ao natural, não me importo. Continuo louco por minha mulher.

— Quer uma massagem nos pés? — pergunto, espalhando beijos por sua nuca.

Faço essa indagação pois ela vem reclamando do inchaço neles há um tempo, e sempre que arranjo tempo antes de dormir, pego um banquinho, um creme, e alivio um pouco a dor que ela sente às vezes.

— Quero — choraminga, caminhando ao sofá e sentando, dificultosa. — Por favorzinho.

Sorrio, apanhando o hidratante já na mesinha de centro e me assento no banco acolchoado que arrasto até Alyssa, botando seus dois pés em cima das minhas pernas. Antes mesmo de descobrirmos da gravidez, ela tem estado muito manhosa e encontrado qualquer pequeno motivo para chorar. Dizendo os médicos que são os hormônios, eles só não sabem que esses *hormônios* aflorados a acompanham desde que nasceu.

— Ansiosa para ver as lanternas hoje?

— Muito! — Sorri, se livrando da blusa apertada e do sutiã, igualmente apertado, por conta dos seus seios que parecem prestes a explodir de tanto leite. — Espero que dê para ir.

Assinto, torcendo internamente.

Todo ano, em Paris, em frente a uma das torres mais conhecidas do mundo inteiro, há um festival de lanternas, como naquela cena de Enrolados. Quando minha esposa soube, passou o dia inteiro me enchendo para irmos quando acontecesse.

Depois de um tempo em silêncio, Alyssa se pronuncia:

— Amor.

— Sim?

— Eu tô muito feia?

— Jamais, minha pequena.

— Tem certeza? É que hoje eu acordei e não gostei muito do que vi no espelho, então pensei que...

— Ei, estrela, nem pense em terminar essa frase — interrompo, sério, deixando seus pés de lado por um curto período para me acomodar no sofá ao seu lado, trazendo sua cabeça para meu peito

e afagando suas costas. Com o tempo, notei que sua insegurança com a própria aparência nunca sumiu por completo. Em alguns dias ela faz uma aparição mais intensa e, em outros, não. Pelo menos, agora ela é controlada pela terapia. — Você está linda, meu amor. Não tenha dúvidas disso.

— Tá bom — balbucia, abraçando meu corpo. — Desculpa, hoje é só mais um daqueles dias ruins.

— Que vai passar, assim como todos os outros.

Ela balança a cabeça, deixando um beijo no meu peitoral.

— *Amo voxê.*

Dou risada, depositando outro beijo casto entre seus cabelos.

— Eu também amo *voxê* — a imito, recebendo um soquinho no abdômen. — Amo demais — sussurro.

Aly abre o biquinho para dizer mais algo, porém é interrompida pelo toque do meu celular. Saco o aparelho do bolso, visualizando o nome da minha avó, e atendo.

— Oi, *grand-mère.*

— *Oi, f ilho! Tudo bem? Só ligamos pra saber se está tudo bem.*

— Tudo ótimo, vó, só Alyssa que está naqueles dias sensíveis. — Dou uma olhada rápida à minha esposa, que está com um semblante de choro, e rio. — Sabe como é, hormônios da gravidez.

— *Ah, eu sei!* — Dá risada. — *Então vá mimar sua esposa, Eros, com chocolatinho e muito amor*— manda.

— Tá vendo? — Alyssa murmura, fungando. — *Peciso* de muito amor.

Gargalho, beijando sua cabeça.

— Certo, vó, irei fazer isso — asseguro, ainda rindo. — Eu te amo. Diga ao meu avô que amo ele também.

Sete anos se passaram desde a primeira vez que disse essas palavras aos meus avós, e nem um dos dois parecem terem se acostumado com elas, que, agora, são comuns, porque eu sempre faço questão de lembrá-los disso.

— Também amamos você, filho. — Sua voz embarga. — Nunca se esqueça disso.

— Pode ter certeza de que não irei.



À noite, ao chegarmos ao *Bois de Boulogne*, um dos principais lagos de Paris, as passarelas estão decoradas com lanternas de papéis coloridos e muitas barracas montadas para a venda de flores, cestas e incensos, com vários turistas ansiosos pela atração borboleteando pelas margens do lado. As ruas próximas a essa região foram bloqueadas, deixando os arredores completamente reservados ao festival.

Eu e minha esposa passamos em uma barraquinha para comprarmos uma única lanterna e barquinhos com flores para deixarmos no lago. Alyssa está eufórica, trajando um vestido roxo e com os fios loiros trançados para fazer jus ao personagem da Rapunzel. Quando todos começam a se reunir, Alyssa se agacha no chão e pega uma canetinha que uma moça gentil concedeu a ela, escrevendo nossas iniciais na borda do papel grosso e dando pulinhos ao terminar, permitindo que eu pegue e acenda a espécie de lamparina para fazê-la flutuar.

A contagem começa. Eu e Alyssa seguramos o objeto juntos, o rosto da minha mulher brilhando em contentamento, como se isso fosse um sonho de criança realizado.

— Façam seus pedidos! — alguma mulher grita ao fundo.

Alyssa nem espera que ela termine a frase para fechar os olhos e encrespar a testa, concentrada. Por um tempo, eu só a observo, procurando por pedidos que posso fazer quando tudo o que eu mais desejava está aqui, na minha frente. Suspiro e pressiono as pálpebras.

Que eu morra ao lado dessa mulher, quando estivermos velhinhos e uma bagagem de histórias para contar aos nossos netos e bisnetos.

É só isso o que desejo.

— Podem lançar as lanternas!

E assim fazemos.

Em poucos segundos, o céu está repleto de pontinhos amarelos e brilhantes, preenchendo o manto azul escuro e nos deixando encantados. Alyssa está boquiaberta, as lágrimas cintilando em seus olhos ao passar o braço por minha cintura e pousar a cabeça no meu ombro, deslumbrada.

— Você é o meu sonho — sussurro.

Minha esposa libera uma risada chorosa, fungando, e ergue o rosto para mim, debruçando suas írises sobre as minhas.

— E você, o meu — sussurra de volta.

Curvo meus lábios para cima.

À svezes me assusto com a intensidade do amor que sinto por ela.

— Estou me vendo obrigado a comparecer aqui todo ano para participar disso — comento, observando as lanternas se perdendo no céu.

— Uhum... E, da próxima vez, com a nossa filha. — Ela pousa a mão na barriga, sorrindo.

— Uh, ela vai adorar tudo isso — digo e ela concorda.

— Com certeza vai. Vamos deixar nossos barquinhos?

Anuo, permitindo que ela vá na frente.

Em todas as vezes que a vejo por uma visão panorâmica, é como se eu tivesse um viso da primeira vez que tivemos nosso primeiro contato, lá atrás, quando eu era um tolo que não sabia lidar com a atração que nutria por ela.

Agora estamos aqui, casados e prestes a ter a nossa primeira filha.

A vida é mesmo cheia de surpresas.

Quando minha mulher vira, me chamando com a mão, eu me sinto um adolescente de 18 anos — com o coração batendo descompassado e suando por todos os poros.

É o efeito Alyssa Blair Russell.

Me perco por mais alguns segundos nas suas írises de amêndoas antes de andar na sua direção.

Ah, minha pequena...

Todas as lanternas que sobrevoam esse céu nunca brilharão tanto quanto os seus olhos.

Obrigado por eu continuar sendo tudo o que eles enxergam.

RELATÓRIO FINAL DE EROS RUSSELL

Pensei muito em como começar esse relatório, em como resumir tudo o que passei com Alyssa em simples 20 linhas.

Meu quarto está cheio de medalhas de ouro das olimpí adas do colégio que participei. Meu boletim não carrega uma nota vermelha sequer. Sou taxado de nerd e superdotado, o queridinho dos prof essores, mas quando o assunto é externar meus sentimentos, a coisa se torna mais complicada.

Eu sou apaixonado por Alyssa desde a primeira vez que a vi.

Não há maneira melhor de começar o 1% da nossa história.

No primeiro dia de aula, Alyssa f oi a primeira a chegar depois de mim, e... nossa, não dá para explicar o pulo alto que meu coração deu quando enxerguei seus olhos cabisbaixos e os movimentos nervosos de suas mãos ao colocar os cabelos para trás.

Naquele instante, ela se tornou a principal dona dos meus pensamentos.

Alyssa é mais do que ela costuma mostrar. Ela tem um coração enorme e pensa muito mais no próximo do que em si própria. Ela gosta de ler e me f ez assistir Enrolados do tanto que é obcecada por f ilmes da Disney. Ela f az meus dias melhores e, para mim, Alyssa é a menina mais linda do mundo.

Mas não f oi pela beleza dela que eu me apaixonei de primeira. Nem por seu beijo que me tira de órbita ou pelos seus toques, que abrandam minha alma.

Eu me apaixonei por ela antes do toque. Amei primeiro sua alma. E a cada dia que passa, quanto mais nos conhecemos, eu me pergunto como é possí vel ser tão louco por alguém da f orma que eu sou por Alyssa.

Então... Certo, acho que essa é a hora que eu lhe agradeço.

Obrigado, prof essoraRavena, por ter inventado esse trabalho louco e por ter insistido que continuássemos juntos, porque, além de uma colega de classe, eu conheci minha melhor amiga.

A mãe dos meus f ilhos.

O amor da minha vida.

Me perdoe o palavrão, mas eu conheci a porra da mulher da minha vida.

Eu sinceramente espero que outras pessoas tenham tido a oportunidade de se ligarem com pessoas tão incrí veis, que outros tenham tido a chance de ter uma Alyssa na vida deles.

É uma analogia, beleza? Não vou dividir minha garota com ninguém.

I ssoaqui pareceu mais uma conf issãode um homem apaixonado do que um relatório, e se me perguntarem o que aconteceu para eu ter mudado tanto, eu respondo:

Alyssa aconteceu.

FIM

AGRADECIMENTOS

Essa é a parte que muitos consideram a menos importante nos livros e que muitos até mesmo chegam a pular, mas não para mim, pois é nesse cantinho que nós, autores, temos reservados para expressar toda a nossa gratidão — literalmente.

Eu nunca terminei um livro, e esse sempre foi um dos meus maiores sonhos. Ano passado, eu passei por uma frustração sem tamanho após dar fim a uma história no Wattpad que eu havia arrecadado tantos leitores e me apegara tanto. Antes disso, parei de escrever um livro no capítulo por falta de estímulo e por nunca acreditar em mim mesma, então estar aqui, agora, às 1h da manhã escrevendo essas palavras é uma conquista imensurável!

Aly e Eros nasceram no momento mais nada a ver da minha vida! Simplesmente fiquei com vontade de retratar minha história nessas páginas e, *buuum*, nasceu “UM POUCO DEMAIS”! Foram inúmeros desafios para chegar aqui, inúmeras vezes que desacreditei da minha capacidade, que quis desistir, que tive vontade de nunca mais tocar nesse arquivo e de deixar isso pra lá. Mas foi em momentos como esse que me inspirei em histórias de outras autoras e percebi que todas nós passamos por isso em algum momento. Escrever não é fácil. Damos vida a personagens e muitas vezes sacrificamos as *nossas* para isso. Deixamos saúde mental de lado, ficamos noites sem dormir e até cancelamos

compromissos com a família para dar a chance *disso aqui* acontecer.

E foi em momentos como esse que as pessoas mais importantes apareceram como anjos para me auxiliarem nesse processo tão doloroso!

Quero agradecer à April Jones, por desde o início estar comigo e acompanhar todos os estágios da “Liz Escritora”. Os momentos de surtos, choro, de alegria e de vitórias. Obrigada por acreditar em mim, me ajudar em todas as áreas que estão ao seu alcance e por ter dado o nome da história que contaria sobre a garota espelhada em mim. Tenho um orgulho imenso de você e de tudo que está conquistando. Espero que permaneça comigo por um bom tempo e que continue ouvindo todos os meus áudios reclamando de algo — que são muitos.

À Vitória Lima, minha melhor amiga e que, mesmo não lendo a história por motivos de PROCRASTINAÇÃ O — ESPERO QUE TENHA LIDO MEU LIVRO —, me apoiou e conhece a história muito mais do que aqueles que leem, só de me ouvir falar 24hrs sobre eles. Você é tudo pra mim, garota, a única que confio meus segredos e compartilho as coisas mais íntimas possíveis! Se nos afastarmos, terei que te matar, você sabe mais do que deve.

À Júlia Vasconcelos, minha Brooks da vida real. Nós não nos falamos como antes, meu amor, mas você ainda é uma das pessoas mais importantes que já conheci. Te eternizar como uma personagem do meu livro foi só uma forma que achei para te ter toda a vida comigo. Obrigada por tudo.

À Cristina Paik, minha coreana chorona, dona dos melhores áudios e vídeos de dor e sofrimento, maior fã das irmãs Calloway e minha editora profissional. Escutar seus áudios são minha serotonina diária, só Deus sabe o quanto já ri te ouvindo surtar e chorar por coisas ???? Eles fazem meu dia, por favor, nunca pare. Sua amizade é muito importante pra mim, e ela só se torna melhor quando lembro que nasceu do acaso. (Também quero fazer um agradecimento especial por todas as vezes que passou livros pro meu Kindle quando pedi, meu celular é das cavernas, então sou dependente de você.)

À Karen e Geovana, duas garotas que antes eram apenas minhas leitoras e que hoje são mais que minhas amigas, friends! Eu conto tudo pra essas garotas, ainda me surpreendo com a velocidade que pegamos intimidades, sério. Eu não sei o que eu seria sem os textinhos da Karen e sem os estresses que só a Geovana sabe me causar, só sei que agradeço a elas por cada minutinho que partilhamos juntas. UPD não seria UPD sem todo o apoio que recebi de vocês!

À Ana Ferreira e Fabrícia Vieira, minha leitora crítica e sensível, respectivamente. Vocês foram a peça chave para tornar esse sonho real. Obrigada por todo o conselho e por toda a observação que deixaram. Com certeza evoluí e aprendi muito com eles.

À Rafaela Horn, uma mulher que conheci do nada e se tornou tão especial pra mim! Obrigada, amiga, por todo o apoio e pelas palavras que me deu lá no comecinho do ano, quando pensei em desistir de UPD. Te amo muito e estou louca para ler seu livro logo.

Por último, mas nem de longe mesmo importante, a Deus. Foram tantas e tantas vezes que pedi para que Ele permitisse que isso aqui virasse realidade, para que Ele me ajudasse e não me deixasse desanimar, e foi o que aconteceu. Deus atendeu minhas orações e me provou, mesmo eu tendo errado tanto nesse tempo, que sempre estará comigo, independente das circunstâncias.

Aos meus pais, amigos, Gialui, April Kroes, Alana Goes, Alina, Camila Cocenza, Luana Oliveira, Alyssa, Eros, Brooks, Joshua... Todos, de alguma forma, que tiveram parte nesse processo, tiveram sua importância. Não estaria aqui sem nenhum deles,

E meu mais sincero obrigada a você, leitor, por ter surtado, reservado um tempo para ler e por permitir que as emoções dos personagens fluíssem através das páginas em você. Eu os amo demais! Não hesitem em me mandar mensagem na DM do instagram (@autoralizferrer) para me xingar ou me elogiar, leio tudinho!

Não se esqueçam de avaliar após o término do livro.

[1] “Qual é o seu problema? Eu te falei para não vir, merda! Por que você é tão irritante?”

[2] “Seu cheiro é tão gostoso, Alyssa.”

[3] “Que menina linda, meu filho! Por que não me disse que ela era tão bonita?”

[4] “Ela não tem ideia de como é linda, vó.”

[5] Cerveja francesa.

[6] “Minha estrela.”

[7] Frase por Oscar Wilde.

[8] “Graças ao meu bom Deus!”

[9] “Vó.”

[10] “Boa noite, filho. Deus te abençoe.”

[11] “Você tem aquele cabelo comprido, penteado para trás, camiseta branca. E eu tenho aquela fé de boa garota, e uma saia pequena e apertada. E quando nós terminamos, voltamos todas as vezes, porque nós nunca saímos de moda. Nós nunca saímos de moda.”

[12] “Droga, queria ver esses seios bonitos de novo.”

[13] Frase encontrada no livro “O Príncipe”, de Maquiavel.

[14] “Pelo amor de Deus.”

[15] “Eu te amo.”